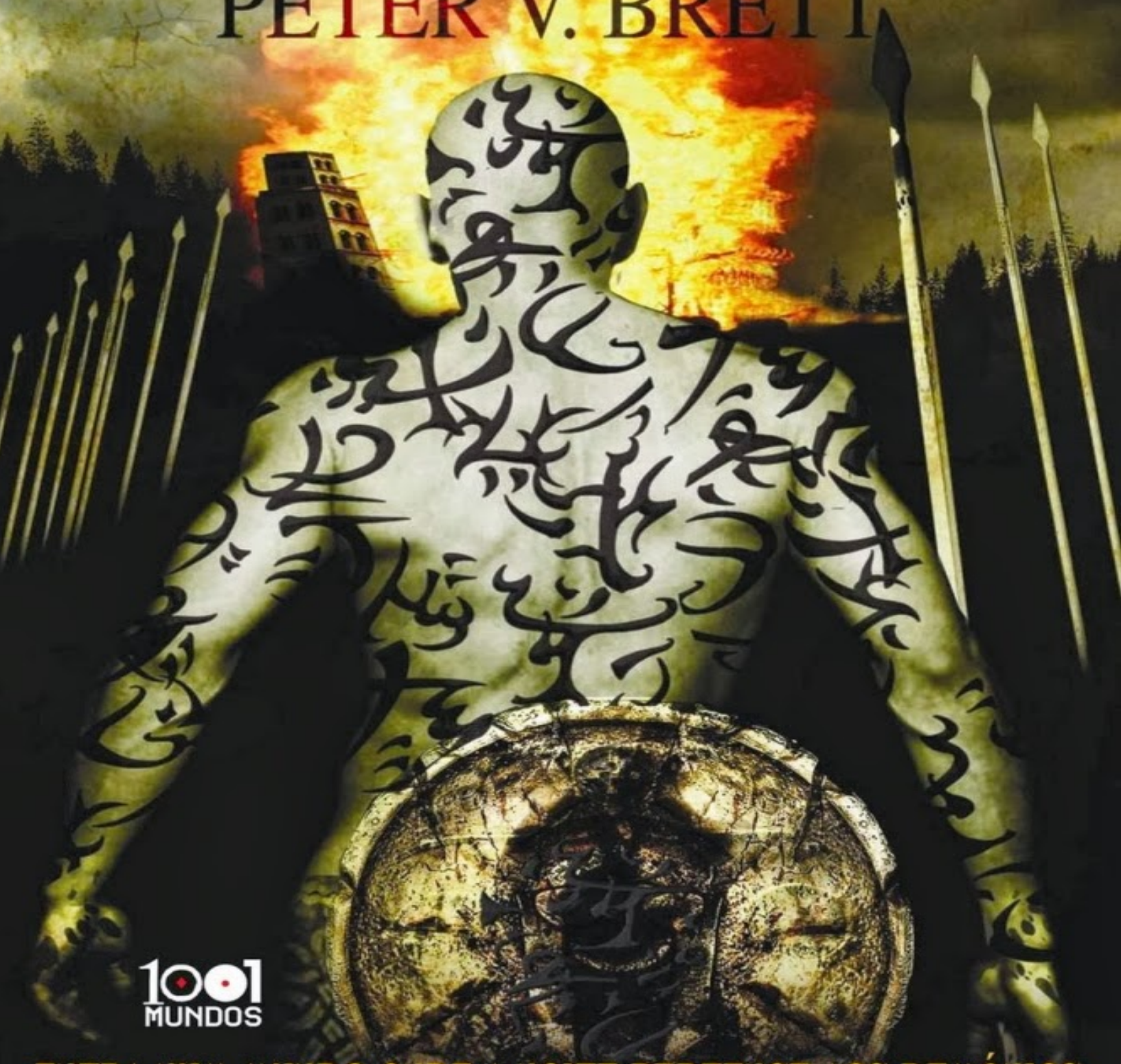


O HOMEM PINTADO

PETER V. BRETT



1001
MUNDOS

ENTRA NUM MUNDO ONDE A NOITE PERTENCE AOS DEMÓNIOS



Ficha Técnica

Título original: O Homem Pintado

Autor: Peter V. Brett

Design de capa: Makintõxico

ISBN: 9789895578245

Edições Gailivro

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2009, Edições Gailivro

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E mail: gailivro@gailivro.pt

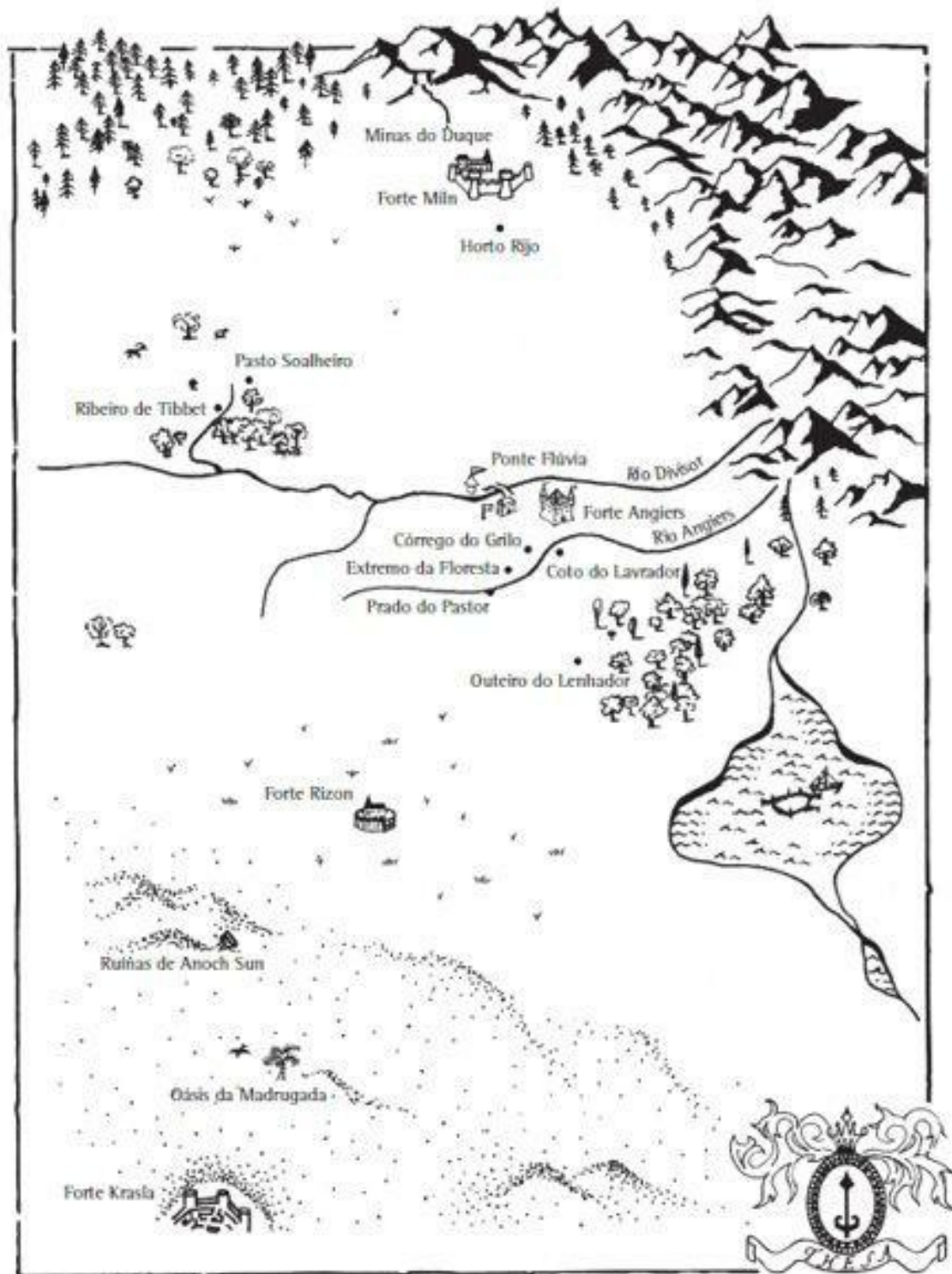
www.gailivro.leva.com

www.leva.pt

Para Otzi, o Homem Pintado original.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial aos primeiros a ler este livro: Dani, Myke, Amelia, Neil, Matt, Joshua, Steve, Mãe, Pai, Trisha, Netta & Cobbie. Os vossos conselhos e encorajamento possibilitaram-me transformar um passatempo em algo mais. E aos meus editores, Liz & Emma, que arriscaram num novo autor e me desafiaram a exceder até mesmo os meus padrões elevados. Nunca o teria conseguido sem vós.



PARTE I

Ribeiro de Tibbet

319

Depois do Regresso

**UM
RESCALDO**
319 DR

A grande trombeta soou.

Arlen interrompeu o trabalho, erguendo os olhos para a tonalidade arroxeadada no céu da aurora. A névoa permanecia no ar, trazendo consigo um sabor húmido e acre demasiado familiar. Um temor silencioso instalou-se-lhe no estômago enquanto aguardava na quietude matinal, esperando que tivesse sido apenas a sua imaginação. Tinha onze anos.

Houve uma pausa e, logo a seguir, a trombeta soou duas vezes em rápida sucessão. Um sopro longo e dois curtos significavam sul e este. O Casal da Floresta. O seu pai tinha amigos entre os lenhadores. Atrás de Arlen, a porta da casa abriu-se e soube que a mãe lá estaria, cobrindo a boca com as duas mãos.

Arlen regressou ao trabalho, não precisando de ouvir que teria de se apressar. Algumas tarefas podiam esperar um dia, mas o gado precisava de ser alimentado e as vacas de ser ordenhadas. Deixou os animais no celeiro e abriu os contentores de feno, levou alimento aos porcos e correu para ir buscar um balde de madeira para o leite. A mãe agachava-se já por baixo da primeira vaca. Pegou num banco adicional e combinaram a cadência dos movimentos, com o som do leite contra a madeira entoando uma marcha fúnebre.

Quando passaram ao par de vacas seguinte, Arlen viu que o pai atrelava à carroça o seu cavalo mais forte, uma égua castanha de cinco anos chamada Missy. Ao mover-se, a sua expressão era severa.

Que encontrariam daquela vez?

Não demorou a estarem na carroça, seguindo em frente, na direcção do pequeno amontoado de casas na floresta. Era perigoso. Situava-se a mais de uma hora de distância da estrutura guardada mais próxima, mas a madeira era necessária. A mãe de Arlen, embrulhada no seu xaile gasto, abraçava-o enquanto avançavam.

– Já sou crescido, mãe – queixou-se Arlen. – Não preciso que me ampires como um bebé. Não tenho medo. – Não era inteiramente verdade, mas não seria bom que as outras crianças o vissem agarrado à mãe pelo caminho. Já o ridicularizavam que chegasse.

– Eu tenho medo – disse-lhe a mãe. – E se for eu a precisar de amparo?

Sentindo-se subitamente orgulhoso, Arlen aproximou-se mais da mãe enquanto percorriam a estrada. Não conseguia enganá-lo, mas, mesmo assim, sabia sempre o que dizer.

Uma coluna de fumo denso disse-lhes mais do que desejariam saber antes de alcançarem o destino. Queimavam os mortos. E o facto de começarem cedo, não esperando pela chegada de quem viria rezar, significava que seriam muitos.

Demasiados, para que cada um tivesse orações individuais, se pretendiam terminar a tarefa antes do ocaso.

O Casal da Floresta ficava a mais de oito quilómetros da quinta do pai de Arlen. Quando chegaram, os últimos incêndios nas cabanas de madeira tinham sido extintos, apesar, de na verdade, haver pouca coisa para arder. Quinze casas. Todas reduzidas a entulho e cinza.

– As pilhas de madeira também – disse o pai de Arlen, cuspiendo para fora da carroça. Indicou com o queixo a ruína enegrecida que restava da madeira cortada ao longo de uma estação. Com um esgar, Arlen pensou que a cerca débil que impedia a fuga dos animais teria de durar mais um ano e sentiu-se culpado de imediato. Afinal, era apenas madeira.

A Oradora do povoado aproximou-se da carroça quando chegaram. Selia, a quem a mãe de Arlen chamava por vezes Selia, a Estéril, era uma mulher dura, alta e magra, com pele assemelhando-se a couro rijo. O seu longo cabelo cinzento estava preso num carrapito apertado e embrulhava-se no xaile como se fosse um distintivo da sua posição. Não tolerava asneiras, como Arlen aprendera mais de uma vez sob a extremidade do seu cajado, mas, naquele dia, a sua presença confortava-o. Como sucedia com o seu pai, havia algo em Selia que o fazia sentir-se seguro. Apesar de nunca ter tido filhos, Selia comportava-se como mãe de todos os habitantes do Ribeiro de Tíbet. Poucos conseguiam igualar a sua sabedoria e menos ainda a sua teimosia. Quando se estava nas boas graças de Selia, esse parecia ser o local mais seguro do mundo.

– É bom que tenhas vindo, Jeph – disse Selia ao pai de Arlen. – A Silvy e o jovem Arlen também – acrescentou, saudando-os com acenos de cabeça. – Precisamos de todas as mãos. Até o rapaz poderá ajudar.

O pai de Arlen grunhiu, descendo da carroça.

– Trouxe as ferramentas – disse. – Diz-me onde poderemos ajudar.

Arlen foi buscar as preciosas ferramentas às traseiras da carroça. O metal era escasso no Ribeiro e o seu pai orgulhava-se das duas pás, da picareta e da serra. Teriam grande uso naquele dia.

– Quantos se perderam? – perguntou Jeph, apesar de parecer não querer saber realmente.

– Vinte e sete – respondeu Selia. Silvy engasgou-se e cobriu a boca, com os olhos marejados de lágrimas. Jeph tornou a cuspir.

– Há sobreviventes? – perguntou.

– Alguns – disse Selia. – Manie – apontou com o cajado um rapaz de pé, olhando a pira funerária. – Correu até minha casa na escuridão.

O espanto de Silvy foi sonoro. Nunca ninguém conseguira fugir para tão longe e sobreviver.

– As guardas na casa de Brine Lenhador resistiram durante a maior parte da noite – prosseguiu Selia. – Ele e a família assistiram a tudo. Alguns dos outros fugiram aos nuclitas e refugiaram-se junto dele até o fogo alastrar e incendiar o telhado. Aguardaram na casa em chamas até as traves começarem a estalar e, depois, arriscaram-se no exterior durante os minutos que antecederam o nascer do sol. Os nuclitas mataram Meena, a mulher de Brine, e Poul, o seu filho, mas os outros salvaram-se. As queimaduras irão sarar e as crianças ficarão bem com o tempo, mas os outros...

Não precisou de terminar a frase. Os sobreviventes de um ataque de demónios acabavam por morrer pouco depois. Nem todos. Nem sequer a maioria. Mas os suficientes. Alguns acabavam com a própria vida e outros limitavam-se a olhar o vazio, recusando comer ou beber enquanto definhavam. Dizia-se que só se podia considerar ter sobrevivido a um ataque depois de passado um ano e um dia.

– Resta uma dúzia de desaparecidos – disse Selia, com pouca esperança na voz.

– Vamos desenterrá-los – afirmou Jeph, olhando as casas desabadas, muitas ainda envoltas em chamas ocasionais. Os lenhadores construíam as casas sobretudo com pedra, para se protegerem do fogo, mas até a pedra ardia se as guardas falhassem e se um número suficiente de demónios flamejantes se reunisse no mesmo local.

Jeph juntou-se aos outros homens e a algumas das mulheres mais fortes na remoção do entulho e no transporte dos mortos até à pira. Os corpos precisavam de ser incinerados, claro. Ninguém quer ser enterrado no chão de onde demónios se erguiam todas as noites. O Protector Harral, com as mangas da túnica enroladas e os braços grossos expostos, erguia pessoalmente cada um e lançava-o ao fogo, murmurando orações e traçando guardas no ar enquanto as chamas os envolviam.

Silvy juntou-se às mulheres que reuniam as crianças mais pequenas e cuidavam dos feridos sob o olhar atento da Herbanária do Ribeiro, Coline Trigg. Mas não havia erva capaz de apaziguar a dor dos sobreviventes. Brine Lenhador, também chamado Brine Ombros Largos, era um homem grande com porte de urso e uma gargalhada trovejante, que costumava atirar Arlen ao ar quando vinham trocar alimentos por madeira. Agora, sentava-se sobre as cinzas junto à sua casa arruinada, embatendo lentamente com a cabeça contra a parede negra. Murmurava para si próprio e passava as mãos pelos braços, como se tivesse frio.

Arlen e as outras crianças foram encarregues de trazer água e de procurar madeira utilizável nas pilhas. Restavam alguns meses quentes no ano, mas não haveria tempo para cortar madeira suficiente para aguentar todo o Inverno. Voltariam a queimar estrume e a casa tresandaria.

Novamente, Arlen sentiu-se dominar pelo remorso. Não estava na pira, nem a bater com a cabeça pelo choque de ter perdido tudo. Havia sinas piores do que uma casa a cheirar a estrume.

Mais e mais aldeãos foram chegando com o avançar da manhã. Trazendo as famílias e os mantimentos que pudessem dispensar, vinham do Charco da Pesca e da Praça Central. Vinham da Colina da Charneca e do Pântano Encharcado. Alguns vinham mesmo de Vigia-Sul. E, um a um, Selia recebeu-os com as más notícias e distribuiu-lhes tarefas.

Com mais de cem mãos a trabalhar, os homens dobraram os esforços, metade continuando a escavar enquanto os outros se voltavam para a única estrutura recuperável no Casal: a casa de Brine Lenhador. Selia levou Brine para longe, conseguindo com dificuldade suportar o gigante que cambaleava, enquanto os homens limpavam o entulho e começavam a assentar pedras novas. Alguns pegaram em estojos de guarda e deram início à pintura de guardas novas enquanto as crianças preparavam o colmo. A casa estaria reconstruída ao cair da noite.

Arlen fez parceria com Cobie Pescador na recuperação de madeira. As crianças conseguiram reunir uma pilha considerável, apesar de corresponder apenas a uma fracção do que fora perdido. Cobie era um rapaz alto e de compleição sólida, com caracóis escuros e braços peludos. Era popular entre as outras crianças, mas uma popularidade construída à custa de terceiros. Poucos gostavam de suportar os seus insultos e menos ainda as suas sovas.

Torturara Arlen durante anos e as outras crianças aceitavam que o fizesse. A quinta de Jeph era a que se situava mais a norte do Ribeiro, longe do ponto onde as crianças costumavam reunir-se, na Praça Central, e Arlen passava a maior parte do seu tempo livre vagueando sozinho pelo Ribeiro. Sacrificá-lo à ira de Cobie parecia um preço justo para a maior parte das crianças.

Sempre que Arlen ia pescar ou passava pelo Charco da Pesca a caminho da Praça Central, Cobie e os amigos pareciam saber e esperavam-no no mesmo local do caminho para casa. Por vezes, limitavam-se a chamar-lhe nomes ou a empurrá-lo, mas, noutras ocasiões, chegava a casa ensanguentado e coberto de nódoas negras e a mãe repreendia-o por se envolver em zaragatas.

Por fim, Arlen não suportou mais. Deixou um pau grosso escondido no local e, na ocasião seguinte em que Cobie e os amigos atacaram, fingiu fugir, apenas para alcançar a arma, como se a materializasse do ar, carregando depois sobre eles a brandir o pau.

Cobie foi o primeiro a ser atingido com uma pancada violenta que o deixou a chorar no chão, com sangue a escorrer-lhe do ouvido. Willum ficou com um dedo partido e Gart coxeou durante mais de uma semana. O incidente não fizera nada para aumentar a popularidade de Arlen entre as crianças e o seu pai açoitara-o, mas os outros rapazes não voltaram a incomodá-lo. Mesmo agora, Cobie mantinha-se à distância e estremecia se Arlen fizesse um movimento brusco, mesmo sendo mais corpulento.

– Sobreviventes! – gritou Bil Padeiro subitamente, de pé junto a uma casa arruinada no limiar do Casal. – Ouço-os presos na cave!

De imediato, todos abandonaram o que faziam e aproximaram-se a correr. Levaria demasiado tempo a limpar o entulho e, por isso, os homens começaram a cavar, dobrando as costas com fervor silencioso. Pouco depois, tinham aberto um buraco na parede da cave e começaram a retirar os sobreviventes. Estavam imundos e aterrorizados, mas vivos. Três mulheres, seis crianças e um homem.

– Tio Cholie! – gritou Arlen, e a sua mãe aproximou-se num instante, apoiando o irmão, que cambaleou. Arlen correu para eles, amparando o tio sob o outro braço.

– Cholie, que fazias aqui? – perguntou Silvy. Cholie raramente deixava a sua oficina na Praça Central. A mãe de Arlen contara mil vezes a história de como ela e o irmão tinham gerido a oficina de ferreiro juntos até Jeph começar a partir as ferraduras de propósito como justificação para lhe fazer a corte.

– Vim fazer a corte a Ana Lenhadora – murmurou Cholie. Puxou o cabelo, tendo já arrancado mãos-cheias. – Tínhamos acabado de abrir a portinhola, quando conseguiram ultrapassar as guardas...

Os joelhos cederam-lhe e o seu peso arrastou Arlen e Silvy consigo para o chão. Ajoelhado por terra, chorou.

Arlen olhou os outros sobreviventes. Ana Lenhadora não se encontrava entre eles. Sentiu um nó na garganta quando as crianças passaram perto. Conhecia-as. Conhecia as suas famílias e conhecia as suas casas por fora e por dentro. Conhecia os nomes dos seus animais. Olharam-no por um momento e isso bastou para conseguir viver o ataque pelos seus olhares. Viu-se enfiado num buraco apertado no chão enquanto os que não cabiam se voltavam para enfrentar os nuclitas e o fogo. Subitamente, começou a engasgar-se, incapaz de parar até Jeph lhe bater nas costas, fazendo-o voltar ao normal.

*

Terminavam um almoço frio quando uma trombeta soou no extremo mais distante do Ribeiro.

– Dois no mesmo dia? – perguntou Silvy, cobrindo a boca.

– Bah – grunhiu Selia. – Ao meio-dia? Usa a cabeça, rapariga!

– Então o que...?

Selia ignorou-a, erguendo-se para ir buscar um trombeteiro e responder ao sinal. Keven Pantanoso tinha a trombeta pronta, como sempre acontecia com as gentes do Pântano Encharcado. Era fácil as pessoas perderem-se nele e ninguém queria ficar sozinho e perdido quando os demónios do pântano se erguessem. As bochechas de Keven insuflaram como as de uma rã quando soprou uma série de notas.

– Trombeta de Mensageiro – explicou Coran Pantanoso a Silvy. De barba

grisalha, era o Orador do Pântano Encharcado e pai de Keven. Arlen não o conhecia. Supôs que seria um Pantanoso ou um Vigia. Eram gente pouco dada a convívios com os de fora. – Terão visto o fumo. Keven, explica-lhes o que aconteceu e onde estão todos.

– Um Mensageiro na Primavera? – perguntou Arlen. – Pensei que viessem no Outono, depois da colheita. Só terminámos de semear na lua passada!

– Não veio nenhum Mensageiro no Outono passado – disse Coran, cuspiendo pela fenda dos dentes em falta o sumo castanho e espumoso da raiz que mastigava. – Preocupámo-nos que tivesse acontecido alguma coisa. Pensámos que não tivéssemos um Mensageiro para nos trazer sal até ao próximo Outono. Ou talvez os nuclitas tivessem chegado às Cidades Livres, isolando-nos.

– Os nuclitas não poderão nunca chegar às Cidades Livres – disse Arlen.

– Arlen, cala-te! – ordenou Silvy. – Falas com um ancião!

– Deixa o rapaz falar – disse Coran. – Já estiveste numa cidade livre, rapaz? – perguntou a Arlen.

– Não – admitiu.

– Conheces alguém que tenha lá estado?

– Não – repetiu Arlen.

– Então o que faz de ti um especialista? – perguntou Coran. – Ninguém lá foi além dos Mensageiros. São os únicos que se aventuram durante a noite para chegar tão longe. Quem poderá dizer que as Cidades Livres não são apenas sítios como o Ribeiro? Se os nuclitas chegam até nós, também poderão chegar até eles.

– O velho Leitão é das Cidades Livres – disse Arlen. Rusco Leitão era o homem mais rico do Ribeiro. Geria a venda, o ponto central de todo o comércio no Ribeiro de Tibbet.

– É verdade – disse Coran. – E disse-me há muitos anos que lhe chegou uma viagem. Queria voltar alguns anos depois, mas achou que não valia a pena correr o risco. Pergunta-lhe se as Cidades Livres são mais seguras do que outro sítio qualquer.

Arlen não queria acreditar. Teriam de existir locais seguros no mundo. Mas, novamente, a imagem em que se via a ser atirado para a cave veio-lhe à memória e soube que ninguém estaria verdadeiramente seguro à noite.

O Mensageiro chegou uma hora depois. Era um homem alto com trinta e poucos anos, cabelo castanho curto e uma barba aparada e densa. Sobre os ombros largos trazia uma camisa de anéis metálicos e cobria-se com uma capa longa e escura, calças e botas de couro grosso. A sua égua castanha era esguia e veloz. Preso à sela da égua via-se um arnês contendo várias lanças diferentes. A sua expressão era amargurada quando se aproximou, mas os ombros mantinham-se elevados e orgulhosos. Contemplou a multidão e facilmente encontrou a Oradora, enquanto esta

se erguia, dando ordens. Voltou a égua para ela.

A pouca distância, sobre uma carroça bem carregada puxada por um par de mulas castanhas, vinha o Jogral. As suas roupas eram de cores garridas e tinha um alaúde pousado sobre o banco a seu lado. O cabelo era de uma cor que Arlen nunca vira antes, assemelhando-se a uma cenoura pálida, e a sua pele era tão clara que parecia nunca ter sido tocada pelo sol. Tinha os ombros caídos e parecia completamente exausto.

O Mensageiro anual vinha sempre acompanhado por um Jogral. Para as crianças e para alguns adultos, o Jogral era o mais importante dos dois. Tanto quanto Arlen conseguia recordar, fora sempre o mesmo homem, grisalho, mas ágil e alegre. O novo era mais jovem e parecia carrancudo. As crianças correram para ele de imediato e o jovem Jogral animou-se, com a frustração a desaparecer-lhe da face com tamanha rapidez que Arlen começou a duvidar que alguma vez tivesse estado presente. Num instante, desceu da carroça e lançou ao ar as suas bolas coloridas, incentivado pelos gritos de alegria das crianças.

Alguns, incluindo Arlen, esqueceram o trabalho, rodeando os recém-chegados. Selia lançou-se sobre eles, não permitindo tal coisa.

– O dia não fica mais longo por ter chegado o Mensageiro! – bradou. – Ao trabalho!

Ouviram-se resmungos, mas todos voltaram às suas tarefas.

– Tu não, Arlen – disse Selia. – Vem cá. – Arlen afastou os olhos do Jogral e foi até ela no momento em que o Mensageiro a alcançava.

– Selia Estéril? – perguntou.

– Selia basta – replicou Selia, desagradada. O Mensageiro arregalou os olhos e corou, vendo-se o rubor dominar-lhe a parte das bochechas que a barba deixava à vista. Desceu do cavalo e fez uma vénia.

– Perdão – disse. – Não pensei. Graig, o vosso Mensageiro habitual disse-me que era este o seu nome.

– É agradável saber o que Graig pensa de mim depois de tantos anos – disse Selia, não parecendo nada agradada.

– O que pensou – corrigiu o Mensageiro. – Morreu, minha senhora.

– Morreu? – repetiu Selia, parecendo subitamente triste. – Foi ... ?

O Mensageiro abanou a cabeça.

– Foi um tremor que se apossou dele. Não foram os nuclitas. Sou Ragen, o Mensageiro deste ano, por especial favor à sua viúva. A Associação escolher-vos-á um novo Mensageiro no início do próximo Outono.

– Um ano e meio até recebermos novamente um Mensageiro? – perguntou Selia, parecendo preparar uma descompostura. – Quase não suportámos o último Inverno sem o sal do Outono – disse. – Sei que o vêem como algo adquirido em Miln, mas

metade da nossa carne e peixe estragou-se por falta de conservação adequada. E as nossas cartas?

– Peço desculpa, minha senhora – disse Ragen. – As vossas terras ficam muito distantes das estradas habituais e pagar a um Mensageiro para viajar durante mais de um mês em cada ano sai caro. A Associação dos Mensageiros tem pessoal a menos, depois de Graig ter apanhado o tremor. – Riu-se e abanou a cabeça, mas notou que a expressão de Selia se tornava mais severa em resposta. – Não quis ofender, minha senhora – disse Ragen. – Também era meu amigo. Mas... não há muitos de nós com direito a um telhado, uma cama e uma esposa jovem a nosso lado. A noite costuma apanhar-nos antes disso, compreende?

– Compreendo – respondeu Selia. – Tens mulher, Ragen? – perguntou.

– Sim – tornou o Mensageiro. – Apesar de, para seu prazer e para minha dor, ver mais vezes a minha égua do que a minha mulher. – Riu-se, intrigando Arlen, que não compreendeu porque ter uma esposa que não sentisse saudades suas pudesse ter graça para o marido.

Selia pareceu não notar.

– E se não a conseguisses ver de todo? – perguntou. – E se apenas tivesses cartas uma vez por ano para manteres o contacto com ela? Como te sentirias se soubesses que as cartas seriam adiadas meio ano? Há gente por cá com parentes nas Cidades Livres. Partiram com um Mensageiro ou outro, alguns há mais de duas gerações. Essas pessoas não regressarão a casa, Ragen. As cartas são tudo o que temos deles. E eles de nós.

– Não poderia concordar mais, senhora – disse Ragen –, mas a decisão não é minha. O Duque...

– Mas falarás com o Duque quando regressares, não é? – perguntou Selia.

– Falarei – respondeu.

– Devo escrever-te a mensagem? – perguntou Selia.

Ragen sorriu.

– Acredito que conseguirei lembrar-me, senhora.

– Que assim seja.

Ragen fez nova vénia, ainda mais pronunciada do que a anterior.

– Peço desculpa por chegar num dia tão negro – disse, lançando um olhar à pira funerária.

– Não podemos dizer à chuva quando deve vir, nem ao vento, nem ao frio – disse Selia. – Nem aos nuclitas. A vida deve prosseguir apesar destas coisas.

– A vida continua – concordou Ragen –, mas, se houver alguma coisa que eu ou o meu Jogral possamos fazer, tenho costas fortes e já tratei ferimentos de nuclitas muitas vezes.

– O teu Jogral já ajuda – disse Selia, indicando o jovem que cantava e fazia os

seus truques. – Distrai os mais jovens enquanto os parentes trabalham. Quanto a ti, tenho muito a fazer durante os próximos dias para recuperarmos da perda. Não terei tempo para distribuir correio ou para ler aos que não aprenderam as letras.

– Posso ler aos que não o souberem fazer, senhora – disse Ragen. – Mas não conheço suficientemente bem os vossos para distribuir a correspondência.

– Não será necessário – disse Selia, empurrando Arlen para a frente. – Arlen levar-te-á à venda na Praça Central. Entrega as cartas e encomendas a Rusco Leitão quando lhe entregares o sal. Muitos o procurarão agora que o sal chegou e Rusco é dos poucos por aqui a conhecer as letras e os números. O velho vigarista queixar-se-á e insistirá em receber pagamento, mas diz-lhe que, em momentos de dificuldade, todos terão de dar um contributo. Diz-lhe que distribua as cartas e que as leia a quem não puder ou não moverei um dedo da próxima vez que a povoação quiser lançar-lhe uma corda ao pescoço.

Ragen olhou Selia atentamente, talvez tentando perceber se gracejava, mas a sua expressão severa não deu tal indicação. Repetiu novamente a vénia.

– Apressa-te – disse-lhe Selia. – Mexam os pés e regressarão quando nos prepararmos para partir. Se tu e o teu Jogral não querem pagar um quarto a Rusco, qualquer um de nós oferecerá de bom grado a sua hospitalidade. – Fê-los partir com um gesto e voltou-se para repreender os que faziam pausas no trabalho para mirar os recém-chegados.

*

– Ela é sempre assim tão... impositiva? – perguntou Ragen a Arlen, enquanto caminhavam até ao local onde o Jogral fazia pantomina para as crianças mais pequenas. As restantes tinham sido arrastadas de volta ao trabalho.

Arlen roncou.

– Devias ouvi-la falar com os anciãos. Tiveste sorte por não teres sido esfolado quando lhe chamaste «estéril».

– Graig disse que era isso que todos lhe chamavam – justificou-se Ragen.

– E é verdade – confirmou Arlen. – Mas não lho chamam directamente. A não ser que pretendam pegar um nuclita pelos chifres. Todos saltam se Selia mandar saltar.

Ragen riu-se.

– E mesmo sendo uma velha Filha – referiu. – No sítio de onde venho, apenas as Mães esperam que todos saltem ao seu comando dessa forma.

– Que diferença faz? – perguntou Arlen.

Ragen encolheu os ombros.

– Acho que não sei – concedeu. – É assim que são as coisas em Miln. As pessoas fazem girar o mundo e as Mães geram pessoas. Por isso, são elas a liderar a dança.

– Não é assim por aqui – disse Arlen.

– Nas povoações pequenas nunca é – afirmou Ragen. – Não há gente suficiente para poderem dispensar alguém. Mas é diferente nas Cidades Livres. Além de Miln, nenhuma das outras permite grande voz às suas mulheres.

– Parece igualmente tolo – considerou Arlen.

– E é – concordou Ragen. – O Mensageiro parou e passou a Arlen as rédeas da égua. – Espera aqui um minuto – disse, dirigindo-se ao Jogral. Os dois homens afastaram-se para conversar e Arlen percebeu uma nova mudança na expressão do Jogral. Tornou-se irado e, depois, petulante, parecendo, por fim, resignado após tentar argumentar com Ragen, cuja expressão permaneceu inalterável.

Sem nunca afastar o olhar do Jogral, o Mensageiro fez um sinal a Arlen, que levou a égua até eles.

– ... não me importa o cansaço que sintas – dizia Ragen, com a voz transformada num murmúrio severo. – Esta gente tem um trabalho tenebroso a fazer e, se for necessário que dances e faças malabarismo durante toda a tarde para manter as crianças entretidas, é melhor que o faças! – Tirou as rédeas a Arlen e passou-as ao Jogral.

Arlen olhou bem a expressão do Jogral, plena de indignação e receio, antes que este percebesse ser observado. No instante em que o percebeu, a sua face alterou-se e, no momento seguinte, era novamente o sujeito alegre e radiante que dançava para as crianças.

Ragen conduziu Arlen até à carroça e subiram os dois. Fez estalar as rédeas e voltaram pelo caminho de terra que conduzia à estrada principal.

– Porque discutiam? – perguntou Arlen, enquanto a carroça avançava.

O Mensageiro olhou-o por um momento e, em seguida, encolheu os ombros.

– É a primeira vez que Keerin está tão longe da cidade – disse. – Foi suficientemente corajoso enquanto viajávamos num grupo e teve uma carroça coberta onde podia dormir. Mas, quando nos separámos da caravana em Angiers, algo mudou. Os nuclitas provocam-lhe arrepios diurnos e isso tornou-o má companhia.

– Não se percebe – considerou Arlen, voltando-se para olhar o homem que dava cambalhotas.

– Os jograis têm truques do seu ofício – explicou Ragen. – Podem fingir com tamanha intensidade serem algo que não são que, por vezes, se convencem de que é essa a realidade durante algum tempo. Keerin fingiu ser corajoso. A Associação testou-lhe as capacidades de viagem e passou no teste, mas é impossível saber como as pessoas se aguentarão depois de duas semanas na estrada até o fazerem realmente.

– Como conseguem permanecer nas estradas durante a noite? – perguntou Arlen. – O meu pai diz que desenhar guardas no chão é pedir sarilhos.

– O teu pai tem razão – disse Ragen. – Abre esse compartimento perto dos teus pés.

Arlen assim fez, retirando um grande saco de couro macio. No interior, havia uma corda com nós, adornada com placas de madeira maiores do que a sua mão. Arregalou os olhos quando viu guardas gravadas e pintadas na madeira.

De imediato, soube o que era: um círculo de guardas portátil, suficientemente grande para rodear a carroça e algo mais.

– Nunca vi nada assim – disse.

– Não são fáceis de fazer – disse o Mensageiro. – A maior parte dos Mensageiros passa todo o aprendizado a dominar a arte. Nem vento nem chuva conseguirão apagar essas guardas. Mas, mesmo assim, não é tão seguro como ter paredes guardadas e uma porta. Já viste um nuclita, rapaz? – perguntou, voltando-se e fitando Arlen com intensidade. – Já viste algum lançar-se sobre ti, sem teres sítio para onde fugir e sem nada para te proteger além de magia invisível? – Arlen abanou a cabeça. – Talvez seja demasiado duro com Keerin. Superou o seu teste. Gritou um pouco, mas isso seria de esperar. Noite após noite, é outra história. Deixa marcas em alguns homens andar sempre preocupado que uma folha possa cair sobre uma das guardas e depois... – Silvou, subitamente, e lançou uma mão em garra a Arlen, rindo-se quando o rapaz saltou.

Arlen passou o polegar sobre cada guarda suave e envernizada, sentindo a sua força. Havia uma das pequenas placas por cada meio metro de corda, tanto como em qualquer círculo de guardas. Contou mais de quarenta.

– Os demónios do vento não conseguirão voar para dentro de um círculo tão grande? – perguntou. – O meu pai espalha postes para evitar que aterrem nos campos.

O homem olhou-o, um pouco surpreendido.

– É possível que o teu pai desperdice o seu tempo – disse. – Os demónios do vento são exímios no voo, mas precisam de espaço para descolar em corrida ou algo a que possam trepar e de onde possam saltar. Não há nada disso num milheiral. Não aterrariam aí a não ser que vissem algo demasiado tentador e irresistível. Como um rapazinho passando a noite no milheiral para provar a sua coragem. – Olhou Arlen da mesma forma que Jeph, quando o avisou da seriedade dos nuclitas. Como se não o soubesse. – Os demónios do vento também precisam de mudar de direcção em grandes arcos – prosseguiu Ragen. – E a maioria tem uma largura de asas maior do que esse círculo. É possível que um consiga entrar, mas nunca vi tal acontecer. Se acontecer, no entanto... – Apontou a lança longa e de haste espessa a seu lado.

– É possível matar um nuclita com uma lança? – perguntou Arlen.

– Provavelmente não – replicou Ragen. – Mas ouvi dizer que é possível atordoá-los se os espetarmos contra as guardas. – Riu-se. – Espero que nunca venhas a

descobrir.

Arlen olhou-o, abrindo muito os olhos.

Ragen retribuiu-lhe o olhar, com uma expressão subitamente séria.

– Ser Mensageiro é um trabalho perigoso, rapaz – disse.

Arlen fitou-o durante muito tempo.

– Valeria a pena para ver as Cidades Livres – disse, por fim. – Diz-me a verdade.

Como é Forte Miln?

– É a cidade mais rica e bela do mundo – respondeu Ragen, erguendo a manga de cota de malha e expondo uma tatuagem no antebraço, representando uma cidade aninhada entre duas montanhas. – As Minas do Duque são ricas em sal, metal e carvão. As suas paredes e telhados estão tão bem guardados que as guardas domésticas raramente são testadas. Quando o sol ilumina as muralhas, faz envergonhar as próprias montanhas.

– Nunca vi uma montanha – disse Arlen, maravilhando-se enquanto passava um dedo sobre a tatuagem. – O meu pai diz que são apenas colinas grandes.

– Vês aquela colina? – perguntou Ragen, apontando para norte.

Arlen acenou afirmativamente.

– A Colina da Charneca. Vê-se todo o Ribeiro do alto.

Ragen acenou com a cabeça.

– Sabes o que significa «cem», Arlen? – perguntou.

Novo aceno afirmativo do rapaz.

– Dez pares de mãos.

– Até mesmo uma pequena montanha é maior do que cem Colinas da Charneca empilhadas umas sobre as outras. E as montanhas de Miln não são pequenas.

Arlen arregalou os olhos enquanto tentava compreender tamanha altura.

– Tocarão o céu – disse.

– Algumas erguem-se acima dele – gabou-se Ragen. – Do cume, olhando para baixo, vêem-se as nuvens.

– Quero ver isso um dia – disse Arlen.

– Podes juntar-te à Associação dos Mensageiros quando tiveres idade suficiente – disse Ragen.

Arlen abanou a cabeça.

– O meu pai diz que as pessoas que partem são desertores – disse. – E cospe quando o diz.

– O teu pai não sabe do que fala – afirmou Ragen. – Cuspir não torna real o que diz. Sem Mensageiros, até as Cidades Livres se desmoronariam.

– Pensei que as Cidades Livres fossem seguras – disse Arlen.

– Não há nenhum local que seja seguro, Arlen. Não verdadeiramente. Miln terá mais habitantes e conseguirá lidar com as mortes com maior facilidade do que um

sítio como o Ribeiro de Tibbet. Mas, mesmo assim, os nuclitas causam baixas todos os anos.

– Quantas pessoas vivem em Miln? – perguntou Arlen. – Temos nove centenas no Ribeiro de Tibbet e diz-se que a Pastagem Soalheira ao norte será igualmente grande.

– Temos mais de trinta milhares em Miln – respondeu Ragen, orgulhoso. Arlen olhou-o, confuso.

– Um milhar são dez centenas – explicou o Mensageiro.

Arlen pensou por um momento. A seguir, abanou a cabeça.

– Não há tanta gente no mundo – considerou.

– Há mais – garantiu Ragen. – Há um mundo inteiro lá fora, para aqueles que tiverem coragem de enfrentar a noite.

Arlen não respondeu e seguiram viagem em silêncio durante algum tempo.

*

Levaram cerca de hora e meia a chegar à Praça Central. No centro do Ribeiro, a Praça Central continha pouco mais de duas dúzias de casas de madeira guardadas, para aqueles cujo ofício não exigia que trabalhassem nos campos ou nos arrozais, na pesca ou no corte de lenha. Quem precisasse de um alfaiate, de um padeiro, ferreiro, tanoeiro ou de outros artífices ia até ali.

Ao centro, situava-se a praça, onde as pessoas se reuniam, e o maior edifício do Ribeiro, a venda. Havia uma grande divisão dianteira aberta, contendo mesas e o balcão, e uma divisão ainda maior nas traseiras, com uma cave por baixo, repleta com quase tudo o que tinha algum valor no Ribeiro.

As filhas do Leitão, Dasy e Catrin, ocupavam-se da cozinha. Dois créditos pagavam uma refeição capaz de encher o estômago, mas Silvy chamava trapaceiro ao velho Leitão porque dois créditos chegavam para comprar cereal suficiente para uma semana. Mesmo assim, muitos homens solteiros pagavam o preço e não apenas pela comida. Dasy era pouco vistosa e Catrin era gorda, mas o tio Cholie dizia que os homens que com elas casassem teriam a vida feita.

Todos no Ribeiro levavam os bens que produziam ao Leitão, fosse milho, carne, peles, louça, tecido, mobiliário ou ferramentas. O Leitão recebia os objectos, contava-os e distribuía créditos pelos clientes para poderem comprar outras coisas na loja.

No entanto, as coisas pareciam custar sempre muito mais do que aquilo que o Leitão pagara por elas. Arlen conhecia suficientemente os números para o perceber. Tinham existido discussões célebres quando as pessoas iam vender, mas o Leitão determinava os preços e, habitualmente, levava a sua avante. Quase todos o detestavam, mas precisavam dele de igual forma e seria provável que lhe

escovassem o casaco e lhe abrissem as portas e não que cuspissem quando por eles passasse.

Os restantes habitantes do Ribeiro trabalhavam de sol a sol e mal conseguiam subsistir, mas o Leitão e as filhas tinham sempre bochechas rosadas, barrigas redondas e roupas novas e limpas. Arlen precisava de se embrulhar num tapete sempre que a mãe lhe lavava a roupa.

Ragen e Arlen prenderam as mulas junto à porta da venda e entraram. O bar estava vazio. No interior, o ar cheirava a torresmos, mas não havia qualquer cheiro de comida em preparação vindo da cozinha.

Arlen correu à frente do Mensageiro em direcção ao bar. Rusco tinha uma pequena campainha de bronze aí instalada. Trouxera-a consigo das Cidades Livres. Arlen adorava essa campainha. Bateu com a mão sobre ela e sorriu ao ouvir o som cristalino.

Ouviu-se um estrondo nas traseiras e Rusco passou as cortinas atrás do balcão. Era um homem grande, ainda forte e de costas direitas aos sessenta anos, mas com uma pança flácida pendendo-lhe sobre o cinto e com o cabelo de um cinzento metálico que recuava cada vez mais na testa. Vestia calças leves e sapatos de couro, com uma camisa limpa de algodão branco, de mangas enroladas sobre os antebraços grossos. O avental branco estava imaculado como sempre.

– Arlen Fardos – disse, com um sorriso paciente ao ver o rapaz. – Vieste só para brincar com a campainha ou temos assunto a tratar?

– O assunto será comigo – disse Ragen, avançando. – Falo com Rusco Leitão?

– Rusco bastará – replicou o homem. – A gente da povoação acrescentou o «Leitão», mas só quando falam de mim pelas costas. Custa-lhes ver um homem prosperar.

– É a segunda vez – murmurou Ragen.

– Como? – perguntou Rusco.

– É a segunda vez que o diário de viagem de Graig me induz em erro – clarificou Ragen. – Chamei «Estéril» a Selia quando falei com ela hoje de manhã.

– Ah! – Rusco riu-se. – Chamaste? Isso vale uma caneca por conta da casa. Como disseste que te chamavas?

– Ragen – respondeu o Mensageiro, pousando a sacola pesada e sentando-se ao balcão. Rusco bateu com os dedos num barril e retirou uma caneca de madeira pendurada de um gancho.

A cerveja era espessa e da cor do mel, com espuma a coroar-lhe o topo. Rusco encheu uma para Ragen e outra para si. Depois olhou Arlen e encheu uma caneca mais pequena.

– Leva isto para uma mesa e deixa os teus anciãos conversarem ao balcão – disse. – E, se souberes o que é bom para ti, não contarás à tua mãe que te ofereci bebida.

Arlen sorriu, radiante, e correu com o seu prémio antes que Rusco tivesse tempo de reconsiderar. Já provara cerveja da caneca do pai durante os festivais, mas nunca tivera uma caneca inteira só para si.

– Começava a pensar que não viria ninguém – ouviu Rusco dizer a Ragen.

– Graig deixou-se levar pelo tremor antes da partida no Outono passado – explicou Ragen, depois de um longo trago. – A sua Herbanária disse-lhe para adiar a viagem até se sentir melhor, mas veio o Inverno e piorou cada vez mais. Perto do fim, pediu-me para fazer a sua ronda até a Associação conseguir encontrar um substituto. De qualquer forma, precisava de conduzir uma caravana de sal até Angiers. Limitei-me a acrescentar uma carroça adicional e desviei-me para estes lados antes de regressar ao norte.

Rusco pegou na caneca e voltou a enchê-la.

– A Graig – disse. – Um excelente Mensageiro e um regateador perigoso. – Ragen acenou com a cabeça. Os dois homens tocaram as canecas e beberam.

– Outra? – perguntou Rusco, quando Ragen bateu com a caneca sobre o balcão.

– Graig escreveu no seu diário que também tu és um regateador perigoso – disse Ragen. – E que tentarias embebedar-me.

Rusco riu-se e voltou a encher a caneca.

– Depois de regatear, não precisarei de servir bebidas por conta da casa – explicou, passando-a a Ragen com uma expressão jovial.

– É melhor que o faças se quiseres que o teu correio chegue a Miln – contrapôs Ragen, com um sorriso, aceitando a caneca.

– Vejo que serás tão difícil como o Graig – resmungou Rusco, enchendo a sua caneca. – Pronto – disse, quando a espuma se ergueu acima do bordo. – Poderemos regatear os dois embriagados. – Riram e voltaram a tocar canecas.

– Que novas há das Cidades Livres? – perguntou Rusco. – Os krasianos continuam determinados em destruir-se a si próprios?

Ragen encolheu os ombros.

– Tanto quanto sei. Deixei de ir a Krasia há alguns anos, quando me casei. É demasiado longe. É demasiado perigoso.

– O facto de cobrirem as suas mulheres com cobertores não terá nada a ver com o facto? – perguntou Rusco.

Ragen riu-se.

– Não ajuda – admitiu. – Mas é sobretudo por pensarem que todos os nortenhos, mesmo que sejam Mensageiros, são cobardes por não passarem as noites a tentar ser mortos por nuclitas.

– Talvez se sentissem menos inclinados a lutar se passassem mais tempo a olhar para as suas mulheres – gracejou Rusco. – E quanto a Angiers e Miln? Os duques continuam as suas quezílias?

– Como sempre – confirmou Ragen. – Euchor precisa da madeira de Angiers para alimentar as suas refinarias e de cereal para alimentar o povo. Rhinebeck precisa do metal e do sal de Miln. Têm de negociar para sobreviver, mas, em vez de facilitarem a vida a si próprios, passam o tempo tentando ludibriar-se, sobretudo quando um carregamento é perdido para os nuclitas na estrada. No Verão passado, os demónios atacaram uma caravana de metal e sal. Mataram os condutores, mas deixaram a carga intacta. Rhinebeck recuperou-a e recusou-se a pagar, alegando direitos de resgate.

– O Duque Euchor deve ter ficado furioso – disse Rusco.

– Louco de raiva – confirmou Ragen. – Fui eu que lhe levei as notícias. Ficou vermelho e jurou que Angiers não veria outra medida de sal até Rhinebeck pagar.

– E Rhinebeck pagou? – perguntou Rusco, debruçando-se, ávido.

Ragen abanou a cabeça.

– Cada um deu o seu melhor para deixar o outro faminto durante alguns meses até a Associação dos mercadores pagar para poder escoar a mercadoria antes que o Inverno a apodrecesse no armazém. Rhinebeck ficou furo com eles por terem cedido a Euchor, mas salvou a face e os carregamentos estão novamente normalizados e isso é tudo o que importa a todos além daqueles dois cães.

– Será ajuizado atentares no que chamas aos duques – advertiu Rusco. – Mesmo a esta distância.

– Quem lhes dirá? – perguntou Ragen. – Tu? O rapaz? – Apontou para Arlen. Riram-se ambos.

– E agora tenho de levar a Euchor as notícias de Ponteflúvia, o que tornará tudo ainda pior – explicou Ragen.

– A cidade na fronteira de Miln – disse Rusco. – A pouco mais de um dia de Angiers. Tenho lá contactos.

– Já não tens – corrigiu Ragen. Os dois homens permaneceram em silêncio por um momento. – Basta de más notícias – disse Ragen, erguendo a sacola e colocando-a sobre o balcão. Rusco olhou-a, intrigado.

– Isso não me parece sal – disse. – E duvido que tenha assim tanto correio.

– Tens seis cartas e uma dúzia de encomendas – explicou Ragen, passando-lhe uma folha de papel dobrada. – Está tudo registado aqui, juntamente com as outras cartas na sacola e com as encomendas na carroça para serem distribuídas. Dei a Selia uma cópia da lista – advertiu.

– Para que quero eu essa lista ou a tua sacola do correio? – perguntou Rusco.

– A Oradora está ocupada e não poderá distribuir as cartas e lê-las a quem não conseguir fazê-lo. Propôs-te para essa tarefa.

– E como serei compensado pelo desperdício de horas de negócio ao serviço da gente do povoado? – quis saber Rusco.

– Com a gratidão dos vizinhos pela prestação de tal cortesia? – replicou Ragen.

Rusco roncou.

– Não vim para o Ribeiro de Tibbet para fazer amigos – disse. – Sou um homem de negócios e já faço muito por este sítio.

– Fazes? – indagou Ragen.

– Não duvides – respondeu Rusco. – Antes de vir para cá, limitavam-se a fazer trocas directas. – Pronunciou as últimas palavras como se fossem grosseiras e cuspiu no chão. – Reuniam os frutos do seu trabalho e juntavam-se na praça a cada sétimo dia, discutindo quantos feijões valia cada espiga de milho ou a quantidade de arroz que teriam de entregar ao tanoeiro para que este fizesse um barril onde guardassem o arroz. E, se não conseguissem aquilo de que precisavam no sétimo dia, teriam de esperar até à semana seguinte ou ir de porta em porta. Agora, podem vir aqui, a qualquer dia, a qualquer hora da aurora ao pôr-do-sol e trocar por créditos que lhes permitirão obter aquilo de que precisam.

– O salvador da cidade – disse Ragen, em tom seco. – E sem pedir nada em troca.

– Nada além de um lucro jeitoso – tornou Rusco, com um sorriso.

– E com que frequência tentam os locais enforcar-te com acusações de vigarice? – perguntou Ragen.

Rusco estreitou os olhos.

– Com demasiada frequência, considerando que metade apenas consegue contar com a ajuda dos dedos das mãos e que a outra metade apenas consegue acrescentar os dedos dos pés – disse.

– Selia instruiu-me a dizer-te que, da próxima vez que isso acontecer, estarás por tua conta. – A voz afável de Ragen endureceu subitamente. – A não ser que cumpras a tua parte. No extremo oposto do povoado, há gente com pior sina do que ter de ler cartas.

Rusco franziu o sobrolho, mas aceitou a lista e levou a pesada sacola até ao armazém.

– É assim tão mau? – perguntou, quando regressou.

– É mau – respondeu Ragen. – Vinte e sete até agora. Mais alguns desaparecidos.

– Criador – exclamou Rusco, desenhando uma guarda no ar à sua frente. – Pensei que tivesse sido uma família, no máximo.

– Teria sido uma sorte – disse Ragen.

Permaneceram em silêncio por um momento, tanto quanto seria decente. Depois, ergueram os olhos e fitaram-se mutuamente.

– Trazes o sal deste ano? – perguntou Rusco.

– Tens o arroz do Duque? – replicou Ragen.

– Armazenei-o durante todo o Inverno. Vieste tarde – disse Rusco.

Ragen estreitou os olhos.

– Mas ainda está bom! – garantiu Rusco, erguendo subitamente as mãos como se implorasse. – Mantive-o selado e seco e não há animalejos na minha cave.

– Precisarei de me certificar. Compreenderás – disse Ragen.

– Claro, claro – concedeu Rusco. – Arlen, traz aquela lanterna! – ordenou, apontando o canto do balcão ao rapaz.

Arlen correu até à lanterna e ergueu a campânula. Acendeu o pavio e baixou o vidro com reverência. Nunca antes lhe fora atribuída a responsabilidade de manusear vidro. Era mais frio do que imaginara, mas depressa aqueceu quando a chama o tocou.

– Trá-la até à cave conosco – ordenou Rusco. Arlen tentou conter a excitação. Sempre quisera ver o que existia por trás do balcão. Dizia-se que, se todos os habitantes do Ribeiro formassem uma pilha com as suas posses combinadas, o resultado não poderia comparar-se às maravilhas na cave do Leitão.

Viu Rusco puxar um anel no chão, abrindo um grande alçapão. Arlen avançou, rapidamente, receando que o velho Leitão mudasse de ideias. Desceu os degraus, ouvindo-os ranger, segurando a lanterna bem alto para iluminar o caminho. A luz revelou as pilhas de caixas e barris que se erguiam até ao tecto em filas alinhadas, que se alongavam muito além do alcance da lanterna. O piso era de madeira para evitar que os nuclitas se erguessem directamente para o interior desde o Núcleo, mas, mesmo assim, havia guardas gravadas nas prateleiras que cobriam as paredes. O velho Leitão era cuidadoso com os seus tesouros.

O lojista conduziu-os por entre os corredores até aos barris selados ao fundo.

– Parecem intactos – disse Ragen, inspeccionando a madeira. Ponderou por um momento e escolheu ao acaso. – Aquele – disse, apontando um dos barris.

Rusco grunhiu e ergueu o barril em questão. Havia quem dissesse que o seu trabalho era fácil, mas os seus braços eram tão duros e largos como braços que trabalhassem com o machado ou a foice. Quebrou o selo e retirou a tampa do barril, enchendo um recipiente raso com arroz para que Ragen o examinasse.

– Bom arroz das terras alagadas – disse ao Mensageiro. – Sem sinais de gorgulho. Sem sinais de podridão. Valerá bom dinheiro em Miln, sobretudo depois de ter passado tanto tempo. – Ragen acenou afirmativamente, o barril voltou a ser selado e regressaram ao piso superior.

Discutiram durante algum tempo quantos barris de arroz valeriam os pesados sacos de sal na carroça. Por fim, nenhum dos dois pareceu satisfeito, mas firmaram o acordo com um aperto de mão.

Rusco chamou as filhas e foram todos até à carroça para descarregar o sal. Arlen tentou erguer um saco, mas era demasiado pesado. Cambaleou e caiu, lançando o saco pelo chão.

– Cuidado! – exclamou Dasy, aplicando-lhe uma palmada na nuca.

– Se não aguentas o peso, põe-te a andar! – bradou Catrin. Tinha um saco sobre o ombro e outro por baixo de um braço carnudo. Arlen ergueu-se com esforço e correu para lhe segurar a porta.

– Procura o Ferd Moleiro e diz-lhe que pagamos cinco... não... quatro créditos por cada saco que moer – disse Rusco a Arlen. Quase toda a gente no Ribeiro trabalhava para o Leitão, de uma forma ou outra. Os habitantes da Praça mais do que quaisquer outros. – Cinco se guardar o sal em barris com arroz para o manter seco.

– O Ferd está no Casal – lembrou Arlen. – Quase todos lá estão.

Rusco grunhiu, mas não respondeu. A carroça não tardou a ficar vazia, à excepção de algumas caixas e sacos que não continham sal. As filhas de Rusco olharam com cobiça, mas não disseram nada.

– Trazemos o arroz da cave esta noite e guardamo-lo na sala das traseiras até estares pronto para regressar a Miln – disse Rusco, quando o último saco foi levado para dentro.

– Obrigado – agradeceu Ragen.

– Está terminado o negócio do Duque, então? – perguntou Rusco, com um sorriso, passando os olhos sobre o restante conteúdo da carroça.

– O negócio do Duque, sim – replicou Ragen, sorrindo. Arlen esperou ter direito a mais uma cerveja enquanto regateassem. Fê-lo sentir-se zozinho, como se tivesse apanhado um tremor, mas sem a tosse e as dores. Apreciava a sensação e gostaria de a repetir.

Ajudou a transportar os objectos restantes para o interior da taberna e Catrin trouxe uma bandeja com fatias de pão contendo porções generosas de carne. Foi servida uma segunda caneca de cerveja a Arlen para acompanhar a comida e o velho Leitão disse-lhe que poderia ter dois créditos no livro pelo trabalho que fizera.

– Não digo aos teus pais – assegurou o Leitão. – Mas, se os gastares em cerveja e te apanharem, terás de me pagar pelas chatices que a tua mãe me arranjar. – Arlen acenou avidamente com a cabeça. Nunca tivera créditos seus que pudesse gastar na venda.

Depois do almoço, Rusco e Ragen instalaram-se ao balcão e abriram a restante mercadoria trazida pelo Mensageiro. Os olhos de Arlen iluminaram-se a cada tesouro revelado. Havia fardos de tecido mais fino do que qualquer coisa que tivesse visto. Ferramentas e alfinetes de metal, louça e especiarias exóticas. Havia até algumas taças de vidro reluzente.

O Leitão pareceu menos impressionado.

– O Graig trazia melhor mercadoria no ano passado – considerou. – Dou-te... cem créditos por tudo. – Arlen escancarou a boca. Cem créditos! Ragen poderia comprar metade do Ribeiro com tanto.

Mas Ragen pareceu não apreciar a oferta. A sua expressão endureceu novamente e bateu com a mão sobre a madeira. O som fez Dasy e Catrin erguerem os olhos das limpezas.

– Para o Núcleo com o teu crédito! – rosnou. – Não sou um dos teus campónios e, a não ser que queiras que a Associação te veja como trapaceiro, não tornarás a cometer tal erro.

– Sem ressentimentos! – riu-se Rusco, erguendo as mãos no seu costumeiro gesto apaziguador. – Tive de tentar... compreendes. Ainda gostam de ouro em Miln? – perguntou, com um sorriso matreiro.

– Tanto como em qualquer outra parte – disse Ragen. Mantinha a expressão severa, mas a fúria tinha-lhe desaparecido da voz.

– Por aqui não é assim – disse Rusco. Passou a cortina e ouviram-no vasculhar do outro lado e erguer a voz para que o ouvissem. – Por aqui, se não puderem comer ou vestir alguma coisa, usá-la para pintar uma guarda ou para trabalhar um campo, não lhe dão qualquer valor. – Regressou um momento depois com um grande saco de lona que colocou sobre o balcão com um tilintar metálico. – Por estes lados, as pessoas esqueceram que é o ouro que faz mover o mundo – continuou, enfiando a mão dentro do saco e retirando duas moedas amarelas e pesadas, que ergueu junto à face de Ragen. – Os filhos do moleiro usavam-nas como peças de um jogo! Peças de um jogo! Disse-lhes que trocava o ouro por um jogo talhado em madeira que tinha armazenado. Acharam que lhes fazia um favor! Ferd veio mesmo agradecer-me no dia seguinte! – Riu-se, com uma gargalhada estrondosa. Arlen pensou que se deveria sentir ofendido pelo riso, mas não sabia ao certo porquê. Jogara muitas vezes o jogo dos Moleiros e parecia de facto valer mais do que dois discos de metal, por mais reluzentes que fossem.

– O que trouxe vale muito mais que dois sóis – disse Ragen, indicando com o queixo as moedas e olhando o saco.

Rusco sorriu.

– Não te preocupes – disse, abrindo o saco. Quando o tecido caiu sobre o balcão, mais moedas reluzentes caíram para fora, juntamente com correntes, anéis e inúmeras pedras cintilantes. Era tudo muito belo, considerou Arlen, mas surpreendeu-o a forma como os olhos de Ragen se arregalaram e se tornaram ávidos.

Voltaram a regatear. Ragen erguia as pedras à luz e mordia as moedas enquanto Rusco passava os dedos pelo tecido e provava as especiarias. Tudo se tornou um borrão para Arlen, cuja cabeça rodopiava com o efeito da cerveja. Caneca após caneca chegava até aos homens, servidas por Catrin, do outro lado do balcão, mas eles não mostravam indícios de ficarem tão afectados como Arlen.

– Duzentos e vinte sóis de ouro, duas luas de prata, a corrente e três anéis de prata – disse Rusco, por fim. – E nem mais uma luz de cobre.

– Não admira que trabalhes neste ermo – disse Ragen. – Devem ter-te expulsado da cidade por vigarice.

– Os insultos não te farão mais rico – disse o Leitão, confiante de ter a vantagem.

– Não há riqueza envolvida desta vez – tornou Ragen. – Depois de cobrir os custos da viagem, todas as luzes irão para a viúva de Graig.

– Ah. Jenya – recordou Rusco. – Costumava escrever cartas para a gente de Miln que não conhecia as letras, incluindo o imbecil do meu sobrinho. Que lhe sucederá?

Ragen abanou a cabeça.

– A Associação não lhe pagou qualquer compensação de viuvez porque Graig morreu em casa – explicou. – E, porque não é uma Mãe, muitos trabalhos lhe serão negados.

– Lamento ouvi-lo – disse Rusco.

– Graig deixou-lhe algum dinheiro – continuou Ragen. – Mesmo que nunca tenha tido muito. E a Associação continuará a pagar-lhe pela escrita. Com o dinheiro desta viagem, deverá ter o suficiente para se manter algum tempo. Mas é jovem e o dinheiro acabará por esgotar-se, a não ser que volte a casar ou arranje trabalho melhor.

– E depois? – perguntou Rusco.

Ragen encolheu os ombros.

– Ser-lhe-á difícil encontrar novo marido depois de ter sido casada e de não conseguir gerar filhos, mas não terá de mendigar. Os meus irmãos da Associação e eu jurámo-lo. Um de nós aceitar-lá-á como serva antes que isso aconteça.

Rusco abanou a cabeça.

– Mesmo assim, cair de mercadora a serva... – Enfiou a mão no saco muito mais leve e retirou um anel com uma pedra clara e reluzente. – Assegura-te de que recebe isto – disse, estendendo-o.

No entanto, quando Ragen ergueu a mão para o anel, Rusco afastou-o subitamente.

– Ela escrever-me-á, compreendes? – acrescentou. – Conheço-lhe a letra. – Ragen olhou-o por um momento e Rusco acrescentou: – Sem ofensa.

Ragen sorriu.

– A tua generosidade supera o insulto – disse, aceitando o anel. – Isto garantirá que não passa fome durante meses.

– Sim... – disse Rusco, parecendo envergonhado, reunindo o conteúdo do saco. – Mas não digas nada à gente do povoado ou perderei a minha reputação de vigarista.

– O teu segredo está seguro comigo – disse Ragen, rindo.

– Talvez pudesses conseguir um pouco mais – considerou.

– Ah sim?

– As cartas que temos deveriam ter seguido para Miln há seis meses. Se ficares

por cá mais alguns dias enquanto escrevemos e recolhemos mais, talvez ajudando a escrever algumas, saberei compensar-te. Não falo de ouro – clarificou. – Mas, certamente, Jenya verá com bons olhos um barril de arroz, algum peixe seco ou farinha.

– Com efeito – replicou Ragen.

– E também poderei achar trabalho para o teu Jogral – disse. – Terá mais público aqui na Praça do que saltando de quinta em quinta.

– De acordo – disse Ragen. – Mas Keerin precisará de ouro.

Rusco olhou-o com desagrado e Ragen riu-se.

– Tinha de tentar... Compreenderás! – disse. – Seja prata.

Rusco acenou com a cabeça.

– Cobrarei uma lua por cada espectáculo e, por cada lua, eu ficarei com uma estrela e ele com as três restantes.

– Pensei que tivesses dito que os locais não tinham dinheiro – recordou Ragen.

– A maioria não tem – replicou Rusco. – Vendo-lhes as luas... a troco de cinco créditos.

– E Rusco Leitão ganha com ambos os lados do negócio? – perguntou Ragen.

Rusco limitou-se a sorrir.

*

Arlen estava entusiasmado durante a viagem de regresso. O velho Leitão prometera-lhe ver o Jogral de graça se espalhasse a notícia de que Keerin actuaria na Praça com o sol alto do dia seguinte por cinco créditos ou por uma lua milnesa de prata. Não teria muito tempo. Os seus pais estariam a preparar-se para regressar quando chegassem ao destino, mas conseguiria seguramente espalhar a palavra antes de o puxarem para a carroça.

– Fala-me das Cidades Livres – implorou pelo caminho. – Quantas já viste?

– Cinco – respondeu Ragen. – Miln, Angiers, Lakton, Rizon e Krasia. Talvez existam outras além das montanhas ou além do deserto, mas ninguém que conheça as viu.

– Como são? – perguntou Arlen.

– Forte Angiers, o bastião da floresta, situa-se a sul de Miln, do outro lado do Rio Divisor – explicou Ragen. – Angiers fornece madeira às restantes cidades. Mais a sul fica o grande lago e, sobre a sua superfície, situa-se Lakton.

– Um lago é como um charco? – perguntou o rapaz.

– Um lago é para um charco o que uma montanha é para uma colina – disse Ragen, dando a Arlen um momento para digerir o conceito. – Rodeados pelas águas, os laktonianos estão a salvo dos demónios da chama, da rocha e da madeira. A sua rede de guardas protege-os contra os demónios do vento e ninguém saberá defender-

se melhor dos demónios da água. São pescadores e milhares de bocas nas cidades do sul dependem da sua faina para comer. A oeste de Lakton, fica Forte Rizon, que, tecnicamente, não será um forte, porque quase seria possível passar a muralha envolvente a salto, mas protege os maiores campos agrícolas que alguma vez viste. Sem Rizon, as restantes Cidades Livres morreriam à fome.

– E Krasia? – perguntou Arlen.

– Só visitei Forte Krasia uma vez – disse Ragen. – Os krasianos não apreciam forasteiros e são necessárias semanas de travessia do deserto para chegar lá.

– Deserto?

– Areia – explicou Ragen. – Nada além de areia durante quilómetros em todas as direcções. Sem comida nem água além da que se consiga transportar. E nenhuma sombra que nos proteja do sol abrasador.

– E há quem viva aí? – quis saber Arlen.

– Sim – respondeu Ragen. – Os krasianos já foram mais numerosos ainda do que os milneses. Mas estão a morrer.

– Porquê?

– Porque lutam contra os nuclitas.

Arlen arregalou os olhos.

– É possível lutar contra os nuclitas? – perguntou.

– É possível lutar contra qualquer coisa, Arlen – disse Ragen. – O problema na luta contra os nuclitas é que, com frequência, se perde. Os krasianos matam bastantes, mas os nuclitas saem sempre vencedores. Há menos krasianos a cada ano que passa.

– O meu pai diz que os nuclitas comem a alma das pessoas que apanham – disse Arlen.

– Bah! – Ragen cuspiu para o lado. – Tolice supersticiosa.

Tinham contornado uma curva não muito longe do Casal quando Arlen notou algo pendurado da árvore à sua frente.

– O que é aquilo? – perguntou, apontando.

– Noite! – praguejou Ragen, fazendo estalar as rédeas e lançando as mulas num galope. Arlen foi projectado para trás e levou um momento a endireitar-se. Quando o fez, olhou a árvore, que se aproximava rapidamente.

– Tio Cholie! – gritou, vendo o homem espernear enquanto levava as mãos à corda que lhe rodeava o pescoço.

– Socorro! Socorro! – gritou Arlen. Saltou da carroça em movimento, embatendo com dureza contra o solo, mas depressa se pôs de pé, correndo em direcção a Cholie. Colocou-se por baixo do homem, mas um dos pés frenéticos de Cholie pontapeou-o na boca, lançando-o por terra. Sentiu o sabor do sangue, mas, estranhamente, não havia dor. Voltou a levantar-se, segurando as pernas de Cholie e

tentando erguê-lo para afrouxar o aperto da corda, mas era demasiado baixo e Cholie era demasiado pesado. O homem continuou a contorcer-se enquanto a corda o ia estrangulando.

– Ajuda-o! – gritou Arlen para Ragen. – Não consegue respirar! Alguém ajude!

Ergueu os olhos e viu Ragen retirar uma lança das traseiras da carroça. O Mensageiro levou o braço atrás quase sem mirar, mas atingiu o alvo, cortando a corda e fazendo o pobre Cholie cair sobre Arlen. Ambos tombaram ao chão.

Ragen alcançou-os num instante, retirando o barão do pescoço de Cholie. Não pareceu fazer grande diferença, pois o homem continuava sem conseguir respirar e levava as mãos à garganta. Tinha os olhos tão saídos que pareciam prestes a saltar-lhe da cabeça e a face estava roxa. Arlen gritou quando o homem estremeceu violentamente. A seguir, ficou quieto.

Ragen bateu no peito de Cholie e soprou-lhe grandes golfadas de ar para dentro da boca, mas sem efeito. Passado algum tempo, o Mensageiro desistiu, ajoelhando-se no chão e praguejando.

Arlen conhecia a morte. Era visita frequente no Ribeiro de Tibbet. Mas uma coisa era morrer por obra dos nuclitas ou devido a um tremor. Aquilo era diferente.

– Porquê? – perguntou a Ragen. – Porque lutaria tanto para sobreviver àquela noite para se matar agora?

– Lutou? – perguntou Ragen. – Algum deles lutou realmente? Ou limitaram-se a procurar um esconderijo?

– Não... – começou Arlen.

– O esconderijo nem sempre é a melhor opção, Arlen – disse Ragen. – Por vezes, quando nos escondemos, matamos algo no nosso interior. Assim, mesmo que sobrevivamos aos demónios, a sobrevivência não será real.

– Que outra coisa poderia ter feito? – perguntou Arlen. – Não se pode lutar contra um demónio.

– Preferia lutar contra um urso no seu covil – afirmou Ragen. – Mas pode ser feito.

– Disseste que os krasianos morrem porque o fazem – protestou Arlen.

– E é verdade – disse Ragen. – Mas seguem os seus corações. Sei que parece loucura, Arlen, mas, no fundo, os homens desejam lutar, como faziam nas velhas histórias. Mas não podem porque as grandes guardas se perderam. Por isso, escondem-se como lebres medrosas, refugiando-se, aterrados, durante a noite. Mas, por vezes, sobretudo quando um ente querido morre, a tensão vence e não conseguem resistir. – Colocou uma mão sobre o ombro de Arlen. – Lamento que tenhas assistido a isto, rapaz – disse. – Sei que não fará muito sentido agora...

– Não – replicou Arlen. – Faz sim.

E era verdade, percebeu. Arlen compreendia a necessidade de lutar. Não esperara

sair vencedor quando atacou Cobie e os amigos naquele dia. Quanto muito, esperara ser espancado com maior gravidade do que em qualquer ocasião anterior. Mas, no instante em que ergueu o pau, não se importou. Sabia apenas que estava cansado de suportar os seus abusos e quis pôr-lhes fim, de uma forma ou de outra.

Era reconfortante saber que não estava sozinho.

Olhou o tio, deitado no chão, com os olhos arregalados de medo. Ajoelhou-se e estendeu a mão, fechando-lhe os olhos com as pontas dos dedos. Cholie não tinha mais nada a temer.

– Já mataste um nuclita? – perguntou ao Mensageiro.

– Não – respondeu Ragen, abanando a cabeça. – Mas lutei contra alguns. Tenho cicatrizes que o provam. Sempre me interessou mais escapar ou mantê-los afastados de alguém do que matar um.

Arlen pensou no assunto enquanto embrulhavam Cholie numa lona e o colocavam nas traseiras da carroça, apressando-se a chegar ao Casal. Jeph e Silvy tinham já carregado a carroça e esperavam com impaciência pela hora da partida, mas, ao avistarem o corpo, a ira pelo regresso tardio de Arlen desvaneceu-se.

Silvy gritou e lançou-se sobre o irmão, mas não havia tempo a perder se queriam regressar à quinta antes do anoitecer. Jeph precisou de a segurar enquanto o Protector Harral pintava uma guarda na lona e liderava uma oração enquanto lançava Cholie à pira.

Os sobreviventes que não permaneciam na casa de Brine Lenhador dividiram-se e alojaram-se com os outros. Jeph e Silvy ofereceram abrigo a duas mulheres. Norine Lenhadora tinha mais de cinquenta verões de idade. O marido morrera alguns anos antes e perdera a neta e o neto no ataque. Marea Fardos também era velha. Tinha quase quarenta anos. O seu marido ficara no exterior quando os outros tinham sorteado lugares na cave. Seguiam de rosto caído, como Silvy, nas traseiras da carroça de Jeph, fitando os joelhos. Arlen despediu-se de Ragen com um aceno enquanto o pai fazia estalar o chicote.

Perdiam o Casal da Floresta de vista quando Arlen se recordou de que não avisara ninguém da actuação do Jogral.

DOIS
SE FOSSES TU
319 DR

Tiveram apenas tempo suficiente para recolher a carroça e verificar as guardas antes da chegada dos nuclitas. Restava pouca energia a Silvy para cozinhar e comeram uma refeição fria de pão, queijo e salpicão, mastigando com pouco entusiasmo. Os demónios chegaram um pouco após o pôr-do-sol para testar as guardas e, de cada vez que a magia se inflamava para os afastar, Norine gritava. Marea não tocou na comida. Sentou-se na sua enxerga, com os braços rodeando firmemente as pernas, abanando-se para trás e para diante e gemendo sempre que a magia se inflamava. Silvy limpou os pratos, mas não regressou da cozinha e Arlen ouviu-a chorar.

Tentou ir até ela, mas Jeph segurou-o pelo braço.

– Vem falar comigo, Arlen – disse.

Dirigiram-se para uma pequena divisão que albergava a enxerga de Arlen, a sua colecção de seixos do rio e todas as suas penas e ossos. Jeph escolheu uma pena de cores garridas com uns vinte centímetros de comprimento, acariciando-a com os dedos enquanto falava, sem olhar para Arlen.

Arlen reconheceu os sinais. Quando o pai não o olhava, significava que aquilo que tinha para lhe dizer o deixava desconfortável.

– O que viste na estrada com o Mensageiro... – começou Jeph.

– Ragen explicou-me – disse Arlen. – O tio Cholie já estava morto, mas ainda não o tinha percebido. Por vezes, as pessoas sobrevivem a um ataque, mas morrem da mesma forma.

Jeph franziu o sobrolho.

– Não teria sido assim que colocaria a questão – disse. – Mas suponho que será verdade. O Cholie...

– Era um cobarde – concluiu Arlen.

Jeph olhou-o, surpreso.

– Que te faz dizer isso? – perguntou.

– Escondeu-se na cave porque receava morrer e, depois, matou-se porque receava viver – respondeu Arlen. – Seria melhor se tivesse pegado num machado, e morresse a combater.

– Não te quero ouvir dizer tais coisas – disse Jeph. – Não se pode lutar contra demónios, Arlen. Ninguém poderá fazê-lo. Não resultará nenhum benefício de lutas sem vitória possível.

Arlen abanou a cabeça.

– São como rufias – disse. – Atacam-nos porque estamos demasiado assustados para resistir. Bati no Cobie e nos outros com aquele pau e não voltaram a

incomodar-me.

– Cobie não é um demónio da rocha – disse Jeph. – Nenhum pau conseguirá assustar os demónios.

– Tem de haver uma forma – disse Arlen. – As pessoas costumavam fazê-lo. Todas as velhas histórias o dizem.

– As histórias dizem que tinham guardas mágicas que os ajudavam no combate – recordou Jeph. – Essas guardas de combate perderam-se.

– Ragen diz que ainda lutam contra os demónios em alguns lugares. Diz que pode ser feito.

– Terei de ter uma conversa com esse Mensageiro – resmungou Jeph. – Não devia encher-te a cabeça com tais pensamentos.

– Porque não? – perguntou Arlen. – Talvez mais gente tivesse sobrevivido na noite passada se todos os homens tivessem pegado em machados e lanças e...

– Estariam igualmente mortos – concluiu Jeph. – Há outras formas de proteger a família e a nós próprios, Arlen. A sabedoria. A prudência. A humildade. Não é corajoso travar uma batalha que não poderemos vencer. Quem cuidaria das mulheres e das crianças se todos os homens fossem mortos ao tentarem matar o que não pode ser morto? – continuou. – Quem cortaria lenha e construiria as casas? Quem caçaria, guardaria os rebanhos, semearia e abateria os animais? Quem engravidaria as mulheres? Se todos os homens morressem, os nuclitas venceriam.

– Os nuclitas já vencem – murmurou Arlen. – Dizes que a povoação fica mais pequena a cada ano que passa. Os rufias não deixam de vir quando não se resiste. – Ergueu os olhos para o pai. – Não sentes? Não queres lutar por vezes?

– Claro que sim, Arlen – respondeu Jeph. – Mas não sem motivo. Quando for necessário, quando for verdadeiramente necessário, todos os homens estarão dispostos a lutar. Os animais fogem quando podem e lutam quando a isso são obrigados. As pessoas não são diferentes. Mas esse espírito deverá ser invocado apenas quando necessário. Mas, se estivesse lá fora com os nuclitas – acrescentou – ou a tua mãe, juro que lutaria como um louco para não os deixar chegar a ti. Compreendes a diferença?

Arlen acenou afirmativamente.

– Penso que sim.

– És um valente – disse Jeph, apertando-lhe o ombro.

*

Nessa noite, os sonhos de Arlen foram povoados com imagens de colinas que tocavam o céu e de charcos tão grandes que seria possível erguer uma cidade inteira sobre a superfície das águas. Viu areia amarela espalhando-se até ao horizonte e uma fortaleza escondida entre as árvores.

Mas viu tudo isto por entre o par de pernas que abanava à frente dos seus olhos. Olhou para cima e viu a sua própria face tornando-se roxa com a corda ao pescoço.

Acordou sobressaltado, com a enxerga molhada pelo suor. Ainda estava escuro, mas via-se um brilho ténue no horizonte, onde o céu violeta adquiria uma tonalidade avermelhada. Acendeu um coto de vela, vestiu-se e saiu para a sala comum. Encontrou uma côdea para roer enquanto ia buscar o cesto dos ovos e os contentores de leite, colocando-os junto à porta.

– Acordaste cedo – disse uma voz atrás dele. Voltou-se, surpreso, e viu Norine olhando-o. Marea continuava na sua enxerga, apesar de se mexer enquanto dormia.

– Os dias não se tornam mais longos enquanto dormimos – disse Arlen.

Norine concordou com um aceno.

– O meu marido costumava dizer o mesmo. “Enfardadores e lenhadores não podem trabalhar à luz de vela como os da Praça”, dizia também.

– Tenho muita coisa para fazer – disse Arlen, espreitando pela janela para ver quanto tempo faltava para poder atravessar as guardas. – O Jogral actua com o sol alto.

– Claro – concordou Norine. – Quando tinha a tua idade, o Jogral também era a coisa mais importante para mim. Ajudar-te-ei nas tuas tarefas.

– Não precisas de o fazer – disse-lhe Arlen. – O meu pai diz que precisas de descansar.

Norine abanou a cabeça.

– O descanso faz-me pensar em coisas que é melhor esquecer – disse. – Se ficarei convosco, pretendo pagar o alojamento. Depois de cortar lenha no Casal, quão difícil poderá ser alimentar porcos e plantar milho?

Arlen encolheu os ombros e passou-lhe o cesto dos ovos.

Com a ajuda de Norine, as tarefas foram completadas com rapidez. Aprendia depressa e estava habituada a trabalho árduo e a erguer cargas pesadas. Quando o cheiro a ovos com toucinho lhes chegou ao nariz, os animais estavam alimentados, os ovos recolhidos e as vacas ordenhadas.

– Pára de te mexer sobre o banco – disse Silvy a Arlen enquanto comiam.

– O jovem Arlen não consegue esperar para ver o Jogral – explicou Norine.

– Talvez amanhã – disse Jeph. A expressão de Arlen abateu.

– O quê?! – protestou. – Mas...

– Sem mas – antecipou-se Jeph. – Ficou muito trabalho por fazer ontem e prometi a Selia que passaríamos pelo Casal de tarde para ajudar.

Arlen afastou o prato e dirigiu-se com passos apressados para o quarto.

– Deixa o rapaz ir – pediu Norine, depois de ele sair. – Marea e eu ajudaremos por aqui. – Marea ergueu os olhos ao ouvir o seu nome, mas voltou a brincar com a comida no momento seguinte.

– Arlen teve um dia duro ontem – disse Silvy. Mordeu o lábio. – Todos tivemos. Permite que o Jogral lhe coloque um sorriso na face. Não haverá, certamente, nada que não possa esperar.

Jeph acenou com a cabeça por um momento.

– Arlen! – chamou. Quando o rapaz mostrou a sua cara triste, perguntou: – Quanto cobra o velho Leitão para ver o Jogral?

– Nada – respondeu Arlen, prontamente, não querendo dar ao pai motivos para recusar. – Por tê-lo ajudado a carregar as coisas da carroça do Mensageiro. – Não era exactamente verdade e era possível que o Leitão ficasse furioso por se ter esquecido de avisar as pessoas, mas talvez ainda pudesse espalhar a palavra pelo caminho e trazer gente suficiente para conseguir pagar a entrada com os seus dois créditos na venda.

– O velho Leitão sempre se finge generoso depois da passagem do Mensageiro – disse Norine.

– É bom que o faça depois da forma como nos tem roubado durante todo o Inverno – replicou Silvy.

– Muito bem, Arlen. Podes ir – disse Jeph. – Vem ter comigo ao Casal depois.

O caminho até à Praça Central levava cerca de duas horas. Era apenas um caminho de carroças em terra batida que Jeph e outros residentes mantinham limpo. Dirigia-se para a ponte no local menos profundo do ribeiro. Se fosse ágil e ligeiro, Arlen conseguiria reduzir o tempo a metade saltando sobre as pedras escorregadias que se erguiam da água.

Naquele dia, precisava do tempo adicional mais do que em qualquer outra ocasião para poder fazer paragens pelo caminho. Correu pela margem enlameada em velocidade recorde, esquivando-se a raízes e vegetação traiçoeira com os passos confiantes de alguém que percorrera aquele trajecto inúmeras vezes.

Deixou a floresta e passou pelas quintas que ladeavam o caminho, mas não viu ninguém. Estariam nos campos ou de volta ao Casal para ajudar.

Aproximava-se o sol alto quando chegou ao Charco da Pesca. Alguns pescadores tinham os barcos sobre as águas do pequeno charco, mas Arlen não viu grande utilidade em gritar-lhes. Além deles, também o Charco estava deserto.

Sentia-se abatido quando chegou à Praça Central. O Leitão poderia ter parecido mais simpático do que o costume no dia anterior, mas Arlen sabia como era quando alguém o impedia de obter lucro. Era impossível que o deixasse ver o Jogral por apenas dois créditos. Teria sorte se o lojista não o açoitasse com um ramo verde.

Mas, quando chegou à praça, viu mais de trezentas pessoas reunidas vindas de todos os lados do Ribeiro. Havia Pescadores, Pantanosos, Charnecas e Fardos. Além dos locais, Praças, Alfaiates, Moleiros, Padeiros. Ninguém viera da Vigia-Sul, claro. Os habitantes dessas paragens não viam os jograis com bons olhos.

– Arlen, meu rapaz! – chamou o Leitão, vendo-o aproximar-se. – Guardei-te um lugar à frente e levarás para casa um saco de sal! Bom trabalho!

Arlen olhou-o com curiosidade, até ver Ragen a seu lado. O Mensageiro piscou-lhe o olho.

– Obrigado – agradeceu Arlen, quando o Leitão se afastou para marcar mais uma entrada no seu livro de registo. Dasy e Catrin vendiam comida e cerveja para o espectáculo.

– As pessoas merecem um espectáculo – disse Ragen, encolhendo os ombros. – Mas não sem discussão prévia com o vosso protector, pelos vistos. – Apontou Keerin, conversando longamente com o Protector Harral.

– Não vendas esses disparates sobre a Praga ao meu rebanho! – disse Harral, espetando o dedo no peito de Keerin. Pesava o dobro do Jogral e não era por excesso de gordura.

– Disparates? – repetiu Keerin, ultrajado. – Em Miln, os protectores enforcam qualquer Jogral que não fale sobre a Praga!

– Não me importa o que fazem nas Cidades Livres – disse Harral. – Estás perante boa gente e as suas vidas são já suficientemente duras sem lhes dizeres que o sofrimento se deve ao facto de não serem suficientemente crentes!

– O que...? – começou Arlen, mas Keerin afastou-se, caminhando até ao centro da praça.

– É melhor sentarmo-nos – recomendou Ragen.

*

Tal como o Leitão prometera, Arlen sentou-se à frente, no espaço habitualmente reservado às crianças mais pequenas. Os outros olharam-no com inveja e Arlen sentiu-se muito especial. Era raro que alguém o invejasse.

O Jogral era alto, como todos os milneses, vestido com roupas compostas por pedaços de tecido de cores brilhantes que pareciam roubados do refugio de um tintureiro. Tinha uma pêra rala que lhe cobria o queixo, com a mesma tonalidade ruiva do cabelo, mas o bigode não chegava a tocar a barba e esta parecia poder ser retirada com uma valente esfregadela. Todos cochichavam, especialmente as mulheres, maravilhadas pelo cabelo garrido e olhos verdes.

Enquanto as pessoas continuavam a entrar, Keerin caminhava de um lado para o outro, fazendo malabarismo com as suas bolas de madeira colorida e contando piadas para aquecer o público. Quando o Leitão lhe fez sinal, pegou no alaúde e começou a tocar, cantando com uma voz forte e sonora. As pessoas acompanhavam com palmas as canções que não conheciam, mas, sempre que interpretava alguma que fosse cantada no Ribeiro, todo o público cantava com ele, abafando-lhe a voz e não parecendo importar-se. Arlen também não se importava. Cantava de forma tão

sonora como os outros.

Depois da música, vieram os números de acrobacia e os truques de magia. Pelo caminho, Keerin ia gracejando sobre maridos, fazendo as esposas uivar de riso enquanto os homens franziam a testa, e também sobre esposas, cabendo aos maridos baterem com as mãos nas coxas perante o olhar sisudo das mulheres.

Por fim, o Jogral fez uma pausa e ergueu os braços pedindo silêncio. Instalou-se um murmúrio entre o público e os pais empurraram os filhos mais novos para a frente, querendo que ouvissem. A pequena Jessi Charneca, com apenas cinco anos, subiu para o colo de Arlen para ver melhor. Arlen dera à sua família algumas das crias de uma das cadelas de Jeph e, agora, a pequena agarrava-se a ele sempre que o via. Amparou-a enquanto Keerin iniciava *A História do Regresso*, com a voz sonora transformando-se num eco profundo que percorria a multidão.

– O mundo nem sempre foi como o vêem – disse o Jogral às crianças. – Não. Houve uma altura em que a humanidade vivia dominada pelos demónios. A esses primeiros anos chamamos Era da Ignorância. Alguém sabe porquê? – Olhou as crianças na primeira fila e várias ergueram a mão.

– Porque não havia guardas? – perguntou uma rapariga, quando Keerin a apontou com o dedo.

– Isso mesmo – disse o Jogral, dando uma cambalhota que arrancou gargalhadas aos pequenos. – A Era da Ignorância foi um tempo assustador para nós, mas não havia tantos demónios e não conseguiam matar toda a gente. Como acontece hoje, os humanos construíam o que podiam durante o dia e os demónios destruíam tudo em cada noite. Enquanto lutávamos pela sobrevivência, adaptámo-nos, aprendendo como esconder alimento e animais dos demónios e como evitá-los. – Olhou em redor, como que aterrado, e, a seguir, correu para trás de uma criança, segurando-se a ela. – Vivíamos em buracos no chão para que não conseguissem encontrar-nos.

– Como os coelhinhos? – perguntou Jessi, rindo.

– Tal e qual! – disse Keerin, colocando um dedo atrás de cada orelha e saltando enquanto torcia o nariz. – Vivíamos como podíamos – continuou – até descobrirmos a escrita. Daí em diante, não tardou até aprendermos que algumas letras conseguiam manter os nuclitas à distância. Que escrita é essa? – perguntou, colocando a mão em concha junto a uma orelha.

– As guardas! – gritaram todos em uníssono.

– Correcto! – O Jogral cumprimentou-os com um salto. – Com as guardas, passámos a poder proteger-nos dos nuclitas e praticámos com elas, tornando-nos cada vez melhores. Mais e mais guardas foram descobertas, até que alguém aprendeu uma que fazia mais do que manter os demónios à distância. Magoava-os. – As crianças sustiveram a respiração de forma audível e Arlen, apesar de ouvir as mesmas palavras quase todos os anos desde que se lembrava, deu consigo também a

suspende o fôlego. O que não daria para conhecer tal guarda! – Os demónios não gostaram deste avanço – disse Keerin, com um sorriso. – Estavam habituados a ver-nos correr em busca de esconderijo e, quando nos voltámos para lutar, deram-nos luta. Luta intensa. Assim começou a Primeira Guerra Demoníaca e a segunda era, a Era do Libertador. O Libertador foi um homem invocado pelo Criador para liderar os nossos exércitos e, sob a sua liderança, vencemos! – Lançou o punho ao ar e as crianças deliraram. Era contagiante e Arlen fez cócegas a Jessi com deleite. – Enquanto a nossa magia e as nossas tácticas melhoravam – disse Keerin –, os humanos começaram a viver mais tempo e os nossos números cresceram. Havia esperança de que os nuclitas poderiam ser vencidos de uma vez por todas. – O Jogral fez uma pausa e a sua face foi dominada por uma expressão séria. – Depois – disse –, sem aviso, os demónios deixaram de vir. Nunca na história do mundo existira uma noite passada sem os nuclitas. Passou-se noite após noite sem sinal deles e isto intrigou-nos. – Coçou a cabeça, fingindo confusão. – Muitos acreditaram que as perdas dos demónios na guerra tinham sido tão grandes que eles teriam desistido da luta, refugiando-se, amedrontados, no Núcleo. – Afastou-se das crianças, silvando como um gato e tremendo como se sentisse medo. Algumas das crianças entraram no jogo, rugindo-lhe de forma ameaçadora. – O Libertador – disse Keerin –, que vira os demónios lutar sem qualquer receio todas as noites, ficou desconfiado, mas, enquanto os meses passavam sem sinal das criaturas, os seus exércitos começaram a fragmentar-se. A humanidade alegrou-se com a vitória sobre os nuclitas durante anos – prosseguiu o Jogral. Pegou no alaúde e tocou uma melodia alegre, mas a melodia depressa se tornou sombria e a voz do Jogral mais grave. – Mas, enquanto os anos passavam sem o inimigo comum, a irmandade dos homens foi perdendo força e acabou por desaparecer. Pela primeira vez, lutámos uns contra os outros. Enquanto a guerra durava, o Libertador foi chamado por todas as facções para as liderar, mas gritou: «Não lutarei contra homens enquanto permanecer um único demónio no Núcleo!» Voltou costas e deixou a terra enquanto os exércitos avançavam e o mundo foi dominado pelo caos. Destas grandes guerras ergueram-se nações poderosas – disse, transformando a melodia em algo épico – e a humanidade espalhou-se sobre grandes distâncias, cobrindo todo o mundo. A Era do Libertador chegou ao fim e iniciou-se a Era da Ciência. Esta era – explicou o Jogral – foi o nosso tempo mais grandioso, mas, encerrado na grandiosidade, ocultava-se o nosso maior erro. Alguém sabe dizer-me qual foi? – As crianças mais velhas sabiam, mas Keerin fez-lhes sinal para se conterem e deixarem os mais novos responder.

– Esquecemos a magia – disse Gim Lenhador, limpando o nariz com as costas da mão.

– Estás certo! – disse Keerin, estalando os dedos. – Aprendemos muita coisa sobre o funcionamento do mundo, sobre medicina e maquinaria, mas esquecemos a

magia e, pior ainda, esquecemos os nuclitas. Após três mil anos, ninguém acreditava que alguma vez tivessem existido. E foi por isso – disse, num tom sinistro – que não estávamos preparados para o seu regresso. Os demónios tinham-se multiplicado ao longo de séculos enquanto o mundo os esquecia. Então, há trezentos anos, ergueram-se do Núcleo em grande número, certa noite, para recuperarem o mundo que lhe pertencera. Cidades inteiras foram destruídas nessa primeira noite, enquanto os nuclitas celebravam o seu regresso. Os homens resistiram, mas mesmo as maiores armas da Era da Ciência constituíam fraca defesa contra os demónios. A Era da Ciência chegou ao fim e iniciou-se a Era da Destruição. Começou a Segunda Guerra Demoníaca.

Na sua mente, Arlen viu essa noite, viu as cidades incendiadas com as populações fugindo aterrorizadas, apenas para serem chacinadas pelos nuclitas que as esperavam. Viu homens sacrificarem-se para ganharem tempo que permitisse a fuga das famílias, viu mulheres suportarem golpes de garra destinados aos seus filhos. Mais do que qualquer outra coisa, viu os nuclitas dançando, rejubilando num frenesim selvagem, com o sangue a escorrer-lhes de dentes e garras.

Keerin seguiu em frente enquanto as crianças se encolhiam, assustadas.

– A guerra durou anos e muita gente morreu. Sem o Libertador para as liderar, as pessoas não eram obstáculo à marcha dos nuclitas. De um dia para o outro, as grandes nações caíram e o conhecimento acumulado da Era da Ciência ardeu, enquanto os demónios da chama dançavam. Os sábios procuraram desesperadamente respostas nos destroços das bibliotecas. A velha ciência não podia ajudá-los, mas encontraram salvação, por fim, em histórias que antes consideravam fantasia e superstição. Os homens começaram a desenhar símbolos toscos na terra, impedindo a aproximação dos nuclitas. As velhas guardas mantinham intacto o seu poder, mas as mãos trémulas que as traçavam cometiam erros frequentes e pagavam por eles um preço elevado. Os que sobreviveram reuniram as gentes, protegendo-as durante as longas noites. Esses homens tornaram-se os primeiros Guardadores, que nos protegem até aos nossos dias. – O Jogral apontou o público. – Por isso, da próxima vez que virem um Guardador, agradeçam-lhe. Porque lhe devem a vida.

Era uma variação da história que Arlen nunca ouvira. Guardadores? No Ribeiro de Tibbet, todos aprendiam a traçar guardas assim que tinham idade suficiente para conseguir desenhar com um pau. Muitos tinham pouco talento para o fazer, mas Arlen não conseguia imaginar que alguém não se desse ao trabalho de aprender as defesas básicas contra demónios da chama, rocha, pântano, água, vento e madeira.

– Agora, mantemo-nos seguros dentro das nossas guardas – disse Keerin – deixando os demónios deleitarem-se no exterior. Os Mensageiros – apontou Ragen –, os homens mais valentes entre todos, viajam de cidade em cidade por nós, trazendo notícias e escoltando outros homens e mercadorias. – Caminhou em redor,

retribuindo com intensidade os olhares assustados das crianças. – Mas somos fortes – disse. – Não somos?

As crianças acenaram afirmativamente, mas o medo continuava presente nos seus olhos.

– O quê? – perguntou, erguendo uma mão junto ao ouvido.

– Sim! – gritou o público.

– Quando o Libertador regressar, estaremos prontos? – perguntou. – Os demónios aprenderão a temer-nos novamente?

– Sim! – rugiu a multidão.

– Eles não conseguem ouvir-vos! – berrou o Jogral.

– Sim! – gritou o público, com punhos lançados ao ar. Arlen era o mais entusiasmado. Jessi imitou-o, com os punhos erguidos e guinchando como se fosse ela própria um demónio. O Jogral curvou-se numa vénia e, quando o público serenou, ergueu o alaúde e interpretou nova canção.

*

Como lhe fora prometido, Arlen deixou a Praça Central com um saco de sal. O suficiente para durar semanas, mesmo tendo de alimentar Norine e Marea. Não tinha sido moído, mas Arlen sabia que os pais se ocupariam da tarefa com agrado, em vez de pagar ao Leitão pelo serviço. Quase todos o fariam, mas o velho Leitão nunca lhes dava alternativa, mandando moer o sal mal chegava para poder aumentar o preço.

Arlen caminhava com passadas largas pela estrada que conduzia ao Casal. Foi só quando passou pela árvore em que Cholie se enforcara que a sua alegria desapareceu. Pensou novamente no que dissera Ragen sobre a luta contra os nuclitas e no que dissera o seu pai sobre a prudência.

Achou que o pai teria razão. Procurar esconderijo enquanto fosse possível e lutar quando se tornasse necessário. Até Ragen parecia concordar com essa filosofia. Mas Arlen não conseguia libertar-se da percepção de que procurar esconderijo também magoava as pessoas. De formas que não conseguiam ver.

Reuniu-se com o pai no Casal e foi premiado com uma palmada nas costas quando lhe mostrou a sua recompensa. Passou o resto da tarde a correr de um lado para o outro, ajudando nos trabalhos de reconstrução. Outra casa fora reparada e estaria guardada até ao cair da noite. Algumas semanas depois, o Casal estaria integralmente reconstruído e isso interessaria a todos, se quisessem lenha suficiente para suportar o Inverno.

– Prometi a Selia que ficaria aqui para ajudar durante os próximos dias – disse Jeph, enquanto carregavam a carroça nessa tarde. – Serás o homem da quinta na minha ausência. Terás de verificar os postes de guarda e manter os campos livres de

ervas daninhas. Vi-te ensinar as tuas tarefas a Norine esta manhã. Pode ocupar-se do pátio e Marea pode ajudar a tua mãe dentro de casa.

– Está bem – disse Arlen. Cuidar dos campos e verificar os postes era trabalho árduo, mas a confiança nele depositada fazia-o sentir-se orgulhoso.

– Conto contigo – disse-lhe Jeph.

– Não te desiludirei – prometeu Arlen.

*

Os dias seguintes passaram-se com poucos acontecimentos. Silvy continuava a chorar por vezes, mas havia trabalho a fazer e nunca se queixou das bocas adicionais a alimentar. Norine dedicou-se com naturalidade a cuidar dos animais e até Marea começou a sair um pouco da concha, ajudando com as limpezas e com a comida e trabalhando ao tear depois da ceia. Em breve, alternava com Norine no trabalho do pátio. As duas mulheres pareciam determinadas a partilhar o seu fardo, apesar de as suas faces se mostrarem doridas e melancólicas sempre que havia uma pausa nas tarefas.

Arlen ganhou bolhas nas mãos com o trabalho nos campos e as costas e ombros doíam-lhe ao fim de cada dia, mas não se queixou. A única das suas novas responsabilidades que lhe agradava era verificar os postes de guarda. Sempre gostara de lidar com guardas, aplicando os símbolos defensivos básicos antes de a maioria das crianças começar a aprendê-los, passando a guardas mais complexas pouco depois. Jeph já nem verificava o seu trabalho. O filho tinha a mão mais segura do que o pai. Traçar guardas não era o mesmo que atacar um demónio com uma lança, mas era também uma forma de luta.

Jeph chegava ao anoitecer todos os dias e Silvy tinha água do poço preparada para ele se lavar. Arlen ajudava Norine e Marea a fechar os animais e, depois, ceavam.

No quinto dia, levantou-se um vento ao fim da tarde que formou remoinhos de pó no quintal e fez bater uma das portas do celeiro. Arlen sentia o cheiro da chuva próxima e o céu escurecido comprovava-o. Esperou que também Jeph percebesse os sinais e voltasse mais cedo ou passasse a noite no Casal. Nuvens escuras significavam o anoitecer antecipado e, quando isso sucedia, os nuclitas podiam erguer-se antes de o sol se ocultar por completo.

Arlen deixou os campos e começou a ajudar as mulheres a conduzir os animais de volta ao celeiro. Silvy também estava fora de casa, prendendo a porta do celeiro e certificando-se de que os postes de guarda em redor das cercas estavam firmes. Restava pouco tempo quando a carroça de Jeph se tornou visível. O céu escurecia rapidamente e já não havia sol directo. Os nuclitas poderiam erguer-se a qualquer momento.

– Não há tempo para desaparecer a carroça – gritou Jeph, fazendo estalar o chicote para conduzir Missy até ao celeiro com maior rapidez. – Fá-lo-emos de manhã. Todos para dentro, já! – Silvy e as outras mulheres obedeceram, recolhendo ao interior da casa.

– Podemos fazê-lo se nos apressarmos – bradou Arlen sobre o rugido do vento, enquanto corria atrás do pai. Missy ficaria maldisposta durante dias se passasse a noite aparelhada.

Jeph abanou a cabeça.

– Já está demasiado escuro! Uma noite aparelhada não a matará.

– Então tranca-me no celeiro – disse Arlen. – Posso desaparecerá-la e espero com os animais que passe a tempestade.

– Faz o que te mando, Arlen! – berrou Jeph. Saltou da carroça e segurou o rapaz pelo braço, quase o arrastando para fora do celeiro.

Os dois fecharam as portas e aplicaram a tranca quando um relâmpago cortou os céus. As guardas pintadas nas portas do celeiro foram iluminadas por um momento, como recordação do que viria. Pairava no ar um prenúncio de chuva.

Correram para casa, procurando no caminho à sua frente a névoa que anunciaria a chegada de um nuclita. O caminho permanecia desimpedido. Marea manteve a porta aberta e correram para dentro quando as primeiras grossas gotas de chuva atingiram o pó do pátio.

Marea fechava a porta quando se ouviu um uivo no pátio. Todos ficaram imóveis.

– O cão! – gritou Marea, cobrindo a boca. – Deixei-o preso à cerca!

– Deixa-o – disse Jeph. – Fecha a porta.

– O quê? – gritou Arlen, incrédulo. Fitou o pai com um esgar de incompreensão.

– O caminho ainda está livre! – exclamou Marea, antes de sair.

– Marea, não! – gritou Silvy, correndo atrás dela.

Também Arlen correu para a porta, mas Jeph segurou-o pelos ombros e puxou-o para trás.

– Fica aqui dentro! – ordenou, avançando para a porta.

Arlen cambaleou por um momento e correu novamente em frente. Jeph e Norine estavam sob o alpendre, mas permaneceram dentro do perímetro das guardas exteriores. Quando Arlen chegou ao alpendre, o cão passou por ele a correr para dentro de casa, arrastando a corda presa ao pescoço.

No pátio, o vento soprava, transformando as gotas de chuva em insectos que picavam. Viu Marea e a mãe correndo na sua direcção no momento em que os demónios começavam a erguer-se. Como sempre, os demónios da chama eram os primeiros, com as suas formas nebulosas projectando-se do solo. Sendo os nuclitas mais pequenos, mantinham-se sobre as quatro patas enquanto se consolidavam, quase não chegando aos cinquenta centímetros de altura nos ombros. Os olhos,

narinas e bocas brilhavam com uma luz fumegante.

– Corre, Silvy! – gritou Jeph. – Corre!

Parecia que conseguiriam, mas Marea tropeçou e caiu. Silvy voltou-se para a ajudar e, nesse momento, o primeiro nuclita solidificou-se. Arlen moveu-se em auxílio da mãe, mas Norine segurou-lhe o braço, mantendo-o onde estava.

– Não sejas estúpido – silvou a mulher.

– Levanta-te! – ordenou Silvy, puxando pelo braço de Marea.

– O meu tornozelo! – gritou Marea. – Não consigo! Vai sem mim!

– Não faço tal coisa, pela noite! – rosnou Silvy. – Jeph – chamou. – Ajuda-nos!

Os nuclitas formavam-se por todo o pátio. Jeph mantinha-se imóvel enquanto os demónios percebiam a presença das mulheres e guinchavam de prazer, lançando-se sobre elas.

– Larga-me! – gritou Arlen, pisando o pé de Norine com força. A mulher uivou de dor e Arlen conseguiu libertar o braço. Pegou na arma mais próxima que conseguiu encontrar, um balde de leite em madeira, e correu para o pátio.

– Arlen, não! – berrou Jeph. Mas Arlen não pretendia dar-lhe ouvidos.

Um demónio da chama, do tamanho de um gato grande, saltou sobre as costas de Silvy, fazendo-a gritar quando as suas garras lhe rasgaram a pele, reduzindo as costas do vestido a farrapos ensanguentados. Empoleirado, o nuclita cuspiu fogo sobre a face de Marea. A mulher guinchou enquanto a sua pele derretia e o cabelo se incendiava.

Arlen chegou no instante seguinte, girando o balde com toda a sua força. Partiu-se com o impacto, mas o demónio foi arrancado às costas da mãe. Esta cambaleou, mas Arlen estava presente para a amparar. Mais demónios da chama aproximaram-se no momento em que os demónios do vento começavam a esticar as asas e a doze metros de distância do local onde um demónio da rocha começava a formar-se.

Silvy gemeu, mas conseguiu pôr-se de pé. Arlen afastou-a de Marea e dos seus gritos agonizantes, mas o caminho de regresso até à casa estava bloqueado por demónios da chama. O demónio da rocha também os viu e carregou. Alguns demónios do vento que se preparavam para levantar voo atravessavam-se no caminho da enorme besta e as suas garras varreram-nos com a facilidade com que uma foice corta pés de milho. Rebolaram pelo ar e os demónios da chama lançaram-se sobre eles, desfazendo-os em pedaços.

Foi apenas uma distração momentânea, mas Arlen aproveitou-a, puxando a mãe em direcção à casa. O celeiro estava trancado, mas o caminho para a cerca diurna dos animais continuava desimpedido caso conseguissem manter-se afastados dos nuclitas. Silvy gritava de medo ou dor, Arlen não sabia ao certo, mas continuava a andar, conseguindo acompanhar o passo do filho mesmo com as saias largas.

Quando Arlen desatou a correr, os demónios da chama fizeram o mesmo,

rodeando-os quase por completo. A chuva começou a cair com maior intensidade e o vento uivava. Um relâmpago rasgou o céu, iluminando os seus perseguidores e a cerca diurna, tão próximo e, no entanto, tão longínqua.

A terra do pátio ensopava-se com a chuva crescente, mas o medo conferia-lhes agilidade e não perderam o equilíbrio. As passadas do demónio da rocha eram sonoras como um trovão quando carregou, aproximando-se cada vez mais e fazendo o chão estremecer.

Arlen parou junto à cerca e colocou as mãos sobre o trinco. Os demónios da chama alcançaram-nos nesse fragmento de segundo, preparando-se para usar a sua arma mais mortífera. Cuspiram chamas, Arlen e a mãe foram atingidos. Os efeitos foram minorados pela distância, mas, mesmo assim, Arlen sentiu as roupas incendiarem-se e cheirou-lhe a cabelo queimado. Sentiu dor, mas ignorou-a, conseguindo finalmente abrir a porta. Puxava a mãe para dentro quando outro demónio saltou sobre ela, cravando as garras no seu peito. Com um safanão, Arlen puxou a mãe para dentro da cerca. Quando passaram pelas guardas, Silvy deslizou facilmente para dentro, mas a magia cintilou e o nuclita foi projectado para trás. As garras cravadas libertaram-se da sua pele com um jorro de sangue e carne.

As roupas que vestiam continuavam em chamas. Rodeando Silvy com os braços, lançou-a ao chão consigo, suportando a maior parte do impacto e rebolando na lama até extinguir as chamas.

Era impossível fechar a porta. Os demónios rodeavam o estábulo, lançando-se sobre a barreira das guardas, lançando faíscas de magia ao longo das protecções. Mas a porta não importava realmente. Nem a cerca. Desde que os postes de guarda permanecessem intactos, estavam a salvo dos nuclitas.

Mas nada os protegia do clima. A chuva tornou-se um jorro frio, massacrando-os com lençóis de água contínuos. Silvy não conseguia voltar a erguer-se depois da queda. Estava coberta de sangue e lama e Arlen não sabia se sobreviveria aos ferimentos e à chuva.

Arlen cambaleou até ao comedouro e pontapeou-o, dispersando os restos do jantar dos porcos sobre a lama. Via o demónio da rocha lançando-se sobre a barreira, mas a magia resistiu e ele não conseguiu passar. Entre relâmpagos e os jorros de chama demoníaca, conseguiu ver Marea, sepultada sob um enxame de demónios da chama, cada um arrancando um pedaço do corpo e saltitando para longe para se regozijar.

O demónio da rocha desistiu pouco depois, correndo e segurando Marea pela perna com uma mão colossal da mesma forma que um homem cruel seguraria um gato. Os demónios da chama dispersaram quando o demónio da rocha fez girar a mulher no ar. Ouviu-se um gemido prolongado e Arlen sentiu-se horrorizado ao perceber que continuava viva. Gritou e ponderou tentar correr para fora da barreira de guardas para a salvar, mas o demónio fê-la embater contra o solo com um

estrondo medonho.

Arlen afastou os olhos, com lágrimas lavadas pela chuva, antes que a criatura começasse a comer. Arrastando o comedouro até Silvy, arrancou o forro à sua saia e deixou-o ensopar-se de chuva. Limpou a lama dos seus cortes tão bem quanto conseguia e cobriu-os com pedaços de forro. A limpeza não era perfeita, mas melhor do que continuar coberta com lama de uma pocilga.

Tremia e deitou-se junto a ela para a aquecer, puxando o comedouro fedorento sobre eles como abrigo da chuva e da visão dos demónios ávidos.

Houve novo relâmpago enquanto baixava a madeira. A última coisa que viu foi o pai, que continuava imóvel no alpendre.

“Se estivesse lá fora... ou a tua mãe...” Arlen recordou as suas palavras. Mas, apesar das promessas feitas, parecia ser impossível levar Jeph Fardos a lutar.

*

A noite passou com uma lentidão insuportável. Não havia esperança de sono. As gotas de chuva marcavam um ritmo contínuo sobre o comedouro, salpicando-os com os restos de lavagem que se prendiam ao interior. A lama sobre a qual se deitavam era fria e cheirava a estrume de porco. Silvy tremia no seu delírio e Arlen abraçou-a com força, oferecendo-lhe o pouco calor que conseguia gerar. Sentia as mãos e os pés dormentes.

O desespero tomou-o e chorou contra o ombro da mãe. Mas ela gemeu e tocou-lhe na mão e, esse gesto simples e instintivo, libertou-o do terror, da desilusão e da dor.

Lutara contra um demónio e sobrevivera. Erguera-se num pátio cheio deles e sobrevivera. Os nuclitas podiam ser imortais, mas poderiam ser superados. Era possível escapar-lhes.

E, como o demónio da rocha lhe mostrara quando varrera os outros nuclitas do seu caminho, podiam ser feridos.

Mas que diferença faria num mundo em que homens como Jeph não os enfrentavam, nem para salvar as próprias famílias? Que esperança poderia ter qualquer um deles?

Olhou a escuridão em redor durante horas, mas, na sua mente, via a face do pai, olhando-o da segurança das guardas.

*

A chuva abrandou antes do nascer do sol. Arlen aproveitou a melhoria no tempo para erguer o comedouro, mas logo se arrependeu quando o calor acumulado sob a madeira se dispersou. Voltou a baixá-lo, mas foi espreitando até o céu clarear.

A maioria dos nuclitas tinha desaparecido quando se tornou suficientemente claro para ver, mas alguns ficaram para trás depois do sol passar de púrpura a violeta.

Ergueu novamente o comedouro e pôs-se de pé, esfregando em vão a imundície que o cobria.

Sentia o braço hirto e doía-lhe quando o dobrava. Olhando para baixo, viu a pele escarlate onde o fogo o atingira. “A noite passada na lama teve um efeito positivo”, pensou, sabendo que as suas queimaduras e as da sua mãe estariam muito piores se não tivessem estado cobertas com lama fria durante toda a noite.

Quando os últimos demónios da chama que restavam no pátio começaram a tornar-se insubstanciais, Arlen atravessou a cerca, dirigindo-se para o celeiro.

– Arlen, não! – O grito vinha do alpendre. Ergueu o olhar e viu Jeph embrulhado num cobertor, vigiando da segurança das guardas do alpendre. – O sol ainda não se ergueu completamente! Espera!

Arlen ignorou-o, caminhando até ao celeiro e abrindo as portas. Missy parecia profundamente infeliz, ainda aparelhada à carroça, mas chegaria à Praça Central.

Uma mão segurou-lhe o braço quando conduziu a égua para fora.

– Queres que te matem?! – quis saber Jeph. – Ouve o que te digo, rapaz!

Arlen afastou-lhe o braço, recusando olhar o pai nos olhos.

– A mãe precisa de ser levada até à Coline Trigg – disse-lhe.

– Está viva? – perguntou Jeph, incrédulo, voltando a cabeça para o local onde a mulher permanecia deitada na lama.

– Não o deve a ti – disse Arlen. – Levo-a à Praça Central.

– Levamo-la – corrigiu Jeph, correndo para erguer a mulher e levando-a até à carroça. Deixando Norine a cuidar dos animais e a procurar os restos da pobre Marea, desceram pela estrada que conduzia à povoação.

Silvy estava banhada em suor e, não sendo as suas queimaduras mais graves do que as de Arlen, os rasgões profundos deixados pelas garras do demónio da chama continuavam a sangrar e a carne adquiria uma terrível tonalidade vermelha.

– Arlen, eu... – tentou dizer Jeph pelo caminho, estendendo uma mão trémula para o filho. Arlen afastou-se, olhando para longe e Jeph recolheu a mão, como se a tivesse queimado.

Arlen sabia que o pai sentia vergonha. Era tal como Ragen dissera. Talvez Jeph se odiasse, como Cholie se odiara. Mesmo assim, não conseguia mostrar-se compreensivo. A sua mãe pagara o preço da cobardia do pai.

Percorreram o resto do caminho em silêncio.

A casa de dois pisos de Coline Trigg, na Praça Central, era um dos maiores edifícios do Ribeiro e estava repleta de camas. Além da família, que residia no piso superior, Coline tinha sempre pelo menos uma pessoa nas camas para doentes no piso térreo.

Era uma mulher baixa com nariz grande e sem queixo. Não chegara ainda aos trinta anos e seis filhos tinham-na feito engordar no meio do corpo. As suas roupas

cheiravam sempre a ervas queimadas e as suas curas costumavam envolver algum tipo de chá de sabor medonho. A gente do Ribeiro de Tibbet gracejava com o chá, mas todos o bebiam com gratidão quando eram assolados pelo tremor.

A Herbanária olhou para Silvy e pediu a Arlen e ao pai que a levassem para dentro. Não fez perguntas e ainda bem porque nem Arlen nem Jeph saberiam o que responder se as tivesse feito. Enquanto cortava cada ferida, espremendo pus castanho, o ar enchia-se com um fedor putrefacto. Limpou as feridas drenadas com água e ervas rasteiras e coseu-as. Jeph ficou verde e levou a mão à boca de repente.

– Para fora daqui! – bradou Coline, apontando a porta com o dedo. Enquanto Jeph saía, Coline olhou Arlen.

– Tu também? – perguntou. Arlen abanou a cabeça. Coline fitou-o por um momento e acenou afirmativamente. – És mais corajoso do que o teu pai – disse. – Vai buscar o almofariz e o pilão. Ensinar-te-ei a preparar um bálsamo para as queimaduras.

Sem nunca desviar os olhos do que fazia, Coline guiava Arlen pelos infindáveis frascos e caixas da sua farmácia, indicando-lhe a localização de cada ingrediente e explicando como deveria misturá-los. Continuou a sua tarefa tremenda enquanto Arlen aplicava o bálsamo nas queimaduras da mãe.

Por fim, quando as queimaduras de Silvy estavam tratadas, voltou-se para inspeccionar Arlen. Começou por protestar, mas o bálsamo cumpriu a sua função e só quando a frescura se espalhou pelos braços percebeu como lhe tinham doído as queimaduras.

– Ficará bem? – perguntou Arlen, olhando a mãe. Parecia respirar normalmente, mas a carne em redor das feridas tinha uma coloração desagradável e o fedor a putrefacção continuava presente no ar.

– Não sei – disse Coline. – Não era mulher de rodeios. – Nunca vi ninguém com ferimentos tão severos. Normalmente, se os nuclitas se aproximam tanto...

– Matam – disse Jeph da porta. – Teriam matado Silvy se não fosse Arlen. – Entrou, mantendo os olhos baixos. – O meu filho ensinou-me uma lição na noite passada, Coline – continuou. – Ensinou-me que o medo é um inimigo maior do que os nuclitas. – Pousou as mãos nos ombros do filho e olhou-o nos olhos. – Não tornarei a desiludir-te – prometeu.

Arlen acenou com a cabeça e olhou para longe. Queria acreditar, mas os seus pensamentos regressavam à imagem do pai no alpendre, petrificado com o medo.

Jeph aproximou-se de Silvy, segurando-lhe a mão suada. Continuava a transpirar e, ocasionalmente, agitava-se no seu sono narcótico.

– Morrerá? – perguntou Jeph.

A Herbanária suspirou.

– Tenho algum talento para remendar ossos – disse. – E para fazer nascer

crianças. Consigo curar uma febre e vencer um tremor. Consigo também limpar uma ferida de demônio, se for recente. – Abanou a cabeça. – Mas isto é a febre demoníaca. Dei-lhe ervas que reduzirão a dor e a ajudarão a dormir, mas precisarão de uma Herbanária melhor do que eu para a curar.

– Quem poderá ser? – perguntou Jeph. – O Ribeiro só te tem a ti.

– A mulher que me ensinou – disse Coline. – A velha Mey Friman. Vive nos arredores do Pasto Soalheiro, a dois dias de viagem. Se alguém puder curá-la, será ela, mas é melhor que se apressem. A febre vai espalhar-se rapidamente e, se levarem demasiado tempo, nem a velha Mey conseguirá ajudar.

– Como poderemos encontrá-la? – quis saber Jeph.

– Será impossível que se percam – respondeu Coline. – Só há uma estrada. Não virem na bifurcação onde atravessa a floresta ou passarão semanas na estrada para Miln. O Mensageiro partiu para o Pasto há algumas horas, mas tinha paragens a fazer pelo Ribeiro. Apressem-se e conseguirão alcançá-lo. Os Mensageiros levam guardas próprias consigo. Se o alcançarem, poderão viajar até escurecer, em vez de parar para procurar abrigo. Com ele, conseguirão fazer a viagem em metade do tempo.

– Encontrá-lo-emos – garantiu Jeph. – Custe o que custar. – A sua voz assumiu um tom determinado e Arlen teve esperança.

*

Arlen sentiu uma estranha melancolia ao ver o Ribeiro de Tibbet afastar-se. Pela primeira vez, distanciar-se-ia mais de um dia de casa. Veria outra povoação! Uma semana antes, tal aventura teria sido o seu maior sonho. Mas, naquele momento, apenas desejava que as coisas voltassem ao que eram.

Quando a quinta era segura.

Quando a sua mãe estava bem.

Quando não sabia que o seu pai era um cobarde.

Coline prometera enviar um dos seus rapazes à quinta para avisar Norine de que passariam uma semana fora ou mais e também para ajudar a cuidar dos animais e a verificar as guardas durante a sua ausência. Os vizinhos ajudariam, mas a perda de Norine era demasiado recente para conseguir suportar as noites sozinha.

A Herbanária deu-lhes também um mapa tosco, cuidadosamente enrolado e enfiado dentro de um canudo protector em couro. O papel era uma raridade no Ribeiro e não era cedido de bom grado. Arlen sentia-se fascinado pelo mapa e estudou-o durante horas, mesmo que não conseguisse ler as poucas palavras que nomeavam os lugares. Nem Arlen, nem o pai, conheciam as letras.

O mapa mostrava a estrada para o Pasto Soalheiro e o que havia pelo caminho, mas as distâncias eram vagas. Existiam quintas marcadas onde poderiam pedir abrigo, mas não tinham forma de saber a que distância se encontravam.

A sua mãe dormia profundamente, ensopada em suor. Por vezes, falava ou gritava, mas as palavras faziam pouco sentido. Arlen limpou-a com um pano molhado e deu-lhe a beber o chá amargo que a Herbanária o ensinara a preparar, mas sem grande efeito.

À tarde, aproximaram-se da casa de Harl Curtidor, um camponês que vivia nos arredores do Ribeiro. A quinta de Harl ficava apenas um par de horas além do Casal da Floresta, mas, quando Arlen e o pai lá chegaram a tarde ia a meio.

Arlen recordava-se de ver Harl e as três filhas no festival de solstício de Verão a cada ano, apesar de terem deixado de aparecer depois de os nuclitas terem levado a esposa de Harl, dois verões atrás. Harl tornara-se recluso e as suas filhas também. Nem a tragédia no Casal conseguira fazê-los sair.

Três quartos dos campos do Curtidor estavam enegrecidos e queimados. Apenas os campos mais próximos da casa eram guardados e semeados. Uma vaca leiteira magra mastigava no pátio lamacento e a cabra presa junto à capoeira tinha as costelas visíveis.

A casa dos Curtidores tinha um único piso de pedras empilhadas, unidas com uma amálgama de lama e barro. As pedras maiores tinham sido pintadas com guardas esbatidas. Arlen achou-as toscas, mas pareciam ter durado até àquele momento. O telhado era irregular, com postes de guarda curtos espreitando por debaixo do colmo apodrecido. Um dos lados da casa estava unido a um pequeno celeiro, com janelas tapadas por tábuas e a porta pendendo das dobradiças. Do outro lado do pátio ficava o celeiro maior que tinha um aspecto ainda mais deplorável. As guardas poderiam resistir, mas o edifício parecia prestes a desabar.

– É a primeira vez que vejo a casa de Harl – disse Jeph.

– Eu também – mentiu Arlen. Poucas pessoas além dos Mensageiros tinham motivo para seguir pela estrada que passava pelo Casal da Floresta e os que viviam nessa direcção eram motivo de grande especulação na Praça Central. Arlen esgueirara-se para ver a quinta do Curtidor Louco mais do que uma vez. Era o máximo que se distanciara de casa. Regressar antes do anoitecer exigira horas a correr tão depressa quanto podia.

Uma vez, alguns meses antes, quase não conseguiu. Tentara vislumbrar a filha mais velha de Harl, Ilain. Os outros rapazes diziam que tinha os maiores peitos do Ribeiro e queria vê-los com os seus olhos. Esperou e viu-a sair de casa a chorar. Era bela na sua tristeza e Arlen quis aproximar-se para a confortar, mesmo que fosse oito verões mais velha do que ele. Não tivera coragem, mas observara-a durante demasiado tempo e quase pagou um preço elevado quando o sol começou a pôr-se.

Um cão de aspecto miserável ladrou quando se aproximaram da quinta e uma jovem saiu para o alpendre, olhando-os com tristeza.

– Podemos passar a noite aqui – disse Jeph.

– Ainda faltam horas até ao anoitecer – tornou Arlen, abanando a cabeça. – Se não alcançarmos Ragen até ao fim do dia, o mapa diz que há outra quinta próxima da bifurcação que conduz às Cidades Livres.

Jeph olhou o mapa sobre o ombro de Arlen.

– É um caminho longo – disse.

– A mãe não pode esperar – disse Arlen. – Não chegaremos ao destino hoje, mas cada hora ganha é uma hora em que nos aproximamos da sua cura.

Jeph olhou Silvy, banhada em suor, e ergueu os olhos para o sol, acenando com a cabeça. Lançaram um cumprimento à rapariga no alpendre, mas não pararam.

Cobriram uma grande distância nas horas seguintes, mas não encontraram sinal do Mensageiro ou de outra quinta. Jeph olhou a tonalidade alaranjada do céu.

– Ficarà escuro em menos de duas horas – disse. – Temos de voltar para trás. Se nos apressarmos, conseguiremos chegar a casa do Harl a tempo.

– A quinta seguinte pode ficar além da próxima curva – contestou Arlen. – Encontrá-la-emos.

– Não temos forma de saber – disse Jeph, cuspiendo para fora da carroça. – O mapa não é claro. Voltamos enquanto ainda podemos e sem discussões.

Arlen arregalou os olhos, não conseguindo acreditar.

– Perderemos meio dia assim. E também a noite. A mãe pode morrer durante esse tempo! – gritou.

Jeph olhou a esposa, suando sob os cobertores, a respiração laboriosa. Tristemente, olhou as sombras que se alongavam e conteve um arrepio.

– Se formos apanhados depois de escurecer – disse, baixando a voz –, morreremos todos.

Arlen começou a abanar a cabeça antes que o pai terminasse a frase, recusando-se a aceitar.

– Podemos... – vacilou. – Podemos traçar guardas na terra – disse, por fim. – Em redor da carroça.

– E se a brisa soprar e as apagar? – perguntou-lhe o pai. – Que faremos então?

– A quinta pode ficar além da próxima colina! – insistiu Arlen.

– Ou poderá ficar a trinta quilómetros de distância – replicou o pai. – Ou pode ter ardido há um ano. Quem sabe o que pode ter acontecido desde que o mapa foi desenhado?

– Dizes que a mãe não merece que corramos o risco? – acusou Arlen.

– Não me digas o que merece a tua mãe! – gritou o pai, quase fazendo cair o rapaz. – Amei-a toda a minha vida! Conheço-a melhor do que tu! Mas não vou arriscar a vida dos três! Sobreviverá à noite. Tem de sobreviver!

Com aquilo, puxou as rédeas com força, parando a carroça e fazendo-a voltar-se. Fez estalar as rédeas contra os flancos de Missy, fazendo-a apressar-se pela estrada

abaixo. Assustado pela escuridão crescente, o animal respondeu com passadas frenéticas.

Arlen voltou-se para olhar Silvy, engolindo a raiva. Viu o corpo da mãe saltar quando as rodas passavam sobre pedras e valas, não reagindo à viagem acidentada. Independentemente do que pensasse o pai, Arlen sabia que as hipóteses de sobrevivência da mãe tinham sido reduzidas a metade.

*

O sol quase se pusera quando alcançaram a quinta isolada. Jeph e Missy pareciam partilhar o mesmo pânico aterrado e a pressa de ambos provava-o. Arlen saltou para as traseiras da carroça para tentar impedir que a mãe fosse lançada ao chão pelos solavancos. Abraçou-a, suportando por ela muitas das pancadas.

Mas nem todas. Sentia os pontos cuidadosos de Coline a ceder, as feridas a abrir novamente. Se a febre demoníaca não a levasse, era possível que fosse vitimada pelo trajecto.

Jeph fez chegar a carroça até ao alpendre, gritando:

– Harl! Procuramos abrigo!

A porta abriu-se quase de imediato, antes mesmo que conseguissem descer da carroça. Um homem vestindo roupas de trabalho gastas saiu, segurando uma longa forquilha. Harl era magro e com aspecto duro e seco. Ilain seguiu-o. A mulher jovem e robusta segurava uma grande pá de metal. Da última vez que Arlen a vira, chorara, assustada, mas não havia agora qualquer terror nos seus olhos. Ignorou as sombras crescentes quando se aproximou da carroça.

Harl acenou com a cabeça enquanto Jeph fazia descer Silvy da carroça.

– Leva-a para dentro – ordenou e Jeph apressou-se a obedecer, suspirando de alívio ao passar além das guardas.

– Abre a porta do celeiro grande! – ordenou Harl a Ilain. – A carroça não caberá no pequeno. – Ilain segurou as saias e correu. O homem voltou-se para Arlen. – Leva a carroça para o celeiro, rapaz! Rápido!

Arlen assim fez.

– Não há tempo para a desaparelhar – disse o fazendeiro. – Terá de ficar assim. – Era a segunda noite seguida. Arlen pensou se Missy voltaria a ser desaparelhada.

Harl e Ilain fecharam rapidamente a porta do celeiro e verificaram as guardas.

– Por que esperas? – bradou o homem a Arlen. – Corre para casa! Não tardam a chegar!

Mal acabara de pronunciar as palavras quando os demónios começaram a erguer-se. Correram os três em direcção à casa enquanto braços magros com garras e cabeças adornadas com chifres pareciam crescer do chão.

Viraram para a esquerda e para a direita, esquivando-se à morte nascente, com

agilidade e rapidez conferidas pela adrenalina e pelo medo. Os primeiros nuclitas a solidificarem-se, um grupo de ágeis demónios da chama, iniciaram a perseguição, ganhando terreno. Enquanto Arlen e Ilain corriam, Harl voltou-se e lançou a forquilha à névoa.

Atingiu o demónio mais adiantado em cheio no peito, projectando-o contra os companheiros, mas até a pele de um pequeno demónio da chama era demasiado rija para ser perfurada pela forquilha. A criatura segurou a forquilha nas garras e cuspiu chamas sobre ela, incendiando a madeira e lançando-a para o lado.

Mas, apesar de o nuclita não ter ficado ferido, o lançamento conseguiu atrasá-los. Os demónios correram, mas Harl saltou para o alpendre. Os nuclitas pararam abruptamente, embatendo contra a linha de guardas que os deteve como se tivessem embatido contra uma parede de tijolo. Enquanto a magia cintilava intensamente e os projectava para o pátio, Harl correu para dentro de casa. Bateu com a porta e trancou-a, encostando-se a ela.

– Louvado seja o Criador – exclamou em voz baixa, pálido, ofegante.

*

O ar no interior da casa de Harl era denso e quente, cheirando a lama e dejectos. As esteiras de palha no chão absorviam parte da água que se infiltrava pelo colmo, mas ocupavam-se dessa tarefa há demasiado tempo. Dois cães e vários gatos partilhavam a casa, forçando os humanos a ter cuidado com os passos. Uma panela de pedra estava pendurada sobre a lareira, acrescentando à mistura odorífera o aroma acre de um guisado em perpétua cozedura, sendo acrescentado quando o volume baixava. Uma cortina de pedaços de pano cosidos a um canto conferia alguma privacidade à latrina.

Arlen esforçou-se por refazer as ligaduras de Silvy e, a seguir, Ilain e a irmã, Beni, deitaram-na no seu quarto enquanto a filha mais nova de Harl, Renna, colocava mais duas malgas de madeira estalada sobre a mesa para Arlen e o pai.

Havia apenas três divisões, um quarto partilhado pelas raparigas, outro para Harl e a sala comum onde cozinhavam, comiam e trabalhavam. Uma cortina esfarrapada dividia o espaço, separando as áreas destinadas a cozinhar e a comer. Uma porta guardada na sala comum conduzia ao celeiro pequeno.

– Renna, leva Arlen e verifiquem as guardas enquanto os homens falam e eu preparo a ceia – disse Ilain.

Renna respondeu com um aceno afirmativo, pegando em Arlen pela mão e puxando-o consigo. Tinha quase dez anos, perto dos onze de Arlen, e era bonita por baixo das manchas de terra na face. Vestia roupas simples, gastas e cuidadosamente remendadas e o seu cabelo castanho estava preso com um pedaço esfarrapado de tecido, apesar de muitas madeixas se terem libertado e caírem em redor da face

redonda.

– Esta está apagada – disse a rapariga, apontando uma guarda num parapeito. – Um dos gatos deve tê-la pisado. – Pegando num pedaço de carvão, traçou cuidadosamente a linha onde tinha sido interrompida.

– Isso não serve de nada – disse Arlen. – As linhas deixam de ser contínuas. Isso enfraquece a guarda. Deverias traçá-la novamente.

– Não me é permitido traçar uma guarda nova – murmurou Renna. – Devo avisar o meu pai ou Ilain se encontrar uma que não consiga reparar.

– Eu posso fazê-lo – disse Arlen, pegando no pedaço de carvão. Limpou cuidadosamente a velha guarda e desenhou uma nova, movendo o braço com rapidez e confiança. Dando um passo atrás depois de terminar, olhou a janela e, prontamente, substituiu também outras.

Enquanto trabalhava, Harl viu-os e começou a erguer-se nervosamente, mas um gesto e algumas palavras de confiança de Jeph fizeram-no tornar a sentar-se.

Arlen admirou o seu trabalho durante um momento.

– Nem mesmo um demónio da rocha conseguirá passar isto – disse, orgulhoso. Voltou-se e viu que Renna o olhava. – O que foi? – perguntou.

– Estás mais alto do que recordava – disse a rapariga, baixando os olhos e sorrindo, tímida.

– Já passaram alguns anos – replicou Arlen, não sabendo que outra coisa poderia dizer. Quando terminaram a ronda, Harl chamou a filha. Conversaram os dois em voz baixa e Arlen apanhou-a a olhá-lo uma ou duas vezes, mas não conseguiu ouvir o que foi dito.

A ceia foi um guisado duro de cherivias e milho com uma carne que Arlen não conseguiu identificar. Foi o suficiente para encher o estômago. Enquanto comiam, contaram a sua história.

– Quem me dera que tivessem vindo logo até nós – disse Harl quando terminaram. – Vamos muitas vezes a casa de Mey Friman. É mais perto do que ir até Trigg na Praça Central. Se levaram duas horas de estalos de chicote para chegar até nós, não tardariam a alcançar a quinta de Mack Pasto. A velha Mey vive uma hora mais além. Nunca lhe agradou viver na povoação. Chegando bem o chicote à égua, talvez lá chegassem antes da noite.

Arlen bateu com a colher na mesa. Todos os olhos em redor se voltaram para ele, mas não notou, tão concentrado estava no pai.

Jeph não conseguiu suportar o olhar por muito tempo. Baixou a cabeça.

– Não havia forma de saber – disse, miseravelmente. Ilain tocou-lhe no ombro.

– Não te culpes por seres cauteloso – disse. Fixou Arlen, com uma reprimenda no olhar. – Compreenderás quando fores mais velho – disse-lhe.

Arlen ergueu-se bruscamente e afastou-se da mesa. Passou além da cortina e

encolheu-se junto a uma janela, observando os demónios por uma nesga nas portadas. Uma e outra vez, tentavam ultrapassar as guardas e falhavam, mas Arlen não se sentia protegido pela magia. Sentia-se aprisionado por ela.

*

– Vão brincar com Arlen para o celeiro – ordenou Harl às filhas mais novas quando terminaram de comer. – Ilain levará as malgas. Deixem conversar os mais velhos.

Beni e Renna ergueram-se ao mesmo tempo, saltitando para além da cortina. Arlen não sentia qualquer vontade de brincar, mas as raparigas não lhe permitiram expressá-lo, puxando-o e levando-o pela porta que conduzia ao celeiro.

Beni acendeu uma lanterna estalada, iluminando o espaço com um brilho baço. Harl tinha duas vacas velhas, quatro cabras, uma porca com oito leitões e seis galinhas. Todos os animais eram magros e ossudos. Mal alimentados. Até na porca se viam as costelas. As provisões armazenadas não pareciam chegar para alimentar Harl e as raparigas.

O próprio celeiro não apresentava melhor condição. Metade das portadas estava partida e a palha no chão apodrecera. As cabras tinham aberto um buraco na sua cerca com os dentes e roubavam feno às vacas. Lama, lavagem e fezes fundiam-se numa única substância calcada pelos porcos.

Renna arrastou Arlen até cada divisória.

– O pai não gosta que se dêem nomes aos animais – confessou. – Por isso, fazemo-lo em segredo. Esta é a Cascuda. – Apontou uma vaca. – O leite que dá é amargo, mas o pai diz que não há problema. Ao lado, está a Ranzinza. Dá coices, mas só se a ordenharmos com demasiada força ou demasiado tarde. As cabras são...

– Arlen não quer saber dos animais – disse Beni, censurando a irmã. Segurou-o pelo braço e puxou-o para longe. Beni era mais alta e mais velha do que a irmã, mas Arlen achou Renna mais bonita. Subiram ao sótão, sentando-se sobre o feno limpo.

– Vamos jogar ao abrigo – disse Beni. Retirou uma pequena bolsa de cabedal do bolso, fazendo rolar quatro dados de madeira sobre o piso. Estavam pintados com símbolos: chama, rocha, água, vento, madeira e guarda. Havia várias formas de jogar, mas a maioria das regras concordava que era preciso conseguir três guardas antes de obter quatro de qualquer um dos outros símbolos.

Jogaram durante algum tempo. Renna e Beni tinham regras próprias e Arlen suspeitou de que muitas teriam sido inventadas para lhes permitir ganhar.

– Duas guardas três vezes seguidas contam como três guardas – anunciou Beni, depois de conseguir precisamente esse resultado. – Ganhámos. – Arlen discordou, mas não via grande utilidade em discutir. – Por termos ganho, precisas de fazer o que dissermos – declarou Beni.

– Não preciso não – discordou Arlen.
– Precisas sim! – insistiu Beni. Novamente, Arlen sentiu que a discussão seria inútil.

– Que tenho de fazer? – perguntou, desconfiado.
– Obriga-o a jogar aos beijos! – determinou Renna.

Beni aplicou-lhe uma palmada na cabeça.

– Eu sei, burra!

– Aos beijos? O que é isso? – perguntou Arlen, receando já conhecer a resposta.

– Verás – disse Beni. As duas raparigas riram-se. – É um jogo de crescidos. O pai joga com a Ilain às vezes. Brinca-se ao casamento.

– Como? Dizendo os votos? – perguntou Arlen, receoso.

– Não, burro. Assim – respondeu Beni. Rodeou-lhe os ombros com os braços e encostou os lábios aos seus.

Arlen nunca antes beijara uma rapariga. Ela abriu a boca na sua direcção e, por isso, imitou-a. Os dentes bateram e ambos se afastaram.

– Au! – exclamou Arlen.

– Fizeste-o com demasiada força, Beni – censurou Renna. – É a minha vez.

E, de facto, o beijo de Renna foi mais suave. Arlen achou-o bastante agradável. Como estar perto de uma fogueira com tempo frio.

– Pronto – disse Renna, quando afastaram os lábios. – É assim que se faz.

– Teremos de partilhar a cama esta noite – disse Beni. – Podemos praticar mais tarde.

– Lamento que tenham de ceder a vossa cama à minha mãe – disse Arlen.

– Não faz mal – tornou Renna. – Costumávamos partilhar a cama todas as noites até a mãe morrer. Mas agora Ilain dorme com o pai.

– Porquê? – perguntou Arlen.

– Não devemos falar sobre isso – disse Beni a Renna.

Renna ignorou-a, mas manteve a voz baixa.

– Ilain diz que, agora que a mãe partiu, o pai lhe disse que é seu dever mantê-lo feliz como uma esposa deveria.

– Cozinhando, cosendo e fazendo coisas parecidas? – perguntou Arlen.

– Não. É um jogo. Como o jogo dos beijos – explicou Beni. – Mas é preciso um rapaz para jogar. – Puxou-lhe as calças. – Se nos mostrares a tua coisa, ensinamos-te.

– Não vos mostro nada! – disse Arlen, recuando.

– Porque não? – perguntou Renna. – A Beni ensinou o Lucik Charneca e agora ele quer jogar a toda a hora.

– O nosso pai e o pai de Lucik dizem que estamos prometidos – gabou-se Beni. – Por isso, não faz mal. Como vais ser prometido à Renna, devias mostrar-lhe a tua. –

Renna mordeu o dedo e olhou para longe, mas observou Arlen pelo canto do olho.

– Não é verdade! – disse Arlen. – Não serei prometido a ninguém!

– Que pensas tu que os mais velhos discutem lá dentro, burro? – perguntou Beni.

– Não é isso – exclamou Arlen.

– Vai ver! – desafiou Beni.

Arlen olhou as duas raparigas, desceu pela escada e esgueirou-se tão silenciosamente como pôde para o interior da casa. Ouvia vozes além da cortina e aproximou-se ainda mais.

– Quis Lucik de imediato – dizia Harl –, mas Fernan quer-o para mais uma temporada de trabalho. Sem ajuda na quinta, é difícil mantermos as barrigas cheias, sobretudo desde que as galinhas deixaram de pôr e desde que o leite de uma das vacas azedou.

– Levamos Renna quando regressarmos da Mey – disse Jeph.

– Vais dizer-lhe que está prometido? – perguntou Harl. Arlen susteve a respiração.

– Não tenho motivos para não o fazer – respondeu Jeph. Harl grunhiu.

– Penso que deves esperar até amanhã – disse. – Quando estiverem sozinhos na estrada. Por vezes, os rapazes fazem uma cena quando lhes é dito. Pode magoar os sentimentos da rapariga.

– Talvez estejas certo – considerou Jeph. Arlen quis gritar.

– Sei que estou – disse Harl. – Confia num homem com filhas. Qualquer ninharia as incomoda. Não é, Lainie? – Ouviu-se uma palmada e Ilain gritou. – Mas, mesmo assim – continuou Harl –, é impossível fazer-lhes alguma coisa que umas horas de choro não curem.

Seguiu-se um longo silêncio e Arlen começou a recuar em direcção à porta do celeiro.

– Vou-me deitar – grunhiu Harl. Arlen estacou. – Já que Silvy passa a noite na tua cama, Lainie – continuou –, podes dormir comigo depois de limpares as malgas e de deitares as pequenas.

Arlen escondeu-se atrás de uma mesa de trabalho e aí permaneceu enquanto Harl se aliviava na latrina, dirigindo-se em seguida para o quarto, fechando a porta. Arlen estava prestes a regressar ao celeiro quando Ilain falou.

– Também quero ir – disse, quando a porta se fechou. –

O quê? – perguntou Jeph.

Arlen conseguia ver os seus pés por baixo da cortina do ponto onde se agachava. Ilain contornou a mesa e sentou-se junto a Jeph.

– Levem-me convosco – repetiu Ilain. – Por favor. Beni ficará bem quando Lucik chegar. Preciso de me ir embora.

– Porquê? – perguntou Jeph. – Terão certamente comida para três.

– Não é isso – disse Ilain. – Não importa o motivo. Posso dizer ao meu pai que vou trabalhar para os campos quando vierem buscar Renna. Desço a estrada e encontro-me convosco aí. Quando perceber que me fui, estaremos a uma noite de distância. Nunca nos seguirá.

– Não teria tanta certeza – disse Jeph.

– A vossa quinta fica muito longe desta – implorou Ilain. Arlen viu-a pousar a mão sobre o joelho de Jeph. – Posso trabalhar – prometeu. – Ganharei o meu sustento.

– Não te posso roubar ao Harl – disse Jeph. – Não tenho desavenças com ele e não pretendo começar uma.

– O velho faz-te pensar que durmo com ele por causa de Silvy – explicou, em tom de desprezo e mantendo a voz baixa. – A verdade é que me levanta a mão se não me deitar com ele todas as noites depois de Renna e Beni adormecerem.

Jeph permaneceu em silêncio durante longo tempo.

– Compreendo – disse, por fim. Cerrou os dedos num punho e fez tenção de se erguer.

– Não, por favor – pediu Ilain. – Não sabes como é. Matar-te-ia.

– E devo permitir tal coisa? – perguntou Jeph. Arlen não compreendeu o motivo do desagrado. Que problema haveria no facto de Ilain partilhar o quarto de Harl?

Viu-a aproximar-se mais do seu pai.

– Precisarás de alguém para cuidar de Silvy – sussurrou. – E, se não resistir... – inclinou-se mais e a sua mão encontrou o colo de Jeph da mesma forma que Beni fizera com Arlen. – Poderia ser eu a tua mulher. Encher-te-ia a quinta de crianças – prometeu. Jeph gemeu.

Arlen sentiu-se agoniado e irritado em simultâneo. Engoliu em seco, sentindo um sabor amargo na boca. Queria berrar o plano dos dois para que Harl pudesse ouvi-lo. O homem enfrentara um nuclita pela filha, algo que Jeph nunca faria. Imaginou Harl a esmurrar o seu pai. A imagem não era desagradável.

Jeph hesitou e afastou Ilain.

– Não – disse. – Levaremos Silvy à Herbanária amanhã e ela ficará bem.

– Leva-me, mesmo assim – suplicou Ilain, caindo de joelhos.

– Vou... pensar no assunto – replicou o pai de Arlen. Nesse momento, Beni e Renna regressaram do celeiro. Arlen pôs-se rapidamente de pé, fingindo ter entrado com elas enquanto Ilain se erguia, apressada. Sentiu que o momento de os confrontar passara.

Depois de deitar as irmãs e de trazer um par de cobertores sujos para Arlen e Jeph na sala principal, Ilain inspirou fundo e dirigiu-se para o quarto do pai. Pouco depois, Arlen ouviu Harl gemendo baixo e ocasionais gritos abafados de Ilain. Fingindo não ouvir, olhou Jeph, vendo-o morder o punho.

*

Arlen acordou antes de o sol nascer na manhã seguinte enquanto os restantes ocupantes da casa dormiam. Momentos antes da aurora, abriu a porta, olhando impacientemente os nuclitas que restavam, vendo-os silvar e mostrar-lhe as garras do outro lado das guardas. Quando o último demónio no pátio se transformou numa forma nebulosa, saiu da casa e dirigiu-se ao celeiro maior, dando água a Missy e aos cavalos de Harl. A égua estava irritada e tentou mordê-lo.

– É só mais um dia – disse-lhe Arlen enquanto tentava aplicar-lhe o saco da ração.

O pai ainda roncava quando regressou à casa e bateu na ombreira da porta do quarto partilhado por Renna e Beni. Beni afastou a cortina e, de imediato, Arlen notou a expressão preocupada na face das irmãs.

– Não acorda – exclamou Renna, ajoelhada junto à mãe de Arlen. – Sei que queriam partir quando nascesse o sol, mas, quando a abanei... – Indicou a cama, com lágrimas nos olhos. – Está tão pálida.

Arlen correu para junto da sua mãe, segurando-lhe a mão. Tinha os dedos frios e húmidos, mas a testa ardia ao toque. A respiração era irregular e pairava sobre ela o fedor putrefacto da febre demoníaca. As ligaduras estavam ensopadas com pus amarelado.

– Pai! – gritou Arlen. Um momento depois, Jeph surgiu, seguido por Ilain e Harl.

– Não temos tempo a perder – disse Jeph.

– Leva um dos meus cavalos contigo – disse Harl. – Troca-os quando se cansarem. Acelera e deverão chegar a casa da Mey esta tarde.

– Ficar-te-emos devedores – disse Jeph, mas Harl retirou importância ao facto com um gesto.

– Apressem-se – disse. – Ilain embrulhará algo para comerem pelo caminho.

Renna segurou o braço de Arlen enquanto este se voltava.

– Estamos prometidos – sussurrou. – Esperar-te-ei no alpendre no fim de cada dia até regressares. – Beijou-o na face. Os seus lábios eram macios e sentiu-os muito depois de se ter afastado.

*

A carroça estremecia e saltava enquanto percorriam a estrada de terra, parando apenas uma vez para trocar os cavalos. Arlen olhou a comida que Ilain embrulhara como se fosse veneno. Jeph comeu-a avidamente.

Enquanto Arlen mordiscava o pão cheio de grãos duros e o queijo malcheiroso, começou a pensar que talvez tudo não passasse de um mal-entendido. Talvez não tivesse ouvido realmente nada daquilo. Talvez Jeph não tivesse hesitado ao rejeitar os avanços de Ilain.

Era uma ilusão tentadora, mas Jeph dissipou-a no momento seguinte.

– Que te parece a filha mais nova de Harl? – perguntou. – Passaste algum tempo com ela. – Arlen sentiu-se como se o pai acabasse de o esmurrar no estômago.

– Renna? – perguntou, fingindo não perceber. – Acho que é simpática. Porquê?

– Conversei com Harl – disse o pai. – Virá viver connosco quando regressarmos à quinta.

– Porquê? – quis saber Arlen.

– Para cuidar da tua mãe, para ajudar nos trabalhos e... por outros motivos.

– Que outros motivos? – insistiu.

– O Harl e eu queremos ver se te entenderás com ela – disse Jeph.

– E se não me entender? – perguntou Arlen. – E se não quiser uma rapariga a seguir-me durante todo o dia e a pedir-me para jogar aos beijos com ela?

– Um dia – explicou Jeph –, poderás não te importar tanto de jogar aos beijos.

– Então deixa-a vir – disse Arlen, encolhendo os ombros e fingindo não perceber onde o pai queria chegar. – Porque está Harl tão interessado em livrar-se dela?

– Viste o estado da quinta. Mal conseguem alimentar-se – disse Jeph. – Harl ama muito as filhas e deseja-lhes o melhor. E o melhor será que casem enquanto ainda são jovens para terem filhos que o ajudem e netos que conheça antes de morrer. Ilain já é mais velha do que a maioria das raparigas quando se casam. Lucik Charneca irá ajudá-los na quinta no início do Outono. Esperam que se dê bem com Beni.

– Suponho que Lucik também não teve escolha – resmungou Arlen.

– Está feliz por ir. E sabe a sorte que tem! – disse o pai de Arlen, elevando a voz e perdendo a paciência. – Terás de aprender algumas lições duras sobre a vida, Arlen. Há muito mais rapazes do que raparigas no Ribeiro e não podemos perder tempo com tolices. Todos os anos, perdemos mais gente por culpa da imbecilidade, da doença e dos nuclitas. Se não houver crianças a nascer, o Ribeiro de Tibbet vai desaparecer como desapareceram uma centena de outras povoações! Não poderemos permitir que tal coisa aconteça!

Sabiamente, Arlen não disse nada, percebendo como o pai estava irritado.

Uma hora mais tarde, Silvy começou a gritar. Voltaram-se e viram que se tentava erguer na carroça, com as mãos sobre o peito, respirando com golfadas sonoras e assustadoras. Arlen saltou para as traseiras da carroça e ela segurou-o com mãos surpreendentemente fortes, tossindo e cobrindo-lhe a camisa com muco espesso. Os seus olhos inchados e vermelhos fitavam-no de forma selvática, mas não o reconhecia. Arlen gritou enquanto a mãe se debatia, segurando-a com a firmeza possível.

Jeph parou a carroça e, juntos, forçaram-na a deitar-se. Continuou a debater-se, gritando com voz rouca. Depois, como Cholie, estremeceu uma última vez e ficou imóvel.

Jeph olhou a sua mulher e, a seguir, lançou a cabeça para trás e gritou. Arlen quase mordeu o lábio, tentando conter as lágrimas, mas acabou por não conseguir. Choraram juntos sobre o seu corpo.

Quando o soluçar se acalmou, Arlen olhou em redor, com olhos vazios. Tentou focá-los, mas o mundo parecia perder a solidez, como se não fosse real.

– Que fazemos agora? – perguntou, por fim.

– Voltamos para trás – disse-lhe o pai e as palavras cortaram-no como uma lâmina. – Levamo-la para casa e queimamo-la. Tentamos seguir em frente. A quinta e os animais precisam de cuidado e, mesmo com a ajuda de Renna e Norine, esperam-nos tempos difíceis.

– Renna? – perguntou Arlen, incrédulo. – Levá-la-emos connosco? Mesmo depois do que aconteceu?

– A vida continua, Arlen – disse o pai. – És quase um homem. E um homem precisa de uma mulher.

– Encontraste uma mulher para cada um de nós? – interpelou Arlen.

– O quê? – replicou Jeph.

– Ouvi-te falar com Ilain ontem à noite! – berrou Arlen. – Já tens outra mulher escolhida! Que te importa a mãe? Já tens alguém para cuidar da tua coisa! Pelo menos, até a matarem também a ela, porque és demasiado covarde para a ajudar!

O pai bateu-lhe. Uma palmada forte na cara que ecoou pelo ar matinal. A sua fúria amainou de imediato e estendeu a mão para o filho.

– Arlen, lamento...! – exclamou, mas o rapaz afastou-se e saltou da carroça.

– Arlen! – gritou Jeph, mas o rapaz ignorou-o, correndo tão depressa quanto conseguia em direcção à floresta que ladeava a estrada.

TRÊS
UMA NOITE SOZINHO
319 DR

Arlen correu pela floresta tão rapidamente quanto as pernas o levavam, descrevendo curvas repentinas e escolhendo a nova direcção ao acaso. Queria certificar-se de que o pai não conseguiria segui-lo, mas, à medida que os chamamentos de Jeph se iam tornando cada vez mais distantes, percebeu que não o seguia.

“Porque deveria dar-se ao trabalho?” pensou. “Sabe que tenho de regressar antes do anoitecer. Para onde poderei ir?”

“Para qualquer sítio.” A resposta chegou-lhe sem pensar, mas soube no seu coração que era verdade.

Não podia regressar à quinta e fingir que tudo estava bem. Não podia ver Ilain ocupar o leito da sua mãe. Até a bela Renna, cujos beijos eram tão suaves, acabaria apenas por lhe recordar o que perdera e porquê.

Mas para onde iria? O pai estava certo numa coisa. Não poderia fugir para sempre. Teria de encontrar abrigo antes do anoitecer ou aquela noite seria a sua última.

Regressar ao Ribeiro de Tibbet não era uma opção. Quem o abrigasse acabaria por arrastá-lo pela orelha para casa no dia seguinte e a fuga chegaria ao fim sem qualquer resultado.

Iria para o Pasto Soalheiro. A não ser que o Leitão pagasse para levarem mercadoria, quase ninguém do Ribeiro lá ia, excepto os Mensageiros.

Coline dissera que Ragen se dirigia para o Pasto Soalheiro antes de regressar às Cidades Livres. Arlen gostava de Ragen, o único adulto que conhecera que não o tratara como inferior. O Mensageiro e Keerin levavam um dia de avanço e viajavam a cavalo, mas, apressando-se, talvez conseguisse alcançá-los a tempo de implorar transporte para as Cidades Livres.

Ainda tinha o mapa de Coline pendurado ao pescoço. Mostrava a estrada para o Pasto Soalheiro e as quintas pelo caminho. Até mesmo no meio da floresta, estava certo quanto à localização do norte.

Ao meio-dia, encontrou a estrada ou a estrada encontrou-o a ele, vendo-a cortar a floresta à sua frente. Devia ter perdido o sentido de orientação caminhando entre as árvores.

Andou durante algumas horas, mas não viu qualquer sinal de uma quinta ou da casa da velha Herbanária. Olhando o sol, a sua preocupação aumentou. Se caminhasse para norte, o sol estaria à sua esquerda, mas não estava. Estava à sua frente.

Parou e olhou o mapa, confirmando o seu receio. Não estava na estrada para o

Pasto Soalheiro. Estava na estrada para as Cidades Livres. Pior ainda, depois de a estrada se destacar daquela que conduzia ao Pasto Soalheiro, terminava no limite direito do mapa.

A ideia de voltar para trás desagradava-lhe, sobretudo sem forma de saber ao certo se conseguiria abrigo a tempo. Deu um passo atrás, na direcção contrária.

“Não,” decidiu. “Voltar para trás seria a decisão do meu pai. Aconteça o que acontecer, sigo em frente.”

Recomeçou a caminhada, deixando o Ribeiro de Tibbet e o Pasto Soalheiro para trás. Cada passo era mais leve e fácil do que o anterior.

Caminhou durante horas, através das árvores até chegar a um prado. Campos amplos e luxuriantes, intocados por arado ou por gado. Subiu uma colina, inspirando profundamente o ar fresco e limpo. Viu um grande rochedo erguendo-se do chão e subiu-o, olhando o mundo amplo que sempre se mantivera longe do seu alcance. Não havia sinais de uma casa onde pudesse procurar abrigo. Receava o aproximar da noite, mas era um sentimento distante, como saber que envelheceria e acabaria por morrer.

Quando a tarde começou a ceder lugar ao anoitecer, Arlen começou a procurar locais onde poderia defender-se. Um amontoado de árvores era promissor. Havia erva entre os troncos e podia traçar guardas no solo, mas um demónio da madeira poderia subir a uma árvore, caindo-lhe no círculo guardado.

Havia uma pequena colina de pedra sem erva, mas, quando chegou ao alto, o vento era forte e receou que pudesse apagar as guardas, tornando-as inúteis.

Por fim, chegou a um local que demónios da chama tinham incendiado pouco antes. Botões novos ainda não tinham despontado sobre a cinza e, escavando com o pé, encontrou solo duro por baixo. Limpou a cinza de uma área ampla e iniciou o círculo de guardas. Tinha pouco tempo e manteve-o pequeno, não querendo que a pressa o tornasse descuidado.

Usando um pau aguçado, desenhou os símbolos na terra, soprando cuidadosamente a terra excedentária. Trabalhou durante mais de uma hora, guarda por guarda, dando frequentes passos atrás para se assegurar de que estavam devidamente alinhadas. Como sempre, as suas mãos moviam-se com confiança e ligeireza.

Quando terminou, tinha um círculo com uns dois metros de diâmetro. Verificou as guardas três vezes, não encontrando erro. Guardou o pau no bolso e sentou-se no centro do círculo, observando o alongar das sombras e a descida do sol que coloria o céu.

Talvez morresse naquela noite. Talvez não. Dizia para si mesmo que não importava. Mas, à medida que a luz desaparecia, a sua coragem seguia pelo mesmo caminho. Sentiu o coração bater e todos os seus instintos lhe ordenavam que se

erguesse e fugisse. Mas não havia sítio para onde fugir. Estava a quilómetros do abrigo mais próximo. Estremeceu, apesar de não estar frio.

“Foi uma má ideia,” sussurrou-lhe mentalmente uma voz discreta. Afastou-a com desagrado, mas a fachada de bravura fez pouco para lhe libertar os músculos presos, enquanto os últimos raios de sol se extinguíam e a escuridão caía sobre ele.

“Aí vêm eles,” advertiu a voz amedrontada na sua cabeça quando as figuras de névoa começaram a erguer-se do solo.

A névoa condensou-se lentamente e os corpos dos demónios solidificaram ao erguer-se do chão. Arlen ergueu-se com eles, formando pequenos punhos com as mãos. Como sempre, os demónios da chama chegavam primeiro, saltitando deleitados, deixando rastos flamejantes atrás de si. Seguiram-se os demónios do vento, que imediatamente correram e abriram as asas de couro, elevando-se no ar. Por fim, vieram os demónios da rocha, erguendo com esforço do Núcleo os seus corpos pesados.

Os nuclitas viram Arlen e uivaram com deleite, avançando para o rapaz indefeso.

Um demónio do vento adiantou-se, apontando as garras curvas nas asas para lhe rasgar a garganta. Arlen gritou, mas viu formarem-se faíscas quando as garras atingiram as guardas e o ataque foi deflectido. O impulso fez deslizar o demónio pelo ar e o corpo embateu contra o escudo, sendo projectado para trás com uma explosão de energia cintilante. A criatura urrou ao embater contra o solo, mas logo se endireitou, estremecendo com a energia que lhe dançava sobre as escamas.

Seguiram-se os demónios da chama, o maior dos quais tinha o tamanho de um cão. Avançaram, guinchando, e começaram a cravar as garras no escudo. Arlen encolheu-se de cada vez que as guardas cintilavam, mas a magia aguentou-se. Quando viram que Arlen tinha tecido uma teia eficaz, cuspiram fogo sobre ele.

Mas Arlen era demasiado perspicaz para ser enganado, claro. Traçava guardas desde que tivera idade para segurar um pau de carvão e conhecia aquelas que devia usar contra jorros de fogo. As chamas foram rebatidas de forma tão eficiente como as garras. Nem sequer sentiu o calor.

Os nuclitas reuniram-se e cada clarão das guardas activadas mostrou a presença de mais e mais. Uma horda negra, ansiosa por lhe arrancar a carne dos ossos.

Mais demónios do vento caíram sobre ele e foram repelidos pelas guardas. Os demónios da chama começaram a avançar, frustrados, aceitando o ardor provocado pela magia com a esperança de conseguirem forçar uma entrada. Uma e outra vez foram repelidos. Arlen deixou de se encolher. Começou a gritar-lhes pragas, pondo o terror de parte.

O seu desafio apenas conseguiu enraivecê-los mais. Pouco habituados a serem insultados pela presa, duplicaram os esforços para penetrar as guardas, enquanto Arlen lhes acenava com os punhos e fazia gestos rudes que vira os adultos do

Ribeiro de Tibbet fazer nas costas do Leitão.

Era aquilo que receara? Era aquilo que forçava a humanidade a uma vida de terror? Aquelas criaturas patéticas e frustradas? Ridículas. Cuspiu e a saliva ferveu nas escamas de um demónio da chama, triplicando-lhe a fúria.

Nesse momento, o uivo das criaturas cessou. À luz ténue dos demónios da chama, viu as hostes demoníacas apartarem-se, abrindo caminho para um demónio da rocha que avançava para ele com passos de terramoto.

Durante toda a vida, Arlen observara nuclitas de longe, de trás de janelas e portas. Antes dos acontecimentos assustadores dos dias anteriores, nunca estivera no exterior com um demónio completamente formado e nunca tinha tentado resistir-lhes. Sabia que o seu tamanho podia variar, mas nunca apreciara realmente de que forma.

O demónio da rocha media quatro metros e meio de altura.

Era enorme.

Arlen inclinou a cabeça para cima enquanto o monstro se aproximava. Mesmo à distância, era uma massa compacta de músculos e vértices aguçados. A espessa carapaça negra estava decorada com protuberâncias ósseas e a cauda espinhosa movia-se de um lado para o outro, acompanhando o balanço dos ombros colossais. Erguia-se sobre dois pés com garras que abriam grandes sulcos no chão a cada passo trovejante. Os braços longos e torcidos terminavam em garras do tamanho de cutelos e o maxilar babado abria-se para revelar fileira após fileira de dentes semelhantes a lâminas. Uma língua negra deslizou para fora, saboreando o medo de Arlen.

Um dos demónios da chama não conseguiu sair-lhe do caminho com rapidez suficiente e o demónio da rocha golpeou-o de imediato, com as garras abrindo-lhe grandes rasgões e lançando o nuclita mais pequeno pelos ares.

Aterrorizado, Arlen deu um passo atrás e mais outro, perante a aproximação do nuclita gigantesco. Foi só no último momento que percebeu o que fazia e parou antes que recuasse para fora do círculo protector.

Recordar o círculo não lhe deu grande conforto. Duvidou que as suas guardas fossem suficientemente fortes para suportar aquele teste. Duvidou mesmo que houvesse guardas à altura.

O demónio olhou-o por um longo momento, apreciando o seu terror. Os demónios da rocha raramente se apressavam, apesar de, uma vez decididos a fazê-lo, poderem mover-se com uma velocidade surpreendente.

Quando o demónio atacou, Arlen perdeu a coragem. Gritou e lançou-se ao chão, encolhendo-se em posição fetal, cobrindo a cabeça com os braços.

A explosão resultante do embate com as guardas foi ensurdecadora. Mesmo cobrindo os olhos, Arlen conseguiu ver o súbito clarão da magia, como se a noite se tornasse dia. Ouviu o guincho de frustração do demónio e espreitou enquanto o

nuclita se voltava, fazendo embater a cauda espinhosa contra as guardas.

Novamente, a magia cintilou e outra vez as intenções da criatura foram negadas.

Arlen forçou-se a soltar o fôlego que sustinha. Observou enquanto o demónio golpeava as guardas uma e outra vez, gritando de raiva. Sentiu uma humidade quente nas coxas.

Envergonhado pela sua cobardia, Arlen ergueu-se e enfrentou o olhar do demónio. Gritou. O grito era algo primordial e profundo que rejeitava tudo o que o nuclita era e tudo o que ele representava.

Pegou numa pedra e lançou-a ao demónio.

– Para trás! Para o Núcleo a que pertences! – gritou. – Para trás e morre!

O demónio mal pareceu sentir a pedra fazer ricochete na pele couraçada, mas a sua raiva multiplicou-se enquanto golpeava as guardas, incapaz de passar. Arlen chamou-lhe todos os nomes rudes e patéticos no seu vocabulário algo limitado, passando as mãos sobre o chão à procura de tudo o que pudesse atirar.

Quando as pedras se esgotaram e começou a saltar para cima e para baixo, abanando os braços, gritando em desafio.

Depois, escorregou e pisou uma guarda.

O tempo pareceu deter-se durante o longo momento de silêncio partilhado por Arlen e pelo demónio gigantesco, apercebendo-se ambos lentamente da enormidade do que acabara de acontecer. Quando voltaram a mover-se, fizeram-no em uníssono, Arlen retirando o pau que usara para traçar guardas e mergulhando sobre a que apagara enquanto o demónio lançava sobre ele uma mão enorme e de garras afiadas.

Com pensamentos acelerados, Arlen avaliou os estragos num instante. Havia uma única linha danificada. No momento em que reparava a guarda com um traço, soube que era demasiado tarde. As garras tinham-lhe rasgado a pele.

Mas a magia actuou novamente e o demónio foi projectado para trás, gritando em agonia. Também Arlen gritou, dorido, voltando-se e afastando as garras antes de perceber o que acontecera.

Viu-o, no interior do círculo, palpitando e fumegante.

O braço do demónio.

Olhou o membro decepado em choque, voltando-se para ver o demónio rugir e debater-se, destroçando qualquer demónio suficientemente tolo que se aproximasse o suficiente. Com apenas um braço.

Olhou o membro, com o corte recto e cauterizado de onde se erguia um fumo pestilento. Aparentando mais bravura do que sentia, pegou no braço enorme e tentou projectá-lo para fora do círculo, mas as guardas formavam uma barreira nos dois sentidos. Os nuclitas não conseguiam entrar nem sair. O braço ressaltou e voltou a aterrar aos pés de Arlen.

Depois, veio a dor. Arlen tocou as feridas nas costas e os dedos ficaram cobertos

de sangue. Agoniado, com as forças a faltar-lhe, caiu de joelhos, chorando com a dor, com o receio de se mover e apagar outra guarda e chorando, acima de tudo, pela sua mãe. Compreendia agora a dor que sentira naquela noite.

Passou o resto da noite encolhido com o medo. Conseguia ouvir os demónios em redor, esperando, ansiando por um erro que lhes permitisse avançar. Mesmo que o sono tivesse sido possível, não se teria atrevido a tentá-lo, para que um movimento adormecido não concedesse aos nuclitas o seu desejo.

O amanhecer pareceu levar anos a chegar. Arlen olhou frequentemente o céu nessa noite, mas, de cada vez, viu apenas o gigantesco e mutilado demónio da rocha, cobrindo com a mão que lhe restava a ferida purulenta enquanto caminhava em redor do círculo, com o olhar repleto de ódio.

Após uma eternidade, surgiu no horizonte um indício de vermelho, seguido pelo laranja, amarelo e, depois, por um branco glorioso. Os outros nuclitas voltaram ao Núcleo antes que o amarelo tocasse o céu, mas o gigante esperou até ao último momento, expondo os dentes enquanto lhe rosnava.

Mas nem o ódio sentido pelo demónio mutilado conseguia sobrepor-se ao medo que nutria pelo sol. Enquanto as últimas sombras desapareciam, a enorme cabeça coberta de chifres afundou-se pelo solo abaixo. Arlen endireitou-se e saiu do círculo, cambaleando de dor. Tinha as costas a arder. Os ferimentos tinham parado de sangrar durante a noite, mas sentiu-os abrir mais quando se esticou.

A sensação fê-lo baixar os olhos para o braço no chão perto de si. Era como um tronco de árvore, coberto com uma casca dura e fria. Arlen ergueu o enorme membro e olhou-o de perto.

“Finalmente, um troféu”, pensou, esforçando-se por ser corajoso, mesmo que o seu sangue nas garras negras o fizesse estremecer.

Nesse momento, um raio de luz atingiu-o, à medida que o sol de erguia finalmente acima do horizonte. O braço do demónio começou a ferver e a fumar, crepitando como um tronco molhado lançado ao fogo. Em segundos, cobriu-se de chamas e Arlen deixou-o cair, assustado. Olhou, fascinado, enquanto as chamas aumentavam de intensidade com a luz do sol até não restar nada além de um pequeno resíduo carbonizado. Aproximou o pé com cautela, reduzindo-o a pó.

*

Arlen descobriu um galho que podia usar como bengala e seguiu caminho. Percebeu a sorte que tivera. E como fora estúpido. Guardas traçadas no chão não eram fiáveis. Até Ragen o dissera. Que teria feito se o vento as apagasse como o pai referira?

Criador! E se tivesse chovido?

Quantas noites conseguiria sobreviver? Não fazia ideia do que haveria além da

colina seguinte e não tinha motivo para pensar que vivesse alguém no caminho para as Cidades Livres que ficariam, certamente, a semanas de distância.

Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Limpou-as com brusquidão, rugindo em desafio. Ceder ao medo era a solução do seu pai para os problemas e Arlen sabia já que não funcionava.

– Não tenho medo – disse para si próprio. – Não tenho.

Seguiu em frente, consciente da mentira.

Perto do meio-dia, chegou a um regato que corria sobre rochas. A água era fria e límpida e baixou-se para beber. O movimento provocou-lhe pontadas dolorosas nas costas.

Não fizera nada para tratar as feridas. Não poderia cosê-las como fizera Coline. Pensou na mãe e na forma como ela, quando o filho voltava para casa com feridas, a primeira coisa que fazia era lavá-las.

Despiu a camisa, vendo o tecido que lhe cobria as costas rasgado e ensopado em sangue endurecido. Mergulhou a camisa e viu a água levar restos de terra e sangue pela corrente abaixo. Espalhou a roupa sobre as rochas para que secasse e baixou-se até à água fria.

A temperatura da água fê-lo estremecer, mas depressa acalmou a dor nas costas. Esfregou-se tão bem quanto podia, lavando delicadamente as feridas até não conseguir suportar mais. Tremendo, saiu do regato e deitou-se sobre as rochas, junto à roupa.

Acordou algum tempo depois, sobressaltado. Praguejando, viu que o sol avançara pelo céu e que o dia quase chegara ao fim. Podia avançar um pouco mais, mas sabia que o risco seria pouco ajuizado. O melhor era aproveitar o tempo que restava para trabalhar nas suas defesas.

A pouca distância do regato havia uma área de terreno húmido e conseguiu arrancar facilmente a vegetação, formando uma clareira. Calcou a terra solta, alisou-a e traçou guardas. Formou um círculo mais amplo daquela vez e, depois, após verificá-lo pela terceira vez, desenhou um segundo círculo dentro do primeiro para segurança acrescida. A terra húmida resistiria ao vento e não havia no céu indícios de chuva.

Satisfeito, escavou um buraco e reuniu ramos secos, ateando uma pequena fogueira. Sentou-se no centro do círculo interior enquanto o sol descia, fazendo por ignorar a fome. Extinguiu o fogo quando o céu se tornou violeta e depois roxo, mantendo a respiração regular para serenar o batimento cardíaco. Por fim, a luz desapareceu e os nuclitas ergueram-se.

Arlen susteve a respiração, esperando. Por fim, um demónio da chama captou-lhe o cheiro e correu para ele com um guincho. Nesse momento, o terror da noite anterior regressou e sentiu o sangue arrefecer.

Os nuclitas desconheciam a presença das guardas até embaterem contra elas. Com o primeiro clarão de magia, Arlen suspirou de alívio. Os demónios aplicaram as garras contra a barreira, mas não conseguiram passar.

Um demónio do vento, erguendo-se no alto, onde as guardas eram fracas, passou o primeiro círculo, aterrando atabalhoadamente no espaço entre os dois. Arlen esforçou-se por manter a calma, vendo-o endireitar-se.

Era bípede, com um corpo longo e fino e membros magros que terminavam em garras curvas com quinze centímetros. A parte inferior dos braços estava unida à parte exterior das pernas com uma membrana fina suportada por ossos flexíveis que se projectavam dos flancos da criatura. Pouco mais alto do que um homem adulto, as asas abertas do demónio atingiam o dobro da sua altura, fazendo-o parecer enorme no céu. Um chifre curvo projectava-se da cabeça, inclinando-se para trás e prendendo também uma membrana que formava uma crista prolongada para o dorso. O longo focinho estava decorado com fileiras de dentes de dois centímetros, parecendo amarelos ao luar.

O nuclita movia-se de forma desajeitada em terra, apesar do seu gracioso domínio do ar. Vistos de perto, os demónios do vento não conseguiam ser tão impressionantes como os seus primos. Os demónios da madeira e da rocha possuíam armaduras impenetráveis e uma força sobrenatural para usarem as garras medonhas. Os demónios da chama eram mais velozes do que qualquer homem e cuspiam fogo que incendiava qualquer coisa. Os demónios do vento... Arlen pensou que Ragen perfuraria uma das asas finas com um golpe brusco da lança, mutilando-o sem remédio.

“Noite,” pensou. “Estou certo de que também eu conseguiria fazê-lo.”

Mas não tinha uma lança e, mesmo que pouco impressionante, o nuclita continuava capaz de o matar se as guardas interiores não resistissem. Os seus músculos tornaram-se tensos enquanto o demónio se aproximava.

Moveu para ele a garra curva na extremidade da asa e Arlen estremeceu, mas a magia cintilou na barreira e o golpe foi deflectido. Após mais algumas tentativas inúteis, o nuclita tentou levantar voo novamente. Correu e abriu as asas para apanhar o vento, mas embateu contra as guardas exteriores antes de conseguir obter balanço suficiente. A magia projectou-o sobre a lama.

Arlen não conseguiu evitar rir enquanto o nuclita procurava erguer-se. As suas enormes asas arrastavam pelo chão e desequilibravam-no. Não tinha mãos que pudesse usar para se apoiar e os braços magros não conseguiam suportar o seu peso. Debateu-se em desespero por um momento antes de conseguir erguer-se.

Encurralado, tentou descolar uma e outra vez, mas o espaço entre os dois círculos não era suficientemente grande e cada tentativa resultava em fracasso. Sentindo o desespero do seu primo, os demónios da chama guincharam de gozo, saltitando em

redor do círculo para seguirem a criatura e troçarem do seu infortúnio.

Arlen sentiu uma pontada de orgulho. Cometera erros na noite anterior, mas não os repetiria. Começou a ter esperança de conseguir sobreviver para chegar às Cidades Livres.

Os demónios da chama depressa se cansaram de troçar do demónio do vento e afastaram-se, em busca de presa mais fácil, expulsando pequenos animais dos seus esconderijos com jorros de chama. Uma lebre pequena e assustada saltou para o círculo exterior de Arlen, com os seus perseguidores bloqueados pelas guardas. O demónio do vento tentou capturá-la sem sucesso, já que a lebre facilmente o evitou, atravessando o círculo pelo lado oposto, descobrindo nuclitas também aí. Voltou-se e tornou a entrar no círculo, indo novamente longe demais.

Arlen desejou haver uma forma de conseguir comunicar com a pobre criatura, fazendo-a perceber que estava segura no círculo interior, mas podia apenas observar enquanto entrava e saía da protecção das guardas.

Depois, sucedeu o impensável. Voltando a entrar no círculo, a lebre apagou uma guarda. Com um uivo, os demónios da chama enfiaram-se pela abertura em perseguição do animal. O demónio do vento solitário escapou, saltando para o ar e voando para longe.

Arlen amaldiçoou a lebre e dobrou a maldição quando a viu correr para ele. Se danificasse as guardas interiores, estariam ambos perdidos.

Com a rapidez de um rapaz do campo, Arlen estendeu-se para fora do círculo e segurou a lebre pelas orelhas. Viu-a debater-se selvaticamente, disposta a rasgar-se ao meio para fugir, mas Arlen manuseara lebres por diversas vezes nos campos do pai. Tomou-a nos braços, aninhando-a sobre o dorso, com as patas traseiras erguidas acima da cabeça. Num instante, a lebre olhava-o inexpressiva, abdicando de toda a luta.

Sentiu-se tentado a lançar a criatura aos demónios. Seria mais seguro do que arriscar deixá-la escapar e destruir outra guarda. “E porque não?” pensou. “Se a tivesse encontrado durante o dia, tê-la-ia comido.”

Mesmo assim, percebeu que não seria capaz de o fazer. Os demónios tinham já levado demasiado do mundo e de si próprio. Jurou nesse momento que não lhes daria nada voluntariamente. Nem naquele momento, nem em qualquer outro.

Nem mesmo aquilo.

Ao longo da noite, Arlen segurou a criatura aterrorizada com firmeza, acariciando a sua pelagem suave. Em redor, os demónios uivavam, mas Arlen ignorou-os, concentrando as suas atenções no animal.

A meditação funcionou durante algum tempo até um rugido o despertar. Ergueu o olhar para o gigantesco demónio da rocha com um único braço que se erguia acima dele, com a baba caindo sobre as guardas e provocando faíscas. A ferida da criatura

sarara, formando um coto tosco no cotovelo. A sua raiva parecia maior do que na noite anterior.

O nuclita martelou a barreira, ignorando o ardor provocado pela magia. Com golpes ensurdecedores, o demónio da rocha atingiu-a uma e outra vez, tentando canalizar o poder e vingar-se. Arlen apertou a lebre nos braços, arregalando os olhos. Sabia que as guardas não enfraqueceriam com golpes repetidos, mas isso não o impediu de recear que o demónio fosse suficientemente determinado para conseguir atingir o seu objectivo.

*

Quando a luz matinal baniu os demónios por mais um dia, Arlen libertou finalmente a lebre e esta fugiu de imediato. O seu estômago rugiu enquanto a via afastar-se, mas, depois do que tinham partilhado, não conseguiria ver a criatura como alimento.

Erguendo-se, cambaleou e quase caiu, sentindo-se dominar por uma onda de náusea. Os cortes nas costas eram como lanças incandescentes cravadas no corpo. Levou uma mão atrás para tocar na pele inchada e dorida e os dedos ficaram cobertos com o pus castanho e fedorento que Coline drenara das feridas de Silvy. Os cortes ardiam e sentia-se quente. Voltou a banhar-se no regato, mas o frio da água fez pouco para acalmar o calor interno.

Sabia que morreria. A velha Mey Friman, se existisse, estaria a dois dias de distância. No entanto, se tivesse a febre demoníaca, não importava. Não duraria dois dias.

Mesmo assim, não conseguia desistir. Cambaleou pela estrada, seguindo os rastros de carroça em direcção à sua origem.

Se iria morrer, que morresse mais perto das Cidades Livres do que da prisão que deixava para trás.

QUATRO
LEESHA
319 DR

Leesha passou a noite em lágrimas.

Não era invulgar, mas não fora a mãe a fazê-la chorar naquela noite. Foram os gritos. As guardas de alguém tinham falhado. Era impossível perceber a quem pertenciam, mas os gritos de horror ecoaram pela escuridão e o fumo ergueu-se nos céus. Toda a aldeia era iluminada por uma luz laranja difusa provocada pela cortina de fumo que rodeava o fogo dos nuclitas.

As gentes do Outeiro do Lenhador ainda não podiam procurar sobreviventes. Nem sequer se atreviam a combater as chamas. Não podiam fazer nada além de rezar ao Criador para o vento não espalhar o fogo. As casas do Outeiro do Lenhador eram construídas distantes umas das outras por este motivo. Mas uma brisa forte conseguia levar uma fagulha até muito longe.

Mesmo que o fogo permanecesse contido, a cinza e o fumo no ar facilmente poderiam cobrir mais guardas, permitindo aos nuclitas o acesso que desesperadamente buscavam.

Não havia nuclitas a testar as guardas em redor da casa de Leesha. Era mau sinal, sugerindo que os demónios tinham encontrado presa mais fácil na escuridão.

Indefesa e assustada, Leesha fez a única coisa ao seu alcance. Chorou. Chorou pelos mortos, pelos feridos e chorou por si própria. Numa aldeia com pouco mais de cem pessoas, não havia ninguém cuja morte não a afectasse.

Quase a cumprir treze verões, Leesha era uma rapariga excepcionalmente bonita, com cabelo negro ondulado e longo e olhos intensos de um azul pálido. Ainda não tinha florescido e, como tal, não podia casar, mas estava prometida a Gared Lenhador, o rapaz mais vistoso em toda a aldeia. Gared era dois verões mais velho, alto e musculado. As outras raparigas suspiravam quando passava, mas pertencia a Leesha e todas o sabiam. Dar-lhe-ia bebés fortes.

Se sobrevivesse à noite.

A porta do quarto abriu-se. A mãe nunca se preocupava em bater.

Na face e no corpo, Elona era muito parecida com a filha. Ainda bela aos trinta, o seu cabelo longo caía-lhe sobre os ombros orgulhosos, espesso e negro. Tinha uma silhueta curvilínea e feminina que todas invejavam. Era essa a única coisa que Leesha esperava herdar dela. Os seus seios tinham começado a formar-se há pouco e muito tempo teria de passar até se assemelharem aos da mãe.

– Chega de soluçar, sua inútil – exclamou Elona, atirando um trapo a Leesha para secar os olhos. – Chorar sozinha não te serve de nada. Chora diante de um homem, se queres levar a tua avante, mas molhar a almofada não ressuscita os mortos. – Fechou a porta, voltando a deixar Leesha sozinha com a pérfida luz laranja que se

infiltrava pelas frestas das portadas.

“Tens sentimentos?” perguntou-lhe Leesha, em pensamento.

A mãe estava certa ao dizer que as lágrimas não ressuscitariam os mortos, mas errava quando dizia que não serviam para nada. Chorar fora sempre a fuga de Leesha em momentos de dificuldade. As outras raparigas poderiam achar que a sua vida era perfeita, mas apenas porque nenhuma delas via a face que Elona mostrava à sua única filha quando estavam sozinhas. Não era segredo que Elona desejara filhos varões e que tanto Leesha como o pai tinham suportado o seu desprezo por não os ter.

Mesmo irritada, secou os olhos. Mal conseguia esperar para casar e ser levada dali por Gared. Os aldeãos construir-lhes-iam uma casa como oferta e Gared levá-la-ia em braços além das guardas, fazendo dela uma mulher enquanto todos festejavam no exterior. Teria filhos e não os trataria como a sua mãe a tratava.

*

Leesha estava vestida quando a mãe bateu à porta. Não dormira nada.

– Quero-te lá fora quando soar o sino da madrugada – disse Elona. – E não quero queixas de cansaço! Não quero que vejam esta família a atrasar-se para ajudar.

Leesha conhecia a mãe suficientemente bem para saber que «vejam» era a palavra fulcral. Elona não se preocupava em ajudar ninguém além de si própria.

O pai de Leesha, Erny, esperava à porta, sob o olhar severo de Elona. Não era um homem grande e chamar-lhe apenas magro implicaria a presença de uma força que lá não estava. Não era mais forte de vontade do que de corpo. Um homem tímido cuja voz nunca se erguia. Uma dúzia de anos mais velho do que Elona. O cabelo castanho e fino de Erny abandonara-lhe o topo da cabeça e usava óculos de aros finos que comprara anos antes a um Mensageiro. Era o único homem na aldeia com tal coisa.

Resumindo, não era o homem que Elona queria que fosse, mas havia grande procura nas Cidades Livres pelo papel de qualidade que fabricava e Elona apreciava grandemente o seu dinheiro.

Ao contrário da mãe, Leesha queria realmente ajudar os vizinhos. Correu para o fogo assim que os nuclitas partiram, antes mesmo que o sino soasse.

– Leesha! Espera-nos! – gritou Elona, mas Leesha ignorou-a. O fumo era espesso e intoxicante, mas ergueu o avental para cobrir a boca e não abrandou.

Alguns dos aldeãos estavam já reunidos no local, quando chegou. Três casas tinham ardido por completo e duas outras ardiam ainda, ameaçando incendiar as casas vizinhas. Leesha gritou ao ver que uma das casas era a de Gared.

Smitt, o proprietário da estalagem e da venda, estava presente, bradando ordens. Fora o Orador da aldeia durante tanto tempo quanto Leesha conseguia recordar. Nunca se mostrava ávido por dar ordens, preferindo deixar as pessoas solucionarem

os próprios problemas, mas todos concordavam que tinha talento para o fazer.

– ... não conseguimos tirar água do poço com a rapidez necessária – dizia Smitt quando Leesha se aproximou. – Teremos de formar uma corrente para trazer baldes do ribeiro e molhar as outras casas ou toda a aldeia poderá ficar reduzida a cinzas até ao fim do dia!

Gared e Steave aproximaram-se a correr nesse momento, exaustos e enegrecidos, mas saudáveis. Gared, de apenas quinze anos, era mais alto do que a maioria dos homens adultos da aldeia. Steave, o seu pai, era um gigante, erguendo-se muito acima de qualquer um. Leesha sentiu desfazer-se um nó no estômago assim que os viu.

Mas, antes que pudesse correr para Gared, Smitt apontou para ela.

– Gared, leva a carroça com os baldes até ao ribeiro! – Olhou os outros. – Leesha! – chamou. – Segue-o e começa a enchê-los.

Leesha correu tão rapidamente quanto podia, mas, mesmo puxando a carroça pesada, Gared conseguiu chegar primeiro ao ribeiro que fluía do Rio Angiers, quilómetros a norte. Quando parou, Leesha caiu-lhe nos braços. Pensou que vê-lo vivo dispersaria as terríveis imagens na sua cabeça, mas estas intensificaram-se. Não sabia o que faria se perdesse Gared.

– Pensei que estivesse morto – gemeu, soluçando-lhe contra o peito.

– Estou bem – murmurou ele, abraçando-a em silêncio. – Estou bem.

Prontamente, começaram os dois a descarregar a carroça, enchendo baldes para iniciar a corrente enquanto outros iam chegando. Depressa, mais de cem aldeãos formavam uma linha aprumada desde o ribeiro até às chamas, passando baldes cheios num sentido e baldes vazios no outro. Gared foi chamado para regressar ao fogo com a carroça. Os seus braços fortes eram necessários para lançar água.

A carroça não tardou a regressar, puxada pelo Protector Michel e carregada de feridos. Ver aquilo provocou sentimentos contraditórios em Leesha. Ver aldeãos amigos queimados e feridos, perturbava-a, mas uma brecha que deixava sobreviventes era rara e cada um era um dom que deveria ser agradecido ao Criador.

O sacerdote e o seu acólito, o pequeno Jona, depositaram os feridos junto ao ribeiro. Michel deixou o jovem a reconfortá-los enquanto levava a carroça para trazer mais.

Leesha afastou o olhar, concentrando-se em encher baldes. Os seus pés tornaram-se dormentes na água fria e sentiu os braços pesados como chumbo, mas entregou-se ao trabalho até um sussurro lhe captar a atenção.

– A Bruna Velha vem aí – disse alguém e Leesha ergueu a cabeça. A Herbanária anciã percorria o caminho, conduzida por Darsy, a sua aprendiz.

Ninguém sabia ao certo que idade teria a velha Bruna. Dizia-se que já era velha quando os anciãos da aldeia eram jovens. Fora ela a acompanhar o nascimento da

maior parte deles. Sobrevivera ao marido, aos filhos, aos netos não lhe restando família no mundo.

Reduzia-se a pouco mais do que a uma extensão de pele translúcida esticada sobre osso aguçado. Parcialmente cega, conseguia caminhar apenas com pequenos passos, mas os seus gritos eram ouvidos de um extremo ao outro da aldeia e manuseava a bengala com força e eficácia surpreendentes quando lhe provocavam a ira.

Leesha, como quase todos os habitantes da aldeia, sentia-se aterrorizada por ela.

A aprendiz de Bruna era uma mulher pouco atraente de vinte verões, com membros grossos e face larga. Depois de Bruna sobreviver à aprendiz anterior, várias jovens lhe tinham sido enviadas para que as treinasse. Os abusos constantes da velha tinham-na feito fugir a todas menos a Darsy.

– É feia como um touro e tão forte como um – dissera Elona certa vez a respeito de Darsy, rindo. – Que pode recear daquela velha azeda? Bruna não lhe afugentará pretendentes.

Bruna ajoelhou-se ao lado dos sobreviventes, examinando-os com mãos firmes enquanto Darsy desenrolava um pano pesado coberto com receptáculos, cada um marcado com símbolos e contendo um instrumento, um frasco, uma bolsa. Os aldeãos feridos gemiam ou gritavam enquanto trabalhava, mas Bruna ignorava-os, tocando feridas e cheirando os dedos, trabalhando tanto pelo toque e pelo olfacto como pela visão. Sem olhar, as suas mãos percorreram os receptáculos do pano, misturando ervas com o pilão, num almofariz.

Darsy ateou uma pequena fogueira e ergueu os olhos para onde Leesha se erguia no ribeiro.

– Leesha! Traz água e depressa! – bradou.

Enquanto Leesha se apressava a obedecer, Bruna ergueu-se, cheirando as ervas que misturava.

– Rapariga estúpida! – guinchou Bruna. Leesha sobressaltou-se, pensando ser o alvo do insulto, mas Bruna lançou o pilão e o almofariz a Darsy, atingindo-a com força no ombro e cobrindo-a de ervas moídas.

Bruna vasculhou no pano, retirando o conteúdo de cada receptáculo e farejando como um animal.

– Puseste estramónio onde deveria estar a raiz-porqueira e misturaste a flor-celeste com a erva-de-chão! – A velha ergueu a bengala torcida e atingiu Darsy nos ombros. – Estás a tentar matar esta gente ou continuas demasiado estúpida para conseguir ler?

Leesha vira a sua mãe em igual estado de irritação e, se Elona conseguia ser tão assustadora como um nuclita, Bruna Velha era a mãe de todos os demónios. Começou a afastar-se das duas, receando atrair atenções.

– Não suportarei este tratamento para sempre, sua bruxa malvada! – berrou Darsy.
– Então desaparece! – disse Bruna. – Mais depressa apagarei todas as guardas nesta aldeia do que te deixarei a minha bolsa de ervas quando partir! As pessoas teriam o mesmo fim!

Darsy riu-se.

– Desapareço? – repetiu. – E quem te levará os frascos e trempes, velha? Quem te acenderá o fogo e te preparará as refeições e te limpará o cuspido da cara quando a tosse te ataca? Quem te suportará o esqueleto quando o tremor e a humidade te levam as forças? Precisas mais de mim do que eu de ti!

Bruna moveu o bastão e Darsy apressou-se, expedita, a sair-lhe do caminho, tropeçando em Leesha, que dera o seu melhor para permanecer invisível. Caíram as duas ao chão.

Bruna aproveitou a oportunidade para fazer girar novamente o bastão. Leesha rebolou sobre o chão para evitar as pancadas, mas a pontaria de Bruna era perfeita. Darsy gritou de dor, cobrindo a cabeça com os braços.

– Some-te! – tornou a gritar Bruna. – Tenho gente doente a tratar!

Darsy rosnou e pôs-se de pé. Leesha receou que pudesse golpear a velha, mas, ao invés, afastou-se a correr. Bruna lançou-lhe uma torrente de pragas às costas.

Leesha susteve a respiração e manteve-se ajoelhada, recuando lentamente. Quando pensava poder escapar, Bruna reparou na sua presença.

– Tu! A fedelha da Elona! – gritou, apontando-a com o pau torcido. – Acaba de acender a fogueira e põe a minha trempe sobre ela.

Bruna voltou para os feridos e Leesha não teve outra hipótese senão fazer o que lhe fora ordenado.

Ao longo das horas seguintes, Bruna bradou ordens incessantes à rapariga, amaldiçoando a sua lentidão, enquanto Leesha se esforçava por fazer o que lhe era comandado. Foi buscar água e ferveu-a. Moeu ervas. Coseu unguentos e misturou bálsamos. Parecia-lhe que não podia chegar a meio de uma tarefa antes de a velha Herbanária lhe ordenar a seguinte e via-se forçada a trabalhar cada vez mais depressa para obedecer. Chegavam mais feridos do incêndio com queimaduras profundas, ossos partidos e desmaios. Receou que metade da aldeia fosse devorada pelas chamas.

Bruna preparou chás para adormecer a dor a alguns e drogou outros para que se deixassem cair num sono sem sonhos enquanto os cortava com instrumentos aguçados. Trabalhou sem cessar, cosendo, untando, ligando.

A tarde ia longa quando Leesha percebeu que não havia mais ferimentos a tratar e que, além disso, a corrente de baldes tinha desaparecido. Estava sozinha com Bruna e com os feridos, os mais despertos que fitavam o vazio com olhar perdido graças às ervas de Bruna.

Sentiu-se levada por uma onda de cansaço suprimido e caiu de joelhos, inspirando profundamente. Doía-lhe cada centímetro do corpo, mas, com a dor, chegava-lhe um poderoso sentido de satisfação. Alguns poderiam não ter sobrevivido, mas sobreviveriam agora e, em parte, graças aos seus esforços.

Mas tinha de admitir que a verdadeira heroína era Bruna. Ocorreu-lhe que a mulher não lhe ordenava que fizesse nada há vários minutos. Olhou-a e viu Bruna deitada por terra, com dificuldade em respirar.

– Ajudem! Ajudem! – gritou Leesha. – Bruna sente-se mal! – Conseguiu reunir forças e correu para ela, erguendo-a e fazendo-a sentar-se. Bruna Velha era assustadoramente leve e Leesha sentia pouco mais do que ossos por debaixo dos xales grossos e saias de lã.

Estremecia e escorria-lhe um estreito fio de saliva da boca, que se perdia nas rugas intermináveis da pele. Os seus olhos, negros sob uma película leitosa, fitavam selvaticamente as mãos, que não paravam de tremer.

Leesha olhou em redor, freneticamente, mas não havia ninguém por perto para ajudar. Continuando a manter Bruna erguida, segurou uma das mãos da mulher, massajando-lhe os músculos retesados.

– Bruna! – implorou. – Que faço? Por favor! Não sei como posso ajudar! Precisas de me dizer o que fazer! – A impotência atingiu-a e começou a chorar.

A mão de Bruna ergueu-se de entre as suas e Leesha gritou, receando nova onda de espasmos. Mas os seus cuidados tinham dado à velha Herbanária o controlo suficiente para alcançar o xaile, revelando uma bolsa que atirou a Leesha. Uma tosse violenta fez-lhe estremecer o corpo frágil e escapou dos braços de Leesha, caindo ao chão e agitando-se como um peixe. Leesha segurou a bolsa, horrorizada.

Olhou o saco de pano, apertando-o entre os dedos e sentindo as ervas secas no interior. Cheirou, captando uma mistura de aromas.

Agradeceu ao Criador. Se fosse apenas uma erva, nunca teria conseguido adivinhar a dose, mas fizera tinturas e chás em número suficiente naquele dia para perceber o que lhe fora dado.

Correu para a chaleira que fervia na trempe e colocou um pano fino sobre uma chávena, cobrindo-o com ervas da bolsa. Despejou lentamente água em ebulição sobre as ervas, maximizando o seu poder e, depois, atou habilmente o pano e lançou-o para dentro da água.

Correu para Bruna, soprando o líquido. Queimaria, mas não havia tempo para o deixar arrefecer. Ergueu-a com um braço, pressionando a chávena contra os seus lábios embranquecidos pela saliva.

A Herbanária debateu-se, despejando parte da cura, mas Leesha forçou-a a beber e o líquido amarelo escorreu-lhe pelos cantos da boca. Continuou a debater-se e a estremecer, mas os sintomas começaram a acalmar. À medida que os

estremecimentos cessavam, Leesha soluçou, aliviada.

– Leesha! – ouviu alguém chamar. Ergueu os olhos e viu a mãe correndo para ela, liderando um grupo de aldeãos.

– Que fizeste, rapariga imprestável? – exigiu saber Elona. Alcançou Leesha antes dos outros e silvou: – Já é suficientemente mau ter uma filha inútil e não um filho que possa lutar contra o fogo e agora mataste a curandeira? – Ergueu a mão para a esbofetear, mas Bruna segurou o pulso de Elona com a sua mão esquelética.

– A curandeira deve-lhe a vida, sua estúpida! – gemeu Bruna. Elona empalideceu e afastou-se, como se Bruna se tivesse transformado num nuclita. Vê-lo deu a Leesha um enorme prazer.

Os restantes aldeãos tinham-se reunido em redor, perguntando o que acontecera.

– A minha filha salvou a vida de Bruna! – gritou Elona, antes que Leesha ou Bruna conseguissem falar.

*

O Protector Michel ergueu o Cânone guardado para que todos conseguissem ver o livro sagrado enquanto os mortos eram lançados às ruínas da última casa em chamas. Os aldeãos seguraram chapéus nas mãos e mantiveram as cabeças baixas. Jona lançou incenso às chamas, disfarçando o fedor acre que inundava o ar.

– Até o Libertador chegar para acabar com a praga dos demónios, recordem que foram os pecados dos homens a provocá-la! – gritou Michel. – Os adúlteros e os fornicadores! Os mentirosos, os ladrões e os usurários!

– Os que caminham com o traseiro demasiado apertado – murmurou Elona. Alguém se riu.

– Os que deixam este mundo serão julgados – prosseguiu Michel. – E os que serviram a vontade do Criador juntar-se-ão a Ele no Céu, enquanto aqueles que violaram a sua confiança, contaminando-se com pecados mundanos ou da carne, arderão no Núcleo por toda a eternidade! – Fechou o livro e os aldeãos reunidos retribuíram com uma vénia silenciosa.

– Mas, se o luto é bom e justo – prosseguiu Michel –, não devemos esquecer aqueles de entre nós cuja vida foi determinada pelo Criador. Abramos barris e bebamos em honra dos mortos. Contemos histórias de quem amámos e riamos, porque a vida é preciosa e não deve ser desperdiçada. Podemos poupar as lágrimas para quando nos sentarmos atrás das nossas guardas, esta noite.

– É assim o nosso Protector – murmurou Elona. – Qualquer pretexto é bom para abrir barris.

– Vamos, querida – disse Erny, tocando-lhe a mão. – A intenção é boa.

– O cobarde defende o bêbado, claro – disse Elona, afastando a mão do marido. – Steave corre para dentro de casas em chamas e o meu marido fica com as mulheres.

– Estava na corrente de baldes! – protestou Erny. Rivalizara com Steave pelas atenções de Elona e dizia-se que a sua vitória se tinha ficado a dever mais à sua bolsa do que ao coração dela.

– Como uma mulher – acrescentou Elona, olhando o musculado Steave do outro lado da multidão.

Sempre fora assim. Leesha ansiava por uma forma de não os ouvir. Desejava que os nuclitas tivessem levado a mãe em vez de sete pessoas válidas. Desejava que o pai a enfrentasse por uma vez que fosse. Por si próprio, se não o fizesse pela filha. Desejava florescer em breve, para poder partir com Gared e deixá-los a ambos para trás.

Os que eram demasiado velhos, ou novos, para combater as chamas tinham preparado uma grande refeição para toda a aldeia e serviam-na enquanto os restantes se sentavam, exaustos e incapazes de se mexer, contemplando as cinzas fumegantes.

Os fogos estavam extintos, os feridos ligados e sarando e restavam horas até ao pôr-do-sol. As palavras do Protector eclipsaram a culpa dos que se sentiam aliviados por estar vivos e a cerveja forte de Smitt fez o resto. Dizia-se que a cerveja de Smitt conseguia curar qualquer mágoa e havia muitas mágoas a curar. As mesas longas depressa ecoaram com o riso provocado pelas histórias daqueles que tinham deixado o mundo.

Gared sentou-se a algumas mesas de distância com os amigos, Ren e Flinn, as suas esposas e Evin, um outro amigo. Os outros rapazes, todos lenhadores, eram mais velhos do que Gared alguns anos, mas Gared era mais alto do que todos eles, à excepção de Ren, e parecia bem encaminhado para o superar também a ele antes que terminasse de crescer. No grupo, apenas Evin não tinha sido prometido e muitas raparigas o cobiçavam, apesar do temperamento irascível.

Os rapazes mais velhos troçavam sem cessar de Gared, sobretudo por causa de Leesha. Não lhe agradava ter sido forçada a sentar-se com os pais, mas sentar-se com Gared enquanto Ren e Flinn faziam comentários brejeiros e Evin iniciava discussões, seria ainda pior.

Depois de comerem o seu quinhão, o Protector Michel e o pequeno Jona ergueram-se da mesa, levando um grande tabuleiro de comida para o templo, onde Darsy cuidava de Bruna e dos feridos. Leesha pediu licença para os ajudar. Gared viu-a e ergueu-se para se juntar a ela, mas mal o fez, Leesha foi arrastada por Brianne, Saira e Mairy, as suas amigas mais próximas.

– É verdade? – perguntou Saira, puxando-a pelo braço esquerdo.

– Todos dizem que lançaste Darsy ao chão e salvaste a Bruna Velha! – disse Mairy, puxando pelo direito. Leesha olhou para Gared sem poder fazer nada e permitiu-se ser arrastada.

– O urso pode esperar a sua vez – disse-lhe Brianne.

– Mesmo depois de estares casado, as raparigas roubar-ta-ão! – gritou Ren, provocando gargalhadas e palmadas na mesa. As raparigas ignoraram-nos, ajeitando as saias enquanto se sentavam na erva, longe do ruído crescente e dos barris que os mais velhos iam esvaziando, um após outro.

– Gared vai ouvir aquela durante algum tempo – riu-se Brianne. – Ren apostou cinco klats em como não conseguirá sequer beijar-te antes do anoitecer e muito menos um bom apalpão. – Com dezasseis anos, era viúva há dois, mas não lhe faltavam pretendentes. Justificava-o por conhecer alguns truques de esposa. Vivia com o pai e dois irmãos mais velhos, lenhadores, sendo mãe para todos eles.

– Ao contrário de algumas pessoas, não convido qualquer rapaz que passe a tocar-me – disse Leesha, provocando a Brianne um olhar de indignação simulada.

– Eu deixaria Gared tocar-me se lhe estivesse prometida – disse Saira. Tinha quinze anos, o cabelo castanho curto e sardas nas bochechas de esquilo. Fora prometida a um rapaz no ano anterior, mas os nuclitas tinham-no levado a ele e ao seu pai na mesma noite.

– Quem me dera estar prometida – lamentou-se Mairy. Aos catorze anos, era magra, de face cavada e com o nariz grande. Tinha florescido, mas, apesar dos esforços dos pais, ainda não fora prometida. Elona chamava-lhe espantalho. “Nenhum homem quererá semear uma criança naquelas ancas ossudas”, troçara certa vez. “Para que o espantalho não se parta em dois quando o rebento nascer.”

– Não tardará – disse-lhe Leesha. Os seus treze anos faziam-na a mais jovem do grupo, mas as outras pareciam colocá-la no centro das atenções. Elona dizia que era por ser mais bonita e com maior fortuna, mas Leesha era incapaz de acreditar que as amigas fossem tão mesquinhas.

– É verdade que batestes em Darsy com um pau? – perguntou Mairy.

– Não foi assim que aconteceu – disse Leesha. – Darsy enganou-se e Bruna começou a bater-lhe com a bengala. Tentou recuar e chocou contra mim. Caímos as duas e Bruna continuou a bater-lhe até ela fugir.

– Se me batesse com um pau, apanhava pela mesma medida – disse Brianne. – O meu pai diz que Bruna é uma feiticeira e que convive com demónios à noite na cabana.

– Isso é um disparate cruel – exclamou Leesha.

– Então porque vive tão longe da aldeia? – quis saber Saira. – E porque continua viva depois de os netos morrerem de velhos?

– Porque é uma Herbanária – respondeu Leesha. – E não crescem ervas no centro da aldeia. Ajudei-a e foi espantoso. Pensei que metade das pessoas que lhe trouxeram estivessem demasiado feridas para sobreviver, mas salvou-as a todas.

– Viste-a enfeitiçá-los? – perguntou Mairy, entusiasmada.

– Não é uma feiticeira! – disse Leesha. – Fez tudo com ervas, facas e linha.

– Cortou as pessoas? – perguntou Mairy, chocada.

– Feiticeira – considerou Brianne. Saira acenou afirmativamente.

Leesha lançou a todas um olhar desgostoso e conseguiu silenciá-las.

– Não se limitou a cortar pessoas – disse. – Curou-as. Foi... Não consigo explicar. Mesmo sendo velha, nunca parou de trabalhar até tratar todos os que necessitavam. Era como se conseguisse continuar, motivada apenas pelo poder da sua vontade. Depois de tratar o último ferido, tombou.

– E foi nesse momento que a salvaste? – perguntou Mairy.

Leesha respondeu com um aceno afirmativo.

– Deu-me a cura antes de começar a tossir. Apenas a fervei. Segurei-a até a tosse cessar e foi então que nos descobriram.

– Tocaste-lhe? – Brianne fez uma careta. – Aposto que tresanda a leite azedo e ervas daninhas.

– Criador! – exclamou Leesha. – Bruna salvou uma dúzia de vidas hoje e apenas conseguem trocar dela!

– Vejam só – replicou Brianne. – Leesha salva a velha e fica tão inchada que quase rebenta o corpete. – Leesha não apreciou o comentário. Era a única das amigas que não tinha florescido e os seus seios, ou a falta deles, eram um assunto delicado.

– Costumavas dizer as mesmas coisas sobre ela, Leesh – lembrou Saira.

– Talvez. Mas não voltarei a fazê-lo – disse Leesha. – Pode ser uma velha má, mas merece melhor.

Nesse momento, o pequeno Jona aproximou-se delas. Tinha dezassete anos, mas era demasiado pequeno e magro para manusear um machado ou uma serra. Jona passava a maior parte dos seus dias escrevendo ou lendo cartas aos aldeãos que não conheciam as letras; a maioria da população. Leesha, das poucas que sabiam ler, visitava-o com frequência para pedir livros emprestados da colecção do Protector Michel.

– Tenho uma mensagem de Bruna – disse a Leesha. – Quer...

As suas palavras foram interrompidas quando foi puxado para trás. Jona era dois anos mais velho, mas Gared moveu-o como uma boneca de papel, segurando-lhe as vestes e aproximando-o até quase tocarem narizes.

– Não é a primeira vez que te aviso para não conversares com quem não te está prometida – rosnou Gared.

– Não estava a fazê-lo! – protestou Jona, movendo os pés um centímetro acima do solo. – Apenas...

– Gared! – bradou Leesha. – Põe-no no chão imediatamente!

Gared olhou Leesha e voltou a olhar Jona. Os olhos passaram para os amigos e novamente para Leesha. Soltou-o e Jona caiu no chão. Ergueu-se e afastou-se.

Brianna e Saira riram, mas Leesha silenciou-as, com um olhar de desagrado antes de se voltar para Gared.

– Núcleo maldito! Que se passa contigo? – perguntou Leesha.

Gared baixou o olhar.

– Lamento – disse. – É que... bom... Não falei contigo o dia todo e acho que me enfureceu ver-te falar com ele.

– Oh, Gared – Leesha tocou-lhe a face. – Não precisas de ter ciúmes. Não quero mais ninguém.

– Realmente? – perguntou Gared.

– Pedirás desculpa a Jona? – perguntou-lhe Leesha.

– Sim – prometeu Gared.

– Então sim, realmente – assegurou Leesha. – Agora volta para as mesas. Juntar-me-ei a ti daqui a pouco. – Beijou-o e Gared esboçou um amplo sorriso antes de se afastar.

– Suponho que será como treinar um urso – considerou Brianne.

– Um urso que acaba de se sentar numa moita de urtigas – disse Saira.

– Deixa-o sossegado – tornou Leesha. – Gared não faz por mal. É demasiado forte para o seu bem. E um pouco...

– Tosco? – sugeriu Brianne.

– Lento? – propôs Saira.

– Tonto? – arriscou Mairy.

Leesha tentou agredi-las e todas riram.

*

Gared sentava-se junto a Leesha em pose protectora. Juntamente com Steave, tinha vindo sentar-se com a família de Leesha, que desejava ter os seus braços a rodeá-la, ainda que não fosse próprio, mesmo estando prometidos, até ter a idade certa e o seu noivado ser oficializado pelo Protector. Mesmo então, esperava-se que carícias e beijos castos fossem o limite até à noite de núpcias.

Mas Leesha deixava que Gared a beijasse quando estavam sozinhos, ainda que não passasse daí, qualquer que fosse a opinião de Brianne. Queria manter a tradição para que a noite do casamento fosse algo especial que recordaria para sempre.

E, claro, havia Klarissa, que adorara dançar e namoriscar. Ensinar a Leesha e as amigas a rodopiar e a decorar o cabelo com flores. Sendo uma rapariga excepcionalmente bela, Klarissa tivera vários pretendentes.

O seu filho teria três anos e nenhum homem no Outeiro do Lenhador o assumira como seu. Pensava-se que isso significaria que o pai era um homem casado e, nos meses que levou a sua barriga a formar-se, não houve um sermão em que o Protector Michel não lhe recordasse que era o seu pecado e os pecados de outros como ela,

que mantinham forte a Praga do Criador.

“Os demónios exteriores imitam os demónios interiores”, dissera.

Klarissa fora bem amada, mas, depois disso, a aldeia depressa alterou a sua opinião. As mulheres rejeitavam-na, sussurrando quando passava, e os homens evitavam-lhe o olhar quando as mulheres estavam presentes e, quando não estavam, faziam comentários obscenos.

Klarissa partira com um Mensageiro para Forte Rizon pouco depois de a criança ser desmamada e nunca regressou. Leesha sentia-lhe a falta.

– Que queria Bruna quando enviou Jona? – perguntou Leesha.

– Odeio esse baixote – rosnou Gared. – Sempre que te olha, vejo-o imaginando-te como sua mulher.

– Que te importa? – perguntou Leesha. – Não passa de imaginação.

– Não te partilho com outro homem, nem mesmo em sonhos – ripostou Gared, colocando a mão gigante sobre a sua por debaixo da mesa. Leesha suspirou e inclinou-se para ele. Bruna podia esperar.

Nesse momento, Smitt ergueu-se, com as pernas trémulas por causa da cerveja e bateu com a caneca na mesa.

– Ouçam todos! Atenção, por favor! – A sua mulher, Stefny, ajudou-o a subir para o banco, amparando-o quando vacilava. A multidão serenou e Smitt pigarreou. Podia não lhe agradar dar ordens, mas gostava muito de fazer discursos.

– São as piores alturas que despertam o melhor em nós – começou. – São tempos como estes que mostram ao Criador a nossa coragem. Mostram que nos emendámos e que somos dignos de que nos envie o Libertador para pôr fim à Praga. Mostram que o mal da noite não consegue destruir o nosso sentido de família. Porque é isso que é o Outeiro do Lenhador – prosseguiu Smitt. – Uma família. Podemos discutir e ter favoritos, mas, quando os nuclitas chegam, vemos estes laços familiares como fios de um tear, unindo-nos. Quaisquer que sejam as nossas divergências, todas são esquecidas. Quatro casas perderam as guardas durante a noite – explicou Smitt –, deixando uma vintena à mercê dos nuclitas. Mas, graças a actos de heroísmo em plena noite, apenas sete foram levados. Niklas – gritou Smitt, apontando o homem alourado sentado à sua frente – correu para uma casa em chamas para resgatar a mãe! Jow! – Apontou outro homem, sobressaltado ao ouvir o seu nome. – Há dois dias, vi-o discutir com Dav à minha frente. Mas, na noite passada, Jow golpeou um demónio da madeira com o machado para o deter, enquanto Dav e a família atravessavam as suas guardas!

Smitt saltou para cima da mesa, com a emoção agilizando-lhe o corpo embriagado. Caminhou sobre o tampo, referindo as pessoas pelo nome e relatando os seus feitos nocturnos.

– Também houve heróis durante o dia – prosseguiu. – Gared e Steave! – gritou,

apontando. – Deixaram a sua casa arder para salvar as que tinham maiores hipóteses! Por causa deles e de outros, apenas oito casas foram destruídas quando poderia ter ardido toda a aldeia!

Smitt voltou-se e, de súbito, olhava directamente para Leesha. Ergueu a mão e o dedo com que a apontou atingiu-a com a violência de um punho.

– Leesha! – exclamou. – Treze anos de idade e salvou a vida de Bruna, a Herbanária! Em todos os habitantes do Outeiro do Lenhador bate um coração de herói! – disse Smitt, abrangendo-os com um gesto. – Os nuclitas testam-nos e a tragédia abate-se sobre nós, mas, como aço milnês, o Outeiro do Lenhador não quebrará.

A multidão bradou a sua aprovação. Foram os que tinham perdido entes queridos a gritar mais alto, inflando bochechas húmidas com lágrimas.

Smitt ergueu-se entre o ruído, reunindo as forças. Após algum tempo, bateu com as mãos e os aldeãos silenciaram.

– O Protector Michel – disse, apontando-o – abriu o templo aos feridos e Stefny e Darsy ofereceram-se para passar a noite a zelar por eles. Michel oferece também as guardas do Criador a quem não tiver outro sítio para onde ir.

Smitt ergueu um punho.

– Mas os heróis não deveriam repousar a cabeça sobre bancos duros! Não quando estão entre família. A minha taberna pode alojar confortavelmente dez e mais ainda se preciso for. Quem, de entre vós, partilhará guardas e camas com heróis?

Todos tornaram a gritar, ainda mais alto, e Smitt esboçou um grande sorriso. Voltou a bater com as mãos.

– O Criador sorri em todos vocês – disse. – Mas a hora vai adiantada. Designo...

Elona ergueu-se. Também tinha bebido algumas canecas e as palavras saíam-lhe com dificuldade.

– Erny e eu acolheremos Gared e Steave – disse, fazendo Erny olhá-la, com severidade. – Temos muito espaço e porque Gared e Leesha estão prometidos, já quase somos da mesma família.

– É muito generoso da vossa parte, Elona – disse Smitt, incapaz de esconder a surpresa. Raramente Elona mostrava generosidade e, quando o fazia, costumava haver um preço a pagar.

– De certeza que é correcto? – perguntou Stefny em voz alta, atraindo os olhares em redor. Quando não trabalhava na taberna do marido, era voluntária no templo ou estudava o Cânone. Odiava Elona, algo que contava a seu favor na mente de Leesha, mas fora também a primeira a apontar o dedo a Klarissa quando o seu estado se tornou claro. – Dois filhos prometidos vivendo sob o mesmo telhado? – perguntou, mas os seus olhos caíram sobre Steave e não sobre Gared. – Quem saberá que tipo de impropriedades poderão suceder? Talvez seja melhor que acolham outros e

deixem Gared e Steave dormir na taberna.

Elona estreitou os olhos.

– Julgo que três pais serão suficientes para guardar duas crianças, Stefny – disse, com tom gelado. Voltou-se para Gared, apertando-lhe um ombro largo. – O meu futuro genro fez o trabalho de cinco homens hoje – disse. – E Steave – estendeu a mão, embriagada, e tocou o peito robusto do homem – fez o trabalho de dez. – Voltou-se para Leesha, mas cambaleou um pouco. Rindo, Steave segurou-a pela cintura antes que caísse. As suas mãos eram enormes sobre a sua cintura esguia. – Até a minha filha – engoliu a palavra «inútil», mas Leesha ouviu-a de igual forma – foi responsável por grandes feitos hoje. Não permitirei que os meus heróis passem a noite noutra casa.

Stefny reagiu com um esgar, mas os restantes aldeãos consideraram o assunto encerrado e começaram a oferecer as suas casas a outros necessitados.

Elona voltou a cambalear, caindo sobre o colo de Steave com uma gargalhada.

– Podes dormir no quarto de Leesha – disse-lhe. – Fica ao lado do meu. – Baixou a voz ao pronunciar as últimas palavras, mas estava bêbada e todos a ouviram. Gared corou, Steave riu-se e Erny baixou a cabeça. Leesha sentiu uma pontada de compaixão pelo pai.

– Quem me dera que os nuclitas a tivessem levado *a ela* na noite passada – murmurou.

O pai ergueu o olhar para ela.

– Nunca digas isso – disse. – A respeito de ninguém. – Olhou-a com severidade até verificar que ela acenava afirmativamente. – Além disso – acrescentou, triste – o mais provável seria que a devolvessem.

*

Distribuíram-se alojamentos e as pessoas preparavam-se para partir quando se ouviu um murmúrio e a multidão abriu alas. Pelo caminho assim formado, coxeou Bruna Velha.

O pequeno Jona segurava um dos braços da mulher. Leesha ergueu-se para se ocupar do outro braço.

– Bruna, não devias estar a pé – advertiu. – Devias repousar!

– A culpa é tua, rapariga – ripostou Bruna. – Há quem esteja pior do que eu e preciso de ervas da minha cabana para os tratar. Se o teu guarda-costas – olhou Gared desdenhosamente, fazendo-o recuar receoso – tivesse permitido que Jona te transmitisse a minha mensagem, poderia ter-te enviado com uma lista. Mas agora é tarde e terei de ir contigo. Passaremos a noite protegidas pelas minhas guardas e regressaremos pela manhã.

– Porquê eu? – perguntou Leesha.

– Porque nenhuma das outras raparigas imbecis desta aldeia sabe ler! – guinchou Bruna. – Trocariam os frascos mais ainda do que aquela vaca da Darsy!

– Jona sabe ler – recordou Leesha.

– Ofereci-me para ir – começou a explicar o acólito, mas Bruna deixou cair o cajado sobre o seu pé e as palavras foram cortadas por um grito de dor.

– Recolher ervas é trabalho de mulher, rapariga – disse Bruna. – Os sacerdotes servem apenas para rezar enquanto o fazemos.

– Eu... – começou Leesha, olhando os pais à procura de uma saída.

– Acho uma ótima ideia – disse Elona, por fim, içando-se do colo de Steave. – Passa a noite com Bruna. – Empurrou Leesha para a frente. – A minha filha terá todo o gosto em ajudar – disse, com um grande sorriso.

– Talvez Gared deva ir também – sugeriu Steave, pontapeando o filho.

– Precisarás de costas fortes para transportar as ervas e as poções amanhã – concordou Elona, puxando Gared.

A Herbanária anciã olhou-os aos dois, parecendo irritada, mas acabou por concordar com um aceno.

*

A viagem até à cabana de Bruna foi demorada devido aos passos lentos da velha. Chegaram mesmo antes do pôr-do-sol.

– Verifica as guardas, rapaz – ordenou Bruna a Gared. Enquanto ele fazia o que lhe fora ordenado, Leesha levou Bruna para dentro, instalando-a sobre uma cadeira almofadada e cobrindo-a com uma manta. Bruna respirava com dificuldade e Leesha receou que recomeçasse a tossir a qualquer minuto. Encheu a chaleira e colocou lenha e acendalhas na lareira, procurando pederneira e aço.

– A caixa na cornija – disse Bruna e Leesha viu a pequena caixa de madeira. Abriu-a, mas não havia pederneira ou aço no interior, apenas pequenos paus com algum tipo de barro na extremidade. Pegou em dois e tentou esfregá-los um no outro.

– Assim não, rapariga! – bradou Bruna. – Nunca viste um pau de chama?

Leesha abanou a cabeça.

– O meu pai tem alguns na oficina onde mistura os químicos – disse. – Mas não estou autorizada a lá entrar.

A velha Herbanária suspirou e fez sinal à rapariga para se aproximar. Pegou num dos paus e segurou-o contra uma unha seca e áspera. Moveu o polegar e a extremidade do pau incendiou-se. Leesha arregalou os olhos.

– Há mais do que ervas na arte de uma Herbanária, rapariga – disse Bruna, encostando a chama a um pavio antes que se extinguísse. Acendeu um candeeiro e passou o pavio a Leesha. Ergueu o candeeiro, iluminando com a sua luz trémula uma estante poeirenta repleta de livros.

– Santo dia! – exclamou Leesha. – Tens mais livros do que o Protector Michel!

– Não são histórias tolas censuradas pelos sacerdotes, rapariga. As Herbanárias guardam parte dos conhecimentos do velho mundo, antes do Regresso, quando os demónios incendiaram as grandes bibliotecas.

– Ciência? – perguntou Leesha. – Não foi esse o motivo da Praga?

– É o que diz Michel – tornou Bruna. – Se soubesse que aquele rapaz se tornaria tamanha besta pomposa, tê-lo-ia deixado entre as pernas da mãe. Foi a ciência, tanto quanto a magia, que conseguiu afastar os nuclitas. As sagas falam de grandes Herbanárias sarando feridas mortais e misturando ervas e minerais que matavam demónios à vintena com fogo e veneno.

Leesha preparava-se para colocar outra questão quando Gared regressou. Bruna gesticulou a Leesha para atender à lareira e esta ateou o fogo e colocou a chaleira sobre as chamas. A água não tardou a ferver e Bruna levou as mãos aos muitos bolsos da sua túnica, colocando uma mistura especial de ervas na sua chávena e chá nas chávenas de Leesha e Gared. As suas mãos eram velozes, mas Leesha notou que a velha adicionou alguma coisa na chávena de Gared.

Verteu a água e todos beberricaram num silêncio constrangedor. Gared bebeu rapidamente e não tardou a esfregar a cara. Um momento depois, tombou, adormecendo profundamente.

– Puseste alguma coisa no seu chá – acusou Leesha.

A velha riu-se.

– Resina de tapeceira e pólen de flor-celeste – confirmou. – Cada uma com inúmeras utilizações isoladas, mas, juntas, uma pitada basta para adormecer um boi.

– Mas porquê? – quis saber Leesha.

Bruna sorriu, mas o sorriso era assustador.

– Digamos que zelo pela tua virtude – disse. – Prometida ou não, não se pode confiar num rapaz de quinze verões para passar uma noite sozinho com uma rapariga.

– Então porque o deixaste vir connosco? – perguntou Leesha.

Bruna abanou a cabeça.

– Disse ao teu pai para não casar com aquela velhaca, mas ela acenou-lhe com os tetos e deixou-o zonzo – suspirou. – Bêbados como estão, Steave e a tua mãe vão deitar-se independentemente de quem estiver na casa – disse. – Mas isso não significa que Gared precise de o ouvir. Os rapazes são já suficientemente maus na sua idade sem ajuda.

Leesha abriu muito os olhos.

– A minha mãe nunca...!

– Cuidado com a conclusão dessa frase, rapariga – interrompeu Bruna. – O Criador não aprecia mentirosos.

Leesha desistiu. Conhecia Elona.

– Mas Gared não é assim – disse.

Bruna grunhiu.

– Faz de parteira para uma aldeia inteira e diz-me isso – afirmou.

– Não importaria mesmo que tivesse florescido – disse Leesha. – Poderia casar com Gared e fazer por ele o que uma mulher deve fazer.

– Ansiosa, não? – disse Bruna com um grande sorriso. – Admito que não é desagradável. Os homens têm outros usos além de erguer machados e carregar pesos.

– Porque leva tanto tempo? – perguntou-lhe Leesha. – Saira e Mairy acordaram com lençóis vermelhos aos doze verões e eu vou a caminho dos treze! Qual será o problema?

– Não há qualquer problema – disse Bruna. – Cada rapariga sangra no seu tempo. É possível que tenhas de esperar mais um ano. Ou mais.

– Um ano! – exclamou Leesha.

– Não sintas tanta pressa em deixar a infância para trás, rapariga – disse Bruna. – Sentir-lhe-ás a falta quando acontecer. Há mais no mundo do que deitares-te por baixo de um homem e dares-lhe filhos.

– Mas que outra coisa poderá comparar-se? – perguntou Leesha.

Bruna apontou a estante.

– Escolhe um livro – disse. – Qualquer um. Trá-lo aqui e mostro-te o que o mundo tem para oferecer.

CINCO
CASA CHEIA
319 DR

Leesha acordou sobressaltada quando o velho galo de Bruna cantou para assinalar o amanhecer. Esfregou a cara, sentindo a marca do livro na pele. Gared e Bruna ainda dormiam profundamente. A Herbanária adormecera cedo, mas, apesar de fatigada, Leesha continuara a ler pela noite dentro. Pensara que a arte de uma Herbanária se limitasse à reparação de ossos e ao acompanhamento de partos, mas havia muito mais. As Herbanárias estudavam todo o mundo natural, encontrando formas de combinar os muitos dons do Criador para benefício dos Seus filhos.

Leesha retirou a fita que lhe prendia o cabelo escuro e esticou-a sobre a página, fechando o livro de forma tão reverente como se fosse o Cânone. Ergueu-se e esticou-se, alimentando a fogueira e remexendo as brasas para avivar a chama. Colocou a chaleira por cima e foi acordar Gared com um abano.

– Acorda, preguiçoso – disse, mantendo a voz baixa. Gared apenas gemeu. O que Bruna lhe misturara no chá era forte. Abanou-o com mais força e ele afastou-a, sem abrir os olhos. – Acorda ou não haverá pequeno-almoço para ti. – Leesha riu, pontapeando-o.

Gared voltou a gemer e entreabriu os olhos. Quando Leesha ergueu o pé uma segunda vez, estendeu um braço e segurou-lhe a perna, fazendo-a cair sobre ele com um grito.

Rebolou até ficar sobre ela, rodeando-a com os seus braços musculados e Leesha riu quando a beijou.

– Pára – disse, debatendo-se com pouca vontade. – Vais acordar Bruna.

– E se acordar? – perguntou Gared. – A velha tem cem anos e é cega como um morcego.

– Mas os ouvidos da velha ainda funcionam bem – disse Bruna, abrindo um dos seus olhos leitosos.

Gared guinchou e pôs-se de pé com um salto, afastando-se ao mesmo tempo de Bruna e de Leesha.

– Guarda as mãos para ti em minha casa, rapaz, ou preparo uma poção que te deixará as partes, moles durante um ano – disse Bruna. Leesha viu Gared empalidecer e mordeu o lábio para se impedir de rir. Por algum motivo, Bruna já não a assustava, mas adorava ver a velha intimidar todos os outros.

– Estamos entendidos? – perguntou Bruna.

– Sim, senhora – respondeu prontamente Gared.

– Ótimo – disse Bruna. – Agora põe esses ombros largos a trabalhar e racha lenha para o fogo. – Gared saiu porta fora antes que ela terminasse a frase. Leesha riu-se quando a porta bateu.

– Gostaste, não foi? – perguntou Bruna.
– Nunca vi ninguém pôr Gared a mexer desta forma – disse Leesha.
– Aproxima-te mais para conseguir ver-te – pediu Bruna. Quando Leesha acedeu, a Herbanária prosseguiu: – Ser a curandeira da aldeia vai além de preparar poções. Uma dose forte de medo é um bom remédio para o maior rapaz. Talvez o ajude a pensar duas vezes antes de magoar alguém.

– Gared nunca magoaria ninguém – disse Leesha.
– Seja – tornou Bruna, não parecendo minimamente convencida.
– Poderias realmente fazer uma poção que lhe roubasse a virilidade? – perguntou Leesha.

Bruna riu-se.

– Não durante um ano – respondeu. – Pelo menos, não com uma única dose. Mas por alguns dias, ou mesmo uma semana? Tão facilmente como lhe droguei o chá.

Leesha pareceu pensativa.

– O que foi, rapariga? – perguntou Bruna. – Pensas se o teu rapaz te deixará por colher antes do casamento?

– Pensava em Steave – disse Leesha.

Bruna acenou com a cabeça.

– E bem podes fazê-lo – considerou. – Mas tem cuidado. A tua mãe é demasiado esperta para enganar. Procurou-me muitas vezes quando era nova, buscando artimanhas de Herbanária para lhe travar o fluxo, impedindo-a de engravidar enquanto se divertia. Na altura, não a vi pelo que era e entristece-me dizer que lhe ensinei mais do que devia.

– A minha mãe não era virgem quando o meu pai a carregou para lá das guardas? – perguntou Leesha, chocada.

Bruna não conseguiu disfarçar o riso.

– Meia aldeia rebolou com ela até Steave os afastar.

Leesha ficou boquiaberta.

– Censurou Klarissa quando ela ficou de esperanças – lembrou.

Bruna cuspiu no chão.

– Todos se voltaram contra a pobre rapariga. Hipócritas, todos eles! Smitt fala de família, mas não ergueu um dedo quando a mulher liderou a gente da aldeia em perseguição à infeliz como se fossem um bando de demónios da chama. Metade das mulheres que a apontou e gritou «pecado», era culpada do mesmo. Apenas tiveram a sorte de casar depressa ou a esperteza de tomar precauções.

– Precauções? – perguntou Leesha.

Bruna abanou a cabeça.

– Elona está tão ávida de um neto que te manteve alheia a tudo, hã? – perguntou.
– Diz-me, rapariga. Como se fazem os bebés?

Leesha corou.

– O homem... quer dizer... o marido...

– Desembucha – bradou Bruna. – Sou velha demais para esperar que percas a vergonha.

– Deposita a semente dentro da mulher – disse Leesha, corando ainda mais.

Bruna riu-se.

– Consegues tratar queimaduras e feridas provocadas por demónios, mas a criação da vida faz-te corar?

Leesha abriu a boca para responder, mas Bruna impediu-a.

– Convince o teu rapaz a depositar a semente na tua barriga e podes deitar-te com ele quanto quiseses – disse Bruna. – Mas não se pode confiar que saiam a tempo, como Klarissa aprendeu. As mais espertas procuram-me para lhes dar chá.

– Chá? – perguntou Leesha, presa de cada palavra.

– Folhas de pómulo fervidas com a dose certa de outras ervas fazem um chá que impedirá a semente do homem de germinar.

– Mas o Protector Michel diz... – começou Leesha.

– Poupa-me à récita do Cânone – interrompeu Bruna. – É um livro escrito por homens, sem qualquer consideração pelo martírio das mulheres.

Leesha fechou a boca de forma sonora.

– A tua mãe visitou-me com frequência – prosseguiu Bruna. – Fazia perguntas, ajudava-me aqui na cabana, moía-me ervas. Pensei em fazer dela minha aprendiz, mas desejava apenas o segredo do chá. Assim que lhe disse como se fazia, partiu e não voltou.

– É típico dela – disse Leesha.

– O chá de pómulo é suficientemente seguro em doses pequenas – disse Bruna. – Mas Steave é um homem de grande luxúria e a tua mãe bebeu demais. Devem ter-se deitado mil vezes antes de o negócio do teu pai começar a prosperar e a sua bolsa lhe despertar a atenção. Quando isso sucedeu, o ventre da tua mãe estava seco.

Leesha fitou-a, curiosa.

– Depois de casar com o teu pai, Elona tentou conceber sem sucesso durante dois anos – explicou Bruna. – Steave casou com uma rapariga mais nova e engravidou-a da noite para o dia, o que deixou a tua mãe ainda mais desesperada. Por fim, acabou por me procurar novamente, implorando ajuda.

Leesha aproximou-se mais, ciente de que a sua existência seria explicada pelo que Bruna dissesse a seguir.

– O chá de pómulo deve ser tomado em pequenas doses – repetiu Bruna. – E, no máximo, uma vez por mês para impedir o fluxo. Desrespeitar esta regra traz o risco de esterilidade. Avisei Elona, mas era escrava das suas entranhas e não quis ouvir. Durante meses, dei-lhe ervas e acompanhei-lhe o fluxo, dando-lhe também ervas

para misturar na comida do teu pai. Por fim, conseguiu conceber.

– A mim – disse Leesha. – Concebeu-me a mim.

Bruna acenou afirmativamente.

– Tive medo por ti, rapariga. O ventre da tua mãe era fraco e ambas sabíamos que não teria outra hipótese. Procurava-me todos os dias, pedindo-me para lhe examinar o filho.

– Filho? – repetiu Leesha.

– Avisei-a de que poderia não ser um rapaz – prosseguiu Bruna. – Mas Elona era teimosa. “O Criador não seria tão cruel”, dizia, esquecendo-se de que foi o Criador a pôr os nuclitas no mundo.

– Então não passo de uma piada cruel do Criador? – perguntou Leesha.

Bruna segurou-lhe o queixo com os dedos ossudos e puxou-a para si. Leesha viu os longos pêlos grisalhos, como bigodes de gato, sobre os lábios enrugados da velha, quando esta falou.

– Somos o que escolhemos ser, rapariga – disse. – Permite que sejam os outros a determinar o teu valor e estás perdida, porque ninguém quer que os outros valham mais do que nós próprios. Elona não pode culpar ninguém, a não ser a si própria, pelas más escolhas que fez, mas é demasiado vaidosa para o admitir. É mais fácil descarregar em ti e no pobre Erny.

– Quem me dera que tivesse sido exposta e expulsa da aldeia – disse Leesha.

– Trairiam o teu sexo por rancor? – perguntou Bruna.

– Não compreendo – tornou Leesha.

– Não é vergonha que uma rapariga queira um homem entre as pernas, Leesha – disse Bruna. – Uma Herbanária não pode julgar ninguém por fazer o que a natureza determinou, quando se é jovem e livre. É quem viola os seus votos que não suporta. Se tomas votos, rapariga, é bom que pretendas respeitá-los.

Leesha acenou com a cabeça.

Gared regressou nesse momento.

– Darsy chegou para te acompanhar à aldeia – disse, dirigindo-se a Bruna.

– Julguei que tivesse mandado essa porca estúpida embora – resmungou Bruna.

– O conselho da aldeia reuniu ontem e devolveu-me o cargo – disse Darsy, entrando na cabana. Não era tão alta como Gared, mas não andaria longe e facilmente pesaria mais do que ele. – A culpa é tua. Mais ninguém aceitou o posto.

– Não podem fazer tal coisa! – bradou Bruna.

– Podem pois – replicou Darsy. – Não me agrada mais do que a ti, mas podes morrer a qualquer altura e a aldeia precisa de quem cuide dos doentes.

– Sobrevivi a outras melhores do que tu – troçou Bruna. – Eu escolherei quem ensino.

– Então devo ficar até o fazeres – disse Darsy, olhando Leesha e mostrando-lhe os

dentes.

– Nesse caso, faz-te útil e põe as papas a fazer – disse Bruna. – Gared é um rapaz em crescimento e precisa de manter as forças.

Sem conter um esgar, Darsy arregaçou as mangas e encaminhou-se para a chaleira fervente.

– Terei uma conversinha com Smitt quando voltar à aldeia – resmungou Bruna.

– Darsy é assim tão má? – perguntou Leesha.

Os olhos baços de Bruna voltaram-se para Gared.

– Sei que és mais forte do que um touro, rapaz, mas imagino que ainda haja lenha para rachar atrás da cabana.

Gared não precisou que repetisse a ordem. Saiu prontamente e ouviram-no recomeçar o trabalho com o machado.

– Darsy é útil que chegue na cabana – admitiu Bruna. – Racha lenha quase tão depressa como o teu rapaz e faz papas decentes. Mas aquelas mãos sapudas são demasiado desajeitadas para curar e tem pouco talento para a arte de Herbanária. Será uma parteira aceitável (qualquer tola conseguirá puxar um bebé da sua mãe) e não fica atrás de ninguém na reparação de ossos, mas o trabalho mais subtil ultrapassa-a. Choro ao pensar nela como Herbanária desta aldeia.

*

– Não serás grande mulher para Gared se não consegues cozinhar uma simples ceia! – gritou Elona.

Leesha franziu o sobrolho. Tanto quanto sabia, a mãe nunca cozinhou uma refeição na vida. Tinham passado dias desde o seu último sono decente, mas louvado fosse o Criador se a sua mãe levantasse uma mão para ajudar.

Estivera todo o dia a cuidar dos enfermos com Bruna e Darsy. Rapidamente lhe tomou o jeito, motivando Bruna a usá-la como exemplo para Darsy. Darsy não ficou agradada.

Leesha sabia que Bruna a queria como aprendiz. A velha não insistiu, mas deixara as suas intenções claras. No entanto, precisava também de pensar no negócio de fabrico de papel do seu pai. Trabalhara na oficina, uma grande divisão ligada à casa, desde tenra idade, escrevendo mensagens para os aldeãos e fabricando folhas. Erny disse-lhe que tinha jeito. As suas capas eram mais belas do que as dele e gostava de decorar as folhas com pétalas de flores, levando as senhoras de Lakton e Forte Rizon a pagar mais por elas do que os maridos pagavam por folhas simples.

Erny esperava reformar-se com Leesha a gerir o negócio e Gared fazendo a pasta e ocupando-se das tarefas mais pesadas. Mas o fabrico de papel nunca interessara grandemente Leesha. Fazia-o sobretudo para passar tempo com o pai, longe do alcance da língua da mãe.

Elona podia gostar do dinheiro que dela resultava, mas odiava a oficina, queixando-se do cheiro dos diluentes nas tinas de pasta e do ruído da mó. Servia de refúgio frequente a Leesha e a Erny, um local que poderia albergar o riso de uma forma impossível na casa.

A gargalhada trovejante de Steave fez Leesha erguer os olhos dos vegetais que picava para o guisado. Estava na sala comum, sentado na cadeira do seu pai, bebendo-lhe a cerveja. Elona sentava-se no braço da cadeira, rindo e inclinando-se sobre ele, com a mão no seu ombro.

Leesha desejou ser um demónio da chama para poder cuspir fogo sobre os dois. Nunca se sentira feliz encurralada na casa com Elona, mas, depois de ouvir as histórias de Bruna, não conseguia pensar noutra coisa. A sua mãe não amava o seu pai e, provavelmente, nunca o teria feito. Considerava a filha uma piada cruel do Criador. E não era virgem quando Erny a carregou para lá das guardas.

Por algum motivo, era isso que mais a magoava. Bruna dissera que não cometia pecado uma mulher que sentisse prazer com um homem, mas, mesmo assim, a hipocrisia da mãe feria-a. Ajudara a expulsar Klarissa da aldeia para camuflar as suas fraquezas.

“Não serei como tu,” jurou Leesha. O dia do seu casamento seria como o Criador planeara e tornar-se-ia mulher num leito matrimonial.

Elona riu deleitada com algo que Steave dissera e Leesha começou a cantar para si própria para abafar o som das suas vozes. A sua voz era rica e pura. O Protector Michel pedia-lhe constantemente que cantasse no culto.

– Leesha! – berrou a mãe um momento depois. – Pouco barulho! Mal conseguimos ouvir-nos pensar aqui!

– Não me parece que haja grande pensamento – murmurou Leesha.

– O que disseste? – quis saber Elona.

– Nada! – replicou Leesha com a sua voz mais inocente.

Comeram imediatamente após o pôr-do-sol e Leesha observou, orgulhosa, enquanto Gared usava o pão que fizera para limpar a terceira malga do seu guisado.

– Não é grande cozinheira, Gared – desculpou-se Elona –, mas serve para encher o estômago se tapares o nariz.

A cerveja que Steave bebia saiu-lhe pelo nariz. Gared riu-se do pai e Elona usou o guardanapo no colo de Erny para secar a face de Steave. Leesha olhou o pai em busca de apoio, mas este manteve os olhos na malga. Não dissera uma palavra desde que regressara da oficina.

Era demais para Leesha. Limpou a mesa e regressou ao seu quarto, mas este não oferecia qualquer refúgio. Esquecera que a mãe dera o seu quarto a Steave para a estadia de duração indefinida dos dois. O lenhador gigante tinha sujado de lama o seu chão imaculado, deixando as botas imundas sobre o seu livro preferido, junto à

cama.

Gritou e correu de encontro ao seu tesouro, mas a capa estava irremediavelmente manchada. As colchas de lã rizonana macia, estavam sujas com algo que apenas o Criador conseguiria identificar e tresandavam a suor misturado com o perfume angierano caro que a mãe usava.

Leesha sentiu-se agoniada. Segurou com firmeza o livro precioso e correu para a oficina do pai, chorando enquanto tentava inutilmente limpá-lo. Foi lá que Gared a encontrou.

– Então é para aqui que foges – disse, aproximando-se para a rodear com os braços robustos.

Leesha afastou-se, limpando os olhos e tentando recompor-se.

– Precisava de um momento – disse.

Gared segurou-a pelo braço.

– É por causa da piada da tua mãe? – perguntou.

Leesha abanou a cabeça, tentando afastar-se novamente, mas Gared segurou-a com firmeza.

– Ria-me do meu pai – disse. – Adorei o teu guisado.

– A sério? – Leesha soluçou.

– A sério – assegurou, puxando-a e beijando-a. – Poderemos alimentar um exército de filhos com comida daquela – sussurrou.

Leesha riu-se.

– Será difícil pôr cá fora um exército de pequenos Gareds – disse.

O abraço aumentou de intensidade e Gared aproximou-lhe os lábios da orelha.

– Neste momento, apenas me interessa que recebas um dentro de ti – disse.

Leesha gemeu, mas afastou-o delicadamente.

– Casaremos em breve – disse.

– Ontem já era tarde – tornou Gared, libertando-a.

*

Leesha deixou-se ficar encolhida sob os cobertores junto à lareira da sala comum. Steave dormia no seu quarto e Gared ocupava uma enxerga na oficina. O chão era frio à noite e sentia uma corrente de ar. O tapete de lã era áspero e pouco confortável. Ansiava pela sua cama, apesar de apenas as chamas conseguirem apagar o fedor do pecado partilhado por Steave e pela sua mãe.

Nem sequer percebia porque Elona se dava ao trabalho de o tentar esconder. Não enganava ninguém. Podia fazer Erny dormir na sala comum e levar Steave para a sua cama.

Leesha mal conseguia esperar pela sua partida com Gared.

Permaneceu acordada, ouvindo os demónios testar as guardas e imaginou-se a

gerir a oficina com Gared, com o pai reformado e a mãe e Steave tragicamente falecidos. Via o seu ventre redondo e cheio, ocupando-se da contabilidade. Gared aproximava-se, suado e cansado depois de trabalhar arduamente com a mó. Beijava-a enquanto os rebentos corriam pela oficina.

A imagem aqueceu-a, mas recordou as palavras de Bruna e pensou se perderia alguma coisa dedicando a vida aos filhos e ao fabrico de papel. Voltou a fechar os olhos e imaginou-se como Herbanária do Outeiro do Lenhador, com todos os aldeãos dependendo de si para curar as suas maleitas, fazer nascer os seus filhos e tratar as suas feridas. Era uma imagem poderosa, mas seria mais difícil encaixar nela Gared e os filhos. Uma Herbanária precisava de visitar os doentes e imaginar Gared carregando ervas e ferramentas de casa em casa não lhe parecia realista. Tal como imaginá-lo a cuidar dos pequenos enquanto ela trabalhava.

Bruna conseguira, ainda que o tivesse feito muitas décadas antes, casando, criando filhos e continuando a ocupar-se das pessoas, mas Leesha não percebia como. Teria de perguntar à velha.

Ouviu um estalido e ergueu os olhos, vendo Gared esgueirando-se silenciosamente para fora da oficina. Fingiu dormir até ele se aproximar e voltou-se.

– Que fazes aqui? – sussurrou. Gared assustou-se e cobriu a boca para abafar um grito. Leesha teve de morder o lábio para evitar rir.

– Vim à latrina – sussurrou Gared, aproximando-se e ajoelhando-se a seu lado.

– Há uma latrina na oficina – recordou-lhe Leesha.

– Então vim dar-te um beijo de boas-noites – disse, debruçando-se com os lábios prontos.

– Deste-me três quando foste dormir – disse Leesha, afastando-o com uma palmada pouco convicta.

– É assim tão mau querer outro? – perguntou Gared.

– Suponho que não – respondeu Leesha, rodeando-lhe os ombros com os braços.

Algum tempo depois, ouviu-se abrir outra porta. Gared sobressaltou-se, procurando esconderijo. Leesha apontou uma das cadeiras. Era grande demais para ficar completamente coberto, mas, apenas com o ténue brilho laranja da lareira, poderia ser suficiente.

Viu-se uma luz difusa no momento seguinte, aniquilando essa esperança. Leesha mal conseguiu voltar a deitar-se e fechar os olhos antes que a luz inundasse a sala.

Por entre pálpebras semicerradas, viu a mãe observando a sala. A lanterna que segurava estava parcialmente coberta e a luz criava grandes sombras, permitindo a Gared esconder-se se a observação não fosse demasiado atenta.

As suas preocupações foram escusadas. Depois de confirmar que Leesha dormia, Elona abriu a porta do quarto de Steave e desapareceu no interior.

Leesha olhou a porta durante um longo momento. Não fora grande revelação que

Elona mentia, mas até àquele momento, permitiu-se o luxo de duvidar que estivesse realmente tão disposta a esquecer os seus votos.

Sentiu a mão de Gared no ombro.

– Leesha, lamento – disse-lhe. Ela encostou-lhe a face ao peito, chorando enquanto ele a abraçava, abafando-lhe o choro e embalando-a para trás e para diante. Um demónio rugiu algures à distância e Leesha quis imitar-lhe o grito. Mordeu a língua, com a vã esperança de que o pai dormisse, alheio aos gemidos de Elona, mas tal seria pouco provável, a não ser que ela tivesse usado nele uma das receitas soníferas de Bruna.

– Levar-te-ei para longe de tudo isto – disse Gared. – Não perderemos tempo com planos e teremos uma casa pronta antes da cerimónia, nem que tenha de cortar e transportar os troncos sozinho.

– Oh, Gared – disse-lhe ela, beijando-o. Gared retribuiu-lhe o abraço e deitou-a. Os solavancos da cama no quarto de Steave e o ruído dos demónios lá fora foram abafados pelo batimento cardíaco que lhe trovejava nos ouvidos.

As mãos de Gared exploraram livremente o seu corpo e Leesha permitiu-lhe que tocasse pontos que apenas um marido deveria tocar. Ofegou e arqueou as costas de prazer e Gared aproveitou a oportunidade para se posicionar entre as suas pernas. Sentiu-o a libertar-se das calças e percebeu o que fazia. Sabia que devia afastá-lo, mas havia um grande vazio no seu interior e Gared parecia ser a única pessoa no mundo capaz de o preencher.

Estava prestes a avançar quando Leesha ouviu a mãe gritar de prazer e ficou hirta. Seria melhor do que Elona, abdicando tão prontamente dos seus votos? Prometera passar as guardas matrimoniais ainda virgem. Jurou nunca ser igual a Elona. Mas ali estava, abdicando de tudo isso para se deitar com um rapaz a metros do local onde a sua mãe pecava.

“É quem viola os seus votos que não suporto”, voltou a ouvir Bruna dizer e empurrou o peito de Gared com as mãos.

– Gared. Não, por favor – sussurrou. Gared permaneceu imóvel durante um longo momento. Por fim, afastou-se e puxou as calças.

– Perdoa-me – disse Leesha, em voz baixa.

– Não. Perdoa-me a mim – disse Gared. Beijou-lhe a têmpora. – Posso esperar.

Leesha abraçou-o e Gared ergueu-se. Quis que dormisse a seu lado, mas tinham já abusado da sorte. Se fossem apanhados juntos, Elona puni-los-ia com severidade, apesar do seu pecado. Talvez por isso mesmo.

Quando a porta da oficina se fechou, Leesha ficou deitada com pensamentos ternos sobre Gared. Não importava a dor que a mãe lhe pudesse provocar. Conseguiria suportá-la, desde que tivesse Gared.

O pequeno-almoço foi desconfortável. O mastigar e engolir pareceu um ruído trovejante entre o véu de silêncio que pendia sobre a mesa. Parecia não haver nada a dizer. Sem palavras, Leesha limpou a mesa enquanto Gared e Steave iam buscar os machados.

– Vais estar na oficina hoje? – perguntou Gared, quebrando finalmente o silêncio. Erny ergueu os olhos pela primeira vez nessa manhã, interessado na resposta da filha.

– Prometi a Bruna que voltaria a ajudá-la com os feridos – disse Leesha, mas olhou o pai, desgostosa. Erny acenou com a cabeça, manifestando a sua compreensão e esboçou um sorriso débil.

– E quanto tempo durará isso? – quis saber Elona.

Leesha encolheu os ombros.

– Até ficarem melhor, suponho – respondeu.

– Passas demasiado tempo com essa bruxa velha – disse Elona.

– A ideia foi tua – recordou Leesha.

Elona franziu a testa.

– Não te armes em esperta comigo, rapariga.

Leesha sentiu raiva, mas esboçou o seu sorriso mais radioso enquanto cobria os ombros com a capa.

– Não te preocupes, mãe – disse. – Não beberei demasiado do seu chá.

Steave engasgou-se e Elona arregalou os olhos, mas Leesha saiu pela porta antes que ela conseguisse recuperar o suficiente para responder.

Gared caminhou com ela durante parte do caminho, mas depressa chegaram ao local onde os lenhadores se reuniam em cada manhã e os amigos de Gared esperavam-no.

– Estás atrasado, Gar – resmungou Evin.

– Agora tem uma mulher para cozinhar para ele – disse Flinn. – Isso atrasa qualquer homem.

– Se tiver dormido alguma coisa – gracejou Ren. – Desconfio que não lhe provou só a comida. E tudo debaixo das barbas do pai.

– O Ren tem razão, Gar? – perguntou Flinn. – Encontrei sítio para guardar o machado ontem à noite?

Leesha preparou-se para responder, furiosa, mas Gared pousou-lhe a mão no ombro.

– Não lhes dê importância – disse-lhe. – Estão só a tentar irritar-te.

– Poderias defender-me a honra – tornou Leesha. Pelo Criador, qualquer coisa servia de motivo para uma luta entre rapazes.

– E assim farei – prometeu Gared. – Mas não queria que o visses. Prefiro que continues a ver-me como um homem delicado.

– Tu és delicado – disse Leesha, erguendo-se em bicos de pés para lhe beijar a face. Os rapazes uivaram e Leesha deitou-lhes a língua de fora antes de se afastar.

*

– Rapariga idiota – murmurou Bruna quando Leesha lhe contou o que dissera a Elona. – Só um tolo mostra as cartas quando o jogo acaba de começar.

– Não é um jogo. É a minha vida! – afirmou Leesha.

Bruna segurou-lhe o rosto, apertando-lhe as bochechas com tanta força que ela se viu forçada a abrir os lábios.

– Maiores serão os motivos para mostrares bom-senso – rosnou, com os olhos leitosos brilhando.

Leesha sentiu-se irada. Quem era aquela mulher para se dirigir a ela naqueles termos? Bruna parecia desprezar toda a aldeia, apertando, batendo e ameaçando quem entendesse. E seria melhor do que Elona? Teria em mente os interesses de Leesha quando lhe contou aquelas coisas horríveis sobre a sua mãe, ou estaria apenas a manipulá-la para que se tornasse sua aprendiz, da mesma forma que Elona a pressionava a casar cedo com Gared e a dar-lhe filhos? No seu coração, Leesha queria as duas coisas, mas estava cansada de ser forçada.

– Vejam só quem voltou – disse uma voz junto à porta. – O jovem prodígio.

Leesha ergueu o olhar e viu Darsy atravessada na porta do templo com um braçado de lenha. A mulher não fazia qualquer esforço para esconder o desagrado que sentia por Leesha e conseguia ser tão intimidante como Bruna se assim o desejasse. Leesha tentara demonstrar que não seria uma ameaça, mas as suas tentativas pareciam ter conseguido apenas tornar tudo pior. Darsy estava determinada a não gostar dela.

– Não culpes Leesha por ter conseguido aprender mais em dois dias do que tu no teu primeiro ano – disse Bruna, enquanto Darsy deixava cair a lenha e erguia um atizador pesado de ferro para avivar as chamas.

Leesha estava certa de que nunca conseguiria dar-se bem com Darsy enquanto Bruna continuasse a remexer na ferida, mas ocupou-se a moer ervas para cataplasmas. Vários dos queimados no ataque apresentavam infecções cutâneas que precisavam de atenção regular. Outros estavam ainda piores. Bruna fora acordada duas vezes a meio da noite para cuidar dos casos mais graves, mas, até então, as suas ervas e a sua perícia não tinham falhado.

Bruna assumiu completo controlo do templo, dando ordens ao Protector Michel e aos restantes como se fossem servos milneses. Manteve Leesha por perto, falando sem cessar com a sua voz rouca, explicando a natureza dos ferimentos e as propriedades das ervas que usava para os tratar. Leesha via-a cortar e coser carne e descobriu que o estômago se lhe enrijecia perante tais coisas.

A manhã cedeu lugar à tarde e Leesha teve de forçar Bruna a fazer uma pausa para comer. Os outros poderiam não notar o esforço na respiração da anciã, ou o tremor das suas mãos, mas Leesha sim.

– Basta – acabou por dizer, retirando o almofariz e o pilão das mãos da Herbanária. Bruna olhou-a, com intensidade. – Vai descansar – disse-lhe Leesha.

– Rapariga, quem és tu para... – começou Bruna, estendendo a mão para a bengala.

Leesha antecipou-se e foi mais rápida a alcançar a bengala, apontando-a ao nariz curvo de Bruna.

– Terás outro ataque se não descansares – advertiu. – Vou levar-te lá para fora e sem discussão! Stefny e Darsy podem ocupar-se das coisas durante uma hora.

– Por muito pouco – resmungou Bruna, permitindo que Leesha a ajudasse a erguer-se e a conduzisse para fora.

O sol erguia-se alto no céu e a erva junto ao templo era verde e lustrosa, exceptuando algumas manchas negras deixadas pelos demónios da chama. Leesha estendeu um cobertor e sentou Bruna, trazendo-lhe o seu chá especial e pão macio, que não oferecesse resistência aos poucos dentes da anciã.

Sentaram-se em confortável silêncio durante algum tempo, aproveitando a temperatura amena do dia primaveril. Leesha achou que tinha sido injusta ao comparar Bruna com a sua mãe. Quando fora a última vez que Elona partilhara com ela um momento semelhante ao sol? Alguma vez o teria feito?

Ouviu um ruído prolongado e, voltando-se, viu que Bruna ressonava. Sorriu e cobriu a mulher com o xaile. Decidiu-se a esticar as pernas e viu Saira e Mairy a pouca distância, cosendo sobre a erva. Acenaram-lhe e convidaram-na a juntar-se-lhes, arranjando-lhe espaço sobre o cobertor.

– Que tal vai a recolha de ervas? – perguntou Mairy.

– Cansativa – respondeu Leesha. – Onde está Brianne?

As raparigas entreolharam-se e riram.

– Na floresta com Evin – disse Saira.

Leesha não apreciou a graça.

– Essa rapariga vai acabar como a Klarissa – disse.

Saira encolheu os ombros.

– Brianne diz que não se pode desdenhar de algo que não se experimentou.

– Planeias experimentar? – perguntou Leesha.

– Pensas que tens motivo para esperar – disse Saira. – Eu também pensava assim antes de Jak ser levado. Agora, daria tudo para o ter tido uma vez antes de morrer. Até mesmo para carregar um filho seu.

– Lamento – disse Leesha.

– Está tudo bem – replicou Saira, triste. Leesha abraçou-a e Mairy juntou-se a

elas.

– Que amorosas! – A voz veio de trás. – Também quero participar no abraço! – Olharam no preciso momento em que Brianne caiu sobre elas, fazendo-as cair, rindo, sobre a erva.

– Estás bem disposta hoje – disse-lhe Leesha.

– Uma cambalhota na floresta tem esse efeito – tornou Brianne, piscando-lhe o olho e aplicando-lhe uma cotovelada ligeira nas costelas. – Além disso – cantarolou –, o Evin contou-me um segredo!

– Conta-nos! – gritaram as três raparigas ao mesmo tempo.

Brianne riu-se e os seus olhos fixaram-se em Leesha.

– Talvez mais tarde – disse. – Como se sente hoje a aprendiz de bruxa?

– Não sou a sua aprendiz, independentemente do que Bruna possa pensar – clarificou Leesha. – Continuo a querer gerir a oficina do meu pai quando casar com Gared. Apenas ajudo a tratar os doentes.

– Antes tu que eu – disse Brianne. – O trabalho de Herbanária parece ser duro. Estás com mau aspecto. Dormiste o suficiente na noite passada?

Leesha abanou a cabeça.

– O chão junto à lareira não é uma cama confortável – respondeu.

– Não me importaria de dormir no chão se tivesse Gared como colchão – disse Brianne.

– E que quer isso dizer? – perguntou Leesha.

– Não te faças de parva, Leesh – tornou Brianne, com uma pontada de irritação. – Somos tuas amigas.

Leesha irritou-se por sua vez.

– Estão a insinuar que...!

– Desce do pedestal, Leesha – continuou Brianne. – Sei que Gared te teve ontem à noite. Esperei que fosses honesta connosco.

Saira e Mairy ficaram boquiabertas e Leesha arregalou os olhos, corando.

– Não teve! – gritou. – Quem te contou tal coisa?

– Evin – respondeu, sorrindo. – Disse que o Gared tem passado o dia a gabar-se do feito.

– Então o Gared é um mentiroso nojento! – bradou Leesha. – Não sou uma vadia para...

A expressão de Brianne alterou-se e Leesha calou-se e cobriu a boca.

– Brianne – disse. – Desculpa! Não queria...

– Não. Acho que querias – disse Brianne. – Acho que foi a única verdade que disseste no dia todo.

Ergueu-se e sacudiu as saias, perdida que tinha sido a habitual boa disposição.

– Vamos, meninas – disse. – Vamos para algum lado onde o ar esteja mais limpo.

Saira e Mairy entreolharam-se e, a seguir, olharam Leesha, mas Brianne já se afastava; ergueram-se lentamente para a seguir. Leesha abriu a boca, mas não conseguiu encontrar nada para dizer.

– Leesha! – ouviu Bruna gritar. Voltou-se e viu a velha tentando usar a bengala para se erguer. Com um olhar pesaroso para as amigas que partiam, correu em seu auxílio.

*

Leesha esperava enquanto Gared e Steave percorriam calmamente o caminho para a casa do pai. Gracejavam e riam e a sua jovialidade deu a Leesha a força de que necessitava. Prendeu as saias numa mão cerrada quando se encaminhou para eles.

– Leesha! – Steave saudou-a com um sorriso trocista. – Como se sente a minha futura nora? – Abriu os braços, como se pretendesse erguê-la num abraço.

Leesha ignorou-o, dirigindo-se a Gared e esbofeteando-o na face com toda a força.

– Ei! – gritou Gared.

– Ah, ah! – riu-se Steave. Leesha olhou-o com o melhor olhar da sua mãe e viu-o erguer as mãos. – Vejo que têm assuntos a discutir – disse. – Deixo-vos em paz. – Olhou Gared e piscou-lhe o olho. – O prazer tem o seu preço – atirou, antes de partir.

Leesha voltou-se para Gared, erguendo novamente a mão. Gared segurou-lhe o pulso e apertou-lho com força.

– Leesha, pára com isso! – exigiu.

Leesha ignorou a dor no pulso, atingindo-o com o joelho entre as pernas. As saias grossas amorteceram o impacto, mas foi suficiente para libertar o pulso e para o fazer tombar por terra, agarrado ao baixo-ventre. Pontapeou-o, mas Gared tinha músculos sólidos e as mãos protegiam o único local vulnerável.

– Pelo núcleo, Leesha. Que se passa contigo? – conseguiu perguntar Gared, antes de ser silenciado com um pontapé na boca.

Gared rosnou e, na vez seguinte em que Leesha ergueu o pé, segurou-o e empurrou-a com força, fazendo-a cair para trás. Leesha perdeu o fôlego ao aterrar de costas e, antes que conseguisse recuperar, Gared lançou-se, segurando-lhe os braços e prendendo-a ao chão.

– Endoideceste?! – berrou, enquanto ela se debatia. Tinha a face escarlate e uma fúria intensa nos olhos.

– Como pudeste? – gritou Leesha. – Filho de um nuclita! Como pudeste ser tão cruel?

– Noite! De que falas, Leesha? – perguntou Gared, pressionando-a com mais força.

– Como pudeste? – repetiu. – Como pudeste mentir e contar a toda a gente que

me quebraste ontem à noite?

Gared pareceu genuinamente abalado.

– Quem te disse isso? – perguntou e Leesha atreveu-se a esperar que a mentira não lhe pertencesse.

– Evin contou a Brianne – disse.

– Mato aquele filho do Núcleo – rosnou Gared, aliviando a pressão. – Prometeu manter a boca fechada.

– Então é verdade?! – gritou Leesha. Ergueu o joelho com força e Gared uivou de dor e rebolou para o lado. Ergueu-se e escapou ao alcance dele antes que conseguisse recuperar o suficiente para voltar a prendê-la.

– Porquê? – quis saber. – Porque mentiste assim?

– Foi só conversa de lenhador – gemeu Gared. – Não teve qualquer significado.

Leesha nunca cuspira na vida, mas cuspiu-lhe em cima.

– Não teve qualquer significado? – gritou. – Arruinaste-me a vida por algo que não teve qualquer significado.

Gared pôs-se de pé e Leesha recuou. Viu que erguia as mãos e mantinha a distância.

– A tua vida não está arruinada – disse.

– Brianne sabe! – gritou Leesha. – E também Saira e Mairy! Toda a aldeia saberá amanhã!

– Leesha... – começou Gared.

– Quantos mais? – perguntou, antecipando-se.

– O quê?

– A quantos mais disseste, idiota? – gritou.

Enfiou as mãos nos bolsos e baixou o olhar.

– Apenas aos outros lenhadores – disse.

– Noite! A TODOS?! – Leesha correu para ele, preparada para lhe arranhar a cara, mas as suas mãos foram agarradas.

– Acalma-te! – gritou Gared. As mãos dele, como dois presuntos, apertaram, levando a dor a descer-lhe pelos braços e fazendo-a recuperar a compostura.

– Estás a magoar-me – disse, com a calma que conseguiu reunir.

– Assim está melhor – tornou, aliviando a pressão sem a libertar. – Duvido que tenha doído tanto como o pontapé nos sementeiros.

– Mereceste-o – disse Leesha.

– Suponho que sim – disse Gared. – Agora podemos falar como pessoas civilizadas?

– Se me libertares, sim – respondeu ela.

Gared franziu a testa e libertou-a, afastando-se prontamente do alcance dos seus pés.

– Dizes a toda a gente que mentiste? – perguntou-lhe ela.

Gared abanou a cabeça.

– Não posso fazê-lo, Leesh. Parecerei um tolo.

– É melhor que eu pareça uma pega? – contrapôs Leesha.

– Não és pega nenhuma, Leesh. Estamos prometidos. Não é como a tua Brianne.

– Ótimo – disse Leesha. – Talvez comece também a espalhar algumas mentiras.

Se os teus amigos te arreliavam antes, o que achas que dirão quando lhes disser que não conseguiste dureza suficiente para fazer o serviço?

Gared formou um punho com uma das enormes mãos e ergueu-o ligeiramente.

– Não faças isso, Leesha. Estou a ser paciente contigo, mas se espalhares mentiras como essa, juro...

– Mas não há problema em mentiras que apenas me prejudiquem a mim? – perguntou-lhe.

– Não importará quando estivermos casados – disse Gared. – Todos terão esquecido.

– Não me casarei contigo – disse Leesha, sentindo subitamente que um grande peso lhe era erguido de cima.

O esgar de Gared mostrava o seu desagrado.

– Não tens escolha – disse. – Mesmo que alguém te aceitasse agora, aquela traça do Jona ou outro parecido, levaria uma sova. Ninguém no Outeiro do Lenhador poderá ficar com o que é meu.

– Espero que gozes os frutos da tua mentira – disse Leesha, voltando-se antes que ele lhe visse as lágrimas. – Porque me entregarei à noite antes de te deixar torná-la realidade.

*

Leesha precisou de toda a sua força para não irromper em lágrimas enquanto preparava a ceia dessa noite. Cada som de Gared e Steave era como uma faca cravada no coração. Sentira-se tentada pelos avanços de Gared na noite anterior. Quase o deixara levar a sua avante, sabendo perfeitamente o que significaria. Custara-lhe resistir, mas pensara que a virtude lhe pertencia. Nunca imaginou que pudesse ser capaz de lha roubar apenas com palavras e, menos ainda, que o fizesse realmente.

– Ainda bem que tens passado tanto tempo com Bruna. – O sussurro soou-lhe ao ouvido. Leesha voltou-se e viu Elona de pé, sorrindo-lhe. – Não te queremos de barriga redonda no dia do casamento.

Lamentando o comentário acerca do chá naquela manhã, Leesha abriu a boca para responder, mas a mãe gargalhou e afastou-se sem que ela conseguisse formular uma palavra.

Cuspiu na malga da mãe e também na de Gared e Steave. Sentiu uma satisfação oca vendo-os comer.

A ceia foi terrível, com Steave a segredar ao ouvido da mãe e com Elona rindo do que lhe dizia. Gared fitou-a durante todo o tempo, mas Leesha recusou-se a olhá-lo. Manteve os olhos na malga, mexendo a comida em silêncio, como fazia o pai a seu lado.

Apenas Erny parecia não ter ouvido a mentira de Gared. Leesha sentia-se grata por isso, mas sabia no seu coração que não poderia durar. Demasiadas pessoas pareciam ávidas em destruí-la.

Levantou-se da mesa assim que pôde. Gared permaneceu sentado, mas Leesha sentia os seus olhos a segui-la. Quando ele se retirou para a oficina, trancou-o lá dentro, sentindo-se ligeiramente mais segura.

Como em muitas outras noites, Leesha adormeceu a chorar.

*

Acordou, duvidando ter dormido. A mãe fizera outra visita nocturna a Steave, mas Leesha permaneceu dormente embora ouvindo os seus gemidos sobre a cacofonia dos demónios.

Também Gared fora responsável por ruído nocturno, ao descobrir que a porta para a casa estava trancada. Leesha sorriu um pouco ao ouvi-lo tentar o trinco mais algumas vezes antes de acabar por desistir.

Erny veio beijá-la na testa enquanto preparava as papas de aveia junto à lareira. Era a primeira vez desde que estavam juntos. Questionou-se sobre o efeito da mentira de Gared quando chegasse aos ouvidos do seu pai já tão abalado. Podia ter acreditado nela outrora, mas, com a traição da esposa ainda tão fresca, Leesha duvidava que lhe restasse grande confiança.

– Vais curar os doentes também hoje? – perguntou Erny. Quando Leesha acenou afirmativamente, sorriu e disse: – Muito bem.

– Lamento não ter tido tempo para a oficina – disse-lhe Leesha.

O pai segurou-a pelos braços e aproximou-se, olhando-a nos olhos.

– As pessoas são sempre mais importantes do que o papel, Leesha.

– Até as pessoas más? – perguntou Leesha.

– Até as pessoas más – respondeu. O seu sorriso era dorido, mas não havia hesitação nem dúvida na sua resposta. – Encontra o pior humano que consigas e, mesmo assim, conseguirás encontrar algo pior se espreitares pela janela durante a noite.

Leesha começou a chorar e o pai puxou-a para si, embalando-a e afagando-lhe o cabelo.

– Estou orgulhoso de ti, Leesh – murmurou. – Fabricar papel era o meu sonho. As

guardas não falharão se escolheres outro caminho.

Leesha abraçou-o, ensopando-lhe a camisa com as lágrimas. – Amo-te, pai – disse. – Nunca duvides, aconteça o que acontecer.

– Não poderia duvidar, meu sol – disse-lhe ele. – Também te amarei sempre.

O abraço manteve-se durante um longo tempo. O pai era o único amigo que lhe restava em todo o mundo.

Saiu pela porta enquanto Gared e Steave se ocupavam ainda a calçar as botas. Esperava não encontrar ninguém no caminho para o templo, mas os amigos de Gared estavam à espera no exterior. A sua saudação foi um coro de assobios e gritos lúbricos.

– Viemos para garantir que tu e a tua mãe não prendem Gared e Steave na cama quando deviam estar a trabalhar! – berrou Ren. Leesha corou, mas não disse nada, passando por eles e acelerando o passo pela estrada abaixo. Sentia as gargalhadas cortarem-lhe as costas como se fossem lâminas.

Não achou que fosse apenas fruto da sua imaginação a forma como as pessoas a olhavam fixamente e sussurravam enquanto passava. Apressou-se a alcançar o abrigo do templo, mas, quando chegou, Stefny bloqueou a porta, com as narinas dilatadas como se Leesha cheirasse à lixívia que o pai usava para fabricar papel.

– O que fazes? – perguntou Leesha. – Deixa-me passar. Vim ajudar Bruna.

Stefny abanou a cabeça.

– Não sujarás este lugar sagrado com o teu pecado – rosnou.

Leesha endireitou-se, sendo mais alta do que Stefny por vários centímetros, mas sentindo-se mesmo assim como um rato diante do gato.

– Não cometi qualquer pecado – disse.

– Ah! – riu-se Stefny. – Toda a aldeia sabe o que fizeste com Gared na noite passada. Tinha esperança em ti, rapariga, mas parece-me que és realmente filha da tua mãe.

– Que vem a ser isto? – A voz rouca de Bruna soou antes que Leesha pudesse responder.

Stefny voltou-se, repleta de um orgulho sobranceiro e baixou o olhar para a velha Herbanária.

– Esta rapariga é uma pega e não a admitirei na Casa do Criador.

– Não a admitirás? – perguntou Bruna. – És o Criador?

– Não blasfemes neste lugar, velha – disse Stefny. – As Suas palavras estão escritas para que todos as vejam. – Ergueu a cópia do Cânone encadernada a couro que levava para toda a parte. – São os fornicadores e as adúlteras que mantêm a praga entre nós. E isso inclui esta porca e também a sua mãe.

– E onde está a prova do seu crime? – perguntou Bruna.

Stefny sorriu.

– Gared gabou-se do pecado que cometeram a quem quisesse ouvi-lo – disse.
Bruna rosnou e atingiu Stefny subitamente com a bengala, fazendo-a cair por terra.
– És capaz de condenar uma rapariga apenas pela fanfarronice de um rapaz? – guinchou. – Palavras de rapaz não valem o ar que as carrega e sabe-lo bem!
– Todos sabem que a mãe é a pega da aldeia – retorquiu Stefny. Escorria-lhe um fio de sangue pela têmpora. – Porque haveria a cria de ser diferente da cadela?
Bruna lançou-lhe a bengala contra o ombro, provocando um grito de dor.
– Ei! – gritou Smitt, correndo. – Basta!
O Protector Michel vinha imediatamente atrás.
– Este local é sagrado. Não é uma taberna angierana...
– É assunto de mulheres e não se meterão onde não são chamados se sabem o que é bom! – gritou Bruna, silenciando-os. Voltou a olhar Stefny. – Diz-lhes. Ou terei de expor também o teu pecado? – silvou.
– Não tenho qualquer pecado, bruxa! – tornou Stefny.
– Ajudei a nascer todas as crianças desta aldeia – disse Bruna, em voz demasiado baixa para que os homens ouvissem. – E, apesar dos rumores, vejo bastante bem quando as coisas estão próximas, como um bebé nas minhas mãos.
Stefny empalideceu e voltou-se para o marido e para o Protector.
– Mantenham-se fora disto! – gritou.
– O Núcleo! – replicou Smitt. Segurou a bengala de Bruna e afastou-a da esposa.
– Ouve-me, mulher – disse a Bruna. – Herbanária ou não, não podes andar por aí a bater em quem te apeteça!
– Mas a tua mulher pode andar por aí a condenar quem lhe apeteça? – respondeu Bruna. Afastou-lhe a bengala das mãos e golpeou-o na cabeça.
Smitt cambaleou para trás, esfregando a cabeça.
– Muito bem – disse. – Tentei ser simpático.
Habitualmente, Smitt dizia aquelas palavras no momento antes de arregaçar as mangas e lançar alguém para fora da taberna. Não era alto, mas o seu físico atarracado era poderoso e tinha muita experiência no trato com lenhadores bêbados ao longo dos anos.
Bruna não era nenhum lenhador de músculos salientes, mas não parecia minimamente intimidada. Manteve-se firme enquanto Smitt avançava sobre ela.
– Muito bem! – gritou. – Põe-me na rua! Mistura as ervas sozinho! Tu e Stefny tratarão os que vomitam sangue e poderão contrair a febre demoníaca! E façam nascer as vossas crianças, já agora! Preparem as vossas próprias curas! Façam os vossos paus de chama! Porque precisam de aturar a bruxa?
– Precisamente! Porquê? – perguntou Darsy. Todos a olharam enquanto se aproximava de Smitt. – Sei misturar ervas e atender a partos tão bem como ela – disse.

– Ah! – exclamou Bruna. Até Smitt a olhou sem saber o que pensar.

Darsy ignorou-a.

– Está na altura de uma mudança – continuou. – Posso não ter cem anos de experiência como Bruna, mas também não ando por aí a intimidar toda a gente na aldeia.

Smitt coçou o queixo e olhou Bruna, vendo-a rir.

– Vamos – disse-lhe. – Far-me-ia bem o descanso. Mas não me venhas bater à porta da cabana quando a porca coser o que devia ter cortado e cortar o que devia ter cosido.

– Talvez Darsy mereça uma hipótese – disse Smitt.

– Então está decidido! – considerou Bruna, batendo com a bengala no chão. – Informa a aldeia de que deverão dirigir-se a ela para obter as suas curas. Fico-te grata pela paz na minha cabana!

Voltou-se para Leesha.

– Vem, rapariga. Ajuda uma velha a regressar a casa. – Segurou-lhe o braço e as duas voltaram-se para a porta.

Quando passaram por Stefny, Bruna parou, apontou-lhe a bengala e murmurou algo que apenas as três mulheres conseguiram ouvir.

– Dizes mais uma palavra contra esta rapariga, ou autorizas que outros as digam e toda a aldeia conhecerá a tua vergonha.

Leesha recordou o olhar aterrorizado de Stefny até regressarem à cabana.

Quando entraram, Bruna voltou-se para ela.

– Então, rapariga? É verdade? – perguntou.

– Não! – gritou Leesha. – Quer dizer... quase... mas disse-lhe para parar e parou!

Parecia forçado e implausível e sabia-o bem. O horror dominou-a. Bruna era a única que a defendia. Achou-se capaz de morrer se também a velha a considerasse mentirosa.

– Podes... podes examinar-me, se quiseres – disse, com as bochechas ruborizando. Baixou os olhos para o chão e conteve as lágrimas.

Bruna grunhiu e abanou a cabeça.

– Acredito em ti.

– Porquê? – perguntou Leesha, quase em tom de súplica. – Porque mentiria o Gared assim?

– Porque os rapazes são louvados pelas mesmas coisas que valem a expulsão da aldeia às raparigas – explicou Bruna. – Porque os homens são dominados pelo que os outros pensam das suas minhocas penduradas. Porque é um ranhoso mesquinho, maldoso e burro, sem compreender o valor do que tinha.

Leesha recomeçou a chorar. Sentia que chorara desde sempre. Certamente, um corpo não poderia conter tantas lágrimas.

Bruna abriu os braços e acolheu Leesha entre eles.

– Vamos, rapariga – disse. – Tudo cá para fora. E, depois, pensaremos no que fazer.

*

A cabana de Bruna permaneceu em silêncio enquanto Leesha fazia chá. Ainda era manhã, mas sentia-se completamente esgotada. Como poderia esperar passar o resto da vida no Outeiro do Lenhador?

Forte Rizon ficava apenas a uma semana de distância, pensou. Milhares de pessoas. Ninguém ouviria as mentiras de Gared por lá. Poderia encontrar Klarissa e...

E o quê? Sabia que não passava de uma fantasia. Mesmo que conseguisse encontrar um Mensageiro que a levasse, pensar numa semana ou mais de viagem gelou-lhe o sangue e os rizonanos eram camponeses, com pouca utilidade para letras e papel. Talvez pudesse encontrar um novo marido, mas pensar em arriscar a sorte com outro homem não a confortou.

Levou o chá a Bruna, esperando que a velha tivesse uma resposta, mas a Herbanária não disse nada, bebendo em silêncio enquanto Leesha se ajoelhava junto à sua cadeira.

– Que posso fazer? – perguntou. – Não poderei esconder-me aqui para sempre.

– Poderás – disse Bruna. – Por mais que Darsy se gabe, não reteve uma parcela do que lhe ensinei e não lhe ensinei uma parcela do que sei. Não tardarão a procurar-me, implorando a minha ajuda. Fica e, num ano, a gente do Outeiro do Lenhador não saberá como alguma vez sobreviveu sem ti.

– A minha mãe nunca o autorizará – disse Leesha. – Continua determinada em casar-me com Gared.

Bruna acenou afirmativamente.

– É verdade. Nunca se perdoou por não ter dado filhos a Steave. Está determinada em fazer-te corrigir os seus erros.

– Não o farei – disse Leesha. – Entrego-me à noite antes de deixar que Gared me toque. – Chocou-a perceber que as suas palavras eram sinceras.

– É corajoso da tua parte, querida – disse Bruna, mas havia desdém no seu tom. – É tão corajoso desperdiçar a vida pela mentira de um rapaz e por medo da tua mãe.

– Não tenho medo dela! – exclamou Leesha.

– Tens medo apenas de lhe dizer que não casarás com um rapaz que te arruinou a reputação?

Leesha permaneceu em silêncio durante um longo momento antes de acenar afirmativamente.

– Tens razão – disse. Bruna grunhiu.

Leesha ergueu-se.

– Suponho que seja melhor ir directa ao assunto – considerou. Bruna não disse nada.

Junto à porta, Leesha parou e olhou para trás.

– Bruna? – disse. A velha voltou a grunhir. – Qual foi o pecado de Stefny?

Bruna beberricou o chá.

– Smitt tem três belos filhos – respondeu.

– Quatro – corrigiu Leesha.

Bruna abanou a cabeça.

– Stefny tem quatro – disse. – Smitt tem três.

Leesha arregalou os olhos.

– Mas como? – perguntou. – Stefny só sai da taberna para ir ao templo e... – Calou-se de repente.

– Os homens santos também são homens – disse Bruna.

*

Leesha caminhou lentamente para casa, tentando escolher as palavras certas pelo caminho, mas soube que não teriam qualquer importância. O que importava era que não casaria com Gared e a reacção da sua mãe.

O dia aproximava-se do fim quando entrou em casa. Gared e Steave não tardariam a regressar da floresta. O confronto teria de terminar antes que chegassem.

– Estragaste tudo – disse a mãe, quando entrou. – A minha filha é a pega da aldeia.

– Não sou uma pega – ripostou Leesha. – Gared tem espalhado mentiras.

– Não te atrevas a culpá-lo por não conseguires manter as pernas fechadas! – disse-lhe Elona.

– Não dormi com ele – garantiu Leesha.

– Ah! – bradou Elona. – Não faças de mim parva, Leesha. Também já fui jovem.

– Foste «jovem» todas as noites durante esta semana – disse Leesha. – E Gared é um mentiroso.

Elona esbofeteou-a, fazendo-a cair ao chão.

– Não te atrevas a falar comigo assim, pequena pega! – gritou.

Leesha permaneceu imóvel, sabendo que o movimento lhe valeria nova agressão. Sentia a face arder como se estivesse em chamas.

Vendo a filha vencida, Elona inspirou fundo e pareceu acalmar-se.

– Não importa – disse. – Sempre achei que precisavas de alguém que te fizesse cair do pedestal a que o idiota do teu pai te fez subir. Não tardarás a casar com Gared e as pessoas acabarão por se cansar dos boatos.

Leesha preparou-se para o pior.

– Não casarei com ele – disse. – É um mentiroso e não o farei.
– Farás, sim – contrariou Elona.
– Não – insistiu Leesha. A palavra deu-lhe forças enquanto se punha de pé. – Não direi os votos e não poderás forçar-me.

– Veremos – disse Elona, retirando o cinto. Era uma correia grossa de couro com fivela de metal que usava sempre folgada em volta da cintura. Leesha achava que a usava apenas para ter alguma coisa que pudesse usar para lhe bater.

Aproximou-se de Leesha, que gritou e fugiu para a cozinha antes de perceber que era o último lugar para onde deveria ter fugido. Havia apenas uma porta.

Gritou quando a fivela lhe rasgou o vestido nas costas. Elona voltou a golpeá-la e Leesha lançou-se sobre a mãe, desesperada. Caindo ao chão, ouviu a porta abrir, seguindo-se a voz de Steave. Ao mesmo tempo, uma voz falou em tom interrogativo vinda da oficina.

Elona aproveitou a distração, esmurrando a filha na face. Ergueu-se no instante seguinte, chicoteando Leesha com o cinto, fazendo-a gritar novamente.

– Que se passa aqui?! – gritou uma voz junto à porta. Leesha ergueu os olhos e viu que o pai tentava entrar na cozinha, bloqueado pelo braço musculado de Steave.

– Sai-me da frente! – gritou Erny.

– É entre elas – disse Steave, sorrindo.

– És um convidado em minha casa! – bradou Erny. – Sai-me da frente!

Vendo que Steave não se movia, Erny esmurrou-o.

Todos se imobilizaram. Não era claro se Steave sentira ou não o murro. Interrompeu o silêncio repentino com uma gargalhada, empurrando Erny descontraído e lançando-o para a sala comum.

– As senhoras resolvam as vossas divergências em privado – disse Steave, piscando o olho e fechando a porta da cozinha, enquanto a mãe de Leesha se preparava para golpear novamente a filha.

*

Leesha chorou em silêncio nas traseiras da oficina do pai, limpando cuidadosamente os cortes e nódoas negras. Tivesse as ervas adequadas e poderia fazer mais, mas água fria e pano eram tudo o que tinha ao seu alcance.

Fugira para a oficina imediatamente após a sua provação, trancando a porta do lado de dentro e ignorando as batidas delicadas do pai. Quando as feridas estavam limpas e os cortes mais profundos ligados, encolheu-se no chão, tremendo de dor e de vergonha.

– Casarás com Gared no dia em que sangrares – prometeu Elona. – Ou repetiremos a dose todos os dias até mudares de ideias.

Leesha sabia que ela era sincera e sabia que o boato espalhado por Gared faria

muita gente apoiar a decisão da mãe e insistir para que se casassem, ignorando as suas nódoas negras, como tinham feito inúmeras vezes antes.

“Não o farei,” prometeu Leesha a si mesma. “Entrego-me à noite antes de o fazer.”

Nesse momento, uma dor dilacerou-lhe as entranhas. Gemeu e sentiu humidade nas coxas. Aterrorizada, limpou-se com um pano limpo, rezando com fervor, mas ali estava, como uma piada cruel do Criador, o sangue.

Gritou. Ouviu um grito que lhe respondeu do interior da casa.

Bateram à porta.

– Leesha, estás bem? – perguntou o pai.

Não respondeu, fitando o sangue, horrorizada. Teriam passado apenas dois dias desde que rezara para que viesse? Agora, olhava-o como se tivesse vindo do Núcleo.

– Leesha, abre já a porta ou pagarás! – guinchou a mãe.

Ignorou-a.

– Se não ouvires o que diz a tua mãe e abrires esta porta enquanto conto até dez, juro que a deitarei abaixo! – bradou Steave.

O medo dominou Leesha quando Steave começou a contar. Não duvidou que conseguiria despedaçar a pesada porta de madeira com uma única pancada. Correu para a porta exterior, abrindo-a.

A noite quase caíra. O céu corria-se de um roxo intenso e o que restava do sol esconder-se-ia abaixo do horizonte dali a minutos.

– Cinco! – gritou Steve. – Quatro! Três!

Leesha inspirou fundo e correu para longe da casa.

SEIS
OS SEGREDOS DO FOGO
319 DR

Leesha ergueu as saias e correu tão rapidamente quanto conseguia, mas a cabana de Bruna situava-se a quilómetro e meio de distância e sabia que não conseguiria cobrir tal distância a tempo. Os gritos da família ecoavam atrás de si, abafados pelo batimento do seu coração e pelo ruído dos passos.

Sentiu uma pontada dolorosa no flanco e as costas e coxas ardiam-lhe como resultado do cinto de Elona. Cambaleou e arranhou as mãos tentando apoiar-se. Forçou-se a manter o equilíbrio, ignorando a dor e seguindo em frente movida pela sua força de vontade.

A meio caminho da casa da Herbanária, a luz desvaneceu-se e a noite começou a aliciar os demónios para fora do Núcleo. Névoas negras começaram a erguer-se, solidificando-se em formas nefastas.

Leesha não queria morrer. Sabia-o agora. Demasiado tarde. Mas, mesmo que desejasse voltar para trás, a sua casa ficava agora mais distante do que a cabana de Bruna e não havia nada entre uma e outra. Erny construíra-a propositadamente afastada das outras, depois de o cheiro dos químicos provocar queixas. Não lhe restava escolha senão continuar, dirigindo-se para a cabana de Bruna no limiar da floresta, onde os demónios florestais se reuniam em força.

Alguns nuclitas tentavam agarrá-la enquanto passava, mas eram ainda insubstanciais e acabavam por falhar. Sentiu frio quando as garras de um lhe atravessaram o peito, como se tivesse sido tocada por um fantasma, mas não lhe provocou qualquer dor e não abrandou.

Não havia demónios da chama tão perto da floresta. Os demónios da madeira matavam os demónios da chama assim que os viam. O fogo que cuspiam podia incendiar um demónio da madeira, mesmo que o fogo normal não conseguisse. Um demónio do vento solidificou à sua frente, mas Leesha contornou-o e as pernas esqueléticas da criatura não estavam equipadas para a perseguir. Guinchou-lhe e Leesha passou a correr.

Viu luz à sua frente. A lanterna pendurada sobre a porta da frente de Bruna. Acelerou, usando as suas últimas forças, e gritando:

– Bruna! Bruna, abre a porta, por favor!

Não houve resposta e a porta permaneceu fechada, mas o caminho estava desimpedido e atreveu-se a pensar que conseguiria chegar lá.

Mas, nesse momento, um demónio da madeira com dois metros e meio de altura atravessou-se à sua frente.

E a esperança morreu.

*

O demónio rugiu, exibindo fileiras de dentes afiados como facas de cozinha. Fazia Steave parecer um anão se comparassem os dois; era composto inteiramente por tendões torcidos e retorcidos cobertos por uma armadura cheia de nós semelhante a casca de árvore.

Leesha desenhou uma guarda no ar à sua frente, orando em voz baixa para que o Criador lhe desse uma morte rápida. As histórias diziam que os demónios consumiam a alma juntamente com o corpo. Pensou que estaria prestes a descobrir.

O demónio avançou para ela, diminuindo a distância que os separava, esperando para perceber em que direcção ela tentaria fugir. Leesha sabia que era precisamente isso que deveria fazer, mas, mesmo que não se sentisse paralisada com o medo, não havia fuga possível. O nuclita erguia-se entre ela e o único local onde poderia abrigar-se.

OuvIU-se um estalido quando a porta de Bruna se abriu, iluminando o pátio à frente da cabana. O demónio voltou-se quando a velha se tornou visível.

– Bruna! – gritou Leesha. – Fica atrás das guardas! Há um demónio da madeira no pátio.

– Os meus olhos não serão o que eram, querida – replicou Bruna –, mas não me escaparia uma besta feia como esta.

Deu outro passo em frente, passando além das guardas. Leesha gritou quando o demónio rugiu e se lançou na direcção da anciã.

Bruna manteve-se firme enquanto o demónio avançava, movendo-se sobre as quatro patas e correndo a velocidade assustadora. Enfiou a mão dentro do xaile e retirou um pequeno objecto, encostando-o à chama da lanterna sobre a porta. Leesha viu o objecto incendiar-se.

O demónio estava quase sobre ela quando Bruna levou o braço atrás e lançou. O objecto abriu-se, cobrindo o demónio da madeira com fogo líquido. As chamas iluminaram a noite e, mesmo a vários metros de distância, Leesha sentiu o calor na face.

O demónio gritou, perdendo o ímpeto e caindo ao chão, rebolando na terra numa tentativa desesperada para extinguir o fogo. Mas as chamas não o libertavam, fazendo o nuclita debater-se e uivar no pátio.

– É melhor entrares, Leesha – recomendou Bruna, vendo-o arder. – Não quero que apanhes frio.

*

Leesha permaneceu sentada, embrulhada nos xailes de Bruna, fitando o vapor que se erguia do chá que não desejava beber. Os gritos do demónio da madeira prolongaram-se durante muito tempo antes de se reduzirem a um gemido e acabarem

por se desvanecer. Imaginou o destroço incandescente no pátio e achou-se capaz de vomitar.

Bruna sentava-se numa cadeira de baloiço perto dela, cantarolando baixo enquanto manuseava com destreza um par de agulhas. Leesha não conseguia compreender a sua calma. Sentiu que dificilmente voltaria a sentir-se calma.

A velha Herbanária examinara-a sem palavras, grunhindo ocasionalmente, enquanto cobria com bálsamo e ligaduras as feridas, percebendo que poucas delas resultariam da fuga. Também lhe mostrara como enrolar e inserir pano limpo para travar o fluxo de sangue entre as suas pernas, avisando que deveria mudá-lo com frequência.

Agora, recostava-se na cadeira, como se não tivesse sucedido nada de extraordinário, apenas com o som das agulhas e o crepitar da fogueira quebrando o silêncio no interior da cabana.

– O que fizeste ao demónio? – perguntou Leesha quando o silêncio se tornou insuportável.

– Fogo demoníaco líquido – respondeu Bruna. – Difícil de preparar. Muito perigoso. Mas é a única coisa que conheço capaz de travar um demónio da madeira. São imunes às chamas comuns, mas o fogo demoníaco líquido queima-os tanto como o fogo cuspidos pelos demónios da chama.

– Não sabia que existia algo capaz de matar um demónio – disse Leesha.

– Já te disse, rapariga, que as Herbanárias guardam a ciência do mundo antigo – explicou Bruna. Grunhiu e cuspiu no chão. – Algumas de nós, pelo menos. Poderei ser a última a conhecer esta receita infernal.

– Porque não a partilhas? – perguntou Leesha. – Poderíamos libertar-nos dos demónios para sempre.

Bruna riu-se.

– Falas em liberdade? – replicou. – Liberdade para queimar a aldeia até às fundações, talvez. Liberdade para incendiar a floresta. Nenhum calor conhecido conseguirá mais do que provocar cócegas a um demónio da chama, ou deter um demónio da rocha por um segundo. Nenhum fogo conseguirá erguer-se mais alto do que um demónio do vento ou incendiar um lago para alcançar um demónio da água.

– Mas, mesmo assim – insistiu Leesha –, o que fizeste esta noite mostra como poderia ser útil. Salvaste-me a vida.

Bruna acenou afirmativamente.

– Guardamos o conhecimento do mundo antigo para o dia em que voltará a ser necessário, mas tal conhecimento vem acrescido de uma grande responsabilidade. Se as histórias das ancestrais guerras do homem nos ensinam alguma coisa, é que não lhe poderão ser confiados os segredos do fogo. É por isso que as Herbanárias são sempre mulheres – prosseguiu. – Os homens não conseguem deter tamanho poder

sem o usar. Vendo paus de trovão e estalos festivos a Smitt por bom preço, mas não lhe explico como os faço.

– Darsy é mulher – disse Leesha. – Mas também nunca a ensinaste a fazê-los.

Bruna grunhiu.

– Mesmo que essa vaca fosse suficientemente esperta para misturar os químicos sem pegar fogo a si própria, é praticamente um homem na forma como pensa. Tanto lhe ensinaria a preparar fogo demoníaco ou pó flamejante a ela como a Steave.

– Virão procurar-me amanhã – disse Leesha.

Bruna apontou o chá que arrefecia nas mãos de Leesha.

– Bebe – ordenou. – Lidaremos com o assunto nessa altura.

Leesha obedeceu, notando o sabor acre de tampereira e flor-celeste enquanto se sentia dominar por uma tontura. Sentiu-se vagamente consciente de deixar cair a chávena.

*

A manhã foi dolorosa. Bruna colocou raiz-rija no chá de Leesha para atenuar a dor das nódoas negras e a dor que lhe torturava o ventre, mas a mistura trouxe o caos aos seus sentidos. Sentiu-se como se flutuasse sobre a enxerga em que estava deitada e, no entanto, os seus membros eram pesados como chumbo.

Erny chegou pouco depois do amanhecer. Irrompeu em lágrimas quando a viu, ajoelhando-se junto à enxerga e abraçando-a.

– Pensei que te tinha perdido – disse, soluçando.

Leesha estendeu a mão, sem forças, passando-lhe os dedos pelo cabelo fino.

– A culpa não foi tua – murmurou.

– Devia ter enfrentado a tua mãe há muito tempo – disse.

– Isso é dizer pouco – grunhiu Bruna, tricotando. – Nenhum homem deve permitir que a mulher o pise como a tua o faz.

Erny acenou com a cabeça, não sabendo o que responder. A sua face contorceu-se e surgiram mais lágrimas por trás das lentes dos óculos.

Bateram à porta. Bruna olhou Erny, que se prontificou a abrir.

– Está aí dentro? – Leesha ouviu a voz da mãe e as dores no ventre duplicaram. Sentia-se demasiado fraca para continuar a lutar. Nem sequer conseguia reunir forças para se erguer.

Um momento depois, Elona entrou, com Gared e Steave seguindo-a como um par de cães de caça.

– Aí estás tu, sua imprestável! – gritou Elona. – Sabes como me assustaste ao fugir pela noite dentro daquela forma? Temos metade da aldeia à tua procura! Devia encher-te de pancada!

– Não haverá espancamentos, Elona – disse Erny. – Se alguém é culpado és tu.

– Cala-te, Erny – disse Elona. – É por tua culpa que é tão caprichosa. Nunca paraste de a mimar.

– Não me calarei – tornou Erny, fitando a esposa.

– É melhor que o faças se souberes o que é bom para ti – advertiu Steave, fechando em punho a mão enorme.

Erny olhou-o e engoliu em seco.

– Não tenho medo de ti – disse, mas a sua voz transformou-se num gemido. Gared riu-se.

Steave segurou Erny pela camisa, erguendo-o do chão com uma mão enquanto levava atrás um punho semelhante a um presunto.

– Pararás de te comportar como um tolo – disse-lhe Elona. – E tu – voltou-se para Leesha – vens imediatamente connosco para casa.

– Não vai a parte alguma – disse Bruna, pousando as agulhas e apoiando-se na bengala para se erguer. – Os únicos que se irão daqui serão vocês os três.

– Cala-te, bruxa velha – disse Elona. – Não permitirei que arruines a vida da minha filha como arruinaste a minha.

Bruna grunhiu.

– Fui eu que te forcei a beber chá de pómulo e a abrir as pernas a todos os homens da aldeia? – perguntou. – A tua desgraça foi provocada por ti mesma. Agora, sai da minha cabana.

Elona aproximou-se.

– O que farás se não o fizer? – desafiou.

Bruna esboçou-lhe um sorriso desdentado e cravou a bengala com força no pé de Elona, fazendo-a gritar. Fez seguir o primeiro golpe de um segundo, no ventre, fazendo Elona curvar-se e interrompendo prontamente o seu impulso violento.

– Alto! – gritou Steave. Empurrando o pobre Erny para o lado, correu para a velha juntamente com Gared.

Bruna não pareceu mais preocupada do que quando enfrentou a carga do demónio da madeira. Levou a mão ao interior do xaile e retirou um punhado de pó, soprando-o à cara dos dois homens.

Gared e Steave caíram ao chão, cobrindo a cara com as mãos e gritando.

– Há mais de onde esse veio, Elona – disse Bruna. – Cegar-vos-ei a todos antes de ter alguém a dar-me ordens na minha casa.

Elona gatinhou para fora, escudando a face com o braço enquanto o fazia. Bruna riu-se, ajudando Elona a sair com um violento golpe no traseiro.

– Para fora com os dois! – gritou a Gared e Steave. – Fora, antes que lhes pegue fogo! – Às cegas, os dois homens tentaram mover-se, gemendo de dor e com a face coberta de lágrimas. Bruna golpeou-os com a bengala, guiando-os em direcção à porta como faria a um cão que tivesse molhado o chão. – Voltem por vossa conta e

risco! – advertiu, rindo como uma louca, vendo-os correr pelo pátio fora.

*

Voltaram a bater à porta mais tarde no mesmo dia. Leesha acordou às dez, mas continuava fraca.

– O que foi agora? – bradou Bruna. – Não recebia tantas visitas num dia como desde que os peitos me começaram a pender!

Dirigiu-se à porta, abrindo-a e deparando-se com Smitt, torcendo os dedos, obviamente nervoso. Os olhos de Bruna estreitaram-se enquanto o olhava.

– Reformei-me – disse. – Procura a Darsy. – Começou a fechar a porta.

– Espera, por favor – implorou Smitt, estendendo uma mão para manter a porta aberta. Bruna olhou-o com ferocidade e ele retirou a mão, como se a tivesse queimado.

– Estou à espera – disse Bruna, impaciente.

– É o Ande – disse Smitt, referindo-se a um dos homens feridos no ataque daquela semana. – A ferida no estômago começou a apodrecer e Darsy cortou-o. Agora, sangra das duas extremidades.

Bruna cuspiu-lhe nas botas.

– Avisei-te de que isto aconteceria – disse.

– Eu sei – replicou Smitt. – E estavas certa. Deveria ter-te dado ouvidos. Volta, por favor. Faço o que quiseres.

Bruna grunhiu.

– Não farei Ande pagar pela tua estupidez – disse. – Mas far-te-ei cumprir a promessa. Não penses, nem por um segundo, que não o farei!

– Qualquer coisa – repetiu Smitt.

– Erny! – bradou Bruna. – Vai buscar o meu pano das ervas! O Smitt pode levá-lo. Ajuda a tua filha. Vamos à aldeia.

Leesha apoiou-se no braço do pai ao longo do caminho. Receou atrasá-lo, mas, mesmo no seu estado frágil, conseguia acompanhar a passada lenta de Bruna.

– Devia obrigar-te a carregares-me às costas – resmungou Bruna a Smitt. – As minhas velhas pernas já não são tão rápidas como foram.

– Posso carregar-te, se preferires – disse Smitt.

– Não sejas imbecil – disse Bruna.

Metade da aldeia estava reunida à porta do templo. Ouviu-se um suspiro de alívio colectivo quando Bruna surgiu, seguido de murmúrios provocados pela presença de Leesha, com o vestido rasgado e as nódoas negras.

A anciã ignorou-os a todos, empurrando gente para fora do caminho com a bengala e entrando. Leesha viu Gared e Steave deitados em enxergas com panos húmidos sobre a cara e conteve um sorriso. Bruna explicara que a mistura de

pimenta com raiz-porqueira que soprara sobre eles não provocaria danos permanentes, mas esperava que Darsy não soubesse o suficiente para lhes dizer isso. Sentada a seu lado, os olhos de Elona fitaram-na com puro ódio.

Bruna dirigiu-se directamente para a enxerga de Ande. Estava banhado em suor e tresandava. Tinha a pele amarelada e o pano enrolado em torno do baixo-ventre estava manchado de sangue, urina e fezes. Bruna olhou-o e cuspiu para o chão. Darsy sentava-se por perto. Era óbvio que chorara.

– Leesha, desenrola o pano das ervas – ordenou Bruna. – Temos trabalho a fazer.

Darsy aproximou-se, estendendo as mãos para retirar o pano a Leesha.

– Eu posso fazê-lo – disse. – Pareces prestes a cair.

Leesha afastou o pano e abanou a cabeça.

– É o meu trabalho – replicou, desatando o pano e desenrolando-o para revelar muitas bolsas de ervas.

– Leesha é a minha aprendiz agora! – gritou Bruna para que todos ouvissem. Olhou Elona nos olhos enquanto continuava. – A sua promessa a Gared está dissolvida e passará sete anos e um dia comigo! Quem tiver uma palavra de desagrado a dizer sobre isso ou sobre ela poderá ocupar-se de curar os seus doentes!

Elona abriu a boca, mas Erny apontou-a.

– Calada! – berrou. Elona abriu muito os olhos e tossiu ao engolir as palavras. Erny acenou afirmativamente e aproximou-se de Smitt. Os dois homens afastaram-se para um canto, onde conversaram em voz baixa.

Leesha perdeu a noção do tempo enquanto trabalhava com Bruna. Darsy cortara acidentalmente o intestino de Ande ao tentar extrair a podridão demoníaca, envenenando-o com a sua própria imundície. Bruna praguejou sem cessar enquanto tentava reparar os danos, mandando Leesha buscar instrumentos limpos, trazer ervas e misturar poções. Ensinava enquanto o fazia, explicando os erros de Darsy e o que fazia para os corrigir. Leesha ouvia atentamente.

Fizeram tudo o que podiam e coseram a ferida, cobrindo-a com ligaduras limpas. Ande permaneceu drogado, dormindo profundamente, mas a respiração pareceu acalmar e a cor da pele aproximou-se da tonalidade normal.

– Ficar bom? – perguntou Smitt, enquanto Leesha ajudava Bruna a erguer-se.

– Não graças a ti ou a Darsy – ripostou Bruna. – Mas, se permanecer onde está e fizer exactamente o que lhe for mandado, não será isto a matá-lo.

Quando se dirigiam para a porta, Bruna aproximou-se das enxergas ocupadas por Gared e Steave.

– Tirem esses panos idiotas dos olhos e parem com as lamúrias – disse-lhes.

Gared foi o primeiro a obedecer, semicerrando os olhos porque a luz os magoava.

– Consigo ver! – gritou.

– Claro que consegues ver, seu imbecil com miolos de serradura – disse Bruna. –

A aldeia precisa de alguém que transporte objectos pesados de um sítio para o outro e não poderás fazê-lo se fores cego. – Ameaçou-o com a bengala. – Mas voltas a atravessar-te no meu caminho e a cegueira será a menor das tuas preocupações!

Gared empalideceu e acenou afirmativamente.

– Ótimo – disse Bruna. – Agora diz a verdade. Colheste a flor de Leesha?

Gared olhou em redor, assustado. Por fim, baixou os olhos.

– Não – admitiu. – Foi uma mentira.

– Mais alto, rapaz – ordenou Bruna. – Sou velha e os meus ouvidos já não são o que eram. – Mais alto, para que todos ouvissem, perguntou de novo: – Colheste a flor de Leesha?

– Não! – gritou Gared, com a face mais vermelha do que quando fora atingido pelo pó. Murmúrios espalharam-se como fogo pela multidão quando ouviram o que dissera.

Steave também retirara o pano dos olhos e atingiu violentamente a cabeça do filho com a mão.

– Espera-te um Núcleo de tormento quando voltarmos para casa – ameaçou.

– Não para minha casa – disse Erny. Elona olhou-o, feroz, mas Erny ignorou-a, apontando Smitt com o dedo. – Há espaço para os dois na taberna – disse.

– Pagarão o alojamento com trabalho – acrescentou Smitt. – E sairão dentro de um mês, mesmo que apenas tenham conseguido construir um alpendre.

– Ridículo! – exclamou Elona. – Não podem trabalhar para pagar o alojamento e construir uma casa num mês!

– Penso que terás outros problemas com que te preocupar – disse Smitt.

– Que queres dizer? – perguntou Elona.

– Quer dizer que precisas de tomar uma decisão – disse Erny. – Ou aprendes a cumprir os teus votos matrimoniais ou peço ao Protector para os dissolver e juntas-te a Steave e a Gared debaixo do seu alpendre.

– Não falas a sério – disse Elona.

– Nunca falei tão a sério – replicou Erny.

– Que vá para o Núcleo – disse Steave. – Vem comigo.

Elona olhou-o de soslaio.

– Para viver por baixo de um alpendre? – perguntou. – Pouco provável.

– Então é melhor voltares para casa – disse Erny. – Vais levar algum tempo a aprender a usar a cozinha.

Elona retribuiu com um olhar indignado e Leesha soube que a luta do pai apenas começara, mas a mãe partiu como lhe foi dito e isso era um sinal positivo para as suas hipóteses de sucesso.

Erny beijou a filha.

– Orgulho-me de ti – disse-lhe. – E espero que, um dia, te faça também sentir

orgulho em mim.

– Oh, pai – disse Leesha, abraçando-o. – Já o fizeste.

– Então voltarás para casa? – perguntou, esperançoso.

Leesha olhou Bruna e voltou a olhá-lo. Abanou a cabeça.

Com um aceno afirmativo, Erny voltou a abraçá-la.

– Compreendo.

SETE
ROJER
318 DR

Rojer seguia a mãe enquanto esta varria a estalagem, movendo a pequena vassoura de um lado para o outro, imitando os seus gestos amplos. Viu-a sorrir-lhe, passando-lhe a mão pelo cabelo ruivo e retribuiu-lhe o sorriso. Tinha três anos de idade.

– Varre por trás da fornalha, Rojer – disse-lhe. Apressou-se a obedecer, enfiando as cerdas da vassoura no espaço entre a fornalha e a parede, levantando serradura e pedaços de casca. A mãe varreu o resultado, formando uma pilha aprumada.

A porta abriu-se e o pai de Rojer entrou, com os braços cheios de lenha. Deixou um rasto de terra e casca de árvore ao atravessar a sala.

– Jessum! – gritou a mãe. – Acabo de varrer o chão.

– Eu ajudei! – proclamou Rojer, elevando a voz.

– Isso mesmo – confirmou a mãe. – E o teu pai sujou tudo.

– Queres que fiquemos sem lenha durante a noite com o

Duque e a sua comitiva lá em cima? – perguntou Jessum.

– Sua Senhoria não chegará até à próxima semana – replicou a mãe.

– É melhor fazer o trabalho enquanto a estalagem está tranquila, Kally – considerou Jessum. – É impossível adivinhar quantos cortesãos o Duque trará, fazendo-nos correr de um lado para o outro como se a pequena Ponteflúvia fosse a própria Angiers.

– Se queres fazer algo de verdadeiramente útil – disse Kally – as guardas lá fora começam a estalar.

Jessum acenou afirmativamente.

– Já vi – disse. – A madeira não resistiu bem à última onda de frio.

– Mestre Piter deveria tê-las redesenhado há uma semana – disse Kally.

– Falei com ele ontem – disse Jessum. – Põe toda a gente a trabalhar na ponte, mas diz que estarão prontas antes da chegada do Duque.

– Não é o Duque que me preocupa – afirmou Kally. – A única preocupação de Piter é impressionar Rhinebeck, com esperanças de um encargo régio, mas eu tenho preocupações mais simples. Como evitar que a minha família seja morta durante a noite.

– Muito bem, muito bem – disse Jessum, erguendo as mãos. – Voltarei a falar com ele.

– Seria de esperar que Piter pensasse melhor – prosseguiu Kally. – Rhinebeck nem sequer é o nosso Duque.

– É o único suficientemente próximo para nos socorrer em caso de necessidade – tornou Jessum. – Euchor não quer saber de Ponteflúvia, desde que os Mensageiros

passem e os impostos cheguem a tempo.

– Vê a luz – disse-lhe Kally. – Se Rhinebeck aí vem, é porque também fareja impostos. Acabaremos a pagar aos dois lados antes que Rojer veja outro verão.

– Que sugeres que façamos? – perguntou Jessum. – Enfurecer o que está a um dia de distância para não melindrar o que está duas semanas a norte?

– Não sugeri que lhe cuspíssemos no olho – disse Kally. – Apenas não percebo porque impressioná-lo deverá vir antes de zelar pelas guardas dos nossos lares.

– Já disse que irei – tornou Jessum.

– Então vai – sugeriu Kally. – Já passa do meio-dia. E leva Rojer contigo. Talvez te recorde o que é realmente importante.

Jessum conteve o esgar de desagrado e agachou-se diante do filho.

– Queres ver a ponte, Rojer? – perguntou.

– Pescar? – perguntou Rojer. Adorava pescar da ponte com o pai.

Jessum riu-se, erguendo-o nos braços.

– Hoje não – disse-lhe. – A tua mãe quer que falemos com Piter. – Sentou Rojer nos seus ombros. – Agora segura-te bem. – Rojer segurou-se à cabeça do pai enquanto este se baixava para sair. A barba na face do pai arranhava-lhe as mãos.

A ponte não ficava longe. Ponteflúvia era pequena até para uma aldeia. Apenas uma mão cheia de casas e lojas, o quartel dos soldados que cobravam a portagem e a estalagem dos pais. Rojer acenou aos guardas quando passaram pela portagem e estes retribuíram-lhe o aceno.

A ponte estendia-se sobre o Rio Divisor no seu ponto mais estreito. Construída em gerações passadas, tinha dois arcos, cobrindo quase cem metros de uma margem à outra, sendo suficientemente larga para permitir a passagem de uma carroça grande com um cavalo de cada lado. Uma equipa de engenheiros milneses assegurava a manutenção diária das cordas e suportes. A estrada dos Mensageiros, a única estrada, estendia-se até onde a vista alcançava em cada direcção.

Mestre Piter estava no extremo oposto, berrando instruções do alto da ponte. Rojer seguiu-lhe o olhar e viu os aprendizes suspensos de cordas enquanto guardavam o lado inferior da ponte.

– Piter! – chamou Jessum, quando iam a meio da travessia.

– Ei, Jessum! – respondeu o Guardador. Jessum pousou Rojer e apertou a mão de Piter.

– A ponte está com bom aspecto – observou. Piter substituíra a maior parte das suas guardas pintadas mais simples por caligrafia gravada, lacada e polida.

Piter sorriu.

– O Duque cairá redondo quando vir as minhas guardas – proclamou.

Jessum riu-se.

– Kally trata da estalagem neste preciso momento – disse.

– Deixa o Duque feliz e terás o futuro garantido – disse Piter. – Um elogio nos ouvidos certos e poderemos levar os nossos ofícios para Angiers, em vez deste arrabalde.

– Este «arrabalde» é a minha terra – repreendeu-o Jessum. – O meu avô nasceu em Ponteflúvia e, se depender de mim, os meus netos também aqui nascerão.

Piter acenou afirmativamente.

– Não queria ofender – disse. – Apenas tenho saudades de Angiers.

– Regressa – sugeriu Jessum. – A estrada está aberta e passar uma única noite nela não será grande feito para um Guardador. Não precisarás do Duque para isso.

Piter abanou a cabeça.

– Não faltam Guardadores em Angiers – disse. – Seria apenas mais uma folha na floresta. Mas, se pudesse invocar a predilecção do Duque, haveria fila à minha porta.

– É a minha porta que me preocupa hoje – disse Jessum. – As guardas começam a estalar e a cair em lascas. Kally não acredita que aguentem a noite. Podes dar uma vista de olhos?

Piter expirou.

– Disse-te ontem... – começou, mas Jessum interrompeu-o.

– Sei o que me disseste, Piter, mas digo-te que não servirá – disse-lhe. – Não deixarei o meu filho dormir atrás de guardas fracas para que possas embonecar as da ponte. Não podes remendá-las para suportarem a noite?

Piter cuspiu.

– Podes fazê-lo tu próprio, Jessum. Basta seguir as linhas. Dou-te a tinta.

– Rojer pinta melhores guardas do que eu e isso não diz muito – replicou Jessum. – Estragaria tudo e Kally matar-me-ia se sobrevivesse aos nuclitas.

Piter fitou-o, com desagrado. Estava pronto para responder quando ouviu um grito vindo da estrada.

– Ei, Ponteflúvia!

– Geral! – chamou Jessum. Rojer ergueu os olhos, subitamente interessado, reconhecendo o vulto volumoso do Mensageiro. Sentiu crescer-lhe água na boca ao vê-lo. Geral trazia-lhe sempre um doce.

Vinha outro homem a seu lado, um desconhecido, mas o seu traje de Jogral tranquilizou o rapaz. Recordou como o último Jogral cantara e dançara e andara sobre as mãos e isso fê-lo saltar com excitação. Rojer adorava jograis mais do que qualquer outra coisa.

– O pequeno Rojer cresceu mais quinze centímetros! – gritou Geral, puxando as rédeas do cavalo e baixando-se para erguer Rojer. Era alto e com a compleição de um barril de chuva, a face redonda e a barba grisalha. Rojer tivera medo dele, com a camisa de cota de malha e a cicatriz provocada por um demónio que lhe

transformava o lábio inferior num esgar permanente de desagrado. Mas isso passara. Riu-se quando Geral lhe fez cócegas. – Em que bolso? – perguntou-lhe, segurando o rapaz com os braços estendidos. Rojer apontou, prontamente. Geral guardava sempre os doces no mesmo local.

O grande Mensageiro riu, retirando um cubo de açúcar rizonano envolto em camisa de milho torcida. Rojer gritou de alegria e saltou para a erva para o desembrulhar.

– Que te traz a Ponteflúvia desta vez? – perguntou-lhe Jessum.

O Jogral avançou, lançando a capa para trás com um floreado. Era alto, com cabelo longo dourado pelo sol e barba castanha. O queixo era perfeitamente recto e a pele bronzeada. Sobre o traje de Jogral, vestia um fino tabardo decorado com uma coroa de folhas verdes sobre fundo castanho.

– Arrick Doce-Canção – apresentou-se. – Mestre Jogral e arauto de Sua Senhoria, o Duque Rhinebeck III, Guardiã da Fortaleza da Floresta, Detentor da Coroa de Madeira e Senhor de toda Angiers. Vim inspeccionar a aldeia antes da chegada de Sua Senhoria na próxima semana.

– O arauto do Duque é um Jogral? – perguntou Piter a Geral, elevando uma sobancelha.

– Não há nada melhor para as aldeias – replicou Geral, piscando o olho. – As pessoas sentem-se menos inclinadas a enforcar um homem que anuncia uma subida dos impostos quando este faz malabarismo para os seus filhos.

Arrick lançou-lhe um olhar de desagrado, mas Geral riu-se.

– Sê prestável e chama o estalajadeiro para vir ocupar-se dos nossos cavalos – disse Arrick a Jessum.

– Sou eu o estalajadeiro – respondeu o pai de Rojer, estendendo a mão. – Jessum Estalagem. Este é o meu rapaz, Rojer. – Indicou Rojer com a cabeça.

Arrick ignorou a mão e o rapaz, fazendo surgir do nada uma lua de prata e lançando-a. Jessum apanhou a moeda, observando-a com cuidado.

– Os cavalos – insistiu Arrick. Jessum franziu o sobrolho, mas guardou a moeda e aproximou-se dos animais. Geral recusou-se a passar-lhe as rédeas e afastou-o com um gesto.

– Continuo a precisar que me verifiques as guardas, Piter – disse Jessum. – Lamentarás a tua sorte se tiver de enviar Kally para gritar contigo.

– Parece-me que a ponte precisará ainda de muito trabalho antes da chegada de Sua Senhoria – referiu Arrick. Piter endireitou-se e lançou um olhar amargo a Jessum.

– Deseja passar a noite atrás de guardas lascadas, mestre Jogral? – perguntou Jessum. A pele bronzeada de Arrick empalideceu ao ouvi-lo.

– Posso dar uma vista de olhos, se quiseres – disse Geral. – Conseguirei repará-

las se os estragos não forem demasiado grandes e chamarei Piter se forem. – Bateu com a lança no chão e fitou demoradamente o Guardador. Piter arregalou os olhos e acenou com a cabeça, manifestando a sua compreensão.

Geral pegou em Rojer ao colo e sentou-o sobre o seu enorme cavalo.

– Segura-te bem, rapaz – disse. – Será uma viagem e tanto! – Rojer riu-se e puxou as crinas do cavalo enquanto Geral e o pai conduziam os cavalos de volta à estalagem. Arrick seguia à frente, como um homem seguido pelos seus servos.

Kally esperava-os à porta.

– Geral! – chamou. – Que agradável surpresa!

– Quem é? – perguntou Arrick, prontificando-se a alisar cabelo e vestimenta.

– É Kally – disse Jessum, acrescentando «a minha mulher», ao perceber que o brilho nos olhos de Arrick não diminuía.

Arrick fingiu não ouvir e aproximou-se dela, lançando a capa multicolorida para trás enquanto se curvava.

– Um prazer, senhora – disse, beijando-lhe a mão. – Sou Arrick Doce-Canção, mestre Jogral e arauto do Duque Rhinebeck III, Guardião da Fortaleza da Floresta, Detentor da Coroa de Madeira e Senhor de Toda Angiers. Sua Senhoria ficará agradado por contemplar tamanha beleza quando visitar a vossa bela estalagem.

Kally cobriu a boca com a mão, com as bochechas pálidas adquirindo subitamente a coloração do cabelo ruivo. Retribuiu as palavras com uma cortesia atrapalhada.

– Sentir-se-á certamente cansado. E Geral também – disse. – Entrem e servirei sopa quente enquanto preparo a ceia.

– Será um prazer, minha senhora – retorquiu Arrick, com nova vénia.

– Geral prometeu verificar-nos as guardas antes que anoiteça, Kal – disse-lhe Jessum.

– O quê? – perguntou Kally, afastando o olhar do sorriso garboso de Arrick. – Então prendam os cavalos e ocupem-se disso enquanto mostro o quarto a Mestre Arrick e começo a ceia – disse.

– Uma excelente ideia – tornou Arrick, oferecendo-lhe o braço e entrando.

– Atenção a Arrick com a tua mulher – murmurou Geral. – Chamam-lhe «Doce-Canção» porque tem uma voz capaz de amansar qualquer mulher entre as pernas. E nunca o vi deixar-se impedir por votos de casamento.

Jessum esboçou uma expressão de desagrado.

– Rojer – disse, fazendo-o descer do cavalo. – Corre e fica com a tua mãe.

Rojer acenou afirmativamente e correu.

*

– O último Jogral engolia fogo – disse Rojer. – Consegues engolir fogo?

– Consigo – respondeu Arrick. – E cuspi-lo como um demónio da chama. – Rojer

aplaudiu e Arrick voltou o seu olhar para Kally, que se debruçava atrás do bar para lhe encher uma caneca de cerveja. Soltara o cabelo.

Roger puxou-lhe novamente a capa. O Jogral tentou afastá-la do seu alcance e Roger puxou-lhe a perna das calças.

– O que foi? – perguntou Arrick, voltando-se para ele com irritação.

– Também cantas? – quis saber Roger. – Gosto de canções.

– Talvez te cante uma mais tarde – disse Arrick, tornando a voltar-se.

– Dê-lhe uma canção – implorou Kally, colocando uma caneca espumosa sobre o balcão à sua frente. – Deixá-lo-ia tão feliz.

Sorriu. Os olhos de Arrick baixaram até ao primeiro botão do seu vestido, que, misteriosamente, se abria enquanto lhe enchia a caneca.

– Claro – disse Arrick, com um sorriso brilhante. – Preciso apenas de um trago da vossa excelente cerveja para me limpar o pó da garganta.

Esvaziou a caneca de uma só vez, sem nunca afastar os olhos do decote, e levou a mão ao grande saco colorido no chão. Kally voltou a encher a caneca enquanto ele retirava o alaúde.

A voz sonora e rica de Arrick encheu a sala, cristalina e bela, enquanto dedilhava delicadamente o alaúde. Interpretou uma canção sobre uma mulher aldeã que desperdiçara a sua única oportunidade para amar um homem antes da sua partida para as Cidades Livres e para sempre se arrependeu. Kally e Roger fitaram-no, estarrecidos e hipnotizados pelo som. Quando terminou, aplaudiram de forma ruidosa.

– Mais! – pediu Roger.

– Agora não, meu rapaz – tornou Arrick, passando a mão pelo cabelo. – Talvez depois da ceia. Aqui tens – disse, enfiando a mão no saco. – Porque não tentas fazer a tua própria música? – Retirou um xilofone, várias varetas de pau-rosa polido com diferentes comprimentos dispostas numa armação de madeira lacada. Um cordão rijo prendia-o à baqueta, um pau de quinze centímetros com uma bola de madeira na extremidade. – Brinca com isto um pouco enquanto converso com a tua adorável mãe – disse.

Roger guinchou de prazer, recebendo o brinquedo e deitando-se sobre o chão, atingindo as varetas com padrões variados, deleitando-se com os sons cristalinos que cada uma produzia.

Kally riu-se ao vê-lo.

– Será Jogral um dia – disse.

– Não há muitos clientes? – perguntou Arrick, abrangendo as mesas vazias com um gesto da mão.

– Estávamos cheios à hora de almoço – explicou Kally. – Mas, nesta altura do ano, não temos muitos clientes além do Mensageiro ocasional.

– Deve ser trabalho solitário, gerir uma estalagem vazia – disse Arrick.

– Por vezes – tornou Kally. – Mas tenho Rojer para me manter ocupada. É complicado, mesmo quando está sossegado, e torna-se um terror durante a estação das caravanas, quando os condutores se embebedam e cantam pela noite dentro, mantendo-o acordado com o barulho.

– Imagino que também lhe custe dormir nessas noites – disse Arrick.

– É verdade – admitiu Kally. – Mas Jessum consegue dormir por maior que seja o barulho.

– Ah, sim? – perguntou Arrick, cobrindo a mão dela com a sua. Kally arregalou os olhos e susteve a respiração, mas a mão permaneceu onde estava.

A porta da frente abriu-se de repente.

– As guardas estão reparadas! – anunciou Jessum. Kally afastou a mão de Arrick com tanta rapidez que lhe entornou a cerveja sobre o balcão. Pegou num pano para ensopar o líquido.

– Bastou repará-las? – perguntou, incrédula, baixando os olhos para camuflar o rubor na face.

– À justa – disse Geral. – Acho que têm tido sorte por terem durado tanto. Reparei as que estavam em pior estado e terei de falar com Piter de manhã. Fá-lo-ei substituir todas as guardas da estalagem até ao anoitecer, nem que tenha de lhe encostar uma lança ao lombo.

– Obrigada, Geral – agradeceu Kally, lançando um olhar culpado a Jessum.

– Continuo ocupado no celeiro – disse este. – Por isso, prendi os cavalos no pátio, dentro do círculo de guardas portátil de Geral.

– Ótimo – considerou Kally. – Lavem-se. Todos vós. A ceia não tardará a estar pronta.

*

– Delicioso – proclamou Arrick, bebendo grandes quantidades de cerveja com a comida. Kally assara uma perna de borrego com ervas, servindo as melhores porções ao arauto do Duque. – Suponho que não terá uma irmã igualmente bela? – perguntou Arrick entre garfadas. – Sua Senhoria procura uma nova esposa.

– Pensei que o Duque já tivesse mulher – disse Kally, corando e debruçando-se para lhe encher a caneca.

– E tem – grunhiu Geral. – Tem quatro.

Arrick manifestou o seu desprezo com um ronco.

– Receio que a quarta não seja mais fértil do que as anteriores, se os boatos que circulam pelo palácio forem verdadeiros.

Rhinebeck terá de continuar a procurar esposas até que uma lhe dê um filho.

– Parece-me que terás razão – admitiu Geral.

– Quantas vezes os Protectores o deixarão prometer fidelidade «eterna» ao Criador? – perguntou Jessum.

– Tantas quantas forem necessárias – garantiu Arrick. – Lorde Janson mantém os sacerdotes sob a sua autoridade.

– Não está certo que os homens do Criador tenham de se rebaixar dessa forma... – considerou Geral, com desprezo.

Arrick ergueu um dedo em aviso.

– Dizem que até as árvores têm ouvidos para quem fala contra o primeiro-ministro.

O desagrado de Geral era notório, mas conteve a língua.

– É pouco provável que ache esposa em Ponteflúvia – disse Jessum. – Não há mulheres que cheguem para os homens daqui. Tive de ir ao Córrego do Grilo para encontrar Kally.

– É angierana, minha cara? – perguntou Arrick.

– De nascimento, sim – respondeu Kally. – Mas o Protector fez-me jurar lealdade a Miln no casamento. Todos os habitantes de Ponteflúvia devem jurar fidelidade a Euchor.

– Por agora – considerou Arrick.

– Então é verdade o que dizem – disse Jessum. – Rhinebeck vem para tomar posse de Ponteflúvia.

– Nada de tão dramático – disse Arrick. – Sua Senhoria sente apenas que, quando metade da vossa gente é angierana e com a ponte construída e mantida com madeira angierana, talvez devêssemos todos ter uma... – olhou Kally quando esta tornou a sentar-se – ... relação mais próxima.

– Duvido que Euchor se preste a partilhar Ponteflúvia – considerou Jessum. – O Divisor separa as suas terras há mil anos. Tão cedo abdicará dessa fronteira como abdicaria do trono.

Arrick encolheu os ombros e sorriu.

– Será questão para duques e ministros – disse, erguendo a caneca. – Gente pequena como nós não precisa de se preocupar com tais coisas.

O sol depressa se pôs e, no exterior, ouviram-se ruídos estrondosos, entrecortados com clarões que se entreviam pelas janelas fechadas quando as guardas cintilavam. Rojer odiava esses ruídos e os gritos que os acompanhavam. Sentou-se no chão e tocou o instrumento que o Jogral lhe dera, cada vez com mais força, tentando abafá-los.

– Os nuclitas estão esfomeados esta noite – ouviu dizer o seu pai.

– Assustam o Rojer – disse Kally, erguendo-se e aproximando-se dele.

– Não há nada a temer – disse Arrick, limpando a boca. Foi até ao saco colorido, retirando o estojo de um violino. – Vamos afugentar os demónios.

Aproximou o arco das cordas e, de imediato, a sala encheu-se de música. Rojer ria e batia palmas, perdendo o medo. A mãe aplaudia com ele e encontraram um ritmo que complementava a melodia de Arrick. Até Geral e Jessum começaram a bater palmas.

– Dança comigo, Rojer! – pediu Kally, rindo, pegando-lhe na mão e fazendo-o erguer-se.

Rojer tentou acompanhá-la enquanto a mãe se movia seguindo o ritmo, mas tropeçou e ela ergueu-o nos braços, beijando-o ao rodopiarem pela sala. Rojer ria, deleitado.

Ouviram-se um estrondo súbito. O arco de Arrick falhou as cordas e todos se voltaram, vendo a porta pesada estremecer. O pó libertado pelo impacto flutuou lentamente até ao chão.

Geral foi o primeiro a reagir. O grande homem moveu-se com velocidade surpreendente para a lança e escudo que deixara junto à porta. Durante um longo momento, os outros olharam-no, sem compreender. Seguiu-se novo estrondo e grandes garras negras atravessaram a madeira. Kally gritou.

Jessum saltou até à lareira, erguendo um pesado atizador de ferro.

– Leva Rojer para o alçapão na cozinha! – gritou. As suas palavras foram entrecortadas pelo rugido além da porta.

Geral erguia já a sua lança e passou o escudo a Arrick.

– Leva Kally e o rapaz! – gritou, quando a porta se estilhaçou e um demónio da rocha com dois metros entrou. Geral e Jessum prepararam-se para o enfrentar. A criatura lançou para trás a cabeça e rugiu enquanto pequenos e ágeis demónios da chama entravam pela sala dentro, passando entre as suas pernas grossas.

Arrick levantou o escudo, mas, quando Kally correu para junto dele, levando Rojer nos braços, empurrou-a para trás, erguendo o saco colorido e correndo para a cozinha.

– Kally! – gritou Jessum, quando esta caiu no chão, torcendo-se para proteger o filho do impacto.

– Para o Núcleo contigo, Arrick! – praguejou Geral. – Que todos os teus sonhos se reduzam a pó! – O demónio da rocha golpeou-o, fazendo-o voar pela sala.

Um demónio da chama saltou sobre ela quando Kally se erguia, mas Jessum atingiu-o com força com o atizador, afastando-o. Cuspiu fogo ao aterrar, incendiando o soalho.

– Vai! – gritou Jessum, assim que Kally conseguiu erguer-se. Olhando sobre o ombro, Rojer viu o demónio cuspir fogo sobre o pai ao fugirem. Jessum gritou quando as roupas se incendiaram.

A mãe segurou-o com firmeza junto ao peito, gemendo ao correr pelo corredor. Na sala comum, Geral rugia de dor.

Entraram na cozinha no momento em que Arrick abria o alçapão e se deixava cair. Ergueu a mão, procurando o pesado anel de ferro que fecharia o alçapão

– Mestre Arrick! – gritou Kally. – Espere por nós.

– Demónio! – berrou Rojer quando um demónio da chama conseguiu entrar, mas o seu aviso veio demasiado tarde. O impacto do nuclita fez a mãe perder o fôlego, mas continuou a segurar o filho quando as garras da criatura se cravaram nela. Gritou enquanto lhe subia pelas costas, com os dentes afiados enterrando-se-lhe no ombro e cortando a mão direita de Rojer, fazendo-o berrar.

– Rojer! – gritou a mãe, tropeçando na tina das lavagens antes de cair de joelhos no chão. Gritando de dor, levou a mão atrás e segurou firmemente o nuclita por um chifre.

– Não... terás... o meu... filho! – berrou, curvando-se para a frente e puxando o chifre com toda a força. Forçado a abandonar o seu poleiro, o demónio arrancou-lhe pedaços de carne quando Kally o submergiu na tina.

Louça de molho fracturou-se e o demónio da chama gorgolejou e debateu-se, fazendo erguer vapor da água, que ferveu de imediato. Kally tornou a gritar, sentindo os braços queimar, mas continuou a segurar a criatura até esta deixar de se debater.

– Mãe! – chamou Rojer. Voltou-se e viu mais duas criaturas entrar na cozinha. Pegou em Rojer e correu para o alçapão, erguendo a pesada cobertura com uma mão. Arrick olhou-a, com os olhos arregalados de medo.

Kally caiu quando um demónio da chama se prendeu à sua perna, mordendo-lhe a coxa.

– Fica com ele! Por favor! – implorou, passando o rapaz para os braços de Arrick. – Amo-te! – gritou ao filho enquanto fechava o alçapão, deixando-os em completa escuridão.

*

Tão perto do Rio Divisor, as casas de Ponteflúvia eram construídas sobre grandes blocos encaixados uns nos outros para resistir às inundações. Esperaram na escuridão, a salvo dos nuclitas desde que as fundações resistissem, mas o fumo enchia o espaço abaixo da casa.

– Morto pelos nuclitas ou morte pelo fumo – murmurou Arrick. Começou a erguer-se para o alto do alçapão, mas o rapaz segurou-se à sua perna com força. – Larga-me, fedelho – disse Arrick, sacudindo a perna numa tentativa de se livrar dele.

– Não me deixes! – gritou Rojer, chorando descontroladamente.

Arrick franziu o sobrolho. Olhou o fumo em redor e cuspiu.

– Segura-te, rapaz – disse, pondo Rojer às costas. Ergueu as extremidades da capa para sentar o rapaz numa espécie de funda improvisada, prendendo os cantos à cintura. Pegou no escudo de Geral e avançou pelas fundações, baixando-se para

rastejar até à noite. – Criador – murmurou, vendo que as chamas consumiam toda a aldeia de Ponteflúvia. Demónios dançavam na escuridão, arrastando corpos que gritavam, para se banquetear. – Parece que os teus pais não foram os únicos a quem Piter falhou – disse Arrick. – Espero que arrastem o maldito para o Núcleo.

Agachando-se atrás do escudo, Arrick contornou a estalagem, escondendo-se entre o fumo e o caos até chegarem ao pátio principal. Aí, a salvo no círculo portátil de Geral, viram os dois cavalos. Uma ilha de segurança entre o horror.

Um demónio da chama avistou-os enquanto Arrick corria para o abrigo, mas o escudo de Geral rebateu as chamas que cuspiu com um clarão mágico. Dentro do círculo, Arrick pousou Rojer e caiu de joelhos, tossindo. Quando recuperou, começou a vasculhar desesperadamente nos alforjes.

– Tem de estar aqui – murmurou. – Sei que o deixei... Ah! – Retirou um odre de vinho e puxou a rolha, bebendo um longo trago.

Roger gemeu, segurando a mão direita ensanguentada.

– Hmm? – perguntou Arrick. – Estás ferido, rapaz? – Aproximou-se para o observar e engasgou-se quando lhe viu a mão. O dedo médio e o indicador de Rojer tinham sido arrancados. Os dedos que restavam seguravam firmemente uma madeixa de cabelo ruivo. O cabelo da mãe, cortado pelos dentes do demónio.

– Não! – gritou Rojer, quando Arrick tentou retirar-lhe o cabelo. – É meu!

– Não to tiro, rapaz – disse Arrick. – Preciso apenas de ver o corte. – Colocou a madeixa na outra mão de Rojer e o rapaz tornou a segurá-la com a mesma firmeza.

O ferimento não sangrava muito, parcialmente cauterizado pela saliva do demónio da chama, mas jorrava pus e exalava um cheiro fétido.

– Não sou nenhuma Herbanária – disse Arrick, encolhendo os ombros, salpicando a ferida com vinho do odre. Rojer gritou e Arrick rasgou um pedaço da sua capa de bom corte para lhe ligar a mão.

Roger chorava sem cessar e Arrick rodeou-o com a capa.

– Pronto, rapaz – disse, aproximando-o de si e passando-lhe a mão pelas costas. – Estamos vivos para contar a história. Isso é alguma coisa, não?

Roger continuou a chorar e Arrick cantou-lhe uma canção de embalar. Cantava enquanto Ponteflúvia ardia. Cantava enquanto os demónios dançavam e se banquetevam. O som era como um escudo em seu redor e, sob a sua protecção, Rojer cedeu à exaustão e acabou por adormecer.

OITO
PARA AS CIDADES LIVRES
319 DR

Arlen apoiou-se ainda mais sobre a bengala à medida que a febre ia aumentando. Curvou-se e cedeu ao vômito, mas o estômago vazio continha apenas bÍlis. Zonzo, procurou um ponto de foco.

Viu uma coluna de fumo.

Havia uma construção junto à estrada mais à frente. Uma parede de pedra, de tal forma coberta com trepadeiras que se tornava quase invisível. O fumo erguia-se daí.

A esperança de abrigo deu ânimo aos seus membros esgotados e forçou-se a prosseguir. Alcançou a parede, encostando-se a ela ao avançar, procurando uma entrada. A pedra estava coberta de buracos e fissuras. Os ramos das trepadeiras enfiavam-se por todas as aberturas. Sem o suporte proporcionado pela vegetação, a velha parede poderia desabar, tal como Arlen desabaria sem a parede para o apoiar.

Por fim, alcançou um arco na parede. Dois portões de metal, com dobradiças enferrujadas, abriam-se entre o revestimento vegetal. O tempo corroera-os, reduzindo-os a nada. O arco abria para um pátio amplo igualmente coberto de trepadeiras e ervas daninhas. Havia uma fonte arruinada repleta de água da chuva cheia de limos e um edifício baixo tão coberto de hera que poderia não se notar a sua presença ao primeiro olhar.

Arlen entrou no pátio, maravilhado. Abaixo da vegetação, o piso era de pedra fracturada. Árvores adultas tinham crescido entre as pedras, voltando blocos gigantescos agora cobertos com musgo. Arlen via marcas de garras profundas na pedra sem adornos.

“Sem guardas,” apercebeu-se, com espanto. “Este sítio foi abandonado antes do Regresso.” A ser verdade, fora abandonado mais de trezentos anos antes.

A porta do edifício desfizera-se como os portões. Uma pequena ombreira de pedra abria para uma sala ampla. Fios metálicos pendurados nas paredes desenhavam um ângulo. A arte que outrora sustinham desintegrara-se. Uma cobertura de imundície no chão era tudo o que restava de uma espessa carpete. Sulcos profundos tinham sido abertos nas paredes e no mobiliário como recordações da queda.

– Olá? – disse Arlen. – Está aqui alguém?

Não houve resposta.

Sentiu calor na cara, mas tremia de frio, mesmo com o ar quente. Achou que não seria capaz de levar a busca muito mais além, mas vira fumo e fumo significava vida. Esse pensamento fortaleceu-o e, encontrando uma escada arruinada, subiu até ao primeiro piso.

A maior parte do topo do edifício estava aberta aos raios solares. O telhado tinha

sido fracturado e desabara parcialmente. Barras metálicas enferrujadas projectavam-se da pedra ancestral.

– Está aqui alguém? – repetiu. Procurou por todo o piso, mas encontrou apenas podridão e ruína.

Quando a sua esperança se desvanecia, viu o fumo através de uma janela no extremo oposto do corredor. Correu, mas descobriu apenas um ramo de árvore caído no pátio traseiro. Estava coberto com marcas de garras e enegrecido, com pequenas chamas subsistindo ainda nalguns pontos, alimentando uma coluna de fogo constante.

Abatido, a sua face cobriu-se com uma máscara de dor, mas recusou-se a chorar. Pensou em sentar-se e aguardar a vinda dos demónios, esperando que lhe possibilitassem uma morte mais rápida do que a doença, mas jurara não lhes dar nada e, além disso, a morte de Marea não fora rápida. Olhou o pátio de pedra pela janela.

“Uma queda daqui mataria qualquer um,” pensou. Sentiu uma tontura e pareceu-lhe fácil e justo deixar-se cair.

“Como Cholie?,” perguntou uma voz na sua cabeça.

A imagem do barão surgiu-lhe na mente e Arlen regressou à realidade, contendo-se e afastando-se da janela.

“Não,” pensou. “A saída de Cholie não foi melhor do que a do meu pai. Quando morrer, será porque algo me matou, não porque desisti.”

Da janela, podia ver até muito longe, além da parede e pela estrada fora. À distância, captou movimento, na sua direcção.

Ragen.

Recorreu a reservas de força que desconhecia ter, correndo pelos degraus abaixo com algo que se aproximava do seu habitual entusiasmo e atravessando velozmente o pátio. Sentia mil farpas cravadas no peito.

Ergueu os olhos e viu as figuras ainda distantes na estrada, mas suficientemente próximas para conseguirem vê-lo. Ouviu um grito e o mundo perdeu-se na treva.

*

Arlen acordou com o dia claro, deitado de bruços. Inspirou, sentindo ligaduras a rodear-lhe o corpo. Ainda sentia dores nas costas, mas o ardor desaparecera e, pela primeira vez em dias, sentia a face fresca. Apoiou as mãos no chão para se erguer, mas a dor dilacerou-o.

– Será melhor não teres pressa em fazer tal coisa – recomendou Ragen. – Tens sorte por estares vivo.

– Que aconteceu? – perguntou Arlen, olhando o homem que se sentava por perto.

– Encontrei-te desmaiado na estrada – respondeu o homem. – Os cortes nas costas estavam cobertos com podridão demoníaca. Tive de te cortar e drenar o veneno

antes de coser.

– Onde está Keerin? – perguntou Arlen.

Ragen riu-se.

– Lá dentro – respondeu. – Keerin tem mantido a distância nos últimos dias. Não conseguiu suportar o nojo e vomitou quando te encontramos.

– Dias? – repetiu Arlen. Olhou em redor e viu que estava de volta ao antigo pátio. Ragen acampara ali, com os seus círculos portáteis protegendo as esteiras e os animais.

– Encontrámo-te com o sol alto do Terceiro Dia – explicou Ragen. – Estamos já no Quinto. Tens delirado durante todo este tempo, debatendo-te enquanto o suor levava consigo a doença.

– Curaste-me da febre demoníaca?! – perguntou Arlen, chocado.

– É isso que lhe chamam no Ribeiro? – quis saber Ragen. Encolheu os ombros. – É um nome tão bom como outro qualquer, suponho. Mas não é uma doença mágica, rapaz. É apenas uma infecção. Encontrei raiz-porqueira perto da estrada e pude cobrir os cortes com um emplastro. Farei chá com a que sobra. Se o beberes durante os próximos dias, deverás recuperar bem.

– Raiz-porqueira? – perguntou Arlen.

Ragen ergueu uma erva que crescia por toda a parte.

– A base da bolsa de ervas de todos os Mensageiros, apesar de ser melhor quando é fresca. Provoca alguma tontura, mas, por algum motivo, a podridão demoníaca não lhe resiste.

Arlen começou a chorar. A sua mãe poderia ter sido curada por uma erva que arrancara regularmente do campo de Jeph? Era demasiado para suportar.

Ragen aguardou em silêncio, permitindo que Arlen esgotasse as lágrimas. Depois do que pareceu uma eternidade, o fluxo foi cessando e o soluçar acalmou. Em silêncio, Ragen passou-lhe um pano e Arlen secou a cara.

– Arlen – disse finalmente o Mensageiro –, que fazes aqui?

Arlen olhou-o durante muito tempo, escolhendo as palavras. Quando falou, o relato saiu-lhe de uma vez só. Contou tudo ao Mensageiro, começando pela noite em que a mãe fora ferida e terminando com a fuga ao pai.

Ragen permaneceu em silêncio enquanto ouvia.

– Lamento o que aconteceu à tua mãe – disse. Arlen acenou afirmativamente com novo soluço.

Keerin aproximara-se quando Arlen começava a contar como tentara encontrar a estrada para o Pasto Soalheiro, vindo parar acidentalmente ao caminho para as Cidades Livres. Prestou grande atenção ao relato da sua primeira noite sozinho, ao gigantesco demónio da rocha e à forma como apagara a guarda. O Jogral empalideceu quando Arlen descreveu a corrida para a reparar antes que o demónio o

matasse.

– Foste tu que cortaste o braço desse demónio? – perguntou Ragen, incrédulo, no momento seguinte. Keerin parecia prestes a vomitar novamente.

– É algo que não pretendo repetir – confessou Arlen.

– Não. Suponho que não – disse Ragen, rindo. – Contudo, mutilar um demónio da rocha com quatro metros e meio de altura é um feito merecedor de uma canção ou duas, não te parece, Keerin? – Aplicou uma cotovelada no Jogral, mas isso pareceu fazer o homem perder o controlo. Cobriu a boca e afastou-se a correr. Ragen abanou a cabeça e suspirou.

– Um demónio gigante com um só braço tem-nos atormentado desde que te encontrámos – explicou. – Golpeia as guardas com mais força do que outro nuclita que alguma vez tenha visto.

– Ele ficará bem? – perguntou Arlen, vendo Keerin curvado.

– Passará – resmungou Ragen. – Vamos encher-te a barriga. – Ajudou Arlen a sentar-se apoiado numa sela. O movimento provocou uma pontada dolorosa e Ragen viu-lhe o esgar de dor.

– Morde isto – disse, passando-lhe uma raiz torcida. – Deixar-te-á um pouco zozzo, mas deverá aliviar a dor.

– És herbanário? – perguntou Arlen.

Ragen riu-se.

– Não. Mas um Mensageiro precisa de saber um pouco de cada arte se quiser sobreviver. – Levou a mão a um alforje, retirando uma panela de metal e alguns utensílios.

– Quem me dera que tivesses falado a Coline da raiz-porqueira – lamentou Arlen.

– Tê-lo-ia feito – disse Ragen. – Se pensasse, por um segundo, que não o sabia. – Encheu a panela e pendurou-a de um gancho sobre o fogo. – É espantoso o que as pessoas esqueceram. – Atiçava as chamas quando Keerin regressou, pálido, mas aliviado. – Terei de a ensinar quando te levarmos de volta.

– De volta? – repetiu Arlen.

– De volta? – ecoou Keerin.

– Claro. De volta – assegurou Ragen. – O teu pai andará à tua procura, Arlen.

– Mas não quero regressar – disse Arlen. – Quero ir para as Cidades Livres convosco.

– Não podes fugir dos teus problemas – disse-lhe o Mensageiro.

– Não regressarei – insistiu Arlen. – Podes arrastar-me até lá, mas voltarei a fugir assim que me soltares.

Ragen fitou-o durante longo tempo. Por fim, olhou Keerin.

– Sabes o que penso – disse Keerin. – Não tenho qualquer desejo de acrescentar cinco noites, pelo menos, à nossa viagem de regresso a casa.

Ragen franziu o sobrolho, olhando Arlen.

– Escreverei ao teu pai quando chegarmos a Miln – advertiu.

– Desperdiçarás o teu tempo – tornou Arlen. – Nunca virá buscar-me.

*

O piso empedrado do pátio e a parede alta abrigou-os bem nessa noite. Um amplo círculo portátil protegeu a carroça e os animais estavam presos e cobertos por outro. Os dois homens e o rapaz abrigavam-se rodeados por dois círculos concêntricos com o fogo ao meio.

Keerin encolhia-se na sua esteira, com o cobertor sobre a cabeça. Tremia e não era de frio. Quando o nuclita ocasional testava as guardas, estremecia.

– Porque continuam a atacar se sabem que não conseguem passar? – perguntou Arlen.

– Procuram falhas na rede – explicou Ragen. – Nunca verás um nuclita atacar duas vezes o mesmo ponto. – Tocou com o dedo na têmpora. – Recordam. Os nuclitas não são suficientemente espertos para estudar guardas e adivinhar-lhes os pontos fracos. Por isso, atacam a barreira e tentam perceber dessa forma. Raramente conseguem passar, mas as vezes em que o fazem são suficientes para justificar o esforço.

Um demónio do vento voou sobre a parede e foi repellido pelas guardas. Keerin gemeu debaixo do cobertor ao ouvir o som.

Ragen olhou a esteira do Jogral e abanou a cabeça.

– É como se achasse que, não conseguindo ver os nuclitas, eles não conseguirão vê-lo a ele – murmurou.

– É sempre assim? – perguntou Arlen.

– O demónio de um braço tem-no assustado mais do que o habitual – respondeu Ragen. – Mas antes também não ficava propriamente de pé junto às guardas. – Encolheu os ombros. – Precisava de um Jogral com urgência. A Associação atribuiu-me Keerin. Normalmente, não trabalho com jograis tão verdes.

– Então porquê trazer um? – quis saber Arlen.

– É necessário trazer um Jogral quando vamos aos povoados – disse Ragen. – Se não o fizermos, é possível que nos apedrejem.

– Povoados?

– Aldeias pequenas. Como o Ribeiro de Tibbet – explicou Ragen. – Lugares demasiado longínquos para serem facilmente controlados pelos duques, onde a maioria das pessoas não sabe ler.

– Que diferença faz? – perguntou Arlen.

– As pessoas que não sabem ler não encontram grande utilidade nos Mensageiros – disse Ragen. – Estão suficientemente ávidas pelo seu sal ou pela mercadoria que

lhes falte, mas a maioria não se dará ao trabalho de nos procurar para dar notícias e recolher notícias é a primeira função de um Mensageiro. Mas, se levarmos um Jogral connosco, as pessoas vêm de toda a parte para assistir ao espectáculo. Não foi só para te ajudar que espalhei a palavra acerca do espectáculo de Keerin. Algumas pessoas – prosseguiu – conseguem ser Mercadores, Jograis, Herbanários e Mensageiros ao mesmo tempo, mas são tão comuns como um nuclita amistoso. A maior parte dos Mensageiros que fazem as rotas dos povoados precisam de contratar um Jogral.

– E tu não costumavas trabalhar nos povoados – recordou Arlen.

Ragen piscou-lhe o olho.

– Um Jogral pode impressionar os aldeãos, mas será apenas um empecilho na corte de um duque. Os duques e os príncipes mercadores têm Jograis próprios. Estão apenas interessados em comércio e notícias e pagam muito mais do que aquilo que estaria ao alcance do velho Leitão.

*

Ragen ergueu-se antes do sol na manhã seguinte. Arlen estava já acordado e ele acenou-lhe com a cabeça em aprovação.

– Os Mensageiros não se podem dar ao luxo de dormir até tarde – disse, enquanto batia ruidosamente com as painelas para acordar Keerin. – Cada momento de luz é precioso.

Arlen sentia-se suficientemente bem para se sentar ao lado de Keerin na carroça, enquanto esta seguia em direcção aos minúsculos montículos no horizonte a que Ragen chamava montanhas. Para passar o tempo, Ragen contou a Arlen histórias das suas viagens e ia apontando ervas na berma da estrada, explicando o que comer e o que evitar, o que poderia sarar uma ferida e o que a faria piorar. Indicou os pontos de mais fácil defesa para passar a noite, explicando porquê, e advertiu acerca de predadores.

– Os nuclitas matam os animais mais lentos e fracos – disse. – Por isso, apenas sobrevivem os maiores e mais fortes, ou os que são melhores a esconder-se. Na estrada, os nuclitas não são as únicas criaturas que te verão como presa.

Keerin olhou em redor, nervoso.

– Que era aquele sítio onde passámos as últimas noites? – perguntou Arlen.

Ragen encolheu os ombros.

– A fortaleza de algum senhor menor – respondeu. – Há centenas delas entre estas terras e Miln. Velhas ruínas despojadas por inúmeros Mensageiros.

– Por Mensageiros? – repetiu Arlen.

– Claro – tornou Ragen. – Alguns Mensageiros passam semanas a caçar ruínas. Os que têm sorte suficiente para encontrar ruínas que ninguém encontrou antes

poderão regressar com vários tipos de tesouros. Ouro, jóias, gravações. Por vezes, até com velhas guardas. Mas o prémio real que buscam são as guardas. As guardas de combate, se alguma vez tiverem existido de facto.

– Pensas que existiram? – perguntou Arlen.

Ragen acenou afirmativamente.

– Mas não estou disposto a arriscar o pescoço, afastando-me da estrada para as procurar.

Após um par de horas, Ragen conduziu-os para uma pequena caverna próxima da estrada.

– É sempre melhor guardar um abrigo quando se pode fazê-lo – disse a Arlen. – Esta gruta é uma das poucas indicadas no diário de Graig.

Ragen e Keerin montaram o acampamento, dando comida e água aos animais e transferindo os mantimentos para a gruta. A carroça foi colocada num círculo próximo. Enquanto trabalhavam, Arlen inspeccionou o círculo portátil.

– Há guardas que não reconheço – referiu, passando o dedo sobre as marcas.

– Vi algumas no Ribeiro de Tibbet que também não reconheci – admitiu Ragen. – Copiei-as no meu diário. Talvez me possas explicar o que fazem esta noite. – Arlen sorriu, agradado por poder oferecer alguma coisa em troca da generosidade de Ragen.

Keerin começou a ficar irrequieto, visivelmente desconfortável, enquanto comiam, olhando com frequência para o céu que escurecia. Mas Ragen parecia despreocupado com as sombras crescentes.

– É melhor trazer as bestas para a gruta – disse, por fim. Keerin apressou-se a fazê-lo. – Os animais de carga detestam grutas – disse Ragen a Arlen. – Por isso, espera-se tanto quanto possível antes de os trazer para dentro. O cavalo é sempre o último a entrar.

– Não tem nome? – perguntou Arlen.

Ragen abanou a cabeça.

– Os meus cavalos têm de ganhar os nomes – explicou. – A Associação dá-lhes treino especial, mas muitos continuam a assustar-se quando presos no interior de um círculo portátil à noite. Apenas os que sei que não tentarão fugir, nem se deixarão dominar pelo pânico, recebem nomes. Comprei esta em Angiers, depois de o meu garrano fugir e ser morto. Se chegar a Miln, dar-lhe-ei um nome.

– Há-de chegar – disse Arlen, acariciando o pescoço do animal. Depois de Keerin levar as restantes bestas para dentro, foi buscá-la pelas rédeas e levou-a para o interior da gruta.

Enquanto os outros se instalavam, Arlen estudou a boca da gruta. Havia guardas cinzeladas na pedra, mas não no chão.

– As guardas estão incompletas – disse, apontando.

– Claro que sim – concordou Ragen. – Não podemos guardar terra, não é? – Olhou Arlen com curiosidade. – Que farias para completar o círculo?

Arlen estudou o problema. A boca da gruta não era um círculo perfeito. Assemelhava-se mais a um U invertido. Mais difícil de guardar, mas não demasiado difícil e as guardas gravadas na rocha eram bastante comuns. Pegando num pau, traçou guardas na terra, ligando suavemente as suas linhas às das existentes. Verificou-as três vezes e recuou, olhando Ragen à espera da sua aprovação.

O Mensageiro permaneceu em silêncio por um momento, estudando o trabalho de Arlen. A seguir, acenou com a cabeça.

– Um bom trabalho – disse, fazendo Arlen sorrir, orgulhoso. – Uniste os vértices com mestria. Não teria conseguido tecer uma rede mais forte. E, além disso, fizeste todas as equações mentalmente.

– Hmm... obrigado – disse Arlen, apesar de não fazer ideia do que Ragen referia.

Ragen percebeu a hesitação do rapaz.

– Fizeste equações, não? – perguntou.

– O que é uma equação? – perguntou. – Aquela linha – apontou a guarda mais próxima – vai até àquela guarda ali – apontou a parede. – Cruza estas linhas – apontou as outras guardas – que, por sua vez, se entrelaçam naquelas – apontou outras ainda. – É tão simples como isso.

Ragen ficou espantado.

– Então fizeste tudo a olho? – perguntou.

Arlen encolheu os ombros enquanto Ragen se voltava novamente para ele.

– A maior parte das pessoas usam um pau recto para verificar as linhas – respondeu. – Mas eu nunca me dou ao trabalho.

– Não percebo como o Ribeiro de Tibbet não é engolido pela noite – disse Ragen. Extraiu um saco do alforge e ajoelhou à boca da gruta, varrendo as guardas de Arlen. – Guardas traçadas na terra não são fiáveis, mesmo que estejam bem traçadas – explicou.

Escolheu no interior do saco uma mão cheia de placas de madeira com guardas lacadas. Usando um pau recto marcado com linhas, dispô-las rapidamente, voltando a selar a rede.

*

A escuridão não caíra há mais de uma hora quando o gigantesco demónio da rocha com um único braço surgiu na clareira. Uivou alto, varrendo demónios menores enquanto corria para a boca da gruta rugindo em desafio. Keerin gemeu, recuando para o fundo da gruta.

– Recorda o teu cheiro – advertiu Ragen. – Seguir-te-á para sempre, esperando que as tuas guardas falhem.

Arlen olhou o monstro durante um longo momento, ponderando as palavras do Mensageiro. O demónio rosnou e golpeou com força a barreira, mas as guardas cintilaram e repeliram-no. Keerin gemeu, mas Arlen ergueu-se e caminhou até à boca da gruta. Retribuiu o olhar do nuclita e, lentamente, ergueu as mãos e bateu com uma na outra de forma sonora, troçando do demónio com os seus dois braços.

– Que desperdice o seu tempo – disse, enquanto a fúria impotente fazia o demónio uivar. – Não me apanhará.

*

Continuaram na estrada durante quase uma semana. Ragen fê-los virar para norte, atravessando as colinas que antecediavam a cadeia montanhosa, ascendendo cada vez mais. Ocasionalmente, parava para caçar, abatendo animais de pequeno porte a grande distância com as suas lanças finas.

A maior parte das noites foi passada em abrigos anotados no diário de Graig, apesar de, em duas ocasiões, se terem limitado a acampar na estrada. Como qualquer outro animal, a égua de Ragen sentia-se aterrorizada pelos demónios em redor, mas, não tentou fugir.

– Merece um nome – disse Arlen, pela centésima vez, apontando a firmeza do animal.

– Muito bem! – concordou, finalmente, Ragen, passando a mão pelo cabelo do rapaz. – Podes escolher-lhe um nome.

Arlen sorriu.

– Olho Nocturno – disse.

Ragen olhou a égua e acenou afirmativamente.

– É um bom nome – concordou.

NOVE
FORTE MILN
319 DR

O terreno tornou-se gradualmente mais pedregoso enquanto os pequenos montículos no horizonte se erguiam cada vez mais alto. Ragen não exagerara ao dizer que cem Colinas da Charneca caberiam numa única montanha e a cordilheira prolongava-se até onde o olhar de Arlen alcançava. O ar tornou-se mais frio à medida que subiam. Vento forte soprava sobre eles. Arlen olhou para trás e viu o mundo inteiro disposto como um mapa. Imaginou-se a viajar por aquelas terras apenas com uma lança e um saco de Mensageiro.

Quando, por fim, avistaram Forte Miln, Arlen não conseguiu acreditar no que via. Mesmo com as histórias de Ragen, presumira que fosse semelhante ao Ribeiro de Tibbet, ainda que maior. Quase caiu da carroça abaixo quando a cidade fortificada se mostrou à sua frente, erguendo-se sobre a estrada.

Forte Miln fora construída no sopé de uma montanha, voltada para um amplo vale. Outra montanha, gémea da que sustentava Miln, erguia-se à sua frente, do outro lado do vale. Uma muralha circular com uns nove metros de altura rodeava a cidade e muitos dos edifícios no interior erguiam-se ainda mais alto, em direcção ao céu. Quanto mais se aproximavam, maior parecia ser, com as muralhas prolongando-se ao longo de quilómetros em cada direcção.

Estavam pintadas com grandes guardas que Arlen nunca vira. Os seus olhos seguiram as linhas invisíveis ligando uma guarda à seguinte, formando uma rede que tornaria a muralha intransponível para os nuclitas.

Mas, apesar do triunfo de engenharia, as muralhas desiludiram-no. As Cidades “Livres” não eram, afinal, realmente livres. Muralhas que impediam os nuclitas de entrar também impediam os habitantes de sair. No Ribeiro de Tibbet, pelo menos, as paredes da prisão eram invisíveis.

– O que impede os demónios de sobrevoar a muralha? – perguntou Arlen.

– O topo da muralha está protegido com postes de guarda que tecem uma cúpula sobre a cidade – explicou Ragen.

Arlen percebeu que deveria tê-lo compreendido sem a ajuda de Ragen. Tinha mais questões, mas guardou-as para si. A sua mente perspicaz procurava respostas prováveis.

*

Passava muito do sol alto quando alcançaram finalmente a cidade. Ragen apontou uma coluna de fumo mais acima na montanha, quilómetros acima da cidade.

– As Minas do Duque – disse. – São uma aldeia por direito próprio, maior do que o teu Ribeiro de Tibbet. Não são auto-suficientes, mas é assim que o Duque prefere.

As caravanas vão e voltam quase todas as semanas. A comida sobe; sal, metal e carvão descem.

Uma muralha mais baixa projectava-se da cidade, rodeando uma grande extensão do vale. Arlen viu postes de guarda e o topo verde de árvores.

– Os grandes jardins e o pomar do Duque – referiu Ragen.

O portão estava aberto e havia trabalhadores a entrar e a sair. Os guardas acenaram quando se aproximaram o suficiente. Eram altos, tal como Ragen, e usavam elmos de metal amolgado e protecções de couro fervido sobre roupa grossa de lã. Ambos seguravam lanças, mas seguravam-nas mais como peças decorativas do que como armas.

– Olá, Mensageiro! – gritou um. – Bem-vindo de volta!

– Gaims. Woron. – Ragen saudou-os com um aceno de cabeça.

– O Duque esperava-te há dias – disse Gaims. – Receávamos que não regressasses.

– Pensaram que os demónios me tinham apanhado? – Ragen riu-se. – Pouco provável! Houve um ataque nuclita no povoado que visitei no regresso de Angiers. Demorámo-nos para ajudar.

– E recolheste um órfão enquanto lá estiveste? – perguntou Woron, sorrindo. – Um presente para a mulher enquanto espera que faças dela Mãe?

Ragen não disfarçou o seu desagrado e o guarda desculpou-se.

– Não quis ofender – disse, prontamente.

– Nesse caso, recomendo que evites dizer coisas que ofendam, servo – replicou Ragen, severamente. Woron empalideceu e acenou rapidamente com a cabeça. – Encontrei-o na estrada – continuou Ragen, passando a mão pelo cabelo de Arlen e sorrindo como se o momento de tensão não tivesse existido.

Arlen gostava dessa particularidade do Mensageiro. Tinha riso fácil e não guardava rancores, mas exigia respeito e deixava claro o terreno que se pisava. Gostaria de ser assim um dia.

– Na estrada? – ecoou Gaims, incrédulo.

– A dias de viagem de qualquer povoado! – confirmou Ragen. – O rapaz traça melhores guardas do que alguns Mensageiros que conheço. – Arlen inchou de orgulho com o elogio.

– E tu, Jogral? – perguntou Woron a Keerin. – Apreciaste a noite aberta?

Keerin franziu o sobrolho e os guardas riram-se.

– Foi assim tão bom? – perguntou Woron.

– A luz vai diminuindo – disse Ragen. – Avisem a Mãe Jone que iremos ao palácio depois de entregar o arroz e depois de ir a casa para um banho e uma refeição decentes. – Os homens bateram continência e deixaram-nos entrar.

Apesar da sua desilusão inicial, a grandeza de Miln depressa se abateu sobre

Arlen. Edifícios erguendo-se nas alturas, tornando minúscula qualquer outra construção que tivesse visto antes. E as ruas estavam cobertas com pedras e não com terra calcada. Os nuclitas não conseguiam erguer-se através de pedra trabalhada, mas Arlen não conseguia conceber o esforço necessário para cortar e colocar centenas de milhar de pedras.

No Ribeiro de Tibbet, quase todas as estruturas eram construídas em madeira, com alicerces de pedra empilhada e telhados de colmo com placas de guardas. Ali, quase tudo era de pedra cortada e cheirava a antigo. Apesar das guardas na muralha exterior, cada edifício tinha guardas individuais. Algumas eram fabulosas obras de arte e outras eram simples e funcionais.

O ar tresandava. Sentia-se o cheiro a lixo, estrume queimado e suor. Arlen tentou sustentar a respiração, mas depressa desistiu e começou a respirar pela boca. Keerin, por outro lado, parecia respirar confortavelmente desde o início.

Ragen levava-os até um mercado onde Arlen viu mais gente do que vira em toda a vida. Centenas de Rusco Leitões dirigiam-se-lhe de todos os lados: «Compra isto!» «Experimenta aquilo!» «Um preço especial, só para ti!» Eram todos altos. Gigantes, quando comparados com os habitantes do Ribeiro.

Passaram por carros de fruta e hortalíça que Arlen não reconhecia e por tantos vendedores de roupa que lhe pareceu que seria a única coisa em que os milneses pensariam. Havia também pinturas e gravações, tão intrincadas que não evitou pensar como teria alguém tempo para as fazer.

Ragen conduziu-os a um mercador no extremo mais distante do mercado, com uma tenda decorada com um símbolo em forma de escudo.

– O homem do Duque – explicou Ragen, enquanto paravam junto à tenda.

– Ragen! – chamou o mercador. – Que me trazes hoje?

– Arroz pantanoso – respondeu Ragen. – Impostos do Ribeiro para pagar o sal do Duque.

– Viste Rusco Leitão? – Era mais uma afirmação do que uma pergunta. – Esse vigarista continua a roubar os aldeãos?

– Conheces o Leitão? – perguntou Ragen.

O mercador riu-se.

– Testemunhei perante o Conselho das Mães há dez anos para que lhe retirassem a licença de mercador depois de tentar vender um carregamento de cereal infestado de ratazanas – disse. – Deixou a cidade pouco depois e reapareceu nos confins do mundo. Ouvi contar que o mesmo se passou em Angiers e que foi isso que o levou a vir para Miln.

– Ainda bem que examinámos o arroz – murmurou Ragen.

Regatearam durante algum tempo o preço corrente do arroz e do sal. Por fim, o mercador cedeu, admitindo que Ragen conseguira obter o melhor preço do Leitão.

Passou ao Mensageiro uma bolsa tilintante de moedas para cobrir a diferença.

– Arlen pode levar a carroça daqui em diante? – perguntou Keerin. Ragen olhou-o e respondeu com um aceno afirmativo. Atirou uma bolsa de moedas a Keerin, que a apanhou, habilmente, e saltou da carroça.

Ragen abanou a cabeça enquanto Keerin desaparecia entre a multidão.

– Não será o pior Jogral – disse. – Mas não tem tomates para a estrada. – Voltou a subir e levou Arlen pelas ruas apinhadas. Arlen sentiu-se sufocado enquanto desciam por uma rua particularmente buliçosa.

Notou que havia gente vestida apenas com farrapos, apesar do ar frio da montanha.

– O que fazem? – perguntou, vendo-os estender chávenas vazias aos transeuntes.

– Mendigam – respondeu Ragen. – Nem todos em Miln podem comprar comida.

– Não lhes podemos dar parte da nossa? – perguntou Arlen.

Ragen suspirou.

– Não é assim tão simples, Arlen – respondeu. – A terra aqui não é suficientemente fértil para alimentar metade da população. Precisamos de cereais de Forte Rizon, de peixe de Lakton, de fruta e gado de Angiers. E as outras cidades não oferecem estas mercadorias de graça. São compradas pelos que se dedicam a negociá-las e possuem dinheiro para as pagar. Os Mercadores. E os Mercadores contratam servos para trabalhar por eles, alimentando-os, vestindo-os e albergando-os por sua conta. – Apontou um homem embrulhado num pano de aparência áspera e imunda, estendendo uma malga rachada aos que passavam, enquanto estes se desviavam dele, recusando olhá-lo. – Por isso, a não ser que sejas da realeza ou do clero, se não trabalhares, acabarás assim.

Arlen acenou com a cabeça como se compreendesse, mas não compreendeu realmente. Era frequente que houvesse quem ficasse sem créditos para gastar na venda do Ribeiro de Tibbet, mas nem o Leitão os deixaria passar fome.

Chegaram a uma casa e Ragen fez sinal a Arlen para parar a carroça. Não era uma casa grande, comparada com muitas outras que vira em Miln, mas continuava a ser impressionante pelos padrões do Ribeiro, construída inteiramente de pedra e com dois andares.

– É aqui que vives? – perguntou Arlen.

Ragen abanou a cabeça. Desmontou e aproximou-se da porta, batendo. Um momento mais tarde, esta foi aberta por uma jovem com cabelo longo e castanho preso numa trança. Era alta e de complexão forte, como todos os outros habitantes de Miln, trajando um vestido de gola alta que lhe chegava aos tornozelos e que era mais apertado no peito. Arlen não conseguia perceber se era bonita. Estava prestes a decidir que não era quando a viu sorrir e toda a sua face se alterou.

– Ragen! – gritou, rodeando-lhe o pescoço com os braços. – Voltaste! Graças ao

Criador!

– Claro que voltei, Jenya – disse-lhe Ragen. – Os Mensageiros zelam sempre pelos seus.

– Não sou um Mensageiro – tornou Jenya.

– Foste casada com um e é o mesmo. Graig morreu enquanto Mensageiro, qualquer que seja a decisão da Associação.

Jenya pareceu entristecer e Ragen depressa mudou de assunto, caminhando até à carroça e descarregando as mercadorias que restavam.

– Trouxe-te bom arroz pantanoso, sal, carne e peixe – disse, trazendo os produtos e depositando-os além da porta. Arlen apressou-se a ajudá-lo. – E isto – acrescentou Ragen, puxando pela bolsa de ouro e prata que recebera do Leitão e que trouxera no cinto. Colocou também dentro dessa a pequena bolsa que recebeu do mercador do Duque.

Jenya arregalou os olhos quando a abriu.

– Oh, Ragen – disse. – É demasiado. Não posso...

– Podes e fá-lo-ás – ordenou Ragen, interrompendo-a. – É o mínimo que poderei fazer.

Os olhos de Jenya encheram-se de lágrimas.

– Não tenho como te agradecer – disse. – Tenho tido tanto medo. Escrever para a Associação não cobre todas as despesas e, sem o Graig... Achei que teria de voltar a mendigar.

– Vamos – disse Ragen, pousando-lhe a mão no ombro. – Os meus irmãos e eu nunca deixaremos que tal aconteça. Levo-te para minha casa antes de te deixar cair tão fundo – prometeu.

– Oh, Ragen. É verdade? – perguntou.

– Há uma última coisa – disse Ragen. – Uma prenda de Rusco Leitão. – Estendeu-lhe o anel. – Quer que lhe escrevas e lhe digas que o recebeste.

Mais lágrimas nos olhos de Jenya, olhando o magnífico anel.

– Graig era estimado – disse Ragen, colocando-lhe o anel no dedo. – Que este anel sirva para recordar a sua memória. A comida e o dinheiro deverão sustentar a tua família algum tempo. Durante esse período, talvez encontres mesmo outro marido e te tornes Mãe. Mas, se as coisas se tornarem tão negras que sintas necessidade de vender o anel, procura-me primeiro. Estamos entendidos?

Jenya acenou afirmativamente, mas manteve os olhos baixos, lacrimejando enquanto tocava o anel.

– Promete-me – ordenou Ragen.

– Prometo – obedeceu Jenya.

Ragen acenou afirmativamente, abraçando-a uma última vez.

– Venho ver-te sempre que puder – disse. Chorava quando a deixaram. Arlen

olhou para trás enquanto seguiam caminho.

– Pareces confuso – disse-lhe Ragen.

– Suponho que estarei – concordou Arlen.

– Jenya vem de uma família de pedintes – explicou Ragen. – O pai é cego e a mãe é doente. No entanto, tiveram a sorte de ter uma filha saudável e bonita. Ascendeu duas classes sociais quando casou com Graig e levou os pais consigo. Graig recebeu-os aos três em casa e, apesar de nunca ter tido as melhores rotas, ganhava o suficiente para viverem em conforto e felizes. – Abanou a cabeça. – Mas agora, tem de pagar renda e tem três bocas para alimentar sozinha. Também não se deve afastar muito de casa porque os pais não podem ficar sós.

– É bom que a ajudes – disse Arlen, sentindo-se um pouco melhor. – Ficou bonita quando sorriu.

– Não é possível ajudar toda a gente, Arlen – disse Ragen. – Mas debes sempre fazer os possíveis para ajudar os que puderes. – Arlen respondeu com um aceno afirmativo.

Subiram uma colina até alcançarem uma grande mansão. Um muro com portão medindo dois metros de altura rodeava a extensa propriedade e a própria casa tinha três pisos e meia dúzia de janelas, todas com vidros reflectindo a luz. Era maior do que o grande salão na Colina da Charneca, onde cabia toda a população do Ribeiro de Tibbet na festa do solstício. A mansão e o muro em redor estavam pintados com guardas de cores garridas. Arlen decidiu que um local de tamanha magnificência só poderia ser a casa do Duque.

– A minha mãe tinha uma taça de vidro guardado, duro como aço – disse, olhando as janelas enquanto um homem magro se aproximava a correr para abrir o portão pelo lado de dentro. – Mantinha-a escondida, mas, por vezes, mostrava-a quando recebíamos visitas para verem como reluzia. – Passaram por um jardim intocado pela perfídia dos nuclitas, onde várias mãos colhiam vegetais.

– Esta é uma das poucas mansões de Miln com todas as janelas envidraçadas – proclamou Ragen, orgulhoso. – Pagaria bom dinheiro por guardas que as impedissem de partir.

– Conheço o truque – disse Arlen. – Mas é preciso que um nuclita toque o vidro para o carregar.

Ragen riu-se e abanou a cabeça.

– Nesse caso, talvez não pagasse.

Havia edifícios mais pequenos no terreno, bem como cabanas de pedra com chaminés fumegantes e pessoas que caminhavam de um lado para o outro. Era como uma minúscula aldeia. Crianças sujas corriam por ali e as mulheres vigiavam-nas ocupadas com os seus afazeres. Seguiram até aos estábulos e depressa surgiu um criado para recolher as rédeas de Olho Nocturno. Curvou-se e partiu, como se Ragen

fosse o rei de uma história.

– Pensei que passássemos por tua casa antes de visitar o Duque – disse Arlen.

Ragen riu-se.

– Esta é a minha casa, Arlen! Pensaste que me arriscava na estrada aberta sem compensação?

Arlen voltou a olhar a casa, com os olhos arregalados.

– Tudo isto é teu? – perguntou.

– Tudo – confirmou Ragen. – Os Duques são generosos para com aqueles que enfrentam os nuclitas.

– Mas a casa de Graig era tão pequena – argumentou Arlen.

– Graig era um bom homem – disse Ragen. – Mas nunca foi mais do que um Mensageiro aceitável. Contentava-se em fazer a rota do Ribeiro de Tibbet todos os anos e em visitar os lugarejos que se situam pelo caminho. Um homem pode sustentar a família com isso, mas não passará daí. Apenas houve tanto lucro para Jenya porque paguei a mercadoria adicional que vendi ao Leitão com o meu dinheiro. Graig tinha de pedir empréstimos à Associação e ficavam-lhe com uma percentagem.

Um homem alto abriu a porta da casa com uma vénia. A sua expressão era fria e vestia um casaco desbotado de lã tingida. Tinha a cara e a roupa limpa, num profundo contraste com as pessoas que vira no pátio. Assim que entraram, um rapaz não muito mais velho do que Arlen pôs-se de pé. Correu para a corda que pendia de uma sineta ao fundo de uma larga escadaria de mármore e o som ecoou por toda a casa.

– Vejo que a tua sorte se manteve mais uma vez – disse uma mulher, no momento seguinte. Tinha cabelo escuro e olhos azuis penetrantes. Trazia um vestido de azul profundo, mais belo do que qualquer coisa que Arlen tivesse visto e os pulsos e a garganta reluziam com jóias. O seu sorriso era frio enquanto os olhava da balaustrada de mármore acima do átrio. Arlen nunca vira uma mulher tão bela ou graciosa.

– A minha esposa, Elissa – disse Ragen, em voz baixa. – Um motivo para regressar... e um motivo para partir. – Arlen não percebeu se gracejava. A mulher não parecia feliz por vê-los.

– Um destes dias, os nuclitas hão-de apanhar-te – disse Elissa, descendo as escadas. – E eu ficarei finalmente livre para desposar o meu jovem amante.

– Nunca acontecerá – disse Ragen, sorrindo, aproximando-a de si e beijando-a. Voltando-se para Arlen, explicou. – Elissa sonha com o dia em que herdará a minha fortuna. Guardo-me dos nuclitas, tanto para me proteger, como para a contrariar.

Elissa riu-se e Arlen descontraiu.

– Quem é? – perguntou. – Um órfão para te poupar o trabalho de me colocares

uma criança no ventre?

– O único trabalho seria derreter os teus saíotes gelados, querida – replicou Ragen. – Permite-me que te apresente Arlen, do Ribeiro de Tibbet. Encontrei-o na estrada.

– Na estrada? – repetiu Elissa. – Não passa de uma criança!

– Não sou uma criança! – berrou Arlen, sentindo-se tolo imediatamente a seguir. Ragen olhou-o de esguelha e Arlen fitou o chão.

Elissa não deu sinais de ter ouvido a exclamação.

– Tira a armadura e toma banho – ordenou ao marido. – Cheiras a suor e ferrugem. Eu tratarei do nosso hóspede.

Enquanto Ragen se afastava, Elissa chamou um criado para preparar um lanche a Arlen. Os criados de Ragen pareciam mais numerosos do que toda a população do Ribeiro de Tibbet. Cortaram-lhe fatias de presunto e um grosso pedaço de pão, com natas e leite para acompanhar. Elissa viu-o comer, mas Arlen não conseguia pensar em nada para dizer e manteve os olhos no prato.

Quando terminava as natas, uma criada com um vestido do mesmo azul que os casacos dos homens entrou e saudou Elissa com uma vénia.

– Mestre Ragen espera-a lá em cima – disse.

– Obrigada, Mãe – replicou Elissa. A sua expressão tornou-se peculiar por um momento, enquanto passava os dedos sobre o ventre de forma ausente. Depois, sorriu e olhou Arlen.

– Conduz o nosso hóspede até ao seu banho – ordenou. – E não permitas que saia da água até descobrirmos de que cor é a sua pele. – Riu-se e saiu.

Habitado a instalar-se num comedouro e a despejar água fria por si abaixo, não estava preparado para a funda banheira de pedra de Ragen. Esperou enquanto a criada, Margrit, despejava uma chaleira de água a ferver para lhe aquecer o banho. Era alta, como todos os habitantes de Miln, com olhos bondosos e cabelo da cor do mel, mostrando apenas um indício de grisalho espreitando por baixo da touca. Voltou as costas enquanto Arlen se despia e entrava na banheira. Não conteve o espanto ao ver as feridas cosidas nas costas e apressou-se a examiná-las.

– Au! – gritou Arlen quando ela pressionou a ferida superior.

– Não sejas bebé – repreendeu-o, esfregando o polegar e o indicador e cheirando-os. Arlen mordeu o lábio quando ela repetiu o processo pelas costas abaixo. – Nem sequer saberás como tiveste sorte – disse, por fim. – Quando Ragen me contou que estavas ferido, pensei que fosse um arranhão, mas isto... – Abanou-lhe a cabeça, com um olhar de censura. – A tua mãe não te ensinou a voltar para casa antes do anoitecer?

A resposta de Arlen perdeu-se quando a voz lhe falhou. Mordeu novamente o lábio, determinado a não chorar. Margrit notou e, de imediato, moderou o tom.

– Estão a sarar bem – disse das suas feridas. Pegou numa barra de sabão e começou a lavá-las com cuidado. Arlen cerrou os dentes. – Quando terminares o banho, preparo-te um emplastro e ligaduras limpas.

Arlen assentiu com um aceno de cabeça.

– És a mãe de Elissa? – perguntou.

A mulher riu-se.

– Criador, rapaz. Onde foste buscar tal ideia?

– Chamou-te mãe – recordou Arlen.

– Porque o sou – disse Margrit, orgulhosa. – Dois filhos e três filhas. Uma delas prestes a tornar-se também Mãe. – Abanou a cabeça, pesarosa. – Pobre Elissa. Toda a sua fortuna e continua Filha depois dos trinta! É de partir o coração.

– Ser mãe é assim tão importante? – perguntou Arlen.

A mulher olhou-o como se tivesse perguntado se o ar era importante.

– O que poderia ser mais importante do que a maternidade? – perguntou. – É dever de todas as mulheres gerarem filhos para assegurar a força da cidade. É por isso que as mães têm direito às melhores porções e à primeira escolha no mercado matinal. É por isso que todas as conselheiras do Duque são Mães. Os homens são bons para partir e construir, mas a política e os papéis deverão ficar para as mulheres que frequentaram a Escola das Mães. E são as Mães que elegem o novo Duque quando morre o velho!

– Então porque não é Elissa uma delas? – perguntou Arlen.

– Não é por falta de tentativa – admitiu Margrit. – Aposto que estará a tentar agora mesmo. Seis semanas na estrada transformam qualquer homem num touro e deixei-lhe um chá de fertilidade na mesa-de-cabeceira. Talvez ajude, apesar de qualquer tolo saber que a melhor altura para fazer um bebé é imediatamente antes do amanhecer.

– Então porque não fizeram já um? – perguntou Arlen. Sabia que fazer bebés tinha algo a ver com os jogos que Renna e Beni tinham querido jogar, mas os pormenores do processo eram-lhe ainda vagos.

– Só o Criador sabe – respondeu Margrit. – Elissa pode ser estéril ou poderá ser Ragen, o que seria uma pena. Há falta de homens bons como ele. Miln precisa dos seus filhos. – Suspirou. – Elissa tem sorte de não a ter deixado. E de não ter engravidado nenhuma das raparigas de servir. O Criador saberá que estariam dispostas.

– Deixaria a mulher? – Arlen estava chocado.

– Não há motivo para tamanha surpresa, rapaz – disse Margrit. – Os homens precisam de herdeiros e obtêm-nos da forma possível. O Duque Euchor vai na terceira esposa e continua a ter apenas filhas. – Abanou a cabeça. – Mas Ragen não. Por vezes, lutam como nuclitas, mas ama Elissa como ama o próprio sol. Nunca a

deixaria. E nem Elissa seria capaz de o fazer, apesar de tudo aquilo de que desistiu.

– Desistiu? – repetiu Arlen.

– Era nobre – explicou Margrit. – A mãe faz parte do Conselho Ducal. Elissa poderia servir também o Duque, se tivesse casado com outro nobre que lhe desse uma criança. Mas casou com Ragen, de condição inferior, contra os desejos da sua mãe. Não falam desde então. Elissa passou a pertencer à classe dos Mercadores, ainda que bastante abonada. Foi rejeitada na Escola das Mães. Nunca poderá deter qualquer posição na cidade. E muito menos ao serviço do Duque.

Arlen permaneceu em silêncio enquanto Margrit lhe passou as feridas por água e depois ergueu as suas roupas do chão. Os rasgões e manchas não lhe agradaram.

– Vou remendá-las como puder enquanto te banhas – prometeu, deixando-o sozinho. Durante a sua ausência, Arlen tentou compreender tudo o que lhe dissera, mas havia muito que lhe escapava.

Margrit recordava-lhe vagamente Catrin Leitão, a filha de Rusco. “Contaria todos os segredos do mundo se isso lhe permitisse ouvir a sua própria voz durante um momento mais”, costumava dizer Silvy.

A mulher regressou mais tarde com roupa limpa e que lhe assentava mal. Ligou-lhe as feridas e ajudou-o a vestir-se apesar dos seus protestos. Precisou de arregaçar as mangas da túnica para encontrar as mãos e de puxar as pernas das calças para não tropeçar. Mas sentiu-se limpo pela primeira vez em semanas.

Partilhou uma ceia antecipada com Ragen e Elissa. Ragen aparara a barba, prendera o cabelo e vestira uma rica camisa branca com um casaco e calças de camurça de azul intenso.

Um porco tinha sido morto no dia da chegada e a mesa depressa foi coberta com costeletas, bifes, tiras de toucinho e succulentas salsichas. Garrafas de cerveja fria e água límpida e fria foram servidas. Elissa franziu a testa quando Ragen indicou a um criado que servisse cerveja a Arlen, mas não disse nada. Bebeu vinho de um copo tão delicado que Arlen receava que os seus dedos desajeitados o partissem. Havia pão de côdea estaladiça, mais branco do que qualquer coisa que tivesse visto e malgas de nabos e batatas cozidos e cobertos com manteiga.

Enquanto olhava a comida, com água na boca, não conseguiu evitar recordar a gente que vira na cidade pedindo algo para comer. Mesmo assim, a fome depressa se sobrepôs à culpa e provou de tudo, voltando a encher o prato uma e outra vez.

– Criador! Para onde vai a comida toda? – perguntou Elissa, batendo com as mãos, divertida, ao ver Arlen limpar mais um prato. – Terás um poço sem fundo na barriga.

– Ignora-a – disse-lhe Ragen. – As mulheres são capazes de trabalhar durante todo o dia na cozinha e receiam dar uma dentada para não parecerem indelicadas. Os homens sabem apreciar melhor uma refeição.

– Tem razão – disse Elissa a Arlen, revirando os olhos. – As mulheres não conseguem apreciar as subtilezas da vida como os homens. – Ragen entornou a cerveja com um movimento repentino e Arlen percebeu que ela o pontapeara debaixo da mesa. Decidiu que gostava dela.

Depois da ceia, surgiu um pajem, vestindo um tabardo cinzento com o brasão do Duque bordado à frente. Recordou a Ragen o seu compromisso e o Mensageiro suspirou, assegurando ao pajem que partiriam prontamente.

– Arlen não está vestido para conhecer o Duque – referiu Elissa. – Ninguém se apresenta perante Sua Senhoria vestido como um mendigo.

– Não há nada a fazer, meu amor – replicou Ragen. – Restam-nos apenas algumas horas antes do pôr-do-sol. Não temos tempo para chamar um alfaiate.

Elissa recusou-se a aceitá-lo. Olhou o rapaz durante um longo momento e estalou os dedos, saindo da sala com passos largos. Regressou pouco depois com um gibão azul e um par de botas de cabedal polido.

– Um dos nossos pajens terá a tua idade – disse a Arlen enquanto o ajudava a vestir o gibão e a calçar as botas. As mangas do gibão eram curtas e as botas magoavam-lhe os pés, mas a Senhora Elissa parecia satisfeita. Passou-lhe um pente pelo cabelo e deu um passo atrás. – Bastará – disse, sorrindo. – Atenção aos modos diante do Duque, Arlen – recomendou. Sentindo-se estranho dentro das roupas que lhe assentavam mal, Arlen sorriu e acenou afirmativamente com a cabeça.

*

O castelo do Duque era uma fortaleza guardada, dentro da fortaleza guardada de Miln. A muralha exterior era de pedra talhada, superando os seis metros de altura, fortemente guardada e patrulhada por lanceiros de armadura. Atravessaram o portão a cavalo, alcançando um amplo pátio em redor do palácio. Fazendo parecer minúscula a mansão de Ragen, o palácio possuía quatro pisos e torres que se erguiam com o dobro dessa altura. Guardas largas e intensas assinalavam cada pedra. O vidro das janelas reluzia.

Homens de armadura patrulhavam o pátio e viam-se pajens vestidos com as cores do Duque, correndo de um lado para o outro. Uma centena de homens trabalhava ali. Carpinteiros, pedreiros, ferreiros e talhantes. Arlen viu armazéns de cereais e gado e até mesmo jardins frondosos, muito maiores do que os de Ragen. Pareceu a Arlen que, fechando o portão, o Duque poderia sobreviver para sempre no seu castelo.

O ruído e o cheiro do pátio desapareceram quando as pesadas portas do palácio foram fechadas depois da sua passagem. O átrio de entrada tinha uma carpete longa e larga, com tapeçarias cobrindo as frias paredes de pedra. À excepção de alguns guardas, não se viam outros homens. Ao invés, viam-se dúzias de mulheres, com as saias espaçosas deslizando sobre o chão enquanto se entregavam às suas ocupações.

Algumas desenhavam figuras em placas, outras anotavam ainda números em pesados livros. Outras, vestidas de forma mais rica do que as restantes, moviam-se com autoridade, observando o trabalho das anteriores.

– O Duque está na sala de audiências – disse uma delas. – Já te espera há algum tempo.

Uma longa fila de pessoas aguardava no exterior da sala de audiências do Duque. Eram sobretudo mulheres, segurando penas e rolos de papel, mas havia também alguns homens bem vestidos.

– Peticionários menores – explicou Ragen. – Todos esperando um minuto do tempo do Duque, antes que soe o sino da tarde e sejam escoltados até à rua.

Os peticionários menores pareciam vagamente conscientes de que restava pouca luz do dia e discutiam abertamente entre si quem seria o próximo a ser atendido. Mas a conversa cessou quando avistaram Ragen. Enquanto o Mensageiro passava por eles, sem qualquer respeito pela fila, todos se silenciaram, seguindo-o como cães ansiosos por alimento. Chegaram-se à entrada, onde um olhar dos guardas os deteve. Amontoaram-se junto à porta enquanto Arlen e Ragen entravam.

Arlen sentiu-se esmagado pela sala de audiências do Duque Euchar de Miln. O tecto abobadado era muito alto e archotes em suportes embutidos penduravam-se das grandes colunas em redor do trono de Euchar. Cada coluna ostentava guardas cravadas no mármore.

– Peticionários maiores – disse Ragen em voz baixa, indicando os homens e mulheres que se moviam pela sala. – Tendem a formar grupos. – Apontou um grande grupo de homens próximo da porta. – Príncipes mercadores – disse. – Distribuem ouro pelo direito de permanecer no palácio, farejando notícias ou um nobre com quem possam casar as filhas. Ali – inclinou a cabeça para um grupo de mulheres idosas, de pé, à frente dos mercadores. – O Conselho das Mães, esperando para transmitir a Euchar os relatórios do dia.

Mais perto do trono destacava-se um grupo de homens calçados com sandálias e vestindo túnicas castanhas simples, erguendo-se com uma dignidade serena. Alguns falavam em murmúrio, enquanto outros ouviam as suas palavras com atenção.

– Qualquer corte precisa dos seus homens santos – explicou Ragen.

Apontou, por fim, um enxame de homens ricamente vestidos, zumbindo em redor do Duque e servidos por um exército de criados carregando tabuleiros de comida e bebida.

– Realeza – disse Ragen. – Os sobrinhos e sobrinhas do Duque e também os primos em segundo grau. Todos debatendo-se pela sua atenção e sonhando com o que acontecerá se Euchar deixar o trono vago sem produzir um herdeiro. O Duque odeia-os.

– Porque não os manda embora? – perguntou Arlen.

– Porque são da realeza – respondeu Ragen, como se isso explicasse tudo.

Iam a meio caminho do trono do Duque quando uma mulher alta se atravessou no seu caminho. Tinha o cabelo preso por um lenço e a face estava coberta com rugas tão profundas que quase parecia ter guardas traçadas na pele. Movia-se com uma formalidade severa, mas uma pequena prega de carne abaixo do queixo agitava-se com vontade própria. A sua postura era semelhante à de Selia. Era uma mulher acostumada a dar ordens, obedecidas sem questionar. Olhou para Arlen e abriu as narinas como se cheirasse uma pilha de estrume. Ergueu o olhar para Ragen.

– Jone, a camareira de Euchor – murmurou Ragen, quando estavam ainda suficientemente distantes da mulher para que os ouvisse. – Mãe, membro da realeza e um oitavo tipo de nuclita. Não pares de andar a não ser que eu o faça ou far-te-á esperar nos estábulos enquanto falo com o Duque.

– O teu pajem terá de esperar no corredor, Mensageiro – disse Jone, parando à sua frente.

– Não é o meu pajem – respondeu Ragen, continuando a avançar. Arlen acompanhou-o e a camareira viu-se forçada a sacrificar a dignidade para se afastar do caminho.

– Sua Senhoria não tem tempo para cada órfão encontrado na rua, Ragen! – silvou, apressando o passo para acompanhar o Mensageiro. – Quem é?

Ragen parou e Arlen parou com ele. Voltou-se e encarou a mulher, inclinando-se para ela. Mãe Jone podia ser alta, mas Ragen era mais alto ainda e três vezes mais pesado. A ameaça da sua presença fê-la encolher-se de forma involuntária.

– É quem escolhi trazer – respondeu, entre dentes cerrados. Passou-lhe um saco cheio de cartas e Jone recebeu-o, pensativa. Enquanto o fazia, os mercadores e o Conselho das Mães rodearam-na, juntamente com os acólitos do protector.

A realeza notou o movimento e comentou ou gesticulou entre si. Subitamente, metade do seu séquito afastou-se e Arlen percebeu que eram apenas criados bem vestidos. A verdadeira realeza comportou-se como se nada digno de nota se passasse, mas os servos empurravam com tanta força como os restantes para se aproximarem do saco.

Jone passou as cartas a uma serva destacada para aquele efeito e apressou-se a alcançar o trono para anunciar Ragen, apesar de tal não ter sido necessário. A entrada de Ragen provocara suficiente alvoroço para que fosse impossível passar despercebido. Euchor olhava-os enquanto se aproximavam.

O Duque era um homem pesado, perto dos sessenta anos, com cabelo grisalho e uma barba densa. Vestia uma túnica verde, com manchas recentes de gordura deixadas pelos dedos, mas com bordados ricos em fio de ouro, e uma capa forrada de pêlo. Os dedos reluziam com anéis e usava um diadema de ouro em redor da testa.

– Finalmente, dignas-te agradecer-nos com a tua presença – disse o Duque, apesar de parecer dirigir-se aos restantes ocupantes da sala e não a Ragen. Com efeito, o comentário provocou murmúrios e acenos entre a realeza, fazendo voltar várias cabeças no amontoado em redor do correio. – Os meus assuntos não eram suficientemente urgentes? – perguntou.

Ragen avançou para o trono, enfrentando o olhar duro do Duque com outro idêntico.

– Quarenta e cinco dias daqui a Angiers e regresso pelo Ribeiro de Tibbet! – disse, elevando a voz. – Trinta e sete noites ao relento, enquanto nuclitas atacavam as minhas guardas! – Nunca desviou os olhos do Duque, mas Arlen soube que também falava para os demais ocupantes da sala. As suas palavras fizeram empalidecer e estremecer a maioria dos presentes. – Seis semanas longe de casa, Vossa Senhoria – disse Ragen, baixando a voz, mas continuando a ser ouvido atentamente por muitos pares de ouvidos. – Negar-me-ia um banho e uma refeição com a minha mulher?

O Duque hesitou, passando o olhar sobre os cortesãos. Por fim, respondeu com uma gargalhada trovejante.

– Claro que não! – bradou. – Um Duque ofendido pode dificultar a vida de um homem, mas não tanto como uma mulher ofendida! – A tensão foi libertada com o riso que se espalhou pela corte. – Desejo falar a sós com o meu Mensageiro! – ordenou o Duque, assim que o riso cessou. Houve resmungos dos que se sentiam ansiosos por notícias, mas Jone indicou à serva que partisse com as cartas, levando consigo a maior parte da corte. A realeza deixou-se ficar por um momento, até Jone bater com as mãos. O som fê-los erguerem-se e saíram com a rapidez que a dignidade lhes permitia.

– Fica – murmurou Ragen a Arlen, guardando distância respeitosa do trono. Jone fez sinal aos guardas, que fecharam as pesadas portas, permanecendo no interior. Ao contrário dos homens no portão, aqueles pareciam alerta e competentes. Jone posicionou-se ao lado do seu senhor.

– Não voltes a atrever-te ao mesmo diante da minha corte! – rosnou Euchor quando os outros se foram.

Com uma ligeira vénia, o Mensageiro manifestou o seu respeito pela ordem, mas até a Arlen pareceu pouco sincera. O rapaz estava espantado. Ragen era verdadeiramente intrépido.

– Há notícias do Ribeiro, Vossa Senhoria – afirmou Ragen.

– Do Ribeiro? – bradou Euchor. – Que me importa o Ribeiro? Que diz Rhinebeck?

– Passaram um Inverno duro sem o sal – prosseguiu Ragen, como se o Duque não tivesse falado. – E houve um ataque...

– Noite, Ragen! – gritou Euchor. – A resposta de Rhinebeck pode afectar Miln durante anos. Poupa-me às listas de nascimentos e aos relatórios de colheita de algum lugarejo miserável!

Arlen engoliu em seco e colocou-se atrás de Ragen, procurando protecção. Este segurou-lhe o braço, transmitindo-lhe segurança.

Euchor insistiu.

– Descobriram ouro no Ribeiro de Tibbet? – questionou.

– Não, milorde – replicou Ragen. – Mas...

– Abriram uma mina de carvão no Pasto Soalheiro? – interrompeu Euchor.

– Não, milorde.

– Redescobriram as guardas de combate perdidas?

Ragen abanou a cabeça.

– Claro que não...

– Conseguiu trazer arroz em quantidade que me faça lucrar o suficiente para cobrir o custo da tua deslocação? – perguntou Euchor.

– Não – tornou Ragen, com um esgar de desagrado.

– Muito bem – disse Euchor, esfregando as mãos, como se as sacudisse de pó. – Nesse caso, não precisaremos de nos preocupar com o Ribeiro durante mais um ano e meio.

– Um ano e meio é demasiado – atreveu-se a insistir Ragen. – As pessoas necessitam de...

– Visita-as de graça – afirmou o Duque. – Para que a despesa não me sobrecarregue. – Vendo que Ragen não respondeu de imediato, Euchor sorriu amplamente, sabendo que vencera a discussão. – Que novas há de Angiers? – perguntou.

– Trago uma carta do Duque Rhinebeck – disse Ragen, depois de um suspiro, levando a mão ao interior do casaco. Retirou um tubo estreito selado com cera, mas o Duque acenou-lhe com impaciência.

– Diz-me, Ragen! Sim ou não?

Ragen estreitou os olhos.

– Não, milorde – respondeu. – A resposta é negativa. Os dois últimos carregamentos perderam-se e só se salvou um punhado dos homens que os acompanhavam. O Duque Rhinebeck não pode pagar novo envio. Os seus homens não conseguem abater árvores à velocidade necessária e precisa de madeira mais do que de sal.

A face do Duque tornou-se escarlate e Arlen pensou que poderia estourar.

– Raios, Ragen! – gritou, batendo com o punho. – Preciso dessa madeira!

– Sua Senhoria decidiu que tem maior necessidade dela para reconstruir Ponteflúvia – explicou Ragen, calmamente – na margem sul do Rio Divisor.

O Duque Euchor silvou e os seus olhos reluziram com um brilho assassino.

– É trabalho do primeiro-ministro de Rhinebeck – disse Jone. – Há anos que Janson tenta obter para Rhinebeck uma parcela dos impostos da ponte.

– E porque haveria de se satisfazer com uma parcela quando poderia ter tudo? – concordou Euchor. – Que lhe disseste que eu faria quando me transmitisses estas notícias?

Ragen encolheu os ombros.

– Não cabe ao Mensageiro conjecturar. Que lhe teria agradado que dissesse?

– Que gente que se abriga em fortalezas de madeira não deveria atear incêndios nos pátios vizinhos – rosnou Euchor. – Não preciso de te recordar, Ragen, como a madeira é importante para Miln. A nossa provisão de carvão é cada vez menor e, sem combustível, o minério das minas é inútil e meia cidade morreria gelada! Incendiarei pessoalmente a sua nova Ponteflúvia antes que tal coisa aconteça!

Ragen curvou-se demonstrando estar ciente do facto.

– O Duque Rhinebeck sabe-o bem – disse. – Autorizou-me a fazer uma contraproposta.

– E qual é? – perguntou Euchor, elevando uma sobrancelha.

– Materiais para reconstruir Ponteflúvia e metade dos impostos – adivinhou Jone, antes que Ragen pudesse abrir a boca. Fitou o Mensageiro com olhos semicerrados. – E que Ponteflúvia fique do lado angierano do Divisor.

Ragen acenou afirmativamente.

– Noite! – praguejou Euchor. – Pelo Criador, Ragen. De que lado estás?

– Sou um Mensageiro – replicou Ragen, orgulhoso. – Não tomo partidos. Limito-me a transmitir o que me é pedido.

O Duque Euchor pôs-se de pé.

– Então explica-me porque te pago! – exigiu.

Ragen inclinou a cabeça.

– Vossa Senhoria preferiria deslocar-se pessoalmente? – perguntou, sem elevar a voz.

O Duque empalideceu e não respondeu. Arlen sentiu o poder do comentário simples de Ragen. O seu desejo de se tornar um Mensageiro fortaleceu-se ainda mais, se tal fosse possível.

Por fim, o Duque acenou afirmativamente, resignado.

– Pensarei no assunto – disse. – A noite aproxima-se. Podes ir.

– Há mais uma coisa, milorde – acrescentou Ragen, gesticulando a Arlen para se aproximar, mas Jone fez sinal aos guardas para abrirem as portas e os peticionários maiores começaram a reentrar. A atenção do Duque fora já desviada do Mensageiro.

Ragen interceptou Jone enquanto esta se afastava do trono.

– Mãe – disse –, a respeito do rapaz...

– Estou muito ocupada, Mensageiro – replicou Jone. – Talvez possas «escolher» trazê-lo noutra ocasião menos atarefada. – Afastou-se deles, com o queixo erguido.

Um dos mercadores aproximou-se. Era um homem semelhante a um urso, com um único olho e uma órbita reduzida a uma mancha de pele cicatrizada. Sobre o peito via-se-lhe um símbolo. Um cavaleiro com uma lança e um saco.

– Agrada-me ver-te a salvo, Ragen – disse o homem. – Passarás pela Associação de manhã para transmitir o teu relatório?

– Mestre Malcum – disse Ragen, com uma vénia. – Agrada-me vê-lo. Encontrei este rapaz, Arlen, na estrada...

– Entre cidades? – perguntou o mestre da Associação, surpreso. – Deverias saber como é perigoso, rapaz!

– A vários dias da cidade mais próxima – explicou Ragen. – Traça guardas melhor do que muitos Mensageiros. – Malcum ergueu uma sobrancelha ao ouvi-lo. – Quer ser Mensageiro – continuou Ragen.

– Não poderias aspirar a carreira mais honrada – disse Malcum a Arlen.

– Não tem ninguém em Miln – explicou Ragen. – Pensei que a Associação pudesse recebê-lo como aprendiz...

– Ragen – disse Malcum –, sabes perfeitamente que apenas recebemos como aprendizes Guardadores registados. Tenta Mestre Vincin.

– O rapaz já sabe traçar guardas – argumentou Ragen, num tom mais respeitoso do que o que usara com o Duque Euchar. Mestre Malcum era ainda maior do que Ragen e parecia não se deixar intimidar por referências a noites passadas ao relento.

– Nesse caso, não deverá ter quaisquer dificuldades para se registar na Associação dos Guardadores – disse Malcum, voltando-se. – Vejo-te pela manhã – acrescentou, sobre o ombro.

Ragen olhou em redor, vendo outro homem entre os mercadores.

– Levanta os pés, Arlen – disse entre dentes, atravessando a sala. – Mestre Vincin! – chamou, ao aproximar-se.

O homem respondeu ao chamado e afastou-se dos acompanhantes para os saudar. A vénia a Ragen era de respeito, mas não de deferência. Vincin tinha uma barba lustrosa e negra e cabelo penteado para trás. Os dedos gordos eram apertados por anéis reluzentes. O símbolo no seu peito era uma guarda de chave, o alicerce de qualquer rede de guardas.

– Que posso fazer por ti, Ragen? – perguntou o mestre.

– Este rapaz, Arlen, vem do Ribeiro de Tibbet – disse Ragen, indicando-o com um gesto. – Um ataque de nuclitas deixou-o órfão. Não tem família em Miln, mas deseja tornar-se aprendiz de Mensageiro.

– Muito bem, Ragen. Mas que tenho eu com isso? – perguntou Vincin, não olhando Arlen por mais do que um instante.

– Malcum não o aceitará a não ser que esteja registado como Guardador – explicou Ragen.

– Ah. Sim, é um problema – concordou Vincin.

– O rapaz já sabe guardar – disse Ragen. – Se pudesse...

Vincin abanou a cabeça.

– Lamento, Ragen. Mas não me convencerás de que um fedelho aldeão sabe traçar guardas com competência suficiente para poder registá-lo.

– As suas guardas cortaram um demónio da rocha – acrescentou Ragen.

Vincin riu-se.

– A não ser que tenhas o braço contigo, Ragen, podes guardar essa história para os Jograis.

– Poderá admiti-lo como aprendiz? – perguntou o Mensageiro.

– Conseguirá pagar as taxas? – tornou Vincin.

– É um órfão recolhido na estrada – protestou Ragen.

– Talvez encontre um Guardador que o aceite como servo – propôs o mestre.

Ragen não apreciou a sugestão.

– Obrigado pelo seu tempo – disse, empurrando Arlen.

Regressaram rapidamente à mansão de Ragen, com o sol a pôr-se rapidamente. Arlen viu as ruas movimentadas de Miln esvaziarem-se, com as pessoas verificando cuidadosamente guardas e reforçando portas. Mesmo com ruas empedradas e paredes grossas e guardadas, os habitantes continuavam a recolher à noite.

– Não acredito que falaste com o Duque daquela forma – disse Arlen pelo caminho.

Ragen riu-se.

– É a primeira regra dos Mensageiros, Arlen – explicou. – Os mercadores e a realeza pagam-nos, mas também nos pisarão com todo o gosto se os deixarmos. Precisas de agir como um rei na sua presença e sem nunca esquecer quem arrisca a vida.

– Funcionou com Euchor – concordou Arlen.

O nome enfureceu Ragen.

– Porco egoísta – exclamou. – Não se importa com nada além dos seus bolsos.

– Não faz mal – disse Arlen. – O Ribeiro sobreviveu sem sal durante o último Outono. Conseguirão fazê-lo novamente.

– Talvez – concedeu Ragen. – Mas não deveria ser necessário. E tu! Um bom duque teria perguntado porque trouxe um rapaz à sua câmara. Um bom duque ter-te-ia recolhido à guarda do trono para não acabares a mendigar nas ruas. E Malcum não foi melhor! Tê-lo-ia incomodado muito testar a tua perícia? E Vincin! Se tivesses dinheiro para as malditas taxas, o desavergonhado ganancioso teria encontrado um mestre para te instruir antes do pôr-do-sol! Um servo, pois então!

– Um aprendiz não é um servo? – perguntou Arlen.

– De modo algum – respondeu Ragen. – Os aprendizes pertencem à classe dos Mercadores. Aprendem um ofício e dedicam-se à sua prática, por conta própria ou com outro mestre. Os servos nunca serão ninguém a não ser que casem com alguém de classe superior. Maldito seja se permitir que sejas um.

Ficou calado e Arlen, apesar de continuar confuso, achou melhor não insistir.

*

A escuridão tornou-se completa pouco depois de alcançarem a segurança das guardas de Ragen e Margrit conduziu Arlen a um quarto de hóspedes tão grande como metade da casa de Jeph. Ao centro, encontrava-se uma cama tão alta que Arlen precisou de saltar para se deitar nela e, nunca tendo dormido noutra coisa que não o chão ou um colchão duro de palha, ficou estupefacto quando se afundou no colchão macio.

Adormeceu rapidamente, mas acordou pouco depois, ouvindo vozes elevadas. Saiu do quarto, seguindo o som. Os corredores da grande mansão estavam vazios, depois de os criados terem recolhido. Arlen chegou ao topo das escadas e as vozes tornaram-se mais claras. Pertenciam a Ragen e a Elissa.

– ... ficar com e mais nada – ouviu Elissa dizer. – Seja como for, o trabalho de Mensageiro não é para um rapaz!

– É o que ele quer – insistiu Ragen.

O desagrado de Elissa era claro.

– Passar Arlen para outra pessoa qualquer não aliviará a tua culpa por o teres trazido até Miln quando o devias ter devolvido a casa.

– Estrume de demónio! – exclamou Ragen. – Apenas queres alguém de quem possas cuidar dia e noite.

– Não te atrevas a dizer isso! – silvou Elissa. – Quando decidiste não levar Arlen de volta ao Ribeiro de Tibbet, assumiste a responsabilidade! Está na altura de a aceites e deixares de procurar outra pessoa para cuidar dele.

Arlen esforçou-se por ouvir, mas não houve resposta de Ragen durante algum tempo. Quis descer e juntar-se à discussão. Sabia que Elissa tinha boas intenções, mas começava a cansar-se de adultos que planeavam a sua vida sem o consultar.

– Óptimo – disse Ragen, por fim. – E se o enviar para o Cob? Não o encorajará a tornar-se Mensageiro. Pago as taxas e podemos visitar a oficina regularmente para acompanharmos o seu progresso.

– Parece-me uma excelente ideia – concordou Elissa, sem sinais da irritação anterior. – Mas não há motivo para não ficar aqui, em vez de numa bancada dura nalguma oficina desarrumada.

– Os aprendizes não devem sentir-se confortáveis – disse Ragen. – Precisar-se-á de lá

estar do amanhecer até ao pôr-do-sol para dominar a arte das guardas e, se levar
avante os seus planos de se tornar Mensageiro, precisará de todo o treino possível.

– Muito bem – concordou Elissa, contrariada. A sua voz serenou no momento
seguinte. – Agora vem encher-me o ventre com uma criança – sussurrou.

Arlen correu de volta ao seu quarto.

*

Como sempre, Arlen abriu os olhos antes do amanhecer, mas, por um momento,
achou que ainda estaria a dormir, flutuando sobre uma nuvem. Só então recordou
onde estava e esticou-se, sentindo a deliciosa suavidade das penas que enchiam o
colchão e a almofada, bem como o calor da grossa coberta. O fogo na lareira do
quarto reduzira a lenha a carvões incandescentes.

A tentação de ficar na cama era forte, mas a bexiga ajudou a forçá-lo para fora do
quente aconchego. Deslizou para o chão frio e retirou os bacios de debaixo da cama,
como Margrit o instruíra. Verteu águas num e aliviou o intestino no outro, deixando-
os junto à porta para que o conteúdo pudesse ser recolhido para utilização nos
jardins. O solo em Miln era pedregoso e as gentes da cidade não desperdiçavam
nada.

Foi até à janela. Olhara-a até os olhos se fecharem na noite anterior, mas o vidro
continuava a fasciná-lo. Parecia não haver ali nada, mas era duro e resistente como
uma rede de guardas. Passou um dedo sobre o vidro, traçando uma linha na
condensação matinal. Recordando as guardas do círculo portátil de Ragen,
transformou a linha num dos símbolos. Traçou outros, soprando sobre o vidro para
limpar a obra e a recomeçar do início.

Quando terminou, vestiu-se e desceu, encontrando Ragen a beber chá junto a uma
janela, vendo o sol erguer-se sobre as montanhas.

– Acordaste cedo – disse-lhe Ragen, sorrindo. – Darás um bom Mensageiro –
acrescentou, fazendo Arlen inchar de orgulho. – Hoje, apresentar-te-ei a um amigo –
continuou. – Um Guardador. Ensinou-me quando tinha a tua idade e precisa de um
aprendiz.

– Não poderia ser o teu aprendiz? – perguntou Arlen, com esperança. – Prometo
esforçar-me.

Ragen riu-se.

– Não duvido – disse. – Mas sou um mau professor e passo a maior parte do meu
tempo fora da cidade. Podes aprender muito com Cob. Foi Mensageiro antes mesmo
de eu ter nascido.

Ouvi-lo animou Arlen.

– Quando poderei conhecê-lo? – perguntou.

– O sol nasceu – replicou Ragen. – Nada nos impedirá de o visitar após o

pequeno-almoço.

Pouco depois, Elissa juntou-se a eles na sala de jantar. Os criados de Ragen prepararam uma grande mesa, com presunto e toucinho, pão barrado com mel, ovos, batatas e grandes maçãs assadas. Arlen engoliu a comida com avidez, ansioso por sair para a cidade. Quando terminou, ficou sentado, fitando Ragen a comer. Ragen ignorou-o, comendo com uma lentidão enervante, enquanto Arlen se agitava na cadeira.

Por fim, o Mensageiro pousou o garfo e limpou a boca.

– Muito bem – disse, erguendo-se. – Podemos ir. – Arlen sorriu e saltou da cadeira.

– Mais devagar – disse Elissa, fazendo parar os dois fugitivos. Arlen não estava preparado para as palavras, um eco das que a sua mãe costumava dizer-lhe, e conteve um ímpeto de comoção. – Não irão a lado algum até o alfaiate chegar para tirar as medidas a Arlen – disse.

– Para quê? – perguntou Arlen. – Margrit lavou-me a roupa e coseu os rasgões.

– Aprecio a intenção, amor – disse Ragen, em defesa de Arlen. – Mas não há grande necessidade de roupa nova depois de passada a entrevista com o Duque.

– Não está sujeito a debate – informou Elissa, erguendo-se. – Não terei um hóspede na nossa casa vestido como um maltrapilho.

O Mensageiro fitou a expressão da esposa e suspirou.

– Deixa, Arlen – recomendou, em silêncio. – Não vamos a parte alguma até que esteja satisfeita.

O alfaiate chegou pouco depois. Era um homem baixo com dedos ágeis, que mediu cada centímetro de Arlen com cordéis de nós, marcando cuidadosamente a informação recolhida numa lousa, usando um pau de giz. Quando terminou, teve uma conversa bastante animada com Elissa e partiu, depois de se despedir com uma vénia.

Elissa deslizou até junto de Arlen, curvando-se para o olhar nos olhos.

– Não foi assim tão mau, pois não? – perguntou, endireitando-lhe a camisa e afastando-lhe o cabelo do rosto. – Agora podes ir com Ragen ao encontro de Mestre Cob. – Acariciou-lhe a face com a mão fria e macia e, por um momento, Arlen entregou-se ao toque familiar, mas depressa recuperou a compostura, abrindo muito os olhos.

Ragen percebeu o olhar e notou a expressão ferida na cara da mulher enquanto Arlen recuava lentamente dela como se perante um demónio.

– Parece-me que magoaste os sentimentos de Elissa, Arlen – disse Ragen, ao saírem da propriedade.

– Não é a minha mãe – disse Arlen, desculpando-se.

– Sentes saudades dela? – perguntou Ragen. – Da tua mãe?

– Sim – respondeu Arlen, baixando a voz.

Ragen acenou afirmativamente e não disse mais nada, o que agradou ao rapaz. Caminharam em silêncio e a estranheza de Miln depressa fez a mente de Arlen esquecer o incidente. O cheiro de carroças de fezes estava por toda a parte, enquanto os colectores iam de porta em porta, reunindo o produto da noite.

– Bah ! – exclamou Arlen, apertando o nariz. – A cidade inteira cheira pior do que um celeiro! Como conseguem suportá-lo?

– É sobretudo pela manhã, quando os colectores passam – explicou Ragen. – Há-de habituar-te. No passado tínhamos esgotos, túneis por baixo de cada casa, que levavam a imundície para longe, mas foram selados há séculos. Os nuclitas usavam-nos para entrar na cidade.

– Porque não abrem fossas? – perguntou Arlen.

– O solo de Miln é pedregoso – respondeu Ragen. – Os que não têm jardins próprios para fertilizar devem oferecer os seus desperdícios para uso nos jardins do Duque. É a lei.

– É uma lei fedorenta – considerou Arlen.

Ragen riu-se.

– Talvez – disse. – Mas mantém-nos alimentados e sustenta a economia. A mansão do mestre da Associação dos colectores faz a minha parecer uma cabana.

– De certeza que a tua cheirá melhor – considerou Arlen, fazendo Ragen rir novamente.

Por fim, contornaram uma curva e alcançaram uma oficina pequena, mas de aspecto robusto, com guardas delicadamente traçadas em redor das janelas e na ombreira da porta. Arlen apreciou a minúcia das guardas. Quem as tivesse feito tinha mão segura.

A sua entrada foi anunciada por um tilintar de campainhas e Arlen arregalou os olhos ao ver o conteúdo da oficina. Guardas de todas as formas e tamanhos, fabricadas em todos os materiais, enchiam o espaço.

– Espera aqui – disse-lhe Ragen, atravessando a oficina para falar com um homem sentado atrás de uma bancada. Arlen mal deu pela sua partida, ocupado a mirar a oficina. Passou os dedos de forma reverencial sobre guardas tecidas, gravadas em seixos polidos ou moldadas em metal. Havia postes gravados para os camponeses usarem na terra aberta e um círculo portátil como o de Ragen. Tentou memorizar as guardas que viu, mas eram demasiadas.

– Arlen, vem cá! – chamou Rager, após alguns minutos. Arlen sobressaltou-se e foi até junto dele. – Este é Mestre Cob – apresentou Ragen, indicando o homem, que teria talvez sessenta anos. Baixo para milnês, parecia um homem forte que se tornara gordo com os anos. Cobria-lhe a cara barba grisalha espessa, polvilhada por salpicos do negro original, e o cabelo curto era ralo no topo da cabeça. A pele era enrugada e

de aspecto curtido e a sua mão rodeou por completo a de Arlen.

– Ragen diz-me que queres ser Guardador – disse Cob, voltando a deixar tombar o seu peso sobre o banco.

– Não, senhor – respondeu Arlen. – Quero ser um Mensageiro.

– Como qualquer outro rapaz da tua idade – disse Cob. – Os inteligentes mudam de ideias antes que acabem mortos.

– Não foi Mensageiro? – perguntou Arlen, confuso pela atitude do homem.

– Fui – concordou Cob, erguendo a manga para mostrar uma tatuagem semelhante à de Ragen. – Viajei às cinco Cidades Livres e a uma dúzia de povoados e ganhei mais dinheiro do que julguei ser possível gastar. – Uma pausa fez aumentar a confusão de Arlen. – Também ganhei isto – disse, erguendo a camisa e mostrando cicatrizes grossas que lhe cobriam o estômago. – E isto. – Descalçou um sapato, mostrando um crescente de carne cicatrizada, há muito sarada, no lugar onde deveriam existir quatro dedos. – Até hoje – continuou Cob –, não consigo dormir mais do que uma hora sem acordar de repente, estendendo a mão para a lança. Sim, fui um Mensageiro. Um Mensageiro muito bom e com mais sorte do que a maioria, mas não é destino que deseje a ninguém. Pode parecer um trabalho glorioso mas, por cada homem que vive numa mansão e é respeitado, como o nosso Ragen, há duas dúzias a apodrecer nas estradas.

– Não me importo – disse Arlen. – É o que quero.

– Então faremos um acordo – suspirou Cob. – Um Mensageiro precisa de ser, acima de tudo, um Guardador. Serás meu aprendiz e ensinar-te-ei. Quando tivermos tempo, aprenderás comigo o que sei sobre sobrevivência na estrada. Um aprendizado dura sete anos. Se, depois desse tempo, ainda quiseses ser Mensageiro... estarás por tua conta.

– Sete anos? – repetiu Arlen, surpreso.

Cob roncou.

– Não se aprendem as guardas num dia, rapaz.

– Mas já sei traçar guardas – afirmou Arlen, num tom de desafio.

– É o que me diz Ragen – tornou Cob. – Também me diz que o fazes sem qualquer conhecimento de geometria ou de teoria das guardas. Traçar guardas a olho poderá não te matar amanhã, rapaz, nem na semana seguinte. Mas matar-te-á.

Arlen bateu com o pé. Sete anos parecia-lhe uma eternidade, mas, no fundo, sabia que o mestre estava certo. A dor que sentia nas costas recordava-lhe constantemente que não estava preparado para voltar a enfrentar os nuclitas. Precisava do que aquele homem lhe poderia ensinar. Não duvidava de que existissem dúzias de Mensageiros vitimados pelos demónios e jurou não se tornar um deles por ser demasiado teimoso em não conseguir aprender com os próprios erros.

– Muito bem – concordou, por fim. – Sete anos.

PARTE II

Miln

320 a 325

Depois do Regresso

DEZ
APRENDIZ
320 DR

– Ali está novamente o nosso amigo – disse Gaims, indicando a escuridão do seu posto na muralha.

– Mesmo a tempo – concordou Woron, aproximando-se. – Que te parece que quererá?

– Esvazia-me os bolsos e não encontrarás respostas – tornou Gaims.

Os dois guardas debruçaram-se sobre as ameias guardadas da torre de vigia e observaram enquanto o demónio da rocha com um único braço se materializava diante do portão. Era grande, mesmo aos olhos de guardas milneses, que viam mais demónios da rocha do que de qualquer outro tipo.

Enquanto os outros demónios continuavam a tentar orientar-se, o demónio com um braço avançava determinado, farejando o portão, à procura. Depois, endireitou-se e golpeou a madeira, testando as guardas. A magia cintilou e projectou-o para trás, mas não se deixou deter. Lentamente, o demónio moveu-se ao longo da muralha, golpeando uma e outra vez, procurando pontos fracos até desaparecer de vista.

Horas mais tarde, uma explosão energética assinalou o regresso do demónio, vindo da direcção oposta. Os guardas dos outros postos de vigia disseram que o demónio contornava a cidade todas as noites, atacando cada guarda. Quando chegou novamente ao portão, agachou-se, fitando pacientemente a cidade.

Gaims e Woron estavam habituados à cena, tendo-a testemunhado todas as noites durante o ano anterior. Tinham começado mesmo a ansiar por ela, passando o seu turno a apostar no tempo que “Um Braço” levaria a contornar a cidade ou se o faria dirigindo-se para este ou oeste.

– Quase me sinto tentado a deixá-lo entrar. Só para ver o que quererá – disse Woron.

– Não digas isso nem a brincar – advertiu Gaims. – Se o comandante da guarda ouvir tal conversa, põe-nos aos dois a ferros, a partir pedra durante todo o ano que vem.

O colega grunhiu.

– Mesmo assim – disse. – Dá que pensar...

*

Esse primeiro ano em Miln, o seu décimo segundo, passou rapidamente para Arlen, que se foi acostumando ao seu papel de aprendiz de Guardador. A primeira tarefa de Cob fora ensiná-lo a ler. Arlen conhecia guardas nunca antes vistas em Miln e Cob queria-as registadas por escrito logo que possível.

Arlen dedicou-se vorazmente à aprendizagem das letras, custando-lhe a acreditar

que tivesse sobrevivido sem elas. Submergiu-se nos livros durante horas de cada vez, começando por mover os lábios lentamente a princípio, mas depressa voltando as páginas com rapidez, varrendo-as com os olhos.

Cob não tinha motivo para queixas. Arlen trabalhava com maior afinho do que qualquer outro aprendiz que tivesse conhecido, permanecendo acordado até altas horas para traçar guardas. Era frequente que Cob fosse para a cama, pensando no trabalho do dia seguinte, descobrindo que afinal estava terminado quando os primeiros raios de sol iluminavam a oficina.

Após aprender a ler, Arlen foi encarregue de catalogar o seu repertório pessoal de guardas, sem esquecer descrições, num volume que o mestre lhe comprara. O papel era caro nas terras escassamente arborizadas de Miln e um livro inteiro era algo que a gente comum raramente via, mas Cob conseguiu pagá-lo.

– Até os piores compêndios valem cem vezes mais que o papel em que foram escritos – disse.

– Compêndios? – perguntou Arlen.

– Um livro de guardas – explicou Cob. – Cada Guardador tem o seu e guardam os seus segredos com cautela. – Arlen recebeu a valiosa oferta como um tesouro, enchendo as páginas com mão lenta e segura.

Quando terminou de esvaziar a memória, Cob estudou o livro, chocado.

– Criador, rapaz! Fazes ideia do que vale este livro? – perguntou.

Arlen ergueu os olhos da guarda que cinzelava num marco de pedra e encolheu os ombros.

– Qualquer ancião do Ribeiro de Tibbet poderia ensinar-te as mesmas guardas – disse.

– Que seja – replicou Cob. – Mas o que é corriqueiro no Ribeiro de Tibbet é um tesouro enterrado em Miln. Esta guarda aqui – apontou uma página. – Consegue realmente transformar fogo cuspid numa brisa fresca?

Arlen riu-se.

– A minha mãe adorava essa – disse. – Esperava que os demónios da chama viessem até às suas janelas nas noites quentes de Verão para arrefecer a casa com o seu bafo.

– Espantoso – considerou Cob, abanando a cabeça. – Quero que copies isto mais algumas vezes, Arlen. Fará de ti um homem muito rico.

– Como? – perguntou Arlen.

– Haverá quem pague uma fortuna por uma cópia – afirmou Cob. – Talvez nem devêssemos vender. Seríamos os Guardadores mais procurados da cidade se mantivéssemos estas guardas em segredo.

Arlen franziu a testa.

– Não está certo mantê-las em segredo – disse. – O meu pai sempre disse que as

guardas pertenciam a todos.

– Todos os Guardadores têm os seus segredos, Arlen – disse Cob. – É assim que ganhamos a vida.

– Ganhamos a vida com o fabrico de postes de guarda e ombreiras de porta pintadas – discordou Arlen. – E não guardando segredos que poderão salvar vidas. Devemos negar abrigo aos que não tiverem meios para o pagar?

– Claro que não – respondeu Cob. – Mas isto é diferente.

– Como? – insistiu Arlen. – Não tínhamos Guardadores no Ribeiro de Tibbet. Todos guardávamos as nossas casas e os que eram melhores a fazê-lo ajudavam os que eram piores, sem pedir nada em troca. Porque o faríamos? A luta não era entre nós, mas contra os demónios!

– Forte Miln não é como o Ribeiro de Tibbet, rapaz – censurou Cob. – Aqui, as coisas custam dinheiro. Se não tiveres dinheiro, tornas-te um mendigo. Eu tenho um ofício, como qualquer padeiro ou pedreiro. Porque não haveria de cobrar por ele?

Arlen permaneceu em silêncio durante algum tempo.

– Cob, porque não és rico? – perguntou.

– O quê?

– Como Ragen – clarificou Arlen. – Disseste que foste um Mensageiro do Duque. Porque não vives numa mansão e tens servos que façam tudo por ti? Porque fazes isto?

Cob suspirou.

– O dinheiro é uma coisa fátua, Arlen – disse. – Num momento, tens mais do que aquilo que poderás gastar e, no momento seguinte... podes dar contigo nas ruas a mendigar comida.

Arlen pensou nos mendigos que vira no seu primeiro dia em Miln. Vira muitos mais desde então, roubando estrume para queimar, possibilitando-lhes aquecerem-se, dormindo em abrigos públicos guardados, mendigando comida.

– Que aconteceu ao teu dinheiro, Cob? – perguntou.

– Conheci um homem que disse ser capaz de construir uma estrada – contou. – Uma estrada guardada, daqui até Angiers. – Arlen aproximou-se e sentou-se num banco, atento. – Tentaram construir estradas antes – prosseguiu Cob. – Até às Minas do Duque nas montanhas. Ou até ao Horto Rijo no sul. Distâncias curtas, a menos de um dia inteiro, mas o suficiente para garantir a fortuna do construtor. Falharam sempre. Se houver uma falha na rede, por mais pequena que seja, os nuclitas acabarão por encontrá-la. E, logo que entrem... – Abanou a cabeça. – Disse isto ao homem, mas ele estava determinado. Tinha um plano. Resultaria. Precisava apenas de dinheiro. – Cob olhou Arlen. – Cada cidade tem falta de alguma coisa – explicou. – E tem outra coisa qualquer em demasia. Miln tem metal e pedra, mas não tem madeira. Com Angiers, passa-se o inverso. Ambas as cidades têm falta de produtos

agrícolas e gado, enquanto Rizon tem mais do que necessita, mas não tem boa madeira ou metal para construir ferramentas. Lakton tem peixe em abundância, mas pouco mais. Pensarás que sou um tolo – disse, abanando a cabeça – por considerar realizável algo que todos, do Duque para baixo, consideraram impossível, mas a ideia não me abandonava. Não parava de pensar: “E se conseguisse fazê-lo? Isso não valeria qualquer risco?”

– Não acho que sejas um tolo – disse Arlen.

– E é por isso que mantenho a maior parte do teu pagamento guardada – riu-se Cob. – Dá-lo-ias, tal como eu o fiz.

– O que aconteceu à estrada? – insistiu Arlen.

– Aconteceram os nuclitas – respondeu Cob. – Chacinaram o homem e todos os trabalhadores que lhe contratei, queimaram os postes de guarda e os planos... Destruíram tudo. Investi tudo o que tinha naquela estrada, Arlen. Nem mesmo despedindo os servos consegui pagar as minhas dívidas. Mal consegui dinheiro suficiente com a venda da mansão para cobrir um empréstimo e comprar esta oficina. Tenho vivido aqui desde então.

Permaneceram sentados durante algum tempo, ambos perdidos a imaginar como teria sido aquela noite, ambos imaginando a carnificina e os nuclitas dançando entre as chamas.

– Ainda achas que o sonho justificou o risco? – perguntou Arlen. – Ligar todas as cidades?

– Até hoje – respondeu Cob. – Mesmo quando sinto dores nas costas de transportar cargas de postes de guarda e mesmo quando o sabor da comida que cozinho me faz torcer o nariz.

– Não é diferente – disse Arlen, tocando o livro de guardas. – Se todos os Guardadores partilhassem o que conhecem, não seria melhor. Uma cidade mais segura não justifica perder um pouco de lucro?

Cob fitou-o longamente. A seguir, aproximou-se e pousou-lhe uma mão no ombro.

– Tens razão, Arlen. Lamento. Copiarei os livros e vendê-los-ei aos outros Guardadores.

Lentamente, Arlen esboçou um sorriso.

– E porque não trocar os nossos segredos pelos seus? – perguntou.

As campainhas soaram e Elissa entrou na oficina de Guardador com um amplo sorriso. Acenou a Cob enquanto levava um grande cesto até Arlen, beijando-o na face. O embaraço foi visível na expressão do rapaz e esfregou a cara, mas ela não lhe deu importância.

– Trouxe-vos fruta, pão fresco e queijo – disse, retirando o conteúdo do cesto. – Presumo que não comam melhor do que comiam aquando da minha última visita.

– Carne seca e pão duro são a base da alimentação dos Mensageiros, senhora –

disse-lhe Cob, sorrindo, sem erguer o olhar do marco central que cinzelava.

– Disparate – considerou Elissa. – Estás reformado, Cob. E Arlen ainda não é um Mensageiro. Não tentes glorificar a tua recusa preguiçosa em ir ao mercado. Arlen é um rapaz em crescimento e precisa de melhor. – Passou a mão pelo cabelo de Arlen ao falar, sorrindo, mesmo quando ele se afastou.

– Vem jantar comigo, Arlen – convidou. – Ragen partiu e a mansão é solitária sem ele. Comerás algo que te porá carne em redor dos ossos e poderás dormir no teu quarto.

– Eu... penso que não poderei – respondeu Arlen, evitando-lhe o olhar. – Cob precisa que termine estes postes de guarda para os jardins do Duque.

– Tolice – exclamou Cob, acenando com a mão. – Os postes de guarda poderão esperar, Arlen. Só terão de ser entregues daqui a uma semana. – Olhou Elissa com um sorriso, ignorando o desconforto do aprendiz. – Enviá-lo-ei com o sino do fim da tarde, senhora.

Elissa sorriu.

– Então está decidido – disse. – Vejo-te esta noite, Arlen. – Beijou o rapaz e saiu da oficina.

Cob olhou Arlen, que se entregava ao trabalho de semblante carregado.

– Não percebo porque escolhes passar as noites a dormir num colchão de palha nas traseiras da oficina quando poderias ter um colchão quente de penas e uma mulher como Elissa a cuidar de ti – disse, mantendo os olhos no seu trabalho.

– Age como se fosse a minha mãe – queixou-se Arlen. – Mas não é.

– É verdade. Não é – concordou Cob. – Mas é claro que aspira ao cargo. Seria assim tão mau que o conseguisse?

Arlen não disse nada e Cob, vendo a expressão triste nos olhos do rapaz, não insistiu.

*

– Passas demasiado tempo com o nariz enterrado nos livros – disse Cob, afastando o volume que Arlen lia. – Quando foi a última vez que sentiste o sol na pele?

Arlen arregalou os olhos. No Ribeiro de Tibbet nunca passara um momento dentro de casa se o pudesse evitar, mas, após mais de um ano em Miln, mal conseguia recordar o último dia que passara na rua.

– Vai procurar sarilhos! – ordenou Cob. – Não te matará fazeres um amigo da tua idade!

Arlen saiu da cidade pela primeira vez num ano e o sol confortou-o como um velho amigo. Longe das carroças de estrume, do lixo putrefacto e das multidões suadas, o ar continha uma frescura que esquecera. Encontrou uma colina com vista

para um campo repleto de crianças que brincavam e retirou um livro do seu saco, sentando-se para ler.

– Ei, rato de biblioteca! – chamou alguém.

Arlen ergueu o olhar e viu que um grupo de rapazes se aproximava, trazendo uma bola.

– Anda daí! – disse um deles. – Precisamos de mais um para equilibrar as equipas!

– Não sei jogar – disse Arlen. Cob quase lhe ordenara que brincasse com outros rapazes, mas achou que o seu livro seria muito mais interessante.

– Que há para saber? – perguntou outro rapaz. – Ajudas a tua equipa a levar a bola até à baliza e tentas impedir que a equipa adversária faça o mesmo.

Arlen franziu o sobrolho.

– Muito bem – disse, aproximando-se do rapaz que falara.

– Chamo-me Jaik – disse este. Era magro, com cabelo despenteado e nariz estreito. Estava vestido com roupas remendadas e sujas. Parecia ter treze anos, tal como Arlen. – Como te chamas?

– Arlen.

– Trabalhas para o Guardador Cob, não é? – quis saber Jaik. – O miúdo que o Mensageiro Ragen encontrou na estrada? – Depois de Arlen confirmar com um aceno, os olhos de Jaik abriram-se um pouco mais, como se lhe custasse a acreditar. Conduziu-o ao campo e apontou as pedras pintadas de branco que marcavam as balizas.

Arlen depressa aprendeu as regras do jogo. Após algum tempo, esqueceu o livro, concentrando-se na equipa adversária.

Imaginou que era um Mensageiro e que os outros eram demónios tentando impedi-lo de chegar ao seu círculo. As horas passaram e, antes que desse por isso, ouviu soar o sino do fim da tarde. Todos se apressaram a reunir os pertences, receando o céu que escurecia.

Arlen demorou-se a ir buscar o livro. Jaik correu até ele.

– É melhor que te apresses – disse-lhe.

Arlen encolheu os ombros.

– Temos muito tempo – replicou.

Jaik olhou o céu e estremeceu.

– Jogas bastante bem – disse. – Volta amanhã. Jogamos quase todas as tardes e, no Sexto Dia, vamos à praça ver o Jogral. – Arlen acenou, sem grande convicção. Jaik sorriu e afastou-se a correr.

Arlen entrou pelo portão, deixando-se envolver pelo fedor agora familiar da cidade. Subiu uma rua até à mansão de Ragen. O Mensageiro estava novamente em viagem, daquela vez à longínqua Lakton e Arlen passava o mês com Elissa.

Bombardeava-o com perguntas e preocupava-se com o estado das suas roupas, mas Arlen prometera a Ragen que “manteria afastados os seus jovens amantes”.

Margrit assegurara-lhe que Elissa não tinha quaisquer amantes. Aliás, quando Ragen partia, deambulava pelos corredores da mansão como um fantasma, ou passava horas a chorar no quarto.

Mas era diferente quando Arlen estava presente, dizia a criada. Mais do que uma vez, Margrit implorou-lhe que vivesse na mansão a tempo inteiro. Recusou, mas admitiu para si próprio, ainda que não o fizesse junto de mais ninguém, que começava a apreciar os cuidados de Elissa.

*

– Aí vem ele – disse Gaims naquela noite, vendo o enorme demónio da rocha erguer-se do chão. Woron aproximou-se e ambos observaram da torre de vigia enquanto o demónio farejava o solo junto ao portão. Com um uivo, afastou-se dele, subindo uma colina. Um demónio da chama dançava nesse local, mas o demónio da rocha afastou-o violentamente, baixando-se como se procurasse algo.

– O velho Um Braço está com uma disposição estranha esta noite – disse Gaims enquanto o demónio uivava novamente e corria pela colina abaixo até um pequeno campo, movendo-se para trás e para diante e agachando-se.

– Que te parece que lhe deu? – perguntou Woron. O colega encolheu os ombros.

O demónio afastou-se do campo, voltando a subir a colina. Os seus gritos tornaram-se quase doridos e, quando voltou para junto do portão, golpeou loucamente as guardas, com as garras fazendo erguer uma chuva de faíscas assim que a magia potente as repelia.

– Aí está algo que não vemos todas as noites – comentou Woron. – Deveremos avisar alguém?

– Para quê? – tornou Gaims. – Ninguém se vai importar com as acções de um demónio maluco. E, mesmo que alguém se importasse, o que poderia fazer?

– Contra aquela coisa? – perguntou Woron. – Possivelmente, apenas sujar as calças.

*

Afastando-se da bancada, Arlen esticou-se e ergueu-se. O sol pusera-se há muito e o seu estômago rugia de fome, mas o padeiro pagava a dobrar para ter as suas guardas reparadas numa noite, mesmo que não se avistasse um demónio nas ruas há tempo imemorial. Esperou que Cob lhe tivesse deixado alguma coisa no tacho.

Abriu a porta traseira da oficina e espreitou, ainda no interior da segurança do semicírculo guardado que protegia a porta. Olhou para um lado e para o outro e, seguro de que o caminho estava livre, saiu, tendo o cuidado de não cobrir as guardas com o pé.

O caminho das traseiras da oficina de Cob até à sua pequena cabana era mais seguro do que a maior parte das casas de Miln, uma série de quadrados de pedra moldada, individualmente guardados. A pedra, massa, como Cob lhe chamava, era uma ciência do mundo antigo, uma maravilha desconhecida no Ribeiro de Tibbet mas bastante comum em Miln. Misturando silicato em pó e cal com água e gravilha, obtinha-se uma pasta que poderia ser moldada e endurecida com qualquer forma. Era possível verter massa e, quando começava a solidificar, traçar cuidadosamente guardas na superfície, que endureciam, formando protecções quase permanentes. Cob fizera-o, quadrado por quadrado, até formar um caminho de casa até à oficina. Mesmo que um quadrado ficasse comprometido de alguma forma, quem caminhasse poderia mover-se para o quadrado anterior ou para o seguinte, permanecendo a salvo dos nuclitas.

Se fosse possível construir uma estrada assim, pensou Arlen, o mundo ficaria ao alcance dos dedos.

Dentro da cabana, encontrou Cob debruçado sobre a mesa, estudando lousas escritas a giz.

– O tacho está quente – grunhiu o mestre, sem olhar. Arlen aproximou-se da lareira na única divisão da cabana e encheu uma malga com o espesso guisado de Cob.

– Criador, rapaz! A confusão a que deste origem quando começaste com isto – rosnou Cob, endireitando-se e indicando as lousas. – Metade dos Guardadores de Miln querem guardar os seus segredos, mesmo que isso os impeça de obter os nossos e metade dos restantes insistem em oferecer dinheiro, mas o último grupo inundou-me a mesa com listas de guardas que estão dispostos a negociar. Levarei semanas a organizar tudo!

– Será melhor assim – disse Arlen, usando uma côdea de pão duro como colher enquanto se sentava no chão, comendo com avidez. O milho e os feijões ainda estavam duros e as batatas demasiado cozinhadas desfaziam-se, mas não se queixou. Acostumara-se aos vegetais duros e mirrados de Miln e Cob nunca se dava ao trabalho de os cozer em separado.

– Vejo-me forçado a concordar – admitiu Cob. – Mas... noite! Quem pensaria que existem tantas guardas diferentes na nossa cidade! Metade delas nunca as vi em toda a vida e verifiquei cada poste de guarda e portal em Miln. Garanto-to!

Ergueu uma lousa.

– Este está disposto a trocar guardas que fazem um demónio virar-se e esquecer o que fazia, pela guarda da tua mãe que torna o vidro duro como aço. – Abanou a cabeça. – E todos querem os segredos das tuas guardas de bloqueio, rapaz. São mais fáceis de traçar sem um pau recto e um semicírculo.

– Muletas para quem não consegue traçar uma linha direita – disse Arlen,

sorrindo.

– Nem todos podem ser tão dotados como tu – resmungou Cob.

– Dotados? – perguntou Arlen.

– Não deixes que te suba à cabeça, rapaz – continuou Cob –, mas nunca vi ninguém aprender guardas com igual rapidez. Dezoito meses depois de iniciado o aprendizado e traças como um viajante com experiência de cinco anos.

– Tenho pensado no nosso acordo – disse Arlen.

Cob fitou-o, curioso.

– Prometeste que, se trabalhasse arduamente – disse Arlen –, me ensinarias a sobreviver na estrada.

Entreolharam-se durante um longo tempo.

– Cumpri a minha parte – recordou Arlen.

Cob suspirou.

– Suponho que sim – disse. – Tens praticado na sela? – perguntou.

Arlen acenou afirmativamente.

– O mordomo de Ragen permite-me que o ajude a exercitar os cavalos.

– Dobra os esforços – disse Cob. – O cavalo de um Mensageiro é a sua vida. Cada noite que a montada impedir que se passe ao relento, será uma noite sem risco.

– O velho Guardador pôs-se de pé, abrindo um armário de onde retirou um pano grosso e enrolado. – Nos Sétimos Dias, quando fecharmos a oficina – disse –, orientarei a tua equitação e ensinar-te-ei a usá-las.

Colocou o pano no chão e deixou-o desenrolar-se, revelando várias lanças bem oleadas. Arlen fitou-as com avidez.

*

Cob ergueu os olhos quando as campainhas anunciaram a entrada na oficina de um rapaz. Teria treze anos, com caracóis escuros e rebeldes e uma sombra sobre o lábio superior que se assemelhava mais a sujidade do que a um projecto de bigode.

– Jaik, não é? – perguntou o Guardador. – A tua família opera o moinho junto à muralha oriental? Demo-vos um orçamento para guardas novas, mas o moleiro optou por outro Guardador.

– É verdade – confirmou o rapaz, com um aceno.

– Em que posso ajudar-te? – perguntou Cob. – O teu amo gostaria de novo orçamento?

Jaik abanou a cabeça.

– Vim ver se Arlen quer ver o Jogral hoje.

Cob mal podia acreditar no que ouvia. Nunca vira Arlen falar com ninguém da sua idade, preferindo passar o tempo em trabalho e leituras ou incomodando os Mensageiros e Guardadores que visitavam a oficina com perguntas intermináveis.

Era uma surpresa e também algo a encorajar.

– Arlen! – chamou.

Arlen saiu da sala traseira da oficina, trazendo um livro na mão. Quase chocou contra Jaik antes de notar a presença do rapaz e travar o passo.

– Jaik veio convidar-te para veres o Jogral – explicou Cob.

– Gostaria de ir – disse Arlen a Jaik, em tom de desculpa. – Mas ainda tenho de...

– Nada que não possa esperar – interrompeu Cob. – Vai divertir-te. – Lançou-lhe uma pequena bolsa de dinheiro e empurrou os dois rapazes pela porta fora.

*

Pouco depois, os rapazes percorriam o mercado apinhado em redor da praça principal de Miln. Arlen pagou uma estrela de prata para comprar empadas de carne a um vendedor e, depois de engordurarem a cara, usou um punhado de luzes de cobre para encher o bolso com doces comprados a outro.

– Serei Jogral um dia – disse-lhe Jaik, sugando um doce enquanto se dirigiam para o local onde as crianças se concentravam.

– É verdade? – perguntou Arlen.

Jaik acenou.

– Vê isto – disse, retirando três pequenas bolas de madeira dos bolsos e lançando-as ao ar. Arlen riu-se quando, um momento depois, uma das bolas atingiu Jaik na cabeça e as outras caíram ao chão entre a confusão.

– É da gordura nos dedos! – justificou Jaik. – Poderíamos prestar provas para a estrada juntos!

Arlen olhou-o.

– Alguma vez viste um demónio? – perguntou.

– O que foi? Achas que não tenho tomates para o trabalho? – perguntou, empurrando-o.

– Nem miolos – disse Arlen, empurrando-o também. No momento seguinte, lutavam no chão. Arlen era pequeno para a sua idade e Jaik não tardou a imobilizá-lo.

– Pronto, pronto! – riu-se Arlen. – Deixo-te ser o meu Jogral!

– O teu Jogral? – repetiu Jaik, sem o libertar. – Tu é que serás o meu Mensageiro!

– Estás bem, está bem. Sócios? – propôs Arlen. Jaik sorriu e ofereceu-lhe uma mão. Pouco depois, sentavam-se sobre blocos de pedra na praça principal, vendo os aprendizes da Associação dos jograis dar cambalhotas e fazer pantomina, aumentando o entusiasmo para o artista principal da manhã.

Arlen deixou cair o queixo quando viu Keerin entrar na praça. Alto e magro como um lampião ruivo, o Jogral era inconfundível. A multidão acolheu-o com entusiasmo.

– É Keerin! – disse Jaik, abanando o ombro de Arlen com a excitação. – É o meu favorito!

– A sério? – perguntou Arlen, surpreso.

– Porquê? De quem gostas? – quis saber Jaik. – De Marley? Koy? Não são heróis como Keerin!

– Não me pareceu muito heróico quando o conheci – considerou Arlen, céptico.

– Conheceste Keerin? – perguntou Jaik, abrindo muito os olhos.

– Veio ao Ribeiro de Tibbet uma vez – explicou. – Acompanhava Ragen quando me encontraram na estrada e me trouxeram para Miln.

– Keerin salvou-te?

– Ragen salvou-me – corrigiu Arlen. – Keerin saltava sempre que via uma sombra.

– Mentas, pelo Núcleo! – exclamou Jaik. – Achas que se lembrará de ti? – perguntou. – Podes apresentar-mo depois do espectáculo?

– Talvez – disse Arlen, encolhendo os ombros.

O espectáculo de Keerin começou de forma muito semelhante ao que Arlen vira no Ribeiro de Tibbet. Fez malabarismos e dançou, aquecendo o público antes de contar a história do Regresso às crianças, entrecortando-a com pantomina, cambalhotas e saltos mortais.

– Canta a canção! – gritou Jaik. Os outros no público repetiram o grito, implorando a Keerin que cantasse. Pareceu não notar durante algum tempo, até que o grito se tornou trovejante e acompanhado pelo bater de muitos pés. Por fim, riu e, com uma vénia, foi buscar o alaúde, motivando aplausos da multidão.

Gesticulou e Arlen viu os aprendizes pegarem em chapéus e avançarem para o público à espera de donativos. Os espectadores pagaram generosamente, ávidos por ouvir Keerin. Finalmente, começou:

A noite era escura

O solo era rijo

O abrigo a léguas de distância

Com o frio do vento

Trespassando corações

Só as guardas barravam os nuclitas

«Ajudai-me!», ouvimos

Uma voz em perigo

O grito de uma criança assustada

«Corre para nós!», gritei-lhe

«O nosso círculo é largo

O único abrigo em quilómetros!»

*O rapaz tornou a gritar
«Não posso. Cai!»
E o grito ecoou na treva
Ouvindo-o gritar
Tentei ajudar
Mas o Mensageiro deteve-me
«Que ganharás com a morte?»
Perguntou-me soturno.
«Porque será a morte que encontrarás»
«Não conseguirás ajudar
Contra garras de demónio
Serás apenas mais carne a trincar»
Bati-lhe com força
E roubei-lhe a lança S
altando sobre as guardas
Uma corrida frenética
Força nascida do medo
Antes que o rapaz fosse nucleado
«Coragem!», gritei
Correndo para ele
«Mantém o coração forte e verdadeiro!»
«Se não consegues fugir
Até à segurança
Levarei as guardas até ti!»
Depressa o alcancei
Mas não a tempo
Os nuclitas amontoavam-se em redor
Com tanto demónio
A minha tarefa era difícil
Traçando guardas no chão
Um rugido trovejante
Ecoando pela noite
Um demónio com quatro metros de alto
Erguia-se perante mim
E contra tal força
A minha lança parecia pequena e inútil*

*Chifres como ferro duro!
Garras como o meu braço!
Uma couraça dura e negra!*

*Uma avalanche
Prometendo grande dor
A besta iniciou o ataque!*

*O rapaz gritou, assustado
E segurou-se à minha perna
Cravando as unhas enquanto traçava a última guarda*

*A magia cintilou
Dom do Criador
A única força que os demónios detestam!*

*Alguém vos dirá
Que apenas o sol
Poderá causar dano a um demónio*

*Nessa noite aprendi
Que podia ser feito
E o mesmo aprendeu Um Braço, o demónio!*

Terminou com um floreado e Arlen permaneceu sentado, chocado, enquanto o público irrompia em aplausos. Keerin agradeceu com vénias e os aprendizes recolheram a chuva de moedas.

– Não foi fabuloso? – perguntou Jaik.

– Não foi assim que aconteceu! – exclamou Arlen.

– O meu pai diz que os guardas lhe contaram que um demónio com um único braço ataca as muralhas todas as noites – disse Jaik. – Procura Keerin.

– Keerin nem sequer estava presente! – gritou Arlen. – Fui eu que cortei o braço ao demónio!

Jaik grunhiu.

– Noite, Arlen! Não podes esperar que alguém acredite em tal coisa.

Arlen franziu a testa, erguendo-se e gritando:

– Mentiroso! Fraude! – Todos se voltaram para ver quem falava, enquanto Arlen se erguia da sua pedra e avançava para Keerin. O Jogral ergueu os olhos e o reconhecimento tornou-se claro na sua face.

– Arlen? – perguntou, subitamente pálido.

Jaik, que corria atrás de Arlen, estacou.

– É verdade que o conheces – sussurrou.

Keerin olhou o público, nervoso.

– Arlen, meu rapaz – disse, abrindo os braços. – Vem, vamos discutir isto em privado.

Arlen ignorou-o.

– Não cortaste o braço do demónio! – gritou, para que todos o ouvissem. – Nem sequer estavas lá quando aconteceu!

Houve um murmúrio irado na multidão. Keerin olhou em redor, assustado, até que alguém gritou:

– Tirem esse miúdo da praça! – Outras vozes formaram um coro.

Keerin esboçou um amplo sorriso.

– Ninguém acreditará em ti – troçou.

– Eu estava lá! – berrou Arlen. – Tenho as cicatrizes que o provam! – Moveu o braço para erguer a camisa, mas Keerin estalou os dedos e, subitamente, Arlen e Jaik viram-se rodeados por aprendizes.

Encurralados, não puderam fazer nada enquanto Keerin se afastava, levando consigo a atenção do público e pegando no alaúde para iniciar rapidamente uma nova canção.

– Porque não te calas, hã? – rosnou um aprendiz encorpado. O rapaz tinha o dobro do tamanho de Arlen e todos os aprendizes eram mais velhos do que Arlen e Jaik.

– Keerin é um mentiroso – disse.

– E também é um cu de demónio – concordou o aprendiz, erguendo o chapéu com as moedas. – Achas que me importo?

Jaik interpôs-se entre os dois.

– Não é necessário irritarem-se – disse. – Não fez por mal...

Mas, antes que terminasse, Arlen avançou o punho contra o estômago do rapaz mais alto. Vendo-o cair, voltou-se para os restantes. Deixou um ou outro nariz ensanguentado, mas depressa foi derrubado e golpeado sem cessar. Sentiu-se vagamente consciente de que Jaik partilhava o espancamento consigo até dois guardas se aproximarem para pôr fim à luta.

– Sabes... – disse Jaik, enquanto coxeavam para casa, ensanguentados e doridos. – Para rato de biblioteca, não lutas mal. Se, pelo menos, soubesses escolher melhor os teus inimigos...

– Tenho inimigos piores – disse Arlen, pensando no demónio da rocha que continuava a persegui-lo.

*

– Nem sequer era uma boa canção – disse Arlen. – Como poderia traçar guardas na escuridão?

– Seria suficientemente boa para motivar uma zaragata – referiu Cob, limpando-lhe o sangue da cara.

– Mentia – tornou Arlen, com um esgar de dor.

Cob encolheu os ombros.

– Limitava-se a fazer o que fazem os jograis. Inventava uma história cativante.

– No Ribeiro de Tibbet, toda a aldeia acorria quando o Jogral chegava – explicou Arlen. – Selia dizia que guardavam as histórias do mundo antigo, passando-as de geração em geração.

– E é verdade – disse Cob. – Mas mesmo os melhores exageram, Arlen. – Ou acreditas realmente que o Libertador matou uma centena de demónios da rocha com um único golpe?

– Até aqui sim – respondeu Arlen, suspirando. – Agora não sei em que devo acreditar.

– Bem-vindo à idade adulta – disse-lhe Cob. – Todas as crianças chegam ao dia em que percebem que os adultos podem ser fracos e se enganam tal como qualquer pessoa. Desse dia em diante, é-se adulto. Quer isso agrade ou não.

– Nunca pensei nas coisas dessa forma – disse Arlen, percebendo que o seu dia chegara muito antes. Mentalmente, viu Jeph, escondendo-se atrás das guardas do seu alpendre enquanto a mãe era atacada.

– A mentira de Keerin foi realmente assim tão má? – perguntou Cob. – Deixou as pessoas felizes. Deu-lhes esperança. A esperança e a felicidade não abundam nos nossos dias. E são muito necessárias.

– Poderia tê-lo feito com palavras sinceras – disse Arlen. – Mas, ao invés, roubou o mérito dos meus actos apenas para ganhar mais dinheiro.

– Procuras a verdade ou o mérito? – perguntou Cob. – O mérito é importante? Não é a mensagem que importa?

– As pessoas precisam de mais do que uma canção – disse Arlen. – Precisam de provas de que os nuclitas também sangram.

– Falas como um mártir krasiano – disse Cob. – Preparado para desperdiçar a vida em busca do paraíso do Criador no outro mundo.

– Li que a sua eternidade está repleta de mulheres nuas e rios de vinho. – Arlen sorriu.

– E tudo o que precisas de fazer para lá entrar é arrastar um demónio contigo antes de seres morto – concordou Cob. – Mas prefiro arriscar com esta vida. A próxima chegará, independentemente da direcção em que correremos. Não faz sentido persegui-la.

ONZE
BRECHA
321 DR

– Três luas em como vai para este – disse Gaims, fazendo tilintar as moedas de prata enquanto Um Braço se erguia.

– Aceito – tornou Woron. – Foi para este nas últimas três noites. Está pronto para uma mudança.

Como sempre, o demónio da rocha farejou antes de testar as guardas do portão. Moveu-se metodicamente, sem falhar um ponto. Verificando que o portão estava seguro, o nuclita dirigiu-se para este.

– Noite! – praguejou Woron. – Estava certo de que faria algo diferente desta vez. – Procurou as moedas no bolso, enquanto os urros do demónio e o ruído das guardas activadas, se iam perdendo à distância.

Os dois guardas espreitaram do alto da torre, esquecida a aposta, e viram Um Braço a olhar a muralha com curiosidade. Outros nuclitas juntaram-se em redor, mantendo uma distância respeitosa do gigante.

Subitamente, o demónio correu em frente, com duas garras estendidas. As guardas não cintilaram e ouviu-se claramente o fracturar da pedra. O sangue dos dois guardas gelou.

Com um rugido triunfal, o demónio da rocha tornou a investir, com toda a mão. À luz das estrelas, os guardas conseguiram ver o fragmento de pedra que arrancou.

– A trombeta – disse Gaims, segurando-se às ameias com ambas as mãos. Sentiu calor na perna e levou um instante a perceber que se tinha molhado. – Faz soar a trombeta.

Não houve movimento a seu lado. Olhou Woron e viu o companheiro fitar o demónio da rocha com a boca aberta, escorrendo-lhe uma única lágrima pela face.

– Faz soar a maldita trombeta! – berrou Gaims, despertando Woron e fazendo-o correr para a trombeta montada sobre um suporte. Precisou de várias tentativas para conseguir a primeira nota. Nesse momento, já Um Braço rodopiava e golpeava a muralha com a sua cauda espinhosa, arrancando mais pedra de cada vez.

*

Cob acordou Arlen, abanando-o.

– Quem... que foi? – perguntou Arlen, esfregando os olhos. – Já é manhã?

– Não – respondeu Cob. – Soam as trombetas. Há uma brecha.

Arlen endireitou-se, sentindo um frio repentino na face.

– Uma brecha? Há nuclitas na cidade?

– Sim – disse Cob. – Ou haverá em breve. Levanta-te!

Apressaram-se os dois a acender lanternas e a reunir as ferramentas de trabalho,

vestindo capas grossas e luvas sem dedos para escapar ao frio sem que o excesso de vestuário lhes prejudicasse a destreza.

As trombetas voltaram a soar.

– Dois toques – disse Cob. – Um curto e um longo. A brecha ficará entre o primeiro e o segundo posto de vigia, a este do portão principal.

Ouviram-se cascos sobre o empedrado da rua, seguindo-se batidas na porta. Abriram e viram Ragen, de armadura completa e com uma longa lança na mão. O seu escudo guardado estava pendurado na sela de um cavalo pesado. Não era um animal ágil e afectuoso como Olho Nocturno. Era maciço e nervoso, um cavalo de guerra criado para tempos há muito passados.

– Elissa está descontrolada! – explicou o Mensageiro. – Enviou-me para vos manter vivos aos dois.

Arlen franziu a testa, mas a pontada de medo que sentira ao acordar desapareceu com a chegada de Ragen. Prenderam o garrano à carroça e partiram, seguindo os gritos, estrondos e clarões luminosos em direcção à brecha.

As ruas estavam desertas, com portas e janelas firmemente trancadas. Mesmo assim, Arlen conseguia ver frestas de luz e soube que os habitantes de Miln estariam acordados, roendo as unhas e rezando para que as suas guardas resistissem. Ouviu choros e pensou em como os milneses estavam dependentes da sua muralha.

Chegaram a um cenário de completo caos. Guardas e Guardadores mortos e moribundos sobre as ruas empedradas, com lanças partidas e incendiadas. Três soldados ensanguentados lutavam contra um demónio do vento, tentando imobilizá-lo durante tempo suficiente para que um par de aprendizes de Guardador o prendessem num círculo portátil. Outros corriam para trás e para diante com baldes de água, tentando apagar os muitos pequenos incêndios que os demónios da chama semeavam, extasiados, cuspiendo chamas sobre tudo em seu redor.

Arlen olhou a brecha, espantado por um nuclita ter conseguido ultrapassar seis metros de rocha sólida. A fractura estava repleta de demónios debatendo-se para entrar na cidade.

Um demónio do vento conseguiu entrar, correndo enquanto abria as asas. Um guarda mirou-o com a lança, mas o projectil errou o alvo e o demónio ergueu-se sobre a cidade. Um momento mais tarde, um demónio da chama saltou sobre o guarda desarmado e rasgou-lhe a garganta.

– Rápido, rapaz! – gritou Cob. – Os guardas tentam dar-nos tempo, mas não durarão muito com uma brecha deste tamanho. Precisamos de ser rápidos a selá-la! – Saltou da carroça com surpreendente agilidade e retirou dois círculos portáteis da parte de trás, passando um a Arlen.

Sob a protecção de Ragen, correram para o estandarte com a guarda de chave da Associação dos Guardadores, assinalando o círculo protector onde estes tinham

estabelecido a sua base. Herbanárias desarmadas cuidavam de filas de feridos no interior, saindo com arrojo do círculo para auxiliar homens que cambaleavam em direcção ao abrigo. Eram poucas para atender a tantos necessitados.

Mãe Jone, a conselheira do Duque e Mestre Vincin, o líder da Associação dos Guardadores, saudaram-nos.

– Mestre Cob, é bom tê-lo... – começou Jone.

– Onde somos necessários? – perguntou Cob a Vincin, ignorando Jone por completo.

– Na brecha principal – disse Vincin. – Levem os postes para os quinze e trinta graus – disse, apontando uma pilha de postes de guarda. – E cuidado, pelo Criador! Há um maldito demónio da rocha lá fora. É ele o responsável pela brecha. Impediram-no de avançar para a cidade, mas terão de passar as guardas para chegar à posição necessária. Já matou três Guardadores e só o Criador saberá quantos guardas.

Cob acenou afirmativamente e Arlen dirigiu-se para a pilha.

– Quem estava de serviço ao anoitecer? – perguntou, enquanto pegavam nos postes.

– O Guardador Macks e os seus aprendizes – replicou Jone. – O Duque enforcá-los-á por isto.

– Se o fizer, é um tolo – considerou Vincin. – É impossível dizer o que aconteceu e Miln necessita de todos os Guardadores que tem e de mais ainda. – Respirou fundo. – Perderemos demasiados nesta noite.

*

– Começa por preparar o círculo – disse Cob pela terceira vez. – Quando estiveres seguro no interior, coloca o poste no suporte e espera pelo magnésio. Será claro como o dia. Não te esqueças de proteger os olhos. A seguir, centra o teu poste com o poste central. Não tentes ligá-lo aos outros. Confia que os Guardadores respectivos conseguirão fazê-lo. Quando estiver feito, crava estacas entre as pedras para o firmar.

– E depois? – perguntou Arlen.

– Permanece no maldito círculo até te ordenarem que saias – bradou Cob. – Não importa o que vejas. Mesmo que lá passes a noite toda! Estamos entendidos?

Arlen acenou afirmativamente.

– Ótimo! – continuou Cob. Olhou o caos, esperando e gritou: – Agora! – Correram, contornando fogos, cadáveres e entulho, dirigindo-se às suas posições. Em segundos, alcançaram uma fileira de edifícios e viram o demónio da rocha com um único braço erguendo-se acima de um batalhão de guardas e de uma dúzia de cadáveres. O sangue nas garras e mandíbulas reluzia à luz da lanterna.

Arlen sentiu o sangue gelar nas veias. Estacou e olhou Ragen. O Mensageiro retribuiu-lhe o olhar por um momento.

– Deve procurar Keerin – disse Ragen, secamente.

Arlen abriu a boca, mas, antes que conseguisse responder, Ragen gritou “cuidado”, voltando a lança na direcção de Arlen.

Arlen deixou-se cair e largou o poste, batendo com o joelho nas pedras. Ouviu o estalido quando a extremidade da lança atingiu a face de um demónio do vento e rebolou a tempo de ver o nuclita ser repellido pelo escudo do Mensageiro e cair ao chão.

Ragen pisou a criatura com o cavalo enquanto iniciava um galope, içando Arlen quando este pegava no poste e levando-o até à sua posição, meio arrastado, meio transportado. Cob preparara já o seu círculo portátil e montava o suporte para o seu poste de guarda.

Arlen apressou-se a preparar o seu próprio círculo, mas não conseguia desviar os olhos de Um Braço. O demónio atacava as guardas apressadamente traçadas à sua frente, tentando rompê-las. Arlen percebia a fragilidade da rede de cada vez que cintilava e soube que não duraria para sempre.

O demónio da rocha farejou e ergueu o olhar, vendo Arlen, e os dois entreolharam-se por um momento, até que se tornou demasiado para suportar e Arlen afastou os olhos. Um Braço guinchou e duplicou os esforços para ultrapassar as guardas debilitadas.

– Arlen, pára de olhar especado e faz o teu trabalho! – gritou Cob, despertando Arlen do seu transe. Esforçando-se por ignorar os guinchos do nuclita e os gritos dos guardas, montou o suporte de ferro e colocou o poste de guarda no interior. Alinhou-o o melhor que podia com a pouca luz e colocou a mão sobre os olhos à espera do magnésio.

O clarão surgiu um momento depois, transformando a noite em dia. Os Guardadores alinharam prontamente os seus postes e colocaram-nos no local devido. Acenaram com lenços brancos quando terminaram.

Completada a tarefa, Arlen olhou em redor. Vários Guardadores e aprendizes continuavam a debater-se com os seus postes. Um dos postes ardia com fogo demoníaco. Nuclitas gritavam e fugiam do magnésio, assustados pelo que lhes parecia um regresso inesperado do seu odiado sol. Os guardas avançaram com lanças, tentando fazê-los recuar além dos postes antes que fossem activados. Ragen fez o mesmo, galopando em frente, com o escudo polido reflectindo a luz e dispersando nuclitas aterrados.

Mas a falsa luz não conseguia realmente feri-los. Um Braço não recuou quando um batalhão de guardas, encorajados pela luz, atacou com uma fileira de lanças. Muitas das pontas partiram-se ou foram deflectidas pela armadura do demónio da

rocha e viram-no segurar outras, puxando os homens além das guardas com a facilidade com que uma criança moveria uma boneca.

Horrorizado, Arlen assistiu à carnificina. O demónio mordeu a cabeça de um homem, arrancando-a, e lançou o corpo sobre os outros, fazendo cair vários. Esmagou outro homem com um pé e fez voar um terceiro com um movimento da cauda espinhosa. O infeliz embateu com força no chão e já não se ergueu.

As guardas que mantinham o demónio à distância estavam sepultadas sob corpos e sangue e Um Braço avançava, matando livremente. Os guardas recuaram, alguns fugindo, mas, assim que se afastaram, foram esquecidos e o nuclita gigante carregou sobre o círculo portátil de Arlen.

– Arlen! – gritou Ragen, invertendo a marcha do cavalo. No seu pânico perante a carga do demónio, o Mensageiro pareceu esquecer o círculo portátil em que o rapaz se erguia. Aprontou a lança e fez galopar a montada, apontando ao dorso de Um Braço.

O demónio da rocha ouviu-o aproximar-se e voltou-se no último momento, fincando os pés e recebendo a lança em cheio no peito. A arma fracturou-se e, varrendo com as garras, o demónio esmagou o crânio do cavalo.

A cabeça do animal torceu para um lado e o corpo tombou para o círculo de Cob, projectando-o contra o poste de guarda, fazendo-o inclinar-se. Ragen não teve tempo de saltar e o animal arrastou-o consigo, esmagando-lhe a perna e prendendo-o. Um Braço avançou, pronto para a matança.

Arlen gritou e procurou ajuda, mas não havia ninguém em redor. Cob apoiava-se no poste de guarda, tentando endireitar-se. Todos os outros Guardadores junto à brecha faziam sinais. Tinham substituído o poste incendiado e apenas o de Cob não estava preparado, mas não havia quem pudesse ajudá-lo. Os guardas da cidade tinham sido dizimados no último ataque de Um Braço. Mesmo que Cob conseguisse reparar rapidamente o poste, Arlen sabia que Ragen estava perdido. Um Braço permanecia do lado errado da rede.

– Ei! – gritou, saindo do círculo e acenando com os braços. – Ei, feioso!

– Arlen, volta para o círculo! – berrou Cob, mas era demasiado tarde. A cabeça do demónio da rocha voltou-se, ouvindo a voz de Arlen.

– Sim, sei que ouviste – murmurou Arlen, sentindo um calor tórrido na cara que logo se transformou num frio gélido. Olhou além dos postes de guarda. O arrojo dos nuclitas aumentava enquanto o magnésio ia fraquejando. Correr naquela direcção seria suicida.

Mas recordou os seus encontros prévios com o demónio da rocha e a forma como o considerava seu. Com aquele pensamento, correu para lá dos postes de guarda, captando a atenção de um demónio da chama silvante. O nuclita saltou, com olhos flamejantes, mas Um Braço fez o mesmo, esmagando o demónio menor.

Enquanto o demónio se voltava novamente na direcção da presa cobiçada, Arlen regressava outra vez para lá dos postes. Um Braço golpeou-o com força, mas deu-se um clarão luminoso e o golpe foi deflectido. Cob erguera o seu poste, activando a rede. Um Braço guinchou de raiva, massacrando a barreira, mas esta tornara-se impenetrável.

Arlen correu para junto de Ragen. Cob abraçou-o e puxou-lhe a orelha.

– Voltas a tentar algo assim – advertiu o mestre – e parto-te esse pescoço magricela.

– A minha obrigação era proteger-vos... – justificou Ragen, debilmente, esboçando um sorriso.

*

Havia ainda nuclitas na cidade quando Vincin e Jone dispensaram os Guardadores. Os guardas que restavam ajudaram as Herbanárias a transportar os feridos para os hospícios da cidade.

– Não deveria alguém caçar os que escaparam? – perguntou Arlen, depois de depositarem Ragen nas traseiras da carroça. Tinha a perna fracturada e as Herbanárias ministraram-lhe um chá para adormecer a dor, deixando-o entorpecido e distante.

– Para quê? – tornou Cob. – Serviria apenas para matar os caçadores e não faria diferença depois do amanhecer. O melhor será voltar para dentro de portas. O sol ocupar-se-á dos nuclitas que restarem em Miln.

– Faltam muitas horas para o nascer do sol – protestou Arlen, subindo para a carroça.

– Que propões? – perguntou Cob, atento ao caminho que percorriam. – Presenciaste a guarda ducal na sua máxima força, centenas de homens com lanças e escudos. E também Guardadores treinados. Viste algum demónio ser morto? Claro que não. São imortais.

Arlen abanou a cabeça.

– Matam-se uns aos outros. Já os vi fazê-lo.

– São criaturas mágicas, Arlen. Podem fazer uns aos outros o que nenhuma arma mortal conseguirá.

– O sol mata-os – insistiu Arlen.

– O sol é um poder além das nossas capacidades – disse Cob. – Somos apenas Guardadores.

Contornaram uma rua e ficaram sem palavras. Um cadáver esventrado atravessava-se à sua frente, com o sangue tingindo o empedrado de vermelho. Partes do corpo ardiam e o fedor acre da carne queimada enchia o ar.

– Mendigo – disse Arlen, notando as roupas esfarrapadas. – Que fazia na rua à

noite?

– Dois mendigos – corrigiu Cob, tapando a boca e o nariz com um lenço enquanto apontava outro cadáver não muito distante. – Deverão ter sido rejeitados no abrigo.

– Podem fazê-lo? – quis saber Arlen. – Pensei que os abrigos públicos aceitassem todos os que os procuram.

– Só até encherem – respondeu Cob. – Seja como for, esses locais oferecem fraco abrigo. Os homens lutam por comida e roupa assim que os guardas os trancam no interior. E as mulheres têm um fim ainda pior. Muitos preferem arriscar permanecer nas ruas.

– Porque não há ninguém que faça algo? – perguntou Arlen.

– Todos concordam que é um problema – replicou Cob. – Mas os cidadãos culpam o Duque e o Duque não sente grande necessidade de proteger quem não contribui com nada para a sua cidade.

– Então será melhor mandar os guardas para casa à noite e permitir que os nuclitas resolvam os problemas – rosnou Arlen.

Cob não teve resposta além de fazer estalar as rédeas, ansioso por regressar a casa.

*

Dois dias depois, toda a cidade foi convocada à praça central. Erigiu-se um cadafalso e, sobre ele, erguia-se o Guardador Macks, que estivera de serviço na noite da brecha.

Euchor não estava presente, mas Jone leu o seu decreto:

– «Em nome do Duque Euchor, Luz das Montanhas e Senhor de Miln, foste considerado culpado de falhar no teu dever e de permitir uma brecha nas guardas da muralha. Oito Guardadores, dois Mensageiros, três Herbanárias, trinta e sete guardas e dezoito cidadãos pagaram com a vida o preço da tua incompetência.»

– Como se fizesse diferença aumentar a contagem para nove Guardadores – murmurou Cob. Ouviram-se apupos e assobios da multidão e o Guardador, com a cabeça baixa, foi alvejado com lixo.

– A sentença é a morte – disse Jone e homens encapuçados pegaram nos braços de Macks e levaram-no até à corda, colocando-lhe o baraço ao pescoço.

Um Protector alto e de ombros largos com uma densa barba negra e túnica de tecido pesado, aproximou-se e traçou-lhe uma guarda na testa.

– Que o Criador perdoe a tua falha – entoou o sacerdote – e nos conceda pureza de coração e acção para pôr fim à Praga que nos enviou e alcançar a Libertação.

Recuou e o alçapão abriu-se. A multidão entrou em delírio quando a corda se esticou.

– Loucos – exclamou Cob. – Menos um homem para lutar contra a próxima

brecha.

– Que queria dizer? – perguntou Arlen. – Quando falou na Praga e na libertação?

– São apenas tolices para manter a população em ordem – respondeu Cob. – É melhor não encheres a cabeça com elas.

DOZE
BIBLIOTECA
321 DR

Arlen seguiu Cob, entusiasmado, enquanto se aproximavam do grande edifício de pedra. Estavam no Sétimo Dia e, normalmente, ter-lhe-ia desagradado faltar ao treino com lança e à lição de equitação, mas aquilo era demasiado bom para perder. A sua primeira visita à biblioteca do Duque.

Desde que, juntamente com Cob, começaram a negociar guardas, o negócio do seu mestre ia de vento em popa, preenchendo um nicho cobiçado na cidade. A sua biblioteca de compêndios rapidamente se tornou a maior de Miln e talvez do mundo. Ao mesmo tempo, espalhara-se o seu envolvimento na reparação da brecha e, sempre disposta a beneficiar das tendências, a realeza interessou-se.

Era irritante lidar com a aristocracia, sempre com exigências ridículas e querendo aplicar guardas onde não pertenciam. Cob dobrou e triplicou os preços, mas não fazia diferença. Ter a mansão selada por mestre Cob tornara-se símbolo de estatuto.

Depois de serem chamados para guardar o edifício mais precioso da cidade, Arlen soube que valera a pena cada momento. Poucos cidadãos podiam ver o interior da biblioteca. Euchor guardava a sua colecção com zelo, permitindo o acesso apenas aos peticionários maiores e aos seus adidos.

Construída pelos Protectores do Criador antes de ser absorvida pelo trono, a biblioteca continuava a ser gerida por um Protector, habitualmente um que não tivesse outro rebanho além dos seus livros preciosos. Com efeito, o cargo era mais importante do que presidir a qualquer templo que não fosse o Grande Templo, ou o santuário privativo do Duque.

Foram recebidos por um acólito e conduzidos ao gabinete do bibliotecário principal, o Protector Ronnell. Os olhos de Arlen moveram-se em todas as direcções pelo caminho, fixando as prateleiras empoeiradas e os estudiosos que percorriam os corredores em silêncio. Sem incluir os compêndios, a colecção de Cob continha mais de trinta livros e Arlen achara-a um tesouro. A biblioteca do Duque continha milhares, mais do que conseguiria ler numa vida. Odiou que o Duque os mantivesse fora do seu alcance.

O Protector Ronnell era jovem para uma posição tão cobiçada, ainda com mais cabelo castanho do que grisalho. Saudou-os calorosamente e sentou-se, enviando um servo para lhes trazer bebidas.

– A sua reputação precede-o, Mestre Cob – disse Ronnell, tirando os óculos de aros finos e limpando-os com a túnica castanha. – Espero que aceite este trabalho.

– Todas as guardas que vi pelo caminho continuam fortes – referiu Cob.

Ronnell voltou a pôr os óculos e pigarreou, visivelmente desconfortável.

– Depois da recente brecha, o Duque passou a recluir-se pela segurança da sua

coleção – disse. – Sua Senhoria deseja... medidas especiais.

– Que tipo de medidas especiais? – perguntou Cob, desconfiado. Ronnell encolheu-se e Arlen percebeu que se sentia tão desconfortável em expressar o pedido, como esperaria que eles se sentissem quando o concretizassem.

Por fim, Ronnell suspirou.

– Todas as mesas, balcões e estantes deverão ser guardadas contra a chama cuspidada pelos demónios – disse, sem mais rodeios.

Cob arregalou os olhos.

– Isso levaria meses! – exclamou. – E para que fim? Mesmo que um demónio da chama conseguisse penetrar tanto na cidade, nunca conseguiria ultrapassar as guardas deste edifício e, se o fizesse, teriam preocupações maiores do que as estantes.

A expressão de Ronnell endureceu ao ouvir aquelas palavras.

– Não pode haver preocupação maior, mestre Cob – disse. – Nisso, concordo com o Duque. Não pode imaginar o que perdemos quando os nuclitas incendiaram as bibliotecas da antiguidade. Guardamos aqui o que resta de conhecimento que levámos séculos a acumular.

– Peço desculpa – disse Cob. – A minha intenção não era faltar ao respeito.

O bibliotecário acenou com a cabeça.

– Compreendo. E tem razão. O risco é mínimo. Mesmo assim, Sua Senhoria quer o que quer. Posso pagar mil sóis de ouro.

Arlen fez o cálculo mental. Mil sóis era muito dinheiro, mais do que alguma vez tinham recebido por um único trabalho, mas, levando em consideração os meses necessários e a perda de negócio habitual...

– Receio não poder ajudá-lo – disse Cob, por fim. – Teria de passar demasiado tempo afastado do meu negócio.

– Conseguiria atrair a preferência do duque – acrescentou Ronnell.

Cob encolheu os ombros.

– Fui Mensageiro para o seu pai. Isso granjeou-me preferência suficiente. Não preciso de mais. Tente um Guardador mais jovem – sugeriu. – Alguém que precise de provar alguma coisa.

– Sua Senhoria referiu especificamente o seu nome – insistiu Ronnell.

Cob abriu as mãos, manifestando que não podia fazer nada.

– Eu fá-lo-ei – exclamou Arlen. Os dois homens voltaram-se para ele, surpreendidos pelo seu arrojo.

– Não me parece que o Duque aceite os serviços de um aprendiz – disse Ronnell.

Arlen encolheu os ombros.

– Não será necessário informá-lo – disse. – O meu mestre poderá determinar as guardas para as estantes e para as mesas, encarregando-me de as gravar. – Olhou

Cob enquanto falava. – Se tivesses aceitado o trabalho, seria eu a gravar metade das guardas de qualquer forma. Ou mais ainda.

– Uma solução interessante – disse Ronnell, pensativo. – Que diz, Mestre Cob?

Cob olhou Arlen, desconfiado.

– Digo que é um trabalho entediante e que odiarás fazê-lo – disse. – Que ganhas com isso, rapaz? – perguntou.

Arlen sorriu.

– O Duque poderá dizer que Mestre Cob lhe guardou a biblioteca – respondeu. – Tu receberás mil sóis e eu... – voltou-se para Ronnell – poderei usar a biblioteca quando quiser.

Ronnell riu-se.

– O rapaz é dos meus! – disse. – Temos cá acordo? – perguntou a Cob.

Cob sorriu e os dois homens apertaram as mãos.

*

O Protector Ronnell acompanhou Cob e Arlen numa visita à biblioteca. Pelo caminho, Arlen começou a compreender a tarefa colossal a que se dispusera. Mesmo que ignorasse os cálculos e traçasse as guardas de noite, esperava-o quase um ano completo de trabalho.

Ainda assim, enquanto girava sem sair do sítio, olhando todos os livros em redor, percebeu que valeria a pena. Ronnell prometera-lhe acesso pleno durante o dia ou durante a noite para o resto da sua vida.

Notando o entusiasmo na face do rapaz, o Protector sorriu. Ocorreu-lhe subitamente algo e chamou Cob de lado enquanto Arlen se mantinha demasiado ocupado com os seus próprios pensamentos para o notar.

– O rapaz é aprendiz ou servo? – perguntou ao Guardador.

– É Mercador, se é isso que quer saber – respondeu Cob.

Ronnell acenou afirmativamente.

– Quem são os seus pais?

Cob abanou a cabeça.

– Não tem. Pelo menos em Miln.

– Nesse caso, fala por ele? – perguntou Ronnell.

– Diria que o rapaz fala por si mesmo – replicou Cob.

– Está prometido? – quis saber o Protector.

Ali estava.

– Não é o primeiro a fazer-me essa pergunta desde que o meu negócio se popularizou – respondeu Cob. – Até a realeza enviou as suas filhas bonitas para o farejarem. Mas não me parece que o Criador tenha feito rapariga que consiga afastar-lhe o nariz dos livros durante tempo suficiente para reparar nela.

– Compreendo bem – disse Ronnell, indicando uma jovem sentada a uma das muitas mesas com uma dúzia de livros abertos à sua frente. – Mery, vem cá! – chamou. A rapariga ergueu os olhos e marcou as páginas dos livros, fechando-os, antes de se aproximar. Parecia próxima dos catorze verões de Arlen, com grandes olhos castanhos e cabelo rico da mesma cor. Tinha uma face suave e redonda e um sorriso brilhante. Trazia um vestido prático, enfeitado com manchas do pó da biblioteca e segurou as saias, numa cortesia rápida.

– Guardador Cob, esta é a minha filha, Mery – disse Ronnell.

A rapariga olhou-o, subitamente muito interessada.

– O Guardador Cob? – perguntou.

– Ah. Conheces o meu trabalho? – perguntou-lhe Cob.

– Não. – Mery abanou a cabeça. – Mas ouvi contar que a sua colecção de compêndios não conhece rival.

Cob riu-se.

– Talvez tenhamos aqui qualquer coisa, Protector – disse.

O Protector Ronnell curvou-se para a filha e apontou Arlen.

– O jovem Arlen é o aprendiz de Mestre Cob. Vai ocupar-se de guardar a biblioteca. Porque não lhe mostras o edifício?

Mery observou Arlen, enquanto o rapaz olhava em redor, alheio. O cabelo louro escuro estava despenteado e algo comprido e as roupas caras amarrotadas e manchadas, mas havia inteligência nos seus olhos. As suas feições eram suaves e simétricas, nada desagradáveis. Cob ouviu Ronnell murmurar uma oração enquanto ela alisava as saias e se aproximava dele.

Arlen pareceu não notar a aproximação de Mery.

– Olá – disse.

– Olá – replicou Arlen, semicerrando os olhos para ler a inscrição na lombada de um livro numa prateleira alta.

Mery franziu a testa.

– Chamo-me Mery – disse. – O Protector Ronnell é o meu pai.

– Arlen – disse Arlen, puxando um livro para fora da prateleira e folheando-o muito devagar.

– O meu pai pediu-me para te mostrar a biblioteca – continuou Mery.

– Obrigado – disse Arlen, colocando o livro no sítio e percorrendo um corredor até uma secção da biblioteca que estava separada do resto por uma corda. Mery viu-se forçada a segui-lo, com a irritação estampada na face.

– Está habituada a ignorar e não a ser ignorada – notou Ronnell, divertido.

– AR – leu Arlen na arcada sobre a corda de separação. – O que quer dizer? – murmurou.

– Antes do Regresso – explicou Mery. – São cópias originais dos livros do mundo

antigo.

Arlen voltou-se para ela como se notasse pela primeira vez a sua existência.

– A sério? – perguntou.

– É proibido passar além da corda sem autorização do duque – disse-lhe Mery, vendo estilhaçar-se o entusiasmo de Arlen. – Sorriu. – Claro que eu posso. Graças ao meu pai.

– Ao teu pai? – repetiu Arlen.

– Chamo-me Mery. Sou a filha do Protector Ronnell – recordou, com desagrado.

Arlen arregalou os olhos e tentou uma vénia atabalhoada. – Arlen, do Ribeiro de Tibbet – disse.

À distância, Cob riu-se.

– O rapaz não teve hipótese – considerou.

*

Os meses passaram Arlen deixou-se cair numa rotina familiar. A mansão de Ragen ficava mais próxima da biblioteca e, por isso, era lá que passava a maior parte das noites. A perna do Mensageiro sarou rapidamente e cedo regressou à estrada. Elissa encorajou Arlen a considerar o quarto como seu e pareceu agradar-lhe particularmente vê-lo encher-se com as suas ferramentas e livros. Os servos também apreciavam a sua presença, dizendo que Elissa se revelava menos difícil quando ele estava por perto.

Arlen acordava uma hora antes do nascer do sol e praticava exercícios com a lança à luz da lanterna no átrio de tecto alto da mansão. Quando o sol se erguia acima do horizonte, saía para uma hora de tiro ao alvo e equitação. A isto seguia-se um pequeno-almoço apressado com Elissa (e com Ragen, quando estava presente), antes de se dirigir para a biblioteca.

Ainda era cedo quando chegava e a biblioteca estava vazia além dos acólitos de Ronnell, que dormiam em celas por baixo do grande edifício. Mantinham a distância, intimidados por Arlen, que não via qualquer problema em aproximar-se do seu mestre e falar sem ser convocado ou pedir permissão.

Havia uma pequena sala isolada designada como a sua oficina. Era suficientemente espaçosa para um par de estantes, para a bancada de trabalho e para a peça de mobiliário em que trabalhasse. Uma das estantes estava repleta de tintas, pincéis e ferramentas de gravação. A outra continha livros emprestados. O chão estava coberto com aparas de madeira e manchas de tinta e verniz.

Arlen dedicava uma hora de cada manhã à leitura. Depois, com relutância, punha o livro de parte e dedicava-se ao trabalho. Durante semanas, não guardou nada além de cadeiras. Depois, passou para os bancos. A tarefa levaria ainda mais tempo do que esperara, mas não se importava.

Mery tornou-se uma presença apreciada ao longo dos meses, enfiando a cabeça na sua oficina com frequência para partilhar um sorriso, ou um boato, antes de se apressar a retomar os seus deveres. Arlen pensou que as interrupções do trabalho e do estudo acabariam por incomodá-lo, mas sucedeu o oposto. Ansiava por vê-la, chegando mesmo a deixar a sua atenção deambular nos dias em que não o visitava com a frequência habitual. Partilhavam o almoço no amplo telhado da biblioteca, com vista para a cidade e para as montanhas.

Mery era diferente de qualquer outra rapariga que Arlen tivesse conhecido. Como filha do bibliotecário e historiador principal do Duque, seria possivelmente a rapariga mais educada da cidade e Arlen achou que poderia aprender tanto em conversa com ela como nas páginas de qualquer livro. Mas era solitária. Os acólitos sentiam-se ainda mais intimidados por ela do que por Arlen e não havia mais ninguém da sua idade na biblioteca. Mery sentia-se perfeitamente confortável com estudiosos de barba grisalha, mas, junto de Arlen, mostrava-se tímida e insegura.

Tal como ele junto dela.

*

– Criador, Jaik. É como se nem sequer tivesses praticado – disse Arlen, cobrindo os ouvidos.

– Não sejas cruel, Arlen – censurou Mery. – A tua canção foi muito bonita, Jaik – disse.

Jaik franziu a testa.

– Então porque cobres também os ouvidos? – perguntou.

– Bom... – respondeu, afastando as mãos com um amplo sorriso. – O meu pai diz que a música e a dança conduzem ao pecado. Por isso não pude ouvir. Mas de certeza que foi maravilhosa.

Arlen riu-se e o desagrado de Jaik tornou-se ainda mais visível. Colocou o alaúde de parte.

– Tenta o malabarismo – sugeriu Mery.

– Não é pecado ver malabarismo? – perguntou Jaik.

– Apenas se for bom – murmurou Mery, fazendo Arlen rir novamente.

O alaúde de Jaik era velho e gasto, nunca parecendo ter as cordas todas ao mesmo tempo. Pousou-o e retirou bolas de madeira colorida do pequeno saco em que guardava o seu equipamento de Jogral. A tinta estava lascada e havia rachas na madeira. Lançou uma bola ao ar, depois outra e por fim a terceira. Manteve-as em movimento durante vários segundos e Mery aplaudiu.

– Muito melhor – disse.

Jaik sorriu.

– Vejam isto! – disse, alcançando uma quarta bola.

Arlen e Mery estremeceram quando as bolas caíram sobre as pedras do chão.

Jaik corou.

– Talvez deva praticar mais com quatro – disse.

– Deves praticar mais – concordou Arlen.

– O meu pai não gosta que o faça – continuou Jaik. – Diz: “Se não tens nada para fazer além de malabarismo, rapaz, hei-de encontrar-te trabalho!”

– O meu pai faz o mesmo quando me apanha a dançar – disse Mery.

Olharam Arlen, expectantes.

– O meu pai também costumava dizer isso – recordou.

– Mestre Cob não? – quis saber Jaik.

Arlen abanou a cabeça.

– Porque haveria de o fazer? Faço tudo o que me pede.

– Então quando encontras tempo para praticar as artes de Mensageiro? – perguntou Jaik.

– Arranjo tempo – respondeu Arlen.

– Como? – perguntou Jaik.

Arlen encolheu os ombros.

– Acordo mais cedo. Deito-me mais tarde. Aproveito o tempo a seguir às refeições. O que for preciso. Ou preferes ser moleiro durante toda a vida?

– Não há nada de mal em ser moleiro, Arlen – disse Mery.

Jaik abanou a cabeça.

– Não. Ele tem razão – disse. – Se é isto que quero, devo praticar com maior afinco. – Olhou Arlen. – Vou praticar mais – prometeu.

– Não te preocupes – disse-lhe Arlen. – Se não conseguires entreter os aldeãos nos lugarejos, podes ganhar a vida afugentando os demónios na estrada com a tua cantoria.

Jaik estreitou os olhos. Mery riu-se quando ele começou a alvejar Arlen com as bolas de malabarismo.

– Um bom Jogral conseguiria acertar-me! – provocou Arlen, esquivando-se habilmente a cada projétil.

*

– Estás a avançar demasiado – disse Cob. Para ilustrar o ponto, Ragen libertou uma mão do escudo e segurou a lança de Arlen, imediatamente abaixo da extremidade, antes que conseguisse fazê-la recuar. Puxou e o rapaz desequilibrado desabou sobre a neve.

– Cuidado, Ragen – advertiu Elissa, segurando o xaile em volta do corpo para se proteger do ar frio da manhã. – Vais magoá-lo.

– É muito mais gentil do que seria um nuclita, senhora – disse Cob,

suficientemente alto para que Arlen ouvisse. – O objectivo da lança longa é manter os demónios à distância durante a retirada. É uma arma defensiva. Mensageiros que se mostram demasiado agressivos com ela, como faz o jovem Arlen, acabam mortos. Já o vi acontecer. Houve uma ocasião, na estrada para Lakton...

Arlen franziu o sobrolho. Cob era um bom professor, mas tendia a entrecortar as suas lições com relatos sinistros da morte de outros Mensageiros. A sua intenção era desencorajá-lo, mas as palavras surtiavam o efeito oposto, conseguindo apenas fortalecer a determinação de Arlen em ser bem sucedido onde outros tinham falhado. Ergueu-se e fincou os pés com maior firmeza, mantendo o seu peso nos calcanhares.

– Basta de lanças longas – disse Cob. – Tentemos as curtas.

O desagrado foi visível na expressão de Elissa quando Arlen colocou a lança de dois metros e meio num suporte, escolhendo com Ragen lanças mais curtas, quase não chegando a um metro e com extremidades que constituíam um terço do seu comprimento. Tinham sido concebidas para combate em distâncias curtas, para apunhalar em vez de carregar. Escolheu também um escudo e os dois voltaram a defrontar-se na neve. Arlen estava mais alto, com os ombros mais largos. Era um rapaz de quinze verões com uma força dissimulada pelo físico magro. Vestia uma velha couraça de Ragen. Ficava-lhe grande, mas ele crescia depressa para a encher.

– Qual é o propósito disto? – perguntou Elissa, exasperada. – Se chegasse tão perto de um demónio não sobreviveria para contar a história.

– Já o vi acontecer – discordou Cob, observando a contenda entre Arlen e Ragen. – Mas há outras coisas entre as cidades além dos demónios, senhora. Animais selvagens e até bandidos.

– Quem atacaria um Mensageiro? – perguntou Elissa, chocada.

Ragen lançou um olhar irado a Cob, mas Cob ignorou-o.

– Os Mensageiros são homens ricos – explicou. – E transportam mercadoria valiosa e mensagens que podem decidir o destino de mercadores e aristocratas. A maioria das pessoas não se atreveria a fazer mal a um deles, mas pode acontecer. E os animais... Com os nuclitas ocupando-se dos mais fracos, restam apenas os predadores mais fortes. – Arlen! – chamou o Guardador. – O que fazes se fores atacado por um urso?

Sem parar e sem afastar os olhos de Ragen, Arlen respondeu:

– Lança longa à garganta. Retiro quando sangrar. Recuo e atinjo os órgãos vitais quando baixar as defesas.

– Que mais poderás fazer? – insistiu Cob.

– Permanecer quieto – disse Arlen, com desprezo. – Os ursos raramente atacam os mortos.

– Um leão? – perguntou Cob.

– Lança média – respondeu Arlen, bloqueando um golpe de Ragen com o escudo e

retribuindo. – Golpe no ombro e espero que o gato se empale a si próprio. Depois, golpeio com lança curta no peito ou no dorso, se for possível.

– Lobo?

– Não consigo continuar a ouvir isto – exclamou Elissa, afastando-se em direcção à mansão.

Arlen ignorou-a.

– Um bom golpe no focinho com uma lança média costuma bastar para afastar um lobo solitário – disse. – Se isso falhar, aplicar a mesma táctica usada para os leões.

– E se for uma alcateia? – perguntou Cob.

– Os lobos temem o fogo – respondeu Arlen.

– E se encontrares um javali? – quis saber Cob.

Arlen riu-se.

– Deverei “correr como se o Núcleo inteiro me perseguisse” – respondeu, citando os seus mestres.

*

Arlen acordou sobre uma pilha de livros. Por um momento, tentou perceber onde estava, compreendendo finalmente que voltara a adormecer na biblioteca. Olhou pela janela, vendo que há muito escurecera. Ergueu a cabeça, dando com a forma fantasmagórica de um demónio do vento que sobrevoava o edifício, muito acima. Elissa estaria preocupada.

As histórias que lera eram antigas, remontando à Era da Ciência. Falavam de reinos do mundo antigo, Albinon, Thesa, Grande Linn e Rusk, e de mares, enormes lagos estendendo-se ao longo de distâncias impossíveis, com outros reinos na margem oposta. Era assombroso. Se o que os livros diziam fosse verdade, o mundo era maior do que alguma vez imaginara.

Folheou o livro aberto sobre o qual adormecera e surpreendeu-o encontrar um mapa. Os seus olhos arregalaram-se enquanto estudava os nomes dos locais. Ali estava, de forma tão clara quanto seria possível, o ducado de Miln. Olhou de mais perto e viu o rio que Forte Miln usava para obter grande parte da sua água potável e as montanhas atrás da cidade. Ali estava uma pequena estrela, assinalando a localização da capital.

Percorreu várias páginas, lendo sobre a antiga Miln. Então, como sucedia no presente, era uma cidade de minas e pedreiras, com vassalos espalhados por dúzias de quilómetros. O território do Duque Miln incluía muitas cidades e aldeias, terminando no Rio Divisor, a fronteira das terras do Duque Angiers.

Arlen recordou a sua viagem e encontrou uma referência às ruínas onde pernoitara, aprendendo que tinham pertencido ao Conde de Newkirk. Quase tremendo de excitação, foi mais além e descobriu aquilo que procurava. Um

pequeno curso de água abrindo-se num lago amplo.

O baronato de Tibbet.

Tibbet, Newkirk e outros pagavam tributo a Miln, que, juntamente com Angiers, deviam lealdade ao rei de Thesa.

– Thesanos – murmurou Arlen, saboreando a palavra. – Somos todos Thesanos.

Pegou numa caneta e começou a copiar o mapa.

*

– Nenhum de vós deverá voltar a pronunciar esse nome – ordenou Ronnell a Arlen e à filha.

– Mas... – começou Arlen.

– Pensas que não se sabia? – interrompeu o bibliotecário. – Sua Senhoria ordenou que quem pronunciasse o nome de Thesa fosse preso. Queres passar anos a partir pedra nas suas minas?

– Porquê? – quis saber Arlen. – Que mal faz?

– Antes de o Duque fechar a biblioteca – explicou Ronnell –, algumas pessoas viviam obcecadas com Thesa e com a angariação de dinheiros para contratar Mensageiros e contactar pontos perdidos nos mapas.

– E qual é o problema? – perguntou Arlen.

– O rei está morto há três séculos, Arlen – replicou Ronnell. – E os duques declararão guerra antes de se curvarem perante alguém. Falar em reunificação recorda às pessoas coisas de que não se querem lembrar.

– É melhor fingir que o mundo se resume ao que existe no interior das muralhas de Miln? – perguntou Arlen.

– Até que o Criador nos perdoe e nos envie o seu Libertador para pôr fim à Praga – respondeu Ronnell.

– Nos perdoe o quê? – perguntou Arlen. – Qual praga?

Ronnell olhou-o, notando-se nos olhos um misto de choque e indignação. Por um momento, Arlen achou que o Protector estivesse disposto a bater-lhe. Preparou-se para o golpe.

Ao invés, Ronnell voltou-se para a filha.

– Será realmente possível que não saiba? – questionou, incrédulo.

Mery acenou afirmativamente.

– O Protector do Ribeiro de Tibbet era... pouco convencional – disse.

Ronnell acenou.

– Recordo-me – disse. – Era um acólito cujo mestre foi morto e nunca completou a sua formação. Sempre tivemos a intenção de enviar um substituto... – Caminhou até à sua mesa e começou a escrever uma carta. – Isto não poderá continuar – disse.

– Qual praga! Francamente!

Continuou a resmungar e Arlen aproveitou a deixa para caminhar até à porta.

– Mais devagar vocês os dois – disse Ronnell. – Desiludiram-me muito. Sei que Cob não é um homem religioso, Arlen, mas este nível de negligência é verdadeiramente imperdoável. – Olhou Mery. – E tu, minha jovem! – exclamou. – Sabias disto e não fizeste nada?

Mery olhou os pés.

– Lamento, pai – disse.

– E bem podes lamentar – ripostou Ronnell. Ergueu um volume grosso da mesa e passou-o à filha. – Ensina-o – ordenou, passando-lhe o Cânone. – Se Arlen não conhecer o livro de trás para a frente dentro de um mês, hei-de açoitar-vos aos dois.

Mery recebeu o livro e ambos se afastaram tão rapidamente quanto possível.

– Foi fácil safarmo-nos – disse Arlen.

– Demasiado fácil – concordou Mery. – Tem razão. Devia ter feito algo mais cedo.

– Não te preocupes – perguntou Arlen. – É apenas um livro. Já o terei lido pela manhã.

– Não é apenas um livro! – replicou Mery. Arlen fitou-a com curiosidade. – É a palavra do Criador, registada pelo primeiro Libertador – explicou.

Arlen ergueu uma sobrancelha.

– A sério? – perguntou.

Mery confirmou com um aceno.

– Não basta lê-lo. Precisas de o viver. Todos os dias. É um guia sobre como afastar a humanidade do pecado que nos trouxe a Praga.

– Qual praga? – perguntou Arlen, sentindo que o fazia pela décima vez.

– Os demónios, claro – respondeu Mery. – Os nuclitas.

*

Arlen sentou-se no telhado da biblioteca alguns dias mais tarde, fechando os olhos enquanto recitava:

*E o homem novamente se tornou orgulhoso e ousado,
Voltando-se contra Criador e Libertador.
Escolheu não honrar Aquele que lhe deu a vida,
Voltando costas à moralidade.*

*A ciência do homem tornou-se a sua nova religião,
Substituindo oração por máquina e química,
Sarando os destinados à morte,
Acreditou ser igual a quem o criou.*

*Irmão lutou contra irmão, para benefício de ninguém.
Sem mal exterior, cresceu o mal interior,*

*Instalando-se nos corações e almas dos homens,
Enegrecendo o que outrora fora puro e branco.*

*E assim o Criador, na Sua sabedoria,
Invocou uma praga sobre os seus filhos perdidos,
Abrindo novamente o Núcleo,
Para mostrar aos homens o seu erro.*

*Assim será,
Até ao dia em que envie outra vez o Libertador.
Para que quando o Libertador limpe os homens,
Os nuclitas deixem de ter alimento.*

*E conhecereis o Libertador
Porque estará marcado na sua carne
E os demónios não suportarão a sua presença
E fugirão, aterrorizados, diante dele.*

– Muito bem! – congratulou-o Mery, sorrindo.
Arlen franziu a testa.

– Posso saber uma coisa? – perguntou.

– Claro – respondeu Mery.

– Acreditas realmente nisto? – perguntou. – O Protector Harral dizia sempre que o Libertador era apenas um homem. Um grande general, mas um homem mortal. Cob e Ragen dizem o mesmo.

Mery arregalou os olhos.

– É melhor que o meu pai não te ouça a dizer tal coisa – avisou.

– Acreditas que os nuclitas são culpa nossa? – perguntou Arlen. – Que os merecemos?

– Claro que acredito – respondeu. – É a palavra do Criador.

– Não – contrapôs Arlen. – É um livro. Os livros são escritos por homens. Se o Criador quisesse dizer-nos alguma coisa, porque usaria um livro em vez de escrever no céu com letras de fogo?

– Por vezes, é difícil acreditar que o Criador nos observa lá do alto – disse Mery, erguendo os olhos para o céu. – Mas como poderia ser de outra forma? O mundo não se criou a si mesmo. Que poder teriam as guardas sem uma vontade por trás da criação?

– E a Praga? – perguntou Arlen.

Mery encolheu os ombros.

– As histórias falam de guerras terríveis – disse. – Talvez o mereçamos.

– Talvez o mereçamos? – repetiu Arlen. – A minha mãe não merecia morrer por culpa de uma guerra estúpida de há séculos atrás!

– A tua mãe foi levada? – perguntou Mery, tocando-lhe no braço. – Arlen, não fazia ideia...

Arlen afastou o braço.

– Não faz diferença – disse, correndo para a porta. – Tenho guardas a traçar, apesar de me custar a perceber o propósito, já que todos merecemos ser visitados por demónios nas nossas camas.

TREZE
TERÁ DE EXISTIR MAIS
325 DR

Leesha curvava-se no jardim, escolhendo as ervas do dia. Algumas eram arrancadas do solo com raiz e pé. De outras recolhia apenas algumas folhas ou usava a unha do polegar para arrancar um botão.

Orgulhava-se do jardim atrás da cabana de Bruna. A anciã era demasiado velha para o trabalho de manutenção do pequeno terreno e Darsy não conseguira vergar o solo duro, mas Leesha tinha o dom. Muitas das ervas que, anteriormente, passara horas a procurar na floresta juntamente com Bruna, cresciam agora à sua porta, na segurança dos postes de guarda.

– Tens boa cabeça e melhores dedos – disse Bruna, quando a terra se cobriu com os primeiros rebentos. – Não tardará que sejas melhor Herbanária do que eu.

O orgulho que aquelas palavras lhe transmitiram ensinou a Leesha um novo sentimento. Poderia nunca alcançar Bruna, mas a velha não costumava distribuir gentilezas e cumprimentos vazios. Via algo em Leesha que as outras não tinham e a rapariga não queria desiludir.

O seu cesto encheu-se e Leesha endireitou-se, sacudindo-se e regressando à cabana, se ainda merecesse tal designação. Erny recusava ver a filha a viver num casebre e enviara carpinteiros e homens para reforçar as paredes fracas e substituir o colmo envelhecido. Em breve, deixou de restar algo que não fosse novo e os acréscimos tinham duplicado as dimensões da estrutura.

Bruna queixara-se do ruído dos homens a trabalhar, mas a tosse desapareceu assim que o frio e a humidade passaram a ficar do lado de fora. Com os cuidados de Leesha, a velha parecia fortalecer-se com a passagem dos anos em vez de enfraquecer.

Também Leesha se sentia grata pelo fim dos trabalhos. Os homens tinham começado a olhá-la de forma diferente perto do fim.

O tempo dera a Leesha a silhueta curvilínea da sua mãe. Era algo que sempre quisera, mas parecia-lhe agora menos vantajoso. Os homens da aldeia olhavam-na com avidez e os rumores do seu envolvimento com Gared, apesar de há muito passados, permaneciam na mente de muitos, fazendo mais do que um homem pensar que poderia ser receptiva ao murmúrio de uma proposta indecente. A maioria destes era dissuadida com um esgar de desagrado e alguns com bofetadas. Evin exigira uma pitada de pimenta e raiz-porqueira para lhe recordar a sua noiva grávida. Um punhado do pó cegante passara a ser uma das muitas coisas que Leesha guardava nos inúmeros bolsos do seu avental e das suas saias.

Claro que, mesmo que estivesse interessada nalgum dos homens da cidade, Gared certificava-se de que nenhum deles conseguiria aproximar-se. Qualquer homem além

de Erny apanhado a falar com Leesha sobre algo mais do que assuntos de Herbanária seria recordado com brusquidão de que, na cabeça do corpulento lenhador, continuava prometida. Até o pequeno Jona irrompia em suores sempre que Leesha o saudava.

O seu aprendizado acabaria em breve. Sete anos e um dia parecera-lhe uma eternidade quando Bruna o referira, mas os anos tinham voado e o fim estava apenas a dias de distância. Leesha ia sozinha todos os dias a casa dos aldeãos que necessitassem dos serviços de uma Herbanária, pedindo o conselho de Bruna apenas em situações muito raras de necessidade extrema. Bruna precisava de descansar.

– O Duque avalia a perícia de uma Herbanária pelo número de nascimentos, que deverá ser superior ao número de mortes em cada ano – dissera Bruna no primeiro dia. – Mas concentra-te no que existe entre os dois extremos e, dentro de um ano, a gente do Outeiro do Lenhador não saberá como conseguiu viver sem ti. – As palavras revelaram-se verdadeiras. Bruna levou-a a toda a parte daquele momento em diante, ignorando o pedido de privacidade feito por muitos. Tendo cuidado dos filhos por nascer da maioria das mulheres da cidade e tendo fervido chá de pómulo para as restantes, fizera com que depressa cobrissem Leesha de cortesias, revelando-lhe as falhas dos seus corpos sem pensar duas vezes.

Mas, apesar de tudo isso, continuava a ser uma estranha. As mulheres falavam dela como se fosse invisível, espalhando cada segredo da aldeia como se ela não fosse mais do que um travesseiro que guarda segredos.

– E é o que és – disse Bruna, quando Leesha se atreveu a reclamar. – Não te cabe julgar as suas vidas. Apenas a sua saúde. Quando pões esse avental, juras guardar silêncio independentemente do que ouças. Uma Herbanária precisa de confiança para fazer o seu trabalho e a confiança tem de ser conquistada. Nenhum segredo deverá alguma vez passar pelos teus lábios, a não ser que te impeça de tratar alguém.

E, assim, Leesha guardou silêncio e as mulheres começaram a confiar nela. Depois de conquistar as mulheres, os homens não tardaram, frequentemente incitados pelas esposas. O avental conseguia mantê-los à distância. Leesha conhecia o aspecto que tinham quase todos os homens da aldeia quando se despiam, mas nunca tivera intimidade com nenhum e, apesar de as mulheres lhe tecerem elogios e de lhe oferecerem presentes, não havia uma a quem pudesse contar os seus próprios segredos.

No entanto, apesar de tudo isso, fora muito mais feliz durante aqueles sete anos do que nos treze anteriores. O mundo de Bruna era muito mais amplo do que o que lhe fora imposto pela mãe. Havia pesar quando era forçada a fechar os olhos a alguém, mas havia também a alegria de puxar uma criança de dentro da sua mãe e de lhe provocar os primeiros choros com uma palmada firme.

Depressa o seu aprendizado chegaria ao fim e Bruna aposentar-se-ia de vez.

Segundo as suas próprias palavras, não viveria muito depois disso. Pensar nessa possibilidade aterrorizava Leesha de mais do que uma forma.

Bruna era o seu escudo e a sua lança, a sua guarda impenetrável contra a aldeia. Que faria sem ela? Não tinha a capacidade de Bruna para se impor, para bradar ordens e golpear os tolos. E, sem Bruna, com quem poderia conversar como pessoa e não enquanto Herbanária? Quem suportaria as suas lágrimas e testemunharia as suas dúvidas? Porque a dúvida era também uma quebra de confiança. As pessoas dependiam da confiança da Herbanária.

Nos seus pensamentos mais íntimos, havia ainda mais. O Outeiro do Lenhador começara a parecer-lhe pequeno. As portas abertas pelas lições de Bruna não seriam facilmente fechadas. Eram uma recordação constante não do que sabia, mas do que lhe escapava. Sem Bruna, essa viagem chegaria ao fim.

Entrou na casa, vendo Bruna à mesa.

– Bom dia – disse. – Não te esperava tão cedo. Teria feito chá antes de ir para o jardim. – Pousou o cesto e olhou o fogo, notando que a água na chaleira estava quase a ferver.

– Sou velha – resmungou Bruna. – Mas não sou cega nem paralítica. Consigo fazer o meu chá.

– Claro – disse Leesha, beijando a anciã na face. – És suficientemente rija para brandir um machado contra os lenhadores. – Riu-se do esgar de Bruna e foi buscar farinha para as papas.

Os anos passados em conjunto não tinham amolecido o tom de Bruna, mas Leesha já quase não o notava, ouvindo apenas o afecto escondido por trás dos resmungos da velha e respondendo-lhe em conformidade.

– Começaste a colheita cedo, hoje – referiu Bruna enquanto comiam. – Ainda se sente o fedor dos demónios no ar.

– Só tu conseguirias estar rodeada por flores frescas e queixar-te do fedor – replicou Leesha. Com efeito, mantinha botões pela cabana, que enchiam o ar de perfumes adocicados.

– Não mudes de assunto – disse Bruna.

– Chegou um Mensageiro na noite passada – disse Leesha. – Ouvi a trombeta.

– Foi imediatamente antes do pôr-do-sol – grunhiu Bruna. – Insensato! – Cuspiu no chão.

– Bruna! – censurou Leesha. – Que te disse sobre cuspir dentro de casa?

A anciã olhou-a, estreitando os olhos leitosos.

– Disseste-me que a casa é minha e que posso cuspir onde bem me apetecer – disse.

Leesha franziu o sobrolho.

– Estava certa de ter dito outra coisa – recordou.

– Não se fores mais esperta do que o teu peito faz pensar – retorquiu Bruna, beberricando o chá.

Leesha abriu a boca de indignação pura, mas estava habituada a ouvir pior à velha. Bruna fazia e dizia o que lhe apetecia e ninguém poderia convencê-la do contrário.

– Então foi o Mensageiro que te fez despertar tão cedo – continuou Bruna. – Esperas que seja o bonito? Como se chama? O que te lança olhares de carneiro mal morto?

Leesha esboçou um sorriso sabedor.

– Acho que são olhos de lobo faminto – disse.

– Isso também pode ser bom! – riu-se a velha, batendo-lhe no joelho. Leesha abanou a cabeça e ergueu-se para levantar a mesa.

– Como se chama? – insistiu Bruna.

– Não é nada disso – respondeu Leesha.

– Sou demasiado velha para esta dança, rapariga – disse Bruna. – Nome.

– Marick – replicou Leesha, revirando os olhos.

– Devo preparar um bule de chá de pómulo para a visita do jovem Marick? – perguntou Bruna.

– Será que isso é tudo em que o mundo consegue pensar? – perguntou Leesha. – Gosto de conversar com ele. Nada mais.

– Não sou cega ao ponto de não conseguir ver que o rapaz tem mais em mente do que simples conversa – disse Bruna.

– Ah, sim? – indagou Leesha, cruzando os braços. – Quantos dedos tenho erguidos?

Bruna grunhiu.

– Nenhum – disse, sem sequer olhar. – Ando por cá há tempo suficiente para conhecer esse truque. Tal como sei que o Mensageiro Mafarrico não te olhou nos olhos uma única vez em todas as vossas conversas.

– Chama-se Marick – voltou a dizer Leesha. – E olhou, sim.

– Só se não conseguia ver-te o decote – disse a anciã.

– És impossível – exclamou Leesha.

– Não é motivo de vergonha – disse Bruna. – Se tivesse mamas como as tuas, também as exibiria.

– Eu não me exhibo! – protestou Leesha, mas conseguiu apenas fazer Bruna voltar a rir.

Soou uma trombeta não muito longe.

– Será o jovem Mestre Marick – considerou Bruna. – É melhor embonecares-te. Não percas tempo.

– Não é nada disso! – insistiu Leesha, mas Bruna silenciou-a com um gesto.

– Vou preparar o chá, para o caso de ser necessário – disse. Leesha atirou-lhe um trapo e deitou-lhe a língua de fora, dirigindo-se à porta.

Lá fora, não evitou sorrir enquanto esperava pelo Mensageiro. Bruna pressionava-a para que encontrasse um homem quase com a mesma insistência da sua mãe, mas a velha fazia-o por amor. Queria apenas que Leesha fosse feliz e Leesha amava-a profundamente por isso. Mas, apesar das provocações da anciã, Leesha interessava-se mais pelas cartas que Marick trazia do que pelos seus olhos de lobo faminto.

Desde a juventude, adorara os dias em que chegava o Mensageiro. O Outeiro do Lenhador era um local pequeno, mas situava-se na confluência da estrada entre três grandes cidades e uma dúzia de povoados e, com a madeira e o papel de Erny, ocupava posição de destaque na economia da região.

Os Mensageiros visitavam o Outeiro pelo menos duas vezes por mês e, se a maior parte do correio era deixada com Smitt, ocupavam-se pessoalmente das entregas a Erny e Bruna, sendo frequente que aguardassem resposta. Bruna correspondia-se com Herbanárias em Forte Rizon, Angiers e Lakton, bem como em vários povoados. Com a degradação da sua vista, a tarefa de leitura das cartas e de escrita das respostas cabia a Leesha.

Mesmo à distância, Bruna impunha respeito. Com efeito, quase todas as Herbanárias da região tinham sido suas aprendizas nalgum momento. O seu conselho era solicitado com frequência para curar maleitas que fossem além da experiência das outras Herbanárias e cada Mensageiro trazia-lhe ofertas de aprendizes que desejavam aprender com ela. Ninguém queria que o mundo ficasse sem os seus conhecimentos.

– Sou demasiado velha para domar outra noviça! – resmungava Bruna, acenando com a mão. E Leesha escrevia uma recusa educada, algo que se habituara a fazer com frequência.

Tudo isto deu a Leesha muitas oportunidades para conversar com Mensageiros. Era verdade que a maioria deles tentava insinuar-se junto dela ou impressioná-la com histórias das Cidades Livres. Marick fazia-o.

Mas as histórias dos Mensageiros deixavam marca em Leesha. A intenção poderia ser a de abrir caminho até às suas saias, mas as imagens pintadas pelas suas palavras permaneciam com ela nos sonhos. Ansiava por caminhar pelas docas de Lakton, por ver os grandes campos guardados de Forte Rizon ou por captar um vislumbre de Angiers, a fortaleza da floresta. Ansiava por ler os seus livros e conhecer as suas Herbanárias. Havia outros guardiões do conhecimento do velho mundo, se tivesse a coragem de os procurar.

Sorriu ao ver Marick. Mesmo à distância, conhecia-lhe o andar, com as pernas ligeiramente arqueadas por uma vida passada a cavalo. O Mensageiro era angierano, quase da altura de Leesha com o seu metro e sessenta e nove, mas havia nele uma

dureza esguia e Leesha não exagerara ao referir os seus olhos de lobo faminto. Vasculhavam com calma predatória, à procura de ameaças... e de presas.

– Leesha! – chamou, erguendo a lança para ela.

Leesha ergueu a mão, retribuindo o cumprimento.

– Precisas mesmo de andar com essa coisa em pleno dia? – perguntou, indicando a lança.

– E se encontrar um lobo? – replicou Marick, com um sorriso. – Como conseguiria defender-te?

– Não vemos muitos lobos no Outeiro do Lenhador – tornou Leesha, quando o Mensageiro se aproximou. Tinha o cabelo castanho comprido e olhos da cor da casca das árvores. Não podia negar que era atraente.

– Ou um urso – disse Marick, quando alcançou a cabana. – Ou um leão. Há muitos tipos de predador no mundo – acrescentou, mirando-lhe o decote.

– Sei-o bem – disse Leesha, ajustando o xaile para cobrir a pele exposta.

Marick riu-se, deixando cair o saco de Mensageiro sobre o alpendre.

– Os xailes estão fora de moda – afirmou. – As mulheres de Angiers e Rizon já não os usam.

– Então aposto que têm vestidos até ao pescoço, ou homens mais subtis – replicou Leesha.

– Vestidos até ao pescoço – concordou Marick, rindo e fazendo uma vénia. – Poderia trazer-te um vestido angierano de pescoço alto – murmurou, aproximando-se.

– E quando teria oportunidade para o usar? – perguntou Leesha, afastando-se antes que o homem conseguisse encurralá-la.

– Vem a Angiers – propôs o Mensageiro. – Usa-o lá.

Leesha suspirou.

– Gostaria de ir – lamentou.

– Talvez tenhas uma oportunidade – disse o Mensageiro, malicioso, curvando-se e estendendo o braço para indicar que Leesha deveria entrar na cabana antes dele. Leesha sorriu e entrou, mas sentiu-lhe os olhos postos no traseiro.

Bruna estava instalada na sua cadeira quando entraram. Marick aproximou-se dela e saudou-a com uma vénia.

– Jovem Mestre Marick! – exclamou Bruna alegremente. – Que agradável surpresa!

– Trago-lhe saudações de Mestra Jizell de Angiers – disse Marick. – Implora o seu auxílio num caso complexo. – Enfiou a mão no saco e retirou um rolo de papel preso com cordel resistente.

Bruna indicou a Leesha que recebesse a carta e recostou-se, fechando os olhos quando a aprendiz iniciou a leitura.

– «Prezada Bruna. Saudações de Forte Angiers neste ano de 325 DR» – começou Leesha.

– Jizell latia como um cão quando era minha aprendiz e escreve da mesma forma – interrompeu Bruna. – Não viverei para sempre. Passa ao que interessa.

Leesha varreu a página com o olhar, voltando-a e lendo também o que estava escrito no verso. Encontrou o que procurava na segunda folha.

– Um rapaz – disse. – Com dez anos de idade. Trazido ao hospício pela mãe, com queixas de náusea e fraqueza. Sem outros sintomas ou historial de doença. Foi-lhe administrada raiz-negra, água e repouso na cama. Sintomas aumentaram ao longo de três dias, acrescentando-se-lhes vermelhidão nos braços, pernas e peito. Aumento da dose de raiz-negra para três onças ao longo de vários dias. Sintomas pioraram, com ocorrência de febre e de furúnculos duros e esbranquiçados crescendo sobre a pele vermelha. Ungentos sem efeito. Vômitos. Administração de folha-cardíola e papoila para reduzir a dor e de leite aguado para o estômago. Falta de apetite. Não parece ser contagioso.

Bruna permaneceu em silêncio durante um longo momento, digerindo as palavras. Olhou Marick.

– Viste o rapaz? – perguntou.

O Mensageiro acenou afirmativamente.

– Suava? – perguntou-lhe.

– Sim – confirmou Marick. – Mas também tremia. Como se tivesse calor e frio ao mesmo tempo.

Bruna grunhiu.

– De que cor eram as suas unhas? – perguntou.

– Da cor das unhas – replicou Marick, com uma tentativa de sorriso.

– Arma-te em esperto comigo e hás-de arrepender-te – advertiu Bruna.

Marick empalideceu e tornou a acenar afirmativamente. A velha questionou-o durante mais alguns minutos, resmungando ocasionalmente ao ouvir as respostas. Os Mensageiros eram célebres pela sua memória e pelos seus dotes de observação e Bruna pareceu não duvidar dele. Por fim, silenciou-o com um gesto.

– Mais alguma coisa digna de nota na carta? – perguntou.

– Quer enviar-te outra aprendiz – disse Leesha. Bruna franziu a testa.

– «Tenho uma aprendiz, Vika, prestes a completar o seu treino» – leu Leesha – «tal como também terá, pelo que leio nas suas cartas. Se não está disposta a aceitar uma noviça, pondere, por favor, uma troca.» – Leesha abriu a boca de espanto e Marick esboçou um sorriso comprometido.

– Não te disse para parares de ler – exclamou Bruna.

Leesha pigarreou.

– «Vika é muito promissora» – continuou. – «E bem preparada para atender às

necessidades do Outeiro do Lenhador, bem como para cuidar da sábia Bruna e com ela aprender. Certamente, também Leesha poderia aprender muito sobre o cuidado dos doentes no meu hospício. Peço, por favor, mais esta benesse da sábia Bruna antes que abandone este mundo.»

Bruna permaneceu em silêncio durante longo tempo.

– Vou pensar nesta antes de responder – disse, por fim. – Vai ocupar-te da tua ronda pela aldeia, rapariga. Falaremos do assunto quando regressares. E disse a Marick: – Terás uma resposta amanhã. Leesha assegurará que serás pago.

O Mensageiro respondeu com uma vénia e recuou pela porta fora enquanto Bruna se recostava e fechava os olhos. Leesha sentia o coração acelerado, mas sabia que não devia interromper a anciã que percorria agora as muitas décadas da sua memória, procurando uma forma de tratar o rapaz. Pegou no cesto e iniciou a ronda.

*

Marick esperava-a quando Leesha saiu.

– Sabias o que dizia aquela carta – acusou Leesha.

– Claro que sim – respondeu Marick. – Estava presente quando foi escrita.

– Mas não disseste nada – acrescentou Leesha.

Marick sorriu.

– Ofereci-te um vestido de pescoço alto – disse. – E a oferta mantém-se.

– Veremos – tornou Leesha, sorrindo e estendendo-lhe uma bolsa de moedas. – O teu pagamento.

– Preferiria que me pagasses com um beijo – disse ele.

– Lisonjeias-me se consideras que os meus beijos valem mais do que ouro – replicou Leesha. – Receio desapontar-te.

Marick riu-se.

– Minha querida, se enfrentasse os demónios da noite na estrada para Angiers levando apenas um beijo teu, faria a inveja de todos os Mensageiros que alguma vez passaram pelo Outeiro do Lenhador.

– Nesse caso – disse Leesha, rindo-se –, creio que guardarei os meus beijos durante mais algum tempo, esperando melhor preço.

– Destróis-me – disse Marick, levando a mão ao peito. Leesha lançou-lhe a bolsa e viu-o apanhá-la com destreza. – Poderei, pelo menos, ter a honra de escoltar a Herbanária até à aldeia? – perguntou, com um sorriso. Voltou-se para o caminho e ofereceu-lhe o braço. Leesha não evitou sorrir.

– Não somos assim tão rápidos no Outeiro – disse, olhando o braço. – Mas poderás levar-me o cesto. – Pendurou-o no braço estendido e dirigiu-se para a aldeia, deixando-o para trás enquanto se afastava.

*

O mercado de Smitt estava animado quando chegaram à aldeia. Leesha gostava de escolher cedo, aproveitando os melhores produtos, e de fazer a sua encomenda a Dug, o açougueiro, antes de iniciar a ronda.

– Bons dias, Leesha – disse Yon Grisalho, o homem mais velho do Outeiro do Lenhador. A sua barba branca, de que se orgulhava, era mais longa do que o cabelo da maioria das mulheres. Outrora um lenhador forte, Yon perdera a maior parte da sua corpulência na velhice e apoiava-se numa bengala.

– Bons dias, Yon – replicou. – Como estão as articulações?

– Ainda me doem – replicou Yon. – Sobretudo nas mãos. Há dias em que mal consigo segurar a bengala.

– Mesmo assim, consegues beliscar-me sempre que te viro as costas – referiu Leesha.

Yon riu-se.

– Para um velho como eu, rapariga, isso justifica qualquer dor.

Leesha enfiou a mão no cesto, retirando um frasco pequeno. – Nesse caso, ainda bem que te preparei mais unguento – disse. – Poupas-me o trabalho de te levar a casa.

O velho sorriu.

– É sempre um prazer receber-te quando estiveres por perto – disse, piscando o olho.

Leesha tentou não rir, mas o esforço foi em vão. Yon era um velho babado, mas gostava dele. Viver com Bruna ensinara-lhe que as excentricidades da idade eram um pequeno preço a pagar pelos benefícios de recorrer a toda uma vida de experiências.

– Receio que tenhas de te desenvencilhar sozinho – disse.

– Bah! – Yon agitou a bengala, fingindo-se irritado. – Pensa no assunto – disse. Olhou Marick antes de partir, despedindo-se com um aceno respeitoso. – Mensageiro.

Marick retribuiu e o velho afastou-se.

Todos no mercado tinham uma palavra de simpatia para Leesha que parou para indagar acerca da saúde de cada um. Nunca parava de trabalhar, mesmo quando fazia compras.

Apesar de terem dinheiro mais do que suficiente resultante da venda dos paus de chama de Bruna e de artefactos semelhantes, ninguém aceitava sequer um klat pelos produtos que escolhia. Bruna não pedia dinheiro pelos tratamentos e ninguém lhe cobrava o que fosse.

Marick manteve-se por perto, em pose protectora, enquanto Leesha ia apalpando fruta e legumes com mão experiente. Atraiu olhares, mas Leesha achou que era tanto por estar com ela como por ser um estranho no mercado. Os Mensageiros eram

suficientemente comuns no Outeiro do Lenhador.

Avistou Keet, o filho de Stefny (ainda que não fosse filho de Smitt). O rapaz tinha quase onze anos e parecia-se mais com o Protector Michel a cada dia que passava. Stefny mantivera a sua parte do acordo ao longo dos anos e não falara mal de Leesha durante o aprendizado. O seu segredo estava seguro com Bruna, mas Leesha não conseguia perceber como a evidência podia escapar a Smitt, que fitava o filho todas as noites à mesa da ceia.

Gesticulou e Keet aproximou-se a correr.

– Leva este saco a Bruna logo que as tuas tarefas to permitam – disse, passando-lhe as compras. Sorriu-lhe e, em segredo, colocou-lhe um klat na mão.

A oferta fez Keet esboçar um sorriso amplo. Os adultos nunca aceitariam dinheiro de uma Herbanária, mas Leesha oferecia sempre algo às crianças pelos seus serviços. A moeda de madeira lacada de Angiers era a principal unidade monetária no Outeiro do Lenhador e serviria para pagar doces rizonanos para Keet e para os seus irmãos aquando da visita do Mensageiro seguinte.

Estava preparada para partir quando viu Mairy e avançou ao seu encontro. A amiga mantivera-se ocupada ao longo dos anos. Três crianças seguravam-se às suas saias. Um jovem vidreiro chamado Benn partira de Angiers para fazer fortuna em Lakton ou Forte Rizon. Parara no Outeiro para vender os seus produtos e ganhar mais alguns klats antes da etapa seguinte da jornada, mas conheceu Mairy e os planos dissolveram-se como açúcar no chá.

Benn praticava o seu ofício no celeiro do pai de Mairy e o negócio prosperava. Comprava sacos de areia aos Mensageiros vindos de Forte Krasia e transformava-os em objectos funcionais e decorativos. O Outeiro nunca antes tivera um vidreiro e todos queriam objectos de vidro.

Também a Leesha agradava o desenvolvimento e não tardou a encomendar a Benn os componentes delicados dos alambiques nas ilustrações dos livros de Bruna, permitindo-lhe maximizar a potência das ervas e preparar medicamentos muito mais poderosos do que outros que o Outeiro tivesse visto.

Pouco depois, Benn e Mairy casaram e Leesha não demorou a puxar o seu primeiro filho de entre as pernas de Mairy. Seguiram-se mais, passado pouco tempo, e Leesha amava cada um deles como se fossem seus. Sentiu-se honrada ao ponto de chorar quando deram o seu nome à filha mais nova.

– Bom dia, diabretes – disse Leesha, agachando-se e permitindo que os filhos de Mairy lhe caíssem entre os braços. Abraçou-os e beijou-os, passando-lhes doces embrulhados em papel antes de se erguer. Era ela própria a fazê-los. Outra coisa que aprendera com Bruna.

– Bom dia, Leesha – disse Mairy, com uma pequena vénia. Leesha conteve o esgar de desagrado. Tinha permanecido próxima de Mairy ao longo dos anos, mas

esta olhava-a de forma diferente agora que usava o avental com bolsos e parecia não haver nada capaz de o alterar. A vénia era automática.

Mesmo assim, Leesha valorizava a sua amizade. Saira vinha em segredo à cabana de Bruna, implorando por chá de pómulo, mas o seu relacionamento terminava aí. Segundo contavam as mulheres da aldeia, Saira mantinha-se entretida. Dizia-se que metade dos homens da aldeia lhe batia à porta numa ou noutra ocasião e tinha sempre mais dinheiro do que o lucro que poderia resultar da costura que fazia com a mãe.

Brianne conseguia ser ainda pior, de certa forma. Não falara com Leesha durante sete anos, mas não hesitava em partilhar coisas desagradáveis a seu respeito com todos os outros. Procurava Darsy para obter tratamentos para as suas maleitas e o seu envolvimento com Evin depressa lhe encheu o ventre. Quando o Protector Michel a pressionou, preferiu apontar Evin como pai, em vez de enfrentar a aldeia sozinha.

Evin casou com Brianne com a forquilha do pai pressionada contra as costas e ladeado pelos irmãos da noiva, dedicando-se daí em diante a tornar miserável a vida da mulher e de Callen, o filho comum.

Brianne revelara-se uma mãe e esposa adequada, mas nunca perdeu o peso que ganhou durante a gravidez e Leesha sabia por experiência própria como os olhos (e as mãos) de Evin vagueavam. Os rumores indicavam-no como um dos que batiam com mais frequência à porta de Saira.

– Bom dia, Mairy – disse. – Conheces o Mensageiro Marick? – Leesha voltou-se para apresentar o homem, descobrindo apenas nesse momento que ele já não estava lá. – Oh não... – disse, vendo-o defronte de Gared no extremo oposto do mercado.

Aos quinze anos, Gared fora maior do que qualquer homem da aldeia à excepção do pai. Agora, com vinte e dois anos, era gigantesco, medindo perto de dois metros, com músculos compactos e endurecidos pelos longos dias passados com o machado nas mãos. Dizia-se que deveria ter sangue milnês, porque nenhum angeriano era tão grande.

As notícias da sua mentira espalharam-se pela aldeia e, daí em diante, as raparigas mantiveram a distância, receando ficar a sós com ele. Talvez fosse por esse motivo que continuava a cobiçar Leesha. Ou talvez o fizesse de qualquer forma. Mas Gared não aprendera lições com o passado. O seu ego crescera juntamente com os músculos e, agora, era o rufia que todos pressentiram que viria a ser. Os rapazes que costumavam troçar dele obedeciam cegamente às suas palavras e, sendo cruel para com eles, era um terror para quem fosse suficientemente insensato para lançar um olhar a Leesha.

Gared continuava a esperá-la, comportando-se como se Leesha fosse mudar de ideias um dia, percebendo que pertencia a seu lado. Quaisquer esforços para o

convencer do contrário eram recebidos com inabalável teimosia.

– Não és de cá – ouviu Gared dizer, tocando Marick com força no ombro. – Talvez não saibas que Leesha está comprometida. – Erguia-se sobre o Mensageiro como um homem adulto sobre um rapaz.

Mas Marick nem sequer pestanejou e o toque de Gared não o fez mover-se. Manteve-se absolutamente imóvel, com os olhos de lobo fixos em Gared. Leesha rezou para que fosse sensato ao ponto de não responder à provocação.

– Ela discorda – replicou Marick, fazendo Leesha perder a esperança. Começou a andar na sua direcção, mas havia já uma multidão em redor dos dois homens, bloqueando-lhe a passagem. Desejou ter a bengala de Bruna para a ajudar a abrir caminho.

– Prometeu-se a ti, Mensageiro? – quis saber Gared. – A mim, sim.

– Ouvi dizer – replicou Marick. – Também ouvi dizer que és o único tolo no Outeiro que acha que essas palavras têm algum valor depois de a teres traído.

Gared rugiu e tentou agarrar o Mensageiro, mas Marick foi mais rápido, dando um passo ligeiro ao lado e erguendo a lança, atingiu o lenhador entre os olhos com a extremidade romba. Fez girar a lança, golpeando-o atrás dos joelhos enquanto Gared cambaleava para trás, acabando por cair de costas.

Voltou a apoiar a lança no chão, erguendo-se sobre Gared, com uma confiança fria nos olhos de lobo.

– Poderia ter usado a extremidade aguçada – referiu. – É bom que o recordes. Leesha pode falar por si.

Todos na multidão olhavam, espantados, mas Leesha insistia nas suas tentativas desesperadas para avançar, conhecendo Gared e sabendo que não terminara.

– Parem com essa tolice! – gritou. Marick olhou-a e Gared aproveitou o momento para lhe segurar a lança. O Mensageiro voltou a sua atenção para o adversário caído e segurou a haste com as duas mãos para a libertar.

Era a última coisa que deveria ter feito. Gared tinha a força de um demónio da madeira e, mesmo estando deitado, ninguém poderia resistir-lhe. Flectiu os braços musculados e Marick foi projectado pelo ar.

Gared ergueu-se e partiu a lança de quase dois metros ao meio como se fosse um ramo.

– Vejamos como lutas quando não te podes esconder atrás de uma lança – disse, deixando cair os pedaços ao chão.

– Gared, não! – gritou Leesha, esforçando-se por ultrapassar a última fileira de observadores e segurando-lhe o braço. Empurrou-a para trás, sem desviar os olhos de Marick. O empurrão lançou-a contra a multidão, embatendo em Dug e Niklas e provocando um desabamento de corpos. – Parem! – gritou, esforçando-se por se erguer.

– Nenhum outro homem poderá ficar contigo – disse Gared. – Aceitar-me-ás ou acabarás uma velha engelhada e sozinha como Bruna! – Avançou para Marick, que voltara a pôr-se de pé.

Gared lançou um punho pesado sobre o Mensageiro, mas Marick voltou a ser mais rápido. Esquivou-se ao golpe, aplicando dois murros rápidos no corpo de Gared antes de retirar para fora do alcance da sua reacção atabalhoada.

Mas Gared não deu sinais de ter sentido os golpes. Repetiram a troca, com Marick a atingir Gared em cheio no nariz. Jorrou sangue e Gared riu-se, cuspendo-o.

– É o melhor que consegues? – perguntou.

Marick rosnou e avançou sobre ele, atingindo-o com uma sequência de murros. Gared não conseguiu responder e quase nem tentou, cerrando os dentes e suportando o ataque, com a face vermelha de fúria.

Após alguns momentos, Marick recuou, numa pose felina agressiva, com punhos erguidos e preparado. Tinha os nós dos dedos esfolados e a respiração era ofegante. Gared parecia pouco abalado. Pela primeira vez, havia medo nos olhos de lobo.

– É tudo o que tens? – perguntou Gared, voltando a avançar.

O Mensageiro voltou a carregar, mas, daquela vez, não foi tão rápido. Golpeou uma, duas vezes e os dedos grossos de Gared conseguiram segurá-lo pelo ombro. O Mensageiro tentou afastar-se, mas a mão do lenhador era firme.

Gared atingiu o estômago do Mensageiro com o punho, fazendo-o perder o fôlego. Repetiu o golpe na cabeça e Marick tombou como um saco de batatas.

– Já não és tão altivo, hã? – rugiu Gared. Marick pôs-se de gatas, tentando levantar-se, mas Gared pontapeou-o com força no estômago, fazendo-o cair de costas.

Leesha corria para eles quando Gared se ajoelhou sobre Marick, golpeando-o com toda a força.

– Leesha pertence-me! – bradou. – E quem disser o contrário irá...!

As suas palavras foram interrompidas quando Leesha lhe lançou aos olhos um punhado do pó cegante de Bruna. Tinha a boca aberta e inspirou por reflexo, gritando com a queimadura nos olhos e na garganta, a cavidade nasal em chamas e sentindo a pele queimar como se lhe tivessem lançado água a ferver. Saiu de cima de Marick, rebolando no chão, engasgando-se e levando as mãos à cara em desespero.

Leesha percebeu que usara demasiado pó. Uma pitada traria a maior parte dos homens, mas um punhado inteiro podia matar por asfixia.

Passou além dos que observavam o confronto, pegando num balde de água que Stefny usava para lavar batatas. Despejou-o sobre Gared e as convulsões acalmaram. Permaneceria cego durante horas, mas ela não ficaria com a sua morte na consciência.

– Os nossos votos foram anulados – disse-lhe. – Agora é para sempre. Nunca serei a tua mulher, nem que isso implique morrer engelhada e sozinha! Preferia casar com um nuclita!

Gared gemeu, não dando sinais de a ter ouvido.

Aproximou-se de Marick, ajoelhando-se e ajudando-o a sentar-se. Pegou num pano limpo e limpou-lhe o sangue da cara. Começava já a inchar e a ficar negra.

– Demos-lhe uma lição, hã? – disse o Mensageiro, com uma gargalhada débil e encolhendo-se com as dores provocadas pelo riso.

Leesha ensopou o pano com o álcool forte que Smitt destilava na cave.

– Aaaah! – gritou Marick, quando lhe tocou com ele.

– É merecido – disse-lhe Leesha. – Poderias ter-te afastado da luta e deverias tê-lo feito, quer tivesses hipóteses de vencer ou não. Não preciso da tua protecção e tem tantas hipóteses de receber o meu afecto um rufia como um homem que ache que começar uma zaragata lhe valerá a atenção de uma Herbanária.

– Foi ele que começou! – protestou Marick.

– Desilude-me, Mestre Marick – disse Leesha. – Pensei que os Mensageiros fossem mais inteligentes. – Marick baixou os olhos.

– Levem-no para o quarto na estalagem de Smitt – disse a alguns homens próximos e estes apressaram-se a obedecer-lhe. Era o que fazia a maioria das pessoas do Outeiro do Lenhador naqueles dias. – Se estiveres fora da cama amanhã de manhã – disse Leesha ao Mensageiro –, serei informada e ficarei ainda mais irritada contigo.

Marick sorriu-lhe debilmente enquanto os homens o amparavam.

– Foi fantástico! – exclamou Mairy, quando Leesha regressou para recolher o seu cesto de ervas.

– Não foi nada! Apenas estupidez que precisava de ser travada – replicou Leesha.

– Nada? – perguntou Mairy. – Dois homens debatendo-se como touros e precisaste apenas de lhes lançar um punhado de ervas para os deter!

– Magoar com ervas é fácil – disse Leesha, surpreendida pelas palavras de Bruna que lhe saíam dos lábios. – É curar com elas que é difícil.

*

Passava do sol alto quando Leesha terminou a ronda e regressou à cabana de Bruna.

– Que tal estão as crianças? – perguntou Bruna, enquanto Leesha pousava o cesto. Sorriu. Aos olhos de Bruna, todos os habitantes do Outeiro do Lenhador eram crianças.

– Não estão mal – disse, sentando-se num banco baixo junto à cadeira de Bruna para que a velha Herbanária pudesse vê-la com clareza. – Yon ainda sente dor nas

articulações, mas tem o espírito tão jovem como sempre. Dei-lhe unguento fresco. Smitt permanece acamado, mas a tosse vai acalmando. Acho que o pior já passou. – Prosseguiu, descrevendo a ronda; a anciã acenava afirmativamente em silêncio. Bruna interromperia se tivesse algo a comentar. Depois de todos aqueles anos, raramente tinha.

– É tudo? – perguntou. – E a comoção no mercado de que o jovem Keet me falou?

– Foi imbecilidade mais do que comoção – respondeu Leesha.

Bruna gesticulou, retirando importância à questão.

– Os rapazes serão sempre rapazes – disse. – Mesmo quando se tornam homens. Parece-me que lidaste bastante bem com o assunto.

– Bruna, quase se matavam um ao outro! – exclamou Leesha.

– Disparate! – considerou Bruna. – Não és a primeira rapariga bonita a ter homens a lutar por ela. Poderás não acreditar, mas, quando tinha a tua idade, também se partiram alguns ossos por minha conta.

– Nunca tiveste a minha idade – provocou Leesha. – Yon Grisalho diz que já te chamavam «bruxa velha» quando ainda aprendia a andar.

Bruna riu-se.

– E é verdade – disse. – Mas houve um tempo em que tinha o peito tão cheio e suave como o teu e os homens lutavam como nuclitas para o saborearem.

Leesha fitou Bruna com intensidade, tentando retirar-lhe as camadas acrescentadas pelo passar dos anos e ver a mulher que fora outrora, mas era uma tarefa impossível. Mesmo levando em conta todos os exageros e historietas, Bruna tinha, no mínimo, cem anos de idade. Nunca respondia com clareza a quem lhe perguntava pela idade, limitando-se a responder: «Deixei de contar aos cem.»

– Seja como for – prosseguiu Leesha –, Marick ficará com a cara inchada, mas nada o impedirá de voltar à estrada amanhã.

– Muito bem – considerou Bruna.

– Já tens cura para o jovem paciente de Mestra Jizell? – perguntou Leesha.

– Que lhe dirias para fazer ao rapaz? – replicou Bruna.

– Não sei – admitiu Leesha.

– Não sabes? – repetiu Bruna. – Não me parece. Vamos... Que dirias a Jizell para fazer se estivesses no meu lugar? Não finjas que não pensaste no assunto.

Leesha inspirou fundo.

– A raiz-negra deverá ter interagido mal com o organismo do rapaz – disse. – Não pode continuar a ser-lhe administrada. E os furúnculos precisarão de ser lancetados e drenados. Claro que isso não resolverá a doença original. A febre e a náusea poderão ser apenas febre, mas os olhos dilatados e o vômito sugerem algo mais. Tentaria folha-macaca com diadema-de-senhora e casca moída de vipereira, numa

mistura cuidadosamente macerada ao longo de uma semana, pelo menos.

Bruna olhou-a durante muito tempo, acabando por acenar afirmativamente.

– Arruma as tuas coisas e faz as tuas despedidas – disse-lhe. – Levarás esse conselho pessoalmente a Jizell.

CATORZE
A ESTRADA PARA ANGIERS
326 DR

Todas as tardes, sem falta, Erny percorria o caminho até à cabana de Bruna. O Outeiro tinha seis Guardadores, cada um com um aprendiz, mas Erny não confiava a segurança da sua filha a mais ninguém. O pequeno fabricante de papel era o melhor Guardador no Outeiro do Lenhador e todos o sabiam.

Frequentemente, trazia presentes obtidos pelos Mensageiros em paragens longínquas: livros, ervas e renda bordada à mão. Mas não eram os presentes que faziam Leesha ansiar pelas suas visitas. Dormia melhor, sabendo-se protegida pelas guardas fortes do pai e vê-lo feliz durante aqueles sete anos era melhor do que qualquer presente. Elona continuava a dar-lhe desgostos, claro, mas não com a intensidade de outros tempos.

Naquele dia, enquanto via o sol avançar no céu, Leesha deu consigo a rezear a visita do pai. Magoá-lo-ia profundamente.

E também a si própria. Erny era um poço de apoio e amor de que se socorria quando as coisas se tornavam demasiado difíceis de suportar. Que faria em Angiers sem ele? Sem Bruna? Alguém na cidade veria para além do seu avental com bolsos?

Mas, quaisquer que fossem os seus receios de solidão em Angiers, não eram nada perante o seu maior medo: que, depois de saborear o mundo, não quisesse voltar ao Outeiro do Lenhador.

Foi só quando viu o pai subindo o caminho que percebeu que chorara. Secou os olhos e esboçou-lhe o seu melhor sorriso, alisando nervosamente as saias.

– Leesha! – chamou o pai, abrindo os braços. Lançou-se entre eles com gratidão, sabendo que poderia ser a última vez que repetiriam aquele pequeno ritual.

– Está tudo bem? – perguntou Erny. – Ouvi dizer que houve sarilho no mercado.

Havia poucos segredos num lugar como o Outeiro do Lenhador.

– Está tudo bem – respondeu. – Tratei de tudo.

– Tratas de toda a gente por aqui, Leesha – disse Erny, intensificando o abraço. – Não sei o que faria sem ti. – Leesha começou a soluçar. – Vamos. Nada disso – disse-lhe Erny, limpando-lhe uma lágrima da face com o dedo indicador e sacudindo-o. – Seca as lágrimas e vai para dentro. Vou verificar as guardas e poderemos discutir o que te incomoda sobre uma malga do teu delicioso guisado.

Leesha sorriu.

– A mãe continua a queimar a comida? – perguntou.

– Nas ocasiões em que a comida não se mexe ainda dentro do prato – confirmou Erny. Leesha riu-se, permitindo que o pai verificasse as guardas enquanto punha a mesa.

– Vou para Angiers – disse, depois de levantadas as malgas. – Para estudar com uma das antigas aprendizas de Bruna.

Erny permaneceu em silêncio durante muito tempo.

– Compreendo – disse, por fim. – Quando?

– Assim que Marick partir – respondeu Leesha. – Amanhã.

Erny abanou a cabeça.

– Uma filha minha não passará uma semana na estrada sozinha com um Mensageiro – disse. – Alugo uma caravana. Será mais seguro.

– Serei cuidadosa com os demónios, pai – assegurou Leesha.

– Não são apenas os nuclitas que me preocupam – disse Erny, com convicção.

– Conseguirei lidar com o Mensageiro Marick – assegurou-lhe Leesha.

– Manter um homem afastado na noite escura não é o mesmo que travar uma rixa no mercado – disse Erny. – Não podes cegar um Mensageiro se esperares sobreviver à estrada. Peço-te apenas algumas semanas.

Leesha abanou a cabeça.

– Há uma criança que preciso de tratar imediatamente.

Erny fitou a velha, num confronto de olhares e vontades. Mas não existia vontade no Outeiro do Lenhador mais forte do que a de Bruna e Erny não tardou a sair derrotado.

Leesha acompanhou o pai à saída pouco depois. Não queria que a filha partisse. E ela não o queria deixar ir, mas o céu enchia-se de cores e seria necessário que apressasse o passo para chegar a casa em segurança.

– Durante quanto tempo ficarás? – perguntou Erny, apoiando-se sobre a divisória do alpendre e olhando em direcção a Angiers.

Leesha encolheu os ombros.

– Dependerá do que Mestra Jizell tiver para me ensinar e do que Vika, a aprendiz que envia para cá, tiver para aprender. Um par de anos, no mínimo.

– Suponho que, se Bruna conseguir viver esse tempo sem ti, eu também conseguirei – considerou Erny.

– Promete-me que lhe verificas as guardas durante a minha ausência – disse Leesha, tocando-lhe o braço.

– Claro – respondeu Erny, voltando-se para abraçá-la.

– Amo-te, pai – disse-lhe ela.

– E eu a ti, querida – tornou Erny, esmagando-a entre os braços. – Vejo-te de manhã – prometeu, antes de percorrer a estrada sob a ameaça da escuridão crescente.

– O teu pai tem razão – disse Bruna, quando Leesha reentrou.

– Em quê? – perguntou Leesha.

– Os Mensageiros são homens como quaisquer outros – alertou Bruna.
– Não tenho dúvidas quanto a isso – disse Leesha, recordando a luta no mercado.
– O jovem Mestre Marick poderá ser encantador e sorridente agora – disse Bruna – mas, assim que estiverem na estrada, levará a sua avante, independentemente dos teus desejos, e, quando chegarem à fortaleza da floresta, poucos acreditarão na palavra de uma rapariga, Herbanária ou não, contra o que disser um Mensageiro.

Leesha abanou a cabeça.

– Terá o que eu lhe der – disse. – E nada mais.

Bruna estreitou os olhos e resmungou, satisfeita por Leesha perceber o perigo.

*

Ouviu-se uma batida rápida na porta imediatamente após a primeira luz. Leesha abriu, deparando com a mãe, apesar de Elona não ter regressado à cabana desde que fora expulsa pela vassoura de Bruna. Tinha uma expressão alterada ao entrar.

Perto de chegar aos quarenta, Elona poderia ser ainda a mais bela mulher da aldeia se não fosse a filha. Mas ser o Outono, do Verão de Leesha, não a tornara humilde. Poderia curvar-se contrafeita perante Erny, mas mantinha o porte ducal para todos os outros.

– Não te basta roubar a minha filha e ainda tens de a enviar para longe? – perguntou.

– Bom dia também para ti, mãe – disse Leesha, fechando a porta.

– Mantém-te fora disto! – gritou Elona. – A bruxa deu-te a volta à cabeça.

Bruna riu-se sobre as papas. Leesha interpôs-se entre as duas, no momento em que Bruna afastava a malga meio cheia e limpava a boca com a manga para responder.

– Termina o pequeno-almoço – ordenou Leesha, voltando a empurrar a malga para junto ela. – Vou porque quero, mãe – explicou Leesha, virando-se para Elona. – E, quando regressar, trarei curas como o Outeiro do Lenhador não vê desde a juventude de Bruna.

– E quanto tempo levará? – quis saber Elona. – Já desperdiçaste os melhores anos do teu ventre com o nariz enfiado em livros poeirentos.

– Os melhores anos do meu... – gaguejou Leesha. – Mal passei dos vinte!

– Precisamente! – berrou Elona. – Deverias ter já três filhos, como o espantalho da tua amiga. Em vez disso, vejo-te a tirar crianças de todos os ventres da cidade menos do teu.

– Pelo menos foi suficientemente esperta para não o secar com chá de pómulo – murmurou Bruna.

Leesha voltou-se para ela.

– Disse-te para acabares as papas! – gritou. Os olhos de Bruna arregalaram-se.

Parecia pronta para retorquir. Ao invés, grunhiu e voltou a baixar os olhos para a malga.

– Não sou uma égua de criação, mãe – disse Leesha. – Há mais coisas na vida.

– O quê? – insistiu Elona. – O que pode ser mais importante?

– Não sei – respondeu Leesha, com sinceridade. – Mas saberei reconhecê-lo quando lá chegar.

– Até lá, deixas o Outeiro do Lenhador ao cuidado de uma rapariga que nunca conheceste e das mãos toscas de Darsy, que quase mataram Ande e uma dúzia de pacientes desde então.

– Será apenas por alguns anos – disse Leesha. – Chamaste-me imprestável durante toda a vida e agora queres convencer-me de que o Outeiro não sobreviverá uns anos sem mim?

– E se te acontecer alguma coisa? – perguntou Elona. – E se fores morta na estrada? Que faria eu?

– Que farias tu? – repetiu Leesha. – Durante sete anos, mal me dirigiste a palavra, além de insistires que perdoasse Gared. Já não sabes nada sobre mim, mãe. Não te preocupaste em saber. Por isso, não finjas que a minha morte seria uma grande perda. Se queres um filho de Gared no teu colo, terás de ser tu a gerá-lo.

Elona abriu muito os olhos e, tal como fizera durante a infância de Leesha, a sua resposta foi rápida.

– Proíbo-o! – gritou, elevando a mão aberta para a face de Leesha.

Mas Leesha já não era uma criança. Tinha o mesmo tamanho da mãe, era mais rápida e mais forte. Segurou o pulso de Elona e manteve-o preso.

– Os dias em que tinhas autoridade sobre mim passaram há muito, mãe – disse Leesha.

Elona tentou libertar-se, mas Leesha segurou-a com firmeza, apenas para mostrar que podia fazê-lo. Quando foi libertada, Elona esfregou o pulso com a outra mão e olhou a filha com desprezo.

– Voltarás um dia, Leesha – prometeu. – Ouve o que te digo! E será muito pior!

– Acho que está na altura de partires, mãe – disse Leesha, abrindo a porta no momento em que Marick erguia a mão para bater. Elona rosnou e passou por ele, caminhando com passos raivosos.

– As minhas desculpas pela interrupção – disse Marick. – Vim buscar a resposta de Mestra Bruna. Parto para Angiers a meio da manhã.

Leesha olhou-o. Tinha o maxilar enegrecido, mas a tez morena conseguia camuflá-lo bem e as ervas que lhe aplicara sobre o corte no lábio e sobre o olho tinham conseguido reduzir o inchaço.

– Pareces ter recuperado bem – disse-lhe.

– Os que recuperam depressa prosperam no meu ramo de actividade – replicou

Marick.

– Então vai buscar o teu cavalo – disse Leesha. – E regressa dentro de uma hora. Entregarei pessoalmente a resposta de Bruna.

Marick sorriu, obviamente agradado.

– É bom que vás – disse Bruna, quando, por fim, ficaram sozinhas. – O Outeiro do Lenhador já não te pode oferecer qualquer desafio e és demasiado jovem para estagnar.

– Se achaste que o que aconteceu não foi um desafio, não estavas atenta.

– Talvez tenha sido – disse Bruna. – Mas o resultado nunca esteve em causa. Tornaste-te demasiado forte para Elona.

“Forte,” pensou. “Foi isso que me tornei?” Não se sentia assim durante a maior parte do tempo, mas era verdade. Já nenhum dos habitantes do Outeiro do Lenhador conseguia amedrontá-la.

Reuniu os seus sacos, pequenos e parecendo pouco adequados, alguns vestidos e livros, algum dinheiro, a sua bolsa de ervas, uma esteira e comida. Deixou os seus objectos de estima, os presentes do pai e outras coisas com significado especial. Os Mensageiros viajavam com bagagem leve e Marick não reagiria bem se lhe colocasse demasiado peso sobre o cavalo. Bruna dissera que Jizell zelaria por ela durante a formação, mas, mesmo assim, parecia muito pouco para iniciar uma nova vida.

“Uma nova vida.” Mesmo que a ideia fosse preocupante, comportava também entusiasmo. Leesha lera todos os livros na colecção de Bruna, mas Jizell tinha muitos mais e as outras Herbanárias de Angiers, se pudessem ser convencidas a partilhar, teriam mais ainda.

Mas, à medida que a hora se aproximava, Leesha sentia-se perder o fôlego. Onde estava o pai? Não viria despedir-se dela?

– Está quase na hora – disse Bruna. Leesha olhou-a e percebeu que tinha os olhos húmidos. – Devemos despedir-nos – continuou Bruna. – É possível que não tenhamos outra oportunidade.

– Bruna, que dizes? – perguntou Leesha.

– Não te faças de tonta comigo, rapariga – replicou Bruna. – Sabes a que me refiro. Já vivi o dobro dos meus anos, mas não durarei para sempre.

– Bruna – disse Leesha. – Não preciso de ir...

– Argh ! – exclamou Bruna com um gesto da mão. – Aprendeste tudo o que posso ensinar-te. Que estes anos sejam o meu presente para ti. Vai. – Empurrou-a. – Vê e aprende tanto quanto conseguires.

Abriu os braços e Leesha deixou-se prender entre eles.

– Promete-me que cuidarás dos meus filhos quando eu partir. Podem ser estúpidos e caprichosos, mas há bondade neles quando a noite cai.

– Assim farei – prometeu Leesha. – E far-te-ei ter orgulho de mim.

– Não poderias fazer outra coisa – replicou a velha.

Leesha soluçou contra o xaile áspero de Bruna.

– Tenho medo, Bruna – disse.

– Serias uma tola se não tivesses – considerou Bruna. – Mas já vi uma boa parte do mundo e nunca vi nada com que não conseguisses lidar.

Marick percorreu o caminho com o cavalo pouco depois. O Mensageiro trazia uma lança nova na mão e o escudo guardado estava pendurado da sela. Não dava sinais de ter sido afectado pelo espancamento do dia anterior.

– Olá, Leesha! – chamou quando a viu. – Preparada para iniciar a aventura?

Aventura. A palavra cortou com a tristeza e o medo, arrepiando-a de emoção.

Marick levou-lhe os sacos, colocando-os sobre o seu elegante cavalo angierano quando Leesha se voltou para Bruna uma última vez.

– Sou demasiado velha para despedidas – disse Bruna. – Cuida de ti, rapariga.

A anciã colocou-lhe uma bolsa nas mãos e Leesha ouviu o tilintar de moeda milnesa, que valia uma fortuna em Angiers. Bruna voltou-se e entrou antes que Leesha pudesse protestar.

Guardou rapidamente a bolsa. Ver moeda de metal àquela distância de Miln era suficiente para tentar qualquer homem, até um Mensageiro. Caminharam de lados opostos do cavalo pelo caminho que conduzia à aldeia, de onde saía a estrada principal que conduzia a Angiers. Leesha chamou o pai quando passaram pela sua casa, mas não houve resposta. Elona viu-os passar e entrou, batendo com a porta atrás de si.

Leesha deixou cair a cabeça. Esperara ver o pai uma última vez. Pensou em todos os aldeãos que vira diariamente e lembrou-se de que não tivera tempo para se despedir deles adequadamente. As cartas que deixara com Bruna pareciam perfeitamente inadequadas.

Quando chegaram ao centro da aldeia, Leesha susteve a respiração. Ali estava o seu pai, esperando-a, e, atrás dele, ladeando a estrada, toda a restante aldeia. Aproximaram-se dela, um por um, quando passou, alguns beijando-a, outros colocando-lhe presentes nas mãos.

– Recorda-nos com agrado e regressa – disse Erny. Leesha abraçou-o, fechando os olhos com força para conter as lágrimas.

*

– Os outeiros adoram-te – referiu Marick quando atravessavam a floresta. O Outeiro do Lenhador estava já a horas de distância e as sombras do dia começavam a alongar-se. Leesha sentava-se à sua frente sobre a sela ampla e o cavalo parecia suportar bem o seu peso e o da bagagem.

– Há alturas – disse Leesha – em que eu própria acredito nisso.

– Porque não haverias de acreditar? – perguntou Marick. – Bela como a aurora e capaz de curar todos os males? Duvido que alguém conseguisse não te adorar.

Leesha riu-se.

– Bela como a aurora? – perguntou. – Procura o pobre Jogral que te vendeu essa frase e diz-lhe para não voltar a usá-la.

Marick riu-se, apertando mais os braços em seu redor.

– Sabes... – disse-lhe ao ouvido. – Nunca discutimos o meu pagamento por te escoltar.

– Tenho dinheiro – replicou Leesha, pensando no tempo que ficaria em Angiers.

– Eu também – riu-se Marick. – Não estou interessado em dinheiro.

– Então que pagamento tinha em mente, Mestre Marick? – perguntou Leesha. – É outra tentativa para conseguir um beijo?

Marick tornou a rir, com os olhos de lobo cintilando.

– Um beijo era o preço de te trazer a carta. Levar-te em segurança a Angiers será muito mais... caro. – Moveu as ancas atrás dela, tornando claro o que queria dizer.

– Sempre demasiado ambicioso – disse Leesha. – Por este andar, terás sorte se conseguires o beijo.

– Veremos – tornou Marick.

Acamparam pouco depois. Leesha preparou o jantar enquanto Marick distribuía as guardas. Quando o guisado ficou pronto, colocou uma pitada de ervas na malga de Marick antes de lha passar.

– Come depressa – disse Marick, aceitando a malga e enfiando na boca uma grande colherada. – Quererás entrar na tenda antes que os nuclitas se ergam. Vê-los de perto pode ser assustador.

Leesha olhou a tenda que Marick montara, percebendo que quase não era suficientemente grande para albergar um deles.

– É pequena – acrescentou o Mensageiro, piscando o olho. – Mas poderemos aquecer-nos um ao outro durante a noite fria.

– Estamos no Verão – recordou ela.

– E, no entanto, ainda sinto uma brisa gelada sempre que falas. – Marick riu-se. – Talvez consigamos encontrar uma forma de derreter esse gelo. Além disso – indicou o espaço além do círculo protector, onde formas nebulosas de nuclitas tinham começado a erguer-se –, não poderás fugir para muito longe.

Era mais forte do que ela e lutar era tão eficaz como as suas recusas verbais. Com os gritos dos nuclitas em redor, suportou os beijos e o toque de mãos ávidas e rudes. E, quando a sua virilidade falhou, confortou-o com palavras tranquilizadoras, oferecendo-lhe remédios de ervas e raízes que contribuiriam apenas para piorar a condição.

Por vezes, ele irritava-se e receava que pudesse bater-lhe. Noutras ocasiões, chorava porque, afinal, que tipo de homem não seria capaz de espalhar a sua semente? Leesha suportou tudo aquilo, pois a provação não era um preço demasiado elevado pela viagem até Angiers.

“Salvo-o de si próprio,” pensou, de cada vez que lhe drogava a comida, pois nenhum homem desejará tornar-se um violador. Mas a verdade era que não sentia grande remorso. Não sentia prazer em usar os seus conhecimentos para lhe quebrar o ímpeto, mas, no fundo, havia uma fria satisfação, como se todas as mulheres que a antecederam ao longo das eras, desde o primeiro homem que forçara uma mulher, a presentearassem com a sua silenciosa aprovação por tê-lo emasculado antes que ele lhe pudesse roubar a virgindade.

Os dias passaram-se lentamente e a disposição de Marick piorava com o peso do falhanço de cada noite. Na última noite, bebeu longos tragos do seu odre de vinho e pareceu preparado para sair do círculo e permitir que os demónios o devorassem. O alívio de Leesha foi quase palpável quando viu a fortaleza da floresta erguendo-se à sua frente acima das árvores. Olhou, espantada, as altas muralhas, com as suas guardas lacadas de aspecto sólido, suficientemente grandes para rodearem várias vezes o Outeiro do Lenhador.

As ruas de Angiers estavam cobertas de madeira para impedir que os demónios de erguessem no interior. Toda a cidade era um passadiço. Marick levou-a até ao centro e fê-la descer à porta do hospício de Jizell. Segurou-lhe o braço quando ela se preparava para entrar, apertando-a com força e magoando-a.

– O que aconteceu fora das muralhas – disse – ficará lá.

– Não direi a ninguém – prometeu Leesha.

– Que não o faças – tornou Marick. – Porque, se o fizeres, matar-te-ei.

– Juro – disse Leesha. – Palavra de Herbanária.

Marick grunhiu e libertou-a, puxando as rédeas do cavalo com força e afastando-se.

Um sorriso tomou conta dos lábios de Leesha enquanto reunia os seus pertences e se dirigia para o hospício.

QUINZE
UM VIOLINO POR UMA FORTUNA
325 DR

Havia fumo e fogo e uma mulher gritava sobre os guinchos dos nuclitas.

Amo-te!

Roger acordou de repente, com o coração acelerado. O dia nascera sobre as altas muralhas de Forte Angiers, com a luz suave penetrando entre as janelas fechadas. Segurou o talismã com firmeza na sua mão completa à medida que a luz aumentava, esperando que o coração serenasse. A pequena boneca, uma criação infantil de madeira e cordel coroadas com uma madeixa de cabelo ruivo, era tudo o que lhe restava da sua mãe.

Não recordava a sua cara, perdida no fumo, assim como não recordava grande coisa daquela noite, mas recordava as últimas palavras que lhe dirigira. Ouvia-as uma e outra vez nos seus sonhos.

Amo-te!

Fez deslizar o cabelo entre o polegar e o anelar da mão mutilada. Restava apenas uma cicatriz irregular no local dos seus dois primeiros dedos, mas, graças a ela, não perdera mais nada.

Amo-te!

O talismã era a guarda secreta de Roger, algo que não partilhava nem sequer com Arrick, que fora para ele como um pai. Ajudava-o a suportar as longas noites, quando a escuridão o rodeava por completo e os gritos dos nuclitas o faziam tremer de medo.

Mas o dia nascera e a luz voltava a fazê-lo sentir-se seguro. Beijou a minúscula boneca e devolveu-a ao bolso secreto que cosera ao cós das suas calças multicoloridas. Saber que lá estava fazia-o sentir-se corajoso. Tinha dez anos.

Erguendo-se do colchão de palha, esticou-se e cambaleou pelo pequeno quarto, bocejando. Perdeu o ânimo ao ver Arrick desmaiado sobre a mesa. O seu mestre deixara-se cair sobre uma garrafa vazia, segurando firmemente o gargalo como se pretendesse extrair-lhe as últimas gotas.

Ambos tinham os seus talismãs.

Roger aproximou-se e arrancou-lhe a garrafa dos dedos.

– Quem? Que foi? – perguntou Arrick, erguendo parcialmente a cabeça.

– Voltaste a adormecer à mesa – disse Roger.

– Ah. És tu, rapaz – grunhiu Arrick. – Pensei que fosse outra vez o maldito senhorio.

– A renda está muito atrasada – recordou Roger. – Combinámos que representaríamos na Praça Pequena esta manhã.

– A renda – resmungou Arrick. – Sempre a renda.

– Se não pagarmos hoje – recordou Roger – Mestre Keven prometeu que nos despejaria.

– É por isso que actuaremos – disse Arrick, erguendo-se. Perdeu o equilíbrio e tentou apoiar-se sobre a cadeira, mas conseguiu apenas arrastá-la consigo quando embateu no chão. Rojer correu em seu auxílio, mas Arrick afastou-o. – Estou bem! – gritou, como se desafiasse Rojer a discordar, enquanto se erguia de forma insegura. – Poderia dar uma cambalhota se quisesse! – disse, olhando para trás e conferindo se existia espaço suficiente. O seu olhar deixava claro que lamentava a afirmação.

– Devemos guardar isso para a actuação – apressou-se a dizer Rojer.

Arrick olhou-o.

– Talvez tenhas razão – concordou. Ambos se sentiram aliviados. – Tenho a garganta seca – disse Arrick. – Precisarei de uma bebida antes de cantar.

Rojer acenou afirmativamente, enchendo rapidamente uma caneca de madeira com um jarro de água.

– Não falava de água – disse Arrick. – Traz-me vinho – ordenou. Cambaleou até à sua bolsa, tropeçando e conseguindo equilibrar-se a custo. Rojer correu para o ajudar.

Arrick debateu-se com os cordões por um momento e, em seguida, ergueu a bolsa e bateu com ela sobre a madeira. O embate do tecido não provocou o ruído esperado e rosnou.

– Nem um klat! – gritou, frustrado, atirando a bolsa para longe. Fazê-lo desequilibrou-o e voltou-se, tentando endireitar-se e caindo ao chão com estrondo.

Quando Rojer se aproximou, estava já de gatas, mas vomitou, cobrindo o chão com vinho azedo. Cerrou as mãos e estremeceu. Rojer achou que vomitaria novamente, mas, após um momento, percebeu que o mestre soluçava.

– Nunca foi assim enquanto trabalhei para o Duque – gemeu. – Jorrava-me dinheiro dos bolsos nesse tempo.

“Apenas porque era o Duque a pagar-te o vinho,” pensou Rojer, sendo suficientemente sensato para guardar as palavras para si. Dizer a Arrick que bebia demasiado era a forma mais segura de o enfurecer.

Limpou-o e arrastou o homem pesado até ao seu colchão. Assim que perdeu os sentidos sobre a palha, Rojer trouxe um pano para limpar o chão. Não haveria actuação naquele dia.

Pensou se Mestre Keven os despejaria realmente e para onde iriam se o fizesse. A muralha guardada de Angiers era forte, mas havia buracos na rede superior e relatos da entrada de demónios do vento. Pensar em passar a noite na rua aterrorizou-o.

Contemplou as suas míseras posses, pensando se poderia vender alguma coisa. Arrick vendera o cavalo e o escudo guardado de Geral quando os tempos se tornaram difíceis, mas o círculo portátil do Mensageiro permanecia. Pagariam um

bom preço por ele, mas Rojer não se atreveria a vendê-lo. Arrick beberia e usaria o dinheiro para o jogo e ficariam sem nada que os protegesse quando acabassem a dormir na rua.

Também Rojer sentia saudades dos tempos em que Arrick trabalhava para o Duque. Era amado pelas pegas de Rhinebeck e estas trataram Rojer como se fosse o seu filho. Abraçando-o diariamente contra uma dúzia de peitos perfumados, oferecendo-lhe doces e ensinando-o a ajudá-las a pintar-se e a vestir-se. Arrick deixava-o frequentemente no bordel quando viajava aos povoados, levando proclamações do Duque a paragens distantes com a sua voz doce.

Mas o Duque não gostara de encontrar um rapaz aninhado na cama quando entrou nos aposentos da sua pega preferida certa noite, bêbado e excitado. Quis Rojer dali para fora, juntamente com Arrick. Rojer sabia que era por sua culpa que viviam naquela pobreza. Arrick, como os seus pais, sacrificara tudo para cuidar dele.

Mas, ao contrário do que sucedeu com os pais, Rojer poderia dar-lhe alguma coisa em troca.

*

Rojer correu tanto quanto pôde, esperando que a multidão ainda lá estivesse. Continuariam a acorrer a uma actuação anunciada de Doce-Canção, mas não esperariam para sempre.

Levava ao ombro o “saco de maravilhas” de Arrick. Tal como as roupas que vestiam, o saco era feito dos pedaços coloridos de tecido típicos dos jograis, desbotados e gastos. Continha os instrumentos da arte de um Jogral. Rojer aprendera a usá-los a todos, excepto as bolas de malabarista.

Os seus pés descalços e calejados embatiam contra as tábuas do chão. Rojer tinha botas e luvas a condizer com o traje, mas deixou-as para trás. Preferia sentir os dedos dos pés no piso e não as solas gastas das suas botas de Jogral com biqueira curva. E detestava as luvas.

Arrick enchera os dedos da luva direita com algodão para esconder os dedos que faltavam ao rapaz. Fio flexível ligava os dedos falsos aos restantes, fazendo-os dobrar ao mesmo tempo. Era um truque inteligente, mas Rojer envergonhava-se de cada vez que colocava a luva sobre a mão mutilada. Arrick insistia para que as usasse, mas o mestre não poderia bater-lhe por algo que desconhecia.

Um grupo irritado mantinha-se na Praça Pequena quando Rojer chegou. Talvez uma vintena de pessoas, algumas com crianças. Rojer recordava uma época em que o anúncio de uma aparição de Arrick Doce-Canção trazia centenas de pessoas de todos os recantos da cidade e também de lugarejos próximos. Cantava no templo do Criador ou no anfiteatro do Duque. Agora, a Praça Pequena era o máximo que a Associação lhe permitia e nem sequer conseguia enchê-la.

Mas qualquer dinheiro seria bem-vindo. Mesmo que uma dúzia deixasse a Rojer um klat cada, poderia garantir mais uma noite a Mestre Keven, desde que a Associação dos jograis não o apanhasse a actuar sem o seu mestre. Se o fizessem, a renda atrasada seria o menor dos seus problemas.

Com um assobio teatral, dançou entre o público, lançando punhados de sementes tingidas. Estas flutuavam e rodopiavam atrás de si, deixando um rasto garrido.

– O aprendiz de Arrick! – gritou alguém no público. – Doce-Canção virá afinal!

Houve aplausos e Rojer sentiu um aperto no estômago. Quis dizer a verdade, mas a primeira regra que Arrick lhe ensinara fora nunca dizer nada que pudesse quebrar a boa disposição de um público.

O palco da Praça Pequena tinha três níveis. As traseiras eram uma cavidade em madeira concebida para amplificar o som e para proteger os artistas do clima. Havia guardas inscritas na madeira, mas eram velhas e esbatidas. Rojer pensou se poderiam abrigá-lo e ao seu mestre caso fossem despejados naquela noite.

Subiu os degraus a correr, fazendo o pino sobre o palco e lançando o chapéu de donativos à frente do público com um gesto preciso do pulso.

Rojer aquecia sempre os públicos para o seu mestre e, durante alguns minutos, fez o que sempre fazia, dando cambalhotas, dizendo piadas, fazendo truques de magia e imitando personalidades importantes. Riso. Aplauso. Lentamente, a multidão começou a crescer. Trinta. Cinquenta. Mas mais e mais começaram a murmurar, aguardando com impaciência a aparição de Arrick Doce-Canção. O aperto no estômago de Rojer intensificou-se e tocou o talismã no seu bolso secreto, ansiando por forças.

Adiando o inevitável durante tanto tempo quanto seria possível, chamou as crianças à frente para contar a história do Regresso. Desempenhou bem o papel e alguns acenaram afirmativamente em sinal de aprovação. Mas havia desilusão em muitas caras. Não era habitualmente Arrick a interpretar a história? Não fora por isso que ali tinham vindo?

– Onde está Doce-Canção? – perguntou alguém ao fundo. Foi silenciado pelos vizinhos, mas as palavras permaneceram no ar. Quando Rojer terminou com as crianças, havia resmungos generalizados de descontentamento.

– Vim para ouvir uma canção! – disse o mesmo homem e, daquela vez, os outros manifestaram a sua concordância.

Rojer soube que não poderia fazer-lhes a vontade. A sua voz nunca fora forte e falhava sempre que mantinha uma nota durante mais do que dois fôlegos. O público tornar-se-ia agressivo se cantasse.

Procurou outra opção no saco de maravilhas, ignorando, envergonhado, as bolas de malabarista. Conseguia apanhar e lançar suficientemente bem com a mão direita mutilada, mas sem indicador para corrigir o movimento da bola e apenas com meia

mão para a amparar, os movimentos complexos entre as duas mãos exigidos pelo malabarismo ficavam além do seu alcance.

“Que tipo de Jogral não sabe cantar, nem fazer malabarismo?”, gritava Arrick, por vezes. Um Jogral medíocre. Rojer sabia qual era a resposta.

Era melhor com as facas, mas chamar pessoas do público para se colocarem contra a parede enquanto lhas lançava exigia uma licença especial da Associação. Arrick escolhia sempre uma rapariga de formas arredondadas para o ajudar e era frequente que ela acabasse na sua cama depois da actuação.

– Não me parece que venha – ouviu dizer o mesmo homem. Rojer amaldiçoou-o em silêncio.

Havia outros elementos do público a afastar-se. Alguns lançavam klats ao chapéu por piedade, mas, se Rojer não fizesse algo rapidamente, nunca teriam o suficiente para satisfazer Mestre Keven. Pousou os olhos no estojo do violino e ergueu-o prontamente, vendo que restavam apenas alguns curiosos. Retirou o arco e, como sempre, sentia o encaixe perfeito na mão mutilada. Os dedos em falta não eram necessários.

Assim que uniu o arco às cordas, a música encheu a praça. Alguns dos que se afastavam pararam para escutar, mas Rojer não lhes prestou atenção.

Não recordava grande coisa do seu pai, mas recordava com clareza a forma como Jessum aplaudira e rira enquanto Arrick tocava. Tocando, sentiu o amor do seu pai, como sentia o amor da sua mãe quando segurava o seu talismã. Seguro nesse amor, o medo eclipsou-se e deixou-se perder pelas carícias vibrantes das notas musicais.

Habitualmente, tocava apenas para acompanhar o canto de Arrick, mas, daquela vez, foi mais além, permitindo que a música ocupasse o espaço que Doce-Canção teria ocupado. Os dedos completos da mão esquerda moviam-se velozmente sobre os trastes e, em breve, o público começou a acompanhar o ritmo com aplausos, permitindo-lhe tecer a melodia em redor destes. Tocou cada vez mais rápido enquanto os aplausos aumentavam de intensidade, dançando pelo palco. Quando colocou o pé sobre um degrau e deu um mortal para trás sem falhar uma nota, o público delirou.

O som fê-lo despertar do transe e viu que a praça estava cheia com uma multidão de gente que o ouvia. Passara-se algum tempo desde a última vez que Arrick atraíra tamanha quantidade de gente! Rojer quase falhou uma nota, de tal forma estava espantado, e teve de cerrar os dentes, concentrando-se na música até que esta se tornasse novamente o seu mundo.

*

– Foi um bom desempenho – disse uma voz, congratulando Rojer quando ele contava as moedas de madeira lacada no chapéu. Quase trezentos klats! Keven não

os incomodaria durante um mês.

– Obrigado... – respondeu Rojer, mas perdeu a voz quando olhou para cima. Os mestres Jasin e Edum erguiam-se diante dele. Homens da Associação.

– Onde está o teu mestre, Rojer? – perguntou Edum, parecendo severo. Era um actor e mimo exímio e dizia-se que as suas peças atraíam públicos de locais tão distantes como Forte Rizon.

Rojer engoliu em seco, sentindo-se corar. Baixou o olhar, esperando que visse o seu medo e culpa como sendo vergonha.

– Eu... eu não sei – disse. – Devia estar aqui.

– Aposto que está outra vez bêbado – afirmou Jasin, num tom de desprezo. Também conhecido como Tom-Dourado, um nome que se dizia ter atribuído a si próprio, era um cantor de algum relevo, mas, mais importante do que isso, era o facto de ser sobrinho de Lorde Janson, o primeiro-ministro do Duque Rhinebeck, certificando-se de que todos o sabiam. – O velho Doce-Canção está conservado em álcool.

– É incrível que tenha conseguido manter a licença durante tanto tempo – disse Edum. – Ouvi dizer que se borrou a meio de uma actuação no mês passado.

– Não é verdade! – disse Rojer.

– No teu lugar, preocupar-me-ia mais comigo próprio, rapaz – disse Jasin, apontando a face de Rojer com um longo dedo. – Sabes qual é o castigo por angariar dinheiro com uma actuação sem licença?

Rojer empalideceu. Arrick poderia perder a licença por aquilo. Se a Associação levasse também o assunto ao magistrado, poderiam acabar os dois a cortar madeira com correntes nos tornozelos.

Edum riu-se.

– Não te preocupes – disse. – Desde que a Associação tenha o seu quinhão. – E apropriou-se de uma grande parte das moedas de madeira que Rojer conseguira. – Parece-me que poderemos esquecer o assunto.

Rojer sabia que o melhor era não protestar enquanto os homens dividiam a quantia ao meio e a guardavam nos bolsos. Pouco, ou nenhum, chegaria aos cofres da Associação dos jograis.

– Tens talento, rapaz – disse Jasin, quando se voltaram para partir. – Talvez devas considerar um mestre com maiores perspectivas. Procura-me se te cansares de limpar a imundície de Doce-Canção.

A desilusão de Rojer durou apenas até abanar o chapéu. Metade continuava a ser mais do que esperara conseguir. Apressou-se a regressar à estalagem, parando apenas por uma vez. Procurou Mestre Keven, vendo-lhe a face carregar-se como uma nuvem de tempestade ao aproximar-se.

– É melhor que não tenhas vindo implorar pelo teu mestre, rapaz – disse.

Roger abanou a cabeça, passando uma bolsa ao homem.

– O meu mestre manda dizer que há aqui o suficiente para dez dias.

A surpresa de Keven era evidente quanto ergueu a bolsa e ouviu o ruído satisfatório das moedas no interior. Hesitou por um momento e, em seguida, grunhiu e guardou a bolsa, encolhendo os ombros.

Arrick ainda dormia quando regressou. Roger sabia que o mestre nunca perceberia que o estalajadeiro tinha sido pago. Evitaria o homem com afínco e congratular-se-ia por chegar aos dez dias sem pagar.

Colocou as poucas moedas que restavam na bolsa de Arrick. Diria ao mestre que as encontrara soltas no saco de maravilhas. Era raro que tal sucedesse desde que o dinheiro começara a escassear, mas Arrick não questionaria a sua sorte depois de ver o que Roger comprara.

Colocou a garrafa de vinho ao lado de Arrick enquanto ele dormia.

*

Arrick acordou antes de Roger na manhã seguinte, retocando a maquilhagem num espelho de mão rachado. Não era jovem, mas ainda não era tão velho que a caixa de tintas de um Jogral não conseguisse rejuvenescê-lo. O seu cabelo longo e aclarado pelo sol continuava mais dourado do que grisalho e a barba castanha, escurecida com tinta, escondia a papada crescente abaixo do queixo. A tinta cobria-lhe a pele bronzeada tão bem que as rugas em redor dos olhos azuis se tornavam praticamente invisíveis.

– Tivemos sorte ontem à noite, meu rapaz – disse, contorcendo a face para ver como a tinta resistia. – Mas não conseguiremos evitar Keven para sempre. Aquele texugo peludo haverá de nos apanhar mais cedo ou mais tarde e, quando o fizer, preferiria... – Levou a mão à bolsa, retirando as moedas e lançando-as ao ar... – Seis klats ao todo. – As suas mãos moveram-se com demasiada rapidez para serem seguidas, recolhendo as moedas do ar e fazendo-as voltar a subir à sua frente. – Tens praticado o teu malabarismo, rapaz?

Antes que Roger pudesse abrir a boca e responder, Arrick atirou-lhe um dos klats. Roger estava preparado, mas isso não o impediu de sentir uma pontada de medo quando apanhou a moeda com a mão esquerda e a lançou ao ar. Mais moedas se seguiram em rápida sucessão e lutou para conseguir controlá-las enquanto as apanhava com a mão mutilada e as passava à outra para voltar a erguê-las.

Sentiu-se aterrorizado quando conseguiu pôr quatro moedas em movimento. Quando Arrick acrescentou uma quinta, Roger precisou de se mover freneticamente para conseguir mantê-las em movimento. Arrick achou melhor não lhe lançar a sexta e, ao invés, aguardou pacientemente. E, de forma previsível, Roger tombou ao chão, com as moedas caindo-lhe em cima logo a seguir.

Roger encolheu-se, antecipando a repreensão do mestre, mas Arrick limitou-se a suspirar profundamente.

– Calça as luvas – disse. – Precisamos de encher a bolsa.

O sorriso foi ainda mais doloroso do que um grito e uma palmada na orelha. A raiva significaria que Arrick esperava melhor. Um suspiro significava que o mestre desistira.

– Não – disse-lhe. A palavra saiu-lhe da boca antes que conseguisse detê-la, mas, sentindo-a a pairar no ar entre os dois, Roger percebeu que era justa, como era justo sentir o arco na mão mutilada.

O bigode de Arrick eriçou-se com o choque perante a audácia do rapaz.

– Refiro-me às luvas – clarificou Roger, vendo a expressão de Arrick passar da ira, à curiosidade. – Não quero voltar a usá-las. Odeio-as.

Arrick suspirou e abriu a garrafa de vinho, enchendo um copo.

– Não concordámos – disse, apontando Roger com a garrafa – que será menos provável que as pessoas te contratem se conhecerem a tua enfermidade? – perguntou.

– Nunca concordámos – respondeu Roger. – Apenas me mandaste usar as luvas.

Arrick riu-se.

– Detesto desiludir-te, rapaz, mas é assim que as coisas se processam entre mestres e aprendizes. Ninguém quer um Jogral aleijado.

– Então é isso tudo o que sou? – perguntou Roger. – Um aleijado?

– Claro que não – disse Arrick. – Não te trocaria por outro aprendiz em Angiers. Mas nem todos conseguirão ignorar as cicatrizes provocadas por um demónio para ver o homem além delas. Rotular-te-ão com algum nome trocista e descobrirás que se riem de ti e não contigo.

– Não me importo – disse Roger. – As luvas fazem-me sentir como se fosse uma fraude e a minha mão já está suficientemente limitada sem os dedos falsos para atrapalhar. Que importa que se riem se vierem e nos deixarem os seus klats?

Arrick olhou-o demoradamente, tocando com o dedo no copo.

– Deixa-me ver as luvas – disse, por fim.

Eram negras e chegavam-lhe a meio do antebraço. Tinham triângulos coloridos de tecido cosidos na abertura, de onde pendiam guizos. Roger atirou-as ao mestre com um esgar de desagrado.

Arrick apanhou-as, olhou-as por um breve momento e lançou-as pela janela, esfregando as mãos, como se tocar nas luvas as tivesse deixado sujas.

– Pega nas botas e vamos – disse, terminando de despejar o copo.

– As botas também não me agradam muito – atreveu-se Roger.

Arrick sorriu ao rapaz.

– Não abuses da sorte – advertiu, piscando o olho.

As normas da Associação permitiam aos jograis licenciados que actuassem em qualquer esquina, desde que não impedissem o tráfego ou perturbassem o comércio. Alguns vendedores contratavam-nos para atrair clientes às suas bancas, ou também poderiam ser contratados por casas de pasto e tabernas.

Os hábitos de Arrick deixavam de lado a maior parte das tabernas e isso fazia-os actuar na rua. O Jogral dormia até tarde e, quando acordava, os melhores pontos tinham já sido ocupados pelos restantes. O espaço que encontraram não foi ideal: um canto de uma rua secundária, distante dos principais fluxos de tráfego.

– Servirá – resmungou Arrick. – Chama o público enquanto preparo o local, rapaz.

Roger acenou afirmativamente e correu. Sempre que encontrava um aglomerado razoável de pessoas, dava cambalhotas ou caminhava sobre as mãos, com os guizos presos à roupa fazendo soar um convite.

– Espectáculo de Jogral! – gritou. – Venham assistir à actuação de Arrick Doce-Canção!

Entre as acrobacias e o peso que ainda tinha o nome do mestre, conseguiu atrair atenção. Alguns chegaram mesmo a segui-lo, aplaudindo e rindo do que fazia.

Um homem pregou uma cotovelada à mulher.

– Olha. É o rapaz aleijado da Praça Pequena!

– Tens a certeza? – perguntou.

– Olha a mão! – disse o homem.

Roger fingiu não ouvir, continuando em busca de público. Não tardou a conduzir o seu pequeno grupo de seguidores até ao mestre, vendo que Arrick fazia malabarismo com uma faca afiada, um cutelo, uma machada, um pequeno banco e uma flecha num ritmo descontraído, endereçando piadas a um grupo significativo que o rodeava.

– E aí vem o meu assistente – disse-lhes Arrick. – Roger Meia-Mão!

Roger corria já para a frente quando ouviu o nome. Que faria Arrick?

Era demasiado tarde para abrandar e, por isso, ergueu os braços e lançou-se para diante, rodopiando três vezes e erguendo-se à frente do seu mestre. Arrick pôs de lado a faca afiada da parafernália letal que girava no ar e lançou-a a Roger.

Preparado para a receber, Roger rodopiou, segurando com facilidade a faca romba e de peso cuidadosamente distribuído com a mão esquerda completa. Desenhado o círculo, esticou-se e lançou, fazendo a faca voar directamente para a cabeça de Arrick.

Também Arrick rodopiou, completando o círculo com a faca firmemente segura entre os dentes. O público aplaudiu e, enquanto a faca era reunida aos outros objectos no ar, uma chuva de klats caiu sobre o chapéu.

– Roger Meia-Mão! – gritou Arrick. – Com apenas dez anos e oito dedos, é mais

mortífero com uma faca do que qualquer homem adulto!

O público aplaudiu. Rojer ergueu a mão para que todos a vissem e ouviu-se um coro de expressões de espanto. O poder de sugestão de Arrick fez com que acreditassem que tinha apanhado e lançado a faca com a mão mutilada. Contariam o sucedido a outros e exagerariam o relato. Em vez de arriscar que Rojer fosse rotulado pelo público, Arrick encarregara-se de o fazer primeiro.

– Rojer Meia-Mão – murmurou, saboreando o nome na língua.

– Atenção! – gritou Arrick e Rojer voltou-se quando o mestre lhe lançou a flecha. Uniu as mãos, prendendo o projectil antes que este lhe atingisse a cara. Voltou a girar, ficando de costas para o público. Com a mão completa, lançou a flecha por baixo das pernas em direcção ao mestre, mas, quando completou o movimento, era a mão direita mutilada que estava estendida.

– Atenção! – repetiu.

Arrick fingiu medo, deixando cair os objectos que fazia rodopiar no ar, mas segurou o banco com as mãos a tempo de a flecha se cravar ao centro. Arrick estudou-o como se a sua sorte o espantasse. Moveu o pulso enquanto puxava a flecha e esta transformou-se num ramo de flores, que entregou à mulher mais bonita presente. Mais moedas no chapéu.

Vendo que o seu mestre passava à magia, Rojer correu para o saco de maravilhas, procurando os objectos de que Arrick necessitaria para os seus truques. Enquanto o fazia, ouviu-se um grito:

– Toca o violino! – pediu um homem, seguindo-se um burburinho generalizado em concordância. Rojer ergueu os olhos e viu o mesmo homem que chamara Doce-Canção de forma tão sonora no dia anterior.

– Apetece-vos música? – perguntou Arrick ao público, dirigindo-se ao saco e retirando o violino, segurando-o sob o queixo e voltando-se novamente para o público. Mas, antes que pudesse aproximar o arco das cordas, o homem voltou a gritar.

– Tu não! O rapaz! – berrou. – Deixa tocar Meia-Mão!

Arrick olhou Rojer, com uma máscara de irritação na face enquanto o público começava a entoar “Meia-Mão! Meia-Mão!”. Por fim, encolheu os ombros, passando o instrumento ao aprendiz.

Rojer recebeu o violino com mãos trémulas. “Nunca roubes protagonismo ao teu mestre” era uma regra de ouro entre os aprendizes. Mas o público pedia que tocasse e, novamente, o arco encaixava perfeitamente na mão mutilada, liberta da maldita luva. Fechou os olhos, sentindo a tensão das cordas sob as pontas dos dedos, fazendo-as entoar uma nota prolongada e baixa. O público serenou enquanto tocou durante alguns momentos, sem elevar as notas, dedilhando as cordas como se acariciasse um gato para o fazer ronronar.

O violino ganhou vida nas suas mãos nesse momento e conduziu-o como um parceiro de dança, iniciando um turbilhão musical. Esqueceu o público. Esqueceu Arrick. Sozinho com a sua música, explorou novas harmonias mantendo uma melodia constante, improvisando ao ritmo dos aplausos que pareciam ouvir-se do outro lado do mundo.

Não percebeu quanto tempo terá durado. Poderia ter permanecido naquele mundo para sempre, mas ouviu-se um guincho elevado e algo lhe chicoteou a mão. Abanou a cabeça para aclarar as ideias e olhou o público de olhos arregalados e silencioso.

– Partiu-se uma corda – disse, em voz baixa. Olhou o seu mestre, dominado pelo mesmo espanto do público. Arrick ergueu as mãos lentamente e começou a aplaudir.

O público depressa o imitou e o aplauso foi estrondoso.

*

– Vamos ficar ricos com esse violino, rapaz – disse Arrick, contando a receita. – Ricos!

– Suficientemente ricos para pagar o que deves à Associação? – perguntou uma voz.

Voltaram-se, vendo Mestre Jasin encostado à parede. Os seus dois aprendizes, Sali e Abrum, rondavam por perto. Sali cantava com uma voz cristalina de soprano tão bela como ela era feia. Arrick gracejava por vezes que, se usasse um elmo com chifres, o público a confundiria com um demónio da rocha. Abrum cantava com voz profunda de baixo que fazia vibrar o tabuado das ruas. Era alto e magro com mãos e pés gigantescos. Se Sali era um demónio da rocha, Abrum seria, certamente, um demónio da madeira.

Tal como Arrick, Mestre Jasin era contratenor, com uma voz rica e pura. Vestia roupas dispendiosas de fina lã azul e fio dourado, recusando os trajes multicoloridos usados pela maioria dos colegas de profissão. O longo cabelo negro e o bigode estavam oleados e meticulosamente penteados.

Jasin era um homem de altura média, mas isso não o tornava menos perigoso. Certa vez, apunhalara um Jogral no olho durante uma discussão motivada pela ocupação de determinada esquina. O magistrado considerou o gesto como sendo de autodefesa, mas o rumor na sala de aprendizes da Associação era outro.

– O pagamento das minhas dívidas à Associação não te diz respeito, Jasin – disse Arrick, despejando apressadamente as moedas no saco de maravilhas.

– O teu aprendiz pode ter salvado a actuação a que faltaste ontem, Doce-Canção, mas este violino não poderá salvar-vos sempre. – Enquanto falava, Abrum retirou o violino das mãos de Rojer e partiu-o sobre o joelho. – Mais cedo ou mais tarde, a Associação ficar-te-á com a licença.

– A Associação nunca abdicará de Arrick Doce-Canção – disse Arrick. – Mas,

mesmo que o fizessem, Jasin continuaria a ser conhecido como “Canção-de-Segunda”.

Jasin franziu a testa com desgosto, porque muitos membros da Associação usavam precisamente esse nome e o mestre costumava deixar-se enraivecêr sempre que o ouvia. Avançou para Arrick juntamente com Sali, que segurava o saco, tentando protegê-lo. Abrum encostou Rojer a uma parede, impedindo-o de socorrer o mestre.

Mas não era a primeira vez que precisavam de lutar para defender a receita de uma actuação. Rojer deixou-se escorregar pela parede abaixo, enrolando-se como uma mola e erguendo um pé para cima num pontapé. Abrum gritou com a voz habitualmente grave a adquirir um registo mais agudo.

– Pensei que o teu aprendiz fosse baixo e não soprano – disse Arrick. Quando Jasin e Sali olharam o seu companheiro, as mãos hábeis de Arrick mergulharam no saco de maravilhas, lançando ao ar um punhado de sementes flutuantes, fazendo-as rodopiar à sua frente.

Jasin projectou-se para diante, por entre a nuvem, mas Arrick deu um passo ao lado e fê-lo cair com facilidade, girando o saco com força e acertando na figura espaçosa de Sali em cheio no peito. Poderia ter conseguido manter-se de pé, mas Rojer estava posicionado, ajoelhado atrás dela. Caiu com estrondo e, antes que algum dos três conseguisse recuperar, Arrick e Rojer correram pela rua fora.

DEZASSEIS
LIGAÇÕES
323 – 325 DR

O telhado da biblioteca do Duque em Miln era um local mágico para Arlen. Num dia limpo, o mundo estendia-se a seus pés, um mundo que não estava delimitado por muralhas e guardas, espreado-se até ao infinito. Foi também o local onde Arlen olhou Mery, vendo-a verdadeiramente pela primeira vez.

O seu trabalho na biblioteca estava quase completo e não tardaria a regressar à oficina de Cob. Viu o sol movimentar-se sobre os picos nevados das montanhas e pôr-se sobre o vale em baixo, tentando memorizar para sempre essa visão e, quando se voltou para Mery, quis fazer o mesmo com ela. Tinha quinze anos e era mais bela do que as montanhas e a neve.

Mery fora a sua amiga mais próxima durante mais de um ano, mas Arlen nunca a vira como mais do que isso. Agora, vendo-a banhada pela luz do sol, com o vento gélido da montanha soprando-lhe o longo cabelo castanho da face, enquanto cruzava os braços sobre o peito para se proteger do frio, transformara-se subitamente numa jovem mulher, como ele era um jovem homem. O seu pulso acelerou ao notar a forma como a brisa fazia as suas saias esvoaçar, permitindo vislumbres da renda que se escondia por baixo.

Não disse nada enquanto dava um passo em frente, mas ela percebeu-lhe a expressão no olhar e sorriu.

– Finalmente – disse.

Arlen estendeu a mão, cuidadoso, e fez-lhe descer as costas da mão pela face. Ela inclinou-se para ele e Arlen saboreou-lhe o hálito doce quando a beijou. A princípio, foi um beijo suave, hesitante, mas tornou-se mais profundo quando percebeu que ela o retribuía, tornando-se algo com vida própria, algo faminto e apaixonado, algo que crescera dentro dele durante mais de um ano sem que o soubesse.

Algum tempo depois, os seus lábios afastaram-se com um ligeiro estalido e esboçaram sorrisos nervosos. Com os braços em redor um do outro, contemplaram Miln, partilhando o calor do seu jovem amor.

– Estás sempre a olhar o vale – disse Mery. Passou os dedos pelo cabelo dele e beijou-lhe a têmpora. – Diz-me com que sonhas, quando os teus olhos adquirem esse brilho distante.

Arlen permaneceu em silêncio por um momento.

– Sonho com a libertação do mundo dos nuclitas – disse.

Os pensamentos dela tinham tomado outro rumo e Mery riu-se da resposta inesperada. Não pretendia ser cruel, mas a gargalhada atingiu-o como um chicote.

– Achas-te o Libertador? – perguntou-lhe ela. – Como farás isso?

Arlen afastou-se dela ligeiramente, vulnerável.

– Não sei – admitiu. – Começarei por me tornar Mensageiro. Já poupei dinheiro suficiente para uma armadura e um cavalo.

Mery abanou a cabeça.

– Se nos casarmos, isso nunca poderá acontecer – disse.

– Vamos casar? – perguntou Arlen, surpreso pelo que ouviu e pelo súbito aperto na garganta.

– O que foi? Não sou suficientemente boa para casar contigo? – perguntou Mery, afastando-se e parecendo indignada.

– Não! Nunca disse... – gaguejou Arlen.

– Muito bem – disse ela. – O trabalho de Mensageiro pode trazer dinheiro e honra, mas é demasiado perigoso, sobretudo depois de termos filhos.

– Também vamos ter filhos? – desafiou Arlen.

Mery olhou-o como se fosse um idiota.

– Não. Não poderá ser – prosseguiu, ignorando-o enquanto ordenava as ideias. – Precisarás de ser um Guardador como Cob. Poderás lutar contra demónios, mas estarás seguro e junto de mim, em vez de percorrer alguma estrada infestada de nuclitas.

– Não quero ser um Guardador – disse Arlen. – Não passa de um meio para alcançar um fim.

– Que fim? – perguntou Mery. – Apodrecer numa estrada?

– Não – garantiu Arlen. – Isso não me acontecerá.

– Que ganharás como Mensageiro que não possas ganhar como Guardador?

– Fuga – disse Arlen, sem pensar.

Mery silenciou-se. Voltou a cabeça para evitar o seu olhar e, após alguns momentos, afastou o braço do dele. Permaneceu sentada em silêncio e Arlen percebeu que a tristeza a tornava ainda mais bela.

– Fuga de quê? – perguntou, por fim. – De mim?

Arlen olhou-a, preso de formas que apenas começava a compreender e a voz ficou-lhe engasgada na garganta. Seria tão mau ficar? Quais eram as hipóteses de encontrar outra rapariga como Mery?

Mas bastaria? Nunca quisera uma família. Traria ligações de que não precisava. Se quisesse casar e ter filhos, poderia ter ficado no Ribeiro de Tibbet com Renna. Pensou que Mery fosse diferente...

Arlen invocou a imagem que o animara durante os três anos anteriores, vendo-se a percorrer uma estrada, livre. Como sempre, o pensamento cresceu dentro dele até se voltar para olhar novamente Mery. A fantasia dispersou-se e conseguiu apenas pensar em voltar a beijá-la.

– Não de ti – disse, pegando-lhe nas mãos. – Nunca de ti. – Os seus lábios voltaram a encontrar-se e, durante algum tempo, não conseguiu pensar em mais nada.

– Tenho uma missão para o Horto Rijo – disse Ragen, referindo-se a um pequeno lugarejo agrícola a um dia de viagem de Forte Miln. – Gostarias de me acompanhar, Arlen?

– Ragen, não! – gritou Elissa.

Arlen lançou-lhe um olhar desesperado, mas Ragen segurou-o pelo braço antes que conseguisse falar.

– Arlen, permites-me um momento a sós com a minha esposa? – perguntou, delicadamente. Arlen limpou a boca e pediu licença para se afastar.

Ragen fechou a porta atrás dele, mas Arlen recusava-se a permitir que o seu destino fosse discutido sem a sua participação e dirigiu-se à cozinha, ouvindo a conversa pela porta dos criados. O cozinheiro olhou-o, mas Arlen devolveu-lhe o olhar e o homem não teceu quaisquer comentários.

– É demasiado jovem! – dizia Elissa.

– Lissa, será sempre demasiado jovem para ti – disse Ragen. – Arlen tem dezasseis anos e idade suficiente para fazer uma simples viagem de um dia.

– Estás a encorajá-lo!

– Sabes perfeitamente que não precisa de encorajamento meu – disse Ragen.

– Mas permites-lhe que faça o que deseja – ripostou Elissa. – Está mais seguro aqui!

– Estará suficientemente seguro comigo – disse Ragen. – Não será melhor que faça as suas primeiras viagens com alguém que possa orientá-lo?

– Preferiria que não fizesse as suas primeiras viagens de todo – disse-lhe Elissa, com amargura. – Se te preocupasses com ele, sentirias o mesmo.

– Noite, Lissa! Nem sequer veremos um demónio. Chegaremos ao Outeiro antes do anoitecer e partiremos depois de nascido o sol. Há gente comum a fazer a viagem constantemente.

– Não me importo – disse Elissa. – Não quero que vá.

– A escolha não é tua – recordou Ragen.

– Proíbo-o! – gritou Elissa.

– Não podes! – tornou Ragen. Arlen nunca o ouvira elevar-lhe a voz.

– Então tenta – rosnou Elissa. – Drogo-te os cavalos! Parto todas as lanças em duas! Atiro-te a armadura ao poço para que enferruje!

– Destrói as ferramentas que quiseses – disse Rager, com os dentes cerrados – e partirei de igual forma para o Horto Rijo amanhã. A pé, se for preciso.

– Deixo-te – disse Elissa, baixando a voz.

– O quê?

– Ouviste o que te disse – disse-lhe ela. – Leva Arlen contigo e partirei antes que regreses.

– Não podes falar a sério – disse Ragen.

– Nunca falei mais a sério na vida – disse Elissa. – Leva-o e eu parto.

Ragen permaneceu num silêncio prolongado.

– Olha, Lissa – disse, por fim. – Sei que te incomoda muito não teres conseguido engravidar...

– Não te atrevas a referir isso! – gritou ela.

– Arlen não é teu filho! – berrou Ragen. – Por mais que o abafes, nunca será! É nosso hóspede. Não é nosso filho!

– Claro que não é nosso filho – bradou Elissa. – Como poderia ser se andas pelo mundo fora nas tuas rondas sempre que passo por um ciclo?

– Sabias o que fazia quando casaste comigo – recordou Ragen.

– Eu sei – replicou Elissa. – E percebo que deveria ter dado ouvidos à minha mãe.

– Que quer isso dizer? – perguntou Ragen.

– Quer dizer que já não consigo fazer isto – disse Elissa, começando a chorar. – A espera constante. Pensar se regressarás ou não. As cicatrizes que dizes não terem importância. As orações para que das poucas vezes em que fazemos amor me permitam conceber enquanto ainda tenho idade. E agora isto! Sabia o que eras quando casámos – soluçou – e acreditei que conseguiria aprender a suportá-lo. Mas isto... Ragen, não consigo suportar a possibilidade de vos perder aos dois. Não consigo!

Uma mão pousou sobre o ombro de Arlen, sobressaltando-o. Margrit estava atrás dele, com expressão severa.

– Não devias ouvir isto – disse. E Arlen sentiu-se envergonhado pela falta de discrição. Estava prestes a afastar-se quando ouviu as palavras do Mensageiro.

– Muito bem – disse Ragen. – Direi a Arlen que não pode vir e deixarei de o encorajar.

– Deveras? – perguntou Elissa, continuando a soluçar.

– Prometo – disse Ragen. – E quando regressar do Horto Rijo – acrescentou –, ficarei em casa durante alguns meses e manter-te-ei de tal forma fertilizada que alguma semente terá de germinar.

– Oh, Ragen! – Elissa ria-se e Arlen ouviu-a cair-lhe nos braços.

– Tens razão – disse a Margrit. – Não devia ter ouvido isto. – Engoliu o nó furioso na garganta. – Mas eles não tinham o direito de o discutir.

Foi para o quarto e começou a reunir os seus pertences. Seria melhor dormir num colchão de palha dura na oficina de Cob, do que numa cama macia que lhe custava o direito de decidir o próprio futuro.

Durante meses, Arlen evitou Ragen e Elissa. Vinham visitá-lo com frequência à oficina de Cob, mas ele não estava presente. Enviavam criados com convites, mas os resultados eram os mesmos.

Sem poder usar o estábulo de Ragen, Arlen comprou um cavalo e praticou equitação pelos campos no exterior da cidade. Mery e Jaik acompanhavam-no com frequência, sentindo-se os três cada vez mais próximos. Mery não via o treino com bons olhos, mas ainda eram jovens e a simples alegria de galopar um cavalo pelos campos afastava outros sentimentos.

Arlen trabalhava com autonomia crescente na oficina de Cob, ocupando-se de tarefas e de novos clientes sem supervisão. O seu nome tornou-se conhecido no círculo dos Guardadores e o lucro de Cob aumentou. Contratou criados e recebeu mais aprendizes, permitindo a Arlen ocupar-se da maior parte da sua formação.

No final de quase todas as tardes, Arlen e Mery passeavam juntos, observando as cores no céu. Os seus beijos tornaram-se mais famintos, ambos querendo mais, mas Mery afastava-se sempre antes de chegar demasiado longe.

– Acabarás o aprendizado dentro de um ano – dizia frequentemente. – Podemos casar no dia seguinte, se quiseres, e poderás possuir-me todas as noites daí em diante.

*

Numa manhã em que Cob estava fora da oficina, Elissa fez uma visita. Arlen estava ocupado a falar com um cliente e não notou a sua presença até ser demasiado tarde.

– Olá, Arlen – disse, quando o cliente partiu.

– Olá, Senhora Elissa – replicou.

– Não há necessidade de ser tão formal – disse Elissa.

– Acho que a informalidade confundiu a natureza da nossa relação – respondeu Arlen. – Não quero repetir o erro.

– Já pedi desculpa uma e outra vez, Arlen – disse Elissa. – De que precisas para me perdoar?

– De sinceridade – disse Arlen. Os dois aprendizes na bancada de trabalho entreolharam-se e, em seguida, levantaram-se ao mesmo tempo e saíram.

Elissa não lhes prestou atenção.

– Sempre fui sincera – disse.

– Não é verdade – tornou Arlen, pegando em alguns livros espalhados sobre o balcão e arrumando-os. – Lamentas que tenha ouvido a conversa e que me tenha sentido ofendido. Lamentas que tenha partido. Apenas não lamentas o que fizeste, obrigando Ragen a recusar levar-me consigo.

– É uma viagem perigosa – disse Elissa, com cautela.

Arlen deixou cair os livros e olhou Elissa nos olhos pela primeira vez.

– Fiz a viagem uma dúzia de vezes nos últimos seis meses – disse.

– Arlen! – exclamou Elissa.

– Também já estive nas Minas do Duque – prosseguiu Arlen. – E nas Pedreiras do Sul. Em todos os locais que se situam a um dia de distância da cidade. Fiz as minhas rondas e a Associação dos Mensageiros tem-me cortejado desde que apresentei a candidatura, levando-me onde quisesse ir. Não conseguiste nada. Não serei aprisionado, Elissa. Nem por ti nem por ninguém.

– Nunca te quis aprisionar, Arlen. Apenas proteger-te – disse Elissa, em voz baixa.

– Nunca te coube fazê-lo – considerou Arlen, voltando novamente a atenção para o trabalho.

– Talvez não – suspirou Elissa. – Mas apenas o fiz por me preocupar. Porque te amo.

Arlen parou, recusando-se a olhá-la.

– Seria assim tão mau, Arlen? – perguntou Elissa. – Cob não é jovem e ama-te como a um filho. Seria uma maldição tão grande ficar com esta oficina e casar com a rapariga bonita com quem te vi?

Arlen abanou a cabeça.

– Não serei um Guardador. Nunca.

– E quando te retirares? Como Cob?

– Morrerei antes disso – respondeu.

– Arlen! Que coisa terrível para se dizer.

– Porquê? – quis saber Arlen. – É a verdade. Nenhum Mensageiro que continue a trabalhar morre de velho.

– Mas, se sabes que te matará, porque queres fazê-lo? – perguntou Elissa.

– Porque prefiro viver poucos anos sabendo que estou livre do que passar décadas numa prisão.

– Miln dificilmente será uma prisão, Arlen – afirmou Elissa.

– É – insistiu. – Convencemo-nos de que é o mundo, mas não é. Dizemos a nós próprios que não há nada lá fora que não tenhamos aqui dentro, mas é mentira. Porque julgas que Ragen trabalha como Mensageiro? Tem mais dinheiro do que conseguirá gastar.

– Ragen está ao serviço do Duque. Tem o dever de fazer o seu trabalho porque mais ninguém poderá fazê-lo.

Arlen respondeu com um esgar de desprezo.

– Há outros Mensageiros, Elissa, e Ragen olha o Duque como se olhasse um insecto. Não o faz por lealdade ou honra. Fá-lo porque conhece a verdade.

– Qual verdade?

– Que há mais coisas lá fora do que o que existe aqui – respondeu Arlen.
– Estou grávida, Arlen – disse Elissa. – Acreditas que Ragen encontrará algo assim noutra sítio?

Arlen hesitou.

– Parabéns – disse, por fim. – Sei que o desejavas muito.

– É tudo o que tens a dizer?

– E suponho que esperarás que Ragen se retire. Um pai não poderá correr riscos, não é?

– Há outras formas de combater demónios, Arlen. Cada nascimento é uma vitória sobre eles.

– Falas como o meu pai – disse Arlen.

Elissa arregalou os olhos. Desde que o conheceu, Arlen nunca falara dos pais.

– Parece ser um homem sensato – disse, baixando a voz.

Não deveria tê-lo dito. Percebeu-o de imediato. A expressão de Arlen endureceu, tornando-se algo que nunca antes vira. Algo assustador.

– Não era sensato! – gritou, atirando ao chão uma caneca contendo pincéis. Estilhaçou-se, lançando gotículas de tintas várias em redor. – Era um cobarde! Deixou a minha mãe morrer! Deixou-a morrer... – A expressão transformou-se num esgar angustiado e cambaleou, cerrando os punhos. Elissa correu para ele, não sabendo o que fazer ou dizer, sabendo apenas que queria abraçá-lo. – Deixou-a morrer por recear a noite – sussurrou Arlen. Tentou resistir quando os braços dela o rodearam, mas ela segurou-o com força enquanto chorava.

Abraçou-o durante muito tempo, acariciando-lhe o cabelo. Por fim, sussurrou:

– Vem para casa, Arlen.

*

Arlen passou o último ano do seu aprendizado vivendo com Ragen e Elissa, mas a natureza do seu relacionamento mudara. Tornara-se um homem independente e nem sequer Elissa tentava lutar contra isso. Para sua surpresa, a rendição acabou por resultar numa aproximação. Arlen cuidava dela à medida que o seu ventre crescia e coordenava as suas viagens com as de Ragen de forma a nunca a deixarem sozinha.

Arlen passou também muito tempo com a parteira Herbanária de Elissa. Ragen dissera que um Mensageiro precisaria de conhecer algo da arte das Herbanárias e isso levou-o a procurar para a mulher plantas e raízes que cresciam além das muralhas da cidade e ela, em troca, ensinou-lhe os fundamentos do seu ofício.

Ragen permaneceu próximo de Miln nesses meses e, quando nasceu a filha, Marya, arrumou de vez a lança. Passou uma noite inteira bebendo e trocando brindes com Cob.

Arlen sentou-se com eles, mas não parou de olhar o seu copo, perdido em

pensamentos.

*

– Deveríamos fazer planos – disse Mery numa noite, enquanto Arlen a acompanhava a casa do pai.

– Planos? – perguntou Arlen.

– Para o casamento, seu ganso – clarificou Mery, rindo-se. – O meu pai não me deixará casar com um aprendiz, mas nada o entusiasmará mais do que se fores um Guardador.

– Mensageiro – corrigiu Arlen.

Mery olhou-o longamente.

– Chegou a altura de pores as viagens de lado, Arlen – disse. – Serás pai em breve.

– Que tem isso a ver com o assunto? – perguntou. – Há muitos Mensageiros que são pais.

– Não casarei com um Mensageiro – disse Mery, secamente. – Sabes isso. Sempre soubeste.

– Tal como tu sempre soubeste o que sou – replicou Arlen. – E, no entanto, aqui estás.

– Pensei que conseguisses mudar – disse-lhe Mery. – Pensei que pudesses escapar a essa ilusão de que estás aprisionado, de alguma forma, de que precisas de arriscar a vida para seres livre. Pensei que me amasses!

– E amo – afirmou Arlen.

– Mas não o suficiente para abdicar disto – disse. Arlen permaneceu em silêncio.

– Como podes amar-me e continuar a fazer o mesmo? – perguntou Mery.

– Ragen ama Elissa – respondeu Arlen. – As duas coisas são compatíveis.

– Elissa odeia o que Ragen faz – contrapôs Mery. – Tu próprio o disseste.

– E, no entanto, estão casados há quinze anos – disse Arlen.

– É a isso que desejas condenar-me? – perguntou Mery. – A passar noites sozinha e acordada, sem saber se regressarás? A pensar se estarás morto ou se terás conhecido alguma devassa noutra cidade?

– Isso não acontecerá – disse Arlen.

– É tão certo como o núcleo que não acontecerá – disse Mery, com lágrimas começando a cair-lhe pela face. – Não o permitirei. Acabou.

– Mery, por favor – disse Arlen, estendendo-lhe a mão, mas ela esquivou-se ao seu toque.

– Não temos mais nada a dizer um ao outro. – Voltou-se e correu para casa do pai.

Arlen permaneceu onde estava durante muito tempo, olhando-a. As sombras

alongaram-se e o sol caiu abaixo do horizonte, mas, mesmo assim, deixou-se ficar, mesmo quando soou o último toque. Arrastou as botas sobre a rua empedrada, desejando que os nuclitas pudessem elevar-se através da pedra trabalhada e devorá-lo.

*

– Arlen! Criador, que fazes aqui?! – gritou Elissa, correndo para ele quando entrou na mansão. – Quando o sol se pôs, pensámos que tivesses ficado com Cob!

– Precisava de tempo para pensar – murmurou.

– Na rua depois do anoitecer?!

Arlen encolheu os ombros.

– A cidade está guardada. Não há nuclitas por aqui.

Elissa abriu a boca para falar, mas notou o seu olhar e a reprimenda morreu-lhe nos lábios.

– Arlen, o que aconteceu? – perguntou, baixando a voz.

– Disse a Mery o mesmo que te disse a ti – disse Arlen, sorrindo, dormente. – Não reagiu tão bem.

– Não me lembro de ter reagido bem – respondeu Elissa.

– Então perceberás onde quero chegar – continuou Arlen, subindo a escadaria. Dirigiu-se para o seu quarto e abriu a janela, inspirando o ar frio da noite e olhando a escuridão.

Quando a manhã chegou, foi ver Mestre Malcum.

Marya chorou antes do amanhecer, mas o som trouxe alívio em vez de irritação. Elissa ouvira histórias de crianças que morriam durante a noite e tal pensamento encheu-a de tamanho terror que a criança lhe tinha de ser arrancada aos braços quando a noite se aproximava e os seus sonhos eram de uma ansiedade dolorosa.

Lançou os pés para fora da cama e enfiou-os nos chinelos enquanto libertava um seio para amamentar. Marya mordeu o mamilo com força, mas até a dor foi bem-vinda, um sinal de força da sua amada filha.

– Assim mesmo, minha luz – disse-lhe. – Bebe e cresce forte.

Caminhou lentamente enquanto a criança se alimentava, receando já o momento seguinte de separação. Ragen ressonava com afínco na cama. Após poucas semanas de aposentação, começava a dormir melhor, os seus pesadelos eram menos frequentes e tanto Elissa como Marya conseguiam manter-lhe os dias preenchidos para que não sentisse o apelo da estrada.

Quando Marya se saciou finalmente, arrotou com agrado e adormeceu. Elissa beijou-a e devolveu-a ao berço, caminhando até à porta. Margrit esperava, como sempre fazia.

– Bom dia, Mãe Elissa – disse a mulher. O título e o afecto genuíno com que foi

dito encheram Elissa de alegria. Mesmo que Margrit fosse sua serva, nunca tinham sido iguais da forma que mais contava em Miln. – Ouvi o choro da pequena – continuou Margrit. – É forte.

– Preciso de sair – disse Elissa. – Prepara-me um banho, por favor, e também o vestido azul e a capa de arminho. – A criada respondeu com um aceno afirmativo e Elissa regressou para junto da filha. Depois de banhada e vestida, passou com relutância a criança a Margrit e saiu para a cidade antes que o marido acordasse. Ragen repreendê-la-ia por se intrometer, mas Elissa sabia que Arlen se equilibrava num precipício e não o deixaria cair sem lutar.

Olhou em redor, receando que Arlen a visse entrar na biblioteca. Não encontrou Mery em nenhuma das celas ou entre as estantes, mas não a surpreendeu. Como sucedia com muitas das coisas que lhe eram pessoais, Arlen não falava com frequência de Mery, mas Elissa ouvia atentamente quando o fazia. Sabia que havia um local que lhes era especial e sabia que a rapariga se sentiria motivada a visitá-lo.

Encontrou Mery chorando no telhado.

– Mãe Elissa! – exclamou Mery, enxugando apressadamente as lágrimas. – Assustou-me!

– Perdoa-me, querida – disse Elissa, aproximando-se. – Se quiseses que vá, fá-lo-ei, mas achei que talvez precisasses de alguém com quem conversar.

– Arlen enviou-a? – perguntou.

– Não – replicou Elissa. – Mas vi como estava desgostoso e soube que deveria ser igualmente difícil para ti.

– Estava desgostoso? – soluçou Mery.

– Deambulou pelas ruas durante horas depois do anoitecer – disse Elissa. – Preocupou-me.

Mery abanou a cabeça.

– Determinado em encontrar a morte – murmurou.

– Penso que será precisamente o oposto – disse Elissa. – Penso que tenta desesperadamente sentir-se vivo. – Mery fitou-a com curiosidade enquanto ela se sentava ao lado da rapariga. – Durante anos – continuou –, não consegui compreender porque o meu marido sentia a necessidade de se afastar tanto de casa, enfrentando nuclitas e arriscando a vida por encomendas e cartas. Ganhou dinheiro suficiente para nos assegurar duas vidas de luxo. Porquê insistir? As pessoas descrevem os Mensageiros usando palavras como “dever”, “honra” e “sacrifício”. Convencem-se de que é por isso que fazem o que fazem.

– Não é? – perguntou Mery.

– Durante algum tempo, pensei que sim – respondeu Elissa. – Mas vejo agora as coisas com maior clareza. Há momentos na vida em que nos sentimos tão cheios de vida que, quando esses momentos passam, nos sentimos... diminuídos. Quando

sucede, faremos quase qualquer coisa para voltarmos a sentir o mesmo.

– Nunca me senti diminuída – disse Mery.

– Eu também não – replicou Elissa. – Até engravidar. Subitamente, tornei-me responsável por uma vida dentro de mim. Tudo o que comia, tudo o que fazia a afectava. Esperei tanto tempo que me senti aterrorizada pela possibilidade de perder a criança, como sucede a muitas mulheres da minha idade.

– Não é velha – protestou Mery. Elissa limitou-se a sorrir.

– Conseguia sentir a vida de Marya pulsando dentro de mim – prosseguiu Elissa. – E a minha pulsando em harmonia. Nunca senti algo assim. Aproximo-a de mim com avidez, mas essa ligação não voltará a ser a mesma.

– Que tem isso a ver com Arlen? – perguntou Mery.

– É assim que os Mensageiros se sentem quando viajam – disse Elissa. – Para Ragen, penso que terá sido o risco de perder a vida que lhe fez notar como é preciosa, fazendo nascer nele um instinto que nunca lhe permitiria morrer. Para Arlen é diferente. Os nuclitas roubaram-lhe muito, Mery. E culpa-se por isso. Creio que, lá no fundo, se odeia. Culpa os nuclitas por o fazerem sentir-se dessa forma e apenas desafiando-os conseguirá conquistar a sua paz.

– Oh, Arlen – murmurou Mery, com lágrimas a escorrer-lhe novamente pela face.

Elissa estendeu a mão e tocou-lhe a cara.

– Mas ama-te – disse. – Ouço-o quando fala de ti. Penso que, por vezes, quando está ocupado a amar-te, se esquece de se odiar a si próprio.

– Como conseguiu, Mãe? – perguntou Mery. – Como conseguiu suportar tantos anos casada com um Mensageiro?

Elissa suspirou.

– Porque Ragen é bondoso e forte ao mesmo tempo e por saber como é raro um homem com estas qualidades. Porque nunca duvidei do seu amor por mim e nunca duvidei de que regressaria. Mas, acima de tudo, porque os momentos que passei com ele compensaram os momentos de separação. – Rodeou Mery com os braços, abraçando a rapariga com força. – Dá-lhe algo por que possa regressar, Mery, e penso que Arlen aprenderá que, afinal, a sua vida tem algum valor.

– Mas não quero que vá – disse Mery, em voz baixa.

– Eu sei – concordou Elissa. – Eu também não. Mas acredito que não o amarei menos se partir.

Mery suspirou.

– Nem eu – disse.

*

Arlen aguardava nessa manhã, quando Jaik partiu para o moinho. Levava o cavalo consigo, um baio de crina preta chamado Corredor da Aurora e tinha a armadura

posta.

– O que é isto? – perguntou Jaik. – Vais para o Horto Rijo?

– E mais além – respondeu Arlen. – Fui incumbido de levar uma mensagem da Associação a Lakton.

– Lakton!? – Jaik ficou boquiaberto. – Levarás semanas a lá chegar!

– Poderias vir comigo – propôs Arlen.

– O quê? – perguntou Jaik.

– Como meu Jegral – respondeu Arlen.

– Arlen, não estou preparado para... – começou Jaik.

– Cob diz que a melhor forma de aprender as coisas é fazendo-as – interrompeu Arlen. – Vem comigo e aprenderemos juntos! Queres trabalhar no moinho para sempre?

Jaik baixou o olhar para o empedrado da rua.

– O trabalho de moleiro não é assim tão mau – disse, mudando o peso de um pé para o outro.

Arlen olhou-o durante um momento e acenou com a cabeça.

– Cuida de ti, Jaik – disse, montando o Corredor da Aurora.

– Quando regressarás? – perguntou-lhe.

Arlen encolheu os ombros.

– Não sei – disse, olhando os portões da cidade. – Talvez não regresse.

*

Elissa e Mery dirigiram-se para a mansão, mais tarde nessa manhã, para aguardar o regresso de Arlen.

– Não cedas demasiado rápido – recomendou Elissa ao caminhar. – Não querem abdicar de todo o poder. Fá-lo lutar por ti ou nunca compreenderá o teu valor.

– Acha que compreenderá? – perguntou Mery.

– Oh – disse Elissa, sorrindo. – Sei que o fará. Viste Arlen esta manhã? – perguntou Elissa a Margrit quando chegaram.

– Sim, Mãe – replicou a criada. – Há algumas horas. Passou algum tempo com Marya e saiu, transportando um saco.

– Um saco? – repetiu Elissa.

Margrit encolheu os ombros.

– Talvez fosse a caminho do Horto Rijo.

Elissa acenou afirmativamente, não se surpreendendo por Arlen ter escolhido deixar a cidade por alguns dias.

– Não voltará até depois de amanhã pelo menos – disse a Mery. – Vem ver o bebé antes de ires.

Subiram a escadaria. Elissa aproximou-se do berço com palavras doces, ansiosa

por pegar na filha, mas estacou ao ver o papel dobrado e parcialmente preso por baixo da criança.

Com mãos trêmulas, ergueu-o e leu em voz alta:

«Caros Elissa e Ragen,

Aceitei missão a Lakton da Associação dos Mensageiros. Quando lerem isto, estarei na estrada. Lamento não ter conseguido ser o que todos queriam.

Obrigado por tudo. Nunca vos esquecerei.

Arlen»

– Não! – gritou Mery. Voltou-se e saiu do quarto a correr, corria ainda quando deixou a mansão para trás.

– Ragen! – gritou Elissa. – Ragen!

O marido correu ao seu encontro e abanou a cabeça tristemente enquanto lia a mensagem.

– Sempre a fugir dos problemas – murmurou.

– E então? – perguntou-lhe Elissa.

– Então o quê? – tornou Ragen.

– Vai procurá-lo! – berrou Elissa. – Trá-lo de volta!

Ragen olhou a mulher com severidade e conseguiram discutir sem proferir uma palavra. Elissa sabia desde o início que seria uma batalha perdida e depressa baixou os olhos.

– Demasiado cedo – sussurrou. – Porque não esperou mais um dia? – Ragen abraçou-a quando começou a chorar.

*

– Arlen! – gritou Mery enquanto corria. Abdicando de toda a aparência de calma, de toda a vontade de se mostrar dura, de forçar Arlen a lutar por ela. Tudo o que queria era alcançá-lo antes que partisse e dizer-lhe que o amava e que continuaria a amá-lo independentemente do que decidisse fazer.

Chegou aos portões em tempo recorde, ofegante e exausta, mas era demasiado tarde. Os guardas disseram-lhe que partira horas antes.

Mery soube no seu coração que não regressaria. Se o quisesse, teria de o perseguir. Sabia montar. Podia pedir um cavalo a Ragen e cavalgar no seu encalço. Pararia certamente no Horto Rijo para se abrigar durante a primeira noite. Se não perdesse tempo, conseguiria chegar lá.

Correu de volta à mansão, com o terror da perda dando-lhe forças redobradas.

– Foi-se! – gritou a Elissa e a Ragen. – Preciso de um cavalo!

Ragen abanou a cabeça.

– Já passa do meio-dia. Nunca chegarás a tempo. Ficarás a meio do caminho e os nuclitas despedaçar-te-ão – disse.

– Não me importo! – berrou Mery. – Tenho de tentar! – Correu para os estábulos, mas Ragen conseguiu detê-la. Chorou e bateu-lhe, mas era como bater em pedra e nada conseguiria afrouxar o aperto das suas mãos.

Subitamente, Mery compreendeu o que Arlen quisera dizer quando classificara Miln de prisão. E soube como era sentir-se diminuída.

*

Era tarde quando Cob descobriu a carta simples presa ao seu balcão. Nela, Arlen pedia desculpa por partir antes do fim dos seus sete anos. Esperava que Cob compreendesse. Cob leu a carta uma e outra vez, memorizando cada palavra e os significados nas entrelinhas.

– Criador, Arlen – disse. – Claro que compreendo.

A seguir, chorou.

PARTE III

Krasia

328

Depois do Regresso

“Que fazes, Arlen?,” perguntou a si próprio enquanto a luz do archote iluminava os degraus de pedra que conduziam à escuridão. O sol descia sobre o horizonte e levaria vários minutos a regressar ao acampamento, mas a escadaria atraía-o de uma forma que não conseguia explicar.

Cob e Ragen tinham-no advertido. Pensar em tesouros que poderiam esconder-se em algumas ruínas era demasiado para alguns Mensageiros e fazia-os correr riscos. Riscos estúpidos. Arlen sabia que era precisamente o que fazia naquele momento, mas não conseguia resistir a explorar os “pontos perdidos nos mapas”, como referira o Protector Ronnell. O dinheiro que ganhava com o trabalho de Mensageiro pagava aquelas aventuras e, por vezes, via-se a dias de distância da estrada mais próxima. Mas por mais que se esforçasse, encontrara apenas restos.

Recordou a pilha de livros do mundo antigo que se reduzira a pó quando tentou erguê-los. A lâmina enferrujada que lhe cortara a mão e que infectara tanto que sentiu que o braço pegava fogo. A adega que desabou e o aprisionou durante três dias até conseguir libertar-se, sem uma única garrafa. Revistar ruínas nunca compensava e, um dia, sabia que acabaria por matá-lo.

“Regressa,” aconselhou-se. “Come. Verifica as guardas. Descansa.”

– A noite te leve. – Arlen amaldiçoou-se e continuou a descer as escadas.

Mas, mesmo com o desprezo que sentia por si mesmo, a excitação acelerava-lhe o coração. Sentia-se livre e vivo além de qualquer coisa que as Cidades Livres pudessem oferecer-lhe. Fora por aquele motivo que se tornara um Mensageiro.

Chegou ao fundo dos degraus e limpou a testa suada com a manga, bebendo um breve gole do odre de água. O calor dificultava imaginar que, depois do pôr-do-sol, a temperatura no deserto se tornava quase gélida.

Avançou ao longo de um corredor sujo de pedras talhadas, com a luz do archote dançando sobre as paredes como demónios da sombra. “Existirão demónios da sombra?,” questionou-se. “Azar o meu se existirem.” Suspirou. Havia ainda tanta coisa que não sabia.

Aprendera muito nos três anos anteriores, interiorizando os conhecimentos de outras culturas e das suas lutas contra os nuclitas. Na floresta angierana, passara semanas a estudar os demónios da madeira. Em Lakton, aprendeu que existiam barcos além das pequenas canoas de dois tripulantes usadas no Ribeiro de Tibbet e pagou pela sua curiosidade acerca dos demónios da água com uma cicatriz no braço. Tivera sorte, conseguindo fincar os pés e puxar o tentáculo, içando o nuclita para fora do seu meio. Incapaz de suportar o ar, a criatura medonha libertara-o e deslizara novamente para baixo da superfície das águas. Passou meses aí, aprendendo guardas

aquáticas.

Forte Rizon fazia-lhe lembrar a sua terra, assemelhando-se mais a um aglomerado de povoações camponesas do que a uma cidade, com cada lugarejo a auxiliar os restantes para minorar as perdas inevitáveis provocadas pelos nuclitas que conseguiam ultrapassar os postes de guarda.

Mas era Forte Krasia, a Lança no Deserto, a sua preferida. Krasia do vento cortante, onde os dias queimavam e as noites frias faziam erguer das dunas demónios da areia.

Krasia. Onde todos continuavam a lutar.

Os homens de Forte Krasia não se tinham permitido sucumbir ao desespero. Travavam uma batalha nocturna contra os nuclitas, trancando mulheres e crianças e pegando em lanças e redes. As suas armas, como as que Arlen transportava, poderiam fazer pouco para perfurar a pele dura de um nuclita, mas feriam-nos e conseguiam empurrá-los para armadilhas guardadas até o sol se erguer sobre o deserto, reduzindo-os a cinza. A sua determinação era inspiradora.

Mas, com tudo o que aprendera, Arlen conseguira apenas sentir-se ávido por mais. Cada cidade ensinara-lhe algo que as restantes desconheciam. Algures no mundo, existiriam as respostas que buscava.

E assim chegara àquela última ruína. Parcialmente enterrada na areia, quase esquecida (não fosse por um velho mapa krasiano que descobrira), a cidade de Anoch Sun permanecera intocada durante centenas de anos. Grande parte do que existia à superfície desabara ou revelava sinais de erosão pelo vento e pela areia, mas os níveis inferiores, muito abaixo do solo, estavam intactos.

Arlen contornou uma curva e susteve a respiração. À sua frente, iluminados pela luz incerta, viu símbolos gravados nos pilares de pedra de cada lado do corredor. Guardas.

Erguendo o archote, inspeccionou-as. Eram velhas. Ancestrais. Sentia-se no ar bafiento o odor dos séculos. Retirou papel e carvão do saco para conseguir recolher uma impressão e depois, engolindo em seco, seguiu em frente, perturbando o pó das eras.

Chegou a uma porta de pedra ao fundo do corredor. Estava pintada com guardas gastas e estaladas, poucas das quais Arlen reconhecia. Retirou o caderno e copiou as que estavam suficientemente intactas, examinando a porta em seguida.

Era mais uma laje do que uma porta. Depressa percebeu que nada a mantinha no lugar além do seu próprio peso. Usou a lança como alavanca, cravando a extremidade metálica na junta entre a laje e a parede, fazendo força. A extremidade da lança partiu-se.

– Noite! – praguejou. Àquela distância de Miln, o metal era raro e dispendioso. Recusando-se a desistir, retirou do saco o martelo e o escopro e começou a golpear

a parede. O arenito não ofereceu grande resistência e não tardou a conseguir um buraco suficientemente largo para introduzir a haste da lança no espaço além da laje. A lança era grossa e sólida e, daquela vez, quando Arlen apoiou sobre ela o seu peso, sentiu a grande laje mover-se ligeiramente. Mesmo assim, a haste partiria antes que conseguisse movê-la.

Usando o escopro, arrancou as pedras do piso junto à base da porta, formando assim um fosso para o qual a porta poderia cair. Se conseguisse movê-la até esse ponto, o impulso mantê-la-ia em movimento.

Aproximando-se novamente da lança, tornou a aplicar o seu peso. A pedra resistiu, mas Arlen perseverou, cerrando os dentes com o esforço. Finalmente, com impacto estrondoso, a pedra caiu ao chão, revelando uma nesga estreita junto à parede e erguendo uma nuvem de pó.

Arlen entrou no que parecia ser uma câmara sepulcral. O ar estagnado era quase irrespirável, mas entrava ar mais fresco na câmara pela abertura na porta. Erguendo o archote, viu a pintura garrida nas paredes com figuras minúsculas e estilizadas, representando incontáveis batalhas de humanos contra demónios.

Batalhas que os humanos pareciam vencer.

No centro da câmara erguia-se um caixão de obsidiana, moldado com a forma tosca de um homem segurando uma lança. Arlen aproximou-se, notando as guardas que o cobriam. Estendeu a mão para lhes tocar e percebeu que as mãos lhe tremiam.

Sabia que restava pouco tempo até ao anoitecer, mas não teria conseguido voltar para trás naquele momento mesmo que todos os demónios do Núcleo se erguessem contra ele. Inspirando profundamente, aproximou-se da cabeceira do sarcófago e empurrou, forçando a tampa a descer, para que se inclinasse até ao chão sem partir. Sabia que deveria ter copiado as guardas antes de tentar, mas o tempo que perderia a copiá-las implicaria regressar de manhã e não conseguiria esperar.

A pedra pesada moveu-se lentamente e a face de Arlen avermelhou-se com o esforço enquanto empurrava, com os músculos tensos levados ao limite. A parede estava perto e apoiou um pé sobre ela para aumentar o impulso. Com um grito que ecoou pelo corredor, empurrou com toda a força e a tampa deslizou, embatendo no chão.

Ignorou-a, fitando o conteúdo do grande caixão. O corpo enfaixado no interior estava notavelmente intacto, mas não conseguia despertar-lhe grande interesse. Tudo o que conseguia ver era o objecto seguro nas suas mãos enfaixadas: uma lança de metal.

Arrancando respeitosamente a arma segurada com teimosia pelo cadáver, Arlen maravilhou-se com a sua leveza. Media dois metros de ponta a ponta e o diâmetro da haste dificilmente excederia três centímetros. A extremidade continuava suficientemente aguçada para furar pele após tantos anos. O metal era-lhe

desconhecido, mas esse facto deixou de o preocupar quando notou um outro pormenor.

A lança estava guardada. A sua superfície prateada estava coberta com guardas, revelando um nível de mestria desconhecido em tempos modernos. As guardas eram diferentes de tudo o que alguma vez vira.

À medida que se consciencializava da enormidade do seu achado, percebeu também o perigo que corria. O sol punha-se sobre si. Nada do que encontrara ali importaria se morresse antes de conseguir levar as suas descobertas à civilização.

Pegando no archote que pousara, correu para fora da câmara sepulcral e pelo corredor além com passos largos. Atravessou o labirinto de passagens por instinto, rezando para que o percurso fosse o correcto.

Por fim, viu a saída para as ruas empoeiradas e parcialmente enterradas, mas não entrava pela porta qualquer luz. Quando a alcançou, viu restos de cor no céu. O sol acabara de se pôr. O seu acampamento estava à vista e os nuclitas apenas se começavam a erguer.

Sem parar para ponderar as suas acções, deixou cair o archote e correu para fora do edifício, fazendo erguer a areia enquanto ziguezagueava em torno de demónios da areia que se iam levantando.

Primos dos demónios da rocha, os demónios da areia eram mais pequenos e ágeis, mas isso não os impedia de serem das raças de nuclitas mais fortes e de armadura mais resistente. Tinham escamas pequenas e aguçadas de um amarelo sujo quase indistinguível do pó em redor, em vez das grandes placas cor de carvão dos seus primos rochosos. Corriam com mãos e pés no chão ao passo que os demónios da rocha se erguiam sobre duas pernas.

Mas as faces eram idênticas. Fileiras de dentes segmentados projectando-se para fora dos maxilares num focinho, com as narinas muito recuadas, imediatamente abaixo dos grandes olhos sem pálpebras. Ossos grossos erguiam-se da testa e curvavam-se para cima e para trás, cortando as escamas como chifres afiados. Via-se movimento contínuo nas suas testas enquanto carregavam, erguendo constantes nuvens de areia.

O que os tornava ainda mais assustadores do que os seus primos de maior dimensão era o facto de os demónios da areia caçarem em grupo. Uniriam esforços para conseguirem matá-lo.

Com o coração acelerado e esquecendo a descoberta, Arlen avançou por entre as ruínas com agilidade e rapidez incríveis, saltando sobre pilares caídos e fragmentos rochosos, virando para a direita e para a esquerda, esquivando-se aos nuclitas que começavam a solidificar.

Os demónios necessitavam de um momento para se ambientarem ao local e Arlen aproveitou-se disso, correndo em direcção ao círculo. Pontapeou um demónio na

parte traseira de um joelho, derrubando-o pelo tempo suficiente para conseguir passar. Carregou sobre outro, mudando bruscamente de direcção no último momento, fazendo as garras do nuclita rasgar o ar.

Aumentou a velocidade com o aproximar do círculo, mas um demónio atravessava-se no seu caminho e não havia forma de o contornar. A criatura media quase metro e meio e a sua confusão inicial passara. Baixou-se, preparado, sem sair do caminho, silvando o seu ódio.

Arlen estava tão perto, a poucos metros do seu precioso círculo. Podia apenas aspirar a derrubar a criatura mais pequena, alcançando o círculo antes que o demónio conseguisse matá-lo.

Acelerou ainda mais o passo, erguendo por instinto a sua nova lança e avançando sobre a criatura. O impacto provocou um clarão e Arlen atingiu o chão com força, erguendo-se por entre uma nuvem de areia e prosseguindo, sem se atrever a olhar para trás. Saltou para o interior do círculo e ficou a salvo.

Ofegante e exausto, olhou os demónios da areia que o rodeavam, delineados no crepúsculo do deserto. Silvavam e golpeavam as guardas com as garras, provocando clarões mágicos.

A luz cada vez mais ténue permitiu-lhe ver o demónio sobre o qual avançara. Afastava-se lentamente de Arlen e dos seus companheiros, deixando um rasto escuro na areia.

Arlen arregalou os olhos. Devagar, olhou a lança que continuava a segurar nas mãos.

A extremidade estava coberta com sangue demoníaco.

Suprimindo a vontade de soltar uma gargalhada, tornou a olhar o nuclita ferido. Um por um, os restantes pararam o seu ataque às guardas, farejando o ar. Voltaram-se, olhando o rasto de sangue e o demónio ferido.

Com guinchos, lançaram-se sobre a criatura, despedaçando-a.

*

O frio da noite no deserto acabou por forçar Arlen a afastar o olhar da lança de metal. Empilhara lenha quando montou o acampamento e ateou as chamas com uma faísca, aquecendo-se a si e ao jantar. Corredor da Aurora fora preso e coberto no seu círculo, escovado e alimentado antes de Arlen iniciar a exploração das ruínas durante a tarde.

Como acontecera todas as noites durante os três anos anteriores, Um Braço surgiu pouco depois de a lua se mostrar, correndo sobre as dunas e fazendo dispersar os nuclitas mais pequenos até se erguer junto ao círculo de Arlen. Arlen saudou-o como sempre fazia, batendo as duas mãos. Um Braço rugiu de puro ódio.

Quando deixou Miln, Arlen pensou se alguma vez conseguiria dormir com o som

de Um Braço a martelar-lhe as guardas, mas habituara-se de tal forma que quase já não dava por isso. O seu círculo guardado fora testado uma e outra vez e Arlen mantinha-o com zelo religioso, mantendo as placas lacadas de fresco e a corda remendada.

Mas odiava o demónio. Os anos não tinham trazido nada que se assemelhasse ao vago companheirismo sentido pelos guardas da muralha de Forte Miln. Tal como Um Braço recordava quem o mutilara, também Arlen lembrava o responsável pelas cicatrizes medonhas nas suas costas, que quase lhe custaram a vida. Recordava também os nove Guardadores, trinta e sete guardas, dois Mensageiros, três Herbanárias e dezoito cidadãos de Miln que perderam as vidas por sua culpa. Olhou o demónio, acariciando de forma ausente a nova lança. Que aconteceria se o golpeasse? A arma ferira um demónio da areia. As guardas afectariam também o demónio da rocha?

Precisou de toda a sua força de vontade para resistir ao impulso de sair do círculo para o descobrir.

*

Arlen mal conseguira dormir quando o sol fez regressar os demónios ao Núcleo, mas ergueu-se com animação. Depois do pequeno-almoço, pegou no caderno e examinou a lança, copiando minuciosamente cada guarda e estudando os padrões que formavam ao longo da haste e na extremidade.

Quando terminou, o sol ia alto. Pegando noutro archote, regressou às catacumbas, fazendo impressões das guardas gravadas na pedra. Havia outros túmulos e sentiu-se tentado a ignorar o bom-senso e a explorar cada um, mas, se permanecesse mais um dia, ficaria sem comida antes de alcançar o Oásis da Madrugada. Arriscara encontrar um poço nas ruínas de Anoch Sun (e encontrara-o realmente), mas a vegetação escassa não era comestível.

Suspirou. As ruínas tinham-se erguido ao longo de séculos. Estariam ali quando regressasse. Esperava vir acompanhado por uma equipa de Guardadores krasianos.

Quando saiu, o sol avançava no céu. Dedicou algum tempo a exercitar e a alimentar Corredor da Aurora e, em seguida, preparou uma refeição para si próprio, perdido em pensamentos.

Os krasianos exigiriam provas, claro. Provas de que a lança era capaz de matar. Eram guerreiros e não caçadores de tesouros. Não dispensariam um único homem capaz para levar a cabo uma expedição sem um bom motivo.

“Provas,” pensou. E era justo que viessem dele.

Restando pouco mais de uma hora de luz, Arlen começou a preparar o acampamento. Voltou a prender o cavalo, verificando o círculo portátil em seu redor. Preparou o seu círculo de três metros da forma habitual e, em seguida, retirou

uma série de pedras de guarda do saco, começando a dispô-las em redor, formando um anel exterior com uns doze metros de diâmetro. As pedras foram colocadas a uma distância ligeiramente maior umas das outras do que o habitual, cuidadosamente alinhadas entre si. Havia um terceiro círculo portátil num alforje (Arlen trazia sempre um círculo extra) e colocou também esse no acampamento, ao lado do círculo maior e não muito distante.

Quando terminou, ajoelhou no seu círculo central com a lança ao lado, inspirando profundamente e limpando a mente de distrações. Não prestou atenção enquanto o sol descia e a areia se iluminava no horizonte antes de cair a escuridão.

Os ágeis demónios da areia foram os primeiros a erguer-se e Arlen ouviu as guardas do seu círculo exterior começarem a crepitar e cintilar, mantendo-os à distância. Momentos mais tarde, ouviu o rugido de Um Braço, afastando demónios menores do seu caminho ao aproximar-se do círculo exterior. Arlen ignorou-o, mantendo a respiração estável, fechando os olhos e serenando a mente. A falta de reacção serviu apenas para enfurecer ainda mais o demónio que golpeou as protecções com toda a força.

A magia cintilou, visível mesmo com pálpebras cerradas, mas o demónio não prosseguiu o ataque de imediato. Arlen abriu os olhos, vendo Um Braço inclinar a cabeça com curiosidade. Permitiu-se um sorriso desprovido de humor.

Um Braço atacou novamente as guardas e, novamente, parou. Daquela vez, o demónio emitiu um grito lancinante e fincou os pés, golpeando as guardas com o braço que lhe restava e com as garras bem estendidas. Como se pressionasse uma muralha de vidro, o demónio inclinou-se para a frente, guinchando de dor enquanto duplicava e triplicava a pressão sobre as guardas. Magia furiosa projectou-se do ponto onde as garras atingiram a barreira e, enquanto o demónio insistia, a magia manifestava-se num arco visível.

Com um som que gelou a mente tranquila de Arlen, o demónio da rocha flectiu as pernas blindadas e penetrou a rede de guardas, alcançando o círculo interior. Corredor da Aurora gemeu e tentou forçar a corda.

Arlen ergueu-se perante Um Braço, devolvendo-lhe o olhar. Os demónios da areia mais fracos tentaram em vão imitar o feito de Um Braço, mas a disposição das pedras de guarda era precisa e nenhum conseguiu reunir forças para passar. Guincharam, frustrados pela barreira enquanto testemunhavam o confronto no interior.

Apesar de ter crescido desde o seu primeiro encontro, Arlen não se sentia menos esmagado pelas dimensões de Um Braço do que se sentira na assustadora primeira noite. O demónio da rocha media quatro metros dos cascos à extremidade dos chifres, valor duas vezes superior à altura de um homem. Arlen viu-se forçado a inclinar a cabeça para ver os olhos do nuclita que o fitavam sem intenções de

desistir.

O focinho de Um Braço escancarou-se, revelando fileiras de dentes afiados e cobertos de saliva, flectindo as garras semelhantes a adagas com a tensão sentida. O peito couraçado estava erguido e a carapaça negra era impenetrável por armas conhecidas. A sua cauda espinhosa movia-se para um lado e para o outro, suficientemente forte para derrubar um cavalo com um único golpe. O seu corpo fumegava e ardia depois de atravessar a rede, mas a dor óbvia apenas fez o nuclita parecer mais perigoso. Um titã enlouquecido pela dor.

Os dedos de Arlen rodearam a lança de metal quando saiu do círculo.

DEZOITO
RITO DE PASSAGEM
328 DR

O grito de Um Braço ecoou pela noite, sentindo a vingança finalmente próxima. Arlen forçou-se a inspirar profundamente, tentando impedir o coração de lhe sair pela boca. Mesmo que a magia da lança conseguisse causar dano ao demónio (e apenas as suas esperanças lhe diziam que assim seria), não era suficiente para vencer aquela batalha. Precisava de toda a sua argúcia, de todo o seu treino.

Lentamente, os seus pés colocaram-se em posição de combate. A areia abrandar-lhe-ia os movimentos, mas faria o mesmo a Um Braço. Manteve contacto visual e não fez movimentos repentinos enquanto o nuclita saboreava o momento. O alcance deste excedia em muito o seu, mesmo com a lança. Ele que avançasse.

Arlen sentiu-se como se toda a sua vida se tivesse encaminhado para aquele momento sem que o soubesse. Não tinha certezas quanto à sua preparação para aquele teste, mas, depois de ser perseguido pelo demónio durante dez anos, pensar em adiá-lo por mais tempo era intolerável. Continuava a poder regressar ao círculo protector, ficando a salvo dos ataques do demónio. De forma deliberada, afastou-se dele, concentrando-se no confronto. Morreria ali, ou provaria o seu direito à liberdade.

Um Braço viu-o contorná-lo, mostrando os dentes. Ecoou-lhe um rugido baixo na garganta. A cauda agitou-se com maior rapidez e Arlen soube que preparava a carga.

Rugindo, o demónio avançou, com as garras cortando o ar à sua frente. Arlen correu para ele, esquivando-se ao golpe e ficando ao alcance do nuclita. No último momento, posicionou-se entre as suas pernas e cravou a lança na cauda enquanto este se voltava. Viu um satisfatório clarão de magia resultante do golpe e o demónio uivou quando a arma lhe penetrou a armadura e atingiu a carne.

Arlen esperava um golpe da cauda do demónio, mas este veio mais rápido do que poderia antecipar. Lançou-se ao chão quando o apêndice passou sobre ele, com os espigões a centímetros da sua cabeça. Voltou a erguer-se rapidamente, mas Um Braço já se virava, usando o impulso da cauda para acelerar o movimento. Apesar de enorme, o nuclita era também ágil e rápido.

Um Braço voltou a golpear e Arlen não conseguiu esquivar-se a tempo. Ergueu a haste da lança perpendicularmente para aparar o golpe, mas sabia que o demónio era demasiado forte. Deixara as emoções levarem-lhe a melhor. Iniciara o confronto demasiado cedo. Amaldiçoou a sua imbecilidade.

Mas, quando as garras do demónio atingiram o metal da lança, as guardas traçadas ao longo da haste reluziram. Arlen quase não sentiu o golpe, mas Um Braço foi deflectido como se tivesse embatido contra um círculo guardado. A força do nuclita fê-lo ser projectado para trás, mas depressa recuperou, ileso.

Arlen forçou-se a superar o choque e a movimentar-se, compreendendo a bênção e determinado a aproveitá-la ao máximo. Um Braço carregou como um louco, determinado a superar aquele novo obstáculo.

Espalhando areia enquanto corria, Arlen saltou sobre os restos caídos de um grosso pilar de pedra, abrigando-se atrás dele e preparando-se para correr para a esquerda ou para a direita, dependendo da direcção por onde o demónio se aproximasse.

Um Braço golpeou o pilar, quase com metro e meio de diâmetro, afastando metade do caminho com um movimento do braço musculado. A demonstração de poder puro foi aterradora e Arlen correu para o seu círculo, necessitando de um momento para recuperar.

Mas o demónio antecipou-lhe a reacção e dobrou as pernas, projectando-se no ar. Aterrou entre Arlen e o abrigo.

Arlen estacou e Um Braço rugiu, triunfante. Testara a determinação do adversário e considerava-a débil. Respeitava a lança, mas não havia receio nos olhos do nuclita enquanto avançava. Arlen recuou lentamente e de forma deliberada, não querendo provocar a criatura com um movimento repentino. Recuou tanto quanto podia sem ultrapassar as pedras de guarda exteriores, o que o deixaria ao alcance dos demónios da areia amontoados para observar o duelo.

Um Braço percebeu o seu apuro e rugiu, iniciando uma carga temível. Arlen manteve-se firme, flectindo as pernas. Não se preocupou em erguer a lança para bloquear. Ao invés, fê-la recuar, preparando-se para o ataque.

O golpe do demónio da rocha teria sido suficientemente poderoso para esmagar o crânio de um leão, mas não chegou a atingir o alvo. Arlen permitiu que o demónio o fizesse recuar até ao seu círculo portátil adicional, discreto sobre a areia. As guardas cintilaram, deflectindo o ataque do nuclita e Arlen estava preparado, lançando-se para a frente e cravando a lança guardada na barriga do demónio.

O grito de Um Braço ecoou pela noite, ensurdecedor e terrível. Para Arlen, era como música. Quis retirar a lança, mas esta manteve-se firme, presa na couraça grossa e negra da criatura. Tornou a puxar e, daquela vez, quase lhe custou a vida, quando Um Braço golpeou, cravando-lhe as garras no ombro e no peito.

Arlen foi projectado, mas conseguiu rebolar de volta ao interior do círculo, caindo sobre a areia protegida. Segurando o ombro ferido, viu o demónio da rocha gigantesco cambalear em redor. Uma e outra vez, Um Braço tentou puxar a lança, mas as guardas na haste impediam-no. E, assim sendo, a magia continuava a operar, cintilando na ferida e lançando ondas mortíferas pelo corpo do nuclita.

Arlen permitiu-se um sorriso ligeiro quando Um Braço desabou, debatendo-se. Mas, ao observar os movimentos frenéticos que se transformavam lentamente em espasmos, sentiu crescer dentro de si um grande vazio. Sonhara com aquele

momento inúmeras vezes. Imaginara o que sentiria, o que diria. Mas não foi como nada que tivesse imaginado. Em vez de alívio, sentiu depressão e perda.

– Foi por ti, mãe – sussurrou, quando o grande demónio deixou de se mover. Tentou imaginá-la, desesperado pela sua aprovação e sentiu-se chocado, envergonhado, por não conseguir recordar-lhe a face. Gritou, miserável e minúsculo sob as estrelas.

Contornando o demónio de longe, Arlen regressou até ao seu equipamento e tratou as feridas. Os pontos que aplicou foram tortos, mas mantiveram os ferimentos fechados e o emplastro de raiz-porqueira ardeu, fazendo prova da sua necessidade. Os ferimentos tinham começado a infectar.

Não conseguiu dormir nessa noite. Se a dor dos ferimentos e a mágoa no coração não tivessem sido suficientes para afastar o sono, havia ainda a consciência de que um capítulo da sua vida estava prestes a terminar e ele estava, por isso determinado a permanecer desperto até ao fim.

Quando o sol iluminou as dunas, a luz atingiu o acampamento de Arlen com uma velocidade apenas possível no deserto. Os demónios da areia já tinham desaparecido, eclipsando-se ao primeiro indício do amanhecer. Arlen estremeceu quando se pôs de pé, saindo do círculo interior para se aproximar de Um Braço e resgatar a lança.

Onde a luz solar atingia a couraça negra, erguia-se fumo, seguindo-se a chama. O corpo do demónio não tardou a transformar-se numa pira funerária e Arlen observou, hipnotizado. Enquanto o demónio da rocha se desfazia em cinzas, depressa levadas para longe pelo vento matinal, percebeu que havia esperança para os humanos.

DEZANOVE
O PRIMEIRO GUERREIRO DE KRASIA
328 DR

A estrada que atravessava o deserto não era realmente uma estrada. Resumia-se a uma sequência de velhas placas direccionais, algumas parcialmente destruídas, outras meio enterradas na areia, que impediam um viajante de perder o rumo. Não havia apenas areia, como Ragen dissera certa vez, apesar de a areia que existia ser suficiente para que se viajasse durante dias seguidos sem ver outra coisa. A areia era rodeada por centenas de quilómetros de terreno árido e duro, com escassa vegetação morta enraizada em barro rachado, demasiado seca para apodrecer. Além das sombras projectadas pelas dunas no mar de areia, não havia qualquer abrigo do sol abrasador e tão quente que Arlen sentia dificuldades em acreditar tratar-se do mesmo corpo celeste que banhava Forte Miln em luz fria. O vento soprava continuamente e precisava de cobrir a face para se impedir de inalar areia, sentindo a garganta seca e dorida.

As noites eram piores, com o calor a erguer-se do chão momentos após o pôr-do-sol e os nuclitas a despertar num mundo frio e desolador.

Mas, mesmo ali, havia vida. Serpentes e lagartos caçavam pequenos roedores. Aves necrófagas buscavam os cadáveres de criaturas chacinadas pelos nuclitas ou as que deambulavam para o deserto porque não conseguiam encontrar o caminho de regresso. Existiam pelo menos dois grandes oásis, onde espelhos de água fizeram o solo circundante cobrir-se com vegetação densa e comestível e outros onde um gotejar rochoso ou uma poça do tamanho de uma pegada de homem sustentavam um aglomerado de plantas mirradas e pequenos animais. Arlen vira estes habitantes do deserto enterrarem-se na areia à noite, resistindo ao frio com calor conservado e ocultando-se dos demónios que vagueavam à superfície.

Não havia demónios da rocha no deserto, pois o número de presas não era suficiente. Nem demónios da chama porque havia pouca coisa para queimar. Os demónios da madeira não tinham troncos contra os quais se pudessem camuflar, nem ramos a que pudessem trepar. Os demónios da água não conseguiam nadar através da areia e os demónios do vento não encontravam pouso. As dunas e o terreno desértico pertenciam exclusivamente aos demónios da areia. E mesmo a expansão destes era limitada, aglomerando-se sobretudo em redor dos oásis, embora, quando avistavam uma fogueira, pudessem percorrer quilómetros.

A viagem de Forte Rizon a Krasia levava cinco semanas e mais de metade do percurso fazia-se sobre o deserto. Era mais do que muitos dos Mensageiros mais duros desejavam suportar. Apesar de os mercadores do norte oferecerem somas exorbitantes por sedas e especiarias krasianas, poucos se mostravam suficientemente desesperados (ou loucos) para lá ir.

Pessoalmente, Arlen achava a viagem tranquilizante. Dormia na sela durante as partes mais quentes do dia, cuidadosamente embrulhado em tecido branco solto. Dava água ao cavalo com frequência e abria lonas sob os seus círculos portáteis à noite para impedir que as guardas ficassem cobertas com areia. Sentiu-se tentado a atacar os demónios da areia que o rodeavam, mas os ferimentos tornavam-lhe a mão fraca e sabia que, se a lança lhe fosse arrancada, um vento fraco poderia sepultá-la na areia com maior eficiência do que um século num túmulo.

Apesar dos gritos dos demónios da areia, as noites pareceram-lhe tranquilas, habituado que estava aos grandes urros de Um Braço. Dormiu de forma mais pacífica nessas noites do que em qualquer outra passada ao relento.

Pela primeira vez na vida, Arlen viu o seu caminho estender-se além do trabalho como prestigiado moço de recados. Sempre soubera estar destinado a ser mais do que Mensageiro. Estava destinado a combater. Percebia agora que era mais do que isso. Estava destinado a levar outros a combater.

Seguro de conseguir fazer uma cópia da lança guardada, pensava já em formas de lhe adaptar as guardas a outras armas. Flechas, bastões, catapultas... As possibilidades eram infinitas.

Entre todos os lugares que conhecera, apenas em Krasia os habitantes se recusavam a viver aterrorizados pelos nuclitas e, por esse motivo, Arlen respeitava-os acima de todos os outros. Não havia gente mais merecedora do seu dom. Mostrar-lhes-ia a lança e eles forneceriam o necessário para fabricar armas que invertessem a maré dos acontecimentos na sua guerra nocturna.

Os pensamentos voavam quando viu o oásis. A areia podia reflectir o céu azul e enganar um viajante, fazendo-o dirigir-se para água inexistente, mas, quando o seu cavalo acelerou a passada, Arlen soube que era real. Corredor da Aurora conseguia cheirar a água.

Tinham esgotado a sua provisão no dia anterior e, quando chegaram ao pequeno charco, tanto Arlen como o cavalo sentiam uma sede doentia. Em uníssono, baixaram as cabeças para a água fria, bebendo avidamente.

Quando se saciaram, Arlen voltou a encher os odres e colocou-os à sombra de um dos grandes monólitos de arenito erguido em silêncio protector em redor do oásis. Inspeccionou as guardas gravadas na pedra, descobrindo estarem intactas, mas com alguns sinais de erosão. O pó soprado pelo vento permanente gastava-as pouco a pouco, apagando os traços exteriores com o passar do tempo. Retirou as ferramentas de gravador, aprofundando e delineando as guardas para assegurar que a rede protectora se mantinha.

Enquanto Corredor da Aurora pastava erva rasteira e folhas de arbustos mirrados, Arlen colhia tâmaras, figos e outros frutos das árvores do oásis. Comeu uma parte e colocou o resto ao sol, para que secasse.

Um rio subterrâneo alimentava o oásis e, em anos além da memória, homens tinham escavado a areia e quebrado a rocha para alcançar a água corrente. Arlen desceu os degraus de pedra até uma fresca câmara subterrânea e pegou nas redes aí armazenadas, lançando-as à água. Quando voltou a subir, transportava consigo uma quantidade satisfatória de peixe. Colocou alguns de parte para si e limpou os outros, salgando-os e dispondo-os ao lado da fruta para secar.

Usando uma ferramenta bifurcada guardada no oásis, procurou em redor das pedras, encontrando por fim os sulcos inconfundíveis na areia. Não tardou a ter uma serpente presa no pau bifurcado, segurando-a pela extremidade da cauda e sacudindo-a como um chicote para a matar. Existiria um ninho com ovos por perto, mas não os procurou. Seria desonroso esgotar o oásis mais do que o necessário. Reservou metade da serpente para seu uso e dispôs o resto para secar.

Dentro de uma cova escavada numa das grandes rochas de arenito assinalada com as marcas de muitos Mensageiros, Arlen encontrou uma provisão de fruta, peixe e carne secos deixada pelo Mensageiro anterior a passar por ali e guardou-a nos alforjes. Quando a sua colheita secasse, voltaria a encher a cova para o Mensageiro seguinte.

Era impossível atravessar o deserto sem uma paragem no Oásis da Madrugada. Era o único local com água em mais de cento e sessenta quilómetros e fazia parte do itinerário de todos os viajantes em qualquer direcção. Quase todos eram Mensageiros e, obviamente, também Guardadores, e esse grupo restrito foi assinalando abundantemente a sua passagem na pedra ao longo dos anos. Dúzias de nomes gravados na rocha. Alguns apenas rabiscados enquanto outros eram obras-primas de caligrafia. Muitos Mensageiros incluíam mais do que os seus nomes, listando as cidades que visitaram, ou o número de vezes que se abrigavam no Oásis da Madrugada.

Na sua décima primeira visita ao oásis, Arlen há muito terminara de gravar o seu nome e o nome das cidades vivas e aldeias que visitara, mas nunca parava de explorar e isso dava-lhe sempre algo para acrescentar. Lentamente, usando belas letras cursivas, Arlen inscreveu com reverência «Anoch Sun» na lista de ruínas que visitara. Nenhuma das outras inscrições de Mensageiros no oásis fazia tal afirmação e isso enchia-o de orgulho.

No dia seguinte, Arlen continuou a aumentar as provisões armazenadas. Era uma questão de honra entre Mensageiros deixar o oásis com provisão maior do que a que aí encontraram, prevendo o dia em que um deles chegaria demasiado ferido, ou afectado pelo calor, para conseguir procurar alimento.

À noite, escreveu uma carta a Cob. Escrevera muitas, mas permaneciam num alforje, por enviar. As palavras pareciam-lhe sempre pouco adequadas para compensar o abandono dos seus deveres, mas as notícias que tinha eram demasiado

grandiosas para não partilhar. Reproduziu as guardas na extremidade da lança com precisão, sabendo que Cob espalharia rapidamente os novos conhecimentos a todos os Guardadores de Miln.

Deixou o Oásis da Madrugada na manhã seguinte, dirigindo-se para sudoeste. Durante cinco dias, viu pouco mais do que dunas amarelas e demónios da areia, mas, ao início do Sexto Dia, avistou a cidade de Forte Krasia, a Lança no Deserto, recortada contra as montanhas que se erguiam à distância.

De longe, assemelhava-se apenas a outra duna, com as muralhas de arenito mesclando-se com a paisagem circundante. Fora construída em torno de um oásis muito maior do que o Oásis da Madrugada, como referiam os mapas antigos, sobre o mesmo grande rio subterrâneo. As suas muralhas protegidas por guardas gravadas e não pintadas, erguiam-se em orgulhoso desafio ao sol. Sobre a cidade esvoaçava o estandarte de Krasia: lanças cruzadas sobre um sol nascente.

Os guardas no portão vestiam as túnicas negras dos *dal'Sharum*, a casta guerreira krasiana, protegendo-se contra a areia implacável. Não sendo tão altos como os milneses, os krasianos eram mais altos do que a maioria dos angieranos ou laktonianos e com músculos compactos. Arlen saudou-os com um aceno quando passou.

Os guardas ergueram-lhe as lanças. Entre os homens krasianos, aquela era a mais elementar das cortesias, mas Arlen esforçara-se por merecer o gesto. Em Krasia, um homem era julgado pelo número de cicatrizes no corpo e pelos *alagai* (nuclitas) que matara. Os forasteiros, ou *chin*, como os krasianos lhes chamavam, incluindo os Mensageiros, eram considerados cobardes que abdicaram de lutar e não eram dignos de qualquer cortesia dos *dal'Sharum*. A palavra *chin* era um insulto.

Mas Arlen chocara os krasianos com o seu pedido para lutar a seu lado e, depois de ensinar aos guerreiros novas guardas e de os ter auxiliado em muitas mortes, passaram a chamar-lhe *Par'chin*, o que significava «bravo forasteiro». Nunca seria considerado igual a eles, mas os *dal'Sharum* já não lhe cuspiam aos pés e fizera mesmo alguns amigos verdadeiros.

Atravessando o portão, entrou no Labirinto, um amplo pátio interior que precedia as muralhas da cidade, repleto de paredes, trincheiras e fossos. Em cada noite, com as famílias na segurança das muralhas interiores, os *dal'Sharum* dedicavam-se à *alagai'sharak*, a Guerra Santa contra os demónios. Atraíam nuclitas para o Labirinto, emboscando-os e prendendo-os em poços guardados até ao nascer do sol. As baixas eram elevadas, mas os krasianos acreditavam que a morte na *alagai'sharak* lhes asseguraria um lugar ao lado de Everam, o Criador, e de bom grado se entregavam à matança.

Arlen pensou que não tardaria a serem apenas os nuclitas a morrer ali.

Imediatamente além do portão principal situava-se o Grande Bazar, onde

mercadores entoavam pregões à frente de centenas de carroças carregadas, enchendo o ar com o perfume intenso de especiarias quentes, incenso e perfumes exóticos. Tapetes, rolos de tecidos finos e cerâmica magnificamente pintada partilhavam o espaço com montes de fruta e gado ruidoso. Era um local apinhado e barulhento, animado por sonoras discussões de preço.

Todos os outros mercados que Arlen vira lhe tinham parecido repletos de homens, mas o Grande Bazar de Krasia estava preenchido quase por completo com mulheres, cobertas da cabeça aos pés com tecido negro grosso. Andavam de um lado para o outro, comprando e vendendo, gritando umas para as outras com vigor e separando-se a contragosto das suas moedas de ouro gasto.

Joalheria e tecidos garridos eram abundantes no bazar, mas Arlen nunca via nenhum desses bens ser usado. Os homens explicaram-lhe que as mulheres se adornavam sob o pano preto, mas apenas os maridos podiam confirmá-lo.

Quase todos os homens krasianos acima dos dezasseis anos eram guerreiros. Alguns eram *dama*, os Homens Santos, que ocupavam também a posição de líderes seculares de Krasia. Nenhuma outra ocupação era considerada honrosa. Os que se dedicavam a um ofício eram chamados *khaffit* e considerados desprezíveis, pouco acima das mulheres na sociedade krasiana. Eram as mulheres que faziam todo o trabalho quotidiano na cidade, desde a lavoura à cozinha e aos cuidados infantis. Arrancavam barro à terra e moldavam-no, construíam e reparavam casas, treinavam e matavam gado e regateavam nos mercados. Faziam tudo menos lutar.

No entanto, apesar dos seus trabalhos infindáveis, mostravam-se completamente subservientes para com os homens. As esposas e filhas solteiras de um homem eram sua propriedade e poderia fazer-lhes o que entendesse. Poderia mesmo matá-las. Um homem podia ter muitas mulheres, mas bastaria que uma mulher permitisse que outro homem além do seu marido a visse sem véu e poderia ser morta. Frequentemente, era o que acontecia. As mulheres krasianas eram vistas como sendo dispensáveis. Os homens não.

Arlen sabia que, sem as suas mulheres, os homens krasianos estariam perdidos, mas estas tratavam os homens em geral com reverência e os seus maridos com algo que se aproximaria da devoção religiosa. Em cada manhã, vinham procurar os mortos da *alagai'sharak* nocturna e choravam os cadáveres dos seus homens, recolhendo as suas preciosas lágrimas em pequenos frascos. A água era moeda em Krasia e o estatuto de um guerreiro em vida podia ser medido pelo número de frascos de lágrimas que se enchiam após a sua morte.

Se um homem fosse morto, esperava-se que os seus irmãos ou amigos dividissem entre si as suas mulheres, para que tivessem sempre um homem a quem servir. Certa vez, no Labirinto, Arlen amparara um guerreiro moribundo que lhe ofereceu as suas três mulheres. «São belas, Par'chin», garantira-lhe. «E férteis. Dar-te-ão muitos

filhos. Promete-me que ficarás com elas!»

Arlen prometeu que cuidaria das mulheres do guerreiro e encontrou outro que estivesse disposto a recebê-las. Sentia curiosidade acerca do que existiria sob as túnicas das mulheres krasianas, mas não o suficiente para trocar o seu círculo portátil por uma casa de adobe, ou a sua liberdade por uma família.

Seguindo quase todas as mulheres viam-se várias crianças vestidas de castanho. O cabelo das raparigas estava preso e os rapazes usavam solidéus. Chegando aos onze anos, as raparigas casavam e vestiam as roupagens negras das mulheres e os rapazes eram levados para o treino bélico antes mesmo de completarem essa idade. A maioria vestia as túnicas negras dos dal'Sharum. Alguns optavam pelo branco dos dama e dedicavam as suas vidas a servir Everam. Os que fracassavam nas duas profissões, tornar-se-iam khaffit e vestiriam os trajes castanhos da vergonha até ao dia da sua morte.

As mulheres viram Arlen atravessar o mercado e começaram a segredar entusiasmas. Olhou-as, divertido, pois nenhuma lhe devolveria o olhar directamente ou se aproximaria dele. Ansiavam pelos produtos nos seus alforges. Rica lã rizonana, jóias milnesas, papel angierano e outros tesouros do norte. Mas era um homem e, pior ainda, um chin, e não se atreviam a aproximar-se. Os olhos dos dama estavam por toda a parte.

– Par'chin! – chamou uma voz familiar. Arlen voltou-se, vendo que se aproximava o seu amigo Abban. O gordo mercador coxeava e apoiava-se sobre a muleta.

Coxo desde a infância, Abban era khaffit, indigno de se erguer entre guerreiros e indigno de se tornar um Homem Santo. Mas conseguira sair-se bem na vida, negociando com Mensageiros do norte. Apresentava-se barbeado e com o solidéu e a camisa castanhos dos khaffit, mas vestia sobre eles uma rica faixa em redor da cabeça, colete e calças de seda brilhante bordada com muitas cores. Gabava-se de as suas mulheres serem tão belas como as de qualquer dal'Sharum.

– Por Everam, é bom ver-te, filho de Jeph! – disse Abban em thesano impecável, tocando-lhe no ombro. – O sol brilha sempre com maior intensidade quando agracias a nossa cidade com a tua presença!

Arlen desejou nunca ter dito ao mercador o nome do seu pai. Em Krasia, o nome do pai de um homem era mais importante do que o nome próprio. Pensou no que achariam se soubessem que o seu pai era um cobarde.

Retribuiu-lhe o toque no ombro, com um sorriso genuíno.

– E a ti, meu amigo – disse. Nunca teria conseguido dominar a língua krasiana, ou aprendido a navegar pela sua bizarra e frequentemente perigosa cultura, sem o auxílio do mercador coxo.

– Vem, vem! – disse Abban. – Repousa os teus pés à minha sombra e lava o pó da garganta com a minha água! – Conduziu Arlen até uma tenda de cores berrantes

montada por trás das suas carroças no bazar. Bateu com as mãos e as suas mulheres e filhas (Arlen nunca conseguia perceber a diferença) apressaram-se a abrir os panos que cobriam a entrada e a cuidar de Corredor da Aurora. Arlen precisou de se forçar a não ajudar quando descarregaram os alforjes pesados e os levaram para dentro da tenda, sabendo que os krasianos consideravam desadequado ver um homem trabalhar. Uma das mulheres estendeu a mão para a lança guardada, enrolada em pano e pendurada da sela, mas Arlen retirou-a antes que pudesse tocar-lhe. Receando tê-lo insultado, a mulher desculpou-se com um vénia demorada.

O interior da tenda estava repleto de almofadas de seda coloridas e tapeçarias complexas. Arlen deixou as botas empoeiradas junto à entrada e inspirou profundamente o ar fresco e perfumado. Deixou-se cair sobre as almofadas no chão enquanto as mulheres de Abban se ajoelhavam diante dele, oferecendo-lhe água e fruta.

Depois de se refrescar, Abban bateu as mãos e as mulheres trouxeram chá e pastéis com mel.

– A tua viagem pelo deserto decorreu da melhor forma? – perguntou Abban.

– Sim – respondeu Arlen, sorrindo. – Da melhor forma possível.

Trocaram conversa fiada durante algum tempo depois daquilo. Abban nunca falhava naquela formalidade, mas os seus olhos não cessavam de cair sobre os alforjes de Arlen e esfregou as mãos de forma ausente.

– Passemos aos negócios? – perguntou Arlen assim que lhe pareceu educado fazê-lo.

– Claro. O Par'chin é um homem ocupado – concordou Abban, estalando os dedos. As mulheres trouxeram rapidamente uma profusão de especiarias, perfume, sedas, joalharia, tapetes e outros artefactos krasianos.

Abban examinou a mercadoria trazida pelos clientes de Arlen no norte, enquanto Arlen observava os bens propostos para troca. Abban viu defeito em tudo.

– Atravessas o deserto para me trazer isto? – perguntou, enojado, depois de concluído o exame. – Mal parece justificar o esforço.

Arlen conteve o sorriso enquanto lhes era servido chá acabado de fazer. As negociações começavam sempre da mesma forma.

– Disparate – replicou. – Um cego conseguiria ver que trouxe alguns dos mais ricos tesouros que Thesa tem para oferecer. Muito melhores do que as mercadorias lamentáveis que as tuas mulheres colocaram diante de mim. Espero que tenhas outras escondidas porque – sentiu um tapete entre os dedos, uma obra-prima da tecelagem – já vi melhores tapetes a apodrecer em ruínas.

– Feres-me de morte! – bradou Abban. – A mim, que te ofereço água e sombra! Pobre de mim! Um convidado na minha tenda trata-me desta forma! – lamentou. – As minhas mulheres trabalharam noite e dia no tear para fazer esse tapete, usando

apenas lã da melhor qualidade! Nunca verás melhor artigo!

Depois daquilo, foi apenas uma questão de regatear e Arlen não esqueceu as lições aprendidas ainda com o velho Leitão e Ragen há uma vida atrás. Como sempre, a sessão terminava com os dois homens a agirem como se tivessem sido roubados, mas sentindo cada um que conseguira aproveitar-se do outro.

– As minhas filhas vão embalar a tua mercadoria e guardá-la-ão até ao dia da partida – disse Abban, por fim. – Cearás connosco esta noite? As minhas mulheres preparam um festim que ninguém conseguirá igualar no norte!

Arlen abanou a cabeça, desgostoso.

– Lutarei esta noite – disse.

Abban abanou a cabeça.

– Receio que tenhas aprendido demasiado bem os nossos costumes, Par'chin. Procuras a mesma morte.

Arlen tornou a abanar a cabeça.

– Não pretendo morrer e não espero paraíso no outro mundo.

– Ah, meu amigo, ninguém pretende juntar-se a Everam na flor da idade, mas é o destino que espera os que se dedicam à alagai'sharak. Recordo um tempo em que éramos tantos quantos os grãos de areia no deserto. Mas agora... – Abanou a cabeça, tristemente. – A cidade está praticamente vazia. Mantemos os ventres das nossas mulheres ocupados com novas crianças, mas, mesmo assim, morrem mais por dia do que os que nascem. Se não mudarmos de vida, Krasia será tragada pela areia dentro de uma década.

– E se te dissesse que vim para mudar isso? – perguntou Arlen.

– O coração do filho de Jeph é verdadeiro – disse Abban. – Mas os *Damaji* não te darão ouvidos. Everam exige guerra, é o que dizem, e nenhum chin conseguirá fazê-los mudar de ideias.

Os *Damaji* eram o conselho governante da cidade, composto pelos dama de posição mais elevada em cada uma das doze tribos krasianas. Serviam o Andrah, o dama mais abençoado por Everam, cuja palavra era absoluta.

Arlen sorriu.

– Não consigo afastá-los da alagai'sharak – concordou. – Mas posso ajudá-los a vencê-la. – Descobriu a lança e estendeu-a para Abban.

Abban abriu um pouco mais os olhos ao ver a magnífica arma, mas ergueu a mão e abanou a cabeça.

– Sou khaffit, Par'chin. A lança é proibida ao meu toque impuro.

Arlen recolheu a lança e curvou-se.

– Não quis ofender – disse.

– Ah! – riu-se Abban. – Serás o único homem a curvar-se diante de mim! Nem o Par'chin precisará de recear ofender um khaffit.

Arlen não escondeu um esgar de desagrado.

– És um homem como qualquer outro – disse.

– Com essa atitude, serás um chin para sempre – disse Abban, sorrindo. – Não és o primeiro homem a guardar uma lança – recordou. – Sem as guardas de combate de outrora, não fará qualquer diferença.

– São as guardas de outrora – disse Arlen. – Encontrei-a nas ruínas de Anoch Sun. Abban empalideceu.

– Encontraste a cidade perdida? – perguntou. – O mapa estava correcto?

– Porque pareces tão surpreso? – perguntou-lhe Arlen. – Pensei que me tivesses dito que era garantido!

Abban tossiu.

– Sim, claro – continuou. – Confiava nas minhas fontes, obviamente. Mas ninguém lá vai há mais de trezentos anos. Quem poderia avaliar a fiabilidade do mapa? – Sorriu. – Além disso, se estivesse errado, não voltarias para pedir um reembolso. – Riram-se ambos.

– Por Everam, que bela história – considerou Abban, quando Arlen terminou de descrever a sua aventura na cidade perdida. – Mas, se dás valor à vida, não contarás aos Damaji que saqueaste a cidade santa de Anoch Sun.

– Não o farei – prometeu Arlen. – Mas, certamente, conseguirão ver, mesmo assim, o valor da lança?

Abban abanou a cabeça.

– Mesmo que concordem em conceder-te uma audiência, Par'chin – explicou –, e duvido que o façam, recusarão ver valor em qualquer coisa que lhes seja levada por um chin.

– Creio que estarás certo – considerou Arlen. – Mas devo tentar, de qualquer forma. Seja como for, tenho mensagens para entregar no palácio do Andrah. Acompanha-me.

Abban ergueu a muleta.

– O caminho até ao palácio é longo, Par'chin – disse.

– Caminharei devagar – assegurou Arlen, sabendo que a muleta não tinha nada a ver com a recusa.

– Não queres ser visto comigo fora do mercado, meu amigo – advertiu Abban. – Isso poderá custar-te o respeito que conquistaste no Labirinto.

– Nesse caso, conquistarei ainda mais – disse Arlen. – De que vale o respeito se não posso caminhar com um amigo?

Abban curvou-se.

– Um dia – disse –, desejo ver a terra que gera homens tão nobres como o filho de Jeph.

Arlen sorriu.

– Quando esse dia chegar, Abban, eu próprio te levarei pelo deserto.

Abban segurou o braço de Arlen.

– Pára – ordenou.

Arlen obedeceu, confiando no amigo, apesar de não ver qualquer problema. Mulheres percorriam a rua, transportando cargas pesadas, e um grupo de dal'Sharum caminhava à frente delas. Outro grupo aproximava-se de outra direcção. Cada um dos grupos era liderado por um dama de túnica branca.

– A tribo Kaji – disse Abban, apontando com o queixo os guerreiros à sua frente.

– Os outros são Majah. Será melhor que aguardemos aqui por um momento.

Arlen estreitou os olhos para os dois grupos. Ambos vestiam o mesmo negro e as lanças eram simples e sem adorno.

– Como consegues ver a diferença? – perguntou.

Abban encolheu os ombros.

– Como consegues não a ver? – tornou.

Enquanto observavam, um dos dama disse alguma coisa ao outro. Aproximaram-se e começaram a discutir.

– Qual te parece que seja o motivo da discussão? – perguntou Arlen.

– É sempre a mesma coisa – respondeu Abban. – O dama Kaji acredita que os demónios da areia habitam o terceiro nível do Inferno e que os demónios do vento habitam o quarto. O Majah diz o oposto. O Evejah não é muito claro a esse respeito – acrescentou, referindo-se ao santo Cânone krasiano.

– Que diferença faz? – perguntou Arlen.

– Os dos níveis mais inferiores estão mais distantes da vista de Everam – explicou Abban. – E deverão ser mortos em primeiro lugar.

Os damas gritavam e os dal'Sharum de cada lado erguiam as lanças, irritados e preparados para defender os seus mestres.

– Lutarão uns contra os outros para determinar que demónios deverão matar primeiro? – perguntou Arlen, incrédulo.

Abban cuspiu no pó do chão.

– Os Kaji lutarão contra os Majah por muito menos, Par'chin.

– Mas há inimigos reais a combater quando o sol se põe! – protestou Arlen.

Abban acenou afirmativamente.

– E, quando o sol se puser, Kaji e Majah unirão esforços – disse. – Como dizemos: “À noite, o meu inimigo torna-se meu irmão.” Mas faltam horas para o pôr-do-sol.

Um dos dal'Sharum Kaji golpeou um guerreiro Majah na face com a extremidade romba da lança, fazendo o homem cair por terra. Em segundos, todos os guerreiros de cada lado se confrontavam. Os seus dama mantinham-se à distância, sem se deixarem preocupar pela violência e não querendo envolver-se enquanto

continuavam a gritar um com o outro.

– Porque toleram isto? – perguntou Arlen. – O Andrah não poderá proibí-lo?

Abban abanou a cabeça.

– O Andrah deve pertencer a todas as tribos e a nenhuma, mas, na verdade, favorecerá sempre a tribo onde nasceu. E, mesmo que não o fizesse, nem ele conseguirá pôr fim a todas as disputas de sangue em Krasia. É impossível proibir os homens de serem homens.

– Comportam-se como crianças – disse Arlen.

– Os dal'Sharum conhecem apenas a lança e os dama o Evejah – concordou Abban, com pesar.

Os homens não usavam a extremidade das lanças... Ainda não, pelo menos. Mas a violência rapidamente subia de tom. Se não houvesse alguém a intervir, haveria seguramente mortes.

– Nem penses nisso – disse Abban, segurando o braço de Arlen quando este deu um passo em frente.

Arlen voltou-se para protestar, mas o amigo, olhando sobre o seu ombro, arregalou os olhos e caiu sobre um joelho. Puxou o braço de Arlen para que fizesse o mesmo.

– Ajoelha-te se dás valor à pele – silvou.

Arlen olhou em redor, percebendo o motivo do medo de Abban. Uma mulher descia a rua, vestida com o branco sagrado.

– *Dama'ting* – murmurou. As misteriosas Herbanárias de Krasia raramente eram vistas.

Baixou os olhos enquanto esta passava, mas não se ajoelhou. Não fez diferença. Ela não olhou para nenhum dos dois, avançando serenamente em direcção ao grupo conflituoso, sem ser notada até estar junto deles. Os dama empalideceram ao vê-la, gritando alguma coisa aos outros homens. De imediato, a luta cessou e os guerreiros apressaram-se a abrir caminho para permitir a passagem da dama'ting. Os guerreiros e os dama dispersaram quando se afastou e o tráfego na rua foi retomado como se não se tivesse passado nada de invulgar.

– És corajoso ou louco, Par'chin? – perguntou Abban, quando a mulher desapareceu.

– Desde quando os homens se ajoelham diante das mulheres? – perguntou Arlen, perplexo.

– Os homens não se ajoelham diante das dama'ting, mas os khaffit e os chin sim, se tiverem juízo – disse Abban. – Até os dama e os dal'Sharum as receiam. Diz-se que vêem o futuro e que sabem que homens sobreviverão à noite e que homens morrerão.

Arlen encolheu os ombros.

– E se souberem? – perguntou, não procurando esconder a dúvida. Uma dama'ting lera-lhe a sina na primeira noite passada no Labirinto, mas não houve nada na experiência que o fizesse acreditar que conseguia realmente ver o futuro.

– Ofender uma dama'ting é o mesmo que ofender o destino – disse Abban, como se Arlen fosse um tolo.

Arlen abanou a cabeça.

– Somos nós a construir os nossos próprios destinos – disse. – Mesmo que a dama'ting possa lançar os ossos e vê-lo de forma antecipada.

– Não invejo o destino que te calhará se ofenderes uma delas – confessou Abban.

Recomeçaram a caminhar e depressa alcançaram o palácio do Andrah, uma enorme estrutura em cúpula fabricada em pedra branca e que seria tão antiga como a própria cidade. As suas guardas estavam pintadas a ouro e reluziam quando o sol intenso caía sobre os grandes minaretes.

Mas não tinham ainda entrado quando um dama correu até eles.

– Para trás, khaffit! – gritou.

– Lamento muito – desculpou-se Abban, com uma vénia e baixando os olhos para o chão enquanto recuava. Arlen manteve-se firme.

– Sou Arlen, filho de Jeph, Mensageiro do norte, conhecido como Par'chin – disse, em krasiano. Fincou a lança no chão e, mesmo embrulhada, era clara a sua natureza. – Trago cartas e oferendas para o Andrah e seus ministros – prosseguiu, erguendo o saco.

– Escolhes mal a tua companhia para alguém que fala a nossa língua, nortenho – disse o dama, continuando a fitar Abban com desagrado e vendo-o rastejar no pó.

Ocorreu a Arlen uma resposta irada, mas conteve-a.

– O Par'chin precisava de indicações – disse Abban, sem se erguer. – Pretendia apenas guiá-lo...

– Não te pedi que falasses, khaffit! – gritou o dama, pontapeando Abban com força no dorso. Arlen retesou os músculos, mas um olhar incisivo do amigo fê-lo acalmar-se.

O dama voltou-se para o Mensageiro como se nada se tivesse passado.

– Levarei as mensagens que trazes – disse-lhe.

– O Duque de Rizon pediu-me para entregar pessoalmente uma oferenda aos Damaji – arriscou Arlen.

– Nunca permitirei que um chin e um khaffit entrem no palácio – considerou o dama, com desprezo.

A reacção desiludiu, mas não foi inesperada. Arlen nunca conseguira ver um Damaji. Entregou as cartas e as encomendas, observando com semblante carregado o dama subir os degraus.

– Não me agrada dizer que bem te avisei – disse Abban. – Não ajudou teres-me

contigo, mas não minto se disser que os Damaji não permitiriam a um forasteiro que se apresentasse perante eles, nem que fosse o Duque de Rizon em pessoa. Ter-te-iam pedido educadamente que aguardasses e ficarias esquecido sobre alguma almofada de seda até perceberes que não eras bem-vindo.

Arlen cerrou os dentes. Pensou o que teria feito Ragen no seu lugar quando visitou a Lança no Deserto. Teria o seu mentor tolerado tal tratamento?

– Agora aceitas cear comigo? – perguntou Abban. – Tenho uma filha de quinze anos belíssima. Seria uma boa mulher para ti no norte, cuidando-te da casa durante as viagens.

“Qual casa?” pensou Arlen, pensando no pequeno aposento repleto de livros em Forte Angiers, onde não ia há mais de um ano. Olhou Abban, sabendo que, de qualquer forma, o seu amigo calculista estava mais interessado nos contactos que conseguiria com uma filha no norte, do que na sua felicidade, ou na manutenção da sua casa.

– Honras-me, meu amigo – replicou. – Mas ainda não estou preparado para desistir.

– Achei que não estarias – suspirou Abban. – Suponho que irás vê-lo.

– Sim – disse Arlen.

– Não tolerará melhor a minha presença do que o dama – advertiu Abban.

– Conhece o teu valor – discordou Arlen.

Abban abanou a cabeça.

– Tolerar a minha existência por ti – disse. – O Sharum Ka tem desejado lições do idioma do norte desde que te foi permitido entrar no Labirinto pela primeira vez.

– E Abban é o único homem em Krasia que o conhece – concluiu Arlen – tornando-o valioso para o Primeiro Guerreiro, mesmo que seja um khaffit. – Abban curvou-se, mas não pareceu convencido.

Dirigiram-se para o campo de treino, situado a pouca distância do palácio. O centro da cidade era território neutro para todas as tribos, onde se reuniam para orar e para preparar a alagai'sharak.

A tarde aproximava-se do fim e o campo estava movimentado. Arlen e Abban começaram por passar pelas oficinas de armeiros e Guardadores, cujos ofícios eram os únicos considerados dignos pelos dal'Sharum. Além delas, situava-se o campo amplo, onde instrutores berravam e homens treinavam.

No lado oposto, situava-se o palácio do Sharum Ka e dos seus tenentes, os *kai'Sharum*. Menor apenas do que o imenso palácio do Andrah, a sua grande cúpula albergava os mais honrados de todos, homens que tinham provado o seu valor no campo de batalha uma e outra vez. Por baixo do palácio, dizia-se que existia um grande harém, onde podiam transmitir o seu sangue bravo às gerações futuras.

Houve olhares e pragas murmuradas enquanto Abban coxeava, apoiado na muleta,

mas ninguém se atreveu a barrar-lhe o caminho. Abban estava sob a protecção de Sharum Ka.

Atravessaram fileiras de homens envolvidos em exercícios com lança e outros executando movimentos brutais e precisos do *sharusahk*, a arte marcial krasiana. Guerreiros praticavam tiro ao alvo ou lançavam redes a rapazes que corriam, afinando a sua perícia para a batalha da noite que se aproximava. No centro de tudo isto, havia um grande pavilhão, onde encontraram Jardir debruçado sobre planos de batalha com um dos seus homens.

Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir era o Sharum Ka de Krasia, título que poderá ser traduzido para thesano como “Primeiro Guerreiro”. Era um homem alto, passando o metro e oitenta, vestindo pano negro e com um turbante branco. De uma forma que Arlen não compreendia por completo, o cargo do Sharum Ka era também religioso, como demonstrava o turbante.

A sua pele era de uma profunda cor de cobre, os seus olhos eram escuros como o cabelo preto, oleado e caindo pelo pescoço abaixo. A barba negra era bifurcada e impecavelmente cuidada, mas não havia nada de suave naquele homem. Movia-se como um predador, rápido e seguro, e as mangas largas estavam enroladas para trás, revelando braços rijos e muscudos, cobertos de cicatrizes. Não passara há muito dos trinta anos.

Um dos guardas do pavilhão avistou Arlen e Abban a aproximarem-se e curvou-se para segredar alguma coisa a Jardir. O Primeiro Guerreiro voltou-se da lousa que estudava.

– Par’chin! – chamou, abrindo os braços e sorrindo para o receber. – Bem-vindo de volta à Lança no Deserto! – Falava em thesano e o seu vocabulário e dicção tinham melhorado muito desde a visita anterior de Arlen. Prendeu-o num abraço firme e beijou-o duas vezes na face. – Não sabia que tinhas regressado. Os alagai tremerão de medo esta noite!

Na sua visita original a Krasia, o Primeiro Guerreiro interessara-se por Arlen apenas como curiosidade, mas sangraram juntos no Labirinto e, em Krasia, isso significava tudo.

Jardir voltou-se para Abban.

– Que fazes entre os meus homens, khaffit? – perguntou, enojado. – Não te convoquei.

– Veio comigo – disse-lhe Arlen.

– Vinha contigo – corrigiu Jardir. Abban curvou-se e afastou-se tão rapidamente quanto lhe permitia a perna aleijada.

– Não sei porque perdes o teu tempo com esse khaffit, Par’chin – confessou Jardir.

– No sítio de onde venho, o valor de um homem não termina na forma como ergue

a lança – explicou.

Jardir riu-se.

– No sítio de onde vens, Par’chin, pura e simplesmente não erguem a lança!

– O teu thesano melhorou muito – notou Arlen.

Jardir grunhiu.

– A vossa língua chin não é fácil e é duas vezes mais difícil por exigir um khaffit para a praticar quando estás longe. – Observou Abban a coxear para longe, mirando de forma reprovadora as suas sedas garridas. – Olha para ele. Veste-se como uma mulher.

Arlen olhou as mulheres de negro do outro lado do campo, transportando água.

– Nunca vi uma mulher vestida assim – disse.

– Apenas porque não me permites encontrar-te uma mulher cujo véu possas erguer – tornou Jardir, sorrindo.

– Duvido que os dama permitissem que uma das vossas mulheres casasse com um chin sem tribo – considerou Arlen.

Jardir acenou com a mão.

– Tolice – afirmou. – Derramámos sangue lado a lado no Labirinto, meu irmão. Se te acolher na minha tribo, nem o próprio Andrah se atreveria a protestar!

Arlen não tinha tanta certeza, mas sabia que seria melhor não discutir. Os krasianos tinham reputação de se tornarem violentos com quem questionasse as suas afirmações e tal reputação poderia corresponder à verdade. Jardir parecia situar-se ao nível de um Damaji, pelo menos. Os guerreiros obedeciam-lhe sem questionar, colocando a sua autoridade acima da dos dama respectivos.

Mas Arlen não tinha qualquer desejo de se juntar à tribo de Jardir ou a qualquer outra. Deixava os krasianos desconfortáveis. Era um chin que participava na alagai’sharak e que, no entanto, era visto acompanhado por um khaffit. Juntar-se a uma tribo minoraria o desconforto, mas, no momento em que o fizesse, teria de se submeter ao Damaji tribal, ficando envolvido em todas as suas disputas de sangue e não lhe sendo permitido voltar a abandonar a cidade.

– Penso que ainda não estarei pronto para casar – disse.

– Não esperes muito ou os homens acharão que és *push’ting* – disse Jardir, rindo e esmurrando o ombro de Arlen. Arlen não sabia ao certo o que significava a palavra, mas isso não o impediu de acenar afirmativamente.

– Há quanto tempo chegaste, meu amigo? – perguntou Jardir.

– Apenas há algumas horas – respondeu Arlen. – Acabo de entregar as mensagens dirigidas ao palácio.

– E vens já oferecer a tua lança! Por Everam – bradou Jardir aos seus companheiros. – O Par’chin deve ter sangue krasiano nas veias! – Os homens imitaram-lhe a gargalhada. – Caminha comigo – disse Jardir, rodeando-lhe os ombros

com o braço e afastando-se dos restantes. Arlen percebeu que Jardir tentava decidir onde poderia enquadrá-lo melhor na batalha daquela noite.

– Os Bajin perderam um Guardador de Fosso na noite passada – disse. – Poderás substituí-lo.

Os Guardadores de Fosso situavam-se entre os soldados krasianos mais importantes, guardando os fossos usados para aprisionar nuclitas e garantindo que as guardas seriam activadas depois de os demónios caírem. Era trabalho arriscado pois, se as lonas usadas para disfarçar os fossos não caíssem para o interior, expondo por completo as guardas, restaria pouco tempo para impedir um demónio da areia de trepar e matar o Guardador enquanto tentasse descobri-las. Havia apenas uma posição com taxa de mortalidade mais elevada.

– Prefiro ser Empurrador – tornou Arlen.

Jardir abanou a cabeça, sorrindo.

– Esperas sempre o trabalho mais perigoso – censurou-o. – Se morreres, quem levará as tuas cartas?

Arlen notou o sarcasmo, mesmo com o sotaque cerrado de Jardir. As cartas não lhe diziam muito. Poucos dal'Sharum sabiam ler.

– Não será tão perigoso esta noite – disse Arlen. Incapaz de conter a excitação, desembalhou a sua nova lança, erguendo-a com orgulho para o Primeiro Guerreiro.

– Uma arma digna de um rei – concordou Jardir. – Mas é o guerreiro que vence ao fim da noite, Par'chin. E não a lança. – Pousou a mão sobre o ombro de Arlen e olhou-o nos olhos. – Não deposites demasiada fé na tua arma. Vi guerreiros com maior experiência do que tu pintarem as lanças e acabarem mortos.

– Não fui eu a fabricá-la – disse Arlen. – Encontrei-a nas ruínas de Anoch Sun.

– A cidade-berço do Libertador? – Jardir riu-se. – A Lança de Kaji é um mito, Par'chin. E a cidade perdida foi reclamada pela areia.

Arlen abanou a cabeça.

– Estive lá – disse. – Posso levar-te.

– Sou o Sharum Ka da Lança do Deserto, Par'chin – respondeu Jardir. – Não posso limitar-me a preparar um camelo e a seguir pelo deserto fora em busca de uma cidade que existe apenas em textos antigos.

– Creio que conseguirei convencer-te quando a noite cair – disse Arlen.

Jardir sorriu, paciente.

– Promete-me que não tentarás nenhuma tolice – disse. – Com ou sem lança guardada, não és o Libertador. Seria triste ter de te sepultar.

– Prometo – disse Arlen.

– Muito bem! – Jardir bateu-lhe com a mão no ombro. – Vem, meu amigo, o dia aproxima-se do fim. Cearás no meu palácio, antes de nos reunirmos diante do Sharik Hora!

Cearam carnes condimentadas, puré de ervilhas e as camadas de pão fino como papel que as mulheres krasianas preparavam, espalhando massa crua sobre pedras quentes polidas. Arlen teve direito a lugar de honra ao lado de Jardir, rodeado por kai'Sharum e servido pelas esposas de Jardir. Nunca compreendeu porque Jardir parecia respeitá-lo tanto, mas, após a forma como fora tratado no palácio do Andrah, sentiu-se grato.

Os homens suplicaram-lhe que contasse histórias, pedindo a da mutilação de Um Braço, mesmo que já a tivessem ouvido muitas vezes. Era sempre a história de Um braço que desejavam, ou de Alagai Ka, como lhe chamavam. Os demónios da rocha eram raros em Krasia e, assim que Arlen atendia ao pedido, os convivas pareciam ficar hipnotizados pelo relato.

– Construímos um novo escorpião depois da tua última visita, Par'chin – disse-lhe um dos kai'Sharum enquanto beberricavam néctar após a refeição. – Consegue cravar uma lança numa muralha de arenito. Acharemos forma de trespassar o couro de Alagai Ka.

Arlen riu-se e abanou a cabeça.

– Receio que não verão Um Braço esta noite – disse. – Ou em qualquer outra. Viu o sol.

Os kai'Sharum arregalaram os olhos.

– Alagai Ka está morto? – perguntou um deles. – Como conseguiste fazê-lo?

Arlen sorriu.

– Contar-vos-ei essa história depois da vitória desta noite – disse. Passou a mão delicadamente pela lança a seu lado enquanto o dizia, um gesto que não escapou ao Primeiro Guerreiro.

VINTE
ALAGAI'SHARAK
328 DR

– Grande Kaji, Lança de Everam, concede força aos braços dos teus guerreiros e coragem aos seus corações nesta noite em que se preparam para fazer o seu trabalho sagrado em Teu nome.

Arlen sentia-se agitado enquanto os Damaji invocavam as bênçãos de Kaji, o primeiro Libertador, sobre os dal'Sharum. No norte, dizer que o Libertador era mortal poderia envolver o autor da afirmação numa cena de pugilato, mas não era crime. Em Krasia, tal heresia era punível com a morte. Kaji era o Mensageiro de Everam, enviado para unir toda a humanidade contra os alagai. Chamavam-lhe Shar'Dama Ka, Primeiro Guerreiro-Sacerdote, e diziam que regressaria para tornar a unir os homens um dia, quando fossem dignos da *Sharak Ka*, a Primeira Guerra. Quem sugerisse o contrário conhecia um fim rápido e brutal.

Arlen não era tolo ao ponto de expressar as suas dúvidas sobre a divindade de Kaji, mas os Homens Santos continuavam a perturbá-lo. Pareciam procurar constantemente um pretexto para se mostrarem ofendidos por ele, pelo forasteiro, e as ofensas em Krasia costumavam resultar na morte do ofensor.

Mas, mesmo com o desconforto de Arlen perante os Damaji, sentia-se sempre motivado pela visão do Sharik Hora, o enorme templo a Everam com a sua imensa cúpula. O seu nome significava literalmente “Ossos dos Heróis” e o Sharik Hora recordava aquilo de que a humanidade seria capaz. Um edifício maior do que qualquer outro que Arlen tivesse visto. A biblioteca do Duque, em Miln, era minúscula quando comparada.

Mas o Sharik Hora era impressionante não apenas pelo seu tamanho. Era um símbolo de coragem além da morte, pois fora decorado com os ossos alvos de cada guerreiro tombado na alagai'sharak. Cobriam as traves do tecto e emolduravam as janelas. O grande altar era feito inteiramente de crânios e os bancos de ossos das pernas. O cálice de onde os adoradores bebiam água era um crânio aberto apoiado sobre os ossos completos de duas mãos, ligados aos ossos dos antebraços e suportados por dois pés. Cada candelabro gigantesco era construído com dúzias de crânios e centenas de costelas e a grande cúpula, sessenta metros acima, estava revestida com os crânios dos antepassados guerreiros dos krasianos, olhando do alto e julgando, exigindo honra.

Arlen tentara certa vez calcular quantos guerreiros decoravam o espaço, mas a tarefa era demasiado árdua e acabou por desistir. Todas as cidades e aldeias de Thesa, com população rondando as duzentas e cinquenta mil almas, não conseguiriam decorar uma fracção do Sharik Hora. Os krasianos tinham sido muitos, outrora.

Agora, o total de guerreiros krasianos chegaria talvez aos quatro mil e cabiam no interior de Sharik Hora, deixando muito espaço livre. Reuniam-se ali duas vezes por dia, uma ao amanhecer e outra ao anoitecer, para honrar Everam, para Lhe agradecer pelos nuclitas mortos na noite anterior e para implorar a Sua força para conseguir matá-los na noite que se aproximava. Acima de tudo, rezavam pelo regresso do Shar'Dama Ka e pela própria Sharak Ka. Seriam capazes de segui-lo até ao Núcleo profundo.

*

Gritos trazidos pelo vento do deserto chegaram junto de Arlen, no recanto onde aguardava pacientemente para emboscar os nuclitas. Os guerreiros em seu redor inquietaram-se, entoando preces a Everam. Noutra parte do Labirinto, a alagai'sharak já começara.

Ouviram o clamor quando a tribo Mehnding se posicionou sobre as muralhas da cidade e disparou as suas armas, projectando pedras pesadas e enormes lanças contra as fileiras demoníacas. Alguns dos projecteis atingiram os demónios da areia, matando ou ferindo número suficiente para levar os seus companheiros a lançarem-se sobre os corpos caídos, mas o verdadeiro propósito do ataque era enfurecê-los, deixá-los frenéticos. Os demónios facilmente se deixavam enfurecer e, logo que isso acontecesse, podiam ser guiados como ovelhas ao avistar um predador.

No momento em que os nuclitas fervilhavam, os portões exteriores da cidade abriam-se, desactivando-se a rede de guardas exterior. Demónios da areia e da chama avançavam, com os demónios do vento flutuando sobre eles. Várias dúzias conseguiam entrar antes que os portões fossem fechados e a rede de guardas reposta.

Dentro dos portões, erguia-se um grupo de guerreiros, batendo com os escudos. Estes homens, conhecidos como Iscos, eram maioritariamente velhos e fracos, dispensáveis, mas a sua honra não conhecia limites. Com gritos e assobios, dispersavam diante da carga dos demónios, mudando de direcção de forma estudada para dividir os nuclitas e levá-los mais para dentro do Labirinto.

Vigias nas muralhas em redor do Labirinto alvejavam os demónios do vento com boleadeiras e redes com pesos. Quando se despenhavam no chão, Estacadores emergiam de pequenas cavidades guardadas para os agarrar antes que conseguissem libertar-se, prendendo-lhes os membros a estacas guardadas cravadas no chão, impedindo-os de regressar ao Núcleo para escapar ao amanhecer.

Entretanto, os Iscos corriam, guiando os demónios da areia e os demónios da chama ocasionais até ao seu fim. Os demónios conseguiam correr com maior rapidez, mas não podiam contornar as curvas apertadas do Labirinto com a facilidade de homens que conheciam bem cada recanto. Quando um demónio se

aproximava demasiado, os Vigias tentavam abrandá-lo com redes. Muitas destas tentativas eram bem-sucedidas. Outras não.

Arlen e os outros na Guarda Empurradora prepararam-se ouvindo os gritos que anunciavam a aproximação dos Iscos.

– Atenção! – gritou um Vigia de cima. – Conto nove!

Nove demónios da areia eram muitos mais do que os habituais dois ou três que alcançavam um ponto de emboscada. Os Iscos tentavam reduzir-lhes os números dividindo-os em grupos para que nenhuma emboscada tivesse de lidar com mais de cinco. Arlen segurou a lança guardada com mais força enquanto os olhos dos dal'Sharum brilhavam com a excitação. Morrer na alagai'sharak equivalia a ganhar o paraíso.

– Luzes! – ouviu-se acima. Enquanto os Iscos conduziam os demónios até ao ponto de emboscada, os Vigias acendiam grandes fogueiras de óleo diante de espelhos angulosos, inundando a área de luz.

Surpreendidos, os nuclitas guinchavam e encolhiam-se. A luz não conseguiria magoá-los, mas dava aos Iscos exaustos tempo suficiente para escaparem. Preparados para a luz, fluíam com precisão experiente em redor dos fossos, deixando-se cair em trincheiras guardadas.

Os demónios da areia recuperaram rapidamente e continuaram a carga, ignorando a direcção em que os Iscos tinham seguido. Três deles passaram sobre as lonas cor de areia que cobriam dois fossos amplos, guinchando ao caírem de uma altura de vinte metros.

Com as armadilhas activadas, a Guarda Empurradora gritou e carregou para fora do abrigo, erguendo lanças entre escudos redondos guardados, para forçar os nuclitas restantes a cair nos fossos.

Arlen rugiu para afastar o medo e carregou com os outros, tomado pela bela loucura de Krasia. Era assim que imaginava os guerreiros de outrora, gritando contra o instinto de fuga e entregando-se ao combate. Por um momento, esqueceu quem era e onde estava.

Mas, nesse momento, a sua lança cravou-se num demónio da areia e as guardas ganharam vida, fazendo jorrar relâmpagos prateados sobre a criatura. Guinchou em agonia, mas foi arrastado pelas lâminas mais longas que ladeavam Arlen. Ofuscados pelo brilho das guardas defensivas, nenhum dos outros homens notou o sucedido.

O grupo de Arlen fez recuar os dois demónios restantes que enfrentavam até um fosso aberto do seu lado do ponto de emboscada. As guardas do poço eram de um tipo que permitia passagem unidireccional e que apenas eram conhecidas em Krasia. Os nuclitas podiam entrar no anel, mas não fugir. Sob a terra batida do fundo do fosso, havia pedra talhada, cortando-lhes o acesso ao Núcleo e aprisionando-os até a madrugada os destruir.

Erguendo os olhos, Arlen viu que o lado oposto não se saía tão bem. A lona ficara presa ao cair no fosso, cobrindo algumas guardas. Antes que o Guardador do Fosso conseguisse destapá-las, os dois nuclitas caídos treparam e mataram-no.

A Guarda Empurradora do lado oposto do ponto de emboscada deixara-se dominar pelo caos, enfrentando cinco demónios da areia e faltando-lhe um fosso funcional para onde pudessem empurrá-los. Havia apenas dez homens nessa unidade e os demónios estavam entre eles, usando livremente garras e dentes.

– Retirem para o refúgio! – ordenou o kai’Sharum do lado de Arlen.

– Antes para o Núcleo! – gritou Arlen, carregando em auxílio do outro grupo. Vendo um forasteiro demonstrar tamanha coragem, os dal’Sharum seguiram-no, deixando o comandante a gritar-lhes para as costas.

Arlen parou apenas durante o tempo suficiente para pontapear a lona para longe das guardas, activando o círculo protector. Praticamente sem se atrasar, saltou para o grupo, sem baixar a lança guardada.

Cravou-a no dorso do primeiro demónio e, daquela vez, o clarão mágico provocado quando a arma atingiu o alvo não escapou aos outros homens. O demónio da areia caiu ao chão, mortalmente ferido e Arlen sentiu uma torrente de energia selvática fluir pelo seu corpo.

Captou movimento pelo canto do olho e girou, endireitando a lança para bloquear os dentes aguçados de outro demónio da areia. As guardas defensivas na haste da lança activaram-se antes que o nuclita conseguisse morder, mantendo-lhe a boca aberta. Arlen fez rodar bruscamente a lança e a magia cintilou, fracturando o maxilar da criatura.

Um terceiro demónio avançou, mas Arlen sentia o poder nos seus membros. Moveu a extremidade romba da lança e as guardas aí presentes cortaram metade da face do nuclita. Enquanto caía, deixou cair o escudo e voltou-se, com a lâmina nas mãos, fazendo-a cair com toda a força e perfurando o coração do demónio.

Arlen rugiu e procurou outro demónio para defrontar, mas todos os outros tinham sido empurrados para os fossos. Em redor, homens fitavam-no, espantados.

– Porque esperamos? – gritou, avançando pelo Labirinto. – Temos alagai para caçar!

Os dal’Sharum seguiram-no, entoando em uníssono: “Par’chin! Par’chin!”

O primeiro encontro foi com um demónio do vento que se lançou sobre eles, rasgando a garganta a um dos seguidores de Arlen. Antes que a criatura conseguisse voltar a erguer-se, Arlen fez voar a lança, atingindo a cabeça do nuclita com uma chuva de faíscas e fazendo-o cair por terra.

Recuperou a arma e continuou a correr, com a magia pura da lança banhando-o como a um guerreiro lendário. Enquanto o grupo percorria o Labirinto, os seus números iam aumentando e, à medida que Arlen ia matando demónio após demónio,

mais e mais se juntavam ao cântico: “Par’chin! Par’chin!”

Os pontos de emboscada guardados e os túneis de fuga foram esquecidos. Esquecidos foram também o medo e o respeito pela noite. Com a sua lança de metal, Arlen parecia invulnerável e a confiança que transmitia era como uma droga para os krasianos.

*

Dominado pelo frenesim da vitória, Arlen sentiu-se como se tivesse emergido de um casulo, renovado pela arma ancestral. Não sentiu cansaço, apesar de correr e lutar há horas. Não sentiu dor, apesar dos muitos cortes e pancadas. Os seus pensamentos focavam-se apenas no encontro seguinte, no demónio que mataria a seguir. De cada vez que sentia a magia trespassar a armadura de um nuclita, ocorria-lhe o mesmo pensamento.

“Cada homem precisará de ter uma.”

Jardir surgiu diante dele e Arlen, coberto com o sangue dos demónios, ergueu a lança bem alto em saudação ao Primeiro Guerreiro.

– Sharum Ka! – gritou. – Nenhum demónio escapará com vida do teu Labirinto nesta noite!

Jardir riu-se, erguendo também a sua lança em resposta. Aproximou-se e abraçou Arlen como a um irmão.

– Subestimei-te, Par’chin – disse. – Não tornarei a fazê-lo.

Arlen sorriu.

– Dizes sempre o mesmo – replicou.

Jardir indicou os dois demónios da areia que Arlen acabara de matar.

– As circunstâncias são diferentes – afirmou, sorrindo também. A seguir, voltou-se para os homens que seguiam Arlen. – Dal’Sharum! – chamou, apontando os nuclitas mortos. – Reúnam estas coisas hediondas no topo da muralha exterior! Os nossos fundibulários necessitam de praticar! Que os nuclitas fora das muralhas vejam a loucura dos ataques a Forte Krasia!

Os homens uniram-se num grito de apoio, apressando-se a obedecer-lhe. Enquanto o faziam, Jardir voltou-se novamente para Arlen.

– Os Vigias dizem que ainda se combate nos pontos de emboscada orientais – disse. – Resta-te alguma luta, Par’chin?

O sorriso de Arlen era feroz.

– Mostra-me o caminho – tornou. E os dois homens partiram a correr, deixando os outros entregues ao seu trabalho.

Correram durante algum tempo até um dos extremos mais distantes do Labirinto.

– Ali à frente – disse Jardir, enquanto contornavam uma esquina apertada e alcançavam um ponto de emboscada. Arlen não pensou duas vezes no silêncio

reinante, continuando com a cabeça repleta com o som dos seus passos e o bater do seu coração.

Contornando a esquina, uma perna projectou-se a seu lado, prendendo-lhe o pé e fazendo-o cair no chão. Rebolou quando caiu, mantendo segura a sua arma preciosa, mas, quando voltou a erguer-se, homens haviam bloqueado a sua única possibilidade de fuga.

Arlen olhou em redor, confuso, não vendo sinal de demónios, nem de combates. Chegara a uma emboscada, mas esta não se destinava aos nuclitas.

VINTE
E UM APENAS UM CHIN
328 DR

Os Sharum, a elite de Jardir, rodearam Arlen. Conhecia-os a todos. Eram os homens com quem ceara e rira naquela mesma noite e lutara junto deles em muitas ocasiões.

– O que é isto? – perguntou Arlen, apesar de, no seu coração, saber a resposta.

– O lugar da Lança de Kaji é nas mãos do Shar'Dama Ka – explicou Jardir enquanto se aproximava. – Tu não és ele.

Arlen segurou a lança como se receasse que lhe voasse das mãos. Os homens que o rodeavam eram os mesmos guerreiros com quem ceara pouco antes, mas não restava nos seus olhos qualquer amizade. Jardir fora sensato ao separá-lo dos seus seguidores.

– Não precisa de ser assim – disse Arlen, recuando até alcançar o limite do fosso no centro do ponto de emboscada. Ouviu vagamente o silvo do demónio da areia aprisionado no interior.

– Posso fazer mais iguais a esta – prosseguiu. – Uma para cada dal'Sharum. Foi por isso que vim.

– Somos capazes de fazer o mesmo sozinhos – Jardir esboçou um sorriso gélido que lhe rasgou a barba. Os seus dentes reluziam ao luar. – Não poderás ser o nosso salvador. És apenas um chin.

– Não quero lutar convosco – disse Arlen.

– Então não o faças, meu amigo – disse Jardir, sem elevar a voz. – Dá-me a arma, pega no teu cavalo e parte com a madrugada para nunca mais voltares.

Arlen hesitou. Não duvidava que os Guardadores de Krasia replicassem a lança tão bem como ele. Em pouco tempo, os krasianos conseguiriam inverter o rumo da sua Guerra Santa. Milhares de vidas seriam salvas. Milhares de demónios seriam mortos. Importaria quem ficasse com os créditos?

Mas havia mais em causa do que apenas o crédito. A lança não era um dom apenas para Krasia, mas para todos os homens. Os krasianos partilhariam o seu conhecimento com outras nações? Se a situação em que se encontrava agora pudesse servir de exemplo, Arlen pensou que não.

– Não – disse. – Acho que ficarei com ela um pouco mais. Deixa-me fazer-te uma e partirei. Não voltarás a ver-me e terás o que desejas.

Jardir estalou os dedos e os homens apertaram o cerco.

– Por favor – implorou Arlen. – Não quero ferir nenhum de vós.

A elite guerreira de Jardir riu-se. Todos tinham dedicado as suas vidas à lança. Mas também Arlen o fizera.

– Os nuclitas são o verdadeiro inimigo! – gritou, quando avançaram. – E não eu! –

Enquanto protestava, girou, desviando duas pontas de lança com um golpe da sua arma e pontapeando um dos homens violentamente nas costelas, fazendo-o cair sobre um companheiro. Correu para os homens que o rodeavam, girando a lança como um bastão, recusando-se a usar a ponta.

Fez embater a extremidade romba na face de um guerreiro, sentindo o seu maxilar quebrar e baixou-se quando este se projectou para diante, atingindo com força o joelho de outro homem. Uma lança cortou o ar por cima da sua cabeça enquanto o guerreiro caía ao chão, gritando.

Mas, ao contrário do que sucedia quando lutara contra os nuclitas, Arlen sentia a lança pesada nas mãos, com a energia interminável que o animara no Labirinto esgotada. Contra homens, era apenas uma lança. Arlen apoiou-a no chão e saltou para o ar, pontapeando a garganta de um guerreiro. O pé da lança atingiu o estômago de outro, fazendo-o curvar-se. A ponta rasgou a coxa de um terceiro, levando-o a deixar cair a sua arma para pressionar a ferida com as mãos. Arlen recuou do avanço que se seguiu, voltando as costas para o fosso para que não conseguissem rodeá-lo.

– Voltei a subestimar-te, apesar de ter prometido não o fazer – disse Jardir. Acenou e mais homens avançaram para reforçar o cerco.

Arlen lutou com afinco, mas o resultado não poderia ser outro. Uma haste atingiu-lhe a cabeça, fazendo-o cair e os guerreiros caíram sobre ele com selvajaria, golpeando-o até soltar a lança para cobrir a cabeça com as mãos.

Logo que o fez, o espancamento cessou. Arlen foi colocado de pé, com as mãos seguras atrás das costas por dois guerreiros muscudos, enquanto observava Jardir curvando-se para erguer a sua lança. O Primeiro Guerreiro segurou o seu prémio com firmeza e olhou Arlen nos olhos.

– Lamento realmente, meu amigo – disse. – Desejaria que houvesse outra forma.

Arlen cuspiu-lhe na cara.

– Everam vê a tua traição! – gritou.

Jardir limitou-se a sorrir, limpando o cuspido.

– Não fales de Everam, chin. Sou eu o seu Sharum Ka. Não és tu. Sem mim, Krasia cairia. Quem te sentirá a falta, Par'chin? Não encherás um único vidro de lágrimas.

Olhou os homens que o seguravam.

– Atirem-no ao fosso.

*

Arlen não recupera do choque da queda quando a magnífica lança de Jardir caiu à sua frente. Erguendo os olhos, viu, no alto dos seis metros do fosso, o Primeiro Guerreiro olhando-o.

– Viveste com honra, Par'chin – disse Jardir. – E poderás mantê-la na morte. Morre em combate e despertarás no paraíso.

Arlen rosnou, olhando o demónio da areia do outro lado do fosso e vendo-o erguer-se e flectir as patas. Ouviu-se um rosnado baixo enquanto o focinho expunha fileiras de dentes aguçados como lâminas.

Arlen pôs-se de pé, ignorando a dor nos músculos. Alcançou lentamente a lança, mantendo os olhos fixos nos do demónio. A sua postura, nem ameaçadora nem receosa, confundiu a criatura, fazendo-a mover-se para trás e para diante, com incerteza.

Não era fácil, mas era possível matar um demónio da areia com uma lança sem guardas. Os pequenos olhos sem pálpebras, habitualmente protegidos por saliências ósseas, arregalavam-se quando saltavam. Um golpe preciso nesse ponto vulnerável, se conseguisse alcançar o cérebro, poderia matar instantaneamente a criatura. Mas os demónios saravam com rapidez mágica e um golpe menos preciso, ou um golpe que não conseguisse atingir o objectivo, serviria apenas para o enfurecer ainda mais. Sem escudo e apenas com a luz ténue da lua e dos candeeiros a petróleo no alto do fosso, seria uma tarefa quase impossível.

Enquanto o demónio permanecia intrigado com o seu comportamento, Arlen começou a arrastar lentamente a ponta da lança pelo solo, traçando linhas de guarda directamente à sua frente, o caminho mais provável para um ataque do nuclita. A criatura não tardaria a conseguir contorná-las, mas poderia ganhar tempo. Linha a linha, marcou os símbolos no chão.

O demónio da areia recuou até às paredes do fosso, onde as sombras que ofereciam refúgio da luz que vinha de cima eram maiores. As suas escamas castanhas mesclavam-se com o barro, tornando-o quase invisível. Viam-se apenas os grandes olhos negros, reflectindo a luz difusa.

Arlen pressentiu o ataque antes que este ocorresse. Os músculos flectidos do demónio estremeceram quando fincou as patas traseiras. Arlen posicionou-se com cuidado atrás das guardas que completara e quebrou o contacto visual, como se mostrasse submissão.

Com um rosnado que se transformou num rugido, o nuclita lançou-se para ele, mais de quarenta e cinco quilos de garras, dentes e músculo couraçado. Arlen esperou que alcançasse as guardas e, assim que as viu cintilar, atacou os olhos expostos, com o impulso do demónio a reforçar a potência do seu golpe.

Observando do alto, os krasianos incentivaram-no.

Arlen sentiu a ponta da lança cravar-se, mas não o suficiente, antes que o golpe e a magia projectassem a criatura para trás, guinchando de dor. Olhou a lança e viu que a ponta se partira. Viu-a reflectindo o luar no olho do demónio enquanto este estremecia e voltava a erguer-se. Levou as garras à face e a ponta libertou-se.

Deixou de sangrar de imediato.

O nuclita rosnou e começou a avançar lentamente para ele, rastejando sobre a barriga pelo fundo do fosso. Arlen permitiu que avançasse, apressando-se a completar o seu semicírculo. O demónio voltou a saltar e, novamente, as guardas improvisadas cintilaram, travando-o. Arlen avançou, tentando cravar-lhe a haste partida da lança na carne mais vulnerável da garganta. O nuclita foi demasiado rápido, prendendo a haste nas mandíbulas e arrancando-a às mãos de Arlen antes de ser projectado novamente para trás.

– Noite! – praguejou Arlen. O seu círculo estava longe de estar completo e, sem a lança, não tinha esperanças de conseguir terminá-lo.

Recuperando do impacto, o demónio da areia não estava preparado quando Arlen saltou de trás das suas guardas e se lançou sobre ele. Os espectadores no alto do fosso bradaram de entusiasmo.

O nuclita debateu-se e mordeu, mas Arlen foi mais rápido, colocando-se atrás dele e introduzindo-lhe os antebraços sob as patas, entrelaçando os dedos atrás da cabeça. Ergueu-se, levantando o demónio do chão.

Arlen era maior e mais pesado do que o demónio da areia, mas não conseguia igualar a força musculada do nuclita enquanto este se debatia. Os seus músculos faziam lembrar as cordas usadas nas pedreiras de Miln e as garras ameaçavam reduzir-lhe as pernas a farrapos. Virou a criatura, fazendo-a embater contra a parede do fosso. Antes que esta conseguisse recuperar do impacto, repetiu o gesto, fazendo-a embater novamente. A resistência da criatura vencia-o e aplicou novamente o seu peso, lançando-a contra as guardas. A magia iluminou o fosso, projectando o demónio para trás. Arlen pegou na lança e correu para trás das guardas, não lhe dando tempo para recuperar.

O demónio enraivecido lançou-se repetidamente contra as guardas, mas Arlen não demorou a completar o seu semicírculo improvisado, com a parede do fosso atrás de si. Havia buracos na rede, mas esperou que fossem demasiado pequenos para serem encontrados pelo demónio e para permitirem a sua passagem.

Perdeu a esperança no momento seguinte, quando o nuclita saltou para a parede do fosso, cravando as garras no barro. Moveu-se lateralmente preso à parede, dirigindo-se para Arlen com dentes expostos e a pingar saliva.

As guardas apressadas eram fracas, com um raio protector curto, não muito mais alto do que a distância a que o demónio conseguiria saltar. O nuclita não levaria muito tempo a perceber que poderia fazê-lo.

Preparando-se, Arlen colocou o pé sobre a guarda mais próxima da parede, bloqueando-lhe o efeito. Manteve o pé um centímetro acima do chão, para não destruir as marcas. Esperou até que o demónio saltasse e retirou o pé, descobrindo a guarda.

O demónio estava a meio da rede quando esta foi reactivada, banindo a carne nuclita. Metade da criatura caiu no interior do círculo com Arlen. A outra metade caiu inerte no exterior.

Mesmo separado dos seus quartos traseiros, o nuclita tentou atingir Arlen com dentes e garras enquanto este atravessava as guardas, aprisionando o torso do demónio da areia no semicírculo, que continuava a mover-se e a ensopar o solo com sangue negro.

Arlen ergueu os olhos, vendo os krasianos a fitá-lo, boquiabertos. Partiu a haste da lança contra o joelho. Inspirado pelo demónio, cravou um pedaço no barro macio da parede do fosso. Içou-se com força, forçando os bíceps e começando a erguer-se. Moveu o outro braço para cima, cravando a ponta da lança mais acima.

Repetindo o gesto, trepou os seis metros da parede até ao alto do fosso. Não pensou no que abandonava no fundo ou no que o esperaria em cima. Concentrou-se apenas na tarefa, ignorando o esforço que lhe fazia arder os músculos, quase sentindo a carne rasgar.

Quando chegou ao topo, os krasianos recuaram, mantendo os olhos arregalados. Muitos deles invocaram Everam e tocaram nas testas e nos corações, enquanto outros traçaram guardas no ar para se protegerem como se estivessem perante um demónio.

Sentindo os membros fraquejar, Arlen ergueu-se com dificuldade. Olhou o Primeiro Guerreiro com olhos esgazeados.

– Se me queres morto – rosnou – terás de ser tu a matar-me. Não restam nuclitas no Labirinto que o possam fazer por ti.

Jardir deu um passo em frente, mas hesitou ao ouvir o murmúrio de desaprovação de alguns dos seus homens. Arlen provara ser um guerreiro. Matá-lo naquele momento não seria honroso.

Arlen contava com isso, mas, antes que os homens tivessem tempo de pensar melhor no assunto, Jardir avançou, atingindo-o na têmpora com a extremidade romba da lança guardada.

Arlen caiu ao chão, com o mundo a rodopiar em seu redor, mas cuspiu e apoiou-se sobre as mãos para voltar a erguer-se. Olhou para cima, vendo Jardir avançar novamente. Sentiu o metal da lança atingir-lhe a face e perdeu os sentidos.

VINTE E DOIS
ACTUAR NOS POVOADOS
329 DR

Rojer dançava enquanto avançavam, movendo quatro bolas de madeira pintadas de cores garridas sobre a cabeça. O malabarismo estacionário continuava a estar fora do seu alcance, mas Rojer Meia-Mão tinha uma reputação a manter e, por isso, aprendera a contornar a limitação, movendo-se com graça fluida para manter a mão mutilada em posição de apanhar cada bola.

Com catorze anos, continuava baixo, não passando muito além do metro e meio, com o cabelo ruivo, olhos verdes e uma face redonda, branca e sardenta. Agachou-se e esticou-se, descrevendo círculos completos, movendo os pés em uníssono com as bolas. As suas botas macias de biqueira fendida estavam cobertas com o pó da estrada e a nuvem que ia erguendo envolvia-o, fazendo com que cada inspiração soubesse a terra seca.

– Valerá a pena se não consegues ficar quieto? – perguntou Arrick, irritado. – Pareces um amador e o teu público não gostará de respirar pó mais do que eu.

– Não vou actuar em estradas de terra – disse Rojer.

– Poderás ter de o fazer nos povoados – discordou Arrick. – Onde as ruas não são entaboadas.

Rojer falhou um movimento e Arrick calou-se enquanto o rapaz tentava recuperar em desespero. Conseguiu controlar as bolas de novo, mas não se livrou da reprovação de Arrick.

– Sem tábuas, como impedem que os demónios se ergam dentro das muralhas? – perguntou Rojer.

– Também não têm muralhas – respondeu Arrick. – Manter uma rede à volta de um povoado, mesmo que pequeno, exigiria uma dúzia de Guardadores. Se uma aldeia tiver dois e um aprendiz, poderá considerar-se afortunada.

Rojer engoliu o intenso sabor azedo que lhe subia da garganta, sentindo-se fraquejar. Gritos com mais de uma década ecoaram-lhe na cabeça e cambaleou, caindo sobre o traseiro, atingido pelas bolas. Furioso, bateu com a mão aleijada no piso.

– É melhor deixares o malabarismo para mim e concentrares-te noutras áreas – disse Arrick. – Se praticasses canto durante metade do tempo que usas para treinar o malabarismo, aguentarias pelo menos três notas antes que a voz te falhasse.

– Sempre disste que “Um Jogral que não consegue fazer malabarismo não é um verdadeiro Jogral” – recordou Rojer.

– Esquece o que eu disse! – replicou Arrick. – Achas que o maldito Jasin Tom-Dourado faz malabarismo? Tens talento. Logo que te construamos reputação, terás aprendizes a fazer malabarismo por ti.

– Porque quereria alguém que fizesse os meus truques por mim? – perguntou Rojer, erguendo as bolas e guardando-as na bolsa à cintura. Enquanto o fazia, tocou no volume reconfortante do seu talismã, guardado na segurança do bolso secreto, fortalecendo-o.

– Porque não são os truques menores a dar dinheiro, rapaz – explicou Arrick, erguendo o odre de vinho omnipresente. – Os malabaristas ganham klats. Constrói uma reputação e ganharás o doce ouro milnês como eu ganhava. – Bebeu um gole mais demorado. – Mas, para construir uma reputação, é necessário actuar nos povoados.

– Tom-Dourado nunca actuou nos povoados – disse Rojer.

– Precisamente! – gritou Arrick, gesticulando. – O seu tio pode conseguir puxar cordelinhos em Angiers, mas não tem qualquer influência nos povoados. Quando tiveres nome, haveremos de o enterrar!

– Não está à altura de Doce-Canção e Meia-Mão – disse Rojer, prontamente, referindo em primeiro lugar o nome do seu mestre, mesmo que os rumores que circulavam pelas ruas de Angiers os invertessem.

– Sim! – gritou Arrick, batendo com os calcanhares e improvisando alguns passos de dança.

Rojer conseguira rebater a irritação de Arrick a tempo. O seu mestre tornara-se mais propenso a ataques de fúria durante os anos anteriores, bebendo cada vez mais enquanto a estrela de Rojer brilhava com intensidade crescente e a sua se ia apagando. A sua canção deixara de ser doce como noutros tempos. E sabia-o bem.

– A que distância estamos do Córrego do Grilo? – perguntou Rojer.

– Deveremos chegar amanhã, pela hora de almoço – disse Arrick.

– Pensei que os povoados se situassem apenas a um dia de viagem – referiu Rojer.

Arrick grunhiu.

– O decreto do Duque determinou que a distância entre as aldeias não excedesse o que um bom cavalo consegue percorrer num dia – explicou. – A distância será um pouco maior para quem vá a pé.

Rojer perdeu a esperança. Arrick pretendia realmente passar uma noite na estrada, sem nada que os separasse dos nuclitas além do velho círculo portátil de Geral, que não fora usado nos dez anos anteriores.

Mas Angiers deixara de ser inteiramente segura. Com o crescimento da sua popularidade, Mestre Jasin revelava especial interesse em sabotar-lhes os intentos. Os seus aprendizes tinham partido o braço de Arrick no ano anterior e roubado o lucro dos espectáculos em mais do que uma ocasião. Com isso e com a tendência de Arrick para a bebida e para as mulheres, raramente restavam dois klats. Talvez houvesse realmente melhor sorte nos povoados.

Fazer nome neles era um ritual de passagem para os jograis e pareceu-lhe uma grande aventura enquanto permaneceu na segurança de Angiers. Agora, Rojer olhou o céu e engoliu em seco.

*

Rojer sentou-se numa pedra, cosendo um remendo de tecido colorido na capa. Como sucedia com o resto das suas roupas, o tecido original há muito se gastara, substituído pedaço a pedaço até restarem apenas remendos.

– Prepara o círculo quando acabares, rapaz – disse Arrick, vacilando ligeiramente. O seu odre estava praticamente vazio. Rojer olhou o sol poente e estremeceu, apressando-se a obedecer.

O círculo era pequeno, medindo apenas três metros de diâmetro. Suficientemente grande para dois homens com uma fogueira entre eles. Colocou uma estaca no centro do acampamento e usou um cordel de metro e meio preso a ela para traçar um círculo na terra. Estendeu o círculo portátil por cima, usando um pau recto para se assegurar de que as placas guardadas estavam convenientemente alinhadas. Mas não era um Guardador e não podia ter a certeza de que o fizera como deveria.

Quando terminou, Arrick cambaleou para lhe inspeccionar o trabalho.

– Parece bem – disse o mestre, arrastando as palavras e mal olhando o círculo. Rojer sentiu um arrepio na espinha e voltou a conferir tudo para se certificar e uma terceira vez para não restarem dúvidas. Mesmo assim, não se sentiu seguro enquanto ateava a fogueira e preparava o jantar, com o sol descendo cada vez mais sobre o horizonte.

Rojer nunca vira um demónio. Pelo menos, que o lembrasse com clareza. A mão com garras que vira através da porta dos pais ficara-lhe gravada para sempre na memória, mas o resto, incluindo o nuclita que o mutilara, era apenas uma névoa de fumo, dentes e chifres.

Sentiu o sangue arrefecer quando a sombra das árvores se alongou na estrada. Pouco depois, uma forma fantasmagórica ergueu-se do chão a pouca distância da sua fogueira. O demónio da madeira não era maior do que um homem comum, com pele coberta de nós como a casca de uma árvore sobre músculos delgados. A criatura viu a fogueira e rugiu, erguendo a cabeça coroadada com chifres e exibindo fileiras de dentes aguçados. Flectiu as garras, preparando-as para a matança. Outras formas se revelaram além da luz da fogueira, rodeando-os lentamente.

Rojer olhou Arrick, que bebia do odre como se a vida disso dependesse. Esperara que o mestre, que passara outras noites em círculos portáteis, pudesse manter a calma, mas o medo nos seus olhos dizia algo inverso. Rojer levou uma mão trémula ao seu bolso secreto e retirou o talismã, segurando-o com firmeza.

O demónio da madeira baixou os chifres e carregou. Nesse momento, algo

despertou na mente de Rojer, uma memória há muito reprimida. Subitamente, tinha três anos e olhava a aproximação da morte sobre o ombro da mãe.

Recordou tudo nesse instante. O seu pai a erguer o atizador e a resistir com Geral para dar tempo à mãe e a Arrick de fugirem com ele. Arrick empurrando-os para o lado enquanto corria para o alçapão. A dentada que lhe levou os dedos. O sacrifício da sua mãe.

“Amo-te!”

Rojer segurou o talismã e sentiu o espírito da mãe em seu redor como uma presença física. Confiou que pudesse protegê-lo melhor do que as guardas enquanto o nuclita continuava a avançar.

O demónio embateu contra as guardas com toda a força. Rojer e Arrick saltaram quando a magia cintilou. O círculo de Geral desenhou uma teia de faíscas prateadas no ar por um breve instante e o nuclita foi projectado para trás, atordoado.

O alívio durou pouco. O ruído e o clarão atraíram a atenção de outros demónios da madeira e avançaram também, testando a rede de todas as direcções.

Mas as guardas lacadas de Geral mantiveram-se firmes. Isoladamente ou em grupo, os demónios da madeira foram lançados para trás, caminhando furiosamente em redor, procurando fraquezas em vão.

Mesmo com os ataques dos nuclitas, a mente de Rojer estava distante. Uma e outra vez reviu a morte dos pais, o seu pai queimado, a sua mãe afogando o demónio da chama antes de enfiar o filho no alçapão. E, uma e outra vez, viu Arrick empurrá-los para o lado.

Arrick matara a sua mãe. Com tanta certeza como se tivesse sido ele próprio a tirar-lhe a vida. Rojer ergueu o talismã até aos lábios, beijando o cabelo ruivo.

– O que é isso que tens na mão? – perguntou Arrick em voz baixa, quando se tornou claro que os demónios não conseguiriam penetrar no círculo.

Em qualquer outra altura, Rojer sentiria uma pontada de pânico pela descoberta do talismã, mas estava além disso, revivendo um pesadelo e tentando desesperadamente perceber o seu significado. Arrick fora para ele um pai durante mais de dez anos. Poderiam aquelas recordações ser verdadeiras?

Abriu a mão, permitindo-lhe ver a minúscula boneca com o seu cabelo ruivo intenso.

– A minha mãe – disse.

Arrick olhou a boneca com tristeza e algo na sua expressão disse a Rojer tudo o que precisava de saber. A sua recordação era verdadeira. Palavras iradas vieram-lhe aos lábios e sentiu-se tenso, preparado para agredir o mestre, para o lançar fora do círculo, permitindo que os nuclitas o devorassem.

Arrick baixou os olhos e pigarreou, começando a cantar. A sua voz, prejudicada por anos de bebida, recuperou parte da velha doçura ao cantar uma suave canção de

embalar, que despertou a memória de Rojer da mesma forma que a visão do demónio da madeira. Subitamente, recordou a forma como Arrick o segurou contra si no mesmo círculo que agora os protegia, cantando a mesma canção enquanto Ponteflúvia ardia. Como o seu talismã, a canção rodeou-o, recordando-lhe como o fizera sentir-se seguro nessa noite. Arrick fora um cobarde, isso era verdade, mas honrara o pedido de Kally para cuidar dele, mesmo que isso lhe tivesse custado a sua comissão real e lhe tivesse arruinado a carreira.

Guardou o talismã no bolso secreto e fitou a noite, enquanto imagens com mais de uma década lhe surgiam na memória, esforçando-se ele por ver nelas algum sentido.

Passado algum tempo, Arrick parou de cantar e Rojer arrancou-se à contemplação e foi buscar os utensílios de cozinha. Fritaram salsichas e tomates numa pequena frigideira, comendo-os com pão duro. Depois da ceia, praticaram. Rojer tocou violino e Arrick molhou os lábios com as últimas gotas do seu odre. Voltaram-se um para o outro, esforçando-se por ignorar os nuclitas que rodeavam o círculo.

Roger começou a tocar e todas as dúvidas e medos se dispersaram ao mesmo tempo que a vibração das cordas se tornava o seu mundo. Foi acariciando a progressão da melodia e acenou com a cabeça quando se sentiu pronto. Arrick juntou-se a ele com um som prolongado e suave, esperando novo aceno de cabeça para começar a cantar. Praticaram durante algum tempo, deixando-se cair numa harmonia simpática, oleada por anos de treino e de actuações.

Muito mais tarde, Arrick parou de repente, olhando em redor.

– O que foi? – perguntou Rojer.

– Acho que nenhum dos demónios atingiu as guardas desde que começámos – disse Arrick.

Roger parou de tocar, olhando em redor. Percebeu que era verdade e estranhou não o ter percebido antes. Os demónios da madeira estavam agachados em redor do círculo, imóveis, mas, assim que Rojer fitou um deles, viu-o saltar na sua direcção.

Roger gritou e caiu no momento em que o nuclita embatia contra as guardas e era repellido. Em redor, a magia cintilou quando as restantes criaturas saíram do seu estado hipnótico e atacaram.

– Era a música! – exclamou Arrick. – A música deteve-os!

Vendo a expressão confusa na cara do rapaz, Arrick pigarreou e começou a cantar.

A sua voz era forte e ecoou pela estrada fora, abafando os rugidos dos demónios com a sua bela sonoridade, mas não fez nada para os imobilizar. Pelo contrário, os nuclitas guincharam ainda mais e cravaram as garras na barreira, como se fossem movidos por uma ânsia desesperada de o silenciar.

Arrick franziu as sobrancelhas fartas e mudou de canção, entoando a última que praticara com Rojer, mas os nuclitas não se detiveram. Rojer sentiu uma pontada de

medo. E se os demónios encontrassem uma fraqueza nas guardas, como tinham feito...

– O violino, rapaz! – gritou Arrick. Rojer olhou sem reacção para o violino e para o arco que ainda segurava. – Toca, imbecil! – ordenou Arrick.

Mas a mão mutilada de Rojer tremia e o arco tocou as cordas com um ruído doloroso, como unhas raspando sobre uma lousa. Os nuclitas guincharam e recuaram um passo. Sentindo-se encorajado, Rojer tocou outras notas dilacerantes e dolorosas, repelindo-os cada vez mais. Uivaram e levaram mãos medonhas à cabeça, como se sentissem dor.

Mas não fugiram. Recuaram lentamente para longe do círculo até se encontrarem a uma distância tolerável. Aguardaram nesse ponto, com os olhos negros reflectindo a luz da fogueira.

Vê-los fez gelar o coração de Rojer. Sabiam que não poderia tocar para sempre.

*

Arrick não exagerara ao dizer que seriam tratados como heróis nos povoados. Os habitantes do Córrego do Grilo não tinham jograis próprios e muitos recordavam Arrick dos seus tempos como arauto do Duque, uma década antes.

Havia uma pequena estalagem para albergar vaqueiros e agricultores nas viagens entre o Extremo da Floresta e o Prado do Pastor e foram recebidos com cordialidade, sendo-lhes oferecido alojamento e refeições. Toda a aldeia foi vê-los actuar, bebendo cerveja suficiente para pagar ao estalajadeiro. Aliás, tudo correu bem até ao momento de passar o chapéu.

*

– Uma maçaroca de milho! – berrou Arrick, abanando-a junto à face de Rojer. – Que esperam que façamos com isto?

– Podemos comê-la – propôs Rojer. O seu mestre olhou-o com desagrado e continuou a caminhar de um lado para o outro.

Roger gostara do Córrego do Grilo. As pessoas eram simples, tinham bom coração e sabiam apreciar a vida. Em Angiers, o público amontoava-se para ouvir o seu violino, acompanhando a música e aplaudindo, mas nunca vira gente tão pronta a dançar como os do Córrego. Mal retirara o violino do estojo e já recuavam, abrindo espaço. Não tardou a rodopiarem e a saltarem, rindo sonoramente e recebendo a música com entusiasmo, deixando-se fluir até onde os levasse.

Choraram sem vergonha ao ouvir as baladas tristes de Arrick e riram histericamente das suas piadas brejeiras e mímica. Rojer achava que eram o público perfeito.

Quando a actuação terminou, os gritos de “Doce-Canção e Meia-Mão!” eram ensurdecedores. Foram inundados com propostas de alojamento e o vinho e a

comida abundaram. Rojer foi arrastado para trás de uma pilha de feno por um par de raparigas de olhos escuros que o cobriram de beijos até ficar com a cabeça a girar.

Arrick mostrou-se menos agradado.

– Como pude esquecer como era? – lamentou-se.

Referia-se, claro, ao chapéu dos donativos. Não havia moeda nos povoados ou haveria muito pouca. O que havia servia para pagar bens essenciais, como sementes, ferramentas e postes de guarda. Um par de klats de madeira repousava no fundo do chapéu, mas não chegava sequer para pagar o vinho que Arrick bebera durante a viagem de Angiers até ali. A maioria dos locais pagava com cereais e com ocasionais sacos de sal ou especiarias.

– Pagamento em espécie! – Arrick cuspiu as palavras como se fossem uma praga.

– Nenhum taberneiro em Angiers aceitará pagamento em sacos de chevada!

Os aldeãos não tinham pago apenas com cereais. Ofereceram carne salgada e pão fresco, um recipiente de natas e um cesto de fruta. Colchas quentes. Remendos novos para as botas. Ofereciam com gratidão os bens e serviços que pudessem dispensar. Rojer não comera tão bem desde que saíra do palácio do Duque e não conseguia compreender a irritação do seu mestre. A moeda não servia precisamente para comprar as coisas que os aldeãos lhes ofereciam com abundância?

– Pelo menos, tinham vinho – resmungou Arrick. Rojer olhava o odre nervosamente enquanto o mestre bebia um gole, sabendo que contribuiria para piorar ainda mais a disposição do mestre, mas não disse nada. Não havia quantidade de vinho que conseguisse irritar mais Arrick do que a sugestão de que não deveria beber tanto.

– Gostei deste sítio – atreveu-se Rojer. – Quem me dera que pudéssemos ficar mais tempo.

– Que xabes tu? – ripostou Arrick. – És xó um rapaz estúpido. – Gemeu como se sentisse dor. – O Extremo da Floresta não será melhor – lamentou-se, olhando a estrada. – E o Prado do Fornicador de Carneiros será o pior! Que pensava eu quando dechidi guardar este maldito chírculo?!

Pontapeou as preciosas placas do círculo portátil, ficando as guardas de lado, mas pareceu não notar nem se importar, cambaleando embriagado em redor da fogueira.

Rojer engoliu em seco. O pôr-do-sol estava a momentos de distância, mas não disse nada, correndo para o local e reparando freneticamente os estragos, fitando o horizonte receoso.

Terminou no momento exacto. Os nuclitas ergueram-se quando ainda alisava a corda. Recuou quando o primeiro nuclita correu para ele, rugindo assim que as guardas o repeliram.

– Maldito xejas! – gritou Arrick ao demónio que avançara. O Jogral embriagado endireitou a cabeça em gesto de desafio e riu-se quando o nuclita embateu contra a

rede.

– Mestre, por favor... – implorou Rojer, pegando no braço de Arrick e puxando-o para o centro do círculo.

– Meia-Mão sabe mais do que eu, é? – troçou, libertando o braço e quase caindo.

– O pobre Doche-Canchão bêbado não xabe proteger-se das garras de um nuclita?

– Não é isso – protestou Rojer.

– Então como é? – quis saber Arrick. – Achas que lá por as multidões gritarem o teu nome, xerias alguém sem mim?

– Não – respondeu Rojer.

– E não o esqueças – murmurou Arrick, voltando a beber do odre e cambaleando para longe.

Rojer sentiu um nó na garganta e levou a mão ao bolso secreto, procurando o seu talismã. Acariciou a madeira polida e o cabelo sedoso com o polegar, tentando invocar o seu poder.

– Isso mesmo, chama a mãezinha! – gritou Arrick, voltando-se e apontando a boneca. – Esquexe quem te criou, quem te ensinou tudo o que sabes! Desisti da minha vida por ti!

Rojer segurou o talismã com maior firmeza, sentindo a presença da mãe ao ouvir as suas últimas palavras. Pensou novamente em como Arrick a empurrara para o chão e o nó na garganta transformou-se em raiva.

– Não – disse. – Foste o único que não o fez.

Arrick franziu a testa e avançou para o rapaz. Rojer recuou, mas o círculo era pequeno e não havia sítio para onde ir. No exterior, os demónios rondavam com ar faminto.

– Dá-me isso! – gritou Arrick, furioso, apontando as mãos de Rojer.

– É meu! – gritou Rojer. Lutaram por um momento, mas Arrick era maior e mais forte e tinha duas mãos completas. Arrancou-lhe o talismã e lançou-o ao fogo.

– Não! – gritou Rojer, lançando-se para as chamas, mas era demasiado tarde. O cabelo ruivo incendiou-se de imediato e, antes que conseguisse encontrar um ramo que pudesse usar para resgatar o talismã, a madeira também se incendiou. Ajoelhou-se na terra e viu-o arder, sem palavras. As mãos começaram-lhe a tremer.

Arrick ignorou-o, cambaleando até um demónio da madeira agachado no limiar do círculo, golpeando as guardas.

– A culpa do que me aconteceu é tua! – gritou. – Fiquei preso a um rapaz ingrato e perdi a minha comissão! A culpa é tua!

O nuclita tentou atingi-lo, exibindo fileiras de dentes aguçados. Arrick rugiu-lhe, atingindo a cabeça da criatura com o odre de vinho, fazendo-o rebentar, e cobrindo-os aos dois com vinho vermelho e farrapos de couro.

– O meu vinho! – gritou, percebendo subitamente o que fizera. Preparava-se para

atravessar as guardas, como se pudesse, de alguma forma, reparar os estragos.

– Mestre, não! – berrou Rojer. Correu para ele, estendendo a mão para segurar o rabo-de-cavalo desmazelado de Arrick enquanto lhe pontapeava os joelhos por trás. Arrick foi puxado para longe das guardas e desabou sobre o aprendiz.

– Tira-me as mãos de cima! – gritou, não percebendo que Rojer acabara de lhe salvar a vida. Segurou o rapaz pela camisa enquanto se erguia, empurrando-o para fora do círculo.

Nuclitas e humanos ficaram estáticos nesse momento. Arrick percebeu o que fez quando o nuclita rugiu triunfal e correu, lançando-se sobre o rapaz.

Rojer gritou e caiu para trás, sem esperanças de cruzar as guardas a tempo. Ergueu as mãos num débil esforço para repelir a criatura, mas, antes que o nuclita conseguisse atingi-lo, ouviu-se um grito e Arrick caiu sobre ele, afastando-o.

– Volta para o círculo! – gritou Arrick. O demónio rugiu e golpeou-o, lançando o Jogral pelo ar. Ressaltou ao embater no chão, com um braço tocando o círculo portátil e quebrando o alinhamento das placas.

Em redor da clareira, outros nuclitas começaram a correr para a brecha. Rojer percebeu que morreriam ambos. O primeiro demónio preparou-se para voltar a lançar-se sobre ele, mas novamente Arrick conseguiu segurá-lo, lançando-o para o lado.

– O violino! – gritou. – Podes afastá-los! – Enquanto as palavras lhe saíam pela boca, as garras do nuclita cravavam-se no seu peito e cuspiu sangue.

– Mestre! – gritou Rojer. Olhou o violino, hesitante.

– Salva-te! – conseguiu dizer Arrick, momentos antes de o demónio lhe rasgar a garganta.

*

Quando a madrugada baniu os demónios de volta para o Núcleo, os dedos da mão completa de Rojer estavam cortados e sangravam. Foi só com grande esforço que conseguiu endireitá-los e libertar o violino.

Tocara durante a longa noite, tremendo na escuridão depois de a fogueira se extinguir, lançando notas desafinadas para o ar para manter à distância os nuclitas que sabia aguardarem nas trevas.

Não houve beleza, não houve qualquer melodia enquanto tocou. Apenas guinchos prolongados. Nada que conseguisse afastar-lhe os pensamentos do horror que o rodeava. Ao olhar os pedaços dispersos de carne e tecido ensanguentado que eram tudo o que restava do seu mestre, um novo horror abateu-se sobre ele e caiu de joelhos, vomitando.

Após algum tempo, acalmou-se e olhou as mãos doridas e ensanguentadas, desejando que parassem de tremer. Sentiu-se corado e quente, mas tinha a face fria e

pálida. O estômago continuava às voltas, mas não restava nada para expelir. Limpou a boca com uma manga e ergueu-se com esforço.

Tentou reunir o suficiente de Arrick para enterrar, mas não restava grande coisa. Um punhado de cabelo. Uma bota rasgada para alcançar a carne no interior. Sangue. Os nuclitas não rejeitavam ossos nem entranhas e tinham-se alimentado com avidez.

Os Protectores ensinavam que os nuclitas comiam o corpo e a alma das vítimas, mas Arrick dissera sempre que os Homens Santos eram maiores mentirosos do que os Jograis e o seu mestre era excelente a inventar histórias. Rojer pensou no talismã e na forma como o fazia sentir o espírito da sua mãe. Como poderia senti-la se a sua alma tivesse sido consumida?

Olhou as cinzas frias da fogueira. A pequena boneca estava lá, enegrecida e rachada, mas desfez-se nas suas mãos. A pouca distância, sobre a terra, repousavam os restos do rabo-de-cavalo de Arrick. Rojer pegou no cabelo, mais grisalho do que dourado, e guardou-o no bolso.

Faria um novo talismã.

*

O Extremo da Floresta tornou-se visível muito antes do ocaso, para grande alívio de Rojer. Não acreditava ter forças para suportar outra noite sem abrigo.

Pensou em regressar ao Córrego do Grilo, pedindo a um Mensageiro para o acompanhar de volta a Angiers, mas isso implicaria explicar o que acontecera e não estava pronto para o fazer. Além disso, que lhe restava em Angiers? Sem licença, não poderia actuar e Arrick criara inimizade com todos os que poderiam completar o seu aprendizado. Seria melhor seguir o seu caminho até aos confins do mundo, onde ninguém o conheceria e onde a Associação não conseguisse alcançá-lo.

Como o Córrego do Grilo, o Extremo da Floresta era habitado por gente boa e simples, que acolheu um Jogral de braços abertos, demasiado agradados para questionar a fortuna que trouxera um artista ao seu povoado.

Roger aceitou a hospitalidade com gratidão. Sentia-se uma fraude, afirmando ser Jogral quando não passava de um aprendiz sem licença, mas duvidou que os aldeãos se importassem grandemente se descobrissem. Recusariam dançar ao som do seu violino ou ririam menos da sua pantomina?

Mas não se atreveu a tocar nas bolas coloridas do saco de maravilhas e esquivava-se aos pedidos de canções. Em vez disso, dava cambalhotas e fazia o pino, usando tudo o que tinha no seu repertório para esconder as suas carências.

Os aldeãos não insistiram e, naquele momento, isso bastou.

VINTE E TRÊS RENASCIMENTO

328 DR

O sol intenso fez Arlen recuperar os sentidos. A areia atingiu-o na face quando ergueu a cabeça e cuspiu a terra que tinha na boca. Com esforço, conseguiu erguer-se sobre as mãos e os joelhos e olhou em redor. Viu apenas areia.

Tinham-no levado para as dunas, abandonando-o à morte.

– Cobardes! – gritou. – Permitir que o deserto faça o vosso trabalho sujo não vos absolve!

Sentiu os joelhos tremer enquanto tentava reunir forças para se erguer, mesmo que o corpo lhe implorasse que voltasse a deitar-se e esperasse a morte. Sentia a cabeça a girar.

Viera para ajudar os krasianos. Como podiam tê-lo traído daquela forma?

“Não mintas a ti próprio,” disse uma voz na sua cabeça. “Também traíste. Abandonaste o teu pai quando mais precisava de ti. Abandonaste Cob antes de terminares o aprendizado. Abandonaste Ragen e Elissa sem sequer um abraço. E Mery...”

“Quem sentirá a tua falta, Par’chin?”, perguntara Jardir. “Não encherás um único vidro de lágrimas.”

E tinha razão.

Arlen sabia que, se morresse ali, os únicos que notariam a sua ausência seriam mercadores mais preocupados com a perda de lucro do que com a sua vida. Talvez fosse o que merecia por ter abandonado todos os que o amaram. Talvez devesse realmente deitar-se e esperar a morte.

Os joelhos deram de si. A areia parecia puxá-lo, atraí-lo para o seu abraço. Estava prestes a ceder quando algo lhe chamou a atenção.

A poucos metros de distância, um odre de água repousava sobre a areia. Teria a consciência de Jardir levado a melhor ou teria um dos seus homens sentido piedade do Mensageiro traído?

Rastejou até ao odre, segurando-o como se segurasse uma corda que o puxasse até à salvação. Afinal, alguém poderia chorá-lo.

Mas fazia pouca diferença. Mesmo que conseguisse regressar a Krasia, ninguém acreditaria num chin contra a palavra do Sharum Ka. Bastaria que Jardir o ordenasse e os dal’Sharum matariam Arlen sem pensar duas vezes.

“E, por isso, deverás permitir que fiquem com a lança pela qual arriscaste a vida?”, perguntou-se. “Que fiquem com Corredor da Aurora, com os teus círculos portáteis e com tudo o que possuis?”

O pensamento fez Arlen levar a mão à cintura e percebeu com alívio que não perdera tudo. Ali, segura, estava a bolsa de couro simples que transportara durante o

combate no Labirinto. Guardava no interior um pequeno estojo de Guardador, a sua bolsa de ervas... e o caderno.

O caderno alterou tudo. Arlen perdera os seus livros, mas todos juntos não valeriam tanto como aquele caderno. Desde o dia em que deixara Miln, Arlen registara no seu caderno cada nova guarda que aprendera.

Incluindo as que cobriam a lança.

“Que fiquem com a maldita coisa se a desejam tanto,” pensou. “Posso fazer outra.”

Com um gemido de esforço, conseguiu pôr-se de pé. Pegou no odre de água quente e permitiu-se um travo breve, colocando o odre sobre o ombro e subindo ao topo da duna mais próxima.

Escudando os olhos, conseguia ver Krasia como uma miragem à distância, permitindo-lhe orientar-se até ao Oásis da Madrugada. Sem o cavalo, a viagem implicaria uma semana a dormir sem guardas no deserto. A água esgotar-se-ia muito antes, mas duvidava que importasse. Os demónios da areia encarregar-se-iam de que não morresse de sede.

*

Arlen mastigava raiz-porqueira enquanto caminhava. Era amarga e dava-lhe voltas ao estômago, mas estava coberto de mazelas provocadas pelos demónios e ajudava a impedi-las de infectar. Além disso, sem comida, até a náusea era preferível às pontadas de fome.

Bebeu com contenção, apesar de sentir a garganta seca e inchada. Atara a camisa em redor da cabeça para se proteger do sol, deixando as costas vulneráveis. Tinha a pele manchada de amarelo e roxo como resultado do espancamento que sofrera e, agora, apresentava-se também vermelha por causa da exposição solar. Cada passo era de agonia.

Continuou a avançar quase até ao pôr-do-sol. Sentiu que não tinha feito qualquer progresso, mas os rastros longos que deixava para trás revelavam que cobrira uma distância surpreendente.

A noite chegou, trazendo os nuclitas e um frio cortante. Qualquer um desses elementos seria suficiente para o matar e, por isso, Arlen escondeu-se de ambos, enterrando-se na areia para preservar o calor corporal e para não ser visto pelos demónios. Arrancou uma página do caderno, enrolando-a para formar um fino tubo através do qual podia respirar, mas, mesmo assim, sentiu-se sufocar enquanto permanecia deitado, aterrorizado pela possibilidade de ser descoberto. Quando o sol se ergueu e aqueceu a areia, libertou-se da sua sepultura arenosa e cambaleou em frente, sentindo que não repousara de todo.

Assim foi, dia após dia, noite após noite. Tornou-se mais fraco à medida que os

dias passavam sem comida, repouso e sem mais do que uma quantidade reduzida de água. A pele estalava e sangrava, mas ignorou os estragos e continuou a andar. O sol era cada vez mais intenso e o horizonte não parecia mais próximo.

Nalgum ponto, perdeu as botas. Não sabia ao certo como ou quando. Os pés ficaram esfolados pelos passos sobre a areia tórrida, sangrando e cobrindo-se de bolhas. Arrancou as mangas da camisa para os ligar.

Caía com frequência crescente. Nalgumas vezes, voltava a erguer-se de imediato. Noutras, perdia os sentidos e despertava minutos ou horas mais tarde. Por vezes, caía e rebolava por uma duna abaixo. Exausto como se sentia, viu-o como uma bênção, poupando-lhe passos dolorosos.

Quando a água se esgotou, perdera a conta dos dias. Continuava no caminho desértico, mas não fazia ideia da distância a percorrer. Tinha os lábios gretados e secos e até os cortes e bolhas deixaram de sangrar, como se todo o líquido no corpo se tivesse evaporado.

Caiu novamente e esforçou-se por encontrar motivo para se voltar a erguer.

*

Arlen acordou sobressaltado, com a face molhada. A noite caíra e isso deveria tê-lo horrorizado, mas faltavam-lhe forças para sentir medo.

Olhou para baixo e viu que a face repousara sobre a margem do charco no Oásis da Madrugada e que tinha a mão dentro de água.

Pensou em como teria chegado até ali. A sua última memória... Nem sequer sabia qual fora a sua última memória. A viagem ao longo do deserto alternara entre a consciência e a inconsciência, mas não se importava. Chegara. Era tudo o que importava. Dentro dos obeliscos guardados do oásis, estava a salvo.

Bebeu avidamente do charco. Um momento mais tarde, vomitou tudo o que bebera e obrigou-se a beber devagar. Quando saciou a sede, voltou a fechar os olhos e dormiu profundamente pela primeira vez em mais de uma semana.

Acordando, procurou as provisões do oásis. Havia equipamento além da comida: cobertores, ervas, um estojo de Guardador adicional. Demasiado fraco para recolher alimento, passou vários dias a comer as provisões secas, bebendo água fresca e limpando as feridas. Depois disso, foi capaz de recolher fruta fresca. Após uma semana, sentiu forças suficientes para pescar. Depois de duas, conseguiu erguer-se e esticar-se sem dores.

O oásis continha provisões suficientes para lhe permitirem sair do deserto. Poderia estar meio morto quando ultrapassasse a planície de barro escaldante em redor do deserto, mas também estaria meio vivo.

Havia um punhado de lanças no oásis, mas madeira afiada parecia-lhe incrivelmente inadequada por comparação com a magnífica arma de metal que

perdera. Sem revestimento lacado que endurecesse os símbolos, guardas gravadas não resistiriam ao primeiro embate contra as escamas duras dos nuclitas.

Tinha guardas capazes de tirar a vida aos demónios, mas de que lhe serviam sem uma arma onde pudesse aplicá-las?

Ponderou pintar pedras com as guardas de combate. Poderia lançá-las ou mesmo pressioná-las manualmente contra os nuclitas...

Riu-se. Se pretendia aproximar-se tanto de um demónio, bem poderia pintar as guardas nas mãos.

O riso cessou quando a ideia ganhou raízes. Poderia funcionar? Se funcionasse, teria uma arma que ninguém poderia roubar. Uma arma que nenhum nuclita conseguiria tirar-lhe e nunca seria surpreendido sem ela.

Arlen pegou no caderno, estudando as guardas na ponta da lança e também as que cobriam a extremidade oposta. Eram guardas ofensivas. As guardas na haste eram defensivas. Notou que as do pé da lança não formavam uma linha, ligando-se às restantes, como sucedia com as guardas ao longo das arestas da ponta. Estavam isoladas, com o mesmo símbolo repetido à volta da circunferência da lança e na extremidade. Talvez a diferença fosse entre golpes contundentes e golpes cortantes.

À medida que o sol se ia aproximando do horizonte, Arlen copiou a guarda contundente na areia, uma e outra vez, até se sentir confiante. Pegou num pincel e num tinteiro do seu estojo de Guardador e, com cuidado, pintou a guarda na palma da mão esquerda. Soprou delicadamente até secar.

Pintar a mão direita foi mais difícil, mas Arlen sabia por experiência que, com concentração, conseguiria guardar igualmente bem com a mão esquerda, apesar de ser mais demorado.

A escuridão caía e Arlen flectiu lentamente as mãos, certificando-se de que o movimento não faria estalar a tinta. Satisfeito, aproximou-se dos obeliscos de pedra que guardavam o oásis, vendo os demónios contornar a barreira, sentindo o cheiro da presa além do seu alcance.

O primeiro nuclita a vê-lo foi um espécime pouco impressionante: um demónio da areia medindo um metro e vinte de altura, com braços longos e pernas curtas e musculadas. A sua cauda espinhosa movia-se para trás e para diante enquanto enfrentava o olhar de Arlen.

No momento seguinte, lançou-se contra a rede de guardas. Durante o salto, Arlen avançou e cobriu parcialmente duas guardas. A rede quebrou e o nuclita passou sobre ele, confuso pela falta de resistência. Arlen retirou a mão, restabelecendo a rede. Qualquer que fosse o resultado, o demónio não sobreviveria. Ou morreria em luta com Arlen ou venceria e acabaria por morrer de igual forma quando o sol se erguesse e não conseguisse escapar do oásis fortemente guardado.

O demónio endireitou-se e voltou-se para trás, silvando e expondo fileiras de

dentes. Rodeou-o, retesando os músculos enquanto a cauda se agitava em movimentos bruscos. A seguir, com um rugido felino, voltou a saltar.

Arlen enfrentou-o sem se deixar abalar, erguendo as mãos com as palmas para fora, com braços mais longos do que os do demónio. O peito escamoso da criatura embateu contra as guardas e, com um clarão e um uivo de agonia, o nuclita foi projectado para trás. Embateu violentamente no solo e Arlen conseguiu ver colunas de fumo a erguer-se do ponto onde o tocara. Sorriu.

O demónio tornou a levantar-se e recomeçou a rodeá-lo, com maior cautela. Não estava habituado a presas que oferecessem resistência, mas depressa recuperou a coragem, atacando com novo salto.

Arlen segurou-o pelos punhos e deixou-se cair, pontapeando-o no estômago e lançando-o sobre a cabeça. Quando lhe tocou, as guardas cintilaram e sentiu a magia em acção. Não se sentiu queimar como queimava a pele do nuclita, mas sentiu um formigueiro nas mãos, como se estivessem dormentes. A sensação subiu-lhe pelos braços acima como um arrepio.

Ambos se ergueram prontamente e Arlen respondeu ao rosnado do nuclita com um rosnado próprio. O demónio lambeu os pulsos queimados, tentando aplacar a dor e Arlen percebia um respeito rancoroso nos seus olhos. Respeito e medo. Daquela vez, era ele o predador.

A sua confiança quase o matou. O demónio guinchou e saltou e Arlen foi demasiado lento. Garras negras roçaram-lhe o peito quando tentava afastar-se.

Golpeou-o em desespero, esquecendo que as guardas estavam na palma das mãos. Os nós dos dedos raspam contra as escamas ásperas do nuclita, rasgando-lhe a pele, mas o golpe não provocou grande efeito no adversário. Com um golpe de uma das patas dianteiras, o demónio da areia lançou-o por terra.

Os momentos seguintes foram de desespero, com Arlen a rebolar para escapar às garras afiadas, aos dentes como lâminas e ao chicotear da cauda espinhosa. Começou a erguer-se, mas o demónio voltou-se e saltou sobre ele, voltando a fazê-lo cair. Arlen conseguiu erguer um joelho para o manter afastado, mas sentiu o hálito quente e fétido da criatura na face quando as mandíbulas se fecharam a um centímetro de distância.

Arlen mostrou os dentes e cobriu os ouvidos do demónio. O nuclita guinchou de dor quando as guardas cintilaram, mas Arlen segurava com firmeza. Começou a erguer-se fumo sob as suas mãos enquanto o clarão se intensificava. O demónio debatia-se furiosamente, com as garras a rasgá-lo num esforço desesperado para escapar.

Mas Arlen tinha-o preso e não pretendia deixá-lo fugir. A cada momento que o mantinha seguro, o formigueiro na palma das mãos aumentava de intensidade, como se ganhasse ímpeto. Tentou aproximar as mãos entre si e surpreendeu-se ao perceber

que conseguia, como se o crânio da criatura se liquefizesse.

Os esforços do nuclita afrouxaram e Arlen rebolou para o lado, invertendo as posições. As garras do demónio rodearam-lhe os braços sem força, tentando afastá-lo, mas não serviu de nada. Flectindo os músculos uma última vez, Arlen aproximou as mãos, esmagando a cabeça do nuclita numa explosão sangrenta.

VINTE E QUATRO
AGULHAS E TINTA
328 DR

Arlen não conseguiu dormir nessa noite, apesar de a culpa não ser das palpitações dolorosas dos seus ferimentos. Sonhara durante toda a vida com os heróis nas histórias dos Jograis, cobrindo-se com armadura e lutando contra os nuclitas com armas guardadas. Quando encontrou a lança, achou que esse sonho estaria ao seu alcance, mas quando se preparava para o alcançar, escapou-lhe entre os dedos e deparou-se com algo novo.

Nada, nem mesmo a noite no Labirinto em que se sentira invencível, poderia comparar-se à sensação de enfrentar um nuclita corpo a corpo, sentindo o formigueiro na pele enquanto a magia esgotava a vida ao adversário. Ansiou por voltar a sentir o mesmo e essa ânsia iluminou de novo todos os seus desejos anteriores.

Recordando a sua visita a Krasia, Arlen percebeu que não fora tão magnânimo como julgara. Independentemente do que dissera a si próprio, quisera ser mais do que um armeiro ou um guerreiro entre tantos outros. Quisera glória. Fama. Quisera ficar na história como aquele que devolvera aos homens a vontade de lutar.

“Como o Libertador?”

O pensamento perturbou-o. Para que a salvação tivesse algum significado, para que durasse, teria de ser construída por todos e não apenas por um homem.

Mas os homens quereriam ser salvos? Mereceriam a salvação? Arlen já não sabia. Homens como o seu pai tinham perdido a vontade de lutar, contentando-se em esconder-se atrás de guardas, e o que vira em Krasia, o que via naquele preciso momento em si próprio, levantava-lhe dúvidas acerca dos que não o faziam.

Nunca poderia haver paz entre Arlen e os nuclitas. Sabia no seu coração que nunca conseguiria repousar na segurança das guardas, deixando-os dançar em paz, agora que encontrara uma alternativa. Mas quem lutaria a seu lado? Jeph batera-lhe por pensar assim. Elissa censurara-o. Mery rejeitara-o. Os krasianos tentaram matá-lo.

Desde a noite em que Jeph vira a mulher ser nucleada da segurança das guardas do seu alpendre, Arlen soubera que a maior arma dos nuclitas era o medo. O que não compreendera fora que o medo pode assumir muitas formas. Apesar de todas as suas tentativas para provar o contrário, Arlen sentia-se aterrorizado pela solidão. Queria alguém, quem quer que fosse, que acreditasse no que ele fazia. Alguém com quem pudesse lutar. E por quem pudesse lutar.

Mas não havia ninguém assim. Percebia-o agora. Se quisesse uma companhia, teria de regressar às cidades e aceitar as suas condições. Se quisesse lutar, teria de o fazer sozinho.

A sensação de poder e elação, tão fresca na sua mente, desvaneceu-se. Ergueu-se lentamente, com as mãos sobre os joelhos, e olhou o deserto, procurando uma estrada inexistente.

*

Arlen acordou com o sol e aproximou-se do charco para passar os ferimentos por água. Cosera-os e cobrira-os com emplastos antes de se deitar, mas todos os cuidados eram poucos com ferimentos provocados por um nuclita. Enquanto salpicava a cara com água fresca, a tatuagem chamou-lhe a atenção.

Todos os mensageiros as tinham, assinalando a sua cidade de origem. Era um símbolo da distância percorrida. Arlen recordava o dia em que Ragen lhe mostrara a sua, a cidade nas montanhas que decorava o estandarte de Miln. Arlen pretendia fazer a mesma tatuagem quando concluiu a sua primeira missão. Procurou um tatuador, preparado para ser marcado para sempre como um Mensageiro, mas hesitou. Forte Miln era o seu lar de várias formas, mas não era o local onde nascera.

O Ribeiro de Tibbet não tinha estandarte e, por isso, recorreu ao brasão do próprio Conde Tibbet, campos divididos por um regato que alimentava um pequeno lago. O tatuador pegou nas agulhas e gravou-lhe perpetuamente no ombro aquela indicação das suas origens.

“Perpetuamente.” O conceito flutuou-lhe pela cabeça. Observara o tatuador com atenção. O ofício do homem não era muito diferente do ofício de um Guardador: marcas precisas, gravadas meticulosamente sem lugar a erro. Havia agulhas na bolsa de ervas de Arlen e tinta no seu estojo de Guardador.

Ateou uma pequena fogueira, recordando cada momento passado com o tatuador. Passou as agulhas pela chama e verteu tinta viscosa e espessa numa pequena malga. Enrolou linha em volta das agulhas para as impedir de perfurar demasiado e estudou cuidadosamente os contornos na sua mão esquerda, notando cada ruga e prega enquanto a movia. Quando se sentiu preparado, pegou numa agulha, mergulhou-a na tinta e iniciou o trabalho.

Era lento. Teve de fazer pausas frequentes para limpar a palma da mão do sangue. Mas tempo não lhe faltava e, por isso, trabalhou com cuidado e mão segura. A manhã ia a meio quando se deu por satisfeito com as guardas. Cobriu a mão com unguento e ligou-a cuidadosamente, dedicando-se em seguida a reabastecer as provisões do oásis. Trabalhou arduamente durante o resto do dia e no dia que se seguiu, sabendo que precisaria de reunir o que conseguisse transportar antes da partida.

*

Arlen passou mais uma semana no oásis, guardando a pele de manhã e reunindo alimento à tarde. As tatuagens na palma das mãos sararam rapidamente, mas não

parou aí. Recordando os nós dos dedos esfolados quando esmurrou o demónio da areia, guardou os da mão esquerda, esperando que os da direita sarassem para repetir o processo. Nenhum nuclita voltaria a ficar indiferente aos seus murros.

Enquanto trabalhava, ia recordando a batalha com o demónio da areia uma e outra vez: como se movera, a sua força e velocidade, a natureza dos seus ataques e os sinais que os denunciavam. Anotou cuidadosamente as suas recordações, estudando-as e considerando formas de as melhorar. Não podia repetir os erros que cometera.

Os krasianos tinham transformado os movimentos brutais e precisos do sharusahk numa forma de arte. Começou a adaptar os movimentos e o posicionamento das tatuagens para que pudessem beneficiar-se mutuamente.

Quando partiu finalmente do Oásis da Madrugada, ignorou o caminho por completo, cortando a direito sobre as dunas em direcção à cidade perdida de Anoch Sun. Levou consigo toda a comida seca que conseguia transportar. Anoch Sun tinha um poço, mas era desprovida de alimento e planeava passar lá algum tempo.

Sabia que a água que levava não duraria até à cidade perdida. Havia poucos odres adicionais no oásis e poderia levar duas semanas a alcançar a cidade a pé. A água não duraria uma semana.

Mas não olhou para trás. “Não há nada atrás de mim”, pensou. “Posso apenas seguir em frente.”

À medida que o ocaso cobria a areia com um manto de escuridão, Arlen inspirou fundo e continuou em frente, não se dando ao trabalho de montar um acampamento. As estrelas brilhavam intensamente no céu sem nuvens do deserto e era fácil orientar-se. Mais fácil do que durante o dia.

Havia poucos nuclitas tão embrenhados no deserto. Tendiam a concentrar-se onde existiam presas e não havia muitas presas na areia estéril. Arlen caminhou durante horas sob o luar frio antes de um demónio lhe captar o cheiro. Ouviu-lhe os gritos muito antes de a criatura surgir, mas não fugiu, pois sabia que seria perseguido, nem se escondeu, porque tinha muito que andar naquela noite. Esperou enquanto o demónio avançava sobre as dunas.

Quando lhe retribuiu um olhar sereno, o nuclita hesitou, confuso. Rosnou-lhe, cravando as garras na areia, mas Arlen apenas sorriu. Rugiu em desafio, mas Arlen não reagiu. Ao invés, concentrou-se no que o rodeava: os movimentos percepcionados pelo canto do olho. O sussurro do vento e da areia. E o cheiro no ar frio da noite.

Os demónios da areia caçavam em bandos. Arlen nunca antes vira um sozinho e duvidou que aquele fosse o primeiro. Não o surpreendeu que, ao olhar a criatura que rosnava à sua frente, dois outros demónios, silenciosos como a morte, o tivessem contornado, um de cada lado, quase invisíveis na escuridão. Fingiu não os ver, mantendo contacto visual com o nuclita à sua frente enquanto se aproximava cada

vez mais.

O ataque veio, como esperara, não do demónio da areia à sua frente, mas dos que o ladeavam. Arlen impressionou-se com a astúcia revelada pelos nuclitas. Supôs que, nas dunas, onde era possível ver a grande distância em todas as direcções e onde o som mais ténue ecoava ao longo de quilómetros, seria necessário desenvolver instintos ardilosos para caçar.

Mas, não se tendo ainda transformado no caçador, também não era presa fácil. Quando os dois demónios da areia saltaram sobre ele de cada lado, com as garras estendidas, correu em frente, em direcção ao demónio que o distraía.

Os dois demónios atacantes guinaram, evitando por pouco colidir um com o outro. O terceiro recuou, surpreso. Era rápido, mas não tão rápido como o gancho esquerdo de Arlen. As guardas nos nós dos dedos cintilaram e um golpe flamejante fez tombar o demónio. Mas Arlen não se ficou por aí. Cobriu o focinho do nuclita com a mão direita, pressionando a guarda tatuada na palma contra os seus olhos. Activada, a guarda começou a queimar e a criatura guinchou e debateu-se cegamente.

Antecipando a reacção, Arlen saltou para trás. Rebolou sobre a areia e voltou a erguer-se a poucos metros do demónio cego, voltado para os outros dois nuclitas que se lançavam na sua direcção.

Novamente, Arlen sentiu-se impressionado. Não se deixando enganar duas vezes, os nuclitas não atacaram em unísono, alternando os ataques para que Arlen não pudesse voltar a usar o ímpeto conjunto em seu benefício.

Mas a táctica não os beneficiou, permitindo a Arlen concentrar-se num de cada vez. Quando o primeiro avançou, foi ao seu encontro e esmurrou-lhe os ouvidos. A explosão de magia fez tombar o demónio sobre a areia, guinchando e contorcendo-se em agonia, cobrindo a cabeça com as patas dianteiras.

O segundo demónio não tardou e Arlen não teve tempo para se esquivar ou atacar. Em vez disso, recordando outro truque aprendido com o encontro anterior, segurou os pulsos da criatura e caiu de costas, erguendo os pés. As escamas aguçadas no abdómen do demónio da areia cortaram-lhe as ligaduras dos pés e a pele por baixo, mas isso não o impediu de usar o impulso do nuclita para o projectar para longe. O que cegara continuava a debater-se, mas não constituía grande ameaça.

Antes que o demónio projectado conseguisse recuperar, Arlen lançou-se sobre o que se contorcia no chão, pressionando-lhe os joelhos sobre o dorso e ignorando a dor quando as escamas o cortaram. Segurou o nuclita pelo pescoço com uma mão e pressionou-lhe a outra com força sobre a cabeça. Sentiu a magia começar a acumular-se, mas foi forçado a libertá-lo demasiado cedo, para enfrentar novo ataque do demónio que projectara.

Arlen endireitou-se e caminhou diante do demónio da areia, imitando-o, ambos

com cautela. O demónio carregou e Arlen flectiu os joelhos, preparado para se esquivar às garras, mas o demónio travou o avanço, torcendo o corpo compacto e poderoso como um chicote. A cauda grossa embateu-lhe contra o dorso, lançando-o ao chão.

Caiu sobre a areia e voltou-se no momento em que a extremidade pesada e espinhosa da cauda se cravou no local onde antes estivera a sua cabeça. Rodopiou novamente, esquivando-se por pouco ao golpe seguinte. Enquanto o demónio da areia fazia recuar a cauda para novo ataque, Arlen conseguiu segurá-la. Apertou, sentindo a guarda activar-se na palma da mão. Aqueceu com o acumular da magia. O demónio uivava e debatia-se, mas Arlen não o libertou, colocando a outra mão imediatamente abaixo da primeira. Afastou-se rapidamente enquanto a magia continuava a intensificar-se, acabando por cortar-lhe a cauda, libertando a extremidade espinhosa com um esguicho sangrento.

Arlen foi projectado pela amputação e o nuclita, novamente livre, voltou-se e atacou. Arlen segurou um dos seus pulsos na mão esquerda e golpeou-lhe a garganta com o cotovelo direito, mas o golpe sem guarda não provocou grande efeito. O demónio flectiu as patas musculadas e Arlen foi projectado.

Quando a criatura atacou, Arlen invocou as suas últimas reservas de força e susteve a ofensiva, prendendo-lhe as mãos em volta do pescoço e empurrando. As garras do nuclita rasgaram-lhe os braços, mas os membros de Arlen eram mais longos e não conseguiu alcançar-lhe o corpo. Caíram ao chão com violência e Arlen ergueu os joelhos até à junção dos membros do nuclita com o corpo, pressionando-os com o seu peso enquanto o demónio sufocava, sentindo a magia crescer a cada segundo.

O nuclita debateu-se, mas Arlen limitou-se a apertar com mais força, queimando as escamas e atingindo a carne vulnerável que protegiam. Ossos estalaram e os seus punhos cerraram-se.

Ergueu-se do demónio decapitado e olhou os outros. O que fora atingido nos ouvidos rastejava mansamente para longe. O demónio cego desaparecera. Mas isso não o preocupou. Não invejava a viagem da criatura de volta ao Núcleo. O mais provável seria que os seus companheiros o despedaçassem.

Acabou com o demónio que se arrastava de forma patética sobre a areia, ligou os ferimentos e, novamente, depois de um curto repouso, pegou nas provisões e continuou a dirigir-se em direcção a Anoch Sun.

*

Arlen viajou noite e dia, dormindo à sombra das dunas quando o sol ia no seu ponto mais alto. Foi forçado a lutar apenas em duas outras noites. Numa ocasião, contra outro grupo de demónios da areia e, noutra, contra um demónio do vento

solitário. As restantes noites foram tranquilas.

Sem o peso do sol, cobriu maior distância durante a noite do que durante o dia. Estava queimado pelo vento e dorido no sétimo dia depois de ter abandonado o oásis, tinha bolhas nos pés ensanguentados e não lhe restava água, mas adquiriu novas forças quando Anoch Sun se tornou visível.

Voltou a encher os odres num dos poucos poços funcionais, bebendo avidamente. A seguir, dedicou-se a guardar os edifícios que conduziam às catacumbas onde encontrara a lança. Em algumas das ruínas próximas, eram visíveis traves de madeira e a secura do deserto mantinha-as intactas. Arlen recolheu-as, juntamente com os poucos arbustos, para alimentar o fogo. Os três archotes trazidos do oásis e o punhado de velas no seu estojo de Guardador não durariam muito e não havia luz natural nas profundezas.

Racionou cuidadosamente a sua reserva cada vez menor de comida. O limiar do deserto e a esperança mais próxima de conseguir alimento situava-se a pelo menos cinco dias a pé de Anoch Sun, talvez três, se viajasse de noite e de dia. Não lhe dava muito tempo e havia muita coisa a fazer.

Arlen passou o resto da semana a explorar as catacumbas, copiando cuidadosamente novas guardas sempre que as encontrava. Deparou-se com mais túmulos de pedra, mas nenhum continha armas como a que descobrira. Mesmo assim, havia uma abundância de guardas gravadas nos túmulos e nos pilares e mais ainda pintadas em histórias narradas nas paredes. Não conseguia ler os pictogramas, mas compreendeu muito pela linguagem corporal e pelas expressões das imagens em sequência. A pintura era tão pormenorizada que conseguia captar algumas das guardas nas armas dos guerreiros representados.

Havia também novos tipos de nuclitas nas imagens. Uma série de representações, mostrava homens sendo mortos por demónios que pareciam humanos, excepto pelos dentes e garras. Uma imagem central mostrava um nuclita magro com membros esqueléticos e um peito estreito, com uma cabeça enorme para a dimensão do corpo, erguendo-se diante de uma horda demoníaca. O nuclita fitava um homem de túnica que se erguia diante de guerreiros humanos em número semelhante. Havia tensão na expressão dos dois, como se confrontassem as respectivas forças de vontade, mas permaneciam distantes. Rodeava-os um halo luminoso enquanto os exércitos respectivos se observavam.

O elemento mais marcante da pintura seria talvez o facto de o homem não estar armado. A luz que irradiava parecia provir de uma guarda pintada (tatuada?) na sua testa. Arlen olhou a imagem seguinte e viu o demónio e a sua horda em fuga enquanto os humanos erguiam as lanças num gesto de triunfo.

Copiou cuidadosamente a guarda na testa do homem para o seu caderno.

Os dias passaram e a comida começou a escassear. Se permanecesse mais tempo

em Anoch Sun, morreria de fome antes de conseguir encontrar alimento. Decidiu partir com a primeira luz em direcção a Forte Rizon. Depois de alcançar a cidade, as suas posses permitir-lhe-iam conseguir uma nota bancária para pagar um cavalo e mantimentos para o regresso.

Mas não lhe agradava partir, mal tendo tocado a superfície dos mistérios escondidos pela cidade arruinada. Muitos túneis tinham desabado, exigindo tempo para conseguir abrir caminho, e restavam muitos mais edifícios que poderiam conter entradas para câmaras subterrâneas. As ruínas albergavam a chave da destruição dos demónios e era a segunda vez que o estômago o forçava a abandoná-las.

Os nuclitas ergueram-se enquanto se perdia em pensamentos. Acorriam em grande número a Anoch Sun, apesar da falta de presas. Talvez esperassem que os edifícios pudessem voltar a atrair homens ou talvez lhes agradasse dominar um local que, outrora, se erguera em desafio da sua espécie.

Arlen levantou-se e caminhou até ao limite das guardas, vendo os nuclitas dançar ao luar. Sentiu o estômago revolver-se e pensou, não pela primeira vez, na natureza dos demónios. Eram criaturas mágicas, aparentemente imortais e inumanas. Destruíam, mas não criavam. Até os seus cadáveres ardiam, não deixando nada para apodrecer e alimentar o solo. Mas vira-os comer, vira-os defecar e urinar. Seria a sua natureza tão alheia à ordem natural?

Um demónio da areia silvou-lhe.

– O que és? – perguntou Arlen, mas a criatura limitou-se a golpear as guardas, rugindo de frustração e afastando-se quando cintilaram.

Arlen observou-o a afastar-se, com pensamentos obscuros.

– Para o Núcleo com isto – murmurou, saltando para fora da protecção das guardas. O nuclita voltou-se a tempo de receber o golpe do punho guardado de Arlen. Os seus murros atingiram a criatura desprevenida como relâmpagos. Antes de perceber o que lhe sucedia, o demónio estava morto.

O ruído fez aproximar outros, mas moviam-se com cautela e Arlen conseguiu regressar ao edifício e cobrir as guardas durante tempo suficiente para arrastar o cadáver da vítima.

– Vejamos se não poderás afinal ser útil de alguma forma – disse-lhe. Usando guardas cortantes pintadas num pedaço aguçado de obsidiana, abriu o demónio, surpreendendo-se por ver que, sob a armadura, havia carne tão vulnerável como a sua. Os músculos e os tendões eram rijos, mas não mais do que os de qualquer outro animal.

O fedor da criatura era hediondo. O muco negro que lhe servia de sangue fedia de tal forma que os olhos de Arlen lacrimejaram e teve de conter o vômito. Sustendo a respiração, cortou a carne e sacudiu-a com vigor para a libertar de fluidos excedentários, colocando-a sobre a sua pequena fogueira. O sangue negro fumegou e

acabou por queimar e o cheiro da carne cozinhada tornou-se tolerável.

Quando ficou pronta, Arlen ergueu a carne escura e repelente e os anos recuaram, levando-o de volta ao Ribeiro de Tibbet e fazendo-o recordar as palavras de Coline Trigg. Pescara um peixe, mas as suas escamas eram castanhas e causavam nojo e a Herbanária fê-lo livrar-se dele.

– Nunca comas nada que te seja repelente – disse-lhe Coline. – O que engoles torna-se parte de ti.

“Isto também se tornará parte de mim?,” pensou. Olhou a carne, ganhou coragem e levou-a à boca.

PARTE IV

Outeiro do Lenhador

331-2

Depois do Regresso

VINTE E CINCO
UM NOVO PALCO
331 DR

A chuva transformou-se numa torrente constante e Rojer apressou o passo, amaldiçoando a sorte. Planeara deixar o Prado do Pastor algum tempo antes, mas não esperara que a partida se desse em circunstâncias tão apressadas e desagradáveis.

Supôs que não poderia culpar o pastor. Era verdade que o homem passava mais tempo a cuidar do rebanho do que da mulher e que fora ela a fazer o primeiro avanço, mas chegar a casa mais cedo para escapar à chuva e encontrar um rapaz na cama com a esposa, não deixava nenhum homem com disposição razoável.

De certa forma, a chuva era uma bênção. Sem ela, o homem poderia ter convencido metade da população masculina do Prado a persegui-lo. Os homens do Prado eram possessivos. Provavelmente porque as mulheres eram deixadas sozinhas com frequência enquanto levavam os seus preciosos rebanhos para a pastagem. Os pastores encaravam com idêntica seriedade o rebanho e as mulheres. Quem se metesse com uns, ou com as outras...

Depois de uma frenética perseguição em torno do quarto, a mulher do pastor saltou-lhe para as costas, detendo-o tempo suficiente para que Rojer conseguisse reunir os seus sacos e sair disparado pela porta. Tinha sempre os sacos preparados para partir. Arrick ensinara-lho.

– Noite – murmurou, quando uma bota se afundou numa poça funda de lama. O frio e a humidade infiltraram-se pelo couro macio, mas ainda não se atrevia a parar para fazer uma fogueira.

Apertou mais a capa multicolorida, pensando no motivo para parecer estar sempre em fuga de alguma coisa. Durante os dois anos anteriores, mudara-se quase com cada estação, vivendo no Córrego do Grilo, no Extremo da Floresta e no Prado do Pastor, um mínimo de três vezes em cada, mas continuando sempre a sentir-se um forasteiro. A maioria dos aldeãos passava toda a vida sem deixar o seu povoado e tentavam constantemente persuadir Rojer a fazer o mesmo.

Casa comigo. Casa com a minha filha. Fica na minha estalagem e pintaremos o teu nome sobre a porta para atrair clientes. Aquece-me enquanto o meu marido está no pasto. Ajuda-nos na colheita e passa o Inverno connosco.

Diziam-no de cem formas diferentes, mas o que todos queriam dizer era: «Deixa a estrada e ganha raízes aqui.»

De cada vez que o diziam, Rojer acabava na estrada. Era bom ser apreciado, mas de que forma? Como marido? Como pai? Como empregado? Rojer era um Jogral e não poderia imaginar-se sendo outra coisa qualquer. Se erguesse um dedo numa colheita, ou ajudasse a recuperar uma ovelha tresmalhada, sabia que iniciaria o

percurso por um caminho que depressa o transformaria em algo diferente.

Tocou no talismã de cabelo dourado no seu bolso, sentindo o espírito de Arrick guardar os seus passos. Sabia que sentiria profundamente a desilusão do mestre se algum dia despisse o traje colorido. Arrick morreria como Jogral. Também Rojer morreria.

Concretizando as profecias de Arrick, os povoados aguçaram os talentos de Rojer. Dois anos de actuação constante tinham-no tornado mais do que um violinista e acrobata. Sem Arrick para liderar o espectáculo, Rojer vira-se forçado a crescer, encontrando formas inovadoras de entreter o público sozinho. Aperfeiçoava constantemente algum truque de magia ou peça musical, mas eram as histórias que contava que o tornavam célebre, tanto quando os truques ou a perícia com o violino.

Todos nos povoados adoravam uma boa história, sobretudo se fosse uma história sobre paragens distantes. Rojer fazia-lhes a vontade, falando de locais que vira e de outros que desconhecia, de povoações situadas além da colina mais próxima e de outras que existiam apenas na sua imaginação. As histórias eram enriquecidas a cada novo relato e as personagens ganhavam vida na imaginação dos ouvintes enquanto se ocupavam nas suas aventuras. Jak Língua de Escama, que conseguia falar com os nuclitas e enganava constantemente as estúpidas criaturas com falsas promessas. Marko Caminheiro, que atravessou as montanhas milnesas e encontrou uma terra rica do outro lado, onde os nuclitas eram venerados como deuses. E, claro, o Homem Pintado.

Os Jograis do Duque visitavam os povoados em cada Primavera para fazer proclamações e os últimos contaram histórias de um homem feroz que deambulava pelo mundo, matando demónios e devorando-lhes a carne. Contava que a sua existência lhe fora relatada por um tatuador que lhe gravara guardas nas costas e que outros tinham confirmado a história. O público ficava hipnotizado e quando pediam a Rojer para voltar a contar a mesma história noutra noite, obedecia, acrescentando pormenores imaginados por si.

Os ouvintes adoravam fazer perguntas e tentar apanhá-lo em contradição, mas Rojer deleitava-se na dança de palavras, mantendo os campónios convictos da veracidade dos seus relatos mirabolantes.

Ironicamente, a história em que mais dificilmente acreditavam era a que dizia ser capaz de fazer os nuclitas dançar com o seu violino. Poderia prová-lo em qualquer momento, claro, mas Arrick costumava dizer: “No momento em que provares uma coisa, esperarão que as proves todas.”

Rojer ergueu os olhos para o céu. “Não faltará muito para tocar para os nuclitas,” pensou. O dia estivera encoberto e escurecia em ritmo acelerado. Nas cidades, onde muralhas altas faziam com que a maioria das pessoas nunca chegasse a ver um nuclita, acreditava-se que não teria fundamento a crença de que conseguiam erguer-

se quando as nuvens cobriam o sol. Mas, viver nos povoados durante dois anos, sem a protecção das muralhas, ensinara a Rojer a realidade dos factos. A maior parte esperaria pelo anoitecer para se erguer, mas, se as nuvens ficassem suficientemente densas, alguns demónios arrojados testariam a falsa noite.

Frio, molhado e indisposto a correr riscos, procurou um acampamento adequado. Teria sorte se conseguisse chegar ao Extremo da Floresta no dia seguinte. O mais provável seria que passasse duas noites na estrada. Pensar nisso deu-lhe a volta ao estômago.

E o Extremo da Floresta não seria melhor do que o Prado. Ou do que o Córrego do Grilo. Mais cedo ou mais tarde, engravidaria alguma mulher ou, pior ainda, apaixonar-se-ia e, antes que percebesse, tiraria o violino do estojo apenas em dias de festa. Até precisar de o vender para arranjar o arado ou comprar semente. Depois, passaria a ser igual a todos os outros.

Ou poderia voltar para casa.

Roger pensava frequentemente em regressar a Angiers, mas encontrava constantemente motivos para adiar o regresso por mais uma estação. Afinal, que tinha a cidade para oferecer? Ruas estreitas, apinhadas com pessoas e animais, pisos de madeira tresandando a estrume e lixo. Mendigos, ladrões e a preocupação constante com o dinheiro. Pessoas que conseguiam transformar o acto de ignorar o próximo numa forma de arte.

“Gente normal,” pensou Roger, suspirando. Os aldeãos procuravam sempre saber tudo sobre os vizinhos e abriam os lares a forasteiros sem pensar. Era louvável, mas Roger não deixava de ser um rapaz citadino.

Regressar a Angiers implicaria voltar a lidar com a Associação. Um Jogral sem licença tinha os dias contados, mas um membro da Associação com bom nome tinha clientela assegurada. A sua experiência nos povoados bastaria para lhe valer uma licença, sobretudo se encontrasse um membro da Associação que interviesse a seu favor. Arrick alienara a maior parte dos colegas da Associação, mas Roger poderia encontrar um que sentisse pena depois de ouvir contar o fim trágico do seu mestre.

Deparou com uma árvore que proporcionava algum abrigo da chuva e, depois de dispôr o círculo, conseguiu reunir madeira seca suficiente de debaixo das copas das árvores para atear uma pequena fogueira. Alimentou-a com cuidado, mas o vento e a chuva não tardaram a extinguir as chamas.

– Malditos sejam os povoados – disse Roger, à medida que a escuridão o rodeava, interrompida apenas pelos clarões ocasionais da magia quando um demónio testava as guardas. – Malditos sejam todos eles.

*

Angiers não mudara muito desde a sua partida. Parecia mais pequena, mas Roger

vivera em grandes espaços abertos durante algum tempo e crescera alguns centímetros desde a última vez que ali estivera. Tinha dezasseis anos. Era um homem pelos padrões de qualquer um. Deixou-se ficar no exterior da cidade durante algum tempo, fitando o portão e pensando se cometeria um erro.

Tinha alguma moeda, meticulosamente recolhida no seu chapéu de donativos ao longo dos anos e poupada até ao regresso, e também alguma comida no saco. Não era muito, mas evitaria que recorresse a albergues durante pelo menos algumas noites.

“Se tudo o que quero é um estômago cheio e um telhado, poderei regressar aos povoados,” pensou. Podia dirigir-se para o Coto do Lavrador ou para o Outeiro do Lenhador ou para norte, para o local onde o Duque reconstruía Ponteflúvia, na margem angierana do rio.

“Se,” repetiu para si mesmo, reunindo coragem e atravessando o portão.

Encontrou uma estalagem suficientemente barata e retirou do saco o seu melhor traje multicolorido, voltando a sair logo que mudou de indumentária. A Associação dos Jograis situava-se perto do centro, onde os residentes facilmente poderiam conseguir serviço em qualquer parte da cidade. Um Jogral licenciado podia viver na casa comum, desde que aceitassem os serviços que lhes fossem destinados sem se queixar e desde que entregassem metade dos seus lucros à Associação.

“Tolos”, chamou-lhes Arrick. “Qualquer Jogral disposto a abdicar da sua parte por um telhado e por três refeições de papas, não merece esse nome.”

E era verdade. Apenas os Jograis mais velhos e menos talentosos viviam na casa comum, dispostos a aceitar os serviços recusados pelos outros. Mesmo assim, era melhor do que a indigência e mais seguro do que os albergues públicos. As guardas no edifício da Associação eram fortes e os seus residentes menos dispostos a roubar-se mutuamente.

Roger dirigiu-se para a residência e, depois de algumas perguntas, bateu a uma porta específica.

– Hmm? – disse o velho, olhando o corredor enquanto abria a porta. – Quem é?

– Roger Meia-Mão, senhor – respondeu Roger. Vendo que não havia reconhecimento nos olhos envelhecidos, acrescentou: – Fui aprendiz de Arrick Doce-Canção.

A expressão confusa azedou num instante e o homem preparou-se para fechar a porta.

– Mestre Jaycob, por favor – disse Roger, colocando a mão na porta.

O velho suspirou, mas não insistiu. Entrou no pequeno quarto e deixou-se cair pesadamente sobre uma cadeira. Roger seguiu-o, fechando a porta atrás de si.

– Que queres tu? – perguntou Jaycob. – Sou velho e não tenho tempo para brincadeiras.

– Preciso de alguém que patrocine a minha candidatura a uma licença da Associação – disse Rojer.

Jaycob cuspiu no chão.

– Arrick tornou-se um peso morto? – perguntou. – A bebida travou-te o sucesso e deixa-lo a apodrecer para tentares a sorte? – Grunhiu. – Apropriado. Foi o que me fez há vinte e cinco anos atrás. – Ergueu o olhar para Rojer. – Mas, mesmo que seja apropriado, se pensas que serei cúmplice da tua traição...

– Mestre Jaycob – disse Rojer, erguendo as mãos para interromper a repreensão que previa. – Arrick morreu. Foi morto por núclitas na estrada para o Extremo da Floresta há dois anos.

*

– Mantém as costas direitas, rapaz – disse Jaycob, ao percorrem o corredor. – Lembra-te de olhar o mestre da Associação nos olhos e não fales até te dirigirem a palavra.

Repetira o mesmo uma dúzia de vezes, mas Rojer limitou-se a acenar com a cabeça. Era jovem para conseguir uma licença própria, mas Jaycob disse-lhe que havia registo na história da Associação de Jograis ainda mais jovens. Eram o talento e a perícia a valer uma licença. E não os anos.

Não era fácil conseguir ser recebido pelo mestre da Associação, mesmo com um patrono. Tinham-se passado anos desde que Jaycob tivera forças para actuar e, mesmo que os membros da Associação respeitassem adequadamente a sua idade provecta, foi mais ignorado do que venerado na secção administrativa do edifício da Associação.

O secretário do mestre da Associação deixou-os à espera à porta do gabinete durante várias horas, podendo eles observar em desespero as visitas que chegavam e partiam. Rojer sentava-se com as costas direitas, resistindo à tentação de se mover ou de se curvar, à medida que o sol que entrava pelas janelas atravessava lentamente a divisão.

– Mestre Cholls recebê-los-á agora – disse, finalmente, o secretário, despertando Rojer. Ergueu-se rapidamente, ajudando Jaycob a levantar-se.

O gabinete do mestre da Associação não se assemelhava a nada que Rojer tivesse visto desde o tempo que passara no palácio do Duque. Carpete grossa e quente cobria o chão, decorada com um padrão colorido, e elaborados candeeiros a óleo com vidros coloridos estavam pendurados nas paredes de carvalho, entre quadros representando grandes batalhas, mulheres belíssimas e naturezas-mortas. A secretária era de nogueira polida, coberta com pequenas e complexas estatuetas que serviam como pisa-papéis, imitando as estatuetas maiores colocadas em pedestais dispostos pelo espaço envolvente. Atrás da secretária, via-se o símbolo da

Associação dos Jograis: três bolas coloridas num grande brasão na parede.

– Não tenho muito tempo, Mestre Jaycob – disse Mestre Cholls, sem sequer se dar ao trabalho de erguer o olhar da pilha de papéis na secretária. Era um homem pesado, com pelo menos cinquenta verões de idade, vestido com os tecidos bordados de um mercador ou de um aristocrata e não com os remendos coloridos de um Jogral.

– Este valerá o teu tempo – disse Jaycob. – O aprendiz de Arrick Doce-Canção.

Cholls ergueu o olhar, apenas para olhar Jaycob de lado.

– Não sabia que ainda mantinhas contacto com Arrick – disse, ignorando Rojer por completo. – Ouvi dizer que cortaram relações.

– Os anos têm uma forma de amansar tais coisas – disse Jaycob, hirto, tão perto de uma mentira como desejaria chegar. – Fiz as pazes com Arrick.

– Parece que foste o único – tornou Cholls, rindo-se. – A maioria dos homens neste edifício estrangularia o fulano sem pensar duas vezes.

– Desperdiçariam as suas forças – disse Jaycob. – Arrick está morto.

Cholls alterou a postura.

– Entristece-me sabê-lo – disse. – Cada um de nós é precioso. Foi a bebida?

Jaycob abanou a cabeça.

– Nuclitas.

Viu-se um esgar de desagrado na expressão do mestre da Associação. Cuspiu para um balde de latão junto à secretária que parecia ali colocado precisamente para esse fim.

– Quando e onde? – perguntou.

– Há dois anos, na estrada para o Extremo da Floresta.

Cholls abanou a cabeça, tristemente.

– Recordo que o seu aprendiz era um violinista e tanto – disse, por fim, olhando Rojer.

– Com efeito – concordou Jaycob. – Isso e mais. Apresento-te Rojer Meia-Mão. – Rojer curvou-se.

– Meia-Mão? – repetiu o mestre da Associação, subitamente interessado. – Ouvi dizer que um Meia-Mão tem actuado nos povoados ocidentais. És tu, rapaz?

Roger arregalou os olhos, mas conseguiu acenar afirmativamente. Arrick dissera que as reputações se construíam facilmente nos povoados, mas não conseguiu evitar o choque. Pensou se a sua reputação seria positiva ou negativa.

– Não deixes que te suba à cabeça – disse Cholls, como se lhe lesse o pensamento. – Os campónios exageram.

Roger acenou novamente, mantendo contacto visual com o mestre.

– Sim, senhor. Compreendo.

– Muito bem. Despachemos isto – disse Cholls. – Mostra-me o que tens.

– Aqui? – perguntou Rojer, inseguro. O gabinete era espaçoso e resguardado, mas, com a carpete grossa e o mobiliário caro, parecia pouco adequado a cambalhotas e ao lançamento de facas.

Cholls acenou-lhe, impaciente.

– Actuaste com Arrick durante anos. Por isso, aceito que saibas fazer malabarismo e cantar – disse. Rojer engoliu em seco. – Conseguir uma licença exige mostrar uma perícia elevada além do básico.

– Toca o violino, rapaz. Como fizeste comigo – disse Jaycob, confiante. Rojer concordou com um aceno. As suas mãos tremeram ligeiramente enquanto retirava o violino do estojo, mas, quando os dedos se fecharam em torno da madeira polida, o medo foi levado como o pó pela água de um banho. Começou a tocar, esquecendo a presença do mestre da Associação, perdido na música.

Tocou durante algum tempo até um grito o arrancar à melodia. O arco deslizou sobre as cordas e, no silêncio que se seguiu, uma voz trovejou do outro lado da porta.

– Não esperarei que um aprendiz inútil termine o seu teste! Afasta-te! – Ouviram-se ruídos de disputa no exterior e a porta abriu-se, permitindo a entrada de Mestre Jasin.

– Lamento, mestre – desculpou-se o secretário. – Recusou-se a esperar.

Cholls fez sair o secretário com um gesto, enquanto Jasin se aproximava dele.

– Deste o Baile do Duque a Edum? – perguntou. – Há dez anos que essa actuação é minha! O meu tio será informado!

Cholls não se deixou intimidar, mantendo os braços cruzados.

– Foi o próprio Duque a pedir uma mudança – disse. – Se o teu tio tiver um problema, sugiro que o discuta com Sua Senhoria.

A expressão de desagrado de Jasin revelava que não gostara do que ouvira. Era duvidoso que o primeiro-ministro Janson intercedesse junto do Duque para conseguir uma actuação para o sobrinho.

– Se era apenas isso que desejas discutir, Jasin, terás de nos dar licença – prosseguiu Cholls. – O jovem Rojer estava a meio de um teste para conseguir a sua licença.

Os olhos de Jasin voltaram-se para Rojer e reluziram ao reconhecê-lo.

– Vejo que te livraste do bêbado – troçou. – Espero que não o tenhas trocado por esta relíquia – apontou Jaycob com o queixo. – A oferta mantém-se se quiseres trabalhar para mim. Que seja Arrick a suplicar-te pelas sobras, não?

– Mestre Arrick foi morto na estrada há dois anos – explicou Cholls.

Jasin voltou a olhar para o mestre da Associação e riu-se.

– Fabuloso! – exclamou. – Essas notícias compensam a perda do Baile do Duque e muito mais!

A seguir, Rojer esmurrou-o.

Nem sequer percebeu o que fizera até se ver de pé sobre o mestre, com os nós dos dedos húmidos e quentes. Sentira a cartilagem ser esmagada quando atingiu o nariz de Jasin e soube que as suas hipóteses de conseguir uma licença se tinham eclipsado, mas, naquele momento, isso não o preocupou.

Jaycob segurou-o e puxou-o para trás enquanto Jasin se erguia, cambaleando.

– Mado-te por isto, meu bequeno...!

Cholls posicionou-se entre os dois num ápice. Jasin debateu-se, mas a corpulência do mestre da Associação foi mais do que suficiente para o impedir de avançar.

– Basta, Jasin! – bradou. – Não matarás ninguém!

– Visde o que fez! – gritou Jasin, com sangue escorrendo-lhe do nariz.

– E ouvi o que disseste! – ripostou Cholls com o mesmo tom de voz. – Eu próprio me senti tentado a esmurrar-te!

– Gomo hei-de gantar esda noite? – perguntou Jasin. O nariz começara já a inchar e as palavras tornavam-se menos compreensíveis a cada momento.

Cholls franziu o sobrolho.

– Encontrarei alguém para te substituir – disse. – A Associação cobrirá a perda. Daved! – O secretário assomou à porta. – Acompanha Mestre Jasin até uma Herbanária e traz a conta do tratamento.

Daved assentiu, dirigindo-se para junto de Jasin para o auxiliar. O mestre empurrou-o.

– Isdo dão esdá agabado – prometeu a Rojer antes de sair.

Cholls respirou profundamente quando a porta se fechou.

– Fizeste-a bonita, rapaz. Não desejava a ninguém tal inimigo.

– Já era meu inimigo – disse Rojer. – Ouviu o que disse. Cholls acenou afirmativamente.

– Ouvi – admitiu. – Mas deverias ter conseguido conter-te. Que farás se um membro do público te insultar? Ou o próprio Duque? Os membros da Associação não podem esmurrar toda a gente que os irrite.

Rojer deixou cair a cabeça.

– Compreendo – disse.

– Mas saíste-me caro – continuou Cholls. – Terei de presentear Jasin com dinheiro e com actuações de primeira durante semanas para lhe agradecer. E, com esse teu violino, seria um tolo se não te obrigasse a pagar-me a dívida.

Rojer ergueu o olhar, esperançoso.

– Licença temporária – disse Cholls, pegando numa folha de papel e numa pena. – Poderás actuar apenas sob supervisão de um mestre da Associação pago com a tua parte e metade dos teus lucros serão entregues a este gabinete até considerar a dívida paga. Estamos entendidos?

– Absolutamente, senhor! – disse Rojer, avidamente.

– E terás de controlar o temperamento – advertiu Cholls. – Ou rasgarei esta licença e não voltarás a actuar em Angiers.

*

Rojer tocava o violino, mas, pelo canto do olho, observava Abrum, o aprendiz alto de Jasin. Jasin costumava ter um dos seus aprendizes a assistir às actuações de Rojer. Deixava-o inquieto saber que o observavam a mando do seu mestre, alguém que lhe queria mal, mas tinham passado meses desde o incidente no gabinete do mestre da Associação e nada parecera resultar daí. Mestre Jasin recuperou rapidamente e não tardou a actuar novamente, colhendo elogios em cada evento da alta sociedade de Angiers.

Rojer poderia ter-se atrevido a esperar que o episódio estivesse ultrapassado, se não fosse a presença quase diária dos aprendizes. Por vezes era Abrum, qual demónio da madeira entre o público. Noutras ocasiões, era Sali, qual demónio da rocha beberricando ao fundo de uma taberna. Mas, por mais inocente que parecesse, não se tratava de coincidência.

Rojer terminou a actuação com um floreado, lançando o arco do violino ao ar. Curvou-se demoradamente, endireitando-se no momento preciso para o apanhar. O público irrompeu em aplauso e o ouvido apurado de Rojer captou o tilintar do metal das moedas no chapéu enquanto Jaycob o fazia passar pelos presentes. Rojer não conseguiu suprimir um sorriso. O velho parecia quase enérgico.

Procurou entre o público que começava a dispersar ao arrumar o equipamento, mas Abrum desaparecera. Mesmo assim, apressaram-se a arrumar tudo e seguiram por um caminho mais longo em direcção à estalagem para se certificarem de que não seriam seguidos com facilidade. O sol não tardaria a pôr-se e as ruas esvaziavam-se depressa. O Inverno estava de partida, mas as tábuas do piso suportavam ainda pedaços de gelo e neve e poucos permaneciam no exterior a não ser que tivessem assuntos a tratar.

– Mesmo descontando a parte de Choll, a renda será paga a dias do prazo – disse Jaycob, fazendo dançar a bolsa do lucro. – Quando saldares a dívida, ficarás rico!

– Ficaremos ricos – corrigiu Rojer. Jaycob riu-se, batendo com os calcanhares e aplicando-lhe uma palmada afável nas costas. – Olha para ti – continuou, abanando a cabeça. – Que aconteceu ao velho coxo e meio cego que me abriu a porta há uns meses?

– Voltou a actuar. E isso mudou-o – respondeu Jaycob, esboçando um sorriso desdentado. – Sei que não canto nem lanço facas, mas até passar o chapéu conseguiu bombear-me o sangue rarefeito como não acontecia em vinte anos. Sinto que poderia mesmo... – olhou para longe.

– O quê? – perguntou Rojer.

– Talvez... – começou Jaycob. – Não sei. Contar uma história? Ou fazer-me de tolo enquanto fazes piadas à minha custa? Nada que roube o teu protagonismo...

– Claro – disse Rojer. – Teria pedido, mas senti que já exigia demasiado, arrastando-te pela cidade toda como supervisor das minhas actuações.

– Rapaz – tornou Jaycob –, não recordo a última vez que me senti tão feliz.

Sorriam quando contornaram uma curva e se depararam com Abrum e Sali.

Atrás deles, Jasin sorria.

– É bom ver-te, meu amigo! – disse Jasin, enquanto Abrum colocava a mão sobre o ombro de Rojer. Perdeu o fôlego quando o murro o fez dobrar-se, acabando por cair sobre as tábuas geladas. Antes que conseguisse erguer-se, Sali pontapeou-lhe o maxilar com violência.

– Deixem-no em paz! – gritou Jaycob, lançando-se sobre Sali. A pesada soprano apenas se riu, segurando-o e projectando-o com força contra a parede de um edifício.

– Há que chegue também para ti, velho! – disse Jasin, enquanto Sali lhe aplicava golpes violentos. Rojer conseguia ouvir o estalido dos ossos e os gemidos que escapavam por entre os lábios do mestre. Era apenas a parede a mantê-lo de pé.

As tábuas sob as suas mãos pareciam rodopiar, mas Rojer conseguiu erguer-se, segurando o violino pelo braço com as duas mãos, movendo-o selvaticamente como uma moca improvisada.

– Pagarás por isto! – gritou.

Jasin riu-se.

– Que farás? – perguntou. – Os magistrados da cidade aceitarão as acusações obviamente falsas de um reles artista de rua contra a palavra do sobrinho do primeiro-ministro? Queixa-te à guarda e acabarás enforcado.

Abrum segurou o violino com facilidade, torcendo o braço de Rojer com força enquanto lhe cravava um joelho no baixo-ventre. Rojer sentiu o braço partir em simultâneo com a dor intensa que se erguia das virilhas e o violino embateu-lhe com força na nuca, fazendo-o cair novamente sobre as tábuas.

Mesmo com o zumbido nos ouvidos, ouviu os contínuos gemidos de dor de Jaycob. Abrum ergueu-se sobre ele, sorrindo enquanto erguia uma pesada clava.

– Ei, Jizell! – gritou Skot enquanto a velha Herbanária se aproximava dele com o alguidar. – Porque não deixas a tua aprendiz ocupar-se da tarefa por uma vez? – Indicou Leesha com a cabeça, que mudava as ligaduras de outro homem.

– Bah! – exclamou Jizell. Era uma mulher pesada, com cabelo grisalho curto e uma voz sonora. – Se a deixasse ocupar-se das lavagens, teria metade de Angiers a sofrer de pragas no espaço de uma semana.

Leesha abanou a cabeça enquanto todos se riam, mas sorria. Skot era inofensivo. Era um Mensageiro cujo cavalo o lançara para a estrada. Feliz por estar vivo, sobretudo porque partira os dois braços, conseguira de alguma forma recuperar o cavalo e voltar a montar. Não tinha mulher que pudesse cuidar dele e, por isso, a Associação dos Mensageiros avançara com a quantia necessária para o internar no hospício de Jizell até conseguir cuidar de si próprio.

Jizell ensopou um trapo na mistura quente de água e sabão no alguidar e ergueu o lençol do homem, movendo a mão com firme eficiência. O Mensageiro guinchou quando terminava e Jizell riu-se.

– Ainda bem que sou eu a dar os banhos – disse em voz alta, olhando para baixo. – A pobre Leesha ficaria desiludida.

Os outros internados riram-se à custa do homem. A enfermaria estava cheia e todos se aborreciam do tempo passado na cama.

– Parece-me que o veria de outra forma – resmungou Skot, corando furiosamente. Mas Jizell voltou a rir.

– O pobre Skot tem um fraco por ti – disse Jizell a Leesha mais tarde, enquanto moíam ervas na farmácia.

– Um fraco? – riu-se Kadie, uma das aprendizes mais jovens. – Não é um fraco. É amooooor! – Ouvindo-a, as restantes aprendizes não contiveram os risinhos.

– Acho-o bonito – considerou Roni.

– Achas que todos são bonitos – disse Leesha. Roni florescera há pouco e sentia-se obcecada por rapazes. – Mas espero que tenhas melhor gosto e não te entregues a um homem que te suplica que lhe dês banho com um trapo molhado.

– Não lhe dês ideias – disse Jizell. – Se dependesse dela, daria banhos de trapo a todos os homens do hospício. – Todas as raparigas riram e Roni não tentou negar.

– Pelo menos, tem a decência de corares – disse-lhe Leesha, fazendo rir novamente as raparigas.

– Basta! Chega de risinhos! – proclamou Jizell, rindo-se ainda. – Preciso de dar uma palavra a Leesha.

– A maioria dos homens que aqui chegam ficam caídos por ti – disse Jizell

quando ficaram a sós. – Não te mataria conversar com um deles além de lhe perguntar pela saúde.

– Pareces a minha mãe – tornou Leesha.

Jizell bateu com o pilão na bancada.

– Não pareço tal pessoa – disse, tendo ouvido muita coisa sobre Elona ao longo dos anos. – Apenas não quero que morras solteirona para a despeitar. Não é crime gostar de homens.

– Eu gosto de homens – protestou Leesha.

– Não que eu tenha visto – disse Jizell.

– Então deveria ter aceitado a oferta de Skot para lhe dar um banho de trapo? – perguntou Leesha.

– Certamente que não – respondeu Jizell. – Não à frente de todos os outros, pelo menos – acrescentou, piscando o olho.

– Agora pareces Bruna – resmungou Leesha. – Será preciso mais do que comentários brejeiros para me conquistar o coração. – Pedidos como os de Skot não eram novidade para Leesha. Herdara o corpo da mãe e isso atraía-lhe muita atenção masculina, fosse apreciada ou não.

– O que será preciso? – perguntou Jizell. – Que homem conseguiria ultrapassar as guardas do teu coração?

– Um homem em quem possa confiar – disse Leesha. – Um homem que possa beijar na face sem que se gabe aos amigos no dia seguinte de que me possuiu atrás do celeiro.

Jizell grunhiu.

– Mais depressa acharás um nuclita simpático – disse.

Leesha encolheu os ombros.

– Acho que tens medo – acusou Jizell. – Esperaste tanto tempo para perder a tua flor que transformaste uma coisa simples e natural que todas as raparigas fazem numa muralha intransponível.

– Isso é ridículo – tornou Leesha.

– É? – perguntou Jizell. – Tenho-te visto quando há mulheres a procurar o teu conselho em assuntos de cama, dando-lhes palpites e fazendo suposições enquanto coras furiosamente. Como poderás aconselhar outros sobre os seus corpos quando nem sequer conheces o teu?

– Estou perfeitamente ciente do que encaixa em quê – disse Leesha, secamente.

– Sabes a que me refiro – continuou Jizell.

– Que propões que faça? – quis saber Leesha. – Que escolha um homem ao acaso para resolver o assunto de uma vez por todas?

– Se for necessário – respondeu Jizell.

Leesha fitou-a com desagrado, mas Jizell enfrentou-lhe o olhar sem vacilar.

– Guardaste essa flor durante tanto tempo que nenhum homem será digno de a colher a teus olhos – disse. – De que serve uma flor escondida onde ninguém poderá admirá-la? Quem recordará a sua beleza quando murchar?

Leesha começou a soluçar e Jizell aproximou-se de imediato, abraçando-a enquanto chorava.

– Vamos, rapariga – disse, acalmando-a e acariciando-lhe o cabelo. – Não é assim tão mau.

*

Depois da ceia, quando as guardas foram verificadas e as aprendizas enviadas aos seus estudos, Leesha e Jizell tiveram finalmente tempo para preparar um bule de chá e abrir a sacola do Mensageiro que chegara nessa manhã. Uma lâmpada repousava sobre a mesa, cheia e de pavio preparado para longo uso.

– Pacientes durante todo o dia e cartas durante toda a noite – suspirou Jizell. – É uma graça da luz que as Herbanárias não precisem de dormir, não é? – Virou a sacola do avesso, despejando os pedaços de pergaminho sobre a mesa.

Depressa separaram a correspondência endereçada aos pacientes e, em seguida, Jizell pegou num molho ao acaso, lendo a saudação.

– Estas são tuas – disse, passando o molho a Leesha e pegando noutra carta da pilha, que abriu e começou a ler.

– Esta é de Kimber – disse, após um momento. Kimber era outra das aprendizes que Jizell mandara para longe. Fora para o Coto do Lavrador, a um dia de viagem para sul. – A alergia do tanoeiro piorou e voltou a alastrar.

– Está a preparar mal o chá. De certeza – resmungou Leesha. – Nunca deixa as ervas ensopadas durante o tempo suficiente e admira-se com a debilidade das suas curas. Se tiver de ir ao Coto do Lavrador preparar-lhe o chá, dou-lhe uma sova!

– Ela sabe-o – disse Jizell, rindo-se. – Foi por isso que me escreveu a mim desta vez!

O seu riso era contagiante e Leesha não tardou a juntar-se-lhe. Leesha adorava Jizell. Podia ser tão dura quanto Bruna quando a ocasião o exigia, mas ria com facilidade.

Leesha sentia grandes saudades de Bruna e pensar nisso fê-la voltar a sua atenção para o molho de cartas. Estavam no Quarto Dia, o dia em que o Mensageiro semanal chegava do Coto do Lavrador, do Outeiro do Lenhador e de outros pontos a sul. A primeira carta do molho vinha escrita com a caligrafia aprumada do seu pai.

Havia também uma carta de Vika e Leesha leu-a em primeiro lugar, segurando-a firmemente com as mãos até se assegurar de que Bruna, mais velha do que as pedras, continuava bem.

– Vika deu à luz – disse. – Um rapaz chamado Jame. Três quilos e trezentos.

– É o terceiro? – perguntou Jizell.

– O quarto – corrigiu Leesha. Vika casara com o pequeno Jona, agora Protector Jona, pouco depois de chegar ao Outeiro do Lenhador e não demorara a dar-lhe filhos.

– Parece que não haverá grandes hipóteses de regressar a Angiers – lamentou Jizell.

Leesha riu-se.

– Pensei que isso estivesse decidido depois do primeiro – disse.

Era difícil acreditar que se tinham passado sete anos desde que trocara de posição com Vika. O acordo temporário tornava-se permanente, o que não desagradava por completo a Leesha.

Independentemente do que Leesha fizesse, Vika permaneceria no Outeiro do Lenhador e parecia mais apreciada pelos locais do que Bruna, Leesha e Darsy combinadas. Pensando assim, Leesha sentiu uma liberdade que nunca sonhara existir. Prometera regressar um dia para se certificar de que o Outeiro tinha a Herbanária de que precisava, mas o Criador ocupara-se disso por ela. O seu futuro passava a pertencer-lhe.

O pai escrevia para lhe contar que se constipara, dizendo que Vika se ocupava dele e que esperava recuperar em breve. A carta seguinte foi de Mairy. A sua filha mais velha já tinha florescido e estava prometida. Mairy seria avó em breve. Leesha suspirou.

Havia mais duas cartas no molho. Leesha correspondia-se com Mairy, Vika e com o seu pai com frequência quase semanal, mas a mãe também escrevia, com menor assiduidade e, muitas vezes, movida pelo ressentimento.

– Está tudo bem? – perguntou Jizell, erguendo os olhos da carta que lia e fitando Leesha.

– É a minha mãe – disse Leesha, enquanto lia. – O tom muda conforme os estados de espírito, mas a mensagem permanece a mesma: “Vem para casa e tem filhos antes que sejas demasiado velha e o Criador te retire essa possibilidade.” – Jizell resmungou e abanou a cabeça.

Junto com a carta de Elona, havia outra folha, supostamente de Gared, apesar de ter sido escrita pela mão da mãe, pois Gared não conhecia as letras. Mas, por mais que se tivesse esforçado por fazer parecer que a carta fora ditada, Leesha soube que pelo menos metade das palavras pertencia à sua mãe e era provável que o mesmo sucedesse com a outra metade. O conteúdo, tal como o das cartas escritas oficialmente pela mãe, também nunca mudava. Gared estava bem. Gared sentia a sua falta. Gared esperava-a. Gared amava-a.

– Deve pensar que sou estúpida – considerou Leesha, com amargura, enquanto lia – para acreditar que Gared tentaria alguma vez escrever um poema. Sobretudo um

poema que não rima.

Jizell riu-se, mas a gargalhada morreu-lhe na garganta ao ver que Leesha não a acompanhava.

– E se tiver razão? – perguntou Leesha, subitamente. – Por mais sinistro que seja pensar que Elona poderá estar certa a respeito de qualquer coisa, gostava de ter filhos um dia e não é preciso ser Herbanária para saber que os dias que me restam são menos do que os que deixei para trás. Tu mesma disseste que desperdicei os meus melhores anos.

– Não foi bem isso o que disse – replicou Jizell.

– Não deixa de ser verdade – insistiu Leesha, tristemente. – Nunca me dei ao trabalho de procurar homens. Foram sempre eles a conseguir encontrar-me, independentemente da minha vontade. Pensei sempre que, um dia, seria encontrada por um que se encaixasse na minha vida em vez de esperar que eu me encaixasse na sua.

– Todas sonhamos com isso por vezes, querida – admitiu Jizell. – E é uma fantasia bonita de vez em quando, quando fitamos as paredes. Mas não podemos depositar nela as nossas esperanças.

Leesha segurou a carta na mão com maior firmeza, amarrotando-a um pouco.

– Pensas em regressar para casar com esse Gared? – perguntou Jizell.

– Criador, não! – gritou Leesha. – Claro que não!

Jizell grunhiu.

– Ótimo. Poupas-me o trabalho de te dar uma palmada na cabeça.

– Por mais que o meu ventre anseie por uma criança – disse Leesha –, morrerei donzela antes de permitir que Gared me dê uma. O problema é que espancaria qualquer outro homem do Outeiro que o tentasse.

– Um problema facilmente resolvido – disse Jizell. – Tem os teus filhos aqui.

– O quê? – perguntou Leesha.

– O Outeiro do Lenhador está bem entregue nas mãos de Vika – explicou Jizell. – Eu própria treinei a rapariga e, seja como for, o seu coração está lá. – Inclinou-se, pousando uma mão carnuda sobre a mão de Leesha. – Fica – disse. – Faz de Angiers o teu lar e ocupa-te do hospício quando eu me aposentar.

Leesha arregalou os olhos. Abriu a boca, mas não conseguiu produzir qualquer som.

– Ensinaste-me tanto quanto eu te ensinei a ti durante estes anos – prosseguiu Jizell. – Não há mais ninguém a quem confiasse o hospício, mesmo que Vika regressasse amanhã.

– Não sei o que dizer – afirmou Leesha.

– Não há pressa para que digas alguma coisa – disse Jizell, tocando-lhe a mão. – Atrevo-me a dizer que não pretendo aposentar-me tão cedo. Pensa no assunto.

Leesha aquiesceu. Jizell abriu os braços e Leesha caiu-lhe neles, abraçando firmemente a mulher mais velha. Quando se afastaram, um grito vindo do exterior fê-las saltar.

– Acudam! Acudam! – gritou alguém. Olharam ambas para a janela. A noite caíra.

Abrir as portadas à noite em Angiers era um crime punível com açoitamento, mas Leesha e Jizell não pensaram duas vezes quando fizeram isso mesmo, vendo um trio de guardas sobre o entabuado da rua, dois deles transportando cada um o seu homem.

– Ó do hospício! – chamou o guarda mais adiantado, vendo as portadas abertas na divisão iluminada. – Abram as portas! Abrigo! Abrigo! Abrigo e tratamento para quem sofre!

Em uníssono, Leesha e Jizell correram pelas escadas abaixo, quase tombando na sua pressa de alcançar a porta. Era Inverno e, apesar de os Guardadores da cidade trabalharem diligentemente para manter a rede de guardas limpa de neve, gelo e folhas caídas, havia invariavelmente alguns demónios do vento que conseguiam entrar em cada noite, caçando mendigos sem lar e esperando devorar os tolos ocasionais que ousassem violar o recolher obrigatório imposto pela lei. Um demónio do vento podia mergulhar, silencioso como uma rocha, alongando as asas com garras num gesto repentino, voando para longe com a vítima.

Chegaram ao átrio e abriram a porta, vendo os homens aproximar-se. As ombreiras estavam guardadas. Juntamente com os pacientes, ficariam seguras mesmo sem porta.

– Que se passa? – perguntou Kadie, erguendo-se sobre o corrimão no topo das escadas. Atrás dela, as outras aprendizas saíam dos quartos.

– Vistam os aventais e venham para baixo! – ordenou Leesha. As jovens apressaram-se a obedecer.

Os homens ainda estavam algo distantes, mas corriam tanto quanto podiam. Leesha sentiu um nó no estômago ao ouvir guinchos agudos vindos do alto. Havia demónios do vento por perto, atraídos pela luz e pelo alvoroço.

Os guardas avançavam com ligeireza e Leesha atreveu-se a esperar que conseguissem chegar ilesos até que um dos homens tropeçou no gelo e embateu com força nas tábuas. Gritou e o homem que levava caiu também.

O guarda que continuava com um homem ao ombro gritou algo ao outro e baixou a cabeça, acelerando o passo. O homem sem carga voltou-se e correu para o camarada caído.

Um repentino bater de asas de couro foi o único aviso antes de a cabeça do infeliz guarda se separar dos seus ombros, rolando pela rua fora. Kadie gritou. Antes mesmo que o pescoço decepado começasse a esguichar sangue, o demónio do vento guinchou e lançou-se para cima, levando consigo o corpo do guarda.

O guarda carregado passara já as guardas, depositando o homem que transportava em segurança. Leesha olhou para o que ainda tentava erguer-se, cambaleante, e franziu a testa.

– Leesha, não! – gritou Jizell, tentando segurá-la. Mas Leesha esquivou-se com agilidade e saiu para a rua.

Correu em ziguezague enquanto os guinchos dos demónios do vento soavam no ar frio acima da sua cabeça. Um dos nuclitas tentou mergulhar sobre ela e falhou por pouco. Embateu contra o entabuado com estrondo, mas depressa se ergueu, protegido do impacto pela pele grossa. Leesha voltou-se, lançando-lhe aos olhos um punhado do pó cegante de Bruna. A criatura rugiu de dor e Leesha continuou a correr.

– Salva-o a ele! Não a mim! – disse o guarda quando se aproximou, apontando a forma inerte no chão. O guarda tinha o tornozelo num ângulo bizarro, claramente partido. Leesha olhou o vulto estendido sobre as tábuas. Não conseguiria levá-los aos dois.

– A mim não! – insistiu o guarda quando ela se aproximou.

Leesha abanou a cabeça.

– Tenho maiores hipóteses de te conseguir levar a ti – explicou, num tom de voz que não permitia discussões. Rodeou-o com o braço e puxou.

– Mantém-te baixa – disse o guarda. – Os demónios do vento não mergulham com tanta facilidade sobre presas próximas do chão.

Curvou-se tanto quanto pôde, cambaleando com o peso do homem e soube que não conseguiriam salvar-se avançando àquela velocidade, mesmo que se mantivessem junto ao chão.

– Agora! – bradou Jizell. Leesha ergueu os olhos e viu Kadie e as outras aprendizas correrem para fora do edifício, segurando lençóis brancos sobre a cabeça. O pano branco estava quase por toda a parte, tornando impossível a escolha de um alvo pelos demónios.

Cobertos pelos lençóis, Mestra Jizell e o primeiro guarda correram para eles. Jizell ajudou Leesha enquanto o guarda trazia o homem inconsciente. O medo deu-lhes novas forças e cobriram rapidamente a distância restante, retirando para o interior do hospício e trancando a porta.

*

– Este está morto – disse Jizell, num tom frio. – Penso que há mais de uma hora.

– Quase sacrifiquei a vida por um morto? – perguntou o guarda com o tornozelo partido, incrédulo. Leesha ignorou-o, aproximando-se do outro homem ferido.

Com a face redonda e sardenta e o corpo esguio, parecia mais um rapaz do que um homem. Fora severamente espancado, mas respirava e o coração batia com

força. Leesha examinou-o rapidamente, cortando o traje de cores garridas enquanto procurava ossos partidos e a origem do sangue que ensopara o tecido.

– Que aconteceu? – perguntou Jizell ao guarda ferido enquanto lhe examinava o tornozelo.

– Recolhíamos depois da última patrulha – explicou o guarda entre dentes cerrados. – Encontrámos estes dois. Jograis pelo aspecto. Estavam deitados na rua. Devem ter sido roubados depois de um espectáculo. Estavam os dois vivos, mas por pouco. A noite caíra, mas nenhum deles parecia capaz de lhe sobreviver sem os cuidados de uma Herbanária. Lembrei-me deste hospício e corremos tão depressa quanto podíamos, tentando esconder-nos por baixo dos beirais, escapando aos olhos dos demónios.

Jizell acenou com a cabeça.

– Agiram bem – disse-lhes.

– Diz isso ao pobre Jonsin – disse o guarda. – Criador. Que direi à sua mulher?

– Preocupa-te com isso quando a manhã chegar – disse Jizell, erguendo um frasco até aos lábios do guarda. – Bebe isto.

O guarda olhou-a, desconfiado.

– O que é? – perguntou.

– Vai adormecer-te – respondeu Jizell. – Preciso de endireitar o teu tornozelo e garanto que não queres estar acordado quando o fizer.

O guarda bebeu rapidamente a poção.

Leesha limpava as feridas do jovem quando ele acordou, sentando-se com um gemido. Um dos seus olhos estava fechado pelo inchaço, mas o outro era de um verde intenso e movia-se sem cessar.

– Jaycob! – gritou.

Debateu-se selvaticamente e só com a ajuda de Kadie e do segundo guarda Leesha conseguiu tornar a deitá-lo. Voltou o olho para Leesha.

– Onde está Jaycob? – perguntou. – Está bem?

– O velho que encontraram contigo? – perguntou Leesha. O rapaz confirmou com um aceno.

Leesha hesitou, escolhendo as palavras, mas a pausa foi resposta suficiente e o rapaz gritou, voltando a debater-se. O guarda pressionou-o com força, olhando-o.

– Viste quem te fez isto? – perguntou.

– Não está em condições de... – começou Leesha, mas o guarda silenciou-a com o olhar.

– Fiquei sem um homem esta noite – disse. – Não tenho tempo a perder. – Voltou-se novamente para o rapaz. – E então? – insistiu.

O rapaz olhou-o, incapaz de conter as lágrimas. Por fim, abanou a cabeça, mas o guarda não desistiu.

– Deves ter visto alguma coisa – insistiu.

– Basta – disse Leesha, segurando os pulsos do homem e empurrando-o. O guarda resistiu por um momento, mas acabou por ceder. – Espera na sala ao lado – ordenou. O guarda não escondeu o desagrado mas obedeceu.

O rapaz chorava abertamente quando Leesha se voltou novamente para ele.

– Devolve-me à noite – disse, erguendo uma mão mutilada. – Deveria ter morrido há muito tempo. Todos os que me salvam acabam mortos.

Leesha segurou a mão mutilada nas suas e fitou o olho aberto.

– Corrirei esse risco – tornou, apertando-lhe a mão. – Sobreviventes como nós precisam de olhar uns pelos outros. – Ergueu-lhe o frasco de poção sonífera até aos lábios e voltou a segurar-lhe a mão, transmitindo-lhe força até ele fechar os olhos.

*

O som do violino enchia o hospício. Os pacientes batiam palmas e as aprendizas dançavam enquanto se ocupavam das suas tarefas. Nem Leesha ou Jizell conseguiam evitar a alegria nos passos.

– E o jovem Rojer preocupava-se por não ter forma de pagar – disse Jizell ao preparar o almoço. – Quase me apetece pagar-lhe a ele para vir entreter os pacientes depois de recuperar.

– Os pacientes adoram-no. E as raparigas também – concordou Leesha.

– Já te vi dançar quando julgas que ninguém vê – disse Jizell.

Leesha sorriu. Quando não tocava, Rojer contava histórias que faziam as aprendizas amontoarem-se aos pés da sua cama ou ensinava-lhes truques de maquilhagem que dizia ter aprendido com as cortesãs do Duque. Jizell zelava por ele com cuidado maternal e as aprendizas ficaram embeijadas.

– Um naco de carne reforçado para ele – disse Leesha, cortando a carne e depositando-a numa bandeja já repleta de batatas e fruta.

Jizell abanou a cabeça.

– Não sei onde o rapaz tem sítio para tanta comida – considerou. – Tu e as outras enchem-lhe a pança desde a última lua e continua fino como um juncó. Almoço! – gritou, fazendo as raparigas vir buscar as bandejas. Roni dirigiu-se para a mais carregada, mas Leesha retirou-lha do alcance.

– Eu levarei esta – disse, sorrindo ao ver as expressões de desilusão em seu redor na cozinha.

– Rojer precisa de descansar e comer e não de contar histórias enquanto todas vocês se revezam para lhe cortar a carne – disse Jizell. – Podem cobri-lo de carinho mais tarde.

– Intervalo! – bradou Leesha, entrando na enfermaria. Mas não teria precisado de se dar ao trabalho. O arco escorregou das cordas com um guincho assim que surgiu.

Roger sorriu e acenou, derrubando uma taça de madeira quando tentava guardar o violino. Os dedos e o braço partido tinham sarado bem, mas as pernas engessadas continuavam débeis e sentia dificuldades para alcançar a mesa-de-cabeceira.

– Deves ter fome hoje – riu-se Leesha, pousando-lhe a bandeja no colo e recolhendo o violino. Roger olhou a bandeja, com embaraço, sorrindo-lhe.

– Podes ajudar-me a cortar? – perguntou, erguendo a mão mutilada.

Leesha ergueu-lhe as sobancelhas.

– Os teus dedos eram suficientemente ágeis quando tocavas – referiu. – Porque se tornaram deficientes agora?

– Porque detesto comer sozinho – admitiu Roger, rindo.

Leesha sorriu. Sentou-se sobre a cama e pôs garfo e faca ao trabalho. Cortou um grande pedaço de carne, arrastando-o sobre o molho e as batatas antes de lho erguer até à boca. Roger sorriu-lhe, e um pingo de molho escorreu-lhe da boca, fazendo rir Leesha. Roger corou. A face pálida coloriu-se com a mesma tonalidade do cabelo.

– Consigo erguer o garfo sozinho – disse.

– Queres apenas que corte a carne e me vá embora? – perguntou Leesha, fazendo-o abanar a cabeça vigorosamente. – Então cala-te – disse, erguendo nova garfada.

– O violino não é meu – disse, olhando o instrumento após alguns momentos de silêncio. – É de Jaycob. O meu foi partido quando...

Leesha franziu o sobrolho quando ele se calou. Após mais de um mês, continuava a recusar-se a falar do ataque, mesmo sob insistência de um guarda. Pedira para lhe trazerem as suas escassas posses, mas tanto quanto sabia, nem sequer contactara a Associação dos Jograis para lhes contar o que acontecera.

– A culpa não foi tua – disse Leesha, notando a forma como os seus olhos se tornavam distantes. – Não foste tu a atacá-lo.

– Foi como se tivesse sido – disse Roger.

– Que queres dizer com isso? – quis saber Leesha.

Roger olhou para longe.

– É que... Forcei-o a sair da aposentação. Ainda estaria vivo...

– Disseste que te confessou que sair da aposentação foi a melhor coisa que lhe aconteceu em vinte anos – contrapôs Leesha. – Parece-me que viveu mais nesse período curto do que nos anos passados naquele cubículo no edifício da Associação.

Roger concordou acenando, mas com os olhos em lágrimas. Leesha apertou-lhe a mão.

– As Herbanárias vêem a morte com frequência – contou-lhe. – Ninguém se apresenta diante do Criador com todos os seus assuntos resolvidos. Todos recebemos tempos diferentes, mas, seja como, terão de bastar.

– Esse tempo parece chegar cedo para todas as pessoas que se atravessam no meu caminho – disse Roger, suspirando.

– Vi a morte chegar cedo para muitos que não tinham sequer ouvido falar de Rojer Meia-Mão – disse Leesha. – Gostarias de suportar também as suas mortes sobre os ombros?

Roger olhou-a enquanto lhe enfiava outra garfada na boca.

– Os mortos não beneficiam em nada se a culpa te impedir de viver. – disse.

*

Leesha tinha as mãos cheias de ligaduras quando o Mensageiro chegou. Guardou a carta de Vika no avental e colocou as outras de parte para leitura posterior. Acabou de arrumar a roupa que lavara, mas uma rapariga veio dizer-lhe que um dos pacientes tossira sangue. Depois disso, precisou de remendar um braço partido e ministrar a lição às aprendizas.

Antes que desse por isso, o sol pusera-se e todas as aprendizas estavam deitadas. Reduziu os pavios a um ténue brilho laranja e varreu com o olhar as fileiras de camas por uma última vez, certificando-se de que os pacientes estavam confortáveis antes de subir. Roger devolveu-lhe o olhar quando passou por ele e chamou-a, mas ela sorriu e abanou a cabeça. Apontou-o, uniu as mãos como se orasse, encostou-lhes a face e fechou os olhos.

Roger ficou visivelmente desiludido, mas Leesha piscou-lhe o olho e seguiu em frente, sabendo que não a seguiria. O gesso das pernas fora retirado, mas Roger queixava-se de dor e fraqueza apesar de ter sarado sem problemas.

Ao fundo da enfermaria, encheu um copo de água. A noite estava quente e primaveril e o jarro estava coberto com gotículas de condensação. Esfregou a mão no avental para a limpar e ouviu um ruído de papel. Recordou a carta de Vika e retirou-a, quebrando o lacre com o polegar e aproximando a folha da lâmpada enquanto bebia.

Um momento mais tarde, deixou cair o copo. Não notou e nem sequer o ouviu quebrar. Segurou o papel com firmeza e afastou-se a correr.

Leesha soluçava em silêncio na cozinha escurecida quando Roger a encontrou.

– Sentes-te bem? – perguntou, com voz baixa, apoiando-se sobre a bengala.

– Roger? – disse ela, entre soluços. – Porque não estás na cama?

Roger não respondeu, sentando-se a seu lado.

– Más notícias da tua terra? – perguntou.

Leesha olhou-o por um momento, antes de confirmar com um gesto.

– A constipação que o meu pai apanhou? – perguntou, esperando que Roger manifestasse lembrar-se antes de continuar. – Parecia estar a melhorar, mas teve uma recaída violenta. Ao que parece, foi uma epidemia que varreu o Outeiro de uma ponta à outra. A maioria parece recuperar, mas os mais frágeis... – Recomeçou a soluçar.

– Alguém que conheces? – perguntou Rojer, amaldiçoando-se logo a seguir. Claro que era alguém que conhecia. Todos se conheciam uns aos outros nos povoados.

Leesha não notou o deslize.

– Bruna, a minha mentora – disse, com lágrimas grossas caindo-lhe sobre o avental. – Outras pessoas também, incluindo duas crianças que não cheguei a conhecer. Mais de uma dúzia ao todo e mais de metade da aldeia continua de cama. O meu pai é quem está em pior estado.

– Lamento – disse Rojer.

– Não sintas pena de mim. A culpa é minha – disse-lhe Leesha.

– O quê? – perguntou Rojer.

– Deveria estar lá – continuou Leesha. – Há anos que deixei de ser aprendiz de Jizell. Prometi regressar ao Outeiro do Lenhador quando completasse os estudos. Se tivesse cumprido essa promessa, teria lá estado e talvez...

– Vi uma epidemia matar algumas pessoas no Extremo da Floresta – disse Rojer. – Queres responsabilizar-te também por elas? Ou por quem morre nesta cidade, porque não podes tratar de todos os que precisam?

– Não é o mesmo e sabe-lo bem – disse Leesha.

– Não é? – perguntou Rojer. – Foste tu mesma a dizer-me que é inútil servir os mortos quando a culpa nos impede de viver.

Leesha olhou-o, com olhos muito abertos e húmidos.

– O que queres fazer? – perguntou Rojer. – Passar a noite a chorar ou começar a preparar a viagem?

– A viagem? – repetiu Leesha.

– Tenho um círculo portátil de Mensageiro – disse Rojer. – Podemos partir para o Outeiro do Lenhador ao amanhecer.

– Rojer, mal consegues andar! – disse Leesha.

Rojer ergueu a bengala e pousou-a sobre a bancada, erguendo-se. Caminhava de forma algo rígida, mas sem auxílio.

– Tens fingido para beneficiares da cama quente e das mulheres fascinadas durante mais tempo? – perguntou Leesha.

– Nunca! – Rojer corou. – É que... ainda não estou preparado para actuar.

– Mas estás preparado para caminhar até ao Outeiro do Lenhador? – perguntou Leesha. – Levará uma semana sem um cavalo.

– Duvido que precise de fazer saltos mortais pelo caminho – disse Rojer. – Conseguirei.

Leesha cruzou os braços e abanou a cabeça.

– Não. Proíbo-o terminantemente.

– Não sou um aprendiz que possas proibir de fazer o que quer que seja – disse Rojer.

– És meu paciente – ripostou Leesha. – E posso proibir qualquer coisa que faça perigar a tua recuperação. Contratarei um Mensageiro para me levar.

– Boa sorte – tornou Rojer. – O Mensageiro semanal para sul terá partido hoje e, nesta altura do ano, a maior parte dos outros estará ocupada. Custar-te-á uma fortuna convencer um deles a deixar tudo para te levar ao Outeiro do Lenhador. Além disso, consigo repelir os nuclitas com o violino. Nenhum Mensageiro pode oferecer-te o mesmo.

– Estou certa de que consegues – disse Leesha, deixando claro pela entoação que não acreditava. – Mas preciso de um cavalo rápido de Mensageiro e não de um violino mágico. – Ignorou-lhe os protestos, conduzindo-o de volta à cama. A seguir, subiu para preparar a viagem.

*

– Então estás segura? – perguntou Jizell na manhã seguinte.

– Tenho de ir – disse Leesha. – É demasiado para Vika e Darsy sozinhas. Jizell acenou afirmativamente.

– Rojer parece acreditar que te acompanhará – disse.

– Não fará tal coisa – respondeu Leesha. – Vou contratar um Mensageiro.

– Passou a manhã a arrumar as coisas – disse Jizell.

– Ainda não está completamente recuperado – recordou Leesha.

– Bah! – exclamou Jizell. – Passaram quase três meses. Não o vi usar a bengala durante toda a manhã. Acho que não foi mais do que um motivo para passar algum tempo contigo.

Leesha arregalou os olhos.

– Achas que Rojer...?

Jizell encolheu os ombros.

– Digo apenas que não é todos os dias que encontras um homem disposto a enfrentar nuclitas por ti.

– Jizell, tenho idade para ser sua mãe! – disse Leesha.

Jizell tornou a encolher os ombros.

– Dizes que não és como a minha mãe – continuou Leesha –, mas, tal como ela, consegues transformar cada tragédia numa discussão sobre a minha vida amorosa.

Jizell abriu a boca para responder, mas Leesha ergueu uma mão para a silenciar.

– Se me dás licença – disse. – Tenho um Mensageiro para contratar. – Saiu apressada da cozinha e Rojer, ouvindo a conversa à porta, mal conseguiu sair-lhe do caminho e da vista.

*

Com as contribuições do pai e o dinheiro que Jizell lhe pagava, Leesha conseguiu obter uma nota promissória do Banco do Duque no valor de cento e cinquenta sóis

milneses. Era uma soma além dos sonhos de qualquer camponês angierano, mas os Mensageiros não arriscavam a vida por meros klats. Esperou que fosse suficiente, mas as palavras de Rojer revelaram ser de profecia ou maldição.

O comércio da Primavera estava movimentado e até os piores Mensageiros tinham missões. Skot estava fora da cidade e o secretário da Associação dos Mensageiros recusou-se a ajudá-la. O melhor que podiam oferecer seria a viagem do Mensageiro da semana seguinte para sul, a seis dias de distância.

– Nesse tempo, conseguiria andar até lá! – gritou ao secretário.

– Então sugiro que te ponhas a caminho – replicou o homem, secamente.

Leesha mordeu a língua e saiu disparada. Pensou que perderia o juízo se tivesse de esperar uma semana para partir. Se o pai morresse durante essa semana...

– Leesha? – chamou uma voz. Parou e voltou-se devagar. – És mesmo tu! – continuou Marick, aproximando-se dela com braços estendidos. – Não sabia que continuavas na cidade! – Surpresa, Leesha permitiu que a abraçasse. – Que fazes pela Associação? – perguntou Marick, recuando para a mirar com atenção. Continuava belo e mantinha o olhar de lobo.

– Preciso de alguém que me leve ao Outeiro do Lenhador – disse. – Uma epidemia alastra pela aldeia e precisam da minha ajuda.

– Suponho que poderei levar-te – disse Marick. – Precisarei de cobrar um favor pela minha missão a Ponteflúvia amanhã, mas não deverá ser difícil.

– Tenho dinheiro – disse Leesha.

– Sabes que não aceito dinheiro por trabalhos de escolta – disse Marick, lançando-lhe um olhar sugestivo enquanto se aproximava. – Há apenas um pagamento que me interessa. – Moveu o braço para lhe apertar o traseiro e Leesha resistiu ao impulso de se afastar. Pensou nas pessoas que dela necessitavam e, mais ainda, pensou no que Jizell dissera sobre flores que não podiam ser apreciadas por ninguém. Talvez fizesse parte do plano do Criador encontrar Marick naquele dia. Engoliu em seco e acenou afirmativamente.

Marick puxou Leesha para um recanto sombrio que ladeava o átrio principal. Empurrou-a contra a parede por trás de uma estátua de madeira e beijou-a. Após um momento, o beijo foi retribuído e Leesha rodeou-lhe os ombros com os braços, sentindo-lhe a língua quente na boca.

– Não terei o mesmo problema desta vez – garantiu Marick, pegando-lhe na mão e colocando-lha sobre o membro endurecido.

Leesha esboçou um sorriso tímido.

– Posso ir à tua estalagem depois de escurecer – disse. – Poderemos... passar a noite e partir de manhã.

Marick olhou para um lado e para o outro e abanou a cabeça. Pressionou-a novamente contra a parede, levando uma mão abaixo para abrir o cinto.

– Esperei tempo demais por isto – grunhiu. – Estou pronto e não te deixarei escapar!

– Não o farei num corredor! – silvou Leesha, empurrando-o. – Alguém poderá ver-nos!

– Ninguém nos verá – disse Marick, insistindo e beijando-a novamente. Expôs-se e começou a erguer-lhe as saias. – Estás aqui. Como se fosse magia – disse. – E, desta vez, eu também estou. Que mais falta?

– Privacidade? – perguntou Leesha. – Uma cama? Um par de velas? Qualquer coisa!

– Um Jogral cantando à janela? – troçou Marick, explorando com os dedos entre as pernas à procura da sua abertura. – Falas como uma virgem.

– Sou uma virgem! – afirmou Leesha.

Marick afastou-se, mantendo o membro erecto na mão e olhando-a com amargura.

– Todos no Outeiro do Lenhador sabem que rebolaste com aquele gorila do Gared pelo menos uma dúzia de vezes – disse. – Manténs a mentira depois de tanto tempo?

Com um esgar de repulsa, Leesha fez embater o joelho contra a virilha do Mensageiro, saindo apressada do edifício da Associação e deixando Marick a gemer no chão.

*

– Ninguém aceitou levar-te? – perguntou Rojer nessa noite.

– Ninguém com quem não tivesse de dormir em troca – grunhiu Leesha, não admitindo que estaria disposta a ir tão longe. Não deixara de rezear ter cometido um grande erro. Parte dela desejava ter permitido a Marick que levasse a sua avante, mas, mesmo que Jizell estivesse certa e a sua virgindade não fosse a coisa mais preciosa do mundo, valeria certamente mais do que aquilo.

Fechou os olhos demasiado tarde, conseguindo apenas conter as lágrimas que desejara impedir. Rojer tocou-lhe a face, fazendo-a olhar para ele. Sorriu e movimentou a mão, fazendo surgir um lenço de cores garridas junto à sua orelha. Leesha não conseguiu impedir-se de rir e aceitou o lenço para secar os olhos.

– Continuo a poder levar-te – disse. – Caminhei daqui até ao Prado do Pastor. Se consegui fazê-lo, conseguirei levar-te ao Outeiro do Lenhador.

– Realmente? – perguntou Leesha, soluçando. – Não é apenas uma das tuas histórias? Como a de Jak Língua de Escama ou aquela em que dizes conseguir encantar os nuclitas com o violino?

– Realmente – disse Rojer.

– Porque o farias por mim? – perguntou Leesha.

Rojer sorriu, apertando a mão dela na sua mão mutilada.

– Somos sobreviventes, não somos? – perguntou. – Alguém me disse certa vez

que os sobreviventes têm de olhar uns pelos outros.

Leesha chorou, abraçando-o.

*

“Estarei a enlouquecer?,” perguntou Rojer a si próprio enquanto deixavam para trás os portões de Angiers. Leesha comprara um cavalo para a viagem, mas Rojer não tinha experiência de cavaleiro e Leesha tinha pouco mais do que ele. Sentou-se atrás, enquanto ela conduzia o animal a um ritmo pouco mais rápido do que a velocidade a que conseguiriam caminhar.

Mesmo assim, o cavalo magoava-lhe as pernas ainda sensíveis, mas Rojer não se queixou. Se dissesse alguma coisa antes de perderem a cidade de vista, Leesha fã-los-ia regressar.

“E é precisamente isso que deverias fazer,” pensou. “És um Jogral e não um Mensageiro.”

Mas Leesha precisava dele e ele soube desde a primeira vez que a vira que nunca conseguiria recusar-lhe nada. Sabia que o via como uma criança, mas isso mudaria quando conseguisse fazê-la chegar a casa. Veria que havia mais nele do que a juventude. Veria que conseguia tomar conta de si próprio e dela também.

E que havia para ele em Angiers? Jaycob partira e a Associação pensaria que também estivesse morto. Era provavelmente o melhor. “Queixa-te à guarda e acabarás enforcado”, dissera-lhe Jasin. Mas Rojer era suficientemente inteligente para saber que, se Tom-Dourado descobrisse que estava vivo, não lhe daria hipótese de se queixar a ninguém.

Olhou a estrada em diante e sentiu um nó no estômago. Como o Córrego do Grilo, o Coto do Lavrador situava-se a um dia de viagem a cavalo, mas o Outeiro do Lenhador era muito mais longe, talvez a quatro noites de distância, mesmo com o cavalo. Rojer nunca passara mais de duas noites ao relento e apenas o fizera numa ocasião. Recordou a morte de Arrick. Conseguiria suportar perder Leesha também?

– Sentes-te bem? – perguntou Leesha.

– O quê? – replicou Rojer.

– Tens as mãos a tremer – disse Leesha.

Olhou as mãos sobre a cintura dela e viu que tinha razão.

– Não é nada – conseguiu dizer. – Foi apenas um arrepio de frio.

– Odeio quando acontece – disse Leesha, mas Rojer mal a ouviu. Fitava as mãos, tentando forçá-las a parar de tremer.

“És um actor!,” disse para si mesmo. “Faz-te de corajoso!”

Pensou em Marko Caminheiro, o bravo explorador das suas histórias. Rojer descreveu o homem e interpretou as suas aventuras tantas vezes, que cada traço e maneirismo se tornou uma segunda natureza. Endireitou as costas e as mãos

deixaram de tremer.

– Diz-me quando te sentires cansada – disse – e levarei eu as rédeas.

– Pensei que nunca tivesses montado antes – disse Leesha.

– A melhor maneira de aprender uma coisa é fazê-la – disse Rojer, citando o que dizia Marko Caminheiro, sempre que encontrava algo novo.

Marko Caminheiro nunca receava fazer coisas que nunca tivesse feito antes.

*

Com Rojer segurando as rédeas, a velocidade aumentou, mas, mesmo assim, foi por pouco que alcançaram o Coto do Lavrador antes do anoitecer. Abrigaram o cavalo num estábulo e dirigiram-se para a estalagem.

– És um Jogral? – perguntou-lhe o estalajadeiro, notando o traje de Rojer.

– Rojer Meia-Mão – disse Rojer. – De Angiers e das terras a oeste.

– Nunca ouvi falar de ti – resmungou o estalajadeiro. – Mas o quarto é de graça se deres um espectáculo.

Roger olhou Leesha e, quando esta encolheu os ombros e acenou afirmativamente, sorriu, erguendo o saco de maravilhas.

O Coto do Lavrador era um pequeno amontoado de edifícios unidos por passadiços guardados em madeira. Ao contrário de qualquer outra aldeia que Rojer tivesse visitado, os aldeãos saíam à noite, caminhando livremente – ainda que com pressa – de edifício para edifício.

Essa liberdade permitiu casa cheia, o que agradou a Rojer. Actuou pela primeira vez em meses, mas pareceu-lhe algo absolutamente natural e não tardou a ter todo o público aplaudindo e rindo das histórias de Jak Língua de Escama e do Homem Pintado.

Quando regressou ao seu lugar, a face de Leesha estava um pouco corada do vinho.

– És fabuloso – disse. – Sabia que serias.

Roger resplandeceu e estava prestes a dizer alguma coisa, quando um par de homens se aproximou, trazendo canecas. Passaram uma a Rojer e outra a Leesha.

– É um agradecimento pelo espectáculo – disse o homem que caminhara à frente. – Sei que não é muito...

– É fantástico. Obrigado – agradeceu Rojer. – Por favor, sentem-se connosco. – Apontou os lugares vazios à mesa. Os dois homens sentaram-se.

– O que vos traz ao Coto? – perguntou o primeiro homem. Era baixo, com uma barba negra densa. O seu companheiro era mais alto, encorpado e mudo.

– Vamos a caminho do Outeiro do Lenhador – disse Rojer. – Leesha é Herbanária e vamos ajudá-los a lutar contra uma epidemia.

– O Outeiro fica longe – disse o homem da barba negra. – Que farão à noite?

– Não temam por nós – disse Rojer. – Temos um círculo de Mensageiro.
– Um círculo portátil? – perguntou o homem, surpreso. – Deve ter sido caro.
Rojer acenou afirmativamente.
– Mais do que possas pensar – disse.
– Não vos roubaremos mais tempo de sono – disse o homem, erguendo-se da mesa, imitado pelo companheiro. – Quererão partir bem cedo. – Afastaram-se, reunindo-se a um terceiro homem noutra mesa enquanto Rojer e Leesha terminavam as bebidas e subiam para o seu quarto.

– Olhem para mim! Sou um Jogral! – disse um dos homens, enfiando o chapéu com guizos na cabeça e saltitando pela estrada. O barbudo riu-se, mas o terceiro homem, maior do que ambos combinados, não disse nada. Todos sorriam.

– Gostava de saber o que aquela bruxa me lançou – disse o de barba negra. – Mergulhei a cabeça inteira no riacho e continuo a sentir os olhos a arder. – Ergueu o círculo e as rédeas do cavalo, intensificando o sorriso. – De qualquer forma, uma presa fácil como aquela só surge uma vez na vida.

– Não precisaremos de voltar ao trabalho durante meses – concordou o homem do chapéu colorido, fazendo tilintar a bolsa de moedas. – E sem um arranhão! – Saltou e bateu com os calcanhares.

– Em ti, talvez – riu-se o barbudo. – Mas eu tenho alguns nas costas! Aquele rabo valia quase tanto como o círculo, mesmo que o pó que me lançou aos olhos me tenha impedido de ver o que entrava dentro de quê. – O homem do chapéu colorido riu-se e o gigantesco companheiro mudo bateu com as mãos, sorrindo.

– Devíamos tê-la trazido connosco – disse o homem do chapéu. – Aquela maldita gruta é fria.

– Não sejas estúpido – tornou o barbudo. – Temos um cavalo e um círculo de Mensageiro. Já não precisamos de ficar na gruta e isso é o melhor de tudo. Diz-se no Coto que o Duque foi informado de que quem parte da aldeia é atacado. Vamos para sul ao amanhecer. Antes de termos os guardas de Rhinebeck à perna.

Os homens estavam tão ocupados com a sua discussão que não notaram o cavaleiro que descia a estrada em sua direcção até este se encontrar a dez metros de distância. Iluminado pela luz do entardecer parecia fantasmagórico, enrolado numa túnica esvoaçante e montando um cavalo escuro, movendo-se na sombra das árvores que ladeavam a estrada florestal.

Quando perceberam a sua presença, a alegria desapareceu-lhes da face e foi substituída por expressões de desafio. O barbudo era atarracado, com cabelo ralo sobre a barba longa e rebelde. Deixou cair o círculo portátil no chão e retirou uma moca pesada da sela do cavalo, avançando para o cavaleiro desconhecido. Atrás dele, o mudo ergueu uma clava do tamanho de uma pequena árvore e o homem do chapéu colorido brandiu uma lança de ponta lascada e suja.

– Esta estrada pertence-nos – explicou o barbudo ao cavaleiro. – Não nos importamos de a partilhar, mas há um imposto.

Em resposta, o desconhecido fez o cavalo sair das sombras.

Uma aljava de flechas pendia-lhe da sela, com o arco pronto a usar e facilmente alcançável. Uma lança longa pendurava-se do outro lado, junto a um escudo

redondo. Presas atrás do cavaleiro viam-se várias outras lanças, com pontas reflectindo perigosamente a luz do sol poente.

Mas o desconhecido não tentou alcançar nenhuma das armas, limitando-se a elevar um pouco o capuz. Os olhos dos homens arregalaram-se e o líder recuou, recolhendo o círculo portátil.

– Vamos deixar-te passar desta vez – disse, olhando os outros. Até o gigante empalidecera de medo. Mantinham as armas prontas, mas abriram caminho ao grande cavalo e recuaram. – É melhor que não te voltemos a ver por aqui! – gritou o barbudo, quando ficaram a distância segura.

O desconhecido seguiu caminho, despreocupado.

*

Roger lutou contra o horror enquanto as vozes se afastavam. Tinham-lhe dito que o matariam se tentasse erguer-se. Levou a mão ao bolso secreto para tocar o seu talismã, mas tudo o que encontrou foram pedaços de madeira e uma madeixa de cabelo louro e grisalho. Ter-se-ia partido quando o mudo o pontapeou no estômago. Abriu os dedos e deixou cair os fragmentos na lama.

O choro de Leesha fazia-o recear erguer os olhos. Cometera esse erro antes, quando o gigante lhe saíra das costas para aproveitar a sua vez com Leesha. Um dos outros homens apressou-se a substituí-lo, usando as costas de Roger como um banco para assistir ao espectáculo.

Havia pouca inteligência nos olhos do gigante, mas, faltando-lhe o sadismo dos seus companheiros, a sua luxúria tosca era um terror por si só. Ânias de um animal no corpo de um demónio da rocha. Se Roger conseguisse apagar a sua imagem deitado sobre Leesha arrancando os olhos, não teria hesitado em fazê-lo.

Fora um tolo, anunciando o seu caminho e os valores que transportavam. Passara demasiado tempo nos povoados ocidentais e a sua natural desconfiança citadina para com estranhos amainara.

“Marko Caminheiro não teria confiado neles,” pensou.

Mas não era inteiramente verdade. Marko era frequentemente enganado ou golpeado na cabeça e deixado como morto. Sobrevivia por manter a clareza de espírito depois de acontecer.

“Sobrevive porque é uma história e és tu quem controla os acontecimentos,” recordou Roger a si próprio.

Mas a imagem de Marko Caminheiro erguendo-se e sacudindo o pó permaneceu-lhe na mente e Roger acabou por reunir as forças e a coragem que lhe restavam, forçando-se a ajoelhar. Sentia dores, mas não lhe pareceu que tivesse ossos partidos. O olho esquerdo estava tão inchado que mal conseguia ver e o lábio inchado fazia-o saborear o sangue. Estava coberto com nódoas negras, mas Abrum fizera pior.

Daquela vez, não havia guardas que o pudessem levar até à segurança. Não havia mãe ou mestre que se atravessassem no caminho de um demónio.

Leesha soluçava e a culpa abalou-o. Lutara para lhe defender a honra, mas eram três, todos armados e mais fortes do que ele. Que poderia ter feito?

“Deveriam ter-me matado,” pensou, deixando-se cair. “Antes morto do que ter visto...”

“Cobarde,” disse uma voz vinda do fundo da sua mente. “De pé. Ela precisa de ti.”

Roger conseguiu erguer-se, olhando em redor. Leesha estava encolhida no pó da estrada floresta, chorando e não lhe restando sequer forças para cobrir a vergonha. Não havia sinal dos bandidos.

Não importava. Tinham levado o seu círculo portátil e, sem ele, estavam os dois mortos. O Coto do Lavrador ficava a um dia de distância e não havia nada à sua frente durante vários dias de caminhada. Escureceria em menos de uma hora.

Correu para junto de Leesha, caindo de joelhos a seu lado.

– Leesha, estás bem? – perguntou, amaldiçoando-se pelo tremor na voz. Ela precisaria que se mostrasse forte. – Leesha, responde-me por favor – implorou, tocando-lhe o ombro.

Leesha ignorou-o, encolhendo-se e tremendo enquanto chorava. Roger acariciou-lhe as costas e sussurrou palavras de conforto, baixando-lhe delicadamente o vestido. A mente dela refugiara-se nalgum local para suportar a provação e mostrava relutância em abandoná-lo. Tentou abraçá-la, mas foi violentamente empurrado para trás. Em seguida, voltou a encolher-se, chorando sem cessar.

Afastando-se, Roger procurou as poucas coisas que lhes tinham sido deixadas. Os bandidos tinham vasculhado os sacos, levando o que queriam e deixando o resto, troçando e destruindo todos os seus pertences pessoais. A roupa de Leesha estava espalhada pela estrada e Roger encontrou o garrido saco de maravilhas de Arrick esmagado. Muito do que continha fora levado ou destruído. As bolas pintadas de malabarismo repousavam na lama, mas Roger deixou-as ficar onde estavam.

Fora da estrada, no local para onde o mudo o pontapeara, viu o estojo do violino e atreveu-se a ter esperança de que pudessem sobreviver. Correu e descobriu que estava aberto. O violino no interior era recuperável com um pouco de afinação e algumas cordas novas, mas não havia sinal do arco.

Procurou durante tanto tempo quanto conseguiu, erguendo folhas e arbustos em todas as direcções num pânico crescente. Mas não lhe valeu de nada. Tinha desaparecido. Voltou a colocar o violino no estojo e estendeu uma das saias longas de Leesha, usando-a para recolher alguns objectos recuperáveis.

Uma brisa forte quebrou o silêncio, fazendo dançar as folhas nas árvores. Roger ergueu o olhar para o sol poente e apercebeu-se com clareza inédita de que iriam

morrer. Que importava que lhe restasse um violino sem arco e alguns pertences quando acontecesse?

Abanou a cabeça. Ainda não estavam mortos e era possível escapar aos nuclitas durante uma noite se mantivessem a calma. Segurou firmemente o estojo. Se sobrevivessem, cortaria uma madeixa do cabelo de Leesha e faria um arco novo. Os nuclitas não conseguiriam magoá-los se pudesse tocar o violino.

A estrada era ladeada de ambos os lados pela floresta sombria e perigosa, mas Rojer sabia que os nuclitas caçavam humanos acima de qualquer outra criatura. Marchariam sobre a estrada. A floresta era a sua melhor hipótese de encontrar um esconderijo ou um local escondido onde fosse possível preparar um círculo.

“Como?” perguntou a mesma voz. “Nunca te deste ao trabalho de aprender.”

Regressou para junto de Leesha, ajoelhando-se gentilmente a seu lado. Continuava a tremer, chorando sem ruído.

– Leesha – disse, baixando a voz. – Precisamos de sair da estrada.

Não respondeu.

– Leesha, precisamos de encontrar um esconderijo. – Abanou-a.

Continuou a não responder.

– Leesha, o sol começa a pôr-se!

O choro parou e Leesha ergueu para ele olhos assustados e muito abertos. Viu a sua cara preocupada e ferida e, com um esgar, recomeçou a chorar.

Mas Rojer soube que conseguira alcançá-la por um momento e recusou-se a desistir. Conseguia pensar em poucas coisas piores do que o que lhe acontecera, mas ser despedaçada por nuclitas era uma delas. Segurou-a pelos ombros e sacudiu-a violentamente.

– Leesha, preciso que te controles! – gritou. – Se não encontrarmos um esconderijo depressa, o sol nascente iluminará o pouco que restar dos nossos corpos espalhado pela estrada!

Era uma descrição demasiado gráfica, mas foi intencional e surtiu o efeito desejado, fazendo Leesha erguer a cabeça para respirar, continuando a soluçar, mas de forma contida. Rojer secou-lhe as lágrimas com a manga.

– Que faremos? – perguntou Leesha, segurando-lhe os braços com tanta força que o magoou.

Novamente, Rojer invocou a imagem de Marko Caminheiro e, daquela vez, não tardou a chegar.

– Em primeiro lugar, vamos sair da estrada – disse, com uma confiança que não tinha. Parecendo ter um plano quando não o tinha. Leesha acenou afirmativamente e permitiu que a ajudasse a pôr-se de pé. A dor fê-la gemer e ouvir o gemido destroçou-o.

Com Rojer suportando Leesha, cambalearam para fora da estrada e embrenharam-

se na floresta. A luz que restava reduziu-se de forma dramática sob as copas das árvores e o chão estalava sob os seus pés, com ramos e folhas secas. Sentia-se no ar o odor adocicado de vegetação putrefacta. Rojer detestava florestas.

Fortaleceu a mente recordando as histórias de gente que sobrevivera a noites sem abrigo, procurando palavras que parecessem verídicas, buscando algo, qualquer coisa, que pudesse ajudá-los.

As grutas eram o mais adequado. Nisso, todas as histórias concordavam. Os nuclitas preferiam caçar em terreno aberto e, numa gruta, até guardas simples na entrada conseguiriam oferecer maior segurança do que qualquer outro esconderijo. Rojer conseguia recordar pelo menos três guardas consecutivas do seu círculo. Talvez bastassem para guardar a entrada de uma gruta.

Mas não conhecia grutas nas imediações e não fazia ideia do que procurar. Olhou em redor, sem saber o que fazer, e ouviu água corrente. De imediato, puxou Leesha nessa direcção. Os nuclitas perseguiram as presas através da visão, da audição e do olfacto. Sem verdadeiro abrigo, a melhor forma de os evitar seria esquivando-se a esses sentidos. Talvez pudessem escavar na lama da margem de um rio.

Mas, quando encontraram a origem do som, era apenas um pequeno regato sem uma margem digna desse nome. Rojer pegou num seixo polido no fundo e lançou-o, rugindo de frustração.

Voltou-se e viu Leesha agachada sobre a água que lhe cobria os tornozelos, chorando novamente enquanto enchia as mãos de água e a lançava sobre a cara, sobre os seios, entre as pernas.

– Leesha, precisamos de ir... – disse, estendendo a mão para o seu braço, mas ela guinchou e afastou-se, curvando-se mais sobre a água.

– Leesha, não temos tempo para isto! – gritou, puxando-a. Arrastou-a de volta à floresta, sem saber o que procurava.

Desistiu, ao ver uma pequena clareira. Não havia sítio onde pudessem esconder-se e a sua única esperança seria preparar um círculo. Largou Leesha e avançou rapidamente para a clareira, limpando as folhas apodrecidas e expondo o solo macio e húmido por baixo.

*

A visão nebulosa de Leesha focou lentamente ao ver Rojer varrer folhas do chão. Apoiou-se numa árvore, ainda com as pernas fracas.

Minutos antes, pensara que nunca recuperaria do que lhe acontecera, mas os nuclitas prestes a erguer-se eram uma ameaça demasiado imediata e percebeu, quase com gratidão, que a impediam de recordar a violação uma e outra vez, como sucedera desde que os atacantes tinham partido.

As manchas de terra na face pálida eram cortadas pelo rasto das lágrimas. Tentou

alisar o vestido rasgado e recuperar alguma dignidade, mas a dor entre as pernas era a recordação constante de que a sua dignidade ficara marcada para sempre.

– A noite está próxima! – gemeu. – Que faremos?

– Traçarei um círculo no solo – disse Rojer. – Vai correr tudo bem. Farei com que tudo corra bem – prometeu.

– Sabes como? – perguntou ela.

– Claro... acho eu – disse Rojer, de forma nada convincente. – Tive o círculo portátil durante anos. Consigo recordar os símbolos. – Pegou num pau e começou a traçar as linhas no chão, olhando uma e outra vez o céu enquanto trabalhava e via como escurecia.

Forçava-se a ser corajoso por ela. Leesha olhou-o e sentiu uma pontada de culpa por o ter arrastado para aquela situação. Dizia ter vinte anos, mas sabia que era mentira por vários anos. Não o devia ter trazido numa viagem tão perigosa.

O seu aspecto era muito semelhante ao da primeira vez que o vira, com a cara inchada e negra, sangue escorrendo do nariz e da boca. Limpou-se com a manga e fingiu que não o afectava. Leesha não sentiu dificuldade em ver que fingia, sabendo que o seu pânico era idêntico ao dela. Mas, mesmo assim, o esforço era reconfortante.

– Acho que não o estás a fazer bem – disse-lhe, espreitando sobre o ombro.

– Há-de servir – ripostou Rojer.

– Estou certa de que os nuclitas adorarão o teu círculo – tornou ela, desagrada pelo tom dele – já que não fará nada para os travar. – Olhou em redor. – Poderíamos trepar a uma árvore – propôs.

– Os nuclitas trepam melhor do que nós – disse Rojer.

– E que tal procurar um esconderijo? – perguntou.

– Procurámos durante tanto tempo quanto poderíamos – respondeu Rojer. – Quase não nos resta tempo para fazer este círculo, mas deverá conseguir manter-nos a salvo.

– Duvido – disse Leesha, olhando as linhas tremidas no solo.

– Se pudesse tocar o meu violino... – começou Rojer.

– Outra vez essa patranha? – replicou Leesha, com a irritação afastando a humilhação e o receio. – Uma coisa é gabares-te às aprendizas durante o dia de que consegues encantar demónios com o violino, mas que ganharás por arrastar uma mentira até à sepultura?

– Não estou a mentir! – insistiu Rojer.

– Como queiras – disse Leesha, suspirando e cruzando os braços.

– Vai correr bem – repetiu Rojer.

– Criador! Não consegues parar de mentir por um momento? – gritou Leesha. – Não correrá bem e sabes que assim é. Os nuclitas não são bandidos, Rojer. Não

ficarão satisfeitos com... – Baixou os olhos para as saias rasgadas e calou-se.

Viu a expressão dorida de Rojer e percebeu que fora demasiado crua. Queria vingar-se em alguém e era fácil culpar Rojer e as suas garantias exageradas pelo que sucedera. Mas, no seu coração, sabia que a culpa era mais sua do que dele. Deixara Angiers por ela.

Olhou o céu cada vez mais escuro e pensou se teria tempo para lhe pedir desculpa antes de serem despedaçados.

Sentiram movimento entre as árvores e os arbustos atrás deles e voltaram-se, aterrorizados. Um homem coberto com uma túnica cinzenta entrou na clareira. A sua face permanecia escondida pela sombra do capuz e, apesar de não trazer armas, Leesha percebeu pelo seu porte que era perigoso. Se Marick era um lobo, aquele homem era um leão.

Preparou-se, com a violação ainda fresca na memória, e pensou por um momento no que seria pior: outra violação ou os demónios.

Roger ergueu-se prontamente, segurando-lhe o braço e colocando-se à sua frente. Brandia o pau como se fosse uma lança, com expressão feroz.

O homem ignorou-os aos dois, aproximando-se e examinando o círculo de Roger.

– Tens falhas na rede aqui, aqui e aqui – disse, apontando. – E isto – tocou com o pé num dos símbolos toscos. – Isto nem sequer é uma guarda.

– Consegues repará-lo? – perguntou Leesha, esperançosa, libertando-se do braço de Roger e aproximando-se do homem.

– Leesha, não – murmurou Roger, mas foi ignorado.

O homem nem sequer a olhou.

– Não há tempo – replicou, apontando os nuclitas que já se erguiam no limiar da clareira.

– Oh não... – gemeu Leesha, empalidecendo.

O primeiro a solidificar-se foi um demónio do vento. Silvou ao vê-los e retesou os músculos como se preparasse uma corrida, mas o homem não lhe deu tempo. Enquanto Leesha observava, espantada, saltou para o nuclita, segurando-lhe as patas dianteiras para o impedir de abrir as asas. A carne do demónio fumegou e crepitou quando lhe tocou.

O demónio do vento guinchou e abriu a boca repleta de dentes aguçados como agulhas. O homem lançou a cabeça para trás, fazendo cair o capuz. Depois, inclinou-se para diante, fazendo embater o topo da cabeça calva contra o focinho do nuclita. Viram um clarão de energia e o demónio foi projectado para trás. Embateu contra o solo, atordoado. O homem cravou-lhe os dedos na garganta. Viu-se novo clarão seguido por um esguicho de sangue negro.

O homem voltou-se rapidamente, limpando o sangue demoníaco dos dedos enquanto passava por Roger e Leesha. A face era visível, apesar de restar nela pouca

humanidade. A cabeça estava completamente rapada, incluindo as sobrancelhas, e havia tatuagens a substituir-lhe o cabelo. Rodeavam-lhe os olhos e decoravam-lhe o topo do crânio, ladeando-lhe as orelhas e cobrindo-lhe a face, descendo pelo maxilar em volta dos lábios.

– O meu acampamento está próximo – disse, ignorando os olhares. – Venham comigo se quiserem ver a madrugada.

– E os demónios? – perguntou Leesha, quando o seguiram. Como se pretendessem sublinhar a questão que colocara, um par de demónios da madeira, de movimentos desajeitados e peles semelhantes a casca de árvore, ergueu-se no caminho pelo qual seguiam.

O homem despiu a túnica, ficando coberto apenas com uma tanga, e Leesha viu que as tatuagens não se limitavam à cabeça. Havia guardas ao longo dos braços e pernas fortes em padrões complexos, com guardas maiores nos cotovelos e joelhos. Um círculo protector cobria-lhe as costas e outra grande tatuagem situava-se ao centro do peito musculado. Cada centímetro da sua pele estava guardado.

– O Homem Pintado – sussurrou Rojer. Leesha achou o nome vagamente familiar.

– Eu ocupar-me-ei dos demónios – disse o homem. – Segura isto – ordenou, passando a túnica a Leesha.

Correu para os nuclitas, saltando e atingindo os dois demónios no tronco com os calcanhares. O golpe provocou uma explosão de magia, projectando os demónios da madeira para fora do caminho.

A corrida por entre as árvores foi frenética. O Homem Pintado corria a uma velocidade brutal, não abrandando por causa dos nuclitas que saltavam sobre ele de todos os lados. Um demónio da madeira saltou para Leesha de entre as árvores, mas o homem estava atento, cravando-lhe um cotovelo guardado no crânio com força explosiva. Um demónio do vento desceu dos ares para tentar cravar as garras em Rojer, mas o Homem Pintado repeliu-o, rasgando-lhe uma asa com um murro e lançando-o por terra.

Antes que Rojer pudesse agradecer-lhe, o Homem Pintado voltara a correr por entre a floresta. Rojer ajudou Leesha a acompanhá-lo, soltando-lhe as saias quando ficavam presas nos arbustos.

Emergiram da floresta e Leesha viu uma fogueira do outro lado da estrada. O acampamento do Homem Pintado. Entre eles e o abrigo erguia-se um grupo de nuclitas, incluindo um colossal demónio da rocha medindo dois metros e meio.

O demónio da rocha rugiu e bateu no peito largo e couraçado com punhos gigantescos, movendo a cauda espinhosa em ambas as direcções. Afastou os restantes nuclitas do caminho, reclamando a presa para si.

O Homem Pintado não mostrou medo enquanto se aproximava do monstro. Assobiou e fincou os pés, preparado para saltar quando o demónio carregasse.

Mas, antes que o demónio da rocha pudesse atacar, dois grandes espetos projectaram-se do seu peito, cintilando com magia. O Homem Pintado atacou rapidamente, lançando o calcanhar guardado contra o joelho do nuclita e fazendo o monstro cair ao chão.

Quando caiu, Leesha viu uma forma negra monstruosa atrás dele. A besta escoiceou, libertando os chifres e ergueu-se, relinchando, fazendo cair os cascos sobre o dorso do demónio com um clarão mágico.

O Homem Pintado carregou sobre os demónios restantes, mas os nuclitas dispersaram quando se aproximou. Um demónio da chama cuspiu fogo sobre ele, mas o homem ergueu as mãos abertas e a chama transformou-se numa brisa fresca quando lhe atravessou os dedos guardados. Tremendo de medo, Rojer e Leesha seguiram-no até ao acampamento, entrando no seu círculo protector com enorme alívio.

– Dançarino do Ocaso! – chamou o Homem Pintado, voltando a assobiar. O grande cavalo cessou o ataque sobre o demónio caído e galopou para eles, saltando para o círculo.

Tal como o seu mestre, Dançarino do Ocaso parecia saído de um pesadelo. O garanhão era enorme, muito maior do que qualquer cavalo que Leesha tivesse visto. Tinha pelagem brilhante e negra e o corpo estava coberto com uma armadura de metal guardado. Os arreios da cabeça estavam adornados com um longo par de chifres metálicos cobertos com guardas e até os cascos negros tinham sido decorados com símbolos mágicos pintados de cor prateada. A enorme besta parecia-se mais com um demónio do que com um cavalo.

Pendurados da sela de couro negro viam-se várias armas, incluindo um arco e uma aljava de flechas, facas longas, uma boleadeira e lanças de vários comprimentos. Um escudo de metal polido, circular e convexo estava equilibrado sobre a sela, preparado para ser erguido a qualquer instante. O aro estava decorado com guardas intrincadas.

Dançarino do Ocaso manteve-se imóvel enquanto o Homem Pintado o examinava à procura de ferimentos, parecendo não se preocupar com a presença dos demónios a poucos metros de distância. Quando se assegurou de que a sua montada permanecia incólume, voltou-se para Leesha e Rojer, que se erguiam nervosamente ao centro do círculo, continuando a tremer com a emoção dos minutos anteriores.

– Atiça o fogo – disse o homem a Rojer. – Tenho carne que podes assar e um pão. – Aproximou-se das provisões, esfregando o ombro.

– Estás ferido – disse-lhe Leesha, superando o choque e aproximando-se para lhe inspeccionar as feridas. Havia um corte no ombro e outro mais profundo na coxa. A pele era dura e marcada com cicatrizes que lhe conferiam uma textura áspera sem ser desagradável ao toque. Sentiu um ligeiro formigueiro nos dedos quando lhe

tocou, como a electricidade estática de um tapete.

– Não é nada – disse o Homem Pintado. – Por vezes, um nuclita tem sorte e crava-me uma garra na pele antes de as guardas o repelirem. – Tentou afastar-se, lançando a mão para a túnica, mas Leesha não lho permitiu.

– “Nada” não se aplica a um ferimento provocado por demónios – disse-lhe. – Senta-te e eu trato-te – ordenou, apontando uma pedra larga. Na realidade, o homem provocava-lhe quase tanto medo como os nuclitas, mas dedicara a vida a ajudar feridos e o trabalho familiar afastou-lhe a mente da dor que ainda ameaçava consumi-la.

– Tenho uma bolsa de ervas naquele alforge – disse o homem, apontando. Leesha abriu-o e encontrou a bolsa. Curvou-se à luz da fogueira enquanto vasculhava o conteúdo.

– Suponho que não terás folhas de pómulo? – perguntou.

O homem fitou-a.

– Não – respondeu. – Porquê? Há bastante raiz-porqueira.

– Por nada – murmurou Leesha. – Vocês, os Mensageiros, parecem acreditar que a raiz-porqueira é a cura para tudo. – Levou a bolsa, juntamente com o almofariz, o pilão e um odre de água e ajoelhou-se junto ao homem, moendo a raiz-porqueira e algumas ervas adicionais até obter uma pasta.

– O que te leva a pensar que sou um Mensageiro? – perguntou o Homem Pintado.

– Quem mais andaria pela estrada sozinho? – perguntou Leesha.

– Há anos que não sou um Mensageiro – disse o homem, sem estremecer enquanto ela lhe limpava as feridas e alheio ao ardor da pasta. Rojer estreitou os olhos ao vê-la espalhar-lhe o bálsamo sobre os músculos.

– És uma Herbanária? – perguntou-lhe o Homem Pintado, enquanto Leesha erguia a agulha sobre as chamas e aplicava o fio.

Leesha acenou afirmativamente, mas manteve os olhos no trabalho, prendendo uma madeixa de cabelo atrás da orelha e começando a coser-lhe o rasgão na coxa. Percebendo que o Homem Pintado não pretendia fazer mais comentários, ergueu os olhos para os seus. Eram escuros e as guardas em redor conferiam-lhe uma aparência bizarra e cavada. Leesha não conseguiu suportar aquele olhar durante muito tempo e rapidamente baixou os olhos.

– Chamo-me Leesha – disse. – E quem prepara a ceia é Rojer. É um Jogral. – O homem olhou Rojer, mas, tal como Leesha, Rojer não conseguiu suportar-lhe o olhar durante muito tempo.

– Obrigada por nos teres salvo a vida – disse Leesha. Como resposta, o homem limitou-se a resmungou. Parou de coser, esperando que se apresentasse, mas ele não pareceu disposto a fazê-lo.

– Não tens nome? – perguntou, por fim.

– Nenhum que não tenha deixado de usar há muito – respondeu.
– Mas tens nome – insistiu Leesha. O homem encolheu os ombros.
– Que deveremos chamar-te? – perguntou.
– Não percebo porque terão de me chamar seja o que for – replicou o homem. Viu que o trabalho dela estava concluído e afastou-se, cobrindo-se novamente da cabeça aos pés com a túnica cinzenta. – Não me devem nada. Teria ajudado qualquer um na vossa posição. Amanhã, levá-los-ei até ao Coto do Lavrador.

Leesha olhou Rojer junto à fogueira e voltou a olhar o Homem Pintado.

– Viemos de lá – disse. – Precisamos de chegar ao Outeiro do Lenhador. Podes levar-nos? – O capuz cinzento moveu-se de um lado para o outro. – Regressar ao Coto vai custar-nos uma semana pelo menos! – disse Leesha, elevando a voz.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

– Não me diz respeito.

– Podemos pagar – disse Leesha. O homem olhou-a até fazer com que afastasse os olhos, culpada. – Agora não, claro – corrigiu. – Fomos atacados por bandidos na estrada. Levaram o nosso cavalo, o nosso círculo, o dinheiro e até a comida. – A voz amansou. – Levaram... tudo. – Ergueu o olhar. – Mas, quando chegarmos ao Outeiro do Lenhador, poderei pagar.

– Não preciso de dinheiro – disse o Homem Pintado.

– Por favor! – suplicou Leesha. – É urgente.

– Lamento – replicou o Homem Pintado.

Roger aproximou-se, com um esgar de desagrado.

– Deixa, Leesha – disse. – Se este coração duro não nos ajuda, encontraremos outro caminho.

– Que caminho? – ripostou Leesha. – O caminho de sermos mortos pelos demónios enquanto tentas afastá-los com o teu estúpido violino?

Roger recuou, magoado, mas Leesha ignorou-o, voltando-se novamente para o homem.

– Por favor – implorou, segurando-lhe o braço e fazendo-o voltar-se também para ela. – Um Mensageiro veio de Angiers há três dias com novas de uma epidemia que alastrava pelo Outeiro. Já matou uma dúzia de pessoas, incluindo a maior Herbanária que jamais viveu. As Herbanárias que restam na aldeia não conseguirão tratar toda a gente. Precisam da minha ajuda.

– Então, além de me pedires para me afastar do meu caminho, pedes-me também que vá a uma aldeia onde há uma epidemia? – perguntou o Homem Pintado, parecendo não ter qualquer intenção de mudar de ideias.

Leesha começou a chorar, caindo de joelhos e segurando-lhe a túnica.

– O meu pai está muito doente – sussurrou. – Se não chegar lá em breve, poderá morrer.

O Homem Pintado estendeu a mão, cauteloso, e pousou-lha sobre o ombro. Leesha não percebeu como conseguira impressioná-lo, mas sentiu que resultara.

– Por favor – disse, novamente.

O Homem Pintado fitou-a demoradamente.

– Está bem – respondeu, por fim.

*

O Outeiro do Lenhador situava-se a seis dias de viagem de Forte Angiers, no extremo sul da floresta angierana. O Homem Pintado disse-lhes que levariam mais quatro noites a chegar à aldeia. Três se acelerassem o passo. Cavalgava a seu lado, abrandando o grande alazão para acompanhar os seus passos.

– Vou ver o que há mais além – disse, após um momento. – Regresso dentro de uma hora.

Leesha sentiu uma pontada de frio gélido vendo-o tocar os flancos do cavalo com os calcanhares e galopando pela estrada fora. Assustava-a quase tanto como os bandidos ou os nuclitas. Mas, pelo menos, estava a salvo com ele de todas as outras ameaças.

Não conseguira dormir e sentia o lábio dorido pelas vezes que o mordera para se impedir de chorar. Limpava cada centímetro do corpo antes de recolher, mas continuava a sentir-se imunda.

– Ouvi contar histórias sobre este homem – disse Rojer. – Eu próprio criei algumas. Pensei que fosse apenas um mito, mas não podem existir dois homens pintados daquela forma que matam nuclitas com as mãos nuas.

– Chamaste-lhe Homem Pintado – recordou Leesha.

Roger confirmou com um aceno de cabeça.

– É o que lhe chamam as histórias. Ninguém conhece o seu verdadeiro nome – disse. – Falaram-me dele pela primeira vez há um ano, quando um dos Jograis do Duque passou pelos povoados ocidentais. Pensei que fosse uma história mirabolante alimentada pela cerveja, mas parece que o homem do Duque dizia a verdade.

– Que disse ele? – quis saber Leesha.

– Que o Homem Pintado vagueia nu pela noite, caçando demónios – disse Rojer. – Evita o contacto com humanos, surgindo apenas quando precisa de mantimentos e pagando com ouro antigo. Ocasionalmente, conta-se que salvou gente na estrada.

– Podemos testemunhar que assim é – disse Leesha. – Mas, se consegue matar demónios, porque será que ninguém tentou aprender os seus segredos?

Roger encolheu os ombros.

– De acordo com as histórias, ninguém se atreve. Até os duques morrem de medo dele. Sobretudo depois do que aconteceu em Lakton.

– Que aconteceu?

– A história diz que os mestres das docas de Lakton enviaram espiões para roubar as suas guardas de combate – contou Rojer. – Uma dúzia de homens armados e com armaduras. Os que não matou ficaram estropiados.

– Criador! – exclamou Leesha, cobrindo a boca. – Com que tipo de monstro viajamos?

– Há quem diga que é em parte demónio – concordou Rojer. – O resultado da violação na estrada de uma rapariga por um demónio.

Corou violentamente ao perceber o que acabara de dizer, mas as palavras que proferira sem pensar tiveram o efeito oposto, quebrando o feitiço do medo dela.

– Isso é ridículo – disse, abanando a cabeça.

– Outros dizem que não tem nada de demónio – continuou Rojer –, sendo o próprio Libertador, vindo para pôr fim à Praga. Os Protectores têm-lhe dirigido orações e implorado as suas bênçãos.

– Mais depressa acreditaria que é meio nuclita – disse Leesha, sem grande convicção.

Seguiram em frente num silêncio desconfortável. Um dia antes, Leesha fora incapaz de conseguir que Rojer se calasse por um momento, com o Jogral tentando constantemente impressioná-la com as suas histórias e música. Mas agora mantinha os olhos baixos, recordando o que acontecera. Leesha sabia que sofria e parte de si queria oferecer conforto, mas uma parte maior precisava também de ser confortada. Não tinha nada para dar.

Pouco depois, o Homem Pintado regressou para junto deles.

– Andam muito devagar – disse, desmontando. – Se quisermos poupar uma noite de viagem, precisaremos de cobrir cinquenta quilómetros hoje. Montem. Eu correrei.

– Não devias correr – disse-lhe Leesha. – Romperás os pontos na coxa.

– Está tudo sarado – retorquiu o Homem Pintado. – Precisava apenas de uma noite de sono.

– Disparate – considerou Leesha. – O corte era profundo. – Como se quisesse provar o seu ponto, aproximou-se e ajoelhou, erguendo a túnica sobre a perna musculada e tatuada.

Mas, depois de remover a ligadura, o choque fê-la arregalar os olhos. Pele nova e rosada cobrira já a ferida e os seus pontos eram a única mácula visível.

– É impossível – disse.

– Era apenas um arranhão – disse o Homem Pintado, passando uma lâmina pelos pontos e extraíndo-os um a um. Leesha abriu a boca, mas o homem endireitou-se e regressou para junto de Dançarino do Ocaso, pegando nas rédeas e estendendo-as a Leesha.

– Obrigada – disse-lhe, atordoada, pegando nas rédeas. Num instante, tudo o que sabia sobre curas fora questionado. Quem era aquele homem? O que era?

Dançarino do Ocaso trotou pela estrada enquanto o Homem Pintado corria a seu lado com passadas longas e incansáveis, acompanhando facilmente o cavalo e cobrindo quilómetros com os pés guardados. Quando repousaram, foi por desejo de Rojer e Leesha e não por sua vontade. Leesha observou-o subtilmente, procurando sinais de fadiga, mas não os encontrou. Quando montaram o acampamento por fim, a sua respiração era suave e regular enquanto dava alimento e água ao cavalo. Leesha e Rojer gemiam e esfregavam os membros doridos.

A fogueira foi rodeada por um estranho silêncio. Anoitecera há muito, mas o Homem Pintado caminhava livremente pelo acampamento, recolhendo lenha e retirando a armadura de Cavaleiro do Ocaso, escovando o grande garanhão. Saiu do círculo do cavalo e voltou ao seu sem pensar nos demónios da madeira em redor. Um saltou sobre ele de um arbusto, mas o Homem Pintado nem sequer se voltou quando embateu contra as guardas a pouco mais de um centímetro das suas costas.

Enquanto Leesha preparava a ceia, Rojer coxeava com as pernas arqueadas pelo círculo, tentando desentorpecê-las depois de um dia a cavalo.

– Acho que tenho os tomates esmagados de tanto salto – gemeu.

– Posso ver, se quiseres – disse Leesha. O Homem Pintado roncou.

Rojer olhou-a, abatido.

– Não é grave – conseguiu dizer, sem parar de caminhar. Parou subitamente após um momento, olhando a estrada.

Todos olharam na mesma direcção, vendo o sinistro brilho laranja da boca e dos olhos de um demónio da chama antes que o resto do nuclita se tornasse visível, guinchando e correndo sobre as quatro patas.

– Como é possível que os demónios da chama não incendeiem toda a floresta? – perguntou Rojer, olhando os rastos de chamas atrás da criatura.

– Estás prestes a descobrir – respondeu o Homem Pintado. Rojer achou a diversão na sua voz ainda mais perturbadora do que o habitual tom monocórdico.

As palavras mal tinham sido proferidas quando ouviram uivos anunciando a chegada de um grupo de três demónios da madeira, correndo pela estrada em perseguição do demónio da chama. Um deles trazia outro demónio da chama preso nas mandíbulas, pingando sangue negro.

Tão preocupado estava o demónio da chama em escapar aos seus perseguidores, que não viu outros demónios da madeira reunindo-se junto à estrada até que um deles saltou, imobilizando a infeliz criatura e esventrando-a com garras negras. O guincho de agonia foi horrendo e Leesha cobriu os ouvidos.

– Os demónios da madeira odeiam os da chama – explicou o Homem Pintado quando tudo terminou, com os olhos brilhantes de prazer pela carnificina.

– Porquê? – perguntou Rojer.

– Porque são vulneráveis ao seu fogo – disse Leesha. O Homem Pintado olhou-a,

surpreso, acenando afirmativamente em seguida.

– Então porque não os incendeiam os demónios da chama? – perguntou Rojer.

O Homem Pintado riu-se.

– Por vezes fazem-no – disse. – Mas, mesmo sendo inflamáveis, nenhum demónio da chama conseguirá igualar em combate um demónio da madeira. A sua força é inferior apenas à dos demónios da rocha e tornam-se quase invisíveis na floresta.

– O Grande Plano do Criador – disse Leesha. – Os elementos equilibram-se.

– Tolice – contrapôs o Homem Pintado. – Se os demónios da chama incendiassem tudo, não restaria nada para caçarem. Foi a natureza a encontrar uma solução.

– Não acreditas no Criador? – perguntou Rojer.

– Já temos problemas suficientes – respondeu o Homem Pintado. E a sua expressão deixou claro que não pretendia continuar a discutir aquele assunto.

– Há quem diga que és o Libertador – atreveu-se Rojer.

O Homem Pintado manifestou o seu desprezo com um ronco.

– Nenhum Libertador virá salvar-nos, Jogral – disse. – Se queres que os demónios morram neste mundo, terás de ser tu a matá-los.

Como se fosse uma resposta, um demónio do vento foi rechaçado pela rede de guardas de Dançarino do Ocaso, iluminando o espaço com um breve clarão. O garanhão raspou os cascos no solo, como se desejasse saltar do círculo e batalhar, mas permaneceu onde estava, aguardando uma ordem do seu mestre.

– Como consegue o cavalo não sentir medo? – perguntou Leesha. – Até os Mensageiros prendem os cavalos a estacas durante a noite para os impedir de fugir, mas o teu parece querer lutar.

– Treino Dançarino do Ocaso desde que nasceu – explicou o Homem Pintado. – Sempre esteve guardado e, por isso, nunca aprendeu a sentir medo dos nuclitas. Os seus pais foram os maiores e mais agressivos cavalos que encontrei.

– Mas pareceu tão meigo quando o montámos – recordou Leesha.

– Ensinei-o a canalizar os seus instintos agressivos – disse o Homem Pintado, com orgulho notório permeando o seu tom habitualmente neutro. – Retribui a delicadeza, mas, quando se sente ameaçado ou se me vir ameaçado, ataca sem hesitar. Certa vez, esmagou o crânio de um javali que me teria esventrado com toda a certeza.

Depois de destruídos os demónios da chama, os demónios da madeira começaram a rodear as guardas, aproximando-se cada vez mais. O Homem Pintado aproximou o arco e a aljava de flechas com ponta pesada, mas ignorou as criaturas enquanto golpeavam a barreira e eram projectadas para trás. Depois de terminarem a refeição, escolheu uma flecha sem marcas e retirou uma ferramenta do seu estojo de Guardador, inscrevendo lentamente a haste com guardas.

– Se não estivéssemos aqui... – perguntou Leesha.

– Eu estaria ali – respondeu o Homem Pintado, sem olhar para ela. – A caçar.

Leesha acenou afirmativamente e permaneceu quieta durante alguns momentos, observando-o. O seu fascínio óbvio fez Rojer agitar-se, desagradado.

– Passaste pela minha aldeia? – perguntou, em voz baixa.

O Homem Pintado olhou-a com curiosidade, mas não respondeu.

– Se vens do sul deverás ter passado pelo Outeiro – continuou Leesha.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

– Passo longe dos povoados – respondeu. – A primeira pessoa a ver-me foge e acabarei por ser recebido por um bando de homens irados com forquilhas.

Leesha quis protestar, mas sabia que a gente do Outeiro do Lenhador agiria de acordo com a descrição.

– É apenas o medo que os faz agir assim – disse.

– Eu sei – tornou o Homem Pintado. – E é por isso que os deixo em paz. Há mais coisas no mundo do que povoados e cidades. E, se o preço de umas for perder as outras... – Encolheu os ombros. – Continuem a esconder-se nas suas casas, como galinhas numa capoeira. Os cobardes não merecem melhor.

– Então porque nos salvaste dos demónios? – perguntou Rojer.

O Homem Pintado encolheu os ombros novamente.

– Porque são humanos e eles são abominações – respondeu. – E porque lutaram pela sobrevivência até ao último minuto.

– Que outra coisa poderíamos ter feito? – perguntou Rojer.

– Espantar-vos-ia quantos se limitam a deitar-se esperando o fim – respondeu o Homem Pintado.

*

Viajaram a bom ritmo no quarto dia desde a partida de Angiers. Nem o Homem Pintado nem o seu garanhão pareciam conhecer a fadiga. Dançarino do Ocaso acompanhou sem dificuldade a corrida do seu mestre.

Quando finalmente acamparam para passar a noite, Leesha cozinhou uma sopa aguada com as provisões que restavam, mas quase não chegou para lhes encher a barriga.

– Onde encontraremos comida? – perguntou-lhe, vendo a última colherada desaparecer na boca de Rojer.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

– Não planeava ter companhia – respondeu, pintando cuidadosamente guardas nas unhas.

– Mais dois dias de viagem é muito tempo para passar sem comida – lamentou Rojer.

– Se quiserem reduzir o tempo de viagem – disse o Homem Pintado, soprando sobre uma unha para a secar –, também poderíamos viajar de noite. Dançarino do

Ocaso consegue correr mais do que a maioria dos nuclitas e eu matarei os restantes.

– Demasiado perigoso – considerou Leesha. – Não poderemos ajudar o Outeiro do Lenhador se estivermos todos mortos. Teremos de seguir viagem com fome.

– Não saio das guardas à noite – concordou Rojer, esfregando a barriga, amargurado.

O Homem Pintado apontou um nuclita que rondava o acampamento.

– Podemos comê-lo – disse.

– Só podes estar a brincar! – gritou Rojer, enojado.

– A ideia é revoltante – concordou Leesha.

– Não é assim tão mau – disse o homem.

– Já comeste carne de demónio? – perguntou Rojer.

– Faço o que tiver de fazer para sobreviver – replicou o homem.

– Eu não pretendo comer demónios – disse Leesha.

– Nem eu – acrescentou Rojer.

– Muito bem – disse o Homem Pintado, suspirando. Ergueu-se, pegou no arco e nas flechas e numa lança longa. Despiu a túnica, expondo a pele guardada e avançou até ao círculo. – Verei o que consigo caçar.

– Não precisas de...! – gritou Leesha, mas o homem ignorou-a. No momento seguinte, desaparecera na escuridão.

Regressou mais de uma hora depois, trazendo um par de coelhos gordos pelas orelhas. Passou-os a Leesha e voltou a sentar-se, erguendo o minúsculo pincel de guardas.

– Tocas música? – perguntou a Rojer, que acabara de mudar as cordas do violino e dedilhava cada uma para ajustar a tensão.

A pergunta sobressaltou Rojer.

– S ... sim – conseguiu responder.

– Podes tocar alguma coisa? – perguntou o Homem Pintado. – Não recordo a última vez que ouvi música.

– Tocaria – disse Rojer, tristemente. – Mas os bandidos pontapearam o meu arco para a floresta.

O homem acenou afirmativamente e pensou por um momento. Depois, ergueu-se e empunhou uma grande faca. Rojer encolheu-se, mas o homem saiu do círculo. Um demónio da madeira silvou-lhe, mas o Homem Pintado silvou-lhe de volta e o demónio fugiu.

Regressou pouco depois com um ramo flexível, arrancando a casca com a lâmina.

– Que comprimento tinha? – perguntou.

– Qua... quarenta e cinco centímetros – gaguejou Rojer.

O Homem Pintado acenou com a cabeça, cortando o ramo pela medida adequada e caminhando até Dançarino do Ocaso. O garanhão não reagiu quando lhe cortou

alguns fios de pêlo da cauda. Abriu uma ranhura na madeira e atou os pêlos com firmeza de um lado. Ajoelhou-se junto a Rojer, curvando o ramo.

– Diz-me quando a tensão for adequada – disse. Rojer pousou os dedos da mão mutilada sobre o pêlo. Quando se mostrou satisfeito, o Homem Pintado atou a outra extremidade e passou-lhe o resultado.

A oferta alegrou imensamente Rojer e aplicou-lhe resina antes de erguer o violino. Prendeu o instrumento com o queixo e testou o novo arco. Não era ideal, mas tornou-se mais confiante, fazendo uma pausa antes de começar a tocar.

Os seus dedos hábeis encheram o ar com música melancólica que levou os pensamentos de Leesha até ao Outeiro do Lenhador, fazendo-a pensar no que aconteceria. A carta de Vika chegara quase uma semana antes. Que encontraria quando chegasse? Talvez a epidemia tivesse passado sem mais perdas e aquela provação desesperada fosse em vão.

Ou talvez precisassem dela mais do que nunca.

Notou que a música também afectou o Homem Pintado, pois as suas mãos interromperam o trabalho minucioso e fitava a noite além do círculo. Sombras velavam-lhe a face, obscurecendo as tatuagens, e viu-lhe no semblante que fora atraente. Que dor o teria empurrado para aquela existência, cobrindo-se de cicatrizes e trocando o convívio com os seus pela companhia dos nuclitas? Deu consigo a sentir vontade de o sarar, apesar de ele não manifestar qualquer dor.

Subitamente, o homem abanou a cabeça, como se afastasse uma ideia, despertando Leesha da sua reflexão. Apontou a escuridão.

– Olha – sussurrou. – Dançam.

Leesha olhou, espantando-se porque, com efeito, os nuclitas tinham cessado de testar as guardas e até mesmo de silvar e guinchar. Rodeavam o círculo, agitando-se ao ritmo da música. Os demónios da chama saltitavam e giravam, lançando espirais de chama dos seus membros retorcidos, e os demónios do vento subiam e desciam no ar. Os demónios da madeira aproximaram-se, saindo do abrigo das árvores, mas ignoravam os demónios da chama, presos à melodia.

O Homem Pintado olhou Rojer.

– Como fazes isso? – perguntou, não conseguindo esconder o espanto na voz.

Rojer sorriu.

– Os nuclitas têm ouvido musical – disse. Pôs-se de pé, caminhando até ao limiar do círculo. Os demónios amontoavam-se aí, observando-o atentamente. Começou a contornar o perímetro do círculo e os demónios seguiram-no, como que hipnotizados. Parou e moveu-se de lado a lado sem parar de tocar e os nuclitas imitaram-lhe os movimentos de forma quase exacta.

– Não acreditei em ti – desculpou-se Leesha, em voz baixa. – Consegues realmente encantá-los.

– E não é tudo – gabou-se Rojer. Com uma série de movimentos rápidos do arco, a melodia tornou-se mais sombria, com notas outrora puras dando lugar a outras discordantes e manchadas. Subitamente, os nuclitas tornavam a guinchar, cobrindo os ouvidos com as garras e afastando-se de Rojer. Recuaram mais e mais enquanto a ofensiva musical prosseguia, desaparecendo nas sombras.

– Não foram para longe – disse Rojer. – Logo que parar de tocar regressarão.

– Que mais consegues fazer? – perguntou o Homem Pintado.

Rojer sorriu, tão agradado por actuar para um público de duas pessoas como se actuasse para uma multidão. Tornou a suavizar a música, devolvendo gradualmente às notas caóticas a melancolia anterior. Os nuclitas surgiram novamente, atraídos pela música.

– Vejam isto – disse Rojer, mudando novamente o som. As notas subiam e desciam, levando até Leesha e o Homem Pintado a cerrarem os dentes e a afastarem-se.

A reacção dos nuclitas foi mais acentuada. Enraivecera-se, guinchando e rugindo enquanto se lançavam contra a barreira sem cessar. Uma e outra vez, as guardas cintilaram e repeliram-nos, mas os demónios não desistiam, esmagando-se contra a rede de guardas numa tentativa tresloucada de alcançar Rojer e silenciá-lo para sempre.

Dois demónios da rocha juntaram-se ao grupo, afastando os outros e golpeando as guardas enquanto mais demónios ainda se uniam ao esforço. O Homem Pintado ergueu-se silenciosamente atrás de Rojer e aprontou o arco.

A corda emitiu um ruído e uma das flechas de ponta pesada explodiu no peito do demónio da rocha mais próximo como um relâmpago, iluminando a noite por um instante. O Homem Pintado continuou a disparar contra a horda, movendo as mãos com uma velocidade difícil de acompanhar pelos olhos. Os projecteis guardados lançavam os nuclitas para trás e os poucos que tornavam a erguer-se rapidamente eram despedaçados pelos restantes.

Rojer e Leesha observaram a chacina, horrorizados. O arco do Jogral escapou das cordas, pendendo esquecido da sua mão enquanto observava o trabalho do Homem Pintado.

Os demónios continuavam a gritar, mas faziam-no agora por medo e dor, tendo-se desvanecido o desejo de atacar as guardas assim que a música cessou. E o Homem Pintado continuou a alvejá-los até esgotar as flechas. Pegou na lança, atingindo no dorso um demónio da madeira em fuga.

Seguiu-se o caos, com os poucos nuclitas que restavam a tentarem desesperadamente fugir. O Homem Pintado despiu a túnica, preparado para saltar para fora do círculo e matar demónios com as próprias mãos.

– Não, por favor! – gritou Leesha, lançando-se sobre ele. – Estão a fugir!

– Queres poupá-los? – rugiu o Homem Pintado, fitando-a com uma expressão medonha de fúria. Leesha recuou, assustada, mas manteve os olhos nele.

– Por favor – suplicou. – Não vás.

Leesha receou que a golpeasse, mas limitou-se a olhá-la, com a respiração acelerada. Por fim, após o que pareceu ser uma eternidade, acalmou-se e vestiu a túnica, cobrindo novamente as guardas.

– Era necessário? – perguntou Leesha, quebrando o silêncio.

– O círculo não foi preparado para resistir a tantos nuclitas ao mesmo tempo – explicou o Homem Pintado, com a voz novamente reduzida ao tom monocórdico. – Não sabia se resistiria.

– Podias ter-me pedido para parar de tocar – disse Rojer.

– Sim – concordou o Homem Pintado. – Podia tê-lo feito.

– Então porque não o fizeste? – perguntou Leesha.

O Homem Pintado não respondeu. Saiu do círculo e começou a arrancar as flechas dos cadáveres dos nuclitas.

*

Leesha dormia profundamente nessa noite quando o Homem Pintado se aproximou de Rojer. O Jogral, que olhava os demónios caídos, sobressaltou-se quando o homem se agachou a seu lado.

– Tens poder sobre os nuclitas – disse.

Roger encolheu os ombros.

– Tu também – disse. – Mais do que alguma vez terei.

– Podes ensinar-me? – perguntou.

Roger voltou-se, fitando-lhe os olhos penetrantes.

– Porquê? Matas demónios às dezenas. O que é o meu truque comparado com isso?

– Pensei que conhecia os meus inimigos – respondeu o Homem Pintado. – Mas mostraste-me que não.

– Pensas que poderão não ser tão maus por gostarem de música? – perguntou Rojer.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

– Não são apreciadores de arte, Jogral – disse. – No momento em que deixaste de tocar, ter-te-iam matado sem hesitação.

Roger acenou afirmativamente, reconhecendo que assim era.

– Então porque te darás ao trabalho? – perguntou. – Aprender a tocar violino exigirá um esforço desmedido para encantar criaturas que já consegues matar com facilidade.

A expressão do Homem Pintado endureceu.

– Ensinas-me ou não? – perguntou.

– Eu... – começou Rojer, pensando no assunto. – Mas quero algo em troca.

– Tenho muito dinheiro – assegurou o Homem Pintado.

Rojer acenou-lhe com a mão.

– Posso conseguir dinheiro sempre que precisar – disse. – Quero algo mais valioso.

O Homem Pintado não disse nada.

– Quero acompanhar-te nas tuas viagens – disse Rojer.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

– Fora de questão – considerou.

– Não se aprende a tocar violino de um dia para o outro – argumentou Rojer. – Levarás semanas a conseguir tocar de forma aceitável e precisarás de perícia muito maior para encantar até o nuclita com pior ouvido.

– E que ganharás com isso? – perguntou o Homem Pintado.

– Material para histórias que encherão o anfiteatro do Duque noite após noite – disse Rojer.

– E ela? – perguntou o Homem Pintado, indicando Leesha. Rojer olhou a Herbanária, vendo-lhe o peito subir e descer lentamente enquanto dormia e o significado do seu olhar não escapou ao interlocutor.

– Pedi-me para a acompanhar a casa e nada mais – disse Rojer, por fim.

– E se te pedir que fiques?

– Não pedirá – tornou Rojer, com voz baixa.

– O meu caminho não é uma história de Marko Caminheiro, rapaz – disse o Homem Pintado. – Não posso desperdiçar tempo com alguém que se esconde à noite.

– Tenho o meu violino – disse Rojer, com maior bravura do que a que sentia. – Não tenho medo.

– Precisas de mais do que coragem – disse o Homem Pintado. – Na imensidão selvagem, matas ou és morto. E não me refiro apenas aos demónios.

Rojer endireitou-se, engolindo o nó na garganta.

– Todos os que tentam proteger-me acabam mortos – disse. – Chegou a altura de aprender a proteger-me a mim próprio.

O Homem Pintado inclinou-se para trás, avaliando o jovem

Jogral.

– Vem comigo – disse, erguendo-se.

– Para fora do círculo? – perguntou Rojer.

– Se não conseguires fazê-lo, não me servirás de nada – disse o Homem Pintado. Quando Rojer olhou em redor, hesitante, acrescentou: – Todos os nuclitas ao longo de quilómetros em redor ouviram o que fiz aos seus. Duvido que vejamos mais esta

noite.

– E Leesha? – perguntou Rojer, erguendo-se devagar.

– Dançarino do Ocaso protegê-la-á se for necessário – replicou o homem. – Vem.
– Saiu do círculo e desapareceu pela noite dentro.

Rojer praguejou, mas pegou no violino e seguiu o homem pela estrada.

*

Rojer segurou firmemente o estojo do violino enquanto avançavam entre as árvores. Pretendera retirá-lo, mas o Homem Pintado indicara-lhe que não o fizesse.

– Atrairás atenção indesejada – sussurrou.

– Pensei que tivesses dito que seria pouco provável vermos mais nuclitas esta noite – replicou Rojer, no mesmo tom, mas o Homem Pintado ignorou-o, avançando pela escuridão, como se estivessem em pleno dia.

– Onde vamos? – perguntou Rojer, parecendo-lhe que o fazia pela centésima vez.

Subiram uma pequena elevação e o Homem Pintado deitou-se, apontando para baixo.

– Ali – disse a Rojer. Em baixo, Rojer conseguiu ver três homens muito familiares e um cavalo dormindo no interior de um círculo portátil ainda mais familiar.

– Os bandidos – murmurou. Sentiu-se dominar por uma torrente de emoções variadas: medo, raiva e impotência. Na sua mente, voltou a viver a provação por que tinha passado juntamente com Leesha. O mudo estremeceu no sono e Rojer sentiu uma pontada de pânico.

– Tenho-os seguido desde que vos encontrei – disse o Homem Pintado. – Vi-lhes a fogueira enquanto caçava.

– Porque me trouxeste aqui? – perguntou Rojer.

– Pensei que apreciasses a oportunidade de recuperar o teu círculo – disse o Homem Pintado.

Rojer fitou-o.

– Se roubarmos o círculo enquanto dormem, os nuclitas matá-los-ão antes que percebam o que lhes acontece.

– Há poucos demónios por aqui – referiu o Homem Pintado. – Terão melhores hipóteses do que as vossas.

– Mesmo assim, que te faz pesar que correria o risco? – perguntou-lhe Rojer.

– Observo – tornou o homem. – E ouço. Sei o que te fizeram... e a Leesha.

Rojer permaneceu em silêncio durante um longo instante.

– São três – disse, por fim.

– Estamos na floresta – disse o Homem Pintado. – Se queres viver em segurança, volta para a cidade. – Cuspiu as últimas palavras como se fossem insultuosas.

Mas Rojer sabia que na cidade também não existia segurança. Sem conseguir

evitar, viu Jaycob cair ao chão e ouviu o riso de Jasin. Poderia ter procurado justiça pelo ataque, mas, ao invés, optara por fugir. Fugia desde sempre e deixava que outros morressem por si. Procurou com a mão um talismã que já não tinha e olhou a fogueira.

– Estava enganado? – perguntou o Homem Pintado. – Devemos regressar ao acampamento?

Roger engoliu em seco.

– Logo que recupere o que me pertence – decidiu.

Leesha acordou com o relinchar suave de um cavalo. Abriu os olhos e viu Rojer escovando a égua que comprara em Angiers e, por um momento, atreveu-se a pensar que os dois dias anteriores tinham sido um sonho.

Foi então que viu Dançarino do Ocaso. O gigantesco garanhão erguia-se acima da égua e fê-la recordar tudo.

– Rojer – perguntou, com voz baixa. – De onde veio a égua?

Rojer abriu a boca para responder, mas o Homem Pintado chegou nesse momento, trazendo dois coelhos pequenos e uma mão cheia de maçãs.

– Vi a fogueira dos vossos amigos na noite passada – explicou – e pensei que viajaríamos mais depressa se cavalgássemos os três.

Leesha permaneceu em silêncio, digerindo as notícias. Foi atravessada por uma dúzia de emoções. A maioria era vergonhosa e desagradável. Rojer e o Homem Pintado deram-lhe tempo e agradeceu-lhes por isso.

– Mataram-nos? – perguntou, por fim. Uma parte fria do seu ser desejava que dissessem que sim, mesmo que isso fosse contra tudo aquilo em que acreditava. Tudo aquilo que Bruna lhe ensinara.

O Homem Pintado olhou-a nos olhos.

– Não – respondeu, aliviando-a profundamente. – Fi-los dispersar durante tempo suficiente para roubar o cavalo, mas não passou disso.

Leesha acenou em concordância.

– Informaremos o magistrado do Duque a seu respeito por intermédio do próximo Mensageiro que passar pelo Outeiro.

O seu pano de ervas estava rudemente enrolado e preso à sela. Puxou-o e examinou-o, ficando aliviada ao constatar que a maioria dos frascos e bolsas permanecia intacta. Tinham fumado toda a sua tampereira, mas não lhe custaria substituí-la.

Depois do pequeno-almoço, Rojer cavalgou a égua enquanto Leesha seguia atrás do Homem Pintado, montando Dançarino do Ocaso. Viajaram com rapidez, pois havia nuvens a formarem-se e a ameaça de chuva era clara.

Leesha achou que deveria ter medo. Os bandidos estavam vivos e na direcção em que seguiam. Recordou a face maldosa do barbudo e o riso ruidoso do seu companheiro. A pior recordação de todas era o peso terrível e a luxúria violenta e silenciosa do mudo.

Deveria ter medo, mas não teve. Mais ainda do que Bruna, o Homem Pintado fazia-a sentir-se segura. Não se cansava. Não temia. E sabia, sem qualquer dúvida, que nenhum mal lhe poderia acontecer enquanto permanecesse sob a sua protecção.

“Protecção.” Era uma sensação estranha precisar de protecção, como se fosse algo de outra vida. Protegia-se a si própria há tanto tempo que esquecera como era. Os seus conhecimentos e inteligência eram suficientes para a manter segura em locais civilizados, mas isso pouco significava ali, longe de tudo.

O Homem Pintado mexeu-se e ela percebeu que tinha apertado os braços em redor da sua cintura, encostando-se mais a ele e pousando-lhe a cabeça no ombro. Afastou-se, tão embrenhada no seu embaraço que quase não viu a mão, pousada nos arbustos junto à estrada.

Quando a viu, gritou.

O Homem Pintado parou e Leesha quase caiu do cavalo, correndo para o local. Afastou a vegetação, abrindo a boca de horror ao perceber que a mão não estava presa a um corpo. Fora arrancada por dentes aguçados.

– Leesha, o que foi? – gritou Rojer, enquanto corria para junto dela com o Homem Pintado a seu lado.

– Estavam acampados aqui perto? – perguntou Leesha, erguendo a mão. O Homem Pintado acenou afirmativamente. – Levem-me lá – ordenou.

– Leesha, de que servirá... – começou Rojer, mas foi ignorado e os olhos de Leesha permaneceram fixos no Homem Pintado.

– Levem-me. Lá – disse. O Homem Pintado acedeu, espetando uma estaca no solo e prendendo a ela as rédeas da égua.

– Guarda – disse a Dançarino do Ocaso. O cavalo relinchou em resposta.

Encontraram o acampamento pouco depois, coberto de sangue e cadáveres parcialmente devorados. Leesha ergueu o avental para bloquear o fedor. Rojer correu para longe da clareira e vomitou.

Mas Leesha conhecia o sangue.

– Apenas dois – disse, examinando os restos com sentimentos demasiado confusos para que os entendesse.

O Homem Pintado concordou.

– Falta o mudo – disse. – O gigante.

– Sim – disse Leesha. – E também o círculo.

– E também o círculo – repetiu o Homem Pintado, no instante seguinte.

*

As nuvens pesadas continuavam a reunir-se sobre as suas cabeças quando regressaram para junto dos cavalos.

– Há uma gruta de Mensageiros a dezasseis quilómetros de distância – disse o Homem Pintado. – Se acelerarmos e abdicarmos do almoço, deveremos conseguir alcançá-la antes que comece a chover. Teremos de nos abrigar até passar a chuva.

– O homem que mata nuclitas com as mãos nuas receia um pouco de chuva? –

disse Leesha.

– Se as nuvens forem suficientemente carregadas, os nuclitas poderão erguer-se mais cedo – explicou.

– Desde quando receias nuclitas? – insistiu Leesha.

– É estúpido e perigoso lutar com chuva – respondeu. – A chuva cria lama e a lama cobre guardas e perturba o equilíbrio.

Tinham alcançado a gruta há pouco tempo quando a tempestade se iniciou. Lençóis de chuva reduziram a estrada a lama e o céu escureceu, iluminado apenas pelos relâmpagos. O vento uivava, entrecortado pelo ruído dos trovões.

Grande parte da abertura da gruta estava já guardada, com símbolos de poder gravados profundamente na rocha, e o Homem Pintado completou a protecção com uma provisão de pedras de guarda deixadas no interior.

Tal como previra, alguns demónios ergueram-se na falsa escuridão. Observou em silêncio, enquanto saíam da floresta mais densa, gratos pela libertação antecipada do Núcleo. Os breves clarões luminosos delineavam as suas formas sinuosas ao moverem-se sob a chuva.

Tentaram entrar na gruta, mas as guardas resistiram. Os que se aproximavam demasiado arrendiam-se, recebidos com uma estocada da lança guardada do Homem Pintado.

– Porque estás tão irado? – perguntou Leesha, retirando malgas e colheres do saco enquanto Rojer preparava uma pequena fogueira.

– É suficientemente mau que se ergam durante a noite – respondeu o Homem Pintado, com desagrado. – O dia não lhes pertence.

Leesha abanou a cabeça.

– Serias mais feliz se conseguisses aceitar as coisas como são – recomendou.

– Não quero ser feliz – replicou ele.

– Todos querem ser felizes – insistiu Leesha. – Onde está a panela?

– No meu saco – tornou Rojer. – Vou buscá-la.

– Não é preciso – disse Leesha, erguendo-se. – Cuida da fogueira. Eu trago-a.

– Não! – gritou Rojer, percebendo que era demasiado tarde. Leesha retirou do saco o seu círculo portátil, sem compreender.

– Mas... – hesitou. – Eles ficaram com isto! – Olhou Rojer e viu-o a olhar o Homem Pintado. Voltou-se para ele, mas não conseguiu ler nada nas sombras do seu capuz.

– Alguém me explica? – perguntou.

– Nós... recuperámo-lo – disse Rojer, atrapalhado.

– Já percebi que o recuperaram! – gritou Leesha, lançando o rolo de corda com placas de madeira ao chão da gruta. – Como?

– Levei-o quando levei o cavalo – disse o Homem Pintado. – Não queria que te

pesasse na consciência. Por isso, escondi-te a verdade.

– Roubaste-o?

– Eles roubaram-no – corrigiu o Homem Pintado. – Eu recuperei-o.

Leesha olhou-o durante muito tempo.

– Levaste-o durante a noite – disse, baixando a voz.

O Homem Pintado não disse nada.

– Estavam a usá-lo? – perguntou Leesha, entre dentes cerrados.

– A estrada é suficientemente perigosa sem homens de tal calibre – respondeu o Homem Pintado.

– Assassinate-os – disse Leesha, surpreendida quando os olhos se lhe encheram de lágrimas. “Encontra o pior humano que consigas,” dissera o seu pai, “e, mesmo assim, conseguirás encontrar algo pior se espreitares pela janela durante a noite.” Ninguém merecia ser devorado por um nuclita. Nem eles. – Como pudeste fazê-lo? – perguntou-lhe.

– Não assassinei ninguém – respondeu o Homem Pintado.

– O resultado foi igual!

O homem encolheu os ombros.

– Fizeram-te o mesmo.

– Isso faz com que esteja correcto? – berrou Leesha. – Olha para ti! Nem sequer te importas! Pelo menos dois homens mortos e isso não te faz dormir pior! És um monstro! – Avançou para ele, tentando agredi-lo com os punhos, mas ele segurou-lhos e observou-a, impassível, enquanto se debatia.

– Porque te importas? – perguntou-lhe.

– Sou uma Herbanária! – gritou. – Fiz um juramento! Jurei curar, mas tu – olhou-o, com frieza – apenas juraste matar.

Após um momento, o ímpeto violento abandonou-a e afastou-se.

– Troças do que sou – disse, deixando-se cair e fitando o chão da gruta durante vários minutos. A seguir, ergueu o olhar para Rojer.

– Disseste “recuperámo-lo” – acusou.

– O quê? – perguntou o Jogral, tentando parecer confuso.

– Antes – clarificou Leesha. – Disseste “recuperámo-lo”. E o círculo estava no teu saco. Foste com ele?

– Eu... – Rojer não soube o que dizer.

– Não me mintas, Rojer! – rosnou Leesha.

Roger baixou os olhos para o chão. Após um momento, acenou afirmativamente.

– Ele não mentiu – admitiu Rojer. – Apenas levou o cavalo. Enquanto estavam distraídos, eu levei o círculo e as tuas ervas.

– Porquê? – perguntou Leesha, com a voz falhando-lhe por um segundo. A desilusão no seu tom cortava o jovem Jogral como uma faca.

– Sabes porquê – replicou Rojer, sombrio.

– Porquê? – repetiu Leesha. – Por mim? Pela minha honra? Diz-me, Rojer. Diz-me que mataste por mim!

– Tinham de pagar – disse Rojer. – Precisavam de pagar pelo que te fizeram. Foi imperdoável.

Leesha riu alto, não havendo qualquer vestígio de alegria na gargalhada.

– Achas que não o sei? – berrou. – Achas que me guardei durante vinte e sete anos para entregar a minha flor a um bando de rufias?

O silêncio caiu sobre a gruta durante um longo momento.

– Guardaste-te... – repetiu Rojer.

– Sim, nucleado sejas! – gritou Leesha, com lágrimas furiosas a escorrer-lhe pela face. – Era virgem! Será que mesmo isso justificará dar homens aos nuclitas?

– Dar? – repetiu o Homem Pintado.

Leesha voltou-se para ele.

– Sim, dar! – gritou. – Estou certa de que os teus amigos demónios ficaram encantados com o teu pequeno presente. Nada lhes agrada mais do que poder matar humanos. Restam tão poucos que somos uma iguaria rara!

Os olhos do Homem Pintado abriram-se mais, reflectindo a luz da fogueira. Era a expressão mais humana que Leesha lhe vira e fê-la esquecer momentaneamente a sua ira. Parecia absolutamente aterrorizado e afastou-se deles até à boca da gruta.

Nesse momento, um nuclita lançou-se contra a rede de guardas, iluminando a gruta com um clarão prateado. O Homem Pintado voltou-se para o demónio e gritou, produzindo um som diferente de tudo o que Leesha alguma vez ouvira, mas, mesmo assim, conseguiu reconhecê-lo. Era a vocalização do que sentira quando esmagada contra o chão naquela noite terrível na estrada.

O Homem Pintado ergueu uma das suas lanças, lançando-a para a chuva. Houve uma explosão de magia quando se cravou no demónio, fazendo-o cair sobre a lama.

– Malditos sejam! – rugiu, rasgando a túnica e saltando para fora do abrigo. – Jurei que nunca vos daria nada! Nada! – Surpreendeu um demónio da madeira voltado na direcção oposta, prendendo-o com os braços. A grande guarda no peito cintilou e o nuclita irrompeu em chamas, apesar da chuva incessante. Lançou-o para longe enquanto a criatura se debatia.

– Lutem comigo! – exigiu o Homem Pintado aos restantes, fincando os pés na lama. Os nuclitas apressaram-se a satisfazer-lhe o desejo, avançando com garras e dentes, mas o homem lutou como se fosse também um demónio e foram varridos como folhas de Outono sopradas pelo vento.

Do fundo da gruta, Dançarino do Ocaso relinchou e forçou a corda que o prendia, treinado para lutar ao lado do seu mestre. Rojer aproximou-se para acalmar o animal, olhando Leesha, confuso.

– Não poderá lutar contra todos eles – disse Leesha. – Não na lama. – Muitas das suas guardas estavam já cobertas. – Quer morrer.

– Que deveremos fazer? – perguntou Rojer.

– O teu violino! – gritou Leesha. – Fá-los afastarem-se!

Rojer abanou a cabeça.

– O vento e os trovões abafariam o som – disse.

– Não podemos permitir que se mate! – gritou-lhe Leesha.

– Tens razão – concordou Rojer. Avançou para as armas do Homem Pintado, erguendo uma lança leve e o escudo guardado. Percebendo o que ele pretendia fazer, Leesha tentou impedi-lo, mas Rojer saiu da gruta antes que conseguisse alcançá-lo, pondo-se ao lado do Homem Pintado.

Um demónio da chama cuspiu chamas sobre Rojer, mas a chuva fez com que o jorro não atingisse o alvo. O nuclita saltou sobre ele, mas Rojer ergueu o escudo e a criatura foi repelida. Concentrando-se no que tinha pela frente, não viu outro demónio da chama aproximar-se por trás até ser demasiado tarde. O nuclita saltou, mas o Homem Pintado segurou o demónio com um metro de altura e lançou-o pelo ar, fazendo-lhe a carne crepitar ao seu toque.

– Para dentro! – ordenou.

– Não sem ti! – ripostou Rojer. O cabelo ruivo estava ensopado e colado à cara, e os olhos semicerrados para resistirem ao vento e à chuva. Mas erguia-se perante o Homem Pintado como um seu igual, sem recuar um centímetro.

Dois demónios da madeira avançaram para eles, mas o Homem Pintado caiu sobre a lama, varrendo as pernas de Rojer. As garras falharam o alvo e o Jogral caiu antes que os punhos guardados do Homem Pintado repelisses as criaturas. Outros nuclitas aproximavam-se, atraídos pelos clarões luminosos e pelos ruídos de batalha. Eram demasiados para enfrentar.

O Homem Pintado olhou Rojer deitado na lama e a loucura abandonou-lhe o olhar. Estendeu uma mão e o Jogral aceitou-a. Correram os dois de volta à gruta.

*

– Em que pensavas? – quis saber Leesha, atando a última ligadura. – Em que pensavam os dois?!

Rojer e o Homem Pintado enrolavam-se em cobertores junto à fogueira, não dizendo nada enquanto a ouviam repreendê-los. Após algum tempo, calou-se, preparando um caldo quente com ervas e legumes e passando-lho sem palavras.

– Obrigado – agradeceu Rojer, em voz baixa, sendo essas as primeiras palavras que proferia desde o regresso à gruta.

– Continuo irritada contigo – disse Leesha, sem olhar. – Mentiste-me.

– Não menti – protestou Rojer.

– Escondeste-me a verdade – disse Leesha. – Não é diferente.

Roger olhou-a durante um momento.

– Porque deixaste o Outeiro do Lenhador? – perguntou.

– O quê? – tornou Leesha. – Não mudes de assunto.

– Se as pessoas da aldeia significam tanto para ti, ao ponto de estares disposta a arriscar tudo, a suportar tudo para regressar – insistiu Roger –, porque partiste?

– Os meus estudos... – começou Leesha.

Roger abanou a cabeça.

– Reconheço bem quando se foge dos problemas, Leesha – disse. – Não é apenas isso.

– Não percebo como possa dizer-te respeito – considerou ela.

– Então porque espero que passe uma tempestade numa gruta no meio de nenhures rodeado por nuclitas? – perguntou-lhe Roger.

Leesha olhou-o por um longo momento. Por fim, suspirou, perdendo a vontade de discutir.

– Suponho que acabarás por descobrir mais tarde ou mais cedo – disse. – A gente do Outeiro do Lenhador nunca foi boa a guardar segredos.

Contou-lhes tudo. Não pretendia fazê-lo, mas a gruta fria e húmida transformou-se numa espécie de confessional de um Protector e, assim que começou, as palavras jorraram sem cessar. A sua mãe. Gared. Os rumores. A fuga para junto de Bruna. A sua vida como pária. O Homem Pintado inclinou-se para a frente e abriu a boca quando referiu o fogo líquido de Bruna, mas voltou a fechá-la e endireitou-se, decidindo não interromper.

– Aí têm – disse Leesha. – Esperei poder ficar em Angiers, mas parece que o Criador tem outro plano.

– Mereces melhor – considerou o Homem Pintado.

Leesha acenou afirmativamente, olhando-o.

– Porque saíste? – perguntou, com voz serena, apontando a entrada da gruta com o queixo.

O Homem Pintado baixou a cabeça, olhando os joelhos.

– Quebrei uma promessa – disse.

– Apenas isso?

Olhou-a e, por uma vez, Leesha não viu as tatuagens na face, apenas os olhos penetrantes fixos em si.

– Jurei que nunca lhes daria nada – disse. – Nem sequer para salvar a minha própria vida. Em vez disso, dei-lhes tudo o que fazia de mim humano.

– Não lhes deste nada – disse Roger. – Fui eu a levar o círculo.

As mãos de Leesha seguraram a malga com maior firmeza, mas não disse nada.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

– Fui eu a facilitar-te essa acção – disse. – Sabia como te sentias. Dar-tos foi o mesmo que dá-los aos nuclitas.

– Teriam continuado a atacar viajantes na estrada – disse Rojer. – O mundo é um sítio melhor sem eles.

O Homem Pintado concordou com um aceno.

– Mas não justifica entregá-los aos demónios – disse. – Poderia ter levado o círculo com facilidade. Poderia mesmo tê-los matado, cara a cara, à luz do dia.

– Então saíste esta noite por culpa – disse Leesha. – E em todas as ocasiões anteriores? Porquê esta guerra com os nuclitas?

– Se ainda não percebeste – respondeu o Homem Pintado –, os nuclitas travam uma guerra connosco há séculos. Será assim tão errado pagar-lhes na mesma moeda?

– Achas-te o Libertador? – perguntou Leesha.

O Homem Pintado franziu a testa, desagradado.

– Esperar o Libertador deixou os homens impotentes durante trezentos anos – disse. – É um mito. Não virá. E é chegado o momento de as pessoas o perceberem e começarem a defender-se.

– Os mitos são poderosos – disse Rojer. – Não os rejeites com tanta facilidade.

– Desde quando és um homem de fé? – perguntou Leesha.

– Acredito na esperança – explicou Rojer. – Toda a vida fui Jogral e, se aprendi alguma coisa em vinte e três anos, foi que as histórias que fazem as pessoas chorar, aquelas que não esquecem, são as que lhes permitem ter esperança.

– Vinte – disse Leesha, subitamente.

– O quê?

– Disseste-me que tinhas vinte anos.

– Disse?

– Nem isso tens, não é? – perguntou.

– Tenho! – insistiu Rojer.

– Não sou estúpida, Rojer – disse Leesha. – Conheço-te há três meses e, nesse tempo, cresceste três centímetros. Não aconteceria se tivesses vinte anos. Que idade tens? Dezasseis?

– Dezassete – ripostou Rojer. Pousou a malga, entornando o caldo. – Agrada-te sabê-lo? Tinhas razão quando disseste a Jizell que terias idade suficiente para ser minha mãe.

Leesha fitou-o. Abriu a boca para dizer alguma coisa desagradável, mas tornou a fechá-la.

– Lamento – disse.

– E tu, Homem Pintado? – perguntou Rojer, voltando-se para ele. – Acrescentarás “demasiado jovem” à lista de motivos pelos quais não poderei acompanhar-te?

– Tornei-me Mensageiro aos dezassete anos – respondeu. – E já viajava muito

antes.

– Que idade tem o Homem Pintado? – perguntou Rojer.

– O Homem Pintado nasceu no deserto de Krasia, há quatro verões – disse.

– E o homem por baixo da tinta? – quis saber Leesha. – Que idade tinha quando morreu?

– Não importa quantos verões tinha – respondeu o Homem Pintado. – Era uma criança estúpida e ingênua com sonhos demasiado ambiciosos para o seu próprio bem.

– Foi por isso que teve de morrer? – perguntou Leesha.

– Foi morto. Sim.

– Como se chamava? – perguntou Leesha, baixando a voz.

O Homem Pintado permaneceu em silêncio durante muito tempo.

– Arlen – disse, por fim. – Chamava-se Arlen.

VINTE E NOVE
NA LUZ QUE ANTECEDE A MADRUGADA
332 DR

Quando o Homem Pintado despertou, a tempestade acalmara temporariamente, mas pairavam nuvens cinzentas no céu, prometendo mais chuva. Olhou o interior da gruta, com os olhos guardados vencendo facilmente a escuridão, e distinguiu as formas dos dois cavalos e do Jogral adormecido. De Leesha não havia sinal.

Ainda era cedo. A luz enganadora antes da aurora. A maioria dos nuclitas teria fugido há muito para o Núcleo, mas as nuvens impediam certezas. Ergueu-se, arrancando as ligaduras que Leesha lhe aplicara na noite anterior. Todos os ferimentos estavam sarados.

Os passos da Herbanária eram fáceis de seguir na lama fresca e encontrou-a a pouca distância, ajoelhada no chão a recolher ervas. Tinha as saias erguidas muito acima dos joelhos para as proteger da lama e a visão das suas pernas brancas e suaves fê-lo corar. Era linda à luz que antecedia a madrugada.

– Não devias estar aqui fora – disse-lhe. – O sol ainda não nasceu. Não é seguro.

Leesha olhou-o, sorrindo.

– Achas que podes censurar-me por correr riscos? – perguntou, erguendo uma sobrancelha. – Além disso – prosseguiu, vendo que não respondia –, que demónio poderá fazer-me mal contigo por aqui?

O Homem Pintado encolheu os ombros, agachando-se a seu lado.

– Tampereira? – perguntou.

Leesha acenou afirmativamente, erguendo a planta de folhas rijas com botões grossos em cacho.

– Fumada com um cachimbo, descontrai os músculos, induzindo um estado de euforia. Combinada com flor-celeste, posso usá-la para preparar uma poção sonífera suficientemente forte para adormecer um leão furioso.

– Funcionaria com um demónio? – perguntou o Homem Pintado.

Leesha franziu o sobrolho.

– Não consegues pensar em mais nada? – perguntou-lhe.

O Homem Pintado pareceu magoado.

– Não presumas conhecer-me – disse. – É verdade que mato nuclitas e, por isso, vi lugares que nenhum homem vivo recorda. Devo recitar poesia antiga de Rusk que traduzi? Ou pintar-te os murais de Anoch Sun? Falar-te de máquinas do mundo antigo capazes de fazer o trabalho de vinte homens?

Leesha pousou-lhe uma mão no braço, silenciando-o.

– Desculpa – disse. – Não devia ter-te julgado. Sei alguma coisa sobre o peso que é guardar o conhecimento do mundo antigo.

– Não fez dano – tornou o Homem Pintado.

– Isso não significa que esteja certo – disse Leesha. – Para responder à tua pergunta, não sei. Os nuclitas comem e cagam e isso faz crer que deverá ser possível drogá-los. A minha mentora dizia que as Herbanárias de antigamente provocaram grandes baixas na guerra contra os demónios. Tenho um pouco de flor-celeste. Posso preparar a poção quando chegarmos ao Outeiro do Lenhador, se quiseres.

O Homem Pintado concordou, ansiosamente.

– Podes preparar-me também outra coisa? – perguntou.

Leesha suspirou.

– Estranhava a demora – disse. – Não te farei fogo líquido.

– Porque não? – perguntou o Homem Pintado.

– Porque os segredos do fogo não podem ser confiados aos homens – disse Leesha, voltando-se para ele. – Se to der, usá-lo-ás, mesmo que implique incendiar meio mundo.

O Homem Pintado olhou-a e não respondeu.

– E para que precisas de tal coisa? – perguntou ela. – Já possuis poderes além do que poderei criar com ervas e químicos.

– Sou apenas um homem... – começou, mas Leesha interrompeu-o.

– Estrume de demónio – exclamou. – Os teus ferimentos saram em minutos e consegues acompanhar um cavalo em corrida durante todo o dia sem ficar ofegante. Projectas demónios da madeira pelo ar como se fossem crianças e vês no escuro como se fosse dia claro. Não és “apenas” o que quer que seja.

O Homem Pintado sorriu.

– É inútil tentar esconder-te algo – disse.

Algo na forma como o disse arrepiou Leesha.

– Sempre foste assim? – perguntou.

Abanou a cabeça.

– São as guardas – disse. – As guardas funcionam por retorno. Conheces a palavra?

Leesha acenou afirmativamente.

– Vem nos livros de ciência do mundo antigo – disse.

O Homem Pintado prosseguiu.

– Os nuclitas são criaturas da magia – disse. – As guardas defensivas canalizam parte dessa magia, usando-a para formar uma barreira. Quanto mais forte for o demónio, mais forte será a força que o repele. As guardas ofensivas funcionam da mesma maneira, enfraquecendo a armadura dos nuclitas e fortalecendo o golpe. Os objectos inanimados não conseguem conter a carga durante muito tempo e ela acaba por se dissipar. Mas, de alguma forma, de cada vez que golpeio um demónio ou de cada vez que um deles me golpeia a mim, absorvo um pouco da sua força.

– Senti um formigueiro na primeira noite quando te toquei a pele – disse Leesha.

O Homem Pintado confirmou com um aceno.

– Quando guardei a pele, não foi apenas o meu aspecto que se tornou... mais do que humano.

Leesha abanou a cabeça, segurando-lhe a face entre as mãos.

– Não são os nossos corpos que nos tornam humanos – murmurou. – Podes reaver a tua humanidade se assim o desejares. – Aproximou-se mais e beijou-o levemente.

A princípio, sentiu-o hirto, mas o choque depressa passou e, subitamente, o beijo era retribuído. Leesha fechou os olhos e abriu-lhe a boca, acariciando com as mãos a suavidade da sua cabeça rapada. Não conseguia sentir as guardas, apenas o seu calor e as suas cicatrizes.

Pensou que ambos tinham cicatrizes. A diferença era que as dele se expunham ao mundo.

Inclinou-se para trás, puxando-o para si.

– A lama vai sujar-nos – advertiu ele.

– Já estamos enlameados – tornou ela, deitando-se de costas e puxando-o novamente de encontro a si.

*

Leesha sentiu o batimento cardíaco nos ouvidos enquanto o Homem Pintado a beijava. Passou-lhe as mãos pelos músculos rijos e abriu as pernas, movendo as ancas contra as dele.

“Que seja esta a minha primeira vez,” pensou. “Aqueles homens estão mortos e ele poderá também apagar a marca que em mim deixaram. Faço isto porque quero.”

Mas sentia medo. “Jizell estava certa,” pensou. “Não deveria ter esperado tanto tempo. Não sei o que fazer. Todos pensam que sim e não sei se ele esperará que saiba porque sou uma Herbanária...”

“Oh, Criador! E se não conseguir satisfazê-lo?, preocupou-se. E se ele contar a alguém?”

Forçou-se a afastar o pensamento da cabeça.

“Nunca contará. É por isso que tem de ser ele. O destino exige que seja ele. É como eu. Um forasteiro. Percorreu a mesma estrada.”

Debateu-se com a túnica, desatando-lhe a tanga que usava por baixo e libertando-o. Ouviu-o gemer quando o tomou na mão e puxou.

“Sabe que eu era virgem,” recordou-se, “enquanto erguia mais as saias. Está duro e eu estou molhada. Que mais há?”

– E se te deixar de esperanças? – sussurrou-lhe.

– Espero que o faças – sussurrou ela, recebendo-o dentro de si.

“Que mais há?”, pensou novamente, e as suas costas arquearam de prazer.

*

O choque abalou o Homem Pintado quando Leesha o beijou. Poucos momentos antes, admirara-lhe as coxas, mas nunca sonhara que a atracção pudesse ser recíproca. Que alguma mulher pudesse sentir-se atraída por ele.

Por um instante, sentiu-se paralisado, mas, como sempre, em todas as ocasiões em que era necessário, o seu corpo assumiu o controlo, envolvendo-a num abraço esmagador e beijando-a com avidez.

Quanto tempo passara desde o seu último beijo? Quanto tempo passara desde a noite em que acompanhara Mery a casa e a ouvira dizer que nunca poderia ser mulher de um Mensageiro?

Leesha debatia-se com a túnica e soube que pretendia levar as coisas além do que alguma vez fizera. O medo dominou-o, uma sensação que esquecera. Não sabia o que fazer para satisfazer uma mulher. Esperaria que tivesse a experiência que lhe faltava a ela? Pensaria que a sua perícia em batalha se mantivesse também ali?

E talvez sim, pois, enquanto os pensamentos aceleravam, o corpo prosseguia de seu próprio acordo, agindo segundo instintos impressos em todas as criaturas vivas desde o início do tempo. Os mesmos instintos que o chamavam para a batalha.

Mas não era uma batalha qualquer. Era outra coisa.

“Será ela?” O pensamento ecoou-lhe pela cabeça.

Porquê ela e não Renna? Se fosse outra pessoa e não quem era, estaria certamente casado há quase quinze anos, criando uma horda de filhos. Não foi a primeira vez que lhe ocorreu uma imagem do aspecto que Renna teria, na plenitude do seu encanto feminino, sua e apenas sua.

Porquê ela e não Mery? Mery, com quem teria casado se aceitasse tornar-se mulher de um Mensageiro. Ter-se-ia prendido a Miln por amor, tal como Ragen fizera. Estaria melhor se tivesse casado com Mery. Percebia-o agora. Ragen estivera certo. Tinha Elissa...

Pensou em Elissa enquanto puxava o vestido de Leesha para baixo, expondo-lhe os seios macios. Recordou ver Elissa libertar um seio para alimentar Marya, desejando, por um momento, estar no lugar da criança. Sentira-se envergonhado, depois, mas essa imagem permaneceu sempre fresca na sua mente.

Seria Leesha a mulher que lhe estaria destinada? Existiria tal coisa? Uma hora antes, teria troçado de tal possibilidade, mas olhava-a agora, tão bela e terna, compreendendo tão bem quem ele era. Compreenderia se fosse desajeitado, se não soubesse exactamente onde tocar ou como acariciar. Solo enlameado iluminado pela luz que antecedia a madrugada não constituía leito nupcial à altura, mas, naquele momento, parecia-lhe melhor do que o colchão de penas na mansão de Ragen.

No entanto, a dúvida roía-o.

Uma coisa era arriscar-se a si próprio durante a noite. Não tinha nada a perder, nem ninguém que o chorasse. Se morresse, não encheria um único vidro de lágrimas.

Mas conseguiria correr riscos idênticos se Leesha o esperasse no abrigo? Abdicaria de lutar e tornar-se-ia igual ao seu pai? Ficaria de tal forma acostumado a esconder-se que não conseguiria defender os seus?

Ouviu Elissa dizer que as crianças precisavam de um pai.

– E se te deixar de esperanças? – sussurrou, entre beijos, não sabendo sequer o que queria dizer.

– Espero que o faças – sussurrou ela.

Puxou-o, ameaçando destroçar todo o seu mundo, mas ela oferecia algo mais e ele recebeu a oferta.

No momento seguinte, estava dentro dela e sentiu-se completo.

*

Por um momento, não havia nada no mundo além do batimento cardíaco e do deslizar de pele sobre pele. Os seus corpos entregaram-se à tarefa assim que as mentes o permitiram. A túnica dele foi lançada para o lado. O vestido dela estava amarrado junto à cintura. Gemeram na lama, não pensando em mais nada.

Até o demónio da madeira atacar.

O nuclita avançou em silêncio, atraído pelos ruídos animais. Sabia que a aurora estava próxima e que o odiado sol estaria prestes a erguer-se, mas a visão de carne nua em tão grande abundância despertou-lhe a fome e saltou, desejoso de regressar ao Núcleo com sangue quente nas garras e carne fresca nos dentes.

Atingiu com violência as costas expostas do Homem Pintado. As guardas cintilaram, projectando o nuclita para trás e fazendo embater as cabeças dos amantes.

Ágil e sem se deixar deter, o demónio recuperou prontamente, encolhendo-se quando bateu no chão e voltando a projectar-se para a frente. Leesha gritou, mas o Homem Pintado voltou-se, segurando as garras estendidas nas mãos guardadas. Rodopiou, aproveitando o impulso da criatura para a lançar sobre a lama.

Não hesitou, afastando-se de Leesha e beneficiando da vantagem. Estava nu, mas isso não significava nada. Lutava nu desde que guardara a pele.

Descreveu um círculo completo, golpeando o maxilar do nuclita com o calcanhar. A magia não cintilou porque as guardas estavam cobertas de lama, mas, com a sua força reforçada, foi como se o demónio tivesse sido golpeado por Dançarino do Ocaso. Cambaleou para trás e o Homem Pintado rugiu e avançou, consciente dos estragos que o adversário poderia provocar se lhe fosse permitido um momento para recuperar.

O nuclita era grande para a sua raça, medindo quase dois metros e meio, e, a sua força era superior à do Homem Pintado. Esmurrou, pontapeou e usou os cotovelos sem parar, mas havia lama por toda a parte e quase todas as suas guardas estavam

cobertas. Pele couraçada semelhante a casca de árvore rasgou-lhe a carne e os seus golpes não surtiam efeito duradouro.

O nuclita girou, atingindo o oponente no estômago com a cauda, fazendo-o perder o fôlego e lançando-o ao chão. Leesha voltou a gritar e o som captou a atenção do demónio. Com um guincho, lançou-se sobre ela.

O Homem Pintado perseguiu a criatura, segurando-a por um calcanhar antes que conseguisse alcançá-la. Puxou com força, fazendo-o cair e lutaram freneticamente na lama. Por fim, conseguiu enfiar-lhe a perna por baixo da axila e em redor da garganta, unindo-a à outra perna e apertando. Com as duas mãos, manteve uma das pernas flectida, impedindo o demónio de se erguer.

O nuclita debateu-se e tentou atingi-lo com as garras, mas a vantagem passara a pertencer ao Homem Pintado e a criatura não conseguiu escapar. Rebolaram durante longos momentos, unidos, antes que o sol se erguesse por fim e encontrasse um vão entre as nuvens. A pele de casca de árvore começou a fumegar e o demónio debateu-se com maior intensidade. O Homem Pintado redobrou os esforços para o manter preso.

Apenas alguns momentos mais...

Mas, então, algo inesperado sucedeu. O mundo em seu redor tornou-se nebuloso, insubstancial. Sentiu-se puxado para o chão e começou a afundar-se com o demónio.

Abriu-se um caminho para os seus sentidos e o Núcleo chamou-o.

Encheu-se de horror e repulsa enquanto o nuclita o puxava para baixo. Continuava a sentir o demónio como algo sólido, mesmo que o resto do mundo se tivesse tornado apenas uma sombra. Olhou para cima e viu o precioso sol desaparecer.

Tentou segurar a linha de vida, afrouxando as pernas e puxando com força um dos membros do demónio, arrastando-o de volta à luz. O nuclita debateu-se selvaticamente, mas o terror concedeu novas forças ao Homem Pintado e, com um grito determinado e silencioso, conseguiu trazer a criatura de volta à superfície.

O sol saudou-os, luminoso e abençoado, e o Homem Pintado sentiu-se solidificar novamente enquanto a criatura irrompia em chamas. Raspava as garras pelo chão, mas estava dominado e não iria a parte alguma.

Quando se afastou, por fim, da carcaça queimada, sangrava por todos os lados. Leesha correu para ele, mas afastou-a, ainda horrorizado. Que tipo de criatura era para conseguir descer até ao Núcleo? Ter-se-ia tornado ele próprio um nuclita? Que tipo de monstro seria uma criança gerada pela sua semente corrompida?

– Estás ferido – protestou ela, voltando a aproximar-se.

– Hei-de sarar – respondeu ele, afastando-se. A voz terna e calorosa que usara minutos antes transformara-se novamente no tom monocórdico do Homem Pintado. E, com efeito, o sangue em muitos dos seus cortes menores começava já a coagular.

– Mas... – protestou Leesha. – Então e...?

– Fiz a minha escolha há muito. Escolhi a noite – disse o Homem Pintado. – Por um momento, pensei que poderia voltar atrás, mas... – Abanou a cabeça. – É impossível.

Ergueu a túnica, dirigindo-se para o pequeno regato de águas frias ali perto para lavar as feridas.

– Que o Núcleo te leve! – gritou-lhe Leesha. – A ti e à tua maldita obsessão!

TRINTA
PRAGA
332 DR

Rojer ainda dormia quando regressaram. Despiram as roupas enlameadas em silêncio, de costas voltadas um para o outro e, a seguir, Leesha despertou Rojer enquanto o Homem Pintado aparelhava os cavalos. Comeram um pequeno-almoço frio em silêncio e o sol não se erguera muito quando regressaram à estrada. Rojer viajava atrás de Leesha, ambos montados sobre a sua égua e o Homem Pintado seguia sozinho no grande garanhão. O céu estava carregado de nuvens, prometendo mais chuva.

– Não deveríamos ter passado já por um Mensageiro a caminho do norte? – perguntou Rojer.

– Tens razão – respondeu Leesha. Olhou a estrada nas duas direcções, preocupada.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

– Chegaremos ao Outeiro do Lenhador com o sol alto – disse. – Acompanho-os até aí e sigo caminho.

Leesha acenou afirmativamente.

– Acho que será o melhor – concordou.

– Sem mais nada? – perguntou Rojer.

O Homem Pintado voltou a cabeça.

– Esperavas mais, Jogral?

– Depois de tudo o que passámos? Noite! Sim, esperava! – gritou Rojer.

– Lamento desiludir-te – respondeu o Homem Pintado. – Mas tenho assuntos a tratar.

– Que o Criador não permita que passes uma noite sem matar alguma coisa – murmurou Leesha.

– Então e o que discutimos? – insistiu Rojer. – A possibilidade de te acompanhar?

– Rojer! – gritou Leesha.

– Decidi que é má ideia – disse-lhe o Homem Pintado. Olhou Leesha. – Se a tua música não consegue matar demónios, não me serve de nada. Estarei melhor sozinho.

– Não podia concordar mais – interpôs Leesha. Rojer fitou-a com desagrado e ela corou. Sabia que merecia melhor, mas não podia oferecer-lhe conforto ou uma explicação quando precisava de recorrer a todas as suas forças para conter as lágrimas.

Conhecia a natureza do Homem Pintado. Por mais que tivesse desejado o contrário, soubera que o seu coração poderia não permanecer aberto durante muito tempo e que poderiam ter apenas um instante. Mas como desejava esse instante! Desejava sentir-se segura nos seus braços e senti-lo dentro dela. Acariciou o ventre.

Se lhe tivesse colocado uma criança no ventre, tê-la-ia amado, sem questionar quem seria o pai. Mas agora... não havia folhas de pómulo suficientes nas suas provisões para o que precisava de ser feito.

Seguiram em silêncio, com a frieza entre eles quase palpável. Não tardou a que contornassem uma curva, captando o primeiro vislumbre do Outeiro do Lenhador.

Mesmo à distância, podiam ver que a aldeia era uma ruína fumegante.

*

Roger segurou-se com firmeza enquanto percorriam a estrada. Leesha fizera galopar a égua ao ver o fumo e o Homem Pintado imitara-a. Mesmo com a humidade, as chamas ardiam com intensidade no Outeiro do Lenhador, fazendo erguer no ar colunas de fumo negro. A aldeia estava devastada e, novamente, Roger deu consigo a reviver a destruição de Ponteflúvia. Tentando respirar fundo, levou a mão ao bolso secreto antes de recordar que o seu talismã estava partido e perdido. A égua inclinou-se e voltou a agarrar-se à cintura de Leesha para não ser lançado ao chão.

Viam-se sobreviventes a deambular como formigas à distância.

– Porque não tentam apagar os fogos? – perguntou Leesha. Roger apenas continuou a segurar-se, não tendo resposta a dar-lhe.

Pararam ao alcançar a aldeia, observando em silêncio a devastação.

– Alguns destes fogos duram há dias – notou o Homem Pintado, indicando os restos de lares outrora acolhedores. Com efeito, muitos dos edifícios estavam reduzidos a ruínas negras, das quais quase não se erguia fumo e outros ainda eram apenas amontoados de cinza fria. A estalagem de Smitt, o único edifício na aldeia com dois pisos, desabara. Algumas das traves de suporte do telhado permaneciam incandescentes e havia outros edifícios a que faltavam telhados ou paredes inteiras.

Leesha contemplou as faces enegrecidas e atravessadas por lágrimas quando seguiram caminho, reconhecendo cada uma. Todos estavam demasiado ocupados com o seu pesar para notar o pequeno grupo que por eles passava. Mordeu o lábio para se impedir de chorar.

No centro da cidade, os aldeãos tinham reunido os mortos. Leesha sentiu um aperto no coração quando os viu: pelo menos uma centena de corpos, e nem sequer cobertores para os esconder da vista. Pobre Niklas. Saira e a sua mãe. O Protector Michel. Steave. Crianças que nunca conhecera e anciãos que conhecera durante toda a vida. Alguns estavam queimados e outros tinham sido apenas mortos por nuclitas, mas a maioria não tinha qualquer marca. Vítimas da epidemia.

Mairy ajoelhava-se junto à pilha, chorando sobre um pequeno volume. Leesha sentiu a garganta apertar-se, mas, mesmo assim, conseguiu desmontar do cavalo e aproximar-se, pousando-lhe uma mão no ombro.

– Leesha? – perguntou Mairy, incrédula. No momento seguinte, ergueu-se, abraçando a Herbanária com força, chorando incontrolavelmente.

– É Elga... – soluçou Mairy, referindo-se à sua filha mais nova, uma rapariga que não chegara aos dois anos. – Perdi-a!

Leesha amparou-a com firmeza, tentando acalmá-la com sons tranquilizantes porque as palavras lhe faltavam. Outros a viram nesse momento, mas mantiveram distância respeitosa enquanto Mairy exteriorizava o seu desgosto.

– Leesha – murmuraram. – Leesha regressou. O Criador seja louvado.

Por fim, Mairy conseguiu conter-se, afastando-se e erguendo o avental sujo para secar as lágrimas.

– Que aconteceu? – perguntou Leesha, baixando a voz. Mairy olhou-a, com os olhos muito abertos, e novamente estes se encheram de lágrimas. Tremia, incapaz de falar.

– A praga – disse uma voz familiar. Leesha voltou-se e viu aproximar-se Jona, apoiado sobre uma bengala. A sua túnica de Protector fora cortada junto a uma perna e, do joelho para baixo, esta estava enrolada em ligaduras ensopadas de sangue. Leesha abraçou-o, observando demoradamente a perna. – Tíbia partida – disse Jona, acenando com a mão para negar a importância do ferimento. – Vika tratou-me. – A sua face velou-se. – Foi uma das últimas coisas que fez antes de sucumbir.

Leesha arregalou os olhos.

– Vika morreu? – perguntou, chocada.

Jona abanou a cabeça.

– Ainda não. Mas a epidemia contagiou-a e a febre fá-la delirar. Não tardará. – Olhou em redor. – Não tardará para qualquer um de nós – disse, baixando a voz e esperando que apenas Leesha o ouvisse. – Receio que tenhas escolhido uma má altura para o teu regresso a casa, Leesha. Mas talvez seja esse o plano do Criador. Se tivesses esperado mais um dia, poderia não restar nada para te receber.

O olhar de Leesha endureceu.

– Não quero ouvir mais tolices como essa! – censurou. – Onde está Vika? – Descreveu um círculo, olhando a pequena multidão que se reunira em redor. – Criador, onde estão todos?

– No templo – disse Jona. – É lá que estão os feridos. Os que recuperaram ou receberam a bênção de escapar ao contágio recolhem os mortos ou choram-nos.

– Então será para aí que iremos – disse Leesha, apoiando Jona enquanto caminhavam. – Agora conta-me o que aconteceu. Não escondas nada.

Jona acenou afirmativamente. A sua face era pálida e os olhos cavados. Estava suado e era óbvio que perdera grande quantidade de sangue e que ignorava a dor apenas fruto de grande concentração. Atrás deles, Rojer e o Homem Pintado seguiam

em silêncio, juntamente com os aldeãos que tinham assistido à chegada de Leesha.

– A praga começou há meses – começou Jona –, mas Vika e Darsy disseram ser apenas uma gripe e não lhe deram grande importância. Alguns dos que contraíram a doença, sobretudo os jovens e saudáveis, recuperaram prontamente. Mas outros ficaram de cama durante semanas e alguns acabaram por partir. Mesmo assim, parecia uma simples doença até começar a fortalecer-se. Gente saudável começou a adoecer rapidamente, reduzida de um dia para o outro à fraqueza e ao delírio. Foi nesse momento que os fogos começaram – disse. – Havia quem tombasse nas suas casas, segurando velas ou candeeiros, ou se sentisse demasiado fraco para verificar as guardas. Com o teu pai e com a maioria dos restantes Guardadores de cama, as redes de protecção começaram a falhar por toda a aldeia, sobretudo porque o fumo e a cinza no ar perturbavam as guardas que se mantinham. Lutámos contra os fogos como pudemos, mas havia cada vez mais gente a sucumbir à doença e não restavam mãos suficientes.

– Smitt recolheu os sobreviventes em alguns edifícios guardados, tão distantes dos fogos quanto era possível, esperando conseguir maior segurança, mas isso serviu apenas para acelerar a propagação da praga. Saira morreu na noite passada durante a tempestade, lançando ao chão um candeeiro a óleo e causando um incêndio que não tardou a consumir toda a estalagem. As pessoas tiveram de fugir para a noite... – Engasgou-se e Leesha passou-lhe a mão pelas costas, não precisando de ouvir mais. Poderia imaginar o que acontecera a seguir.

O templo era o único edifício no Outeiro do Lenhador construído inteiramente de pedra e resistira às faúlhas que flutuavam no ar, erguendo-se em orgulhoso desafio perante a ruína generalizada. Leesha passou as grandes portas e abriu a boca de espanto. Os bancos tinham sido retirados e quase todo o chão estava coberto com colchões de palha separados por espaço reduzido. Estariam ali duzentas pessoas. Gemiam, muitos ensopados em suor e debatendo-se enquanto outros, também debilitados pela doença, tentavam contê-los. Viu Smitt desmaiado sobre um colchão e Vika a pouca distância. Mais dois dos filhos de Mairy e outros, tantos outros. Mas não havia sinal do seu pai.

Uma mulher ergueu o olhar quando entraram. Tinha o cabelo prematuramente grisalho e parecia velha e exausta, mas Leesha reconheceu de imediato a sua compleição sólida.

– Graças ao Criador – exclamou Darsy, quando a viu. Leesha libertou Jona e aproximou-se para falar com ela. Depois de vários minutos, regressou para junto de Jona.

– A cabana de Bruna resistiu? – perguntou.

Jona encolheu os ombros.

– Tanto quanto sei – disse. – Ninguém lá foi desde que morreu. Passaram-se

quase duas semanas.

Leesha acenou com a cabeça. A cabana de Bruna ficava afastada da aldeia, escudada por fileiras de árvores. Era improvável que a fuligem lhe tivesse coberto as guardas.

– Precisaréi de lá ir para trazer ingredientes – disse, voltando a sair. Recomeçava a chover e o céu escuro parecia negar qualquer esperança.

Roger e o Homem Pintado aguardavam-na, juntamente com um amontoado de aldeãos.

– És mesmo tu – disse Brianne, correndo para abraçá-la. Evin manteve-se a pouca distância, erguendo nos braços uma rapariga, com Callen a seu lado, alto para os seus dez anos.

Leesha retribuiu calorosamente o abraço.

– Alguém viu o meu pai? – perguntou.

– Está em casa, onde tu deverias estar – disse uma voz. Leesha voltou-se e viu que a sua mãe se aproximava, trazendo Gared atrás de si. Leesha pareceu não perceber se deveria sentir alívio ou repulsa.

– Vieste informar-te da saúde de todos menos da tua família? – perguntou Elona.

– Mãe, eu apenas... – começou Leesha, mas a mãe interrompeu-a.

– Apenas isto, apenas aquilo! – bradou Elona. – Sempre uma razão para voltares costas ao teu sangue quando te convém! O teu pobre pai caminha para a morte e dou contigo aqui...!

– Quem está com ele? – interrompeu Leesha.

– Os seus aprendizes – respondeu Elona.

Leesha respondeu com um aceno.

– Eles que o tragam para aqui – disse.

– Não farei tal coisa! – gritou Elona. – Tirá-lo do conforto de uma cama de penas para o deitar em colchões de palha infectos num sítio habitado pela praga? – Segurou Leesha pelo braço. – Virás vê-lo imediatamente! És sua filha!

– Pensas que não o sei?! – replicou Leesha, libertando o braço. Escorriam-lhe lágrimas pela face e não tentou sequer escondê-las. – Achas que consegui pensar noutra coisa quando deixei tudo e parti de Angiers? Mas não é o único habitante da aldeia, mãe! Não os posso abandonar a todos para cuidar de um homem, mesmo que seja o meu pai!

– És uma tola. Esta gente já está morta – disse Elona, motivando o espanto da multidão. Apontou as paredes de pedra do templo. – Aquelas guardas repelirão os nuclitas esta noite? – perguntou, direccionando a atenção dos que a ouviam para a pedra enegrecida pelo fumo e pela cinza. Com efeito, mal se conseguia ler uma guarda.

Aproximou-se mais de Leesha, baixando a voz.

– A nossa casa fica distante das outras – sussurrou. – É possível que seja a última casa guardada em todo o Outeiro do Lenhador. Não pode albergar toda a gente, mas pode salvar-nos se vieres comigo!

Leesha esbofeteou-a com força. Elona caiu na lama e permaneceu sentada, sem saber o que fazer, pressionando a cara vermelha com a mão. Gared pareceu preparado para carregar sobre Leesha, levando-a consigo, mas esta fê-lo parar com um olhar frio.

– Não pretendo esconder-me e entregar os meus amigos aos nuclitas! – bradou. – Encontraremos uma forma de guardar o templo e abrigar-nos-emos no interior. Juntos! E, se os demónios se atreverem a tentar levar os meus filhos, possuo segredos de fogo que os farão arder para longe deste mundo!

“Os meus filhos,” pensou Leesha no silêncio repentino que se seguiu. “Ter-me-ei transformado em Bruna para os ver desta forma?” Olhou em redor, absorvendo as faces assustadas e enegrecidas, sem alguém que pudesse assumir a liderança e percebendo pela primeira vez que, para eles, era realmente Bruna. Passara a ser ela a Herbanária do Outeiro do Lenhador. Por vezes, isso implicaria trazer curas e, noutras ocasiões...

Noutras ocasiões, implicava lançar uma pitada de pimenta a um par de olhos ou queimar um demónio da madeira num quintal.

O Homem Pintado avançou. A sua presença motivou sussurros entre a gente, um espectro de túnica e capuz, praticamente imóvel até ali.

– Não enfrentarás apenas demónios da madeira – disse. – Os demónios da chama receberão o teu fogo com agrado e os demónios do vento voarão sobre ele. A destruição da tua aldeia poderá ter trazido demónios da rocha das colinas. Esperarão apenas que o sol se ponha.

– Que te importa? – perguntou-lhe. – Mantiveste a promessa de nos trazeres! Monta o teu maldito cavalo e põe-te a caminho! Deixa-nos entregues ao nosso destino!

Mas o Homem Pintado abanou a cabeça.

– Jurei não dar nada aos nuclitas e não voltarei a quebrar o juramento. Maldito seja se lhes der o Outeiro do Lenhador.

Voltou-se para a multidão e baixou o capuz. Houve gemidos de choque e de medo e, por um momento, o pânico crescente ficou suspenso. O Homem Pintado aproveitou esse momento.

– Quando os nuclitas vierem ao templo esta noite, enfrentá-los-ei! – declarou. Abriram-se bocas de espanto e os olhos de muitos aldeãos reluziram de compreensão. As histórias do homem tatuado que matava demónios tinham chegado até ali. – Algum de vós se erguerá a meu lado? – perguntou.

Os homens entreolharam-se, com dúvidas. As mulheres seguraram-nos pelo braço,

implorando-lhes com o olhar que não dissessem nenhuma tolice.

– Que poderemos fazer além de ser nucleados? – perguntou Ande. – Nada consegue matar um demónio.

– Estás enganado – disse-lhe o Homem Pintado, aproximando-se de Dançarino do Ocaso e retirando da sela um volume embrulhado. – Até um demónio da rocha pode ser morto – disse, desembulhando um objecto longo e curvo e lançando-o à lama à frente dos aldeãos.

Media um metro da base partida à extremidade, liso e colorido de um feio amarelo acastanhado, como se fosse um dente cariado. Enquanto os aldeãos fitavam, sem palavras, um raio fraco de luz penetrou o céu nublado, atingindo-o. Mesmo na lama, o objecto começou a fumer, fazendo evaporar as gotículas de chuva que o cobriam.

Nesse momento, o chifre do demónio da rocha irrompeu em chamas.

– Todos os demónios podem ser mortos! – gritou o Homem Pintado, retirando uma lança guardada da sela de Dançarino do Ocaso e fazendo-a cravar-se no chifre em chamas. Viu-se um clarão e o chifre explodiu com uma chuva de faíscas que fazia lembrar o fogo de artifício durante um festival.

– Criador piedoso – exclamou Jona, traçando uma guarda no ar. Muitos dos aldeãos o imitaram.

O Homem Pintado cruzou os braços.

– Posso fazer-vos armas que firam os nuclitas – disse. – Mas serão inúteis sem braços que as empunhem. Por isso, volto a perguntar. Quem se erguerá a meu lado?

Houve um longo momento de silêncio. A seguir...

– Eu.

O Homem Pintado voltou-se, surpreso por ver que Rojer se colocara a seu lado.

– E eu – disse Yon Gray, dando um passo em frente. Apoiava-se de forma insegura sobre a bengala, mas via-se-lhe nos olhos uma determinação fria. – Vi-os levar-nos, um por um, durante mais de setenta anos. Se esta for a minha última noite, hei-de cuspir nos olhos de um nuclita antes do fim.

Os outros aldeãos permaneceram em silêncio, espantados, até Gared avançar.

– Gared, seu idiota! Que fazes tu? – perguntou Elona, segurando-o pelo braço. Mas o gigantesco lenhador afastou-lhe a mão. Estendeu a sua e, com cautela, ergueu a lança guardada do chão. Olhou as guardas que a cobriam.

– O meu pai foi morto por eles na noite passada – disse, num tom baixo e irado. Segurou a arma e olhou o Homem Pintado, mostrando os dentes. – Quero fazê-los pagar.

As suas palavras motivaram outros. Sozinhos ou em grupo, alguns assustados, outros irados e muitos mais em desespero, os aldeãos do Outeiro do Lenhador avançaram, dispostos a enfrentar a noite que se aproximava.

– Loucos – troçou Elona, afastando-se, furiosa.

*

– Não precisavas de o ter feito – disse Leesha, rodeando a cintura do Homem Pintado enquanto Dançarino do Ocaso galopava sobre a estrada que conduzia à cabana de Bruna.

– Para que serve uma obsessão louca se não para ajudar as pessoas? – replicou.

– Estava irritada hoje de manhã – disse Leesha. – Não disse o que sinto.

– Disseste – assegurou o Homem Pintado. – E estavas certa. Tenho estado tão ocupado com as criaturas que enfrento que acabei por esquecer por quem luto. Toda a minha vida sonhei matar demónios, mas de que serve matar nuclitas na imensidão selvagem e ignorar os que caçam humanos todas as noites?

Pararam junto à cabana e o Homem Pintado desmontou, estendendo-lhe a mão. Leesha sorriu e deixou-o ajudá-la a desmontar.

– A casa continua intacta – disse. – Deveremos encontrar no interior tudo aquilo de que precisamos.

Entraram na cabana. A intenção de Leesha era dirigir-se de imediato para as provisões de Bruna, mas a familiaridade do local atingiu-a com força e percebeu que não voltaria a ver a anciã. Não voltaria a ouvir as suas pragas, não voltaria a repreendê-la por cuspir no chão. Não voltaria a recorrer à sua sabedoria ou a rir do seu espírito rebelde. Essa parte da sua vida tinha chegado ao fim.

Mas não havia tempo para lágrimas. Por isso, afastou o que sentia e avançou, recolhendo frascos e garrafas, enfiando alguns no avental e passando outros ao Homem Pintado, que os guardava rapidamente, carregando-os sobre Dançarino do Ocaso.

– Não percebo porque precisavas de mim para isto – disse. – Devia estar a guardar armas. – Restam apenas algumas horas.

Passou-lhe as últimas ervas e, depois de estarem guardadas em segurança, levou-o ao centro da cabana, puxando o tapete e revelando um alçapão. O Homem Pintado abriu-o. Por baixo, havia degraus de madeira conduzindo à escuridão.

– Devo levar uma vela? – perguntou.

– Nem pensar! – bradou Leesha.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

– Consigo ver suficientemente bem – disse.

– Desculpa. Não queria gritar – disse. Levou a mão ao avental de inúmeros bolsos, retirando dois pequenos frascos selados. Despejou o conteúdo de um dentro do outro e abanou, produzindo um brilho pouco intenso. Erguendo o frasco, desceu pelos degraus até uma cave bafienta e empoeirada. O pequeno espaço estava repleto com caixas, prateleiras de garrafas, frascos e grandes barris.

Leesha foi até uma prateleira e ergueu uma caixa de paus de chama.

– Os demónios da madeira podem ser destruídos pelo fogo – disse. – E por um ácido poderoso?

– Não sei – respondeu o Homem Pintado. Leesha passou-lhe a caixa e ajoelhou-se, vasculhando entre as garrafas de uma prateleira baixa.

– Haveremos de descobrir – disse, passando-lhe uma grande garrafa de vidro contendo um líquido transparente. A rolha era também de vidro, mantida no sítio por uma rede de arame fino torcido.

– Gordura e óleo prejudicarão o seu equilíbrio – murmurou Leesha, sem parar de vasculhar. – E arderão com intensidade, mesmo no meio da chuva... – Passou-lhe um par de potes de barro selados com cera.

Seguiram-se mais objectos. Paus de trovão normalmente usados para destruir raízes de árvores cortadas e uma caixa dos fogos festivos de Bruna: estalos, assobios flamejantes e foguetes.

Por fim, ao fundo da cave, aproximaram-se de um grande barril.

– Abre-o – disse Leesha ao Homem Pintado. – Com cuidado.

Obedeceu, descobrindo no interior quatro potes de barro flutuando mansamente na água. Voltou-se para Leesha, fitando-a com curiosidade.

– Isso – disse-lhe ela – é fogo líquido.

*

Os cascos ligeiros e guardados de Dançarino do Ocaso levaram-nos à casa do pai de Leesha minutos depois. Novamente, Leesha deixou-se dominar pela nostalgia e voltou a afastar o sentimento. Quantas horas restariam até ao pôr-do-sol? Não as suficientes. Isso era certo.

As crianças e os velhos tinham começado a chegar, reunindo-se no quintal. Brianne e Mairy tinham-nos posto já a trabalhar, recolhendo ferramentas. O olhar de Mairy era vazio enquanto observava as crianças. Não fora fácil convencê-la a deixar os dois filhos no templo, mas, por fim, a razão prevalecera. O pai ficava com eles e, se as coisas corressem mal, as restantes crianças precisariam de uma mãe.

Elona saiu pela porta fora quando chegaram.

– Isto foi ideia tua? – perguntou. – Transformar a minha casa num celeiro?

Leesha passou por ela, ladeada pelo Homem Pintado. Elona não teve hipótese senão segui-los para dentro.

– Sim, mãe – respondeu-lhe, por fim. – A ideia foi minha. Podemos não ter espaço para todos, mas as crianças e os idosos que escaparam à epidemia até agora deverão ficar seguros aqui, aconteça o que acontecer.

– Não autorizo! – gritou Elona.

Leesha voltou-se para ela.

– Não tens escolha! – berrou. – Estavas certa quando disseste que temos as guardas mais fortes que restam na aldeia. Por isso, podes suportar permanecer numa casa apinhada ou poderás lutar com os outros. Mas o Criador me ajude se os novos e os velhos não passarão esta noite abrigados pelas guardas do meu pai.

Elona fitou-a.

– Não falarias assim comigo se o teu pai estivesse com saúde.

– Se estivesse com saúde, teria sido ele a convidá-los – tornou Leesha, sem ceder um centímetro.

Voltou-se para o Homem Pintado.

– A oficina de papel fica por esta porta – disse-lhe, apontando. – Terás espaço para trabalhar e as ferramentas de Guardador do meu pai. As crianças irão recolher todas as armas que existem na aldeia e virão trazer-tas.

Com um aceno de cabeça, o Homem Pintado saiu para a oficina sem uma palavra.

– Onde desencantaste este? – perguntou Elona.

– Salvou-nos dos demónios na estrada – respondeu Leesha, caminhando para o quarto do pai.

– Não sei se servirá de muito – advertiu Elona, pondo uma mão na porta. – A parteira Darsy diz que está nas mãos do Criador.

– Disparate – considerou Leesha, entrando no quarto e indo logo para o lado do pai. Estava pálido e suado, mas não deixou que isso a assustasse. Colocou-lhe a mão sobre a testa e passou os dedos sensíveis sobre a garganta, sobre os pulsos e sobre o peito. Enquanto trabalhava, fazia perguntas à mãe sobre os sintomas, sobre o tempo que passara desde que se tinham manifestado e sobre o que a parteira Darsy tinha tentado até então.

Elona torceu as mãos, mas respondeu da melhor forma que sabia.

– Muitos dos outros estão pior – disse Leesha. – O pai é mais forte do que julgas. Por uma vez, Elona não teve uma resposta desagradável a dar.

– Vou preparar-lhe uma poção – disse Leesha. – Precisarás de ser administrada com regularidade, pelo menos de três em três horas. – Pegou num pergaminho e começou a escrever instruções com a mão ligeira.

– Não ficas com ele? – perguntou Elona.

Leesha abanou a cabeça.

– Há quase duzentas pessoas no templo a precisarem de mim, mãe – explicou. – Muitos deles estão piores do que o pai.

– Têm Darsy para zelar por eles – argumentou Elona.

– Darsy tem cara de quem não dorme desde o início da epidemia – disse Leesha. – Age como uma morta-viva e, mesmo nos seus melhores dias, não lhe confiaria a cura desta doença. Se ficares com o pai e seguires as minhas instruções, será mais provável que veja a madrugada do que muita gente do Outeiro do Lenhador.

– Leesha? – chamou o seu pai. – És tu?

Leesha correu para o seu lado, sentando-se na cama e pegando-lhe na mão.

– Sim, pai – disse, com olhos inundados. – Sou eu.

– Vieste – sussurrou Erny, esboçando um pequeno sorriso. Os seus dedos apertaram debilmente a mão de Leesha. – Sabia que virias.

– Claro que vim – disse Leesha.

– Mas precisas de partir – sussurrou Erny. Vendo que Leesha não respondia, acariciou-lhe a mão. – Ouvi o que disseste. Vai fazer o que precisa de ser feito. Verte deu-me novas forças.

Leesha tentou camuflar o choro com riso. Beijou-lhe a testa.

– É assim tão mau? – sussurrou Erny.

– Muita gente morrerá esta noite – admitiu Leesha.

A mão de Erny apertou a sua e ergueu-se um pouco.

– Então certifica-te de que não haverá mais mortes do que as que forem inevitáveis – disse. – Orgulho-me de ti e amo-te.

– Amo-te, pai – disse Leesha, abraçando-o. Secou os olhos e saiu do quarto.

*

Roger avançou pelo hospício improvisado, pantominando o ousado resgate do Homem Pintado apenas algumas noites antes.

– E depois – prosseguiu – entre nós e o acampamento, ergueu-se o maior demónio da rocha que já viram. – Saltou para cima de uma mesa e elevou os braços no ar, movendo-os para indicar que, mesmo assim, não conseguia ser suficientemente alto para fazer justiça às dimensões da criatura. – Media quatro metros e meio – prosseguiu. – Com dentes como lanças e uma cauda espinhosa capaz de despedaçar um cavalo. Leesha e eu estacámos, mas, e o Homem Pintado? Hesitou? Não! Caminhou tão calmamente como se estivesse numa tranquila manhã do Sétimo Dia e olhou o monstro nos olhos.

Roger apreciou os olhos arregalados que o rodeavam e aguardou, permitindo que o tenso silêncio se acumulasse antes de gritar “Bum!”, batendo com as mãos uma na outra. Todos saltaram.

– Assim mesmo – continuou. – O cavalo do Homem Pintado, negro como a noite e parecendo também um demónio, trespassou o monstro com os chifres.

– O cavalo tinha chifres? – perguntou um velho, erguendo uma sobrancelha grisalha, tão grossa e farta como a cauda de um esquilo. Erguido sobre o colchão de palha, o coto da perna direita ensopava com sangue as ligaduras que o cobriam.

– Sim – respondeu Roger, erguendo dois dedos por trás das orelhas e obtendo gargalhadas débeis. – Grandes chifres de metal reluzente presos aos arreios, aguçados e enfeitados com guardas poderosas! O animal mais magnífico que alguma

vez viram! Os seus cascos golpearam o monstro como trovões e, enquanto lançava o demônio ao chão, corremos para o círculo e alcançámos a segurança – concluiu.

– E o cavalo? – perguntou uma criança.

– O Homem Pintado assobiou... – Rojer levou os dedos aos lábios e soprou – ... e o cavalo veio, galopando entre os nuclitas, saltando sobre as guardas e serenando-se no interior do círculo. – Bateu com as mãos nas coxas, imitando o som do galope e saltou para ilustrar o movimento.

Os pacientes deixaram-se encantar pela história, afastando as mentes da doença e da noite próxima. Acima de tudo, Rojer sabia que lhes dava esperança. Esperança de que Leesha os curasse. Esperança de que o Homem Pintado conseguisse protegê-los.

Gostava de conseguir também dar esperança a si próprio.

*

Leesha pediu às crianças para limparem as grandes tinas que o pai usava no fabrico do papel, usando-as para preparar poções em maiores quantidades do que o que alguma vez tentara até então. As provisões de Bruna esgotaram-se rapidamente e avisou Brianne, que pôs as crianças a procurarem raiz-porqueira e outras ervas por toda a parte.

Era frequente que olhasse a luz entrando pela janela, vendo-a avançar pelo chão da oficina. O dia aproximava-se do fim.

A pouca distância, o Homem Pintado trabalhava com velocidade semelhante, movendo a mão com gestos precisos e delicados enquanto pintava guardas em machados, picaretas, martelos, lanças, flechas e pedras para arremesso. As crianças levaram-lhe tudo o que pudesse ser usado como arma e transportavam o resultado do trabalho assim que a tinta secava, empilhando o armamento guardado em carroças no exterior.

Ocasionalmente, alguém chegava para transmitir uma mensagem a Leesha ou ao Homem Pintado. Apressavam-se a dar as suas instruções, fazendo o mensageiro regressar a correr e voltando ao trabalho.

Restando apenas um par de horas antes do pôr-do-sol, conduziram as carroças pela chuva constante até ao templo. Os aldeãos pararam o trabalho ao vê-los, apressando-se a ajudar Leesha a descarregar as suas curas. Alguns aproximaram-se do Homem Pintado para o ajudar a descarregar a carroça, mas bastou um olhar para os fazer recuar.

Leesha aproximou-se dele com um pesado pote de pedra.

– Tampereira e flor-celeste – disse, passando-lho. – Mistura-as com a ração de três vacas e certifica-te de que comem tudo. – O Homem Pintado pegou no pote e acenou afirmativamente.

Enquanto Leesha se voltava para o templo, sentiu que lhe segurava o braço.

– Aceita isto – disse, passando-lhe uma das suas lanças. Media metro e meio, feita de madeira leve de freixo. Tinha guardas de poder gravadas na ponta metálica aguçada. A haste estava gravada com guardas defensivas, lacadas e suaves, e o pé revestido com metal guardado.

Leesha olhou-a com estranheza, não fazendo qualquer gesto para a receber.

– E que esperas que faça com isso? – perguntou. – Sou apenas uma Herb...

– Não é altura para recitar o juramento das Herbanárias – interrompeu o Homem Pintado, continuando a estender-lhe a lança. – As guardas do teu hospício improvisado não são sólidas. Se a nossa linha defensiva falhar, esta lança poderá ser tudo o que se erguerá entre os nuclitas e os teus pacientes. Que exigirá o teu juramento de ti nessa altura?

Leesha franziu o sobrolho, mas aceitou a arma. Procurou algo mais nos olhos dele, mas as guardas impediram-na de lhe ver o coração, como acontecera antes. Quis deixar cair a lança e abraçá-lo, mas não suportaria ser novamente rejeitada.

– Bom... boa sorte – conseguiu dizer.

O Homem Pintado acenou com a cabeça.

– Também para ti. – Voltou-se e dirigiu-se para a carroça e Leesha continuou a olhá-lo, querendo gritar.

*

Os músculos do Homem Pintado descontraíram enquanto se afastava. Precisara de toda a sua força de vontade para lhe voltar as costas, mas não poderiam confundir-se um ao outro numa noite como aquela.

Forçando-se a não pensar em Leesha, centrou os seus pensamentos na batalha próxima. O livro sagrado krasiano, o Evejah, continha relatos das conquistas de Kaji, o primeiro Libertador. Estudara-o com atenção quando aprendera a língua krasiana.

A filosofia bélica de Kaji era sagrada em Krasia e orientara os seus guerreiros ao longo de séculos de batalhas nocturnas contra os nuclitas. Existiam quatro leis divinas que regiam a batalha: união em propósito e liderança; batalhar em momento e local escolhido. Adaptação ao que não possa ser controlado e preparação para o resto; atacar de formas que o inimigo não consiga prever, localizando e explorando as suas fraquezas.

Um guerreiro krasiano aprendia desde o nascimento que o caminho para a salvação consistia na matança de alagai. Quando Jardir os convocava para abandonar a segurança das suas guardas, faziam-no sem hesitar, lutando e morrendo seguros de que serviam Everam e de que seriam recompensados no além.

O Homem Pintado receava que faltasse aos outeiros a mesma unidade de propósito, não conseguindo entregar-se ao combate, mas, vendo-os mover-se em redor, preparando-se, pensou que talvez os subestimasse. Mesmo no Ribeiro de

Tibbet, todos se erguiam em defesa dos vizinhos em tempos de dificuldade. Era o que assegurava a sobrevivência dos povoados, apesar da falta de muralhas guardadas. Se conseguisse mantê-los ocupados, impedindo-os de ceder ao desespero quando os demónios se erguessem, talvez lutassem em união.

Se não conseguissem, todos no templo morreriam naquela noite.

A solidez da resistência de Krasia devia-se tanto à segunda lei de Kaji, a escolha do terreno, como aos próprios guerreiros. O Labirinto krasiano fora cuidadosamente concebido para possibilitar protecção em vários níveis aos dal'Sharum e para canalizar os demónios para posições que lhes fossem vantajosas.

Um dos lados do templo voltava-se para a floresta, onde os demónios da madeira dominariam, e outros dois lados voltavam-se para as ruas arruinadas e para os escombros da aldeia. Havia demasiados locais onde os nuclitas poderiam refugiar-se. Mas, além do empedrado da entrada principal, situava-se a praça. Se conseguissem atrair os demónios para aí, talvez tivessem uma hipótese.

Com a chuva, foram incapazes de limpar a cinza pegajosa das paredes de pedra áspera do templo e de as guardar. Por isso, as janelas e as grandes portas foram bloqueadas com tábuas pregadas, traçando-se guardas apressadas na madeira. O acesso ficou limitado a uma pequena entrada lateral, com pedras guardadas em redor da porta. Atravessar a parede seria mais fácil para os demónios do que entrar por ali.

A presença de humanos na noite exerceria sobre os demónios uma atracção magnética, mas, de qualquer forma, o Homem Pintado fizera tudo para afastar os nuclitas do edifício e dos flancos, de forma a que o caminho mais favorável os levasse a atacar pelo extremo oposto da praça. Seguindo as suas instruções, os aldeãos tinham colocado obstáculos nos flancos do templo, juntamente com postes de guarda fabricados apressadamente e placas pintadas com guardas de confusão. Qualquer demónio que passasse por elas para atacar as paredes do edifício esqueceria o seu objectivo e seria inevitavelmente atraído pelo bulício na praça.

Junto à praça, de um dos lados, situava-se uma cerca para o gado do Protector. Era pequena, mas com postes de guarda novos e fortes. Alguns animais rodeavam os homens que erigiam um abrigo improvisado no interior.

Do outro lado da praça, tinham sido escavadas trincheiras que se enchiam com água da chuva suja de terra, para levar os demónios da chama a optar por um caminho mais fácil. O óleo de Leesha flutuava à superfície da água.

Os aldeãos tinham conseguido cumprir bem a terceira lei de Kaji: preparação. A chuva constante tornara a praça escorregadia, com uma fina camada de lama a formar-se sobre o piso de terra batido. Os círculos de Mensageiro do Homem Pintado foram dispostos pelo campo de batalha conforme ordenado por ele, funcionando como pontos de emboscada e retirada, e um grande fosso fora aberto e

coberto com uma lona enlameada. Gordura viscosa foi espalhada sobre as pedras usando vassouras.

E a quarta lei, que determina o ataque ao inimigo de formas inesperadas, cumprir-se-ia por si própria.

Os nuclitas não estariam de todo à espera de ser atacados.

– Fiz como mandou – disse um homem, aproximando-se e olhando o chão.

– Hmm? – retorquiu o Homem Pintado.

– Chamo-me Benn, senhor – disse o homem. – Sou o marido de Mairy. – O Homem Pintado limitou-se a fitá-lo. – O vidreiro – clarificou e, por fim, a compreensão iluminou os olhos do interlocutor.

– Vejamos, então – disse.

Benn ergueu um pequeno frasco de vidro.

– É fino, como pediu – disse. – Frágil.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

– Quantos tiveste tempo de fazer com os teus aprendizes? – perguntou.

– Três dúzias – disse Benn. – Posso perguntar para que servirão?

O Homem Pintado abanou a cabeça.

– Perceberás a seu tempo – disse. – Trá-los e procura-me trapos.

Roger aproximou-se logo a seguir.

– Vi a lança de Leesha – disse-lhe. – Vim buscar a minha.

O Homem Pintado voltou a abanar a cabeça.

– Não lutarás – disse. – Ficarás no interior do templo com os doentes.

Roger fitou-o.

– Mas disseste a Leesha...

– Dar-te uma lança seria roubar-te a tua força – interrompeu o Homem Pintado. – A tua música perder-se-ia no ruído exterior, mas, lá dentro, será mais potente do que uma dúzia de lanças. Se os nuclitas conseguirem entrar, conto contigo para os travar até à minha chegada.

Roger franziu a testa, mas acabou por acenar afirmativamente, dirigindo-se para o templo.

Havia outros à espera. O Homem Pintado ouviu os relatórios do seu progresso, atribuindo novas tarefas que eram prontamente aceites. Os aldeãos moviam-se com ligeireza e receio, como lebres prontas para fugir a todo o momento.

Assim que partiram, Stefny aproximou-se dele, liderando um grupo de mulheres iradas.

– Que história é esta de sermos enviadas para a cabana de Bruna? – exigiu saber a mulher.

– As guardas da cabana são fortes – respondeu o Homem Pintado. – Não resta espaço no templo ou em casa da família de Leesha.

– Isso não nos importa – disse Stefny. – Vamos lutar.

O Homem Pintado olhou-a. Stefny era uma mulher minúscula, quase não passando acima do metro e meio e magra como um junco. Com mais de cinquenta anos, tinha pele fina e dura como cabedal. Até o demónio da madeira mais pequeno se ergueria sobre ela como um gigante.

Mas o seu olhar dizia-lhe que isso não importava. Lutaria independentemente do que lhe dissesse. Os krasianos podiam não permitir às mulheres que lutassem, mas isso apenas lhes diria respeito a eles. Não negaria o auxílio de quem quisesse juntar-se à luta durante a noite. Retirou uma lança da carroça e passou-lha.

– Vamos encontrar-te um lugar – prometeu.

Esperando uma discussão, Stefny ficou surpreendida, mas aceitou a arma, acenou uma única vez com a cabeça e afastou-se. As outras mulheres aproximaram-se em seguida e cada uma recebeu uma lança.

Os homens aproximaram-se de imediato, vendo o Homem Pintado distribuir armas. Os lenhadores receberam os seus próprios machados, olhando com incerteza as guardas pintadas de fresco. Nenhum golpe de machado penetrara alguma vez a armadura de um demónio da madeira.

– Não precisarei disto – disse Gared, devolvendo a lança. – Não sei manobrar um pau, mas sei usar um machado.

Um dos lenhadores trouxe-lhe uma rapariga, talvez com treze anos de idade.

– Chamo-me Flinn, senhor – disse. – Wonda, a minha filha, caça comigo por vezes. Não a quero desprotegida na noite, mas se lhe entregar um arco e a colocar atrás das guardas, verá que o seu tiro é certo.

O Homem Pintado olhou a rapariga. Alta e de aparência discreta, saía ao pai em tamanho e força. Dirigiu-se ao Dançarino do Ocaso e retirou o seu arco e as flechas pesadas.

– Não precisarei disto esta noite – disse-lhe, apontando uma janela no alto do templo. – Vê se consegues arrancar tábuas suficientes para disparar dali – sugeriu.

Wonda aceitou o arco e partiu a correr. O pai curvou-se e recuou.

O Protector Jona aproximou-se a coxear.

– Devias estar lá dentro em vez de forçar a perna – disse-lhe o Homem Pintado, eternamente desconfortável junto de sacerdotes. – Se não consegues transportar cargas ou abrir uma trincheira, apenas irás atrapalhar.

O Protector Jona concordou com um aceno.

– Queria apenas ver as defesas – disse.

– Deverão resistir – disse o Homem Pintado com mais confiança do que a que sentia realmente.

– Resistirão – disse Jona. – O Criador não nega auxílio aos que se refugiam na Sua casa. Foi por isso que te enviou.

– Não sou o Libertador – assegurou o Homem Pintado, com expressão de desagrado. – Ninguém me enviou e nada é certo nos acontecimentos desta noite.

Jona sorriu de forma indulgente, como um adulto sorriria perante a ignorância de uma criança.

– Então é uma coincidência que tenhas surgido num momento de necessidade? – perguntou. – Não me cabe dizer se és ou não o Libertador, mas estás aqui, tal como todos nós, porque o Criador aqui te trouxe e tudo o que faz tem um motivo.

– Tinha um motivo para lançar a doença sobre a aldeia? – perguntou o Homem Pintado.

– Não finjo conseguir ver o caminho – respondeu Jona, calmamente. – Mas, mesmo assim, sei que está lá. Um dia, olharemos para trás e não perceberemos como não demos por ele.

*

Darsy agachava-se, exausta, junto a Vika, tentando refrescar-lhe a testa febril com um pano húmido, quando Leesha entrou no templo.

Dirigiu-se para junto delas, retirando o pano da mão de Darsy.

– Dorme – disse-lhe, percebendo o profundo cansaço nos olhos da mulher. – O sol não tardará a pôr-se e todos precisaremos da nossa força. Vai. Descansa enquanto podes.

Darsy abanou a cabeça.

– Descanso quando for nucleada – disse. – Até lá, trabalho.

Leesha observou-a por um momento, acabando por acenar afirmativamente. Levou a mão ao avental e retirou uma substância escura e mole, embrulhada em papel.

– Mastiga isto – disse. – Sentir-te-ás nucleada amanhã, mas manter-te-á alerta durante a noite.

Darsy acedeu, recebendo a goma e colocando-a na boca enquanto Leesha se baixava para examinar Vika. Deixou escorregar o odre que trazia ao ombro, retirando a rolha.

– Ajuda-a a erguer-se um pouco – disse. Darsy obedeceu, erguendo Vika para que Leesha conseguisse administrar-lhe a poção. Tossiu e cuspiu uma parte, mas Darsy massajou-lhe a garganta, ajudando-a a engolir até Leesha se mostrar satisfeita.

Ergueu-se e olhou o aglomerado aparentemente interminável de corpos inertes. Fizera uma triagem e lidara com os ferimentos mais graves antes de se dirigir à cabana de Bruna, mas restavam muitos feridos a precisar de tratamento, ossos a remendar, rasgões a coser. Além da necessidade de forçar a poção por dúzias de gargantas inconscientes.

Com o passar do tempo, tornou-se confiante de que conseguiria repelir a epidemia. Era possível que alguns estivessem demasiado doentes e acabassem por

morrer, mas a maioria dos seus filhos recuperaria.

Se a noite não os levasse.

Convocou os voluntários, distribuindo medicamento, e dizendo-lhes o que deveriam esperar e o que deveriam fazer, quando os feridos do exterior comessem a chegar.

*

Roger observou o trabalho de Leesha e dos outros, sentindo-se cobarde enquanto afinava o violino. Intimamente, sabia que o Homem Pintado estava certo. Deveria aproveitar as suas forças, como Arrick sempre lhe dissera. Mas, mesmo assim, ficar escondido atrás de paredes de pedra não lhe parecia acto de grande coragem.

Pouco tempo antes, pensar em pousar o violino e pegar numa ferramenta era um acto que o teria repellido, mas fartara-se de ficar escondido enquanto outros morriam por ele.

Se sobrevivesse, imaginou que *A Batalha do Outeiro do Lenhador* se tornasse uma história que sobreviveria aos filhos dos seus filhos. Mas e o seu papel? Ficar escondido e tocar violino parecia-lhe um acto que dificilmente seria digno de uma palavra e muito menos de um verso.

TRINTA E UM
A BATALHA DO OUTEIRO DO LENHADOR
332 DR

Os lenhadores erguiam-se à frente na praça. Cortar árvores e transportar madeira dera-lhes braços grossos e ombros largos, mas alguns, como Yon Grisalho, tinham passado há muito os seus melhores dias e outros, como Linder, o filho de Ren, estavam ainda em crescimento. Agrupavam-se num dos círculos portáteis, segurando os cabos húmidos dos machados à medida que o céu escurecia.

Atrás dos lenhadores, as três vacas mais gordas do Outeiro tinham sido presas a estacas no centro da praça. Depois de comerem a ração drogada de Leesha, esforçavam-se para não tombar.

Atrás das vacas situava-se o círculo maior. Os que o ocupavam não poderiam igualar o poderio musculado dos lenhadores, mas o seu número era maior. Quase metade do grupo era composto por mulheres, algumas não tendo mais de quinze anos. Erguiam-se sobriamente, ladeando maridos, pais, irmãos e filhas. Merrem, a mulher encorpada de Dug, o açougueiro, segurava um cutelo guardado e parecia preparada para o usar.

Atrás, situava-se o fosso coberto e, depois, no terceiro círculo, imediatamente à frente das portas do templo, posicionavam-se Stefny e os que eram demasiado velhos ou frágeis para correr pela praça lamacenta com lanças longas.

Cada um deles estava armado com uma arma guardada. Alguns, os que tinham menor alcance, seguravam também escudos redondos improvisados a partir de tampas de barril, pintados com guardas defensivas. O Homem Pintado fizera apenas um, mas os outros tinham conseguido copiá-lo.

Numa extremidade da cerca do gado, por trás dos postes de guarda, posicionava-se a artilharia. Crianças mal chegadas à adolescência, armadas com arcos e fisgas. Alguns adultos tinham recebido um dos preciosos paus de trovão ou um dos frascos de Benn, com um trapo ensopado no interior. Crianças mais pequenas erguiam lanternas albergadas da chuva para incendiar as armas. Os que se tinham recusado a lutar encolhiam-se entre os animais por baixo do abrigo, atrás deles, que escudava da chuva o arsenal de fogos festivos de Bruna.

Vários, como Ande, tinham voltado atrás na intenção de lutar, aceitando a troça dos companheiros e escondendo-se atrás das guardas. Enquanto atravessava a praça montado sobre Dançarino do Ocaso, o Homem Pintado viu outros olhando com pesar a cerca e não conseguindo disfarçar o medo.

Houve gritos quando os nuclitas se ergueram e muitos deram um passo atrás, sentindo vacilar a sua determinação. O medo ameaçava derrotar os outeiros antes do início da batalha. As poucas dicas do Homem Pintado acerca dos melhores locais e posturas de ataque pouco conseguiam contra o peso de uma vida de medo.

Viu que Benn tremia. Uma das pernas das suas calças estava ensopada e colava-se à coxa trémula. Não era resultado da chuva. Desmontou e encarou o vidreiro.

– Porque estás aqui, Benn? – perguntou, erguendo a voz para que os outros o ouvissem.

– As mi... minhas filhas – disse Benn, indicando o templo. O tremor parecia prestes a fazê-lo deixar cair a lança que segurava.

O Homem Pintado acenou-lhe com a cabeça. A maioria dos outeiros estava ali para proteger os seus entes queridos que permaneciam indefesos no interior do templo. De outra forma, estariam todos dentro da cerca. Apontou os nuclitas que se materializavam na praça.

– Receia-los? – perguntou, ainda mais alto.

– Si... sim – conseguiu dizer Benn, com lágrimas que se misturavam com a chuva na face. Um breve olhar mostrou que os outros acenavam em concordância.

O Homem Pintado despiu a túnica. Nenhum deles o vira despido antes e arregalaram os olhos ao mirarem as guardas tatuadas sobre todo o corpo.

– Olha – disse, dirigindo-se a Benn. Mas a ordem era destinada a todos.

Saiu do círculo, caminhando até um demónio da madeira com mais de dois metros que começava a solidificar-se. Olhou para trás, captando os olhares de tantos outeiros quantos conseguiu. Vendo que o observavam atentamente, gritou:

– É isto que receiam!

Voltando-se, golpeou com violência, atingindo a mandíbula do nuclita com a mão aberta e derrubando o demónio com um clarão de magia no momento em que se tornava completamente sólido. O nuclita guinchou de dor, mas não tardou a recuperar, encolhendo-se e preparando o salto. Os aldeãos olharam, com bocas abertas de espanto e olhares presos à cena, seguros de que o Homem Pintado seria morto.

O demónio da madeira avançou, mas o Homem Pintado livrou-se de uma sandália com um movimento da perna e rodopiou, pontapeando para cima. O seu calcanhar guardado atingiu o peito couraçado com um estrondo de trovão e o demónio foi projectado novamente, com o peito chamuscado.

Um demónio da madeira de menor dimensão lançou-se sobre o adversário que avançava para o nuclita caído, mas o Homem pintado segurou-o pelo braço e colocou-se atrás dele, pressionando-lhe os polegares guardados sobre os olhos. Ergueu-se fumo e o nuclita rugiu, cambaleando para longe e levando as mãos à face.

Enquanto o nuclita cego se afastava, o Homem Pintado retomou a perseguição do primeiro demónio, recebendo frontalmente o seu ataque seguinte. Guinou e aplicou o impulso do nuclita contra si, segurando-se a ele com os braços em volta da cabeça quando por ele passou. Apertou, ignorando as tentativas vãs do demónio para o afastar e esperou que o retorno aumentasse de intensidade. Por fim, com uma

explosão de magia, o crânio da criatura foi esmagado e caíram ambos sobre a lama.

Enquanto o Homem Pintado se erguia sobre o cadáver, os outros demónios mantiveram a distância, silvando e procurando um sinal de fraqueza. O Homem Pintado rugiu-lhes e os que estavam mais próximos deram um passo atrás.

– Não és tu que deves receá-los, Benn vidreiro! – gritou o Homem Pintado, com voz de furacão. – São eles que te devem recear a ti!

Nenhum dos outeiros emitiu qualquer som, mas muitos caíram de joelhos, traçando guardas no ar à sua frente. O Homem Pintado regressou até Benn, que parara de tremer.

– Recorda isto – disse, usando a túnica para limpar a lama das guardas – da próxima vez que os sentires dominar-te o coração.

– Libertador – sussurrou Benn. E outros começaram a sussurrar o mesmo.

O Homem Pintado abanou a cabeça, projectando gotas de chuva.

– Não. Tu és o Libertador! – bradou, espetando o dedo no peito de Benn. – E tu! – gritou, voltando-se e puxando rudemente para cima um homem que se ajoelhara a seus pés. – Todos vós são libertadores! – insistiu, abrangendo com os braços o conjunto dos que se erguiam na noite. – Se os nuclitas receiam um Libertador, que tremam perante uma centena! – Agitou o punho e os outeiros rugiram.

Tal espectáculo manteve os demónios recém-formados à distância por um momento, rugindo baixo enquanto se moviam para trás e para diante. Mas os seus passos depressa abrandaram e, um a um, agacharam-se, flectindo músculos.

O Homem Pintado olhou o flanco esquerdo, com os olhos guardados penetrando a escuridão. Demónios da chama evitavam a trincheira inundada, mas os demónios da madeira não se desviavam, não se deixando assustar pela água.

– Acendam – gritou, apontando a trincheira com um polegar.

Benn raspou um pau de chama com o dedo, escudando-o do vento e da chuva enquanto o encostava a um assobio flamejante. Quando o pavio começou a faiscar, Benn lançou-o à trincheira.

A meio do voo, o pavio esgotou-se e um jacto de chamas projectou-se do assobio. O tubo de papel grosso rodopiou velozmente num círculo flamejante, emitindo um silvo agudo ao cair sobre a mancha de óleo na trincheira.

Os demónios da madeira guincharam quando a água que se erguia até aos seus joelhos se cobriu de chamas. Recuaram, tentando apagar o fogo em pânico, salpicando óleo e conseguindo apenas alastrar o incêndio.

Os demónios da chama urraram de prazer e saltaram para o fogo, esquecendo a água que se escondia por baixo. O Homem Pintado sorriu ao ouvir os seus gritos entre a água que fervia.

As chamas iluminaram a praça com luz trémula e houve gemidos de espanto dos lenhadores ao contemplar a dimensão da horda que diante deles se apresentava.

Demónios do vento cortavam o céu a direito, apesar do vento e da chuva. Ágeis demónios da chama corriam, com olhos e bocas flamejantes, iluminando os vultos de gigantescos demónios da rocha que se aproximavam da horda. E demónios da madeira. Tantos demónios da madeira.

– É como se as árvores da floresta se tivessem erguido contra os lenhadores – disse Yon Grisalho, espantado, motivando acenos de horrorizada concordância entre os restantes.

– Nunca encontrei uma árvore que não conseguisse cortar – rosnou Gared, empunhando o machado. A afirmação ecoou pelo grupo e os outros lenhadores ergueram as cabeças em desafio.

Os nuclitas não tardaram a testar a sua determinação, saltando sobre os lenhadores com garras estendidas. As guardas do círculo travaram-nos e os lenhadores prepararam-se para ripostar.

– Alto! – gritou o Homem Pintado. – Lembrem-se do plano!

Os homens detiveram-se, deixando os demónios golpear as guardas em vão. O círculo estava rodeado por nuclitas, procurando uma fraqueza, e os lenhadores depressa foram envolvidos por um mar de pele semelhante a casca de árvore.

Foi um demónio da chama mais pequeno do que um gato o primeiro a avistar as vacas. Guinchou, saltando para o dorso de um dos animais, cravando-lhe profundamente as garras. A vaca mugiu com a dor enquanto o minúsculo nuclita lhe arrancava um pedaço de pele com os dentes.

O som fez outros nuclitas esquecerem os lenhadores. Caíram sobre as vacas num frenesim sangrento, despedaçando os animais. Jorrou sangue pelo ar, misturando-se com a chuva e salpicando a lama. Houve mesmo um demónio do vento a mergulhar para arrancar um pedaço de carne antes de voltar a erguer-se no ar.

Num piscar de olhos, os animais foram devorados, apesar de nenhum dos nuclitas parecer satisfeito. Avançaram para o círculo seguinte, golpeando as guardas e lançando faíscas mágicas pelo ar.

– Alto! – voltou a gritar o Homem Pintado, enquanto aumentava a tensão nos que o rodeavam. Ergueu a lança, observando os demónios atentamente. Esperando.

Foi então que viu. Um demónio cambaleou, perdendo o equilíbrio.

– Agora! – bradou, saltando do círculo e cravando a lança na cabeça de um demónio.

Os outeiros uniram-se num grito animalesco e carregaram, caindo sobre os nuclitas drogados sem pensar duas vezes, golpeando com lâminas e lanças. Os demónios guincharam, mas, graças à poção de Leesha, a sua reacção foi lenta. Como tinham sido instruídos, os aldeãos agiam em pequenos grupos, atacando demónios pela retaguarda quando voltavam a sua atenção para outro grupo. Armas guardadas cintilaram e, daquela vez, foi o sangue negro dos demónios a jorrar no ar da noite.

Merrem cortou o braço de um demónio da madeira com um só golpe do seu cutelo e o marido, Dug, espetou-lhe a faca de açougueiro sob o braço. O demónio do vento que comera a carne drogada despenhou-se na praça e Benn trespassou-o com a lança, torcendo com força enquanto a ponta guardada cintilava ao penetrar o couro do nuclita.

Garras de demónio eram incapazes de penetrar as guardas nos escudos de madeira que alguns levavam e, percebendo-o, ganharam confiança, golpeando com mais força ainda os nuclitas atordoados.

Mas nem todos os demónios tinham sido drogados. O Homem Pintado esperou até a vantagem da surpresa esmorecer por um momento e gritou:

– Artilharia!

As crianças dentro da cerca gritaram, colocando frascos nas físgas e lançando-os à horda demoníaca que se erguia diante do círculo dos lenhadores. O vidro fino estilhaçou-se com facilidade sobre a couraça dos demónios da madeira, cobrindo-os com um líquido que a chuva não lavava. Os demónios rugiram, mas não conseguiram ultrapassar os postes de guarda da pequena cerca.

Enquanto os nuclitas se enfureciam, os que seguravam as lanternas moviam-se para trás e para diante, levando chamas às pontas de flecha cobertas com pano mergulhado em breu e aos pavios dos fogos de Bruna. Não dispararam ao mesmo tempo, como lhes fora indicado, mas não fez grande diferença. Com a primeira flecha, o fogo líquido explodiu sobre o dorso de um demónio da madeira e a criatura gritou, colidindo com outro e espalhando as chamas. Estalos, foguetes e assobios flamejantes juntaram-se à chuva de flechas, assustando alguns demónios com a luz e o som e incendiando outros. A noite iluminou-se enquanto os demónios ardiam.

Um assobio flamejante atingiu a trincheira à frente do círculo dos lenhadores, que se estendia de um lado ao outro da praça. As faíscas incendiaram a mistura no interior, activando o fogo líquido e queimando vários demónios da madeira, enquanto os restantes eram isolados dos seus semelhantes.

Mas, entre os círculos e longe das chamas, a batalha era feroz. Os demónios drogados caíam com rapidez, mas os restantes não se sentiam amedrontados pelos aldeãos armados. Os grupos eram desfeitos e alguns dos outeiros cediam ao medo e recuavam, dando aos nuclitas espaço para avançar.

– Lenhadores! – gritou o Homem Pintado enquanto trespassava um demónio da chama com a lança.

Com a retaguarda segura, Gared e os restantes lenhadores gritaram e saíram do círculo, pressionando por trás os demónios que atacavam o grupo do Homem Pintado. Mesmo sem magia, o couro dos demónios da madeira era grosso e torcido como a casca de uma árvore antiga, mas os lenhadores estavam habituados a passar o dia a cortá-la e as guardas dos machados drenavam a magia que as fortalecia ainda

mais.

Gared foi o primeiro a sentir o efeito quando as guardas drenaram a magia dos demónios, usando o poder dos nuclitas contra si mesmos. O choque deu-se pelo cabo do machado e ele sentiu um formigueiro nos braços enquanto se deixava levar por um segundo de êxtase. Arrancou a cabeça do demónio com um golpe e rugiu, carregando sobre o seguinte.

Pressionados de ambos os lados, os demónios foram atingidos em força. Séculos de domínio tinham ensinado que os humanos, quando lutavam, não deviam ser temidos, e não estavam preparados para tamanha resistência. Na janela do coro do templo, Wonda disparou o arco do Homem Pintado com assustadora eficácia, atingindo com cada flecha guardada a carne de um demónio como se lançasse relâmpagos.

Mas o cheiro a sangue no ar era intenso e os gritos de dor eram ouvidos ao longo de quilómetros em redor. À distância, os nuclitas uivavam em resposta. Não tardariam a chegar reforços e os humanos estavam sozinhos.

Os demónios depressa recuperaram. Mesmo sem armadura impenetrável, poucos humanos poderiam aspirar a lutar de igual para igual com um demónio da madeira. Os mais pequenos aproximavam-se mais da força de Gared do que de um homem comum.

Merrem carregou sobre um demónio da chama do tamanho de um grande cão, com o cutelo já manchado com sangue negro. Ergueu o escudo numa postura defensiva, fazendo recuar o braço do cutelo e preparada para atacar.

O nuclita guinchou e cuspiu fogo sobre ela. Ergueu o escudo para o bloquear, mas a guarda nele pintada não tinha qualquer poder sobre o fogo e a madeira explodiu-lhe no braço. Merrem gritou ao ver o braço em chamas, deitando-se e rebolando na lama. O demónio saltou sobre ela, mas o marido, Dug, avançou. O pesado açougueiro esventrou o demónio como se fosse um porco, mas também gritou quando o sangue flamejante lhe incendiou o avental de couro.

Um demónio da madeira esquivou-se a um golpe irreflectido do machado de Evin, erguendo-se e deitando-o por terra. Evin gritou quando viu os dentes aguçados descerem sobre ele, mas ouviu-se um latido e os seus cães de caça saltaram sobre o demónio, repelindo-o. Evin recuperou prontamente, golpeando o nuclita prostrado, mas não sem que ele antes esventrasse um dos cães gigantesco. Evin gritou de raiva e atacou novamente, voltando-se para encontrar o adversário seguinte com um olhar louco de raiva.

Nesse momento, a trincheira de fogo líquido esgotou-se e os demónios da madeira aprisionados do outro lado começaram a avançar.

– Paus de trovão! – gritou o Homem Pintado, enquanto calcava um demónio da rocha sob os cascos de Dançarino do Ocaso.

Ouvindo a ordem, o mais velho dos soldados de artilharia preparou o armamento precioso e volátil. Havia menos de uma dúzia, pois Bruna não os fabricara em grandes quantidades para evitar que abusassem das ferramentas poderosas.

Pavios faiscaram e os paus foram lançados contra os demónios que se aproximavam. Um aldeão deixou cair na lama o seu pau de trovão tornado escorregadio pela chuva e baixou-se rapidamente para o recuperar, mas a rapidez não foi o suficiente. Rebentou-lhe nas mãos, reduzindo-o a pedaços juntamente com o rapaz que segurava a lanterna e a força tremenda lançou vários ocupantes da cerca ao chão, gritando de dor.

Um dos paus de trovão explodiu entre um par de demónios da madeira. Ambos foram lançados ao chão. Um deles, com a pele em chamas, não se ergueu. O outro, com o fogo extinto pela lama, cambaleou e colocou um membro no chão enquanto tentava levantar-se. A pérfida magia sarava-lhe já as feridas.

Outro pau de trovão passou junto a um demónio da rocha com oito metros. Segurou-o nas garras e curvou-se, olhando o curioso objecto quando explodiu.

Mas, depois de a nuvem de fumo se dissipar, o demónio erguia-se sem mazela e continuou a avançar para os aldeãos na praça. Wonda acertou-lhe três flechas, mas limitou-se a guinchar e continuou a avançar, com fúria duplicada.

Gared alcançou-o antes que chegasse junto dos outros, retribuindo-lhe o urro com um grito. O volumoso lenhador esquivou-se ao primeiro golpe e cravou-lhe o machado no esterno, saboreando a magia que lhe subia pelos braços. O demónio tombou por fim e Gared teve de lhe subir para cima para libertar o machado da pele couraçada.

Um demónio do vento mergulhou, quase cortando Flinn em dois com as garras em gancho. Da janela do coro, Wonda gritou e matou o nuclita com uma flecha no dorso, mas o estrago estava feito e o pai caiu.

O golpe rápido de um demónio da madeira decapitou Ren, lançando-lhe a cabeça para longe do corpo. O seu machado caiu na lama enquanto o filho, Linder, cortava o braço ao demónio agressor.

Perto da cerca, no flanco direito, Yon Grisalho foi atingido por um golpe de raspão, mas foi o suficiente para lançar o velho ao chão. O nuclita perseguiu-o enquanto se debatia sobre a lama, tentando erguer-se, mas Ande soltou um grito abafado e saltou da cerca guardada, erguendo o machado de Ren e cravando-o nas costas da criatura.

Outros seguiram o seu exemplo, esquecendo o medo e abandonando a segurança da cerca para erguer as armas dos caídos ou para arrastar os feridos para local seguro. Keet enfiou um trapo no último dos frascos de fogo líquido, acendendo-o e lançando-o à cara de um demónio da madeira para permitir às irmãs que arrastassem um homem para o abrigo da cerca. O demónio cobriu-se de chamas e Keet regozijou

até um demónio da chama saltar sobre o nuclita imolado, guinchando de prazer deleitado nas chamas. Keet voltou-se e correu, mas o demónio saltou-lhe sobre as costas e fê-lo cair.

O Homem Pintado estava por toda a parte no campo de batalha, matando demónios com a lança e outros com as mãos e os pés. Dançarino do Ocaso mantinha-se por perto, golpeando com cascos e chifres. Dirigiam-se para onde os combates eram mais intensos, dispersando os nuclitas e deixando-os à mercê dos restantes. Perdeu a conta à quantidade de vezes que impediu demónios de aplicarem um golpe fatal, permitindo às vítimas prováveis tornarem a erguer-se e continuar a luta.

No caos, um grupo de nuclitas conseguiu ultrapassar a linha central e passou além do segundo círculo, caminhando sobre a lona e caindo sobre as estacas guardadas no fundo do fosso. A maioria contorceu-se selvaticamente, empalados na magia que os consumia, mas um dos demónios evitou as estacas e trepou para fora do fosso. Um machado guardado cortou-lhe a cabeça, não lhe dando tempo de regressar à luta ou de fugir.

Mas os nuclitas continuavam a chegar e, assim que o fosso ficou a descoberto, contornaram-no. Ouviu-se um grito e o Homem Pintado voltou-se, presenciando a luta feroz diante das portas do templo. Os nuclitas sentiam o cheiro dos doentes e fracos no interior e lançavam-se para o local, ansiosos por entrar e iniciar a matança. As guardas traçadas a giz tinham desaparecido, apagadas pela chuva incessante.

A gordura espalhada sobre as pedras diante da entrada abrandou ligeiramente o seu avanço. Vários caíram ou escorregaram contra as guardas do terceiro círculo. Mas fincaram as garras para firmar os passos e seguiram em frente.

As mulheres que guardavam as portas golpearam-nos da segurança do seu círculo com as lanças longas e conseguiram levar a melhor por instantes, mas a ponta da lança de Stefny ficou presa na pele de um demónio e foi puxada para a frente, ficando com o pé preso na corda do círculo portátil. Num instante, as guardas desalinham-se e a rede protectora perdeu-se.

O Homem Pintado correu a toda a velocidade, saltando sobre o fosso de três metros e meio, mas nem ele conseguiu ser suficientemente veloz para impedir a chacina.

Quando a primeira carga dos demónios chegou ao fim, ergueu-se, ofegante, com as poucas mulheres sobreviventes. Surpreendentemente, Stefny era uma delas. Estava coberta com sangue negro, mas não parecia ferida e havia nos seus olhos uma determinação férrea.

Um grande demónio da madeira correu para eles. Voltaram-se em simultâneo, mantendo-se firmes, mas o demónio agachou-se e escapou-lhes, alcançando a parede de pedra do templo. As suas garras conseguiram segurar-se facilmente às pedras

empilhadas e trepou para fora de alcance, antes que o Homem Pintado conseguisse segurar-lhe a cauda.

– Cuidado! – gritou a Wonda, mas a rapariga estava concentrada a mirar um alvo e não ouviu até ser tarde demais. O demónio segurou-a com as garras e projectou-a sobre a cabeça, como se fosse um simples empecilho. O Homem Pintado correu e deslizou com os joelhos sobre a lama, apanhando-lhe o corpo ensanguentado e partido antes que este embatesse no chão, mas, enquanto o fazia, o demónio entrava pela janela aberta, alcançando o interior do templo.

O Homem Pintado correu para a entrada lateral, mas travou ao contornar a curva, vendo o caminho barrado por uma dúzia de demónios atordoados pelas guardas de confusão. Rugiu, saltando para o meio do grupo, mas soube que não conseguiria chegar a tempo.

*

As paredes de pedra do templo ecoaram gritos de dor e os urros dos demónios do outro lado das portas deixavam todos os que se encontravam no interior à beira do colapso. Muitos choravam abertamente ou abanavam-se para trás e para diante, tremendo de medo. Outros deliravam e debatiam-se.

Leesha tentou mantê-los calmos, proferindo palavras tranquilizantes aos mais razoáveis e adormecendo os outros, impedindo-os de rasgar pontos ou de se magoar com a raiva febril.

– Estou capaz de lutar! – insistiu Smitt. O grande estalajadeiro arrastava Rojer pelo chão, que tentava em vão imobilizá-lo.

– Não estás bem! – gritou Leesha, aproximando-se. – Morrerás se saíres! – Enquanto o perseguia, despejou o conteúdo de um pequeno frasco num pano. Se lho pressionasse contra a face, os vapores adormecê-lo-iam com rapidez.

– A minha Stefny está lá fora! – gritou Smitt. – E o meu filho e filhas! – Segurou Leesha pelo braço quando ela o alcançou com o pano, empurrando-a para o lado com violência. Embateu contra Rojer e os dois caíram ao chão. Smitt estendeu a mão para o puxador das portas principais.

– Smitt, não! – gritou Leesha. – Vais deixá-los entrar e morreremos todos!

Mas o estalajadeiro enlouquecido pela febre não ouviu o seu aviso, puxando as portas com as duas mãos.

Darsy puxou-o pelo ombro, fazendo-o voltar-se e atingindo-o com o punho no queixo. Smitt voltou a rodopiar novamente com a força do golpe e caiu no chão.

– Por vezes, a abordagem directa funciona melhor do que ervas e agulhas – disse Darsy a Leesha, sacudindo a mão para se livrar da dor.

– Percebo agora porque precisava Bruna de uma bengala – concordou Leesha. Dividiram o peso de Smitt entre si e levaram-no de volta ao seu colchão de palha.

Além das portas, os sons de batalha prosseguiram.

– Parece que todos os demónios do Núcleo tentam entrar – murmurou Darsy.

OuvIU-se um estrondo vindo de cima e um grito de Wonda. O chão do balcão do coro despedaçou-se e fragmentos de madeira caíram, matando o infeliz que se encontrava directamente por baixo e ferindo outro. Um vulto enorme caiu entre eles, uivando ao aterrar sobre outra paciente, rasgando-lhe a garganta antes que tivesse tempo de perceber o que lhe acontecia.

O demónio da madeira ergueu-se, enorme e terrível, e Leesha sentiu que o coração lhe parava. Estacou juntamente com Darsy, mantendo erguido o peso morto de Smitt. A lança que o Homem Pintado lhe dera estava inclinada contra uma parede, longe do seu alcance e, mesmo que a tivesse nas mãos, duvidava que conseguisse abrandar o nuclita gigantesco. A criatura rugiu-lhes e Leesha sentiu que os joelhos se lhe liquefaziam.

Mas, no momento seguinte, Rojer ali estava, colocando-se entre elas e o demónio. O nuclita silvou e Rojer engoliu em seco. Todos os instintos lhe diziam para correr em busca de esconderijo, mas, ao invés, prendeu o violino sob o queixo e ergueu o arco até às cordas, enchendo o templo com uma melodia pesarosa e penetrante.

O nuclita silvou e mostrou os dentes ao Jogral, longos e aguçados como facas, mas Rojer não abrandou a música e o demónio da madeira manteve-se onde estava, inclinando a cabeça e fitando-o com curiosidade.

Após alguns momentos, Rojer começou a mover-se de um lado para o outro. O demónio, sem afastar os olhos do violino, começou a fazer o mesmo.

Sentindo-se encorajado, Rojer deu um passo à esquerda.

O demónio imitou-o.

Voltou à direita e o demónio também.

Rojer continuou a caminhar em redor, contornando o demónio da madeira num arco amplo. A criatura hipnotizada voltou-se enquanto ele caminhava, até ficar virado de costas para os pacientes chocados e aterrados.

Leesha pousara Smitt e corra para a lança. Parecia pouco mais do que um espinho e o alcance do demónio seria muito maior, mas avançou mesmo assim, sabendo que não teria a menor hipótese. Cerrou os dentes e carregou, cravando a lança guardada nas costas do nuclita com toda a sua força.

Houve um clarão de poder e uma explosão de êxtase quando a magia lhe subiu pelos braços e Leesha foi projectada para trás. Viu o demónio urrar e debater-se, tentando arrancar a lança reluzente que se projectava do seu corpo. Rojer esquivou-se do seu caminho e viu-o embater contra as portas principais no seu estertor, abrindo-as com um último fôlego.

Demónios uivaram de gozo e avançaram para a abertura, mas foram recebidos pela música de Rojer. A melodia tranquilizante e hipnótica foi substituída pelos sons

intensos e dolorosos que fizeram os nuclitas cobrir os ouvidos enquanto recuavam.

– Leesha! – A porta lateral abriu-se com estrondo e Leesha voltou-se para ver o Homem Pintado, coberto com sangue negro e com o seu próprio sangue, entrando e olhando freneticamente em redor. Viu o demónio da madeira morto e olhou-a. O seu alívio era palpável.

Leesha quis lançar-se nos seus braços, mas este voltou-se e correu para as portas abertas. Era apenas Rojer a bloquear a entrada. A sua música impedia os demónios de entrar com a mesma intensidade de qualquer rede de guardas. O Homem Pintado empurrou o cadáver do demónio da madeira para o lado, libertando a lança e devolvendo-a a Leesha. A seguir, saiu para a noite.

Leesha contemplou a carnificina na praça e sentiu um aperto no coração. Viu dúzias dos seus filhos mortos e moribundos na lama, enquanto a batalha prosseguia.

– Darsy! – gritou e, quando a mulher correu para o seu lado, saíram ambas, puxando os feridos para dentro.

Wonda permanecia deitada por terra, respirando com dificuldade. Tinha a roupa rasgada e ensanguentada no local onde o demónio lhe tinha cravado as garras. Um demónio da madeira avançou enquanto Darsy se curvava para a erguer, mas Leesha retirou um frasco do avental e lançou-o, despedaçando-lhe o vidro fino na face. O demónio guinchou enquanto o ácido lhe corroía os olhos e as duas Herbanárias fugiram com a paciente resgatada.

Depositaram a rapariga no interior e Leesha bradou instruções a uma das assistentes, antes de voltar a sair. Rojer permanecia à entrada, construindo com o som dilacerante do violino uma muralha de notas que protegiam o templo e escudavam Leesha e os outros enquanto arrastavam os feridos para dentro.

*

A batalha acalmou durante a noite, permitindo aos aldeãos exaustos regressar aos seus círculos ou ao templo para recuperar o fôlego ou para beber um gole de água. Numa hora, não viram sinais de um único demónio, mas, na seguinte, caía sobre eles um grande grupo que deveria ter vindo a correr de algum lugar a quilómetros de distância.

A chuva parou nalgum momento, mas ninguém conseguia lembrar exactamente quando, estando demasiado ocupados a combater o inimigo e a auxiliar os feridos. Os lenhadores formaram uma barreira junto às portas do templo e Rojer vagueava pela praça, afastando os demónios com o violino enquanto os feridos eram recolhidos.

Quando a primeira luz da madrugada espreitou sobre o horizonte, a lama da praça estava transformada numa fétida massa revolta de sangue humano e de demónio. Corpos e membros estavam dispersos por toda a parte. Muitos saltaram de medo

quando o sol iluminou os cadáveres dos demónios, incendiando-lhes a carne. Como explosões de fogo líquido dispersas por toda a praça, o sol pôs fim à batalha, incinerando os poucos demónios que ainda se mexiam.

O Homem Pintado olhou os rostos dos sobreviventes, pelo menos metade dos seus guerreiros, e surpreendeu-o a força e a determinação que viu. Parecia impossível que fossem as mesmas pessoas que vira tão destroçadas e aterradas no dia anterior. Podiam ter perdido muitos durante a noite, mas os outeiros eram agora mais fortes do que nunca.

– O Criador seja louvado – disse o Protector Jona, coxeando pela praça e traçando guardas no ar, enquanto a luz do sol fazia arder os demónios. Alcançou o Homem Pintado e ergueu-se diante dele. – Tudo graças a ti.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

– Não. Graças a todos vós – disse.

Jona acenou afirmativamente.

– Sim. Graças a todos nós – concordou. – Mas apenas porque vieste e nos mostraste o caminho. Ainda duvidas?

O Homem Pintado franziu o sobrolho.

– Reclamar esta vitória como minha retira mérito ao sacrifício de todos os que morreram durante a noite – disse. – Guarda as tuas profecias, Protector. Esta gente não precisa delas.

Jona curvou-se.

– Como queiras – disse. Mas o Homem Pintado sentiu que o assunto não estava encerrado.

TRINTA E DOIS
ADEUS AO LENHADOR
332-3 DR

Leesha acenou ao ver Rojer e o Homem Pintado. Tornou a pousar o pincel na malga de tinta no alpendre quando desmontaram.

– Aprendes depressa – disse o Homem Pintado, aproximando-se para estudar as guardas que pintara na ombreira. – Bastariam para repelir uma horda de nuclitas.

– Depressa? – repetiu Rojer. – Noite! Isso é dizer pouco. Há um mês, Leesha não sabia distinguir entre uma guarda de vento e uma guarda de chama.

– Rojer tem razão – disse o Homem Pintado. – Conheci aprendizes de Guardador com cinco anos de experiência cujas linhas não tinham metade da perfeição.

Leesha sorriu.

– Sempre aprendi depressa – justificou. – E tu e o meu pai são bons professores. Quem me dera ter aprendido antes.

O Homem Pintado encolheu os ombros.

– Seria bom se todos pudéssemos voltar atrás e tomar decisões sabendo o que virá no futuro.

– Acho que teria vivido toda a minha vida de forma diferente – concordou Rojer.

Leesha riu-se, chamando-os para dentro da cabana.

– A ceia está quase pronta – disse, aproximando-se do fogo. – Como correu a reunião do conselho da aldeia? – perguntou, mexendo a panela.

– Imbecis – resmungou o Homem Pintado.

Leesha tornou a rir.

– Correu assim tão bem?

– O conselho aprovou a mudança do nome da aldeia para Outeiro do Libertador – explicou Rojer.

– É apenas um nome – considerou Leesha, juntando-se a eles à mesa e servindo chá.

– Não é o nome que me incomoda. É o conceito – disse o Homem Pintado. – Consegui que os aldeãos deixassem de me chamar Libertador, mas continuo a ouvi-los sussurrar o nome quando lhes volto as costas.

– Será mais fácil se o aceitares – disse Rojer. – Não podes travar uma história destas. Por esta altura, todos os Jograis a norte do deserto de Krasia a cantarão.

O Homem Pintado abanou a cabeça.

– Não mentirei nem fingirei ser algo que não sou para lhes facilitar a vida. Se quisesse uma vida fácil... – Calou-se.

– E as reparações? – perguntou Leesha, captando-lhe novamente a atenção quando o seu olhar ia já distante.

Rojer sorriu.

– Com os outeiros novamente de pé graças às tuas curas, parece erguer-se uma nova casa em cada dia – disse. – Poderás mudar-te para o centro da aldeia em breve.

Leesha abanou a cabeça.

– Esta cabana é tudo o que me resta de Bruna. É a minha casa.

– Fica longe da aldeia. Ficarás fora da protecção – advertiu o Homem Pintado.

Leesha encolheu os ombros.

– Compreendo porque traçaste as novas ruas com a forma de guardas – disse. – Mas também há benefícios em ficar fora da protecção.

– Ah, sim? – perguntou o Homem Pintado, erguendo uma sobrancelha guardada.

– Que benefício poderá haver em viver num pedaço de terra que os demónios podem pisar? – perguntou Rojer.

Leesha beberricou o chá.

– A minha mãe também recusa mudar-se – disse. – Diz que, com as tuas novas guardas e com os lenhadores a cortarem todos os demónios que avistam, é um incómodo escusado.

A expressão do Homem Pintado tornou-se carregada.

– Sei que parece que controlámos os demónios, mas, se as histórias acerca das guerras demoníacas têm alguma verdade, não permanecerão assim. Voltarão em força e quero que o Outeiro do Lenhador esteja preparado.

– O Outeiro do Libertador – corrigiu Rojer, sorrindo perante o seu desagrado.

– Contigo aqui, estará preparado – disse Leesha, ignorando Rojer e bebendo novo gole de chá. Observou atentamente o Homem Pintado.

Vendo que hesitava, pousou a chávena.

– Vais-te – disse. – Quando?

– Quando o Outeiro estiver pronto – respondeu o Homem Pintado, não se preocupando em negar a sua conclusão. – Desperdicei anos a reunir guardas que podem libertar verdadeiramente as Cidades Livres. Devo a cada cidade e aldeia de Thesa a garantia de que têm aquilo de que necessitam para que se possam erguer durante a noite com orgulho.

Leesha acenou afirmativamente.

– Queremos ajudar-te – disse.

– E ajudam – tornou o Homem Pintado. – Com o Outeiro nas vossas mãos, sei que ficará seguro na minha ausência.

– Precisarás de mais do que isso – disse Leesha. – Precisarás de alguém que ensine outros Guardadores a fabricar fogos e venenos e a tratar ferimentos provocados pelos nuclitas.

– Poderias escrever tudo isso – sugeriu o Homem Pintado.

Leesha não calou o seu desprezo.

– E entregaria a um homem os segredos do fogo? Pouco provável.

– Eu não poderei escrever lições de violino – disse Rojer. – Mesmo que conhecesse as letras.

O Homem Pintado hesitou, antes de abanar a cabeça.

– Não – disse. – Abrandar-me-iam. Passarei semanas ao relento e não têm estômago para isso.

– Não temos estômago? – perguntou Leesha. – Rojer, fecha as janelas – ordenou.

Os dois homens olharam-na com curiosidade.

– Fá-lo – insistiu Leesha. Rojer ergueu-se e fechou a janela, bloqueando a luz do sol e deixando a cabana na penumbra. Leesha já abanava um frasco de químicos, iluminando-se a si própria com um brilho fosforescente. – O alçapão – disse. O Homem Pintado ergueu o alçapão que conduzia à cave onde o fogo líquido era armazenado. O odor químico fazia-se ali sentir intensamente.

Leesha foi a primeira a descer para a escuridão, erguendo o frasco. Avançou para suportes na parede, acrescentando químicos a jarros de vidro, mas os olhos guardados do Homem Pintado, tão funcionais na escuridão completa como no dia claro, já se tinham arregalado antes de a luz encher a cave.

Mesas pesadas tinham sido trazidas de cima e ali, perante ele, via meia dúzia de nuclitas em diferentes estados de dissecação.

– Criador! – exclamou Rojer, contendo o vômito. Subiu as escadas a correr e ouviram-no a inspirar profundamente o ar limpo.

– Talvez Rojer ainda não tenha estômago – concedeu Leesha, sorrindo. Olhou o Homem Pintado. – Sabias que os demónios da madeira têm dois estômagos? Um sobre o outro, como uma ampulheta. – Pegou num instrumento, afastando camadas da carne do demónio morto para ilustrar o que dizia. – E têm os corações desviados para a direita – acrescentou. – Mas há um vão entre a terceira e a quarta costela. Algo que um homem que tente aplicar um golpe fatal deverá saber.

O Homem Pintado olhou, tomado pelo espanto. Quando voltou a olhar Leesha, era como se a visse pela primeira vez.

– Onde conseguiste estes...?

– Falei com os lenhadores que enviaste para patrulhar este extremo do Outeiro – explicou Leesha. – Prontificaram-se a fornecer-me espécimes. E há mais. Estes demónios não têm órgãos reprodutivos. São todos assexuados.

O Homem Pintado ergueu o olhar, surpreso.

– Como é possível? – perguntou.

– É frequente entre os insectos – disse Leesha. – Há castas sem sexo, que se ocupam do trabalho e da defesa, e castas com sexo, que controlam a colmeia.

– A colmeia? – repetiu o Homem Pintado. – Referes-te ao Núcleo?

Leesha encolheu os ombros.

O Homem Pintado franziu a testa.

– Havia pinturas nos túmulos de Anoch Sun, pinturas da primeira guerra demoníaca que representavam raças estranhas de nuclitas que nunca vi.

– Não me surpreende – respondeu Leesha. – Sabemos tão pouco a seu respeito. Segurou-lhe as mãos.

– Durante toda a minha vida, senti que esperava algo maior do que preparar curas para constipações e assistir a partos – disse. – Esta é a minha oportunidade de fazer a diferença para mais do que um punhado de pessoas. Acreditas que teremos uma guerra? Rojer e eu poderemos ajudar-te a vencê-la.

O Homem Pintado acenou afirmativamente, apertando-lhe delicadamente as mãos.

– Tens razão – disse. – O Outeiro sobreviveu à primeira noite graças ao contributo dos três. Seria um tolo se não aceitasse a vossa ajuda.

Leesha avançou, estendendo-lhe a mão para o capuz. A sua mão era fresca e, por um momento, encostou-lhe a face aos dedos.

– Esta cabana é suficientemente grande para dois – sussurrou.

O Homem Pintado arregalou os olhos e tornou-se tenso.

– Porque te assusta isso mais do que enfrentar demónios? – perguntou-lhe. – Sou assim tão repelente?

Viu-o abanar a cabeça.

– Claro que não – disse.

– Então? – perguntou. – Não te impedirei de travares a tua guerra.

O Homem Pintado permaneceu em silêncio durante muito tempo.

– Dois não tardariam a tornar-se três – disse, por fim, afastando-se.

– É assim tão terrível? – perguntou Leesha.

O Homem Pintado inspirou fundo, aproximando-se de uma mesa e evitando-lhe o olhar.

– Naquela manhã em que lutei contra o demónio... – começou.

– Lembro-me – disse Leesha, vendo que não continuava.

– O demónio tentou regressar ao Núcleo – disse.

– E tentou arrastar-te com ele – disse Leesha. – Vi como se tornaram os dois nebulosos e começaram a descer pelo chão abaixo. Senti-me aterrada.

O Homem Pintado acenou afirmativamente.

– Não mais do que eu – disse. – O caminho para o Núcleo abriu-se para mim, chamando-me, puxando-me para baixo.

– Que tem isso a ver connosco? – perguntou Leesha.

– Não era o demónio. Era eu – disse o Homem Pintado. – Fui eu a assumir o controlo da transição. Arrastei o demónio de volta para o sol. Mesmo agora, continuo a sentir o apelo do Núcleo. Se o permitisse, conseguiria descer às profundezas infernais com os outros nuclitas.

– As guardas... – começou Leesha.

– Não são as guardas – interrompeu, abanando a cabeça. – Digo-te que sou eu. Absorvi demasiada magia demoníaca ao longo dos anos. Deixei de ser humano. Quem poderá saber que tipo de monstro nasceria da minha semente?

Leesha aproximou-se, aninhando-lhe a face nas mãos como na manhã em que fizeram amor.

– És um bom homem – disse, com olhos enchendo-se de lágrimas. – A magia não mudou isso. Nada mais importa.

Inclinou-se para o beijar, mas o coração dele endurecera e manteve-a à distância.

– Para mim importa – tornou. – Até descobrir o que sou, não posso estar contigo ou com qualquer outra pessoa.

– Eu descobrirei o que és – disse Leesha. – Prometo-o.

– Leesha – disse ele. – Não podes...

– Não me digas o que posso e não posso fazer! – bradou. – Ouvi-o suficientes vezes a todos os outros para durar uma vida.

Ergueu as mãos, desculpando-se.

– Lamento – disse.

Leesha soluçou e cobriu-lhe as mãos com as suas.

– Não lamentos – disse. – Posso diagnosticar o que te afecta e curar-te.

– Não estou doente – retorquiu o Homem Pintado.

Leesha olhou-o, com tristeza.

– Eu sei – disse. – Mas parece-me que tu não o sabes.

*

Havia alvoroço no horizonte do deserto krasiano. Fileiras de homens tinham surgido, milhares de milhares, vestindo trajes de tecido negro esvoaçante e com as caras cobertas para se protegerem da areia. A vanguarda era composta por dois grupos a cavalo. O grupo mais pequeno montava cavalos leves e velozes e o maior erguia-se sobre bestas poderosas com bossas, adaptadas a travessias no deserto. Eram seguidos por colunas de homens a pé e estes, por sua vez, eram seguidos por uma linha aparentemente interminável de carroças de mantimentos e equipamento. Cada guerreiro transportava uma lança decorada com um padrão intrincado de guardas.

Eram liderados por um homem vestido de branco dos pés à cabeça, montando um ágil cavalo de batalha da mesma cor. Ergueu uma mão e a horda atrás dele parou e manteve-se em silêncio, contemplando as ruínas de Anoch Sun.

Ao contrário das lanças de madeira e ferro dos seus guerreiros, o homem levava uma arma ancestral fabricada com um metal brilhante e desconhecido. Chamava-se Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir, mas o seu povo não usava esse nome há muitos

anos.

Chamavam-lhe Shar'Dama Ka, o Libertador.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Para Otzi, o Homem Pintado original.](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PARTE I](#)

[Ribeiro de Tibbet](#)

[319 Depois do Regresso](#)

[UM RESCALDO 319 DR](#)

[DOIS SE FOSSES TU 319 DR](#)

[TRÊS UMA NOITE SOZINHO 319 DR](#)

[QUATRO LEESHA 319 DR](#)

[CINCO CASA CHEIA 319 DR](#)

[SEIS OS SEGREDOS DO FOGO 319 DR](#)

[SETE ROJER 318 DR](#)

[OITO PARA AS CIDADES LIVRES 319 DR](#)

[NOVE FORTE MILN 319 DR](#)

[UM RESCALDO 319 DR](#)

[DOIS SE FOSSES TU 319 DR](#)

[TRÊS UMA NOITE SOZINHO 319 DR](#)

[QUATRO LEESHA 319 DR](#)

[CINCO CASA CHEIA 319 DR](#)

[SEIS OS SEGREDOS DO FOGO 319 DR](#)

[SETE ROJER 318 DR](#)

[OITO PARA AS CIDADES LIVRES 319 DR](#)

[NOVE FORTE MILN 319 DR](#)

[319 Depois do Regresso](#)

[UM RESCALDO 319 DR](#)

[DOIS SE FOSSES TU 319 DR](#)

[TRÊS UMA NOITE SOZINHO 319 DR](#)

[QUATRO LEESHA 319 DR](#)

[CINCO CASA CHEIA 319 DR](#)

[SEIS OS SEGREDOS DO FOGO 319 DR](#)

[SETE ROJER 318 DR](#)

[OITO PARA AS CIDADES LIVRES 319 DR](#)

[NOVE FORTE MILN 319 DR](#)

[UM RESCALDO 319 DR](#)

[DOIS SE FOSSES TU 319 DR](#)
[TRÊS UMA NOITE SOZINHO 319 DR](#)
[QUATRO LEESHA 319 DR](#)
[CINCO CASA CHEIA 319 DR](#)
[SEIS OS SEGREDOS DO FOGO 319 DR](#)
[SETE ROJER 318 DR](#)
[OITO PARA AS CIDADES LIVRES 319 DR](#)
[NOVE FORTE MILN 319 DR](#)

[PARTE II](#)

[Miln](#)

[320 a 325 Depois do Regresso](#)

[DEZ APRENDIZ 320 DR](#)
[ONZE BRECHA 321 DR](#)
[DOZE BIBLIOTECA 321 DR](#)
[TREZE TERÁ DE EXISTIR MAIS 325 DR](#)
[CATORZE A ESTRADA PARA ANGIERS 326 DR](#)
[QUINZE UM VIOLINO POR UMA FORTUNA 325 DR](#)
[DEZASSEIS LIGAÇÕES 323 – 325 DR](#)
[DEZ APRENDIZ 320 DR](#)
[ONZE BRECHA 321 DR](#)
[DOZE BIBLIOTECA 321 DR](#)
[TREZE TERÁ DE EXISTIR MAIS 325 DR](#)
[CATORZE A ESTRADA PARA ANGIERS 326 DR](#)
[QUINZE UM VIOLINO POR UMA FORTUNA 325 DR](#)
[DEZASSEIS LIGAÇÕES 323 – 325 DR](#)

[320 a 325 Depois do Regresso](#)

[DEZ APRENDIZ 320 DR](#)
[ONZE BRECHA 321 DR](#)
[DOZE BIBLIOTECA 321 DR](#)
[TREZE TERÁ DE EXISTIR MAIS 325 DR](#)
[CATORZE A ESTRADA PARA ANGIERS 326 DR](#)
[QUINZE UM VIOLINO POR UMA FORTUNA 325 DR](#)
[DEZASSEIS LIGAÇÕES 323 – 325 DR](#)
[DEZ APRENDIZ 320 DR](#)
[ONZE BRECHA 321 DR](#)
[DOZE BIBLIOTECA 321 DR](#)
[TREZE TERÁ DE EXISTIR MAIS 325 DR](#)
[CATORZE A ESTRADA PARA ANGIERS 326 DR](#)
[QUINZE UM VIOLINO POR UMA FORTUNA 325 DR](#)

DEZASSEIS LIGAÇÕES 323 – 325 DR

PARTE III

Krasia

328 Depois do Regresso

DEZASSETTE RUÍNAS 328 DR

DEZOITO RITO DE PASSAGEM 328 DR

DEZANOVE O PRIMEIRO GUERREIRO DE KRASIA 328 DR

VINTE ALAGAI'SHARAK 328 DR

VINTE E UM APENAS UM CHIN 328 DR

VINTE E DOIS ACTUAR NOS POVOADOS 329 DR

VINTE E TRÊS RENASCIMENTO 328 DR

VINTE E QUATRO AGULHAS E TINTA 328 DR

DEZASSETTE RUÍNAS 328 DR

DEZOITO RITO DE PASSAGEM 328 DR

DEZANOVE O PRIMEIRO GUERREIRO DE KRASIA 328 DR

VINTE ALAGAI'SHARAK 328 DR

VINTE E UM APENAS UM CHIN 328 DR

VINTE E DOIS ACTUAR NOS POVOADOS 329 DR

VINTE E TRÊS RENASCIMENTO 328 DR

VINTE E QUATRO AGULHAS E TINTA 328 DR

328 Depois do Regresso

DEZASSETTE RUÍNAS 328 DR

DEZOITO RITO DE PASSAGEM 328 DR

DEZANOVE O PRIMEIRO GUERREIRO DE KRASIA 328 DR

VINTE ALAGAI'SHARAK 328 DR

VINTE E UM APENAS UM CHIN 328 DR

VINTE E DOIS ACTUAR NOS POVOADOS 329 DR

VINTE E TRÊS RENASCIMENTO 328 DR

VINTE E QUATRO AGULHAS E TINTA 328 DR

DEZASSETTE RUÍNAS 328 DR

DEZOITO RITO DE PASSAGEM 328 DR

DEZANOVE O PRIMEIRO GUERREIRO DE KRASIA 328 DR

VINTE ALAGAI'SHARAK 328 DR

VINTE E UM APENAS UM CHIN 328 DR

VINTE E DOIS ACTUAR NOS POVOADOS 329 DR

VINTE E TRÊS RENASCIMENTO 328 DR

VINTE E QUATRO AGULHAS E TINTA 328 DR

PARTE IV

Outeiro do Lenhador

331-2 Depois do Regresso

VINTE E CINCO UM NOVO PALCO 331 DR

VINTE E SEIS HOSPÍCIO 332 DR

VINTE E SETE ANOITECER 332 DR

VINTE E OITO SEGREDOS 332 DR

VINTE E NOVE NA LUZ QUE ANTECEDE A MADRUGADA 332 DR

TRINTA PRAGA 332 DR

TRINTA E DOIS ADEUS AO LENHADOR 332-3 DR

VINTE E CINCO UM NOVO PALCO 331 DR

VINTE E SEIS HOSPÍCIO 332 DR

VINTE E SETE ANOITECER 332 DR

VINTE E OITO SEGREDOS 332 DR

VINTE E NOVE NA LUZ QUE ANTECEDE A MADRUGADA 332 DR

TRINTA PRAGA 332 DR

TRINTA E DOIS ADEUS AO LENHADOR 332-3 DR

331-2 Depois do Regresso

VINTE E CINCO UM NOVO PALCO 331 DR

VINTE E SEIS HOSPÍCIO 332 DR

VINTE E SETE ANOITECER 332 DR

VINTE E OITO SEGREDOS 332 DR

VINTE E NOVE NA LUZ QUE ANTECEDE A MADRUGADA 332

DR

TRINTA PRAGA 332 DR

TRINTA E DOIS ADEUS AO LENHADOR 332-3 DR

VINTE E CINCO UM NOVO PALCO 331 DR

VINTE E SEIS HOSPÍCIO 332 DR

VINTE E SETE ANOITECER 332 DR

VINTE E OITO SEGREDOS 332 DR

VINTE E NOVE NA LUZ QUE ANTECEDE A MADRUGADA 332

DR

TRINTA PRAGA 332 DR

TRINTA E DOIS ADEUS AO LENHADOR 332-3 DR